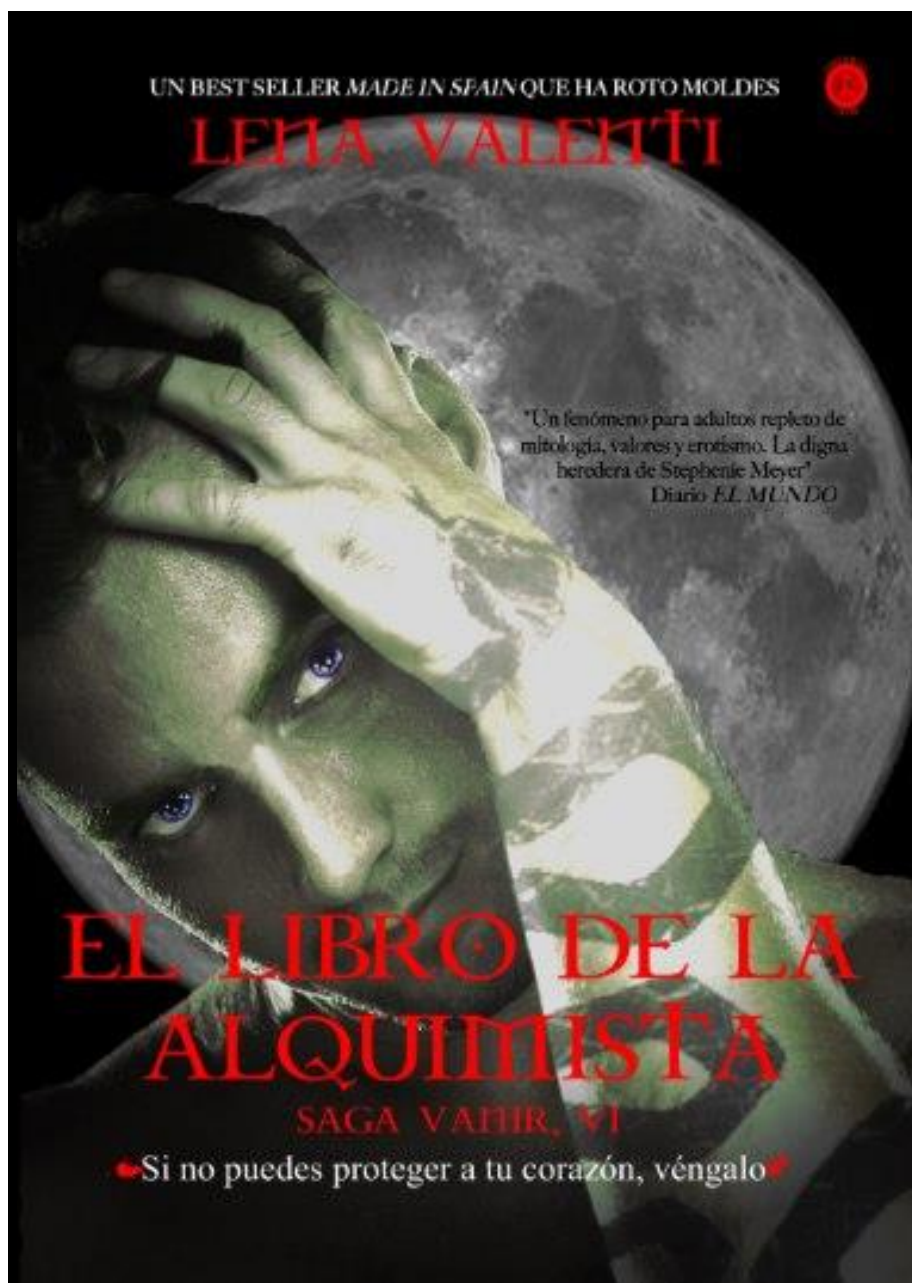




O Livro da Alquimista
Saga Vanir VI
Lena Valenti



PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Equipe de Revisão:

Ana Paula Chicotinho, Sandra Maia, Tininha, Lisa Lilith, Lucilene

Formatação: Lucilene



Comentário das Revisoras:

Tininha: Simplesmente maravilhoso! A cada livro Lena se supera.

Esse tem um começo bem sombrio lembrando o primeiro da saga, o vanírio bastante perturbado devido a sua tortura se depara com sua cáraid como sua torturadora. Bastante sombrio e parecendo uma brincadeira dos deuses. Mas o desenrolar é tenso, apesar das cenas um tanto hilárias por conta dos dizeres nas camisetas, vcs vão entender no decorrer do livro.

Super recomendado.

E não vejo a hora do livro do Noah, que será o próximo, dele e da Nanna.

Lucilene: Mais uma linda história de amor da saga Vanir, que te prende do início ao fim. Para quem é viciada na série, uma dica: tire todo um dia para ler, porque não vai largar a leitura enquanto não termina-la!

OS: Teve a declaração de amor mais criativa do mundo! Kkkkk!



AMANHECER HOJE,
PELA FORÇA DO CÉU,
A LUZ DO FOGO,
O RESPLENDOR DAS CHAMAS,
A VELOCIDADE DO VENTO,
A RAPIDEZ DO RAIO,
A FIRMEZA DA ROCHA,
A ESTABILIDADE DA TERRA,
A PROFUNDIDADE DO MAR,
AMANHECER HOJE,
PELA FORÇA SECRETA E DIVINA QUE,
ME GUIA,

Oração Celta

Resumo:

Dois mil anos sem sentir nada é muito, inclusive para um imortal como Cahal McCloud.

No passado os deuses Vanir o castigaram por violar as leis e o relegaram a uma eternidade sem emoções, convertendo-o em um recipiente vazio, até que encontre sua companheira de vida e esta lhe devolva tudo o que perdeu. Mas nunca imaginou que sua *cáraid* estaria ao lado de Loki e seus Jotuns que o sequestrariam e o torturariam durante intermináveis e agônicos dias.

Agora, por fim, as posições se invertem, e é a cientista que esta a sua mercê. Seu sangue lhe dará um enorme poder, o druida nele despertará, e seu secreto dom será requerido na luta contra Lucius e a Newscientists, mas nada importará mais ao vanirio que vingar-se de seu carrasco. Embora sua alma esteja eternamente presa à dele, embora destrua os dois, levará ao fim sua missão até as últimas consequências. Ele não pôde proteger se dela, agora ninguém a poderá proteger dele.

A cientista não entende: o quanto mudou sua visão da realidade em tão pouco tempo. Ela acreditou que trabalhava para os bons, pensou que seus conhecimentos serviriam para erradicar o mal. Mas estava equivocada. Enganaram-na vilmente. Aqueles que acreditavam que eram seus amigos são seus inimigos e agora esse loiro tão belo a quem ela maltratou tanto, que afirma não ser um vampiro, sequestrou-a, e a quer forçar a entrar em seu mundo noturno de um modo cruel e autoritário, obrigando-a a aceitar coisas que nem ela sabia e forçando-a a revelar informação que somente ela sabe. A jovem lutará por manter viva sua essência por proteger o segredo que Lucius e a Newscientists desejam saber, e brigará, sobretudo, para manter de pé as muralhas que resguardam seu coração. Embora o vanirio as dinamite.

Ainda não se recuperaram todos os totens e a profecia do noaiti encaixa suas peças. Heimdal desapareceu e é urgente encontrá-lo: Lucius ambiciona o conhecimento de sua ex-cientista e vanirios e bersekers farão das tripas coração para proteger a fria mulher do druida do clã keltoi.

PRÓLOGO

Diz a profecia da vidente:

Haverá uma batalha final entre as forças celestes e as do Submundo. Será uma luta cruel que dará origem ao final dos tempos conhecidos. Esta será a última guerra em que os deuses chegarão a seu anoitecer e onde demônios e humanos perecerão no dia chamado “O final dos tempos”, o Ragnarök

Na visão da völva, Odin, conhecido como “o Pai de todos”, morria do mãos do lobo Fenrir, liderado por Loki. Desatava o caos e a humanidade desaparecia. De todos os deuses escandinavos, só Njörd retornava ao Vanenheim de novo. O resto morre na guerra contra as forças do Mal.

Depois de tão sombrio presságio, a völva falava do ressurgir de um novo amanhecer. Um futuro mais brilhante no novo mundo.

O Ragnarök se origina quando Loki, filho dos gigantes Farbauti e Laufey, que uma vez foi proclamado irmão de sangue por Odin, mais tarde declarado inimigo acérrimo do mesmo e renomado O Traidor por todos os deuses, nega a ajoelhar-se diante da raça inferior humana. Odin quer que os humanos evoluam e cheguem a se converter em mestres de seus próprios mestres, mas Loki se nega a dar uma oportunidade à humanidade, pois, segundo ele, não merecem tal misericórdia.

Quando o deus Aesir escutou da boca da vidente o poema profético sobre o destino, decidiu tomar uma atitude no assunto para que aquilo não acontecesse. Não podia permitir que a profecia se cumprisse, ele não podia desaparecer, a humanidade não podia ser aniquilada, assim sequestrou Loki, a Origem de todo mal, do Jotunheim, e o prendeu no Asgard em uma prisão invisível de rochas de cristal. Odin já sabia que ninguém podia confiar em Loki, pois era um vigarista, um deus transformista que adotava mil faces diferentes quando melhor o convinha. Ele mesmo sofreu da pior maneira as artimanhas de tamanho enganador e seu querido filho Balder perdeu a vida devido as suas maquinações.

Entretanto, Loki, através de um de seus famosos disfarces, escapou da prisão e desceu ao Midgard, a Terra, para rir da humanidade e quebrar o projeto de Odin.

Foi quando as duas famílias do panteão escandinavo que não eram amigas em outros tempos, os Aesir, liderados por Odin, e os Vanir, liderados por Freyja, uniram suas forças de novo e criaram os berserkers e os vaniros para proteger a humanidade das maldades de Loki, o filho dos Jotuns.

Odin foi o primeiro que escolheu seus guerreiros einherjars, vikings imortais, e os tocou com sua lança outorgando o Od, a fúria animal, convertendo-os assim em guerreiros berserkers com semelhanças genéticas e instintivas a dos lobos, seu animal favorito. Fez descer a Terra com o objetivo de manter Loki à distância, e durante um tempo foi possível; mas as mulheres humanas eram muito atraentes para eles, assim mantiveram relações sexuais e hibridaram a raça pura berserker.

O deus gigante Loki conseguiu levar a seu terreno alguns dos híbridos, já que ao ser de natureza semi-humana eram muito mais fracos e suscetíveis às promessas e os desejos que ele oferecia em troca de se unir às suas filhas. Transformou todos os que foram com ele em lobachos,

seres abomináveis e sedentos de sangue que podiam parecer humanos, mas que, ao mudar, convertiam-se em autênticos monstros assassinos, chamados homens lobo. Loki conseguia dessa maneira zombar de Odin e de sua criação.

O Midgard então se descontrolou, cada vez eram menos os berserkers híbridos capazes de ignorar e negar Loki. A Terra entrava em uma época convulsa de escuridão e guerra onde não havia capacidade para a luz nem a esperança.

Foi naquele momento quando os Vanir, ao ver o escasso êxito que teve Odin para manter Loki na linha, apoiaram o deus Aesir e criaram uma raça própria de guerreiros para que também pudesse representar na Terra. Entretanto, os Vanir não conheciam nada sobre manipulação de armas nem tampouco sobre guerra. Eles eram deuses da beleza, do amor, da arte, da fecundidade, da sensualidade e da magia: não sabiam nada de destruição. Assim fizeram um acordo com os guerreiros humanos mais poderosos da terra e os mudaram, outorgando-lhes dons sobrenaturais.

Os deuses Vanir Njörd, Frey e Freyja escolheram membros de alguns clãs humanos que então povoavam a terra, e a cada um outorgou dons fascinantes. Mas também, temerosos de que alguma vez pudessem os ultrapassar em poderes, deram alguma outra debilidade.

Assim nasceram os vaniros, seres que uma vez foram humanos e a quem os deuses acrescentaram uma força sobrenatural, convertendo-os em homens e mulheres imortais. Eram telepatas, telecinesios, podiam falar com os animais, podiam voar e tinham presas como seus criadores Vanir; mas não podiam caminhar sob o sol e, além disso, suportariam a tortura da fome eterna até que encontrassem seus companheiros eternos, homens e mulheres especiais capazes de entregar tudo aquilo que seus corações desejassem. Mas Loki, conhecedor da insaciável sede vanira, também os tentou oferecendo uma vida em que a fome poderia se resolver sem remorsos de consciência. Em troca, eles só teriam que entregar sua alma e se unir a seu exército de jotuns. Os mais fracos, aqueles que se renderam a sua oferta, aceitaram o trato e se converteram em vampiros, seres egoístas que absorvem a vida e o sangue humano. Assassinos.

Agora, diante do reforço e da ofensiva de Loki e seu séquito, os vaniros e os berserkers que não se venderam a ele se verão obrigados a afastar todas suas diferenças e a permanecer unidos para lutar contra todos aqueles que se confabularam para conseguir que o Ragnarök chegue a Terra e possa destruir assim a humanidade.

Não obstante, na luta cruel contra o mal, nem sequer a ajuda destas duas raças de seres imortais é suficiente para a causa. Os vaniros e os berserkers são fortes, mas precisam ficar aliados agora que se aproxima a destruição da Terra.

Muitos humanos de almas sombrias que estão à ordem de Loki uniram suas forças, sabedores de que o Ragnarök se aproxima; segundo eles, a Terra é regida por ciclos, e o ciclo final deve chegar quanto antes para que seu deus, Loki, faça chegar um novo dia. Durante séculos, criaram seitas e organizações que estudam, sequestram e maltratam seres como os vaniros e os berserkers e de acordo com isso, tentam provocar essa abertura dimensional, essa porta através da qual Loki poderia entrar em nosso mundo e mergulhá-lo para sempre na escuridão.

Organizações como a Newscientists, a Seita Lokasenna, bruxos e feiticeiros, lobachos, vampiros e a escória humana decidiram provocar esse parto planetário antes do tempo, através

da manipulação de mentes privilegiadas de geólogos e físicos quânticos. E é algo que Odin e Freyja decidiram evitar a toda custo.

Até agora, os deuses não podiam interceder diretamente no plano evolutivo da humanidade e esperavam um sinal, um acontecimento, a chegada de um novo guerreiro que desencadeasse a jogada mestra e começasse a mover as fichas.

Esse momento chegou.

A deusa Vanir e o deus Aesir enviarão à Terra a todos os exércitos do Asgard e do Vanenheim, em uma tentativa desesperada de igualar as forças e dar uma mão a vaniros e berserkers.

Freyja dará carta branca a suas Valkyrias para que por fim desçam à Terra e implantem sua lei. Estas mulheres guerreiras são desumanas, caprichosas e letais, e permaneceram no Vingolf junto à Freyja desde o momento em que foram concebidas e dotadas de seus dons. A deusa vai dar a oportunidade de liberar sua frustração e abraçar de uma vez por toda sua ansiada liberdade, embora para isso tenham que arriscar e deixar para trás a segurança que os muros do Valhall lhes deram.

Odin, por sua vez, enviará seus einherjars, aqueles guerreiros imortais que não se transformaram em berserkers. Estes guerreiros foram uma vez humanos, e entregaram sua vida honrosamente em defesa dos seus e dos deuses. Agora são homens poderosos, com grandes dons, e estão dispostos a tudo com tal, lutar em nome de Odin.

O destino da humanidade está nas mãos destes seres, e nem sequer a tapeçaria das nornas que se lê o destino está claro quanto ao final da raça humana se refere. Não obstante, os deuses sabem que se os humanos perderem esta batalha desaparecerá com eles, e isso não irão permitir. Há muito em jogo.

Mas nem sequer estes guerreiros que vão lutar pela humanidade estão a salvo da energia da Terra. Uma energia que se move através do amor, do ódio, da raiva, da compaixão e do sexo. O ser humano é visceral, igual à realidade em que vive. Valkyrias e einherjars descerão dos céus para nos defender, mas como se defenderão eles de um planeta tão carregado de emoções?

Protegerão seus corações?

A tapeçaria do destino não está acabada, e cada movimento que se faz na Terra a transforma e dá novas cores e novas formas. Cada ação terá uma reação. Não há maiores estrategistas que os deuses, mas inclusive eles não estão seguros de ganhar a partida contra Loki por que: O que importam os planos quando se está em uma realidade tão imprevisível e volúvel como a nossa?

Uns nos defendem, os outros nos atacam.

Uns esperam nossa aniquilação, e os outros se sentem obrigados a nos defender e lutam por nossa salvação, sem ser conscientes de que enquanto nos salvam, alguns de nós também podemos salvá-los.

Os humanos são a raça fraca, estamos justo no meio, vivendo nossas próprias vidas, ignorantes daquilo que nos rodeia. Mas inclusive a raça menor pode dar lições às raças superiores, como por exemplo, que na guerra e na vingança o mais fraco é sempre o mais feroz.

A batalha final entre o Bem e o Mal vem sendo travada há tempos, mas desta vez, as paixões, os desejos, a amizade, o coração, o amor e a valentia, serão fatores decisivos em seu desenlace.

O Ragnarök se aproxima.

E você, de que lado está?

No coração da Saga Vanir, uma nova raça de guerreiros chega ao Midgard.

Não existe a luz sem a escuridão.

Não se concebe o bem sem o mal.

Não há perdão sem ofensa.

Não há redenção sem rendição.

Em um mundo de opostos onde vivemos, uns seres imortais vêm nos proteger não só de Loki, mas também de nós mesmos.

A linha entre o que é bom e o que não é, é muito subjetiva, muito fina para nós, mas invisível para seres que há milênios estão lutando por uma raça humana que demonstra muito poucos escrúpulos em todas suas ações. Merecemos ser salvos?

Tudo é possível.

Tudo está permitido.

E tudo é mais real do que acreditam.

Esta é a Saga Vanir.

Bem-vindos ao mundo de Lena Valenti.

Noite do Imbolc

Ano 60 a.C. Ao norte do rio Támesis

A lua cheia iluminava o rosto infantil de um jovem celta chamado Cahal.

Seus pais vaticinaram com êxito o nascimento de uma estrela entre os humanos.

Tratava-se de Daanna, a irmã de Caleb McKenna.

Menw, seu irmão caçula, ficou encantado assim que a viu e Cahal achou muito divertido ver seu pacífico irmão tão entusiasmado com um bebê que não pesava mais de três quilogramas e era somente grandes olhos verdes. Seu irmão Menw estava obcecado com as fadas e as deusas.

Cahal, pelo contrário, falava com as estrelas. Todo o universo falava com ele; a natureza se comunicava em seu próprio idioma e o sobressaltava sua clareza e a pouca maldade que havia nele. O céu era único e não julgava ninguém.

Eram os humanos os que destroçavam a terra e brigavam. A Mãe Terra só estava aí como berço incondicional, esperando que a respeitassem, mas não estava nada orgulhosa que seus filhos batalhassem desse modo tão feroz. Seus filhos a feriam, mas, que mãe não sentia dor por seus filhos?

O menino loiro elevou seus olhos claros para o teto estelar. A cúpula o deixava sem respiração.

As estrelas titilavam, o advertindo que o estavam observando.

Lia mensagens em tudo, por isso seus pais lhe diziam que seria um excelente druida quando por fim tomasse a decisão de sê-lo. Só ele decidiria se esse dom, esse instinto mágico, estava em sua alma. Todos tinham certeza que sim, mas ele era muito respeitoso com essa decisão e esperava o momento adequado para substituir seu pai.

O druidh era o homem mais respeitado do clã e ele ganharia esse respeito.

Quem sabe um dia, quando fosse mais velho, poderia encontrar uma dryade — druidesa —, e juntos poderiam fazer magia boa e cheia de luz para todos. Como essas lendas de fadas que seu irmão caçula tanto gostava.

Sorriu pensando que Menw era muito tolo. Mas, no fundo de seu coração, Cahal também queria acreditar. Seu pai explicou que as estrelas realizavam desejos se pedissem com honestidade e não faziam mal a ninguém.

O pequeno se levantou, elevou o braço e assinalou com o dedo indicador uma delas. Estava em uma parte do céu que seu pai chamava de a Ursa Maior. Moveu o dedo como se a pudesse tocar e sorriu.

—Quando for mais velho, eu também quero uma fada como meu irmão.

Seu pai lhe explicou que havia uma lenda com essas duas estrelas. Eram as mais brilhantes da Ursa Maior. Ele dizia que era um casal de apaixonados. Que viviam sempre um ao lado do outro. Eram poderosos, por isso brilhavam tanto.

Cahal sorriu, fechou os olhos e disse:

—Eu também terei uma estrela do meu lado. *Moronnag* —minha estrela.

Londres

Ano 1990

A pequena O'Shanne sorria para seu pai, George O'Shanne, um reconhecido astrofísico inglês, cujas paixões eram sua ciência e sua família, em especial aquela pequena e diminuta superdotada a quem contava uma história antes de ir dormir.

Só tinha cinco anos, mas era tão esperta e inteligente que sua capacidade para entender tudo aquilo que a rodeava o assombrava.

—Conta-me outra vez, papai —pedia a criança abraçando seu coelhinho de pelúcia, com um botão azul por olho — Por que me chamo assim?

Seu pai sorriu e deu uma batidinha no nariz.

—Pelo que recordo Mizar, a estrela mais brilhante da constelação das estrelas, que está na...

—Ursa Maior.

—Isso! —Animou-a seu pai.

A menina loira e com o cabelo despenteado sorriu com os olhos iluminados, como se fosse a primeira vez que respondia aquele jogo que cada noite pai e filha repetiam.

—Quem cuida de Mizar? —perguntou seu pai testando-a.

—Sua estrela gêmea, Alcor. É um pouco menor, mas se amam muito e dançam juntos cada noite. Ela e Alcor estão apaixonados — respondeu dando um bocejo.

—Sim, amam-se muito. Como eu te amo, pequena Miz.

A pequena abraçou seu coelho e começou a fechar os olhos.

—Papai, eu também te amo muito.

—Quanto?

—Daqui à lua, papai. E também mamãe e Hannah.

—Desejou-lhes boa noite e disse isso a elas?

—Claro, papai. Cada noite. Amo os três.

George sorriu; não havia uma pessoa mais carinhosa e doce e que gostasse mais de dizer “amo vocês” que a sua filha caçula. Beijou a testa de sua menina, que seria uma das mulheres mais inteligentes da Inglaterra.

Mas a garotinha não só era esperta, era um doce. Tão terna e tão disposta a dar amor que as pessoas se apaixonavam por ela assim que a conheciam.

George a protegeria sempre que pudesse. Porque as mentes como as de sua adorada filha, sem maldade e sem aversão, quando eram tão inteligentes, eram sempre cobiçadas pelos demais. Ele se encarregaria de levá-la sempre pelo bom caminho.

George saiu do quarto, apagou a luz e murmurou:

—Não mude nunca, coração.

Nessa mesma noite, gritos que vinham do quarto de sua mãe a despertaram. A pequena agarrou seu coelho e, ainda sonolenta, vestida com sua camisola rosa, saiu do quarto para ver o que acontecia.

Sua mãe correu para ela, arrastando Hannah pela mão, e a tomou nos braços. Estava chorando e tinha sangue na camisola. Sua mãe tinha sangue na camisola...

—Venha, minha menina! —gritou enquanto guiava ela e Hannah ao estúdio superior.

— O que acontece? —perguntou Miz chorando e abraçando seu coelho com força. Hannah afundava o rosto no estômago de sua mãe. Não podia parar de chorar. Era loira como ela e tinha somente treze anos.

—Meninas, escondam-se aí — assinalou a parte baixa da cama— Agora!

Alguém estava esmurrando a porta que sua mãe lutava por manter fechada.

—Queridaaaa — dizia uma voz fria vinda por trás da porta— Não se esconda... — cantarolou provocando as risadas de outros homens que o acompanhavam.

—Miz, coração, vá para debaixo da cama — suplicou sua mãe descomposta e em lágrimas— Você também, Hannah.

—Não! —gemia Hannah.

—Por favor, Hannah... Por favor —suplicava sua mãe olhando para sua filha mais velha — Cuide de sua irmã, sim? Escondam-se debaixo da cama. Miz, faça o que te digo. Esconda-se.

A criança correu segurando a mão de Hannah, mas a porta se abriu de repente e fez que sua mãe caísse no chão. Miz se escondeu e afundou o rostinho na barriga do coelho; estava em choque.

Mas Hannah não teve tempo de esconder-se como ela e a arrastaram pelos pés para fora. A estante de livros caiu quando o miúdo corpo de sua irmã se impactou contra ela. O abajur se quebrou. Os livros saíram voando.

E logo só houve gritos.

Gritos de dor, de agonia, de desespero...

E ela estava tão assustada... Os números a protegeriam.

—Três ponto um, quatro, um, cinco, nove... —sussurrava com as pupilas dilatadas e o corpo coberto de suor.

Miz tremia, não podia fechar os olhos. Viu tudo o que esses homens com presas fizeram com a sua irmã e a sua mãe. E seu pai? Também lhe fizeram o mesmo?

Ele já não estava.

Os homens com presas sanguinolentas se agacharam para olhar à pequena sobrevivente, e sorriram maliciosamente.

—Agora você — disse um deles com olhos injetados em sangue.

E justo quando acreditava que iam fazer o mesmo com ela, um príncipe moreno, vestido de negro, e de cabelo liso e longo a defendeu e afugentou os homens com presas. Os mesmos que assassinaram a sua família.

O príncipe lhe ofereceu a mão e a tirou dali, desse inferno.

—Eu a protegerei, pequena.

Ela confiou nele e aceitou sua mão fria.

Não sabia se esse homem a protegeria ou não, mas entendeu de uma maneira cruel que amar muito às pessoas fazia que estas desaparecessem.

Nunca mais voltaria a amar.

E jamais deixaria que um homem a tocasse.

Capítulo 1

Dias atrás, Black Country. Horas depois do resgate no Capel Le Ferne

“Invoca. Invoca. Invoca, meu filho. Abra-a”.

Cahal abriu os olhos que fechou durante pouco mais de uma hora. Aquele frase o acompanharia sempre, tal e como fez cada um dos dias de seus dois mil anos de sua vida imortal.

Fixou seu olhar azul na mulher que tinha ao lado.

Seu cabelo, uma cabeleira longa, lisa, dourada e suave.

Seu aroma de morango, suculento e saboroso.

Seu rosto... maldito fosse seu rosto. Aquela jovem tinha cílios tão longos que pareciam leques. Densos, espessos e de uma cor loira mais escura que o de sua cabeleira leonina.

Suas sobrancelhas perfeitamente arqueadas, com um arco desafiante e inverossímil que emolduravam a perfeição seus olhos esverdeados. Um tom de verde único, com pequenas manchinhas castanhas e amarelas em seu interior. Um olhar que o desarmava e ao mesmo tempo o deixava em guarda.

Seus lábios... lábios levemente franzidos como os de um bebê. Essa garota tinha um beicinho que ele poderia ficar comendo em todas as horas, e um queixo decidido, com uma pequena covinha, que desejava morder desde que o viu.

Era ela. Toda ela era um prato feito somente para seu paladar, temperado com o aroma que o prendia, coberto com uma essência que somente ele saborearia de cima a baixo.

Suas mãos, umas mãos que o fez sentir depois de séculos de insensibilidade.

Sentir dor. Muita dor.

Malditos deuses! Séculos atrás, logo depois que o transformaram em vanirio, um grave engano fez com que os três deuses Vanir o castigassem com o intumescimento de todos seus sentidos até que encontrasse a sua verdadeira *cáraid*. Ela lhe devolveria o tato, e se converteria em sua razão para viver. Frey lhe disse: *“Sua cáraid será aquela que devolverá suas emoções, mas também será quem mais irá feri-lo”*. Dito e feito.

Sua letargia foi infinita. Ele era o druida do clã vanirio keltoi, um homem que sempre teve muito poder e o apreciou. Mas Cahal, melhor que ninguém, sabia que, desde que os deuses o amaldiçoaram com a insensibilidade, seu amor pela magia e seu sábio conhecimento pelas forças naturais tinham deixado de lhe importar. Desapareceu como se nunca viveu para isso. Porque já não sentia, já não usufruía de seu prezado dom, e se tornou um ser apático que fingia aproveitar a vida quando a única coisa que fazia na realidade era procurar em todas as horas uma faísca de felicidade. Alguma coisa que o recordasse que estava vivo.

Era o resultado da apatia. Quando deixava de sentir, já não tinha importância todo o resto. Sim, era um vanirio e tinha poderes telecinesicos e telepáticos; sua voz podia emitir pulsações que obrigavam às pessoas a fazer o que ele quisesse; voava e podia falar com os animais. E era imortal. Mas aquela conexão com seu mundo interior e com o hermetismo e os acontecimentos mágicos do universo, tudo aquilo que o fazia sentir em harmonia com seu espírito, tudo, desapareceu.

Tentou brigar para não perder essa parte espiritual dele. Meditou, viajou, fundou vários centros de meditação e espiritualidade pensando que, ao menos, embora ele estivesse morto por dentro, podia fazer com que alguns desses seres inferiores que ele protegia se iluminassem pelo caminho. Que algum humano fizesse algo bom e encontrasse o caminho do despertar espiritual.

Mas as coisas não aconteciam como ele queria. Os humanos não acreditavam na espiritualidade nem na meditação, e ele começava a deixar de ter fé no outros e também em si mesmo. A iluminação, o nirvana que ele alcançava antes de ser vanirio, escapou por entre seus dedos no mesmo dia, séculos atrás, em que cometeu aquele engano e se deixou levar pela vingança.

E após, tudo mudou ao seu redor.

Ninguém negaria que ele lutou para mudar sua sina: seu destino, esse destino que as nornas acreditavam que estava certo. Pois ia dar uma lição nas três mulheres do Asgard!

Seu lema era que se o destino estava escrito, ele o modificaria com tippex¹.

Tanto tempo... tantos anos fingindo que se divertia, que experimentava prazer com tantas mulheres... Tantos séculos procurando alguém que o despertasse e demonstrasse que aquela vida no Midgard valia a pena... Tudo fora em vão.

Ao menos, tentou ser positivo a respeito. Sua cruz particular, o castigo imposto pelos deuses, o ajudou a resistir à fome vaniria porque, com seus sentidos entorpecidos, sua sede desapareceu. Era como um homem sem alma, morto em vida. Com um sorriso perpétuo, mas também falso. Não sentia desejos de nada. Por não sentir, não tinha nem vontade de entregar-se ao sol.

Mas isso acabou. Sua resposta a sua ânsia, a sua não vida, estava aí. E ele a pegaria porque estava farto de sentir-se oco e vazio.

Um dia, no Ministry of Sound em Londres, essa mulher que agora tinha em sua cama o dirigiu somente um olhar entre a multidão. Um único cruzamento de olhos e Bang! Cahal caçado. Foi tão insultantemente simples...

Agora, o vanirio observava a jovem que repousava estirada entre os lençóis negros com um desejo tão forte que inclusive lhe custava respirar.

Ele a esteve apalpando durante toda a noite. Esquentando, pondo seu motor em marcha. Sabia que ela estava sofrendo. Tinha-a mordido e manipulado mentalmente para que bebesse dele. A deixou consciente e com os olhos abertos. Engoliu seu sangue a contra gosto enquanto puxava seu cabelo loiro, tentado afastá-lo e arrancando-lhe mechas. Maldita bruxa. Só sabia feri-lo. Queria que essa jovem sentisse toda a dor e a agonia sensual que seu pequeno corpo pudesse experimentar, porque desejava fazê-la suplicar por seu toque. Queria que chorasse por ele, que lhe suplicasse.

Já tinham feito uma troca. A primeira, e a cientista nunca se lembraria disso porque ele manipulou um pouco suas lembranças atuais.

Agora, o corpo ainda humano da cientista da Newscientists se retorcia e clamava por mais. Seu sangue corria por suas veias e o dela pelas dele.

Quero mais. Cahal inclinou a cabeça friamente e colocou-se de quatro sobre o colchão.

¹ Marca de corretivo líquido.

Retirou o lençol azeviche pouco a pouco e descobriu seu corpo nu, curvilíneo e nívoo. Ia mordê-la por todos os lados outra vez. Ia convertê-la custasse o que custasse, porque os deuses riram dele; e ela, sem mais, uniu-se às suas gargalhadas.

Descobriu-se que, depois de séculos de apatia e indolência, aquela mulher que encontrou no Ministry of Sound e a flechada instantânea que sentiu por ela, foram uma maldita armadilha. Caçaram-no de verdade, como um animal. Ela e mais duas garotas o levaram às instalações subterrâneas de sua organização, Newscientists, no Capel Le Ferne, e o torturaram durante dias.

E, maldição, como doía tudo o que lhe tinham feito! Fazia tanto tempo que não sentia nem prazer nem dor, que recordar o calvário físico ao qual o submeteram o fazia suar e o deixava nervoso. Por que agora podia perceber a dor? Por que agora sentia de novo? Porque essa mulher loira e bela, fria e sádica, jovem e inteligente... Essa mulher malvada, era sua verdadeira *cáraid*. Essa mulher o devolveu tudo e ele se encontrava em um mar de contradições.

Não sabia se a odiava, mas estava seguro de que sentia muito ressentimento por ela. Repugnava-o tudo o que representava, isso sim. Newscientists: poder, ambição, desumanidade... Porque, como uma mulher, fosse da natureza que fosse, continuava ferindo um homem que suplicava e meio que chorava por causa de tudo o que ela infligia? Não tinha escrúpulos? Era maligna? De que demônios era feita? As mulheres de seu clã, as vanirias keltois, eram todas apreciadas e guerreiras, mas também eram misericordiosas, e isso que já não eram nem humanas nem mortais. Entretanto, aquela maldita humana a quem ele tinha que proteger, aquela mulher inferior em natureza, era a mais malvada de todas as fêmeas que conheceu em sua vida.

Nesses túneis nos quais ele permaneceu sequestrado sob tortura também estavam muitas crianças, e sabia pelo que as fizeram passar. Não podiam se comunicar mentalmente, algo impedia que suas ondas mentais circulassem livremente, mas Cahal, graças ao contato da cientista, sentia à perfeição o que estiveram fazendo com elas. Cheirava as lágrimas, o suor, o desespero e a humilhação... Eram crianças, maldição. Sacudiu a cabeça, incômodo. Queria esquecer essas coisas, mas nunca poderia.

Antes de conhecer sua *cáraid* não teria se atormentado por isso. Sua sensibilidade e suas emoções estavam mortas. Mas, ao ser ela quem o sequestrou e quem o obrigou a despertar, as ondas de indignação o varreram e o fizeram tremer repetidas vezes. Porque ele sentia a dor e a tristeza dessas crianças. Agora sim. E sentia cada vez que ela tocava-o.

A loira tinha participado de algum modo em tudo isso e esse detalhe a convertia em um monstro a seus olhos.

Ela fazia parte da Newscientists. Era a filha adotiva de Patrick Cerril, um dos magnatas que encabeçavam, por parte dos humanos, a seita mundial Lokasenna, e que estavam sob as ordens dos jotuns de Loki. Samael, Strike, Seth, Lucius. E esse tal de Hummus que irradiava tanto poder. Quem diabos era?

Enrugou o lençol em um punho e se inclinou para cheirar o quadril nu da loira. O quadril de sua insensível companheira.

Ao beber de seu sangue pela primeira vez, não prestou atenção a nenhuma das imagens que cruzavam sua mente e que provinham dela, de suas lembranças, de todas essas lembranças aderidas a seu DNA. Seria muito mais fácil se pudesse ler seus pensamentos, mas a Newscientists

a educou muito bem e essa garota tinha aptidões mentais que deixariam em reflexão o professor Einstein. Era superdotada, sem dúvida. E ele esteve tão sedento dela que não importava com o que viu; só lembranças atuais desconexas, embora algumas muito reveladoras. Por exemplo:

Lucius tentou fazer uma troca de reféns no bosque de Tunbridge Wels.

Quis fazer uma troca: ela em troca dele. Mas a ratinha de laboratório deu-se conta de que a troca não era legal, já que Lucius se serviu de um clone idêntico a Cahal. Sua mulher tinha notado que não se tratava do verdadeiro vanirio e avisou Caleb, Menw, Aileen, Ruth e Adam para que soubessem que era uma maldita armadilha.

Depois, no carro, estando com Lucius e outro cara, o vampiro cravou uma adaga no seu pulso esquerdo e tirou um localizador que Caleb inseriu enquanto a tiveram em seu poder na caverna da fome de Black Country. Na caverna da fome a interrogaram, e à outra sádica da Newscientists de aspecto masculino. Chamava-se Laila? Não importava.

Laila falou como uma covarde, mas a loira não deu com a língua nos dentes. Era dura e muito valente, reconheceu Cahal.

O vanirio lambeu os lábios e se centrou de novo em seu aroma, nela. Repassou mentalmente tudo o que fez até então com sua presa. Primeiro a havia despido e se limitou a lamber todas as feridas que Lucius lhe infligiu. Tinha cortes por todos os lados e ele odiou cada corte, porque foram feitos pelas presas de outro macho, e não um qualquer, mas sim um dos piores. Quando a jovem despertasse, doeria. Como ia doer a incisão do pulso. Cortaram suas veias, os grandes filhos de cadela, mas Cahal enfaixou seu pulso e costurou a ferida. Ele tentaria amortecer sua dor, ele tentaria controla-la até que despertasse a sua nova natureza.

Quando se transformasse em vaniria, suas feridas sanariam e cicatrizariam por dentro. Enquanto isso, o melhor analgésico era sua saliva e sua união mental. Lambeu e sugou todas as feridas para extrair a possível peçonha que ficou das dentadas de Lucius. Se Lucius bebeu dela, o vampiro disporia da informação que necessitava, e isso o encheu de raiva.

Mas, agora, ela descansava como melhor podia, perdida em um frenesi de desejo que ele mesmo a infligiu. Entre casais, o corpo e a necessidade de ser tocado e acariciado despertava à vida. Enquanto a cientista pensasse no desejo e no ardor de seu sexo, não pensaria na dor de seu corpo.

Enquanto a despia, a mordeu e colocou sua marca nela.

Enquanto tomava banho, mordeu-a de novo. Não sabia se tinha sido rude ou não, mas, ao menos, não lhe deixou feridas. Só pequenas incisões que ele se encarregou de fechar com a língua.

Depois, Cahal se cortou no peito e enquanto lhe acariciava as costas, a obrigou a beber dele sob o jorro quente da ducha. Ela o sorveu como uma gatinha e lambeu sua cicatriz de um modo tão inato e sexy que seu pênis inchou como nunca.

Enquanto a colocava na cama, voltou a mordê-la. E nenhuma dessas vezes deu atenção à informação passada de seu sangue, só os acontecimentos mais imediatos.

Por que não se concentrou em obter informação de sua *cáraid*? Em saber de seu passado? Porque aconteceu de todo seu sangue se aglomerar em seu membro. Só pensava em meter-se entre suas pernas. Aos vanirios, como os humanos, também acontecia isso.

Mas aquilo tinha uma rápida solução: voltaria a beber dela e desta vez se concentraria mais. Saber a quem era a ratinha de laboratório na realidade.

Sua cárida o caçou como o gato a um camundongo, e nas instalações da Newscientists o abriu de cima a baixo e revirou seus órgãos com as mãos. O martirizou com seus bisturis, e o atormentou com seu olhar indiferente e seu comportamento altivo para com ele. Foi tão fria, tão metódica e rápida... que ele se negou a acreditar que aquela formosura do Satã fosse sua companheira de vida. No entanto, era, e somando dois mais dois, ambos se foderam mutuamente.

Ela despertou a besta, e o bárbaro interior reclamava seu castigo, sua justa vingança, seu troféu.

Tudo o que acontecesse a partir desse momento seria consequência dos atos dessa garota. Seus instintos tinham despertado, esporeados por um puto olhar daquela deusa.

E ele morria de vontade de lhe demonstrar que não havia nem um ápice de divindade nela; que era somente uma humana e que ele era o verdadeiro eleito pelos deuses.

De agora em diante, seu deus.

A mulher abriu os olhos com um suave bater de asas de seus cílios. Sentia seu corpo em chamas, como se o próprio inferno a reclamasse. Ardiam-lhe algumas partes do corpo e a pele formigava como se as pontas de vários dedos a acariciassem e fizessem sutis cócegas.

Estava em um quarto totalmente às escuras. Ouvia-se o suave deslizar da água fluindo, como se houvesse um rio perto.

Focalizou o olhar à frente e soube que não estava sozinha. Ouvia uma profunda respiração acompanhada do rouco ronrono de um peito masculino.

Ele. Ele estava ali com ela. Sabia porque... Bom, não sabia por que. Mas era ele.

Incomodou-se e voltou a ficar nervosa. Depois do terrível acontecimento que viveu quando pequena, nunca mais ficou nervosa por nada, mas desde fazia uns dias, aquele parecia ser seu estado natural.

E acaso importava? Importava sentir-se assim? Não. Não importava.

Só queria morrer. Queria que a matassem, que alguém acabasse com sua vida. Sua mente tentou procurar uma desculpa para não viver esse destino, mas não encontrou nenhuma. A física quântica e os princípios universais pelos quais o universo se regia asseguravam que cada ação propiciava uma reação. Suas ações não iam passar em vão.

Tudo o que ela fez para a Newscientists, tudo o que acreditava defender e pelo que acreditava lutar, tudo, era uma farsa. Uma maldita farsa.

As pessoas em quem acreditou: Patrick, seu pai adotivo; Laila, sua melhor amiga e alguém muito especial para ela; Lucius, Seth, Strike, Brenda..., não eram o que aparentavam ser. A enganaram miseravelmente.

Sua vida se centrava no descobrimento de outros espaços, outras realidades, universos paralelos. Concentrou-se dia a dia no estudo dos quarks e colaborou com essa gente que

considerou família, porque era muito má para os vínculos afetivos, mas sim pessoas de confiança, de seu círculo.

Os ajudou em suas pesquisas, acreditando que seus descobrimentos ajudariam a deter essa praga de vampiros que assolava seu mundo. Tinham-lhe assegurado que esses seres vinham de outras dimensões e penetravam através de um buraco cósmico, um portal, indo parar diretamente à Terra. O objetivo era fechar esse portal e dinamitá-lo para que esses assassinos chupa-sangue nunca mais saíssem dele. Por isso trabalhava com aceleradores e quarks.

Seu ódio tinha uma razão de ser.

Quando era pequena, esses vampiros mataram seu pai, sua mãe e sua irmã; as violentaram e espancaram para logo as sangrar e acabar com suas vidas. Tudo o que ela viu se entrincheirou em sua cabeça, em um lugar no qual as sequências numéricas e os valores do Pi a afastariam de todo o horror e o medo. Mas quando pensou que teria o mesmo destino e que aquelas aberrações também acabariam com ela, um homem bonito, moreno e forte com halo de príncipe e olhos claros, resgatou-a e a levou com ele. Era Lucius.

Embora temesse os homens e tivesse nojo deles, ele se converteu em seu herói, no homem que ela sempre veneraria e admiraria acima de todas as coisas, porque a salvou e porque, junto com todos os outros, lutava para salvar a Terra dessas abominações. Ou isso acreditava.

Lucius lhe deu um lar e um pai adotivo: Patrick Cerril.

Patrick era carinhoso e, embora guardasse distâncias porque odiava o contato com o sexo oposto — não gostava que a tocassem —, seu pai adotivo sempre foi respeitoso com ela.

Durante anos, décadas, pensou que aquela era sua realidade. Tinha de tudo, vivia bem, gozava de um círculo de amigas femininas no qual se sentia parcialmente segura e, além disso, aprendeu técnicas de luta e de defesa, programação neolinguística e métodos de torturas contra os vampiros. Estava preparada para vingar-se em todos os âmbitos: no mental e no físico. Patrick não regulou em gastos para sua formação. Ela tinha um quociente intelectual muito alto e a física a fascinava.

Licenciou-se precocemente aos vinte e dois anos com o *Summa cum laude* em Física Quântica e após, dia e noite, trabalhava na organização que se supunha que caçava vampiros e estudava o portal cósmico através do qual esses monstros de outras raças chegavam a Terra.

Tudo mentira. Falso.

Era verdade que trabalhava nisso, mas a finalidade de seus estudos não seria utilizado para esse objetivo que considerava tão nobre e em benefício da humanidade. Utilizaria-se para justamente o contrário.

Quando a sequestraram dias atrás, Menw, o irmão do vanirio — porque assim se chamavam os seres que ela, na realidade, torturou —, a interrogou, assim como à sua companheira Laila.

Nesse interrogatório em uma espécie de buraco subterrâneo, conheceu uma garota de cabelo mogno e olhos ambarinos que materializava flechas de energia azuladas e esbranquiçadas em suas palmas. A safada cravou uma em sua coxa, e ardeu e doeu como o demônio, além de uma explosão emocional a converteu em um molho instável de lágrimas.

Entretanto, doeu mais desmoronar-se emocionalmente que a dor física que a flecha causou. Logo havia duas garotas mais, morenas e com cabelos espetaculares. Uma tinha os olhos lilás, e a

outra, verdes elétricos. Ambas eram hipnotizadoras. Ah, e também conheceu outro homem de cabelos negro e olhos tão verdes quanto o da outra garota.

Para ser sincera, ela e os homens tinham um problema, porque os temia e odiava em partes iguais. Não obstante, esse vanirio perigoso era um espetáculo: um cruzamento entre modelo italiano, capanga e guerreiro celta. Por ser uma mulher que mal olhava os homens devia reconhecer que aquele era especialmente bonito.

Os cinco seres que a interrogaram tinha algo em comum: eram muito belos, como tirados de revistas tipo GQ. Além disso, eram seres mentalmente poderosos e com dons que ela não compreendia, mas que, em outro tempo, teria ansiado decifrar e desmembrar. Os crentes e ignorantes diriam que se tratava de magia. Ela não. Ela sabia que era ciência evoluída.

No interrogatório que foram submetidas, descobriu que Laila a traiu.

Aquela garota sabia toda a verdade sobre a Newscientists, sobre quem era realmente e o que ocultou; nunca lhe falou sobre isso nem disse a verdade, e ficou destrozada ao descobrir. Laila foi sua companheira, sua amiga, alguém com quem compartilhou muita intimidade. E a traidora a esteve enganando com seu silêncio.

Aparentemente, todos na Newscientists sabiam o que estavam fazendo. Todos menos ela, claro. E ardia ter descoberto assim. Como inteligente e fora de série que era, tinham-na enganado como a uma criança. Para piorar, Laila servia de alimento para Brenda e Lucius. Dava-lhes seu sangue.

Sentiu que as vísceras se retorciam. Beijou Laila, deu-lhe carinho e deixou-se amar por ela, e agora sentia nojo ao recordar. Laila sabia tudo o que viveu quando pequena com os vampiros, o que fizeram com as pessoas que mais amava. E isso importou à vagabunda quando se aliou com eles? Não. É óbvio que não.

Essa garota nunca foi sua amiga, nunca a amou de verdade.

Brenda, Lucius, Seth, Samael... Eram vampiros. Vampiros!

Cobriu o rosto com as mãos e esfregou os olhos. Ao fazê-lo, descobriu a bandagem em seu pulso. Recordou o mau trato que Lucius e Patrick a submeteram no Rodius; e logo, no Capel Le Ferne, as dentadas do vampiro em seu corpo... começou a tremer, e se obrigou imediatamente a permanecer serena. Não perderia os nervos.

Nesse momento parecia estar a salvo. O vanirio loiro a enfaixou? Preocupava-se com ela? A curou? Sacudiu a cabeça desprezando esse pensamento.

Por que ia fazer isso? Ela não seria misericordiosa se fosse o contrário.

Merda, colaborou com o inimigo.

“Mamãe, sinto muito. Sinto tanto...”. Tinha insultado a lembrança de sua mãe e de sua irmã. Vendeu sua memória. Tinha-as abandonado ao unir-se àqueles que acabaram com suas vidas, e embora desconhecesse para quem trabalhava na realidade, a verdade era que as tinha traído.

Um soluço rasgou seu peito. Cruzou seus antebraços sobre seu rosto para cobrir seus olhos chorosos. Nunca chorava, mas esse detalhe a matava e a feria de formas inexprimíveis. A humilhava. Sua mãe e sua irmã... elas sofreram tanto e..., maldição. Ela fez tudo por vingança, tinha trabalhado duro por elas... e, sem saber, estava-lhes sendo desleal.

Não obstante, o pior foi descobrir todo o resto. Tinham crianças nessas instalações, faziam hibridações com elas. Saber disso destruiu seu coração. Ela mesma esteve presente nas torturas de alguns homens dessas raças sobrenaturais pensando que eram vampiros, pois mostravam suas mesmas debilidades e suas mesmas características: tinham presas, alimentavam-se de sangue, tinham poderes mentais, expô-los durante um minuto sob a potente luz do sol podia acabar com suas vidas... — isso e lhes arrancar o coração, é óbvio. Mas embora ela apreciou ver a tortura desses homens pensando que se tratava de nosferatus, eram homens e não crianças inocentes!

Imaginar seres tão pequenos nas mãos de cientistas sem emoção que só abriam, estudavam e experimentavam com seus pequenos corpos a deixava doente. E fizera parte disso! E, droga, estava envergonhada por isso.

Golpeou o colchão com o calcanhar de seu pé nu.

“Maldita seja, cérebro —disse a si mesma— Como fez merda.”

Nunca experimentou tanta impotência. Nunca se sentiu tão mal consigo mesma.

Outro soluço doloroso atravessou seu peito e reverberou naquele quarto. E agora estava nas mãos de um homem vanirio que ela mesma maltratou e martirizou. E ele... ele ia castigá-la da pior das maneiras.

Faria isso se estivesse em seu lugar. Pensou que seria sua justa punição pelo que havia feito. Sofreria os vexames que esse homem tão bonito ia cometer contra ela. Por que não? Merecia isso.

Já a mordeu, não? Por quase todas as partes de seu corpo, além disso.

Já a tocou não? Por todos os lados. E ela, para sua própria degradação, havia reagido sob seu toque. Era ele é óbvio. Negava-se a acreditar que podia gostar do tato das mãos de um homem. Ele a obrigava a sentir prazer. Fez isso durante toda a noite. Afundou-a em uma neblina de desejo, e a impeliu a sentir seu toque e a desejá-lo com a mesma intensidade.

Obviamente, ela não queria. Mas não podia negar que esse macho era espetacular. Muito atraente e perigoso. Era um ser belo. Ao menos, antes de coloca-lo nas mãos dela, era.

Quando o viu no Ministry of Sound não pôde fazer outra coisa que lhe sorrir e reconhecer que era tão sexy que doía vê-lo. Ele carregava a garota das flechas sobre o ombro, que acabara de cantar *You Shook Me All Night Long* para provocar um ataque cardíaco ao pessoal, junto com outra mulher morena um pouco mais velha. Mas então, o vanirio olhou entre a multidão e a encontrou. E, mãe do amor formoso, esse olhar a tocou por toda parte. Sentiu-se muito incômoda por ter tais sensações, por ser receptiva desse modo ante ele.

Mas assim tinha sido.

Quando o sequestrou, o mais curioso foi comprovar que ele somente era receptivo na tortura quando ela o tocava. Só com ela. O vanirio não sofria com ninguém até que ela começou a tocá-lo, revolvendo seu corpo. Trocaram todo tipo de comentários e insultos, e a ela custava cada vez mais feri-lo.

Não sabia por que, mas em certos momentos de dor, inclusive a machucou, como se houvesse um tipo de conexão entre ambos.

Inexplicável, porque nunca se viram, porque não se conheciam e porque não existia nenhum vínculo entre o dois. Mas algo estranho a atraiu para ele.

Não podia pensar assim, porque... Esse ser imortal era um homem, maldição! Era um vanirio! E ainda por cima a odiava! E agora não podia fazer nada contra alguém tão poderoso mentalmente, por mais que a Newscientists a ensinou a proteger-se. Estava entregue, e ele bebeu dela. Se o funcionamento de beber sangue era o mesmo que o dos vampiros, cedo ou tarde ele poderia manipulá-la e ela perderia sua inteligência. Porque era algo que acontecia aos vampiros. Assim teria que esforçar-se e ter os olhos muito abertos para brigar até o segundo último para que não a obrigasse a beber dele. A sede de sangue os convertia em marionetes e só obedeciam ordens. Deixavam de ser independentes mentalmente, seus hemisférios cerebrais se bloqueavam e seu funcionamento se detinha para que só o impulso e a ansiedade os guiassem.

Não, por Deus. Não... Não queria chegar a isso. Seu cérebro era a coisa mais importante que tinha.

Era seu tudo, sem ele não seria nada. E se morresse, queria morrer sendo consciente do que havia feito. Por isso, depois de que a resgatasse, rogou ao vanirio que a matasse. Suplicou, porque ela mesma não queria continuar vivendo com a cruz de saber que se envolveu em um genocídio contra seres inocentes.

Mas o loiro de olhos azuis havia negado. E sabia perfeitamente por que: a vingança era um prato frio, e esse guerreiro cobraria todas as afrontas.

Não sabia qual ia ser seu destino, mas encontraria o modo de acabar com sua vida. O faria antes de compartilhar algo com esse tipo que a menosprezava, antes de recordar tudo o que fez, antes de continuar vivendo em sua própria pele. Uma pele que ela habitava e desconhecia e que agora, mais que nunca, odiava.

Se havia um castigo para ela, que o cobrasse rápido. Além disso, morta não lhes serviria de nada, nem a Lucius, nem a Sebastian, nem a Patrick... E o que sabia ficaria sempre oculto em sua memória e iria com ela.

—Está assustada, meu bem?

Descobriu os olhos e piscou repetidas vezes para eliminar as lágrimas e focalizar o olhar nesse homem. Meu bem. Enquanto estava sob sua tortura ele a chamou assim e ela disse que não voltasse a fazê-lo. Agora estava a sua mercê. Os papéis foram trocados.

—Vê-me bem? —perguntou o vanirio.

A jovem o via recortado sob a luz modulada daquele quarto circular. Maldição, era um quarto redondo, sem cantos. As paredes eram de vidro e, através delas, corriam cortinas de água iluminadas por uma luz azulada. Estavam sob a terra ou havia algo mais que se pudesse ver através daqueles painéis transparentes? Era um jardim o que havia por trás?

A cama estava localizada quase no centro da esfera e era mais um lugar de descanso, sem móveis nem nada que pudesse perturbar esse homem tão grande. Algumas plantas se colocavam estrategicamente seguindo o Feng Shui, e havia um tapete escuro no chão e um sofá com chaise longue no lado oposto à cama. Ao lado do sofá havia uma estante com livros. Sua mente analítica processou toda a informação para analisá-la atentamente.

—Perguntei se me vê bem, mulher. Responda.

Ela cravou seus olhos esverdeados no vanirio. Nunca gostou que falassem com ela nesse tom e, embora se encontrasse em condições muito prejudiciais, não a importou desafiá-lo com o olhar.

Olhou-o de cima a baixo. Seu corpo se perfilava à perfeição. Músculos delineados na semiobscuridade, punhos fechados a cada lado de seus quadris, coxas poderosas e explosivas...

Quadris estreitos e torso em forma de V, com ombros marcados e inchados, como os corpos dos super heróis da MARVEL e DC Gibis. Sim, ela adorava esses gibis, e era a única frivolidade e licença fanática que se permitia. E era um segredo.

Laila rira muito disso. Apertou os dentes porque lembrar-se dessa mulher traidora a feria.

O vanirio que tinha diante si mostrava uma postura ameaçadora que expressava um desejo instintivo de caçar a presa. A presa era ela e estava tão aterrorizada que mal podia mover-se. Esse homem não tinha nem ideia de seu medo, ou talvez sim tivesse, e disso se tratava.

De assustá-la.

—Onde estou? —Sua voz soou irreconhecível.

—A salvo. Comigo.

Mizar engoliu em seco e o olhou seu rosto. “A salvo” podia significar algo muito diferente para ela. Devido à pouca iluminação, não via bem seus traços. Mas tampouco precisava, porque os gravou em sua mente: sobrancelhas muito loiras e varonis, maçãs do rosto altas, olhos muito azuis e grandes, nariz reto, lábios muito beijáveis, mandíbula quadrada e um queixo com uma covinha que o dividia no meio. E seu cabelo tão loiro e liso que... Um momento. Onde estava seu cabelo? Observou seu crânio raspado e se sentiu perturbadoramente ofendida ao ver que seu cabelo já não estava aí. Aquele homem tinha um cabelo lindo e agora já não o tinha. Quando o raspou?

—E seu cabelo?

—Já não existe.

—Por que?

— Me cansei de você arrancá-lo.

Ela tentou recordar um momento no qual fez isso, e não veio nada em sua mente.

Em realidade não devia se importar, mas, misteriosamente, o fazia. Nunca arrancou seu cabelo. Ou sim?

—Tem vontade de se vingar, estou enganada? —disse com voz clara, sem um mínimo de sentimento. Ah, mas tinha medo de verdade. Não queria sofrer o mesmo destino que sua mãe e sua irmã. Não queria estar sob um homem nunca na vida; jurou e perjuro centenas de vezes.

Mas aí estava. E depois de todos os erros que cometeu, talvez merecesse sofrer esse destino.

Cahal elevou o canto do lábio em um sorriso diabólico.

—Disse-me que era lixo. Que não era um homem, recorda? — Levou as duas mãos à virilha, que ela não via bem porque estava entre as sombras. Observou como ela estudava angustiada o movimento de seus bíceps e os músculos de seus antebraços —Vou demonstrar para você que sou.

A garota levantou o queixo. Depois de tudo o que fez, esse ser imortal só estava preocupado com sua dignidade ofendida? O guerreiro estava acariciando a si mesmo?

—Vai me violentar e depois me matar? —preguntou com desdém— Por que não me mata e acaba com isto antes?

Cahal se deteve e seu corpo ficou imóvel.

—Está louca se acha que vou mata-la. Seria muito fácil — zombou ele.

—Então, vai me torturar?

—Oh, sim. Vou torturá-la uma e outra vez.

Os olhos dela arderam e se encheram de lágrimas. Merecia isso. Ia feri-la. Ia humilhá-la... Esforçou por impermeabilizar sua mente, seus pensamentos. Não conhecia a natureza real desses vanirios, mas tinham poderes mentais como os vampiros e, certamente ele estava vasculhando sua cabeça. Suas têmporas doíam e isso era sinal de intrusão mental.

—Meu bem, não adianta nada se fechar. Vou dinamitar essas barreiras tão fracas que tem. Não pude fazê-lo antes. No Ministry me drogou; nas cavernas também o fez, e além disso tinham essas frequências que anulavam as ondas mentais... Mas agora —lambeu o lábio inferior e elevou uma mão até colocá-la em seu suave ventre. Ela imediatamente ficou tensa e tentou afastar-se dele—... Agora está em meu poder. Bebi de você — Mas não lhe diria que ela bebeu dele. A mulher era inteligente e saberia somar dois mais dois, com o qual entenderia que cedo ou tarde seu corpo ia se modificar.

—Não me chame de “meu bem”.

—Chamo você como me der vontade, meu bem. E se valorizar sua vida, não irá me contrariar.

Ela tencionou a mandíbula. Esse ia ser o jogo. Já não importava nada, assim que se limitou a ser sincera e honesta.

—O que o faz pensar que valorizo minha vida? —perguntou aborrecida consigo mesma — O que o faz pensar que me importa algo do que possa fazer comigo daqui em diante?

Cahal ficou tenso.

—Mereço seu desprezo pelo que te fiz —continuou ela — Te asseguro que fui uma ignorante, não sabia que me enganaram.

—A enganaram? Então me torturou porque a enganaram? Apreciava isso porque a enganaram? Pobrezinha loira que não sabe o que faz... — debochou.

—Não me importa se não acredita em mim —assegurou— Mas acredito que será melhor para todos se me matar —admitiu com valentia— Eu deixaria de me sentir mal e ninguém utilizaria a informação que só eu possuo. Eles virão atrás de mim, me procurarão. —explicou com voz tremendo— As... As fórmulas estão incompletas. Eu as apaguei dos discos rígidos e dos programas, e nem sequer as vi. Queria protegê-las para que ninguém as pudesse manipular antes de mim. E se me manter com vida, dará a eles oportunidade de me encontrar e obter essas informações. E me encontrarão. Eu... não acredito que isso os interesse.

—Ah, mas me interessa — sorriu, mas o gesto não o chegou aos olhos— Devo assinalar que a informação que possa ter agora é minha, entendido? Mas falaremos disso mais tarde. Primeiro o principal. O que seja que averiguou agora não importa.

A cientista se angustiou. Genial. Toda uma vida dedicada à pesquisa e agora esse homem diabólico menosprezava seu talento. Ela estava muito orgulhosa de seu trabalho, e agora nem sequer lhe davam o mérito que merecia? Grande idiota que não apreciava o descobrimento mais importante da história.

—Não importa...? —repetiu consternada por aquele insulto— E o que é o principal? — perguntou engolindo em seco com dificuldade.

—Que quero te matar.

—Mas disse que não...

—Depois.

Ela abriu os olhos assustada, negou com a cabeça e lambeu os lábios ressecados. Mas seu corpo, seu traiçoeiro corpo, umedeceu-se. Seus mamilos se arrepiaram, e não devido ao frio inexistente do quarto. Maldição, isso não podia ser assim. Ela nunca respondeu a um homem. O que lhe acontecia?

—Ouça, não me faça isto... —sussurrou entre estremecimentos. Isso sim não ia permitir— Não faça que me humilhe desta maneira. Está-me obrigando a responder, a sentir...

—A sentir o quê? —Cahal a olhou com interesse, de cima a baixo, e levantou uma sobrancelha loira.

—Isto. — levou as mãos à virilha molhada e as apertou contra ela, envergonhada. Mas o que estava fazendo? Como se atrevia a fazer isso diante dele?

Definitivamente, estava perdida. Virou-se com as mãos entre as pernas e se colocou em posição fetal, dando-lhe as costas. Ela não gostava dos homens. Aterravam-na. Então, por que estava sentindo esse despertar em suas partes íntimas tão brusco e frenético? Seria o choque? A adrenalina? O fazia ele?

Cahal viu suas bochechas ruborizarem e seu olhar se encher de luxúria. Sim, essa mulher respondia a ele. E era normal, porque era sua companheira. Sua reação nada tinha a ver com sua interação mental.

—Por que me mostra seu traseiro, loira? Está me dando ideias? Sugere algo? Sou um maldito pervertido e tomo o que me oferecem, linda — advertiu divertido por seu desconforto.

Ela negou sobressaltada e lutou para cobrir todo o corpo com as mãos. Mas havia muita pele exposta.

—Por favor, não sei o que quer de mim, mas seja o que for, está enganado. Isto é loucura, não o entendo... Não está bem. E não deve fazer isso.

—Cheiro seu desejo. Está ensopada por mim... Quero o que seu corpo pede a gritos, nem mais nem menos.

E aquelas palavras eram tão verdadeiras que a ofenderam, mas se negou a ceder.

—Você quem provoca isso. Eu não gosto! —gritou com o rosto sepultado no travesseiro.

Cahal a observou entrecerrando os olhos. Depois de sua transformação e da posterior intervenção dos deuses contra ele, ver uma mulher chorar nunca golpeou seu peito. E ela estava começando a chorar. Sempre soube que era errado, que era triste que uma garota derramasse lágrimas, mas ver essa ratinha de laboratório sucumbir ao desespero o fez sentir muito pior do que imaginava. Colocou uma mão no seu quadril nu. Apertou os dentes e uma inesperada amabilidade surgiu em forma de palavras.

—Não tenha medo de mim. Não combina com você.

Ela tremeu e secou as lágrimas dissimuladamente. Que um homem como ele dissesse “não tenha medo de mim” era igual ao lobo dizer a Chapeuzinho Vermelho “não quero comê-la”. Ou seja, uma grande mentira e algo impossível. Aceitando esse fato, a loira se rendeu e disse:

—Você não me conhece. Não sabe o que combina ou não comigo. Mas suponho que não se importa. — Olhou a seu redor e tomou uma decisão com valentia— Olhe, acabemos com isto já. Faça comigo o que tiver vontade, mas logo tem que me matar.

Uma mão dura a puxou pelo queixo e a virou bruscamente, obrigando-a a olhá-lo de frente. Os olhos perigosos e desafiantes de Cahal a brocaram com ódio e desespero.

—Não valoriza sua vida, mulher? Escute-me bem, ratinha —ordenou colocando-se em cima dela e lhe apertando as bochechas com os dedos— Você não vai morrer porque não estou com vontade. Passei anos, anos — destacou—, esperando você, para que agora peça esse tipo de misericórdia. Não morrerá. É meu alimento, entendido? É minha energia vital. E vou utilizá-la ao meu prazer. Tal e como você fez comigo nos laboratórios. Seu corpo e sua pele são meus, e vou fazer com que rogue por mim a cada instante.

—Não me obrigue a sentir esse tipo de desejo por você! —gritou desesperada, com as pupilas dilatadas, negando com a cabeça— O odeio! Você... Você não entende.

—Não a obrigo a nada. É seu corpo que responde a mim.

—Mente!

—Sente desejo? —Cahal lhe arrancou os lençóis das mãos ao ver que ela queria cobrir-se— Sente que arde, ratinha? Nota um calor e um comichão insatisfeito entre as pernas? Pois adivinha o que: é seu corpo esperando por mim. Quer que a foda.

Ela tentou brigar para afastá-lo, mas ele a impediu, esmagando-a contra o colchão e colocando um joelho entre suas pernas. A obrigou a abrir-se e a aceitar o contato com sua púbis.

Por Morgana... Ela ardia e seu sexo chorava por ele. A umidade da mulher manchou a parte baixa de seu umbigo.

—Não! Não! —gritou Mizar com todas suas forças.

Movia-se como uma leoa e seu cabelo loiro davam inclinações bruscas de um lado ao outro. Por que demônios não podia ficar em choque? Por que sua cabeça inclusive tinha que analisar tudo nesse momento? Por que tinha que ser tão forte e não uma dessas mulheres que desmaiavam sob pressão?

Cahal cobriu sua boca com a mão e dirigiu os dedos de sua mão livre ao meio das pernas da jovem. Ela o golpeou nos ombros com os punhos fechados, mas isso lhe abriu a ferida do pulso e gemeu de dor.

Cahal grunhiu e lhe mostrou as presas em sinal de advertência. Colocou a palma da mão possessivamente sobre seu suave pelo púbico e pressionou contra sua parte mais íntima.

A loira abriu os olhos enquanto as enormes lágrimas se deslizavam por suas bochechas.

—Deixe de me bater. Está abrindo as feridas —pediu Cahal transmitindo calma com sua voz— Não quero machucá-la —assegurou em voz baixa e rouca— Estou te dando mais clemência do que na realidade merece. Deixe-me tocá-la, não a machucarei. Sabia que isto aconteceria.

Ela negou com a cabeça e fechou os olhos. Ele dizia que não queria machucá-la, mas sim o faria. A machucaria se a tratasse assim. Havia momentos nos quais odiava ser mulher porque, em corpulência, sempre seria do time do sexo frágil.

—O único homem que pude ver em suas lembranças foi Lucius. Tem sua imagem ancorada na cabeça como a de um homem modelo, como um príncipe para você. —Massageou seu sexo fazendo círculos com a palma da mão. Estava inchada e macia — Sabia que ele a desejava? Disse a você que a enganava, tola. Não acreditou em mim — estreitou os olhos e a olhou com raiva— Você queria se deitar com ele? Era seu desejo?

A jovem gemeu, negou com a cabeça e a afastou para liberar a boca de sua mão e assim poder falar:

—Não sei o que me fizeram. Não entendo por que não podia ver a realidade tal como era. Mas me enganaram e eu caí.

Ele a olhou com atenção.

—Não é muito inteligente.

—Assim fala o que só tem um neurônio —respondeu sarcástica.

Cahal sorriu, e desta vez seus olhos brilharam com desafio e algo mais. Ora, tinha garras.

—Pois bem, esse único neurônio é careca, muito grande e está a ponto de perfurá-la entre as pernas.

Miza estremeceu e decidiu não entrar em suas provocações.

—Sei que quer me envergonhar, mas não poderá me envergonhar mais do que já me envergonho, asseguro-lhe isso. Sei que me equivoquei. Enganaram-me, manipularam-me mentalmente. Lucius me sequestrou quando era pequena e me deixou nas mãos de Patrick Cerril porque viu um potencial em mim fora do comum. —ela lutava por entender todo o esboço mental que tinha em sua cabeça.

—Não estavam equivocados. Tortura muito bem. Sem emoções. Já sabe: fria e tenaz — assegurou Cahal acariciando-a de cima a baixo com o dorso dos dedos, como uma pluma.

Queria tratá-la com rudeza e descarregar sua ira, mas havia algo nos olhos esverdeados dessa garota que o impedia. Era como uma estranha inocência, como se houvesse uma ignorância negada premeditadamente sobre sua sexualidade, sobre o que era ela. E ele odiava tudo o que Miza representava, mas, ao mesmo tempo, chamava muito a atenção. Infelizmente, a garota fria tinha ido parar nas mãos de um vanirio sexualmente ativo que viveria para as trocas de seu companheiro. Aprenderia muitas coisas com ele. E ele a levaria ao limite uma e outra vez até que reconhecesse que era o que queria. Ele também sabia torturar. E a torturaria até fazê-la suplicar.

—Também me ensinaram a controlar minha cabeça, a manipular os corpos e reduzir o inimigo... —continuou ela. Um momento, o que estava lhe fazendo esse homem aí embaixo?

Tentou fechar as pernas à sua intrusão, mas não pôde. Seus quadris a impediam.

—Deixa de me tocar —espetou com frieza.

—Meu bem —disse enquanto deslizava o dedo do meio por seu sexo—, esteve alguma vez com um homem?

—Não é da sua conta. — mordeu o lábio quando notou o dedo instigador lhe roçando o clitóris. Escorregando de um lado ao outro.

—Sim é —grunhiu ameaçador— Vai estar comigo. Responda-me, maldição —a acariciou gentilmente.

—Por que quer saber? Isso fará que seja mais suave? —perguntou incrédula —Toma o que está desejando —grunhiu furiosa e cheia de rancor— Não vai me enganar, são todos iguais. Saqueiam e tomam sem permissão. Não importa que lhes digam não.

Cahal deu de ombros e, sem avisar, introduziu o dedo em seu interior; e não notou resistência alguma, mas sim uma grande estreiteza. Seu membro palpitou e derramou líquido pré-seminal.

Queria estar lá, impulsionando-se.

Ela abriu os lábios e gemeu ao notar a queimação. Esse homem tinha mãos grandes e dedos muito grossos, e...

—Não!

—Não?

—Não! — ela soluçou

—Só é um teste. Como pode ser que esteja tão apertada, benzinho? Deseja-me, sei disso. Deveria estar mais dilatada.

—Eu não gosto dos homens! Eu não gosto de você nem o que é! — Como iria gostar depois do que viu quando era pequena? Talvez ele não fosse um vampiro, mas era um homem e tinha presas. Não poderia suportar que ele a tocasse! — Me dá... Dá-me nojo! E isto será um estupro em toda regra se continuar. Os vanirios são assim? Então não se diferenciam dos vampiros em nada, e me alegra ter feito tudo o que te fiz no laboratório!

Cahal a olhou nos olhos, frágeis de prazer e desejo. Ah, essa jovem estava muito confusa. Como não ia gostar dele se era sua cáraid?

—Sou um vanirio. Somos guerreiros de honra criados para proteger os humanos. Mas acontece que você tentou me matar e ainda por cima trabalhou com aqueles que nos exterminam e que querem aniquilar a humanidade. Talvez eu não seja o melhor homem de todos, mas você tampouco é um exemplo como humana. Mas como, em meu clã, e sob nossa lei, exime-me de todos os pecados e de toda culpa. Posso fazer o que quiser com você. De fato, estou convencido de que o Conselho está desejando que acabe com você.

—Conselho? Exime? Acaso sabe o que isso significa, playboy? Vai fazer que eu vomite. — Melhorou esse aspecto intrépido de sua personalidade que a obrigava a dizer sempre o que pensava sem preocupar-se se seus comentários soavam ofensivos ou dolorosos aos ouvidos de outros. Em seu trabalho se inibiu muitas vezes, porque sendo amável e mostrando deferência as pessoas poderiam gostar mais de você. Mas já não ia fazer isso. Não tinha porque se dar bem com esse vanirio. E sua sinceridade era um traço de sua personalidade que morreria em plena atividade. Assim seria tão mordaz e honesta quanto pudesse.

—Acaba de me recordar a cáraid de meu brathair Caleb. Ela me disse o mesmo uma vez — sorriu e se admirou ao sentir um estranho calor temperado em seu peito. Era o calor da amizade. Fazia tanto tempo que não sentia nada por outros...

—Não sei quem é, mas seguro que é uma mulher muito observadora. Já me agrada.

Cahal sorriu sem deixar de tocá-la.

—Ela foi uma das que te interrogou. Posto que agora não se agrada tanto dela.

Miz apertou os dentes. Não. A interrogação não foi amável, nem muito menos uma das melhores experiências de sua vida.

—É uma cadela. A odeio —retificou, como se nunca houvesse dito o contrário.

Ele lambeu os lábios e assentiu.

—Assim você não gosta nem sequer um pouco? — sem avisar, introduziu o dedo até o nódulo e o curvou no interior. O clitóris da jovem se inchou e saiu ao exterior. Cahal olhou para baixo e sorriu— Você não gosta disto, meu bem? Está tendo uma ereção.

—Não — ela choramingou.

—É muito mentirosa. É capaz de dizer isso enquanto goza?

A ratinha de laboratório está assustada com seu corpo?

—É incapaz de fazer que eu goze —assegurou ela, caindo no jogo de Cahal — Ninguém de seu sexo conseguirá nunca uma resposta em mim desse tipo. Só me interessa as que não têm pênis.

Cahal levantou as sobrancelhas. A mulher acreditava que era lésbica? Essa garota não era lésbica.

Grande piada.

—Pois tenho pênis, bonita. E um enorme e preparado para você.

—Do tamanho de sua inteligência? Então foda uma boneca Barbie, que está feita sob sua medida. Embora talvez Ken tenha o dele maior que o seu.

—Ratinha, você não sabe o que sou capaz de fazer a este seu corpinho delicioso. É bem feita. Embora tenha pouco seio, mas... —deu de ombros, como se aquilo não fosse importante— Os seios são seios, afinal de conta. E acredito que sim — disse como se acabasse de decidir— Vou amassá-la entre as pernas tão duro e profundo, benzinho, que não poderá caminhar por uma semana.

Ela mordeu o lábio inferior e lutou contra um rebelde biquinho.

—Foda-se, monstro — Mas o que esse cara acreditava que era? Pelo menos não era um vampiro, mas era igualmente arrogante e manipulador. Utilizava sua beleza para ganhar terreno e seu tom de voz para atordoar, mas com ela não conseguiria o que queria.

Cahal ficou tenso, mas não se separou dela. Chamá-lo de monstro não era um galanteio, precisamente.

—Não é muito diferente de mim. Primeiro vou demonstrar que engana a si mesma.

Moveu o dedo com força em seu interior, rodando-o, tirando-o e colocando-o sem deixar de tocar o clitóris com o polegar. Sorriu ao ver que a pele da cientista se ruborizava e que suas pupilas dilatavam-se pela sensação.

— Nota a onda de calor?

—Não, não, não... Espere... —Respondeu, assustada ante as sensações. Com a mão do pulso enfaixado o agarrou tentando deter suas profundas arremetidas. Aquilo não doía, mas era muito contraditório e aterrador. Sentia que o ventre ardia e que os músculos internos de sua vagina se moviam involuntariamente. Pulsavam ao redor de seu dedo. Seu corpo estava louco— Por favor, pare.

—Não me suplique, nazista. Não vou dar trégua. — Começou a mover o dedo com mais ímpeto e energia, e a lhe esfregar o botão do prazer com mais insistência. Seus dedos se molhavam de fluxo.

Sua cáraid estava tão excitada que ia experimentar um orgasmo brutal.

— Sente isso? Nota meu dedo maior que o normal? É porque está inchada; todo seu sangue está se concentrando entre suas pernas. Imagina que em vez de meu dedo é outra coisa que está te enchendo? Algo que começa com *pê* e termina com *nis*.

Mizar lutava respirar, para manter o controle, mas foi impossível. Ia perder a batalha em um piscar de olhos. E o pior era que não só cedia ante um homem, mas sim ante um que fazia trocadilho com duas sílabas. Grande desgraça.

—Goze, garota. Goze bem forte —Cahal lhe rodeou a cintura com o outro braço, introduziu o dedo tudo o que pôde e o sacudiu, acompanhando o orgasmo da jovem.

Mizar gritou ao notar a explosão em seu interior. Sentiu-se tão derrotada que deixou que suas pernas se abrissem por si só, sem mostrar nem um pingo de oposição a essa mão instigadora que continuava estendendo seu orgasmo até limites dolorosos.

Não o entendia. Não entendia nada. Nunca esteve com nenhum homem; evitava-os. Não os notava. E agora, nesse momento, o homem que mais devia assustá-la, o pior, acabava de introduzir seu dedo nela e lhe deu um orgasmo.

Consternada e cansada, desviou o olhar esverdeado porque a envergonhava enfrentá-lo. A envergonhava inclusive enfrentar a si mesma. Sua alma e seu amor próprio tinham sofrido uma grande afronta.

—Ei, me olhe. — Cahal a atraiu pelo queixo e moveu o dedo em seu interior, para assegurar-se de que estava consciente do que aconteceu, para que sentisse que ainda continuava dentro dela, acariciando suas paredes úmidas, sua chorosa carne e sua área mais sensível— Agora já sabe que não pode me comparar com ninguém. Nunca gozou com um homem, verdade? —A garota não lhe respondia. Estava surpreendida e afligida— Eu não sou um cara normal. Não sou um homem comum, benzinho. Lembre-se disso. Não sei que tipo de paranoia tem na cabeça, mas nos encarregaremos disso. Juntos. Entretanto — a olhou de cima abaixo e estalou a língua—, agora está muito fraca para me receber.

—Repugna-me — cuspiu, tentando recordar a ela mesma— Odeio o que me fez. —sua voz tremeu pela indignação.

Cahal estudou a convicção de seu olhar. Sim, essa garota podia odiar a relação que teriam, mas cedo ou tarde cederia, porque ele não ia deixá-la em paz. Seria dele.

—Você e eu vamos ter uma longa relação, loira. Não vou matá-la. Não vou bater em você e nem maltratá-la. Estou zangado, desagradou-me e, entretanto, é minha, sabe? E não importa o quanto resista. É meu brinquedo. —Não lhe disse que era sua companheira, nem tampouco que ia convertê-la. Não merecia saber nada disso— Aceite isso.

Miz fechou os olhos para não ver os seus, tão azuis e vivos. Como podia acreditar no que dizia? Era uma loucura.

—Não sou seu brinquedo, imbecil. Não sou nada relacionado com você.

As palavras da jovem feriam. A vinculação seguia seu curso e as reações não se faziam esperar. Eles se pertenciam. E o que ele ia fazer e pensou fazer com ela ia doer, nos dois. Mas antes de voltar a estar com a cientista, tinha que fazê-la entender que a necessidade entre eles não era nada que se pudesse explicar, nada que se assemelhasse nem ao toque de uma mulher humana nem ao toque de um homem humano.

Era diferente. Superior. Divino.

—Ah, não? Negue o quanto quiser. Vou deixá-la uns dias para que pense —tirou o dedo de seu interior e o levou à boca para lambê-lo como um sorvete. Tinha um sabor tão bom que seu pênis tremeu de prazer. Morango suculento.

—Me deixará em paz? Não me tocará? —Estava chupando os dedos? Seu útero sofreu um espasmo.

Cahal sorriu com tristeza. Se ia deixá-la em paz? Essa garota ficaria desesperada por seu toque. Era um castigo merecido por tudo o que ele sofreu em suas mãos.

O melhor modo de fazer entrar em razão uma mulher que não acreditava no sentimento vanirio era que experimentasse a ausência dele, sua falta de contato, por mais doloroso que fosse.

Trocaram sangue, ele a tocou... Os laços se reforçavam, e os instintos despertavam com a força de um rio transbordado.

—Quando descer de novo, será capaz de arrancar um braço só para chamar minha atenção. A vontade de me ver e de me tocar a consumirão.

—Não sei do que está falando, mas, seja o que for, não espere que permaneça a seu lado. Tirarei minha vida muito antes. Não quero isto. Não quero estar a seu lado. Não quero —olhou a seu redor. — esta... vida — assegurou com desprezo— Isto não é vida... Prometo que não durarei muito com você. Não quero viver. — Sua vida não valia nada, só seus achados científicos, e não lhe importavam. Ninguém a esperava. Ninguém choraria por ela. Sacrificaria-se antes de humilhar-se a essa estranha relação; antes de compartilhar a vida com um ser que não gostava dela e que pensava que poderia manipulá-la como tivesse vontade. Lucius e outros a manipularam. Cahal tinha um rosto mais bonito, era belo, mas seu comportamento era o mesmo.

O vanirio se levantou da cama enfurecido por essa resposta. Mizar estava jogando uma olhada ao quarto subterrâneo para localizar algo com que pudesse acabar com sua vida. Essa mulher estava decidida a suicidar-se, e o druida não gostou em saber nada disso.

—Não deveria me dizer isso — cravou seu olhar ao meio de suas pernas, úmido e brilhante.

—Não tem poder sobre mim. É ridículo achar que tem — espetou, apoiando-se em seus cotovelos com dificuldade e fechando as pernas— Não sou uma descerebrada e sou muito mais inteligente do que pensa. Minha vontade é minha, não sua. Ensinaram-me a me defender de suas intrusões mentais.

—Claro, benzinho. O que você disser. —A ratinha nem sequer se lembrava de que já a obrigou a beber dele na ducha. Não o recordava porque ele apagou a lembrança.

—É tão vaidoso... Que se foda! —Odiava essas respostas que davam razão aos tolos. E também odiava ser desbocada, mas, o que importava ? Estava tão zangada pelo que tinham feito com ela, pelo modo como a enganaram, que só tinha vontade de ofender.

—Espere alguns dias, e você estará mais que disposta a fazê-lo. — Cahal abriu um pequeno armário embutido que havia na parede da escada que subiam ao andar de cima.

Tirou algemas recobertas de pele negra e se dirigiu a Mizar. Não ia correr o risco de que ela fizesse uma tolice. Não ia permitir que se ferisse.

—Nem te ocorra se aproximar de mim com isso — Miz não tinha forças para mover-se, pois estava cheia de marcas e hematomas, assim tentou arrastar-se pela cama até o outro extremo, afastando-se dele— Isso é o que utiliza para submeter os homens que leva à sua cama?

O druida abriu as algemas e se elevou sobre a jovem. Riu e negou com a cabeça.

—Acaba de me chamar de gay?

—Melhor sodomizador —respondeu friamente— Você gosta de soprar nucas.

Um músculo palpitou na viril mandíbula do vanirio. Era uma imprudente. Não entendia que estava em inferioridade de condições. Mas preferia vê-la briguenta a assustada e sem vontade de lutar por sua vida.

—Vai fazer parte de meu mundo —jurou ele— Mas morta não me serve de nada, por isso vou algemá-la à cama. Não quero que faça nenhuma tolice, não vou estar aqui para vigiá-la.

Não ia arriscar-se. A cientistazinha tinha que aprender a obedecer. Nunca a machucaria, mas antes de voltar a tocá-la precisava fazê-la compreender o que era que havia entre eles.

Era sua cáraid, ambos eram companheiros. E não encontrava um modo melhor de lhe demonstrar que essa vinculação não tinha nada a ver com as relações entre humanos. Ainda era humana, e o que estava a ponto de experimentar transbordava os limites da ciência a que costumava recorrer para explicar tudo o que não podia ser sentido. Era uma mulher empírica, e não havia nada melhor para fazer um empírico acreditar que obrigá-lo a experimentar.

As algemas fizeram clique ao redor de seus pulsos finos e as passou ao redor de uma das barras metálicas da cabeceira da cama. Ela o olhou com ódio e ele a analisou de cima a baixo. Miz nunca se sentiu tão vulnerável em sua nudez.

Cahal sorriu. Ia converter à humana. Seu corpo começaria a mudar, responderia a sua proximidade e desejaria cada centímetro que ele pudesse lhe oferecer. Talvez não reclamasse seu coração, mas a necessidade de seu corpo e de seu sangue ia tirá-la do sério.

Capítulo 2

Na atualidade Piccadilly Circus

Menw abraçava Daanna com a suavidade e a reverência daquele que sabe que tem o que mais prezava em sua vida entre suas mãos. A vaniria apoiou a bochecha sobre seu peito enquanto dançavam semidespidos na sala de sua casa em Piccadilly. *I shall believe* de Sheryl Crow soava em seu equipamento musical.

Fazia poucos dias que se comprometeram em uma festa que aconteceu na casa de campo de Ás, o líder do clã berserker; justo no mesmo dia em que apareceu Gabriel como líder dos einherjars e lhes explicou tudo o que aconteceu com o roubo dos totens dos deuses.

Gabriel, que uma vez foi um adorável humano, mortal e dócil, converteu-se em um importante guerreiro para Odin e Freyja, e comandava uma equipe formada por valkyrias e einherjars muito curiosa. Sua missão na Terra era a de recuperar esses objetos e, pelo que sabiam, já tinham conseguido recuperar o martelo ou Mjöllnir. Agora só precisavam resgatar a espada de Frey, Seier, e Gungnir, a lança de Odin, para que os jotuns e Newscientist não pudessem acelerar o Final dos Tempos.

Não obstante, os clãs de Black Country tentariam lhes dar uma mão, mas pouco podiam fazer, já que lideravam suas próprias batalhas em seus territórios.

Em Birmingham, a situação com nosferatus e lobachos se descontrolou: cada vez eram mais humanos que se viam tentados pela imortalidade e ao vampirismo, e o número de servos de sangue aumentava. Sim, Menw explodiu as sedes da Newscientists e tinham conseguido resgatar muitos reféns dos clãs em Capel Le Ferne, mas os preparar de novo para a guerra custava muito, e embora explodiram suas bases, não tinha desaparecido a organização, que trabalhava de outros pontos a partir de agora.

Os reféns, guerreiros imortais dos deuses, estavam feridos e receosos, e a ânsia de vingança os movia; e, infelizmente, a vingança cegava o guerreiro e não o deixava observar com objetividade. Precisavam recuperá-los plenamente para que se somassem à sua equipe, em vez de diminuir e expor a todos a perigos maiores.

Caleb e Noah viajaram à ilha de Man para recolher no Lynague Cave os reféns que a Newscientists tiveram em Chicago, e agora estavam todos juntos no RAGNARÖK. Aileen, Ruth, Rise e inclusive Daanna tentavam falar com eles e os fazer ver que estavam a salvo, que era a oportunidade de se curar e enfrentar a guerra sob outra perspectiva. Mas era uma árdua tarefa. E Daanna não podia recriminá-los em nada. Nem ela, nem ninguém.

E, entretanto, naquela sala, Menw e Daanna apreciavam um ao outro à margem do conflito e do caos. Esse era seu pequeno universo, um lugar no qual eram verdadeiros e nada podia lhes arrebatá-los a magia.

A vaniria sacudiu a cabeça e fechou os olhos enquanto ele passava as mãos por seus quadris e dobrava os joelhos para amassar os globos de suas nádegas, cobertas por atrevidas calcinhas vermelhas. Ele usava só uma cueca negra ajustada.

—Adoro tocá-la, princesa —murmurou, colando sua boca à sua garganta— Adoro te abraçar sabendo que carrega meu filho em seu ventre — passou a palma de sua mão quente por sua barriga ainda plana— Não tenho palavras para expressar o que me faz sentir.

Sim. Daanna e Menw iam ser pais de um menino muito especial que chamariam de Aodhan, que queria dizer “nascido do fogo”. E não havia dúvida de que nasceu do fogo de sua paixão; de um amor tão tormentoso que esteve a ponto de destruí-los, mas, ao mesmo tempo, um tão puro e autêntico que sobreviveu a dois mil anos de solidão, despeito e tristeza.

Ambos lutaram um pelo outro e ao final ganharam.

As coisas tomavam outro rumo. Daanna e Menw conheciam quais eram seus respectivos papéis naquele agravo dos deuses chamado Ragnarök, e seu pequeno bebê, que nascia coberto na crisálida do corpo daquela esplêndida mulher, era uma peça importante no possível desenlace do acaso universal.

A escolhida se pendurou em seu colo e passou os dedos por seu cabelo loiro. Amava tantas coisas dele... Tudo. Como não ia amá-lo depois do que ambos sacrificaram?

Nunca o deixou de amar, inclusive quando mais o odiava.

Puxou sua trança bicolor e guiou seu rosto até seus lábios.

—Eu gosto que me diga isso, *mo priumsa*.

Ele fixou seus olhos azuis claros naquela boca vermelha, feita para beijar e agradar. Os lábios de sua cáraid eram fascinantes. E seus olhos verdes elétricos inspiravam ao deus do pecado.

—Deixa-me sem respiração.

Ela se elevou na ponta dos pés e o beijou na boca. Amava fazer amor com ele. Sentia-se eufórica quando seus corpos se tocavam, quando suas peles falavam sua própria linguagem e suas línguas se uniam com tanta ansiedade.

Ela colocou seus seios a seu torso e acariciou seus braços tatuados com pulseiras sânscritas.

Uma tatuagem por cada século que passou sem ela, por cada aspecto que ele teve que trabalhar para não decair e entregar-se à escuridão. Daanna sempre chorava quando pensava nisso. Em seu Menw sofrendo tanto como sofreu.

—Aodhan está dormido —sussurrou Daanna, ficando sem ar quando ele passou seus dedos entre suas nádegas. Por ser vaniria, e ao tratar-se de um bebê tão especial como Aodhan, Daanna e Menw podiam comunicar-se com seu filho telepaticamente. Agora, o pequeno descansava, e a Escolhida queria aproveitar esse momento para seduzir seu companheiro e apagar o olhar de preocupação de seu rosto. Ao estar tão conectados a níveis emocionais, Daanna sabia que Menw pensava em seu irmão Cahal. Não tinha deixado de pensar nele desde que o druida partiu com a cientista da Newscientists. E já passou quase uma semana desde então.

—Bem —Menw sorriu e baixou sua calcinha com lentidão, sem deixar de observá-la. Ela tinha esse efeito nele. Quando a tocava, sua alma encontrava a paz que necessitava. Sua pele era um bálsamo para sua ansiedade.

Agarrou-a nos braços e se dirigiu à poltrona que havia na sala, em frente das amplas vidraças que davam a seu relaxante terraço e a uma inesquecível vista do Piccadilly.

Beijou-a como se fosse seu ar para respirar. Daanna gemeu, abraçou-o com força e colocou seus seios nus a seu peitoral.

Não havia nada melhor que fazer o amor com a pessoa que se amava. Ela deslizou a mão entre seus corpos e apoiou a palma em sua virilha. Olhando-o fixamente, deslizou-a dentro de sua cueca e agarrou sua dura e suave ereção.

Menw mordeu o lábio inferior, e agradecido por receber suas carícias, apoiou as costas no respaldo da poltrona, acariciando os seios, as costelas e as nádegas da Escolhida. Queria estar dentro dela já.

Daanna sorriu e tirou seu membro da restrição do tecido elástico e, com mais suavidade, fez o mesmo com seu testículo.

Ele grunhiu. Sua mulher era como uma pantera de cabelo negro e olhos incrivelmente verdes. Era discreta e elegante, mas também muito feroz com os seus. E estava tão apaixonada por ele que às vezes sentia vontade de chorar.

Daanna se colocou em posição; abriu bem as pernas, ancorando os pés na superfície macia da poltrona, e deixou cair seu corpo até empalar-se no de seu guerreiro. Abriu os olhos com surpresa e expôs suas presas. Menw levantou sua mão e penetrou um dedo na sua boca, a jovem respondeu mordendo-o e logo o sorvendo com doçura.

—Maldição, amor. Cada vez é melhor que a anterior.

Daanna não pôde responder. Sentia-o duro e profundo em seu interior. Ela estava suave e úmida para ele. Deixou que Menw a dominasse com suas investidas e sua paixão desenfreada. Seu príncipe das fadas a deixava louca.

Morderam-se e beberam um do outro, alimentando-se e entregando-se sem reservas.

Quando ambos gozaram ao mesmo tempo, Daanna abraçou Menw e o beijou na cabeça. Ele tinha o rosto enterrado em seu peito, e às vezes o beijava e o lambia com crescente abandono.

—*Mo duine*, Cahal é um guerreiro responsável — murmurou sobre seu cabelo. — Deve deixar que ele decida se aproximar de nós.

—Sente-se envergonhado por tudo o que sofreu nas mãos da filha adotiva de Cerril. O destino lhe trouxe sua companheira sob a forma de uma serpente —grunhiu lambendo uma gota de suor entre os seios de Daanna— Mas sou seu irmão, e ele deve aprender a apoiar-se em mim. Posso ajudá-lo. Não tem por que unir-se a alguém como essa vagabunda. As pastilhas Aodhan ajudam a...

—Não diga tolices —o cortou Daanna, passando os dedos pelo seu cabelo— Se é ela e ele já a tomou, será impossível que a rechace. Tampouco me convence a cientista. O torturou, mas também os ajudou no bosque de Tunbridge Wells. Por isso espero que seu irmão seja inteligente e decida o melhor para ele. Não pode ficar sem sua cáraid.

—Eu fiquei dois mil anos sem você —replicou ele.

—Não tinha bebido de mim, Menw — justificou ela com um sorriso de surpresa— As pastilhas são supletivas, não substitutivas. A ansiedade e a dor continuam lá, sob o efeito da química.

—Não quero que esteja com ela.

—Não vamos com sua cara, é verdade. Se por acaso não se lembra, atrevi-me a atirar uma flecha da Guerreira só para removê-la de sua perna. Acha que foi agradável? — perguntou arqueando as sobrancelhas— Não foi. Ruth me deu uma mão, mas nem sequer assim deixei de

sentir seus estragos. Senti uma dor insuportável, parecia que ia morrer — começou a rir quando ele tomou sua mão e beijou sua palma.

—Pobrezinha...

—Mas estava cheia de raiva dela e de Laila, e odiava que Cahal estivesse nas mãos de sua gente... Eu queria lhe dar uma surra. Nas duas — especificou— Tampouco quero que se prenda a ela. Mas é sua decisão. E a garota tem muita informação sobre a Newscientists. Tem que nos servir.

—Ela vai se transformar. Estará entre nós e não acho graça.

—A obrigará. E já veremos como vai reagir essa mulher.

—Espero que ele lhe dê uma lição. Não merece misericórdia. E espero que ela nunca se encontre cara a cara com Beatha e Gwyn, porque eles têm muita vontade de conhecê-la.

A inveja. A inveja era outro dos sentimentos, outra dessas emoções irracionais, que corroíam seu sangue desde que provou a loira. Sentir de novo, experimentar o despertar de seu ser emocional estava se convertendo em toda uma tortura.

Sim. Tinha inveja. Inveja de seu irmão Menw e do amor tão puro e autêntico que existia entre ele e Daanna.

Eles não sabiam que tinha ido visitá-los, e que agora estava em seu apartamento de cobertura do Picaddilly, no balcão, espreitando como um tigre, os vigiando como um autêntico voyeur. Ao menos não tinha visto todo o espetáculo e toda a sessão apaixonada de seus corpos entrelaçados; e melhor para ele, porque se tivesse vislumbrado um centímetro da pele nívea da Escolhida, seu querido irmão teria rachado seus ovos sem compaixão.

Não obstante, depois desse receio, depois desse ressentimento por ver um casal tão bem estabelecido e com uma aceitação total de seu desejo e sexualidade, também havia autêntica alegria. Seu querido irmão, o curandeiro, por fim limou as asperezas com Daanna McKenna, e agora estavam juntos.

Caramba, como mudaram as coisas em poucas semanas desde que o sequestraram.

Precisava ficar em dia. E, acima de tudo, necessitava que afastassem a necessidade de retornar a sua casa e converter essa loira insuportavelmente sexy em uma maldita peneira. Porque o que o gostaria de verdade era comê-la e acabar com o maldito martírio que obrigou ambos a experimentar.

A verdade era que, depois de intermináveis dias, precisava sair de sua casa e falar com alguém. A noite e sua escuridão lhe dariam a calma que necessitava.

O aroma daquele a mulher, seus gritos de dor e seu pranto... o estavam reduzindo a pó. Ele se prometeu não tocá-la até que a garota cedesse e entendesse que não agia nem em seu corpo nem em seu desejo. Eram companheiros, e os autênticos companheiros se desejavam com loucura; e mais depois de trocar o sangue, fato que ele não tinha nenhuma intenção de lhe revelar. Havia perdido a conta das vezes que se excitou e se masturbou colado à porta do seu quarto enquanto a escutava gemer e soluçar pela ânsia insatisfeita. Estava sendo duro para ela e

também para ele, e o castigo seria para os dois. Ao menos, ele podia acalmar-se com as mãos, mas não ela, porque seguia algemada à cama.

Cahal evitou o contato com seu clã porque não queria que ninguém influísse em nenhuma de suas decisões. Não queria escutar palavras benevolentes para sua companheira, nem tampouco palavras de redenção promíscua. Mas, pelo que acabava de escutar entre Menw e Daanna, eles estavam tão ofendidos como ele por tudo o que aconteceu.

Bem. As afrontas deviam cobrar-se. E ele as estava cobrando com prazer, e não queria ouvir nenhum sermão de ninguém. Além disso, precisava curar suas feridas, as que essa mulher que continuava algemada na cama lhe fez a níveis mentais e emocionais. Merda, o destroçou. O torturou sem piedade e riu dele, assim como achava que devia agir? Devia perdoar sem mais? O caralho! Não o faria. Miz era dele, e ela aprenderia a não voltar a tratá-lo assim.

Agora, todos queriam saber seu paradeiro. A cientista era uma peça chave para os clãs e estava em seu poder. Era dele. Sua para matá-la ou para lhe dar a imortalidade. Sua para castigá-la ou para perdoá-la. E ninguém ia interceder em nenhuma de suas decisões para com ela. Havia chegado a hora de pôr sua vida em ordem e de entrar em contato de novo com todos. E aproveitou o comentário de Menw sobre Gwyn e Beatha para entrar em cena e surpreender o casal de apaixonados.

—Asseguro-lhes que essa mulher não tem nenhuma vontade de encontrar-se com nenhum de vocês tampouco. — disse, entrando na sala com um sorriso de orelha a orelha, mas sem poder dissimular suas olheiras nem as leves rugas de sofrimento em seu rosto.

Menw cobriu Daanna com os braços. Esta gritou assombrada e Cahal cobriu os olhos com a mão.

—Cahal?! Não olhe! —Advertiu Daanna.

—Não vi que estão nus na poltrona! Juro!

—Merda! —Menw se levantou com Daanna, ruborizada até a raiz do cabelo — Vire-se, imbecil!

—Feliz em vê-lo também, brathair —Cahal se virou e lhes deu o tempo e o espaço para que pudessem cobrir-se. Daanna se cobriu com um robe de seda negra e Menw vestiu a calça. Sheryl Crow ainda continuava cantando, mas seu violão tocava as notas finais.

—Estão muito ternos, não? Prefiro Sweet Harmony. Let's come together, right n... — Cahal deteve sua canção ao sentir os braços ao redor dele: um caloroso abraço em grupo de seu irmão e sua cunhada.

Aquilo era muito estranho. Podia senti-los também. Podia receber suas emoções e entender toda a preocupação que ele os causou. A ratinha de laboratório não só fez que ele voltasse a sentir; seu sangue procurava que pudesse contatar e conectar com todos de novo, não só com ela. Saber disso o encheu de temor e de angústia.

Ao fim e a cabo, talvez se vivesse melhor sem emoções. Daanna se afastou com um sorriso tímido e Menw pigarreou, penteando o cabelo para trás.

—Onde demônios esteve? —O curador o olhou de cima a baixo. Usava uma camiseta branca por fora dos jeans, botas militares desgastadas e uma jaqueta de couro negra. Seu cabelo já não era longo, era muito curto, quase ao estilo militar. Parecia esgotado.

O druida deu de ombros.

—Em minha casa em Chrishal Common.

Chrishal Common estava localizado em Essex, perto de Langley, ao leste de Londres. Era uma área localizada umas centenas de metros acima o nível do mar. Era uma zona verde não metropolitana, cheias de bosques lotados de flores de lavanda e campinas inglesas.

Cahal tinha uma propriedade ali. Uma secreta que ninguém conhecia e que ele utilizava como retiro espiritual. Uma parte da casa estava construída sobre o bosque e as outras duas plantas estavam sob ele, embora dessem a espaços abertos de diferentes níveis. Menw nunca foi até lá, e Cahal sabia que seu irmão se sentia um pouco deslocado por isso.

Bom, começava agora que seus sentidos e sua empatia despertavam à vida.

Antes, nunca teria imaginado que alguém pudesse incomodar-se por algo.

—Em Essex? —perguntou Daanna olhando para Menw— Você sabia?

—Não —respondeu o curador.

Os vanirios tinham muitas propriedades, já que eram seres imortais que conseguiram adquirir muita riqueza ao longo dos séculos.

—Pensei que voltaria para Dudley —comentou Menw— Entrei em contato com seus centros de spa e meditação esperando que alguém me dissesse algo.

—Menw, ninguém me conhece. Não sabem quem é o dono da rede de spa.

Menw apertou os dentes.

—Procurei em muitas de suas casas, e não o encontrava. Não entrou em contato comigo nenhuma só vez.

—Pois estou bem, irmão —Cahal quis tranquilizá-lo— Tinha que me acalmar antes de vê-lo. Antes de vê-los —retificou, desculpando-se com Daanna. Observou o modo como o casal entrelaçava seus dedos— E me alegra saber que vocês por fim se entenderam. Demoraram um pouco, certo? Assim como... Dois mil anos — brincou ele sem lhe dar importância.

Daanna girou os olhos.

—Venha, sente-se. — o guiou até o sofá chaise longue— Nos conte como está. E seu bonito cabelo?

—O raspei. — Embora dissesse à loira que o rapou porque estava farto de que ela o arrancasse, a verdade era que fez isso em honra às suas “cabeças raspadas”. Todos esses homens e crianças vanirios que sofreram esses aberrantes maus tratos. Agora, ele era um deles.

—Também está bonito assim. — assegurou Daanna com sinceridade.

—Obrigado.

Ficaram em silêncio uns instantes, até que a vaniria voltou a iniciar a conversa.

—Ela está...? A loira...?

—Se encarregou da cientista? —perguntou Menw de supetão.

Daanna entortou os olhos e Menw pôs cara de não entender.

—Isso é o que queremos saber, não?

Cahal apoiou os cotovelos sobre os joelhos e cravou seus olhos azuis claros no chão.

—Eu estou bem —não lhes disse que na realidade se sentia transbordado por tudo o que estava experimentando nos últimos dias— E ela continua viva. É minha companheira. Não posso matá-la. Não vou matá-la.

Daanna assentiu e olhou para Menw com cara de “tenho razão”.

—Posso te dar as pastilhas. —sugeriu o curador.

Cahal sorriu e olhou seu irmão com admiração.

—Conseguiu, brathair? Conseguiu criar pastilhas contra a sede vaniria?

—Sim. São efetivas. Ao menos ajudarão a suportar a necessidade de beber dela e de...

Cahal sacudiu a cabeça.

—Não as quero. —Não o desagradava beber dela, queria voltar a fazê-lo. Seu problema residia na impossibilidade de separar a cientista, a sádica torturadora, de sua cáraid, a mulher indefesa que tinha presa no porão e que era sua companheira de vida. Não sabia como devia reagir diante dela. Tão logo tinha vontade de descer ao porão para fazer amor com ela e beber dela, como tinha vontade de estender sua tortura e fazê-la suplicar.

Passara séculos sem experimentar a contradição. Antes, vinha-lhe um pensamento à cabeça e ele executava a ordem sem julgar se estava bem ou não. Agora começava a recordar quão incômodo era hesitar.

—Devo solucionar isto por mim mesmo.

—Entendemos—disse Menw— Mas só quero que compreenda que tem outras alternativas antes de se prender a essa... Essa...

—Serpente? —apontou Cahal esfregando o braço esquerdo. A tatuagem que fez fazia dois dias já tinha cicatrizado plenamente.

—Sim —esclareceu Menw— Tem que pensar no que vai fazer com ela, Cahal. O Conselho Wicca quer conhecer o que sabe essa garota e terá que apresentá-la diante deles. Eles requisitaram. A petição é formal.

—Gwyn e Beatha estão desejando pôr as mãos nela, não? —perguntou entretido— Ouvi quando disseram.

—Não pode culpá-los —Menw cruzou os braços— De um modo direto ou indireto, ela esteve relacionada com a Newscientists. E o clã de Wolverhampton também quer conhecê-la.

—Minha garota é muito popular —Cahal piscou o olho para Daanna e se levantou do sofá— Seja como for, nada do que fizerem com ela será pior do que aquilo que estou lhe fazendo.

Daanna engoliu em seco e deu um passo para ele. Era uma guerreira e suportava a dor; mas também era uma mulher e, do mesmo modo que esteve contra seu irmão Caleb pelo que tinha feito com Aileen ao sequestrá-la, também se via na obrigação de advertir Cahal sobre a necessidade de não ser cruel nem violento.

—O que está fazendo?

—Nada na realidade. Na noite em que me libertaram troquei meu sangue com ela. Logo apaguei sua memória e agora está sentindo em seu corpo o açoite do desejo dos vanirios por seu companheiro. Eu também — levantou a mão e abriu e fechou os dedos como se os tivesse intumescidos— Também estou suportando como posso. Minha cabeça dói, tenho palpitações, os músculos tremem e minha pele formiga — e outras coisas que não ia mencionar.

—Não lhe deu de beber depois disso? —perguntou Menw muito sério— É uma humana ainda. Quer deixá-la louca?

—Sim. Ela foi uma ignorante todo este tempo —se justificou o loiro raspado— Se deixou levar pelos maus e foi para seu bando. Não o fez com pleno conhecimento, pois foi enganada durante muitos anos, mas acredito que a ignorância é um dos maiores pecados do ser humano. E também se deve castigar.

—Sobretudo se tiver sido você quem sofreu —murmurou Daanna em desacordo— Há vários dias essa garota está desesperada por você? Isso não lhe provocará danos cerebrais?

Menw negou com a cabeça.

—Não. Só a desequilibrará um pouco.

Daanna se angustiou ao imaginar o que sentiria uma mulher humana diante da energia e a dependência dos vanirios, e ao não poder cobrir essa necessidade.

—Estava sob um feitiço de Strike, sabia disso? —argumentou Daanna pondo a mão no fogo a favor da cientista — E Lucius ancorou ideias e lembranças em sua cabeça. Strike viu em suas adivinhações que ela era especial para a Newscientists. Manipularam-na. No quarto da fome, Menw utilizou os pontos *sipalki* com Laila, a outra companheira que trabalhava com sua cientista... A garota revelou tudo.

—O que Strike tinha visto —explicou Menw— era que você ia sucumbir a sua... *cáraid*. Lucius queria seu dom, queria você. Por isso a garota serviu de chamariz. Colocaram-na no Ministry of Sound na noite em que María e Ás se comprometeram e nos armaram uma emboscada. Você pôs os olhos sobre ela, seguiu-a e então o sequestraram.

—Como sabiam que íamos estar lá? —perguntou Cahal, pensativo.

—Margött. A berserker que queria emparelhar-se com Adam estava aliada com eles.

Cahal recordou aquela noite. Veio-lhe à cabeça o momento no qual Ruth chorou abraçada a ele. Gostava muito da Guerreira; era uma garota muito bonita e divertida, e ele se ofereceu para paquerar com ela para fazer ciúmes a Adam.

—Os dois...?

—Não —respondeu Daanna— Adam está muito apaixonado pela Guerreira —sorriu risonha— A vagabunda da Margött morreu. Ela... —mordeu o lábio inferior— Ela quis sequestrar Ruth e as crianças. Puderam escapar graças à intervenção de Gabriel, mas... Margött o matou.

—Gabriel? O humano? —Cahal abriu os olhos impressionado — Morreu?

Menw e Daanna fizeram ambos um gesto de pena.

—Sim. Faleceu. — explicou o curador.

—Merda... —Cahal passou as mãos pelo cabelo raspado— Que sacanagem — lamentava por ele. Era um humano dos que valia a pena.

—Estiveram a ponto de matar Ruth —continuou Daanna— Mas Adam e Noah chegaram a tempo e a salvaram, a ela e às crianças. Eles são importantes, Cahal.

—Os sobrinhos de Adam? Por quê?

—Adam é o Noaiti do clã berserker; e depois de todo o perigo passou, recebeu uma profecia de Skuld, uma das nornas. Fala do futuro e do papel que nos cabe.

—Qual é essa profecia?

Menw se dirigiu ao *chifonier* do salão e abriu a primeira gaveta. Tirou uma folha de papel e a deu para ele.

—Leia isto.

Cahal os olhou com curiosidade e se dispôs a ler o que tinha escrito no papel.

Sou Skuld, a voz de profecia, a voz que fala antes do dia.

Duas almas iguais e puras estão no Midgard. Duas bússolas. Ele descobrirá a abertura por onde se abrirão as portas do Ragnarök. Os jotuns por ali sairão. Ela poderá ver onde se encontra o deus jotun.

Cuidem delas, é sua salvação. Cuidar delas é sua obrigação.

Chegou o momento em que a velge desperte de sua letargia, só se deixar para trás sua dor. Na batalha final, uma alma recém-nascida poderá defender o Midgard, só se aceitarem os dons e os enganos.

O amor e o perdão abrirão os olhos das almas feridas, e o humano conhecedor de seu mundo ficará de seu lado. Só se o magiker expulsar o veneno que há em seu coração.

O deus dourado retornará e com ele na Terra chegará a vingança, só se os pecados dos pais forem perdoados.

Morrerão muitos. Viverão os justos.

Recordem que a luz só brilha na escuridão.

Chegou o momento da redenção e a rendição. Embora ninguém acredite, só os valentes se ajoelham.

—Que diabos é isto? — perguntou, esfregando o queixo.

—Já descobrimos alguns códigos —anunciou Daanna— As duas almas iguais e puras são duas crianças. Ela e ele, verdade? —falava-lhe como se fosse uma criança— Se trata de Nora e Liam. Liam vê pontinhos brilhantes em seus sonhos. Viaja astralmente e observa a Terra. A Terra está cheia de portais eletromagnéticos que esperam ser ativados, estão cheios de energia. Liam pode vê-los. Por isso a profecia diz que ele poderá ver o portal por onde se abrirão as portas do Ragnarök. E Nora vê Loki nos sonhos. Ela o localiza. Bom, não estamos seguros se vai até ele ou se trata de uma projeção dele ou de algo dele. Mas também vê os praticantes de seidr, entende?

—Sim. Continue.

—Ela desenha o que vê em sonhos. Tem muito talento. Graças ao dom de Nora encontraram Ruth em New Forest, antes que Strike e Lillian fizessem um ritual de morte com ela. Inclusive os pais de Ruth, que pertenciam a uma seita evangelista, eram participantes ativos desse ritual. Mas ao final, entre todos, salvaram-na. E, graças a Nora, puderam averiguar onde vocês estavam: em Capel Le Ferne. Ela me desenhava em uma encosta, olhando várias cabeças raspadas que saíam de detrás das rochas. E às minhas costas desenhava uma sombra longa: era Hummus. Nora detectou Hummus, por isso pôde me descobrir nessa imagem. E graças a Nora, enquanto alguns ficaram em Tunbridge Wells lutando contra os clones, Menw se dirigiu a Capel Le Ferne. E o resto já sabe. Ele me resgatou, o resgatou e... — Olhou seu companheiro com adoração.

—Lindo. Vou chorar —grunhiu Cahal— Assim os gêmeos são uma pedra angular.

—A sua maneira, sim. — assentiu Menw.

—E... A velge? —perguntou o druida fazendo suposições. Olhou para Daanna— Deixe-me adivinhar.

—É minha cáraid —respondeu Menw orgulhoso— Ela é a Escolhida dos deuses. Detecta membros dos clãs que estão dispersos pelo mundo, longe de nosso contato. Graças a seu dom avançamos muito e estamos conhecendo muitos guerreiros novos. Viaja no tempo.

—Você viaja no tempo? —repetiu Cahal surpreso.

—Viajo — confirmou ela, levantando uma sobrancelha vaidosa.

—Porra...

—Sim. Minha cáraid se desloca no tempo e espaço e se apresenta aos guerreiros. Costuma fazer isso quando está em um estado de relaxamento profundo. A primeira vez que viajou no tempo foi até Chicago. Ali conheceu Miya, um vanirio samurai, e através dele entramos em contato com os clãs de vanirios e berserkers de Chicago e Milwaukee.

—Alucinante...

—Ele me deu uma katana. Sabe? —acrescentou Daanna orgulhosa — Posso levar coisas dos lugares de onde viajo no tempo. Só tenho que agarrá-lo entre minhas mãos.

—Invejo muito seu dom —assegurou Cahal— Eu adoraria que trouxesse algumas coisas.

—A segunda vez viajou para a Escócia —Menw passou seus dedos pelo longo cabelo azeviche de Daanna— Ali havia um homem chaamado Ardan, um highlander.

—Vanirio também?

Menw e Daanna sorriram.

—É um einherjar —respondeu Daanna arqueando as sobrancelhas.

—Um einherjar? —Cahal aumentou os olhos— Um einherjar de Odin? Odin fez descer seus einherjars? Já?

—Sim, isso parece —afirmou a Escolhida— Ardan tem um grupo de vanirios, einherjars e berserkers sob seu comando. Ele me disse algo que foi a chave para tudo o que veio depois. A terceira vez que me desloquei no tempo — recordou nervosa—, fui em busca dos guerreiros que me pediam ajuda, não sabia quem eram, mas me apresentei a eles. Eram as crianças dos clãs que estavam sequestradas em Capel Le Ferne. Com você.

—Por isso estava lá? —inquiriu Cahal — Você os tirou de lá. Estavam...? Estavam muito mal? —A ansiedade o corroía. Às vezes os sentia, como os sentiu em seu confinamento. Todos os dias. Ainda ouvia seus gritos.

—Não, não estavam muito bem, Cahal. Mas são crianças fortes, alguns deles adolescentes, e estamos os ajudando a recuperar-se — explicou Menw tentando tranquilizar seu irmão.

Cahal fez um movimento de acordo com a cabeça. Necessitariam de muita ajuda. E ele estava disposto a dar uma mão no que precisassem.

—O que foi que te disse o highlander, cunhadinha? —apoiou o quadril no respaldo do sofá de pele branca— mencionou que te disse algum código para o que aconteceu depois.

—Ele me disse que conheceu Engel.

—E quem é esse?

—O líder dos einherjars de Odin. Conheci-o em minha quarta viagem, durante o baile de máscaras que organizamos em Wiltshire, na casa de Ás. Menw e eu nos comprometemos de novo.

—De novo? Ora, passaram dois mil anos comprometidos.

—Bom, pois fizemos uma reafirmação de nosso compromisso. De acordo? —Daanna tinha um olhar brincalhão em seus olhos verdes— Estava dançando com ele no jardim, e relaxei tanto em seus braços que me desloquei no tempo. Viajei de novo até Chicago e de repente cheguei a um quarto de hotel e nele se achava Gabriel.

Cahal teve um espasmo ocular. Levantou o dedo indicador.

—Perdão. Gabriel estava morto, não?

—Sim, cunhadinho — Daanna estava se divertindo muito revelando toda a informação a seu adorado cunhado— Mas em seu enterro, desceu uma valkyria dos céus, agarrou-o nos braços enquanto a pira ardia e o levou ao Valhal.

—E perdi tudo isso... —assobiou com tristeza— E essa valkyria o levou ao Valhal e... o que aconteceu? Tirou um número e foi escolhido para ser o líder dos einherjars?

—Não. Gabriel sacrificou sua vida para salvar Ruth e os sobrinhos de Adam. Ele lutou corajosamente e se pôs de nosso lado. Odin necessitava de um líder assim, alguém que, desinteressadamente, entregasse sua vida em troca da causa. Um sacrifício em nome da humanidade. E por essa razão o deus Aesir o recrutou como líder de seu exército.

—Então, o príncipezinho é um imortal —o druida amarrava os pontos — E que fazia Gabriel no Midgard?

—Agora vem o forte — assinalou Menw com o olhar coberto pela preocupação — Alguém abriu um portal na Terra e subiu ao Valhal. O intruso se fez passar por Freyja e roubou os totens mais apreciados dos deuses: o martelo de Thor, a espada de Frey e a lança de Odin. Este fez descer uma representação de seus guerreiros, liderados por Gabriel, com o objetivo exclusivo de recuperar os objetos para que não adiantassem o Ragnarök. Com Engel viajam três valkyrias, uma delas sua companheira. Chama-se Gúnnr e é filha de Thor.

—Vejam só o Cachinhos Dourados... Não perdeu tempo —acrescentou assombrado.

—Já recuperaram Mjöltnir e, pelo que sabemos, estão na Escócia atrás dos passos de Seier e de Gungnir — Menw tentou não sorrir ante o comentário de Cahal. Bem sabia que Daanna não gostava que ninguém se metesse com Gabriel— Faz alguns dias, Caleb e Noah foram ao encontro dos reféns dos clãs que resgataram de Chicago. Estavam em Lynague Cave, na Irlanda. São guerreiros que jamais vimos, Cahal. Trouxeram-nos aqui para que nós cuidássemos deles e os ajudássemos a se curar enquanto Gabriel e os demais se concentram na busca dos totens.

—Esperamos notícias deles em breve.

—Não se aborreceram em todo este tempo, não é? —disse Cahal, impressionado por todas as notícias que escutou— Passei um pouco mais de um mês desligado de tudo e me encontro com todas essas notícias. Valkyrias, einherjars, cachinhos de ouro ressuscitado...

—O tempo se acelera —explicou Daanna—, e Loki e seus jotuns fazem o possível para nos desestabilizar. O que está claro é que tem em suas mãos uma mulher que era importante para Lucius e que sabe algo que nós desconhecemos. Está em seu poder averiguar o que é; e quanto antes soubermos o que descobriu, muito antes poderemos nos adiantar aos passos da

NewsScientists e de Loki. Faça com que a garota fale. E considere que a enganaram. Não fez o que fez por prazer.

Não iram convencê-lo a respeito de Miz. Eles não estiveram em suas mãos enquanto o abria e o rachava como a um bife. Não sentiram o que ele sentiu ao ver que sua cárid o torturava e o maltratava desse modo. Sim. Ela era importante e precisavam dela e ele ardia em desejos de saber o que era isso tão valioso que ocultava. Mas conseguiria segundo seus métodos. Ninguém ia interceder em suas decisões.

—Não me importa — respondeu cortante — Guarde sua misericórdia. Recordo seu sorriso enquanto me torturava. Não viu que eu era diferente.

—A ensinaram a não ver. — desculpou Daanna, tentando suavizar o rancor de Cahal pela cientista.

—Era minha companheira. Tinha que me sentir! — bateu no peito, e ficou assombrado de sua reação temperamental.

Daanna o olhou compreensiva.

—Sei, Cahal. Por isso o entendo também. A única coisa que peço é que não lhe cause um dano que custe reparar. —rogou a jovem— Se são companheiros...

—Somos.

—..., terão que viver juntos e se entender.

—Eu sou um anjinho — assentiu ele meio em brincadeira, recuperando-se de sua anterior resposta.

—Comigo não terá problema —deixou cair seus furiosos olhos azuis sobre Menw, o advertindo que não fizesse mais nenhum comentário a respeito do tratamento que devia dispensar a sua mulher.

—Eu estou com você, brathair. Não me olhe assim — levantou as mãos em sinal de desarmado — Averiguou algo sobre o que ela sabe? —perguntou Menw, estudando o comportamento de seu querido irmão recém-recuperado.

—Essa mulher é uma espécie de Albert Einstein sexy e com pernas intermináveis — guardou a folha da profecia no bolso traseiro do jeans— É superdotada. Diz que encontrou uma fórmula muito importante, mas que ela mesma a protegeu de tudo e de todos.

—Por que fez isso? Começava a desconfiar daqueles com quem trabalhava? —perguntou Daanna interessada.

—Não. É muito ciumenta de seus descobrimentos e de seu trabalho. Fez isso por não pôr em perigo sua própria descoberta. Ela mesma se proibiu de ver a fórmula final... Mas tem que estar relacionada com a abertura de portas dimensionais.

—Sim, isso mesmo nos comentou durante seu interrogatório na caverna da fome — Daanna sentiu uma leve espetada de culpa.

—Esta noite vou fazer a segunda troca —revelou o druida abotoando a jaqueta de pele— Ela não sabe o que vai passar. Vou convertê-la, e vai ser minha. Avise a todos os membros do Conselho Wicca, Escolhida. Amanhã quero que me informem sobre tudo o que aconteceu, preciso me pôr em dia. A garota me acompanhará.

—É responsável por ela, irmão. Beatha e Gwyn estarão lá — avisou Menw—Daimhin e Carrick foram torturados por eles, assim como outros guerreiros, crianças, homens e mulheres que havia sob os túneis de Capel Le Ferne. Espere um recebimento muito hostil, Cahal. Terá que se posicionar.

Daanna assentiu e rodeou a cintura de Menw com um braço.

—Todo o clã está zangado com a Newscientists, e essa mulher é o objeto de toda a ira — sussurrou Daanna — Se ao final ela decidir ficar, terá que deixar claro quem é ela para você.

—Farei. Não tenho mais saída —assegurou Cahal dirigindo-se ao balcão. Seu sangue a reclamava e, além disso, sentiu-se um tanto angustiado sobre o comentário de Daanna sobre os danos cerebrais que podia sofrer sua “algemada” cáraid. Ela era uma mente brilhante com braços e pernas. Não se podia estragar tanta inteligência— Um momento —se girou para olhá-los por cima do ombro— A profecia menciona uma alma recém-nascida, um humano sabedor de nosso mundo, um magiker e um deus dourado. Sabemos de quem se trata?

O casal negou ao mesmo tempo com a cabeça.

—Só sabemos quem é a alma recém-nascida — Daanna cruzou suas mãos e as colocou sobre seu ventre. Levantou uma perfeita sobrancelha negra para ver se Cahal entendia seu gesto.

—Como sabem se é uma alma que não nasceu ainda? — Cahal franziu o cenho.

Menw sorriu. Daanna olhou para Menw e mordeu o lábio inferior com emoção.

—A alma recém-nascida é um ser especial —Menw elevou o queixo com os olhos brilhantes e com um orgulho difícil de dissimular— Um ser que esperou dois mil anos para que seus pais se redimissem e se rendessem ao amor e ao perdão. É uma alma única que, inclusive Freyja, quis reclamar. Chama-se Aodhan —pôs sua mão enorme sobre o ventre plano de sua mulher —, e é nosso filho. Seu sobrinho.

Cahal engoliu em seco e não pestanejou. Seus olhos foram da barriga de Daanna, à mão de Menw, e daí ao rosto de ambos alternativamente.

—Vou ser tio?

—Sim —disse Daanna sorridente e limpando uma pequena lágrima rebelde dos cílios — E vai ser o melhor.

O druida pigarreou. Seu irmão se aproximou dele e lhe pôs uma mão carinhosa e também segura sobre sua nuca.

—Me escute. É meu irmão. E senti muito a sua falta. Alegra-me saber que está bem, mas quero te recuperar completamente, Cahal. Aodhan precisa do seu tio a seu lado. Ele precisa de você para que o ensine os segredos da magia e do espírito da natureza, algo que só uns poucos escolhidos conhecem; e precisa também para que o proteja. Protegemo-nos entre nós, a família se protege. Cuida de nós, e nós cuidaremos de você —o loiro de cabeça raspada assentiu a modo de promessa— Você é de meu sangue, é meu. E eu o amo, cara. —abraçou-o com força, mas Cahal ficou estático, todo rígido, sem saber como responder.

Menw o entendia. Devia estar bloqueado por muitas razões

—Cure-se. Utiliza o sangue de sua cáraid para que o cure e cure sua alma. E volta conosco cem por cento — o olhou fixamente, juntou sua testa à dele, e lhe deu uma bofetada carinhosa na

mandíbula — É o puto druida. Não há ninguém mais poderoso em nosso clã. Só você. E te asseguro que sentimos muita falta dos seus dons. Vai recuperá-los?

Cahal piscou. Sentia os olhos úmidos e uma angústia estranha no peito. Menw sabia que com o tempo os perdeu?

—Estou nisso —respondeu com voz rouca. Afastou-se do curador, como se a situação o incomodasse, e voltou a subir a grade do terraço. Não olhou nenhuma só vez para trás.

—Bem. Assim eu gosto. Sorte, brathair. —Menw elevou uma mão em sinal de despedida e observou como seu irmão saltava ao vazio e elevava o voo na noite escura.

—Está perdido —assegurou Daanna com tristeza— Não o quer admitir, mas está perdido.

—Sei —Menw a abraçou com força e ficou olhando o pequeno ponto que era agora o corpo de seu irmão entre as nuvens.

Cahal era um druida cheio de poder. Era um homem cheio de magia. E fazia séculos que Menw não via esse brilho cheio de interesse que agora rodeava seus olhos. O descobrimento de sua companheira o estava transtornando, mas também o ressuscitava; porque se havia algo que Menw sabia sobre seu irmão era que, embora tentasse fingir o contrário, durante dois mil intermináveis anos Cahal esteve tão morto em vida quanto ele.

O ataque de sua torturadora mudava as coisas, e nem Menw nem Daanna sabiam se aquilo era para o bem ou para o mau. Só o destino o diria.

Capítulo 3

Loucura.

Desespero.

Eram dois termos que bem podiam definir o que a cientista estava experimentando desde que “o loiro de cabeça raspada filho de uma grande puta” a deixou algemada à cama e partiu.

Ela, que sempre foi uma mulher racional e pouco dada a deixar-se levar pelas situações extremas; ela, que sempre acreditou ter um controle meticuloso de sua própria vida e, sobretudo, de suas emoções; agora, ela, essa mesma pessoa que acreditou que era, estava sentindo um desejo fora do comum. Uma necessidade febril e dolorosa pelo incoerente contato de seu próprio carcereiro.

Como podia ser? Quantas horas estava ali? Quantos dias?

Perdeu a conta das vezes que despertou chorando, com o corpo em chamas, a pele dolorida e vermelha por causa do bombeamento desesperado de seu coração, de seu próprio sangue, que rugia por que algo a apaziguasse. Sentia-se como uma manada de cavalos trotando desesperados e sem nenhum controle; sem ninguém que a guiasse, sem um líder que a domasse.

Quando começou esse calvário físico, lutou por analisar fisicamente o que acontecia com seu corpo. Ela não bebeu sangue dele; disso estava convencida, ou do contrário se lembraria, não?

Além disso, seria algo que ele apreciaria muitíssimo, jogar isso em sua cara, torturando-a, assim era impossível que não recordasse esse momento. No entanto, os sensores de sua língua, as papilas gustativas, detectaram um sabor metálico, um gosto posterior persistente que ainda podia saborear. Podia ser seu próprio sangue, porque a tensão a que estava submetida fazia com que apertasse os dentes e a mandíbula, e talvez, devido a isso, suas gengivas sangrassem um pouco depois de tanto estresse. Podia ser isso?

O homem desceu algumas vezes para que ela pudesse fazer suas necessidades — poucas — e para instigá-la. Trouxera comida, mas ela o enviou diretamente à merda. Não tinha fome! Queria outra coisa, algo que acalmasse o fogo em seu interior.

Somente bebeu água, porque tinha sede, mas tampouco a satisfiz muito. Enquanto ela dava uns goles, observou fixamente seus olhos e ele em nenhum momento afastou o olhar. Ao contrário; Cahal, tão alto, forte e orgulhoso, tinha sorriso e dissera alguma coisa em gaélico:

—Beil aid a’ taitinn riut, mo dolag? Está gostando, minha bonequinha? — sussurrou.

Acariciou sua bochecha e lhe retirou uma mecha de cabelo loiro do rosto.

Miz, incompreensivelmente, encontrou-se movendo a cabeça para procurar mais carícias daquela mão. O melhor desse estado e desse estranho frenesi era a perda total da vergonha e da coerência. Submetia-se e ponto. Mas continuava sem entender a que estava se submetendo. Qual era a necessidade primitiva de seu corpo, convulso e implorante?

—Se estou gostando do suplício? O que você acha, tarado com presas? E não fale comigo em gaélico, *duine diablhlaidh*. Homem do diabo. Já te disse que eu não gosto — Não gostava porque acreditou que era a língua original dos antigos vampiros. Agora se perguntava: como acreditou cegamente naquela estupidez?

—Claro... — murmurou ele —Mas a falará. Falará minha língua comigo quando estiver tão dentro de você que me sinta até no estômago.

Ela gemeu. Isso não aconteceria. Para sua vergonha, seus mamilos se arrepiaram e endureceram. Por que teve que deixá-la nua e necessitada? Assim sentiria que teria mais poder? E, por que ele não tirava a maldita roupa?

—O que fez comigo? Acabe com isto, por favor... — conseguiu perguntar enquanto elevava os quadris e soluçava devido à tristeza e à insatisfação. Se não tivesse as algemas, puxaria seu próprio cabelo e rasgaria sua pele.

Não obstante, depois daquela pergunta ele se foi outra vez, deixando-a só e isolada. Segundo sua percepção, passaram-se dois dias mais, até que retornou gloriosamente nu, como um deus grego e desavergonhado. Maldição. A luz no quarto circular continuava sendo muito escura e não podia vê-lo bem, mas o cheirou. Cheirou algo pela primeira vez.

Algo que antes não estava ali ou que ela não pôde detectar. Tratava-se de um aroma de canela. A canela era afrodisíaca máximo. Isso a fez pensar que, ao menos, deu-lhe uma substância desse tipo sem que se desse conta e, por esse motivo, sentia-se palpitante e úmida. Uma substância de canela destinada a avivá-la e fazê-la desesperar. Estava inchada, excitada e necessitava que alguém enchesse seu vazio interior.

Talvez jogara algo na água. Depois dessa conclusão, tomou a decisão de não beber nada mais que lhe trouxesse.

Cahal, nu, a devorou com os olhos azuis e brilhantes. Tinha olhos mágicos, com manchinhas interiores que brilhavam como estrelas. Ela podia contemplá-los horas e horas sem cansar-se.

Mas o mais demolidor não foi o olhar. O realmente impactante chegou quando ele agarrou o que tinha entre as pernas e se masturbou com as duas mãos diante dela.

E ela não encontrou forças para retirar o olhar. As sombras ocultavam sua ereção e não podia observá-la como queria.

—Preciso estar dentro de você —tinha grunhido ele— Estou me matando com punhetas por sua maldita culpa. Estou sofrendo tanto quanto você — realmente parecia torturado, e suas palavras soavam atormentadas e verdadeiras— Mas precisa experimentar isto, bruxa. Merece cada minuto deste castigo.

A cientista não ia duvidar de que ele sofria. Por que sofria? E pior ainda, por que sabia que ele sofria? Pois, exatamente, desconhecia a razão. Entretanto, ela sofria mais. Isso com certeza. Fechou os olhos, apertou os dentes e deixou que o aroma de canela se colocasse sob sua pele.

Por Deus, se até parecia que a estava tocando com as mãos. E sabia que não era assim: estava imobilizada na cama, doíam-lhe os ombros, os braços e os pulsos. Seu corpo era uma panela de pressão. Precisava explodir, receber um alívio ou qualquer coisa que a fizesse descansar durante alguns segundos. Algo para repor-se e lhe dar uma nova trégua para aguentar aquela tortura que estava submetida. Era tão cruel.

Merecia isso? Com certeza que sim. Lá, em Capel Le Ferne, havia crianças de outras raças.

Crianças... Indefesas; e ela, graças a sua ignorância, fez parte indiretamente de seus maus tratos.

—Foda... — gemeu Cahal movendo as mãos mais rapidamente— Não posso mais...

Saiu do quarto a tropeções, e aquela foi a última vez que o viu. Ela começou a chorar no momento que ele voltou a desaparecer. Não queria que a deixasse sozinha ali outra vez. Bom, só e com todas essas sensações que estavam varrendo sua mente e sua razão. Ia ficar louca. A escuridão, a imobilidade e aquele vazio emocional que sentia a afetavam de maneiras que nunca imaginou.

Quando Ruth cravou aquela flecha na sua perna, sentiu-se terrivelmente mal, como se encontrasse frente a um espelho que mostrava todas as carências de sua alma.

Mas agora... Não, amigo. Agora era um sentimento de perda absoluta que beirava à depressão. A sensação era a de ter tido algo que a completava ou complementava a perfeição e, de repente, sentir essa valiosa perda. Como se lhe faltasse uma parte de seu corpo. E se negava a acreditar que aquela perda estivesse relacionada com o vanirio.

Não o conhecia em nada. Não era terno nem amável. Não era suave. Era ameaçador, saído do próprio fogo dos infernos e, outro detalhe insignificante: era um homem. Portanto, era impossível que sentisse algo por ele e, seja o que fosse, tinha sido provocado.

O loiro se meteu em sua cabeça e estava manipulando seus hemisférios e seus sinapses para criar uma sensação de dependência nela.

Não havia outra explicação possível.

Fez alguma coisa com ela e a queria converter em uma drogada. Primeiro a faria experimentar a dor e o sofrimento e logo, provavelmente, daria-lhe algo que a fizesse desaparecer e que a elevasse a uma espécie de limbo extasiado. Aí se criaria a dependência e ela nunca poderia se livrar dele.

Dependeria dele durante toda sua vida e lhe aconteceria as mesmas coisas que aconteciam com os vampiros. Em Tunbridge Wells, o irmão de Cahal, um homem muito atraente e muito inteligente, assegurou-lhe que Lucius não a transformou porque era útil para ele. O vampiro se convertia em um animal com um único impulso: beber sangue. Seus cérebros mudavam e produziam mudanças importantes e fisiológicas neles, até perdiam a capacidade de raciocinar, a capacidade e a inteligência pelo caminho. E ela, sem seu cérebro, não era ninguém. Por isso Lucius não a matou nem transformou. Necessitavam-na para suas investigações.

Mas nesse preciso momento, estava nas mãos de um homem que podia convertê-la a qualquer momento em um desses seres criminosos sem vida. Ao menos não era um vampiro, de acordo. Mas, sem dúvida, assemelhava-se a um deles. Lucius era igualmente muito inteligente. E isso queria dizer que, entre aquela espécie, podia haver mestres originários, e logo seguidores — humanos doadores e aspirantes a vampiros —, que eram convertidos e que se transformavam em meras marionetes. Os inteligentes e brilhantes, e os não inteligentes.

Não queria ser uma descerebrada. Não podia permitir. Seus conhecimentos deviam ficar em um lugar seguro porque trabalhou muito para isso. E esse homem loiro que a sequestrou não apagaria tudo com uma mordida. Nem pensar.

Lucius não a suportou. Cahal tampouco poderia.

Odiaria-o por toda vida. Por fazê-la se sentir impotente e fraca. Por expor sua vulnerabilidade e rir dela. Por fazer que o desejasse como uma possessa. E por querer arrebatá-la do que o mais valorizava: sua cabeça.

Entretanto, a porta se abriu. A loira cravou seus olhos esverdeados e dourados nas escadas. Umas longas pernas embainhadas em jeans, com as barras colocadas dentro de botas militares Armani desbotadas, desceram os degraus lentamente. Quando ele ficou recortado pela luz da entrada, escuro, grande e intimidante como nunca, com sua perfeita cabeça raspada, olhando-a com aqueles olhos mágicos e cheios de feitiços, a mulher deixou de refletir. E todas essas convicções de ódio eterno se debilitaram quando seu corpo e seu coração dispararam ao vê-lo de novo. O que disse sobre lutar contra ele?

A porta se fechou sozinha mediante uma clara ordem mental do vanirio. Ele acabou de descer as escadas, aproximou-se dela e se colocou aos pés da cama. As botas ressoavam ameaçadoras sobre o piso, como o ritmo e o som da morte.

A jovem soluçou e serpenteou lutando para libertar-se das algemas. Precisava fugir; não podia enfrentar esse desejo tão humilhante. Mas ele estava aqui. Estava aqui e era incapaz de deixar de olhá-lo!

O loiro de cabeça raspada tirou a jaqueta negra e a deixou cair ao chão. Estava decidido a lhe fazer algo. Diziam-no seus músculos, seu corpo em tensão e aquele relampejar diabólico de suas presas superiores.

A cientista negou com a cabeça e suas pupilas se dilataram pelo frenesi que experimentava, e também pelo medo de perder o controle. Estava perdida.

Aquele homem era o demônio.

Ela era sua presa.

E esse quarto se converteu no próprio inferno.

Cahal tirou a camiseta branca. Seu corpo não deixava de tremer. Tinha decidido que o castigo da jovem finalizaria nesse momento. Ao menos, a primeira parte.

O esbelto corpo da mulher estava coberto por uma fina camada de suor que fazia que brilhasse e marcasse todas suas deliciosas formas. Seu corpo, longe de ser explosivo, era sensual, delicado e esbelto, suave e com sutis curvas onde devia haver. Seus seios eram adoráveis e ele somente pensava em comê-los e dar dentadas. O cabelo loiro, embora estivesse um pouco emaranhado, brilhavam como o sol, inclusive com o pouco reflexo lunar que entrava pelas janelas que davam ao bosque noturno interior de Crishal Common. Tinha os olhos inchados de chorar, os longos cílios úmidos e o olhar cheio de pura lascívia.

Um contraste que estava a ponto de fazer que gozasse como um garoto inexperiente.

Sua superdotada e maligna cáraid.

Deuses, como o olhava. Seguramente, a cientista não era nada consciente da expressão de seus olhos, mas era a nova imagem do pornô. Sua mente, pelo contrário, seria um fervedouro de contradições, mas Cahal já contava com isso.

Sua inesperada cáraid era racional e inteligente, além de bela, e esteve procurando todas as explicações possíveis para o que lhe estava acontecendo. Ele, que estava em sua cabeça, descobriu-se sorrindo ante algumas de suas ideias, admirando outras e franzindo o cenho para outras. Porque ele não era nem filho do demônio, nem filho de uma puta, nem um híbrido entre um anão e uma imbecil e, nem muito menos, um descerebrado macho caprino com um pênis a ponto de rasgá-la.

Ele era seu duine. Seu homem. Mas estava zangado e aborrecido; e com uma mulher tão poderosa intelectualmente, o melhor era fazer as coisas rápidas e sem lhe dar opção de apresentar batalha nem resistência.

Ela entenderia sua relação. Desejaria-o e, com o tempo, amaria-o. Mas Cahal precisava reabilitar-se, e precisava convertê-la em vaniria. Primeiro, para lhe dar uma lição. E, segundo, para não deixá-la partir jamais. Já tinha o plano estudado.

Precisavam um do outro, e ele era um homem fácil de se tratar. Certamente se dariam bem.

Todas as mulheres o desejavam, e ela não seria exceção, porque tinha encanto. Encanto vanirio em abundância.

Com essa ideia, desabotoou o jeans e os deslizou por seus quadris. Podia cheirar seu medo e também o quão quente estava.

Ela engoliu em seco e apertou as pernas, mas os mamilos se arrepiaram.

—Vai me violentar agora? —perguntou, tentando ocultar sua vulnerabilidade. Cahal negou com a cabeça enquanto tirava as calças com dois movimentos de pernas.

—Vai me matar?

—Não. Já falamos disso. Preciso de você viva.

Como Lucius, pensou. Engoliu em seco.

—E... por que está tirando a roupa?

—Vamos tomar banho.

Foi ela quem negou com a cabeça dessa vez. Esse homem queria desequilibrá-la? Tomar banho? Iam tomar banho?

—Explique-me isso. — ordenou de repente, gemendo e mordendo o lábio inferior. Cahal deteve os dedos que mexiam dentro de sua cueca.

Inclinou a cabeça e sorriu malignamente.

—Te explicar o quê?

—Me explique o que fez comigo. O que me provoca esta dor? — Sacudiu as mãos e puxou as algemas— Me explique... Explique isso para que eu entenda.

—Somos você e eu. É a energia vaniria. Você não compreenderia nunca, quatro olhos.

—Claro que não, aberração genética. Sou cientista. Não acredito nas energias místicas — replicou agarrando ar— Me fale das moléculas e das mudanças químicas nos átomos de meu corpo. Não me fale de nada mais porque não acredito. A magia não é mais que ciência.

—A ciência não é mais que magia — respondeu ele— Não pode pensar assim. Disseram-me que Strike a manipulou mediante um feitiço; que Lucius a controlou mentalmente; viu uma garota agarrar flechas iridescentes que devastaram sua alma; e acredita cegamente em seres que vêm de outras dimensões, embora se colocou no lado dos maus —especificou para deixá-la vermelha— Não é tola, assim, que outras provas necessita para acreditar, sabichona? Não há nenhuma substância. Não fiz nada com você—coisa que não era completamente verdade— Somos você e eu e o que há entre nós. Passou vários dias me desejando. Pensando em mim. Agora mesmo deve sentir alívio por me ver. E melhor se sentirá quando eu a tocar. — *“E quando beber de você.”*

—Não vai me tocar outra vez.

—Sabe que me deseja. Sabe que seu corpo pede.

—Há... — Miz fez um esforço por agarrar ar. Fazia tanto calor... — Há uma droga para excitar às mulheres. Foi isso que me deu? Eu não te desejo. Não naturalmente.

Cahal elevou uma sobrancelha loira e viril e olhou diretamente à massa de cachos de ouro pálido que havia entre as intermináveis pernas da garota.

—Está tão úmida que vejo seu desejo daqui —grunhiu — Não minta para mim.

Ela se esticou e tentou levantar-se para gritar com ele. Sentia-se incompreensivelmente ferida por seu abandono e, ao mesmo tempo, indignada pelo trato a que a estava submetendo.

—Que não minta para você? Mas você... Quem acredita que é?! Por que me deixou tantos dias assim?! Estava ficando louca! —gritou de repente, com as lágrimas rolando pelas bochechas— É pior, muito pior, que Lucius! Ele foi gentil. Ele não deixou que eu sofresse em nenhum momento dos vinte e um anos que estive com ele! Você sim!

Cahal saltou sobre a cama e se estirou sobre ela, mostrando as presas, visivelmente enfurecido pela menção de Lucius.

Apontamento mental: ela tinha vinte e seis anos humanos. Era uma filhotinha.

—Você e eu temos muitas coisas a nos dizer, e outras muitas que não compreendemos um do outro. Mas nunca mais volte a mencionar Lucius, ouviu-me?! Jamais! Eu sou um vanirio e ele é um puto vampiro. Ele a enganou! Usou você! É meu pior inimigo, maldição!

—Não o estou defendendo, idiota! —Miz inalou o aroma de canela e desejou rodear os quadris de Cahal com suas pernas. Não quis analisar esse pensamento— Vamos ver se sabemos diferenciar entre comparação e afirmação. O que estou dizendo é que são iguais; nem melhores nem piores. Ambos mentirosos.

—Cale-se. Está tão equivocada...

—Acha que esta sensação de desespero absoluto é normal? Pensa que vou acreditar que que você produz o que está acontecendo comigo?! Você e não sei que magia que diz que há entre casais?! Quantas vezes tenho que te dizer que não me interessa?

—Sim, te interesse. Admita, cientista. Não importa que uma de suas convicções se jogue por terra. É um golpe para seu ego de sabichona, mas não é nada que não possa superar.

—Eu não... —lutou para não cuspir — Eu não gosto dos homens.

—Claro que você não gosta, porque você só gosta de mim. —Essa mulher gostava dos homens. Mas o trauma que sofreu quando criança trouxe consequências. Sorriu e elevou as mãos até tocar as algemas com os dedos. Logo traçou com o dedo indicador o pulso ferido gravemente e comprovou, orgulhoso, que seu sangue a ajudou a cicatrizar perfeitamente, mais rápido e melhor do que acreditava. Só havia uma leve ondulação rosada em sua pele branca.

Ela gemeu e afastou o rosto para não ver aquele rosto de estrutura óssea perfeita. Claro que o desejava. Não era tão tola para pensar que aquilo não era desejo físico, entre outras coisas. O que não entendia era como fulgurantemente despertou nela algo que, durante tanto tempo, negou a si mesma. Obrigou-se a não sentir nada pelo sexo oposto. Conviveu com mulheres; suas amigas eram garotas e sua pouca experiência carnal foi com corpos femininos. Exatamente, só com Laila e de modo experimental. Ela e os homens tinham problemas, porque sempre que olhava um com um pouco de interesse, vinham-lhe à mente os corpos maltratados de sua mãe e sua

irmã; e em seguida começava a suar frio e se fechava a qualquer tipo de aproximação. Com as garotas não acontecia nada disso. Não havia nenhum trauma recorrente que a bloqueasse.

Mas com ele, com esse vanirio, não era assim. Dava-lhe medo, certo. Era enorme e tinha o poder de esmagá-la como a uma ponta de cigarro; mas havia algo entre eles, algo tão estranho quanto incompreensível, algo que a fez chorar em sua prolongada ausência; e agora, fazia que seu sexo aplaudisse assim que o viu. Onde ficou todo o ressentimento por esses dias de confinamento solitário? Tinha desaparecido? Assim? Tão fácil?

Era devido à droga? Eram efeitos de sua manipulação mental? Não podia ser. Aprendeu a proteger-se mentalmente e agora não notava nada a respeito. Por quê?

Ouviram-se dois pequenos cliques e, num momento, Cahal a liberou das algemas e começou a massagear com ternura seus pulsos. Ela moveu os ombros e o ajudou a baixar os braços.

—Sinto que seu corpo doa por essa posição — ele se desculpou— Me alegra anunciar que seu confinamento terminou.

—Não vou agradecê-lo. —sussurrou raivosa.

—Ao menos não a abri ao meio, nem mexi em suas vísceras, nem brinquei com seus órgãos reprodutores tal e como você fez. Recorda?

Ela fechou os olhos e apreciou a pequena massagem que infligia Cahal a seus ombros e também a seus antebraços.

Claro que recordava. Agora não estava orgulhosa disso, nem sequer enquanto o fazia.

Houve um momento em que o olhar implorante daquele homem a deixou congelada; e ela pediu a Lucius e a Brenda deixar de proceder com ele. Mas não permitiram.

—Ensinar-lhe a torturar tão bem...

—Sim — respondeu engolindo em seco— O conhecimento é poder.

—Além de física e carrasca, é algo mais? —perguntou ele, esfregando com suavidade as articulações danificadas pelo longo tempo na mesma posição. Mas sua loira não lhe respondeu. Ficou olhando os enormes dedos de Cahal, que estavam tratando-a com delicadeza. O contraste entre eles era exagerado, e ela nunca se considerou uma garota pequena. Mas era óbvio que ao lado desse homem alguém se sentia plenamente feminina. Centrou seus olhos esverdeados no pulso que Lucius abriu com crueldade, e se deu conta de algo fascinante: tinha cicatrizado à perfeição.

—Tenho a carreira de medicina, também —esfregou a quase invisível cicatriz— Não pode ser... —sussurrou assombrada— Meu pulso. Isto é fisicamente impossível.

—Está sarando. É minha proximidade, que cura tudo —anunciou petulante. Não era isso; era seu sangue que agora corria com força pela corrente sanguínea da humana. Seu corpo estava se preparando para a imortalidade.

—Não é verdade —assegurou ela— O que me deu?! —exigiu saber— Os corpos humanos não se regeneram assim. Não recordo que me tenha injetado algo, e só bebi água desde que me deixou neste quarto.

—Sim. Perdeu peso —meditou passando as mãos pelos seus quadris nus— Tenho que te dar de comer, ossos.

Era gesto de arrependimento isso que cruzava seu rosto?

—Não tem que me dar de comer! —Fez essa negação enquanto Cahal a levantava e sentava-a sobre suas pernas como uma criança— O que me deu?! Exijo saber! Não faça isto! —Tentou escapar de seus braços.

—Não te dei nada — mentiu. Só seu sangue.

—Está mentindo! —Odiava quando pegavam no seu pé.

Cahal a obrigou a apoiar a cabeça em seu ombro.

—Tssss —sussurrou tentando tranquilizá-la— Tem que se acalmar e tem que deixar de brigar. Não vou machucá-la.

Meu deus, pensou Miz, era o próprio céu. Acaso os demônios tinham as chaves do paraíso? Entre seus braços e sobre seus joelhos se sentia a salvo. Enfermizantemente a salvo e fodidamente quente.

—Me acalmar? Isto é loucura... Tem que me dar roupa. Por que me trata assim? —Se observou, sentada sobre seus joelhos, e pensou que era uma situação incongruente— Você... tem que me tirar daqui e me deixar ir. Não sei o que quer de mim... —Seus lábios franziram e afundou o rosto em seu ombro. Cansada. Abatida. A ponto de render-se. Estava farta— Isto é incompreensível para mim.

—Já lhe disse isso —Cahal a abraçou, e lhe veio uma pontada de culpa ao ver a confusão de sua ignorante companheira— É meu brinquedo.

—Eu sou muito valiosa para ser um brinquedo —assegurou ela com total convicção e sinceridade— Sou um gênio, não sabia? Seu amigo Lucius deixava muito claro.

—Eu não sou Lucius.

—Mas me odeia.

O druida deu de ombros. Não a odiava. Não como ele desejaria fazê-lo.

—Temos que limar as asperezas. Isso é tudo.

—Não acredito em você.

—Ah —Cahal mordeu a língua para não começar a rir. Ele sabia como limar asperezas, e logo lhe ensinaria a fazê-lo— Veja, não quer ser meu brinquedo... Então, prefere ser minha escrava?

—Nenhuma coisa nem a outra. Está tentando brincar comigo? — Levantou a cabeça de súbito e o contemplou como se tivesse quatro cabeças— Não tente. Não tenho senso de humor. E esta conversa está fora de hora. Maldição, é meu carcereiro. Deixe-me ir!

Grande. Uma confissão. Pequena, mas confissão afinal de contas. O druida pensou que seria divertido ver a jovem admitir cada um de seus defeitos e suas virtudes dessa maneira tão infantil.

Mas Miz tinha muita razão. Não tinham tempo. Precisavam descansar. Ela precisava recuperar um pouco de calma e segurança depois que a obrigou a sentir o desejo dos companheiros vanirios. Ele precisava dormir depois de dias sem fazê-lo. No dia seguinte teriam uma prova definitiva diante do Conselho Wicca. Ia ser duro para os dois, sobretudo para ela;

Mas depois disso não haveria como voltar atrás.

—Não quero brincar com você. Só quero que veja o que sou. Não temos muito tempo... Mulher, é especial para mim. Pertence-me. É minha companheira.

—Está mal da cabeça... Não tenho tempo para isto — jurou ela aumentando os olhos, incrédula diante aquelas palavras— Não tenho tempo para jogos. Ou acaba comigo ou me deixa livre. Mas não posso ficar com você.

Ele a fuzilou com seus olhos.

—Por que?

Por que? Porque sabendo o que sabia, a Newscientists iria atrás dela e então colocaria todos os vanirios em perigo. E já fizera o suficiente para que também por sua culpa agora matassem a todos. Não queria avaliar o que disse a respeito de ser sua companheira. Isso, definitivamente, era impossível.

—Teme por nós? —perguntou assombrado.

—Minha consciência pesa pelo que fiz nesses túneis — admitiu, movendo a cabeça de um lado ao outro, procurando uma saída pela qual escapar correndo.

—Ah, mas você tem isso?

Miz desviou a alfinetada.

—Sei que é meu sequestrador e me dou conta de que quer me fazer pagar pelo que te fiz. Mas digo isso a sério —elevou os olhos e os cravou nos dele; tão bonitos que por um momento perdeu o fio do que ia dizer—. Não... Não deveria ficar comigo. Deve decidir o que fazer o quanto antes possível. Ou me mata ou me deixa livre, mas outra coisa não.

—E se a outra coisa é exatamente o que vou fazer?

Miz entrecerrou as pálpebras até que seus olhos fossem duas pequenas linhas verdes.

—Além de absurdo, não deveria escolher essa opção —esclareceu — As fórmulas estão incompletas e não vão poder decifrá-las sem minha ajuda. Sou a única que descobriu o elemento que faltava. A única — por que se sentia tão bem aí com ele?— Certamente que estão me procurando para capturar-me, e que passam dias me procurando.

Sim, essa era uma das razões pelas quais ele a manteve oculta.

—O que estuda, exatamente?

—Se lhe disser isso, teria que te matar —espetou, presa por um dos múltiplos estremecimentos que percorriam seu corpo— E... o que é esse aroma?

Cahal não se importava que não dissesse. Já sabia que tinha a ver com a formação dos portais. Essa mesma noite descobriria. Agora. Justo nesse momento. Fazia dias que as defesas mentais da humana não eram um impedimento para ele. Hoje beberia de novo daquele morango loiro e leria tudo o que precisava saber se os muros que Lucius colocou durante tantos anos permitissem. Caleb os havia volatilizado no quarto da fome, mas não todos. Depois de tantos anos de repressão, os circuitos mentais custavam recuperar a normalidade.

—Que cheiro sente? —perguntou ele com um meio sorriso. Cheirava a ele?

—De canela. —Algo tão ridículo, proibido e delicioso como o próprio pecado original — Eu gosto muito de canela, e me admira tanto cheirá-la aqui...

O pênis do druida endureceu debaixo da cueca. Queria fazê-la sua imediatamente, mas algo o pressionava a ser paciente. Não queria destruir sua cáraid tratando-a mau. Não queria assustá-la. Não queria que o comparasse com os vampiros que a enganaram durante tanto tempo. Mas era o druida do clã vanirio, tinha uma responsabilidade para com seu clã, e isso o obrigava a

comportar-se de uma forma determinada e a tomar decisões em relação que a jovem não gostaria em nada. Até que se acostumasse a sua situação e a sua nova realidade.

Sua vontade mudou. Depois de sair do apartamento de cobertura de seu irmão e sua cunhada, estava decidido a acabar com todas as tolices: iria atraí-la e demonstrar quem era ele para ela. Mas, de repente, desceu a seu chakra, sua casa, à cama em que estava algemada, e a honestidade com que falou com ele o deixou indefeso. Essa mulher não ficava histérica, não chorava nem rogava por sua vida. Analisava a situação e tentava não perder os nervos, e aquele comportamento era digno de admirar.

Nunca fez mal a uma mulher; elas se prostravam a seus pés. Isso sim, pensar em Miz fazia seu cérebro girar e lhe provocava vontade de lhe dar surras. Surras sexuais. Não queria ser bom com ela. Queria mostrar-se tal como era, com todos seus instintos e suas necessidades. Não encontrava um motivo pelo qual ser amável. Ela lhe mostrou sua pior face, não? Ele era um homem e ela era sua mulher. Não queria se dar bem com ela, não pretendia ser o perfeito príncipe encantado que foi para todas as demais. Não obstante, tinha-a diante de si, sobre suas pernas, sincera e acordada, observando tudo a seu redor com aqueles olhos verdes felinos que a natureza lhe deu... Maldição, como ia assustá-la outra vez? A garota continuava lúcida depois do contínuo desejo vanirio ao que foi submetida. Cinco dias. Cinco. E ali estava, tentando procurar uma resposta ao frenesi de seu mal-estar. Tinha um autocontrole invejável.

Não. Nem pensar. Não havia maneira de que ele fosse cruel com ela.

Com essa decisão, sorriu com tristeza.

—A canela, mo dolag? — Assim cheirava ele para ela?

—Sim.

Cahal poderia lhe explicar tantas coisas sobre os vanirios e seus companheiros. Mas sentia que seria gastar saliva em vão. Essa garota não acreditava na magia, tapava os ouvidos a respeito de suas convicções. Não acreditava no que ele era e, além disso, tinha muita desconfiança. O mais adequado seria seguir com seu plano e que ela entendesse, mediante sua própria experiência, que tipo de magia era a que se desenvolvia entre eles.

—Está se expondo ao perigo. Não está sendo razoável — murmurou Miz, sem tocá-lo com suas mãos em nenhum momento. Estava aí sentada, sobre suas pernas, como se ele fosse Papai Noel e ela uma menina tímida que não soubesse o que pedir para o Natal. A dor e a agonia tinham desaparecido, e estava disposta a arrancar uma perna para não voltar a sentir-se assim tão mal nunca mais— Virão me procurar. Têm muito poder —disse em voz baixa e afetada — Saberão onde estou e matarão a todos.

—Shsss... Comigo está a salvo. Comigo. —Segurou seu queixo e o elevou para que visse que nisso não mentia. Não completamente. Ele era o lobo mais territorial, o garoto que as mães de todo o mundo não queriam como genro. Ele era o mais perigoso em sua vida e, ao mesmo tempo, o mais protetor— Eles devem temer a mim, mas você não.

—Mas é que não o compreendo. Não compreendo isto —assinalou seus corpos e tocou a cicatriz do interior do pulso.

—Escuta. O que experimentou estes dias é somente um sinal do que você e eu significamos um para o outro.

—O desespero? A loucura? —perguntou negando com a cabeça— Acha que sou estúpida? Posso te provocar o mesmo se te injetar heroína e logo o deixar sem ela durante uns dias. Não acredito em você.

—Não é questão de acreditar ou não acreditar. Só é questão de experimentar. De sentir. — O loiro deslizou uma mão por suas costas e logo por cima de sua nádega e sua coxa. Tentou abrir suas pernas, mas ela as fechou com força.

—Por favor, por favor... Não faça isso —pediu com a cabeça encurvada e seu cabelo loiro e emaranhado cobrindo o rosto como uma cortina de raios de sol. Uma simples carícia e já estava perdida. Sua heterossexualidade despertou como um maldito furacão, mas se sentia muito estranha com esses novos pensamentos, porque passara anos negando-os.

—Posso fazê-la se sentir tão bem, cientista... — sussurrou roçando-lhe o lóbulo da orelha com seus lábios— Agora não se preocupe com os malvados. Está comigo. Descansaremos juntos, e verá que não me aproveitarei de você. Só até onde você me deixar.

—Não posso apreciar essa proposta. Você quer me castigar... Tem-me presa. Como vou confiar em você?

Ele negou com a cabeça rapidamente.

—Me permita sentir um pouco de rancor pelo que me fez; estou em meu direito, não acha? Ela apertou os lábios até desenhar uma fina linha com eles.

—Bom, sim —afirmou Miz sem poder negar— Acreditei que fazia o correto. O feri muito...

—Sim. Feriu. Mas a verdade é que agora não tem ninguém, mulher. Está sozinha.

—Quer me fazer sentir mal? —levantou o queixo, cheia de um amor próprio que não sentia— Sim, estou sozinha, e o quê? Mas não preciso de ninguém.

Cahal sorriu com sinceridade e desejou fazer que ela se apaixonasse por ele imediatamente. Mas tudo tinha seu tempo, embora ele não fosse paciente.

—Só faça uma observação sincera. Tenho algo para te propor, vai me escutar?

Miz não entendeu a pergunta. Não tinha aonde ir, nem podia fugir. Escutaria, quisesse ou não.

—Acaso tenho outra opção?

—Não. É um cérebro brilhante que atrai os nosferatus e os lobachos. Lucius e os vampiros a querem, a Newscientists e seu pai adotivo vêm atrás de você pelo que sabe. Eu odeio Lucius, e meus inimigos são os mesmos que os seus, e também nós precisamos dos seus conhecimentos. Não avalie isto como um sequestro. Pensa em nós como um resgate. Libertei você em Capel Le Ferne, não?

Ela lambeu os lábios secos e piscou um par de vezes. Esse vanirio queria lhe fazer acreditar que a resgatou? Na realidade, não era tão ilógico, não?

—Quero me vingar —prosseguiu Cahal ao ver que a garota avaliava sua proposta—, e os membros de meu clã também. Unamo-nos, cientista. Deixe que eu a proteja. Aceite minha proteção e colabore comigo. Não a veja como um confinamento nem como um sequestro.

A mente racional da cientista meditou a possibilidade que aquele homem lhe oferecia:

Proteção e não confinamento? Não podia ver dessa maneira, não? Era um homem de outra espécie que a desejava e queria algo em troca. E ela..., ela não sabia o que era isso que sentia no

estômago e no peito, mas se aproximava muito à curiosidade. Uma curiosidade que nunca antes sentiu por alguém.

—Isto é uma armadilha?

—Não.

—Quer me proteger?

—É valiosa, e o que sabe, certamente, ajudará a esclarecer muitas dúvidas que os clãs têm.

Por que não?

Miz mordeu o interior da bochecha e moveu o pé compulsivamente, deixando-se levar por um tic nervoso, sem ser consciente de que estava dando golpes na enorme panturrilha nua desse homem.

—Vejamos, o que quer em troca?

—Em troca do quê? —Cahal não entendia nada. Ia protegê-la porque ela se converteria em sua vida e morreria se alguém a ferisse. Todo o resto era uma pantomima; mas devia explicar assim ou provocaria o rechaço dela.

—Você me protege e eu te dou algo em troca, não? Não funciona assim a coisa entre mercenários, traficantes, vampiros e tudo isso?

—Isto não é a máfia italiana, neném. Quer me dar algo em troca?

—Não, eu não. Mas suponho que tudo implica em um sacrifício.

—Está bem — Cahal sorriu e mostrou as presas sem pudor— Sim quero algo em troca.

A jovem ficou sem respiração e esperou com paciência fingida:

—Me diga.

—Me chame por meu nome.

—Mmm... Cahal?

—Sim. Sempre. Não sou nem monstro, nem vampiro, nem loiro do caralho, certo?

Ela ficou tensa e agarrou a ponte do nariz com o indicador e o polegar.

—Leu minha mente. Quantas vezes? Quando?

—Isso não importa. Além disso, mal pude ler, porque sabe se proteger muito bem — mentiu ele. Era uma humana e não teria nada a fazer contra um druida vanirio. O problema era que, para acabar de derrubar esses pequenos muros que Lucius levantou em sua cabeça, tinha que beber de seu sangue e realizar a exploração mental definitiva; porque a primeira vez esteve tão concentrado em seu sabor e em sua excitação que evitou todo o resto. A segunda vez não seria assim. Mas, enquanto isso, tinha que fazer a jovem acreditar que algum controle sobre a situação, embora fosse uma soberana mentira.

—Sim que importa...

—Não —a cortou subitamente— E quero algo mais: quero que me deixe te tocar sempre que eu quiser. Nossos corpos precisam disso, e eu gostaria de instruí-la um pouco na arte dos companheiros. Acredito que você perdeu um mundo de coisas.

O sangue dela gelou. Sabia que esse ser sairia pela tangente dos favores sexuais; mas, por outro lado..., o que tinha a perder? Fazia tantos dias que não a tocava...

E mentiria se não reconhecesse que se encontrou desejando essas mãos todos e cada um dos dias que sofreu essa estranha abstinência. Uma abstinência doentia.

—Só tocá-la. Eu a você — particularizou Cahal. O suor frio percorreu sua nuca. Quando Miz descobrisse seu ardil o mataria, mas seria divertido vê-la explodir. Até então, estaria feliz pelo dom que ele ia dar de presente.

—Me tocar? Mas, como?

—Só deixa que eu a toque.

Ela ficou cabisbaixa, pensativa. O que importava que ele a tocasse? Era um homem e, ao mesmo tempo, não era um homem qualquer. Além disso, precisava da sua proteção. Poderia confiar nele? Poderia confiar?

—Jura que não me drogou? Passei tantos dias tão mal nessa cama sem droga? É verdade?

—Sim.

—Foi penoso. Meu corpo ainda dói. Não quero voltar a passar por isso.

—Não penso te pedir perdão por algo que é natural entre nós; e muito menos depois que me jogou aos médicos em Capel Le Ferne.

—Insiste em que isto é natural, mas não é. E não pedi suas desculpas.

—Bem.

—Bem.

Olharam um ao outro, como dois titãs medindo quem tinha os ovos maiores.

Mas, de repente, Miz sacudiu a cabeça loira.

—Isto é uma loucura... O que estou fazendo? Não quero que me converta em uma vampira.

—gemeu, tampando o rosto com as mãos. De repente seu ânimo caiu e começou a chorar, desolada— Sei que é isso o que quer me fazer. Quando já não te servir, isso é o que fará. Não confio em você nem em ninguém! Não quero, eu te rogo!

Cahal apertou os dentes.

—Não a converterei em vampiro, droga. Prometo. —Claro que não. Os vanirios não eram vampiros.

—Jure. — quando descobriu o rosto, estava decidida a lhe arrancar um juramento de fidelidade para seu desejo— Me jure que enquanto estiver com você, não me arrebatará nada de minha vida. Nem o sol, nem a capacidade de decidir, nem me obrigará a beber sangue, nem manipulará meu cérebro de maneira nenhuma, nem violará minha intimidade. Esperará que eu te conte as coisas antes de me extorquir. Não me engane. De acordo? Jure.

—Percebe que eu poderia obrigá-la a me obedecer? Que poderia manipulá-la para que coloque agora mesmo meu pênis na boca ou abra suas pernas para mim só para te comer? E entende que você não poderia fazer nada para evitar isso?

Miz não se intimidou, pois sabia perfeitamente que isso era o que ele queria. Foi tão gráfico que ruborizou.

—Sei.

—Então, o que a faz pensar que pode me exigir tudo isso, que pode me dar ordens?

—Nada. Mas eu não quero ser seu brinquedo. Tem razão: preciso da sua proteção. Não sabia que teria esta opção; a verdade é que me surpreendeu. Mas esta é sua oportunidade para que me demonstre quais são as diferenças entre um vampiro e um vanirio. E, até o momento, são iguais.

—Certo. E o que a faz pensar que me importa tanto o que você pense de mim? Que eu saiba, e como bem tende a pensar, também posso me interessar apenas pelo que tem nessa cabecinha. Nada mais.

Ela sorriu sem vontade.

—Acha que sou sua companheira. — agora que o compreendeu — Faz um momento me disse isso. Nunca trataria mal sua companheira. Tem a oportunidade de me convencer.

Cahal sentiu uma onda de orgulho por ela. Tão metódica. Tão prática. E o deixava todo burro com essa atitude de sabichona impertinente. Ia apreciá-la, suas discussões e também de seu corpo. De tudo. Arrasaria-a sem compaixão.

—Vai jurar para mim, sim ou não? —perguntou ela impaciente, olhando-o de frente.

Cahal arqueou as sobrancelhas. Tudo isso que Miz não queria que fizesse já tinha começado a fazer. E cortaria seu pênis antes de se privar do que sua companheira tinha para ele. Dois mil anos de espera e um mês de torturas nas mãos de sua mulher, não ia submeter-se por um rogo cheio de medos infundados. Nem pensar. Mentiria. Mentiria como um trapaceiro; e esperaria que uma jovem tão inteligente como ela soubesse com certeza, nunca melhor dizendo, que sua transformação em vaniria ia ser a melhor coisa que aconteceria em sua vida. Algo realmente mágico. Algo que a ciência nunca poderia explicar com palavras adequadas que não fossem magia, genética divina e vinculação de companheiro. E isso era como sânscrito para sua garota loira, cética e tremente.

Não ia ser fácil. Bom, a vida não era tampouco.

Ia ser um caos; mas a ordem não existia sem ele, portanto, seja bem-vindo.

—Juro — repetiu ele aumentando sua mentira.

—Por Deus?

—Por Deus? — pôs-se a rir — É crente?

—É uma expressão.

—Não. Juro por Ceridwen.

Miz franziu as sobrancelhas.

—Não sei quem é. Jure por Newton. Ou por Einstein. Sabe quem são?

Cahal compreendeu então que Miz pensava que ele era um lerdo integral, e que a moça não tinha nem ideia de quem era o povo do seu clã keltói: seres com culturas ancestrais às suas e conhecimentos versados em todo tipo de ciências. A jovem ia surpreender-se muito quando a instrísse em seu mundo.

—São confeiteiros? —perguntou ele sério— Desenhistas? Nós vanirios adoramos a moda, bonita, mas estes não conheço.

Ela não demonstrou nenhum senso de humor diante sua pergunta.

—Está brincando, não é?

—Você brincava? —rebateu ele destilando encanto por todos os poros de sua pele. Miz negou com a cabeça, mas o canto de seu lábio se estirou imitando a ameaça de um sorriso.

“Estou louca se confiar nele, mas, que outra coisa posso fazer? De todos os modos, mantenha os olhos abertos, cérebro”, disse-se a si mesma. Levantou a mão e a ofereceu. Cahal se

encontrou salivando por colocar a língua na sua boca; mas não o fez e aceitou sua mão como um experiente negociador.

—Trato feito.

—Bem. Mas não fará nada que eu não queira. Última cláusula do contrato.

Ele sorriu e assentiu com a cabeça. Pinóquio a seu lado era um maldito Santo.

—De acordo — “Deixe isso claro, boneca”.

—Não me beije na boca. Não quero —assinalou suas presas retráteis de vanirio. — Eu não... não confio nelas. Eu não gosto.

—Não quer que a beije? —Mas se ele morria de vontade!

—Não. É muito... Muito pessoal. E as presas em uma boca não são de confiança. Se vemos isto como uma transação de troca comercial, será melhor, não acha? Você me protege e eu em troca os ajudo com a informação que possuo. Mas os beijos servem para as vinculações emocionais, e você e eu não temos isso. Nem o teremos, claro.

—É impossível que não a beije.

Ela ficou tensa ante o comentário terminante.

—Se o fizer, romperei o trato.

—Igualmente não poderia ir a nenhum lado. Não tem esse poder.

—Me decepcionaria e não poderia confiar em você outra vez. De fato, é de revisão médica que eu tente confiar em você de algum jeito, mas me arrisco. Como se pronuncia Cahal?

—Keijal.

—Estou no seu jogo, Cahal — e o pronunciou tão bem que ela saboreou a canela em sua boca e por pouco lhe saltaram lágrimas de emoção. Nesse momento, criou-se um ambiente elétrico entre eles, mas fez bem em evitá-lo.

O druida avaliou a oferta. Bom, isso era melhor que nada. Perfeito. Tinha-a justo onde a queria: na cama, mais acessível do que esteve em mais de um mês, nua por completo, sem nenhuma vergonha, e disposta a colaborar com ele em todos os caminhos que iam explorar juntos. Os humanos eram tão tolos por não acreditar na magia nem nos companheiros eternos... Mas que culpa tinha se os educavam assim?

Nunca negociou nada com uma mulher. Ele mandava, pedia e exigia, e tudo não poderia ser melhor. Todas queriam o que ele tinha para dar, embora ele nunca apreciou. Nunca recebeu nada que o fizesse sentir bem.

Mas com Miz... Com ela não.

Ela o ensinou o que era a dor e a amargura.

Esse pacto entre os dois, mais falso que uma libra triangular, ia deixar que a tocassem sem sentir nem um grama de culpa e sem pensar em que estava se comportando como um mentiroso abusador. Permitiria que recebesse, pela primeira vez, algo bom que não fosse só seu sangue. Miz, boa ou má, estúpida ou inteligente, era dele. E já era hora de que tomasse o que tinha para dar.

— Bem — Cahal a olhou de cima a baixo — Temos os conceitos claros?

—Sim. Acredito que sim.

—Eu digo quando começamos. Começamos agora mesmo — Cahal levantou-se com ela nos braços. — Na ducha.

—Como? Espera, não...

—Sim. Já cedi muito, loira. E vamos nos molhar um pouco.

Miz quis desmaiar nesse preciso momento. Estava nua com ele, mas não era sua nudez o que a preocupava. Era a enorme ereção que tinha esse homem entre as pernas.

Capítulo 4

Na realidade, Miz não tinha visto nada mais da casa em que estava que aquele quarto circular onde o vanirio a prendeu durante tantos dias. Já percebera que era parcialmente redonda e que não tinha cantos, mas não recordava que o banheiro também fosse assim. Esteve tão nervosa ao estar com ele, sentiu-se tão mal e seu corpo doía tanto, que não pensou em observar o que a rodeava quando, dias atrás, a meteu naquela ducha, manuseando todo seu corpo livremente

Nus. Sabia que a mordeu, disso se lembrava. E também recordava sua pele bronzeada, seu corpo: quase dois metros de músculos e longos membros; e seus olhos: esses olhos azuis, desumanos e cheios de segredos.

Mas quando, desta vez, Cahal acendeu a luz do banheiro e entrou com ela nos braços, seu cérebro pareceu registrar tudo pela primeira vez: os vasos sanitários, a pia, as cabines de hidromassagem e a jacuzzi estavam desenhados para adaptar-se às paredes curvas.

O banheiro era muito masculino: cinza e branco, mas com acessórios de cores vermelhas que lhe davam um ar um pouco mais alegre. O chão liso era de cerâmica porcelanato cinza escuro e estava limpo. O jacuzzi e a cabine de hidromassagem davam ambas às janelas de corpo inteiro, igualmente curvos, que oferecia vistas mágicas e místicas de um bosque interno. Um que ela ainda não localizou. Tinha a impressão de que aquela casa era como uma espécie de ovni, como uma nave espacial, e que, além disso, parte dessa casa devia estar escondida, embora todas as janelas dessem a uma área exterior. Não entendia nada.

—Posso fazer uma pergunta? —bisbilhotou ela enquanto ele a deixava tocar com os pés no chão da cabine. Estava frio e sua pele se arrepiou.

Entraram os dois, e Cahal fechou a porta de vidro para que a água não salpicasse. Não tinha nem ideia de como aguentaria sem mordê-la em um espaço tão reduzido. Estava se desequilibrando por momentos. Aquela física tinha o poder de convertê-lo em uma massa de desejo sem um pinga de razão.

—Fale — disse ele, enquanto luzes azuladas e amarelas emergiam do equipamento de hidromassagem. A água emanou da ducha, e o impacto no corpo da jovem fez com que estremecesse e gemesse entre o prazer e a surpresa— Está fria?

—Não. Não... Está bem.

Cahal olhava com prazer o corpo da cientista. Apertou os dentes, e as presas rangeram. Por Ceridwen, já as deixava expostas. Ela era deliciosa, e tinha a sensação de que nem sequer era consciente do quão sexy era.

—Vire-se e apoie as mãos na parede —ordenou.

Miz o olhou e franziu o cenho.

—Perdão? —Um jorro de água quente molhou seu cabelo e ensopou seus ombros e seu peito.

—Faça o que digo.

Era uma ordem, não havia dúvida. Mas foi pronunciada com uma voz suave e moderada que a impeliu a obedecê-lo.

—Prometeu-me — olhou-o por cima do ombro— que não faria nada que eu não quisesse.

—Relaxe. Só vou ensaboá-la. — “E vou tentar me comportar quando, na realidade, tudo o que quero é fazer buracos por todos os seus lados”.

—Sim, claro. Já conheço seus ensaboamentos —grunhiu para si quando ele sorriu e esfregou as mãos repletas de sabão até criar espuma com elas. A ciência e a sabedoria acarretavam sacrifícios. E se sua expiação seria deixar-se tocar por um homem como ele, aceitaria. Embora a quisesse tocar desse modo... Não importava. A preservação, um lugar seguro para suas fórmulas, e também sua integridade física, bem o valiam.

—Disse nada de beijos —recordou Cahal engolindo em seco — Não lhe darei isso. Confia em mim?

—Não. Mas não tenho outra opção — Cahal tinha razão. Estava sozinha. Quem mais havia?— Esta situação é uma loucura e não posso fazer nada para encontrar sentido nela. Suponho que devo me deixar levar.

—Faz bem — replicou ele com um sorriso, aproximando-se dela e empanturrando-se em sua pele. — Eu cuidarei de você e você nos ajudará, como Booth e Bones.

—Sei. Claro —seria assim fácil? E logo poderia continuar com seus estudos e com uma nova vida longe dali? Não. Duvidava muito. Mesmo assim, aquela era uma oportunidade para continuar investigando esses seres chamados vanirios. Nem Hawkins, nem Einstein, nem Newton tiveram a possibilidade de estudar uma espécie diferente, claramente extraterrestre. Deveria ser um bom estímulo para seguir adiante com seu peculiar trato— Você gosta de Bones?

—Eu gosto de tudo o que tenha pernas longas e seja inteligente. Mas você não é uma dessas — sussurrou, roçando seu lóbulo com os lábios, provocando-a— Ou sim? Vou chamá-la de Ossinhos a partir de agora. Ossos já está disposto para a doutora Brennan e ela me deixa como um touro, assim seria injusto te colocar o mesmo apelido. Ossinhos é uma boa versão. Nem tão bonita, nem tão inteligente como ela, não acha? Uma versão minimizada.

Miz olhou para frente, à parede revestida de pequenos azulejos brancos. Não gostavam nada desses comentários. Zero. De fato tinha vontade de esbofeteá-lo por lhe dizer algo assim tão abertamente, mais ainda quando se sentia tão vulnerável, nua e a sua mercê. Mas não demonstraria que se sentia ofendida quando nem sabia o porquê. Certamente, esse homem era um autêntico paquerador, e também um atrevido. E voltaria a tocá-la outra vez; e ela enlouqueceria de novo. E, o que diria então? Gemia outra vez, como já fizera antes.

Apertou os dentes e sacudiu a cabeça. Era incapaz de controlar seu corpo.

—Sente-se contrariada? —Cahal passou suas mãos por seus quadris, esfregou seu ventre e subiu-as até o abdômen. Ele se sentia como um vulcão— É normal que reaja para mim. É natural.

—É normal em um país onde os coelhos têm relógios e os gatos são lilás e listrados.

—Esse eu vi. A Bela e Fera, não é? —disse ele fazendo-se passar por lerdo.

Miz girou os olhos e negou com a cabeça.

—Diga-me a verdade: você estava indo ser inteligente, mas ficou no zigoto.

Cahal a colocou de propósito sob o jorro de água mais potente e gostou da exclamação de surpresa da jovem.

—Você é muito sensível. —Cuspiu água e afastou o cabelo ensopado dos olhos.

—E você —voltou a abandoná-la, e aproveitou para massagear seu abdômen— Minta para mim e diga que minhas mãos não te acalmam. Que não acalmam essa dor doentia que sente por todo o corpo —subiu as mãos um pouco mais e abrangeu os seios com elas— Te acalmam como me tranquiliza tocá-la.

—Não me acalmam. Incomodam-me. —Mas estava ardendo. O coração ia sair pelo peito e os mamilos doíam— É tão estranho... Está tão fora de hora.

Cahal sorriu; afastou as mãos de seus seios, para deixá-las em seus quadris. Pobre ratinha assustada. Se soubesse que a estava imaginando fazendo todas as posturas sexuais que conhecia...

—la me fazer uma pergunta. Qual era?

Ah, sim. A pergunta.

—Hãn... — Por Deus. Perdeu o fio da conversa— Hãn... por que os cômodos circulares? A casa toda é assim?

—Se te dissesse —respondeu ele, esfregando sua garganta com o nariz e repetindo o que ela replicou anteriormente—, teria que matá-la.

Na realidade, Cahal não tinha por que ser amável com ela, mas pensar que não queria lhe explicar nada sobre quem era e o que faziam ali a frustrou mais que o devido. Necessitava investigar um pouco e passou muitos dias sem enriquecer sua mente com outras informações que não fossem peles nuas, bíceps inchados, olhos azuis de demônio e covinhas em queixos viris. Precisava deixar de pensar nele, em sua própria nudez e em sua pele escorregadia pela água. Uma conversa a distrairia.

—Certamente, inteligente como é, confundiu a planta arquitetônica com a folha de instruções de Simon. Por isso a casa saiu redonda.

—Na realidade, confundi com o tabuleiro do Trivial, mas os arquitetos não disseram nada. Já sabe, questões vai, questões vem...

Miz sorriu, mas o fez timidamente.

—Não vou dizer isso a ninguém — assegurou ela, imprimindo doçura e tranquilidade às suas palavras— É somente que me interessa saber coisas sobre vocês. Sou inofensiva e você me vigia. Talvez falar faça tudo mais relaxante.

Ele sorriu para si, a olhou de esguelha e assentiu. Aquela garota era perigosa. Sabia manipular as pessoas. Sua cáraid não era uma tola medrosa. E ele morria de fome.

—Digamos que nós gostamos do círculo.

O sorriso dela se tornou mais aberto; olhou à frente e deixou que ele a ensaboasse, com menos reserva que antes.

—Por que?

—Porque a energia flui constantemente. Não se estanca em cantos, como costuma acontecer nas casas quadradas — deslizou a mão para frente e penetrou um dedo em seu umbigo, rodando-o e limpando-o com sabão — Para mim é importante o prana e fluxo de energia.

—Ah, sim... O prana... — Miz deu um saltinho de surpresa quando Cahal pressionou seu umbigo— Acredita... acredita na energia? No prana e tudo isso?

—É física quântica. Sou estúpido por acreditar nela?

—Na realidade, o nome correto é astrofísica. Acredito que... —fechou os olhos e mordeu o lábio inferior ao sentir aquele penetrante dedo brincando com seu umbigo. Fazia cócegas —... que seu conceito de energia é diferente do meu. —Abriu seus olhos verdes e os cravou na parede. Por que? Por que parecia tão bem e correto o que esse ser estava fazendo com ela quando era plenamente consciente de que aquilo estava errado e era pouco natural?

—Para mim é melhor viver em um lugar em forma circular. Esta casa está alinhada com as coordenadas da terra —passou uma mão entre suas nádegas e se endureceu quando a escutou gemer. Porra, matava-o. Estar perto dela ia acabar com ele. Teria gostado de se justificar e se abrir para ela, mas a situação não era a adequada; e não ia dizer que um druida antigo, versado na magia Wicca, necessitava de terrenos circulares para sua proteção e seus feitiços. Tampouco lhe diria que seu dom permaneceu adormecido durante milênios, até que ela apareceu. Agora, esse caudal de magia e luz dos ancestrais e da natureza começava a correr de novo por suas veias, com mais força que nunca. E Miz era a responsável— Parte da construção está escondida, embora tenha luz exterior.

—O bosque que vemos daqui, é real? Não é uma imagem holográfica?

—Não — Cahal riu — É real.

—Mas... Vocês são fracos à luz do sol, como os vampiros; e esta casa está aberta ao exterior. Não o compreendo, expõe-se ao perigo.

—Os vidros têm dupla camada e estão cobertos por lâminas de proteção solar. A radiação não entra.

—Interessante... E não tem medo de que alguém o encontre se o vir através dos vidros?

—Meu bem, sou um vanirio. Eu não temo a nada.

—Oh, por Deus. Viva os machos... — sussurrou com aborrecimento.

—Aqui ninguém me encontrará. Além disso, os vidros são retrorrefletores, misturam-se com o ambiente. Ninguém vê o que acontece no interior, porque ninguém vê os painéis de vidro.

—Camuflagem com o ambiente.

—Sim.

—Não é tão tolo então. Onde estamos? Continuamos na Inglaterra?

Cahal não podia nem sequer iniciar uma conversa civilizada. Era um vanirio, e ela sua cáraid. A única coisa que pensava era em estar entre suas pernas e mordê-la até que gritasse basta. Sua cabeça doía pelos esforços que tinha que fazer para não tocá-la ao seu prazer. Prometeu que a respeitaria? Era um imbecil.

—Sim. Estamos em uma de minhas casas. Em Crishal Common.

—Uma de suas propriedades?

—Todos os vanirios tem suas propriedades. Muitas — especificou.

—São ricos?

—Não nos preocupamos com o dinheiro. Seríamos muito estúpidos se, sendo imortais como somos, não tivéssemos encontrado um modo de criar uma fortuna, não acha? —Apoiou o queixo sobre seu delicado ombro e olhou para baixo. Por favor...

Sua pele era tão suave que seus dedos deslizavam em somente roçá-la. Deslizou a mão do umbigo pelo ventre e a dirigiu ao sul.

—Ouça...

—Chist... Já disse que não vou machucá-la. E este é o trato —grunhiu desesperado.

—Sim, mas é que... — Seguiu sua mão com o olhar. Aquela enorme mão pousou sobre seu sexo. As palpitações não demoraram para aparecer, e sentiu seu corpo despertar como o motor de uma Ferrari: de repente e a uma velocidade vertiginosa. Inchava, estava-se inchando e umedecendo-se. Seu corpo se preparava e saltava de alegria pela proximidade daquele guerreiro que lhe falava de energia, casas redondas e do dinheiro que os de sua raça conseguiram reunir. Pousou sua mão sobre seu grosso pulso, como se quisesse afastá-lo dela, mas observou algo que não estava ali quando o torturou. O vanirio tinha uma impressionante serpente negra e vermelha tatuada no braço. O corpo da serpente se enrolava do ombro até o pulso, e a cabeça triangular pousava no dorso da mão, com olhos esverdeados e reptilianos que parecia que ganhara vida. Quando a fez?

— Fez uma tatuagem?

—Sim —Cahal acariciou seus cachos púbicos levemente. Ronronou como um felino.

—Quando?

—Faz dois dias. Conheço uma mulher que é uma artista com as agulhas. Fica em Soho.

A confissão a indignou. Apertou os dentes e seus olhos se encheram de lágrimas. Esse idiota fazia uma tatuagem enquanto ela estava morrendo de dor, algemada a sua cama.

Esteve a ponto de morder a língua e engoli-la só para deixar de sentir essa agonia! E, enquanto isso, o loiro estava fazendo um desenho no corpo?! Mesmo assim, não tinha direito a nenhum chlique, porque sua reação bem poderia assemelhar-se a de uma mulher ferida ou ciumenta, quando entre os dois não havia nada disso. Não havia razão para comportar-se assim. O que havia com ela? Precisava tomar ansiolíticos urgentemente.

—Você gosta? —perguntou ele sem deixar de observar sua reação. Ele a lia. Estava-a lendo em cada gesto e em cada piscada metódica que executavam seus olhos. E estava em sua cabeça.

Ela não sabia, mas estava em sua cabeça. Via detalhes do que estava pensando. E era muito interessante. Pensava na garota que fez sua tatuagem e a imaginava morta.

Ora, ora...

—Uma serpente? —Miz parecia hipnotizada pelo olhar daquele réptil.

—Sim.

—Por que fez isso?

Cahal sabia o porquê, mas não ia dizer.

—Por que não?

—Eu não gosto de tatuagens. Parecem-me frívolas e ordinárias. Não tinha nenhuma que colocasse “Amor de Mãe?”

O druida revidou penetrando um dedo entre seus lábios vaginais e acariciando-a preguiçosamente, o bastante para excitá-la, mas não o suficiente para que obtivesse um orgasmo.

—Ofendi você? —olhou-o por cima do ombro, respirando com dificuldade e desejando que esse dedo não parasse por nada do mundo. Tinha as bochechas vermelhas, o cabelo loiro molhado, jogado para frente, e os carnudos lábios que tremiam e estavam marcados por seus pequenos dentes. Estava tão excitada e surpreendida por sua reação que se balançava contra sua

mão, inclusive enquanto tentava desafiá-lo. Converteu-se em uma sem-vergonha metida. Ia perder a prudência.

—Não me ofende, Ossinhos. —Quando a teve bem lubrificada e tremula, deixou de tocá-la.

Assim sem mais. Ela franziu o cenho, mas conseguiu normalizar sua respiração e recuperar o bom senso.

O druida acabou de enxaguá-la de um modo brusco e impessoal. Porra, sim o ofendeu. Descobriu-se que sua vaidade tinha sofrido uma afronta. Qualquer outra mulher teria gostado daquilo; pareceria-lhe sexy e varonil que seu homem tivesse uma tatuagem tão selvagem e desafiante como essa. Certamente, qualquer outra fêmea, em uma ducha com ele, demoraria vinte segundos exatos para ficar de joelhos. Mas a física não era assim. Era uma pessoa única. E ele não era tão forte como acreditava e não ia poder manter sua promessa. Com ela não. Com ela jamais

— O que vou fazer com você?

A cientista engoliu em seco. Precisava tomar ar. Lambeu os lábios.

—Não sei. O que é que vai fazer? —girou-se e o encarou sob a água da ducha da hidromassagem. Não podia demonstrar que estava afetada por suas carícias, porque sabia que essas sensações não eram reais. Não podiam ser. — Disse que me daria sua proteção em troca de minha informação —disse com voz tremente. Não olharia para baixo. Não olharia seu escultural corpo, nem aquela vara que tinha entre as pernas com um tamanho desproporcional, estava convencida disso. Limitaria-se a encará-lo e demonstrar que não poderia intimidá-la.

Ela o servia. E, até que não soubesse a verdade sobre o que descobriu, ainda tinha um pouco de poder naquela situação. Ainda tinham uma trégua e tiraria proveito dela.

Cahal já não aguentava mais. Ficou louco. Tinha a sua mulher nua diante ele. Cheirava a morango molhado por todos os lados. Era um manjar brilhante e acalorado por seu toque. Deu um passo a frente, elevou uma mão e a enredou nos cabelos loiros de sua nuca. Jogou-lhe a cabeça para trás com força e amaldiçoou mil vezes. Por que isso aconteceu com ele? Por que sua companheira tinha que ser assim? Embora morresse de vontade de dominá-la, sabia que não podia fazer isso. Não dessa maneira. A cientista precisava deitar-se com ele sendo uma vaniria, não uma humana.

Só então poderia compreender a magnitude de suas emoções. Só assim poderia acreditar neles. E não queria cometer enganos irreparáveis. O que devia fazer? Entenderia que não podia controlar a fome vaniria estando um tão perto do outro?

—Você não tem nem ideia do que sou, ratinha. Nem ideia —disse admirando a beleza de seu rosto elevado para ele— Não tem nenhuma possibilidade de controlar nada, e tudo que pode fazer é esperar que eu me comporte honradamente.

—Sim —murmurou ela.

—E vai fazer isso? Esperar?

—Não — respondeu angustiada e a ponto de começar a chorar. Dava-lhe medo do mesmo modo que um falcão assustaria um roedor em um campo aberto — Mas me obrigo a fazê-lo. Não tenho outra opção e quero acreditar em sua palavra.

Cahal acariciou sua bochecha com o polegar. Queria beijá-la e tranquilizá-la, mas não podia. Prometeu. Nada de beijos.

—Direi o que vamos fazer —precisava dizer-lhe ao menos uma vez. Talvez assim não se sentisse tão mesquinho. Queria acreditar que ele sim foi sincero com ela, embora logo apagasse sua memória.

—De verdade? Será sincero?

—Sim.

Os olhos da jovem se iluminaram em agradecimento. Alguém alguma vez foi honesto com ela? Poderia ser esse homem que queria protegê-la? Por que se emocionava?

—Obrigada —agradeceu com humildade.

Ele apertou a mandíbula e negou com a cabeça.

—Não me agradeça. Vou mordê-la e vou beber de você. — Ela arregalou os olhos e abriu a boca assustada— Depois você vai beber de mim...

—Não! — Miz tentou afastar-se dele— Nada de trocas! Prometeu-me que...!

—Calma, não vai doer. —Olhou-a nos olhos, segurando-a pelo cabelo. Suas pupilas se dilataram; seu azul se tornou esbranquiçado e suas presas refulgiram brancas e afiadas— Deixe de brigar e me escute. —Baixou o tom de voz e ela ficou lânguida em seus braços. Cahal sabia que não recordaria nada daquela conversa. Ele se encarregaria disso. — Vamos trocar nosso sangue; com esta vez, somaremos duas — especificou juntando sua testa à dela — Sinto muito, ratinha. Mas não posso te deixar escapar. Minha intenção é te transformar — secou uma lágrima que caía pelo canto de seu olho direito e se sentiu como um merda por vê-la chorar por sua culpa— Obtereirei a informação que necessito e, amanhã, apresentarei você ao Conselho Wicca. Ninguém gosta de você. Porra —grunhiu—, nem sequer sei se eu gosto de você... Mas é minha, entende? E não permitirei que se afaste de meu lado. E para isso preciso prendê-la a mim por toda a eternidade. Certamente pensa que sou um lixo. —deu de ombros— Mas você não passou dois mil anos sem sentir nada, neném. Não quero que sua mortalidade ponha em risco a permanência do dom que me outorga; e se me odiar por isso quando descobrir que te enganei, não a culparei — inclinou a cabeça de sua mulher para atrás, até expor perfeitamente sua garganta. Lambeu os lábios, abriu a boca e a mordeu com vontade.

Ela gritou e tentou brigar contra ele. Queria afastá-lo de si. Cahal a abraçou com força, pele contra pele, e a imobilizou contra a parede. Sorveu dela e a bebeu como se fosse uma bebida refrescante. O sangue escorregou pelo colo da jovem e tingiu ligeiramente o ralo da ducha. O druida fechou os olhos, compassou sua respiração com a dela e recolheu toda a informação que havia em seu DNA.

Que Miz era superdotada, já sabia.

Que a primeira vez que bebeu dela estava cego de desejo e somente foi para desforrar-se e alimentar-se, também sabia. Mas que estava diante da mente mais brilhante, sexy, confusa e complexa de toda a história, deixou-o afligido.

Ele era um homem inteligente e sábio, não havia a menor dúvida. Mas ela... Essa mulher humana, loira e aturdida tinha os hemisférios desenvolvidos ao máximo, e sinapses divididas

quase em compartimentos e com etiquetas de anotações por todos os lados. Era pura organização e análise.

E também era ciumenta de seu conhecimento e lutou por proteger sua informação.

Curiosamente, protegeu tudo o que ela sabia, e o fez porque tinha uma grande consciência sobre o que estudava e aquilo que descobriu. Mas, o que era?

Em seu sangue viu os anos trabalhados para a Newscientists e as coisas que fez.

Na realidade, não torturou ninguém mais; não se dedicava a ser carrasco de ninguém, mas sabia como fazer mal. O problema era que utilizou esse conhecimento para feri-lo. Somente a ele. E isso o irritava soberanamente.

Lucius e Strike se deram conta de que ela o afetava e de que ia ser importante para ele, e a utilizaram. Malditos filhos da cadela. Tudo foi uma armadilha, e nada odiava mais que cair em uma delas, nas mãos de seu mais odiado antagonista.

Lucius... Lucius queria seu dom. E queria saber o que ele sabia. O problema era que o vampiro não tinha nem ideia de que passara dois mil anos com seu dom adormecido e tão apático como se fosse um vegetal. Acreditaram que Miz o despertaria. Óbvio que o teria feito se tivessem trocado sangue. Mas conhecia a mente desse desgraçado, e sabia que, se tinha algum interesse em Miz, não permitiria que ninguém bebesse dela.

Por isso seu dom não despertou diante deles; mas agora ganhou vida de um modo que lhe custava controlar. Passou todos esses dias só para estudar seu novo poder e entender como manipulá-lo de novo. Devia recordar como fazê-lo e, também, devia respeitar sua magia e sua energia: não podia abusar dela ou se voltaria contra ele. O druida albergava um poder descomunal, mas os grandes dons acarretavam grandes responsabilidades. Não devia esquecer-se disso.

Continuou bebendo.

Mediante seu sangue, começou a conhecê-la. A garota se resguardou em seus estudos.

Era uma ratinha de biblioteca, alheia a sua sexualidade e ignorante de sua verdadeira sensualidade.

Sempre usava roupas descontraídas que não delineassem seu corpo nem se colavam à sua pele.

Nada de tons chamativos. Prendia seu cabelo em um coque baixo e usava óculos de armação negra para trabalhar. Ela acreditava que isso a faria menos atrativa. Mas a pobre ratinha não tinha nem ideia de que a tornava muitíssimo mais sexy e que, ao querer separar de si os olhares masculinos com esse traje, provocava, justamente, o efeito contrário. Os homens eram uns pervertidos e adoravam as professoras.

Enquanto bebia dela, acariciou a parte baixa de suas costas e colocou uma mão sobre sua nádega. Alguma vez houve algo tão suave?

Miz não tinha contato com homens. Só Lucius, Seth, Patrick e Sebastian estavam em sua cabeça. Embora claro, a imagem que tinha gravada nela não tinha nada a ver com a realidade. Esse sacana do Lucius modificou suas lembranças, mas pouco a pouco foram caindo. De fato, ela já podia ver como eram na realidade.

Também estavam as duas garotas de aspecto masculino com quem trabalhava. Eram bonitas. Não se maquiavam, tinham o cabelo muito curto e ambas, as duas, eram retas como pranchas. Uma delas era Laila. Por todos os deuses, como odiava a vadia! Por sorte, morreu. Seu irmão Menw a matou no interrogatório no quarto da fome.

Tentou captar imagens dela e de Laila na intimidade porque supunha que mantiveram relações. Mas só podia ver uma única imagem: ambas ajoelhadas na cama.

Miz usava uma camiseta desgastada, larga e de cor rosa pau com o número 77 de cor negra estampado na frente. A seu lado, Laila retirava uma mecha de cabelo loiro de seu rosto e entregava-lhe uma carta com as palavras High Sky Boys Clube. Esta vestia roupa de trabalho, coisa estranha, como se acabasse de sair das instalações da Newscientists. Cahal não compreendia nada.

Concentrou-se na imagem. Aquela era a casa de sua garota. Seu quarto. Não iam fazer nada? Miz não o deixava ver nada mais, fato que demonstrou que a cientista não era tão fraca como pensou. Mas não era páreo para ele. Deu um empurrão e pôde escutar como se rompiam as barreiras. A mente era muito explícita e mostrava tudo de maneira muito figurada.

Se havia barreiras que o impediam de ver lembranças, só tinham que dinamitá-las.

Desta vez, Ossinhos estava com Laila e algumas garotas mais. Estavam na casa de uma delas, supunha-se que era a de Laila. A loira falava com ela de maneira muito relaxada e Laila a tocava com familiaridade e confiança. Colocava-lhe as mãos nos quadris, acariciava-lhe a bochecha e... a beijava! A estava beijando, porra! Havia algo erótico em ver duas mulheres compartilhando seus lábios; o encantava, mas não gostou nem um pinga saber que sua cientista era uma delas. A astrofísica o proibiu de beijá-la, mas não os negou a Laila. Estava tão ciumento que o peito doía. Com ciúmes de uma lésbica!

O druida grunhiu contrariado. Quis descobrir mais. Embora o incomodasse, quis sentir até que ponto Ossinhos gostava daquilo. Mas não viu nada mais à exceção de alguns jantares em locais japoneses e rondas esporádicas de tequilas. E logo trabalho e mais trabalho: imagens desconexas de provetas, conversa com Lucius, conversas com Patrick...

Manipulação de computadores centrais, relatórios protocolares... Tudo muito impessoal e aborrecido. E inútil para ele. Se Miz descobriu algo tão importante, se sabia algo tão relevante para a humanidade, por que não se manifestava em sua cabeça com pôsteres fluorescentes e foguetes? Não o conformava. Aquilo não se ajustava. Deveria vê-lo.

Estava bebendo dela, estava em sua cabeça... O que Ossinhos não contava?

Também recebeu clarões de lembranças traumáticas. Uma mulher e sua filha encurraladas por um grupo de vampiros. Aquilo ia acabar muito mal. Tratava-se de sua mãe e de sua irmã.

Sua família morreu da maneira mais cruel, pelas mãos desses desalmados, e ela tentou lutar contra eles a seu modo. Mas lutava contra os vanirios sem saber. A manipulação era clara e concisa.

A cientista era culpada de algo na realidade? Sim. Era. Despertou seu animal interno, o ser desalmado e avaro que se achava nos de sua raça. Não a deixaria escapar.

Não agora que a encontrou.

A débil queixa da humana o tirou de sua cabeça. Estava bebendo muito e ela ficava desfalecida. Afastou as presas de sua garganta e passou a língua pelos orifícios. Estes se fecharam imediatamente. Ficou olhando os dois pontinhos avermelhados que deixou e lutou contra a besta do vanirio, esse animal interno que exigia converter-se em um com sua companheira de vida.

Queria sexo. Submissão. Paixão... Desejava o contato mais íntimo entre um homem e uma mulher.

Não obstante, já a magoaria muito convertendo-a para também transar com ela na ducha sem que ela recordasse. Não era tão mau, droga; portanto, controlaria-se e não o faria.

Ossinhos já não conseguia ficar em pé. Tinha os olhos fechados e a boca entreaberta. Estava um pouco pálida.

—Pobrezinha — murmurou, aproximando-se de seus lábios. Aquela mulher tinha uma pequena covinha que dividia seu queixo. De certo modo, esse queixo o recordava Aileen por sua simetria e sua harmonia facial. Deu-se conta de que queria provar essa boca, mas, se fizesse, a trairia. Outra vez — Bebe de mim, *mo dolag*. Ofereço a você o que sou e o que tenho —elevou uma mão por cima de sua cabeça, apoiando-se na parede, enquanto com a outra segurava o corpo pálido de sua garota. Cerrou os olhos e proclamou: — *Cas na mo signe*. Empunho minha adaga.

Nesse momento, a adaga características dos keltois se materializou em sua mão. Acariciou com o polegar o punho de marfim branco em forma de urso levantado sobre as patas traseiras.

O urso tinha gravado na barriga um triskel em todas as adagas de seu clã, exceto na dele. No seu havia um awen, o símbolo que se associava aos druidas originais. E na lâmina da adaga havia uma inscrição em gaélico: *An duine draoidheachd*. O homem mágico.

Passou dois mil anos sem ser, mas o sangue de sua companheira despertou seu dom adormecido. Agora poderia invocar de novo, poderia falar com os elementos, poderia comunicar-se com a natureza e manipular sua realidade. Ossinhos chamaria isso de “interações da ciência com seu ambiente”. Ele o chamava magia. Poderiam chegar a um ponto em comum?

Deslizou a ponta da adaga sobre seu musculoso peito e fez um corte em horizontal. O sangue começou a emanar da ferida. Vermelho e chamativo, fluía por sua pele e seu torso.

—Beba — ele deu uma ordem mental.

A mulher piscou levemente e cravou os olhos no líquido rubi. Com um ligeiro atordoamento, colocou as mãos sobre seu peito, rodeando a incisão. Apertou levemente a carne e isso fez com que o sangue saísse com mais força.

—Isso... —sussurrou Cahal, olhando-a com atenção. Recolheu seu longo cabelo loiro em um punho e a apressou para que o chupasse.

Ela lambeu os lábios e colocou sua boca sobre a ferida, bebendo obedientemente e engolindo, acompanhando de pequenos ruídos que ao druida pareceram eróticos e, ao mesmo tempo, muito ternos.

—Isso, boneca. Assim mesmo... — Caramba, ia gozar só com isso— Puta que pariu... — sussurrou, movendo os quadris para frente e para trás e impactando sua nua ereção contra o ventre da astrofísica. Parecia que não se saciava e continuava bebendo; não só por sua ordem mental, que a obrigava a isso, mas sim porque, aparentemente, gostava de verdade do seu

sangue. Quando tomou o suficiente, afastou-a com delicadeza — Já foram duas, neném. Uma mais e é minha para sempre.

Miz continuava aturdida, com as pupilas claramente dilatadas, ainda sob o poder mental do vanirio.

Ela não seria consciente do modo como a agasalhou com uma toalha negra. Não notaria seus braços rodeando-a e elevando-a contra ele. Nem tampouco poderia adivinhar o justo momento no qual Cahal se meteu com ela na cama, aproximou-a de seu corpo e os cobriu com a colcha.

—Durma, Ossinhos — quando viu que ela fechava os olhos, acrescentou—: Amanhã vai ser um dia muito duro. Amanhã entrará em cheio em meu mundo.

Capítulo 5

Dudley

Quando ela abriu os olhos, a última coisa que esperava era encontrar com um enorme pôster de boas-vindas a Dudley. Estava no interior de um carro, e não um qualquer. Esse veículo em especial tinha o estofamento de pele cor vermelha e um bonito logotipo do um cavalo empinado no centro do volante. Nunca prestou atenção às marcas dos carros, era algo que não lhe importava absolutamente. De fato, conduzia seu velho fusca amarelo e lhe parecia tão funcional e útil como qualquer outro. Mas não era tão estúpida para não saber que esse escudo era o de uma Ferrari.

Um computador de bordo GPS indicava que se dirigiam à parte norte de Dudley. Como chegou até ali? Colocou uma mão sobre a testa e tentou recordar. A última coisa que recordava era que tomou banho com Cahal e depois dormiu a seu lado. Os dois juntos em uma cama.

Tinha dormido com ele. E jamais se sentiu tão bem e tão em paz, mas continuava aturdida. Como se houvesse algo mais e ela não pudesse averiguar do que se tratava. Dirigiu seus olhos sonolentos à roupa que usava. Aquilo era uma túnica? De verdade vestia uma túnica negra com capuz?

Olhou a sua direita e se encontrou com o sorriso torto de Cahal e seus olhos claros penetrantes.

—Dorme muito profundamente, boneca.

A jovem o olhou fixamente durante alguns segundos. Por que o interior desse carro cheirava a canela? Era o desodorante? De verdade era o aroma desse homem? Senhor... Assim não podia viver.

—O que faço... — limpou a garganta e começou de novo—: O que faço aqui? Aonde vamos?

—Ver alguns amigos. Não pude despertá-la, assim decidi vesti-la e carregá-la até o carro.

Miz arqueou as sobrancelhas sem compreender e estremeceu. O coração acelerou. Jamais dormia tão profundamente.

Cahal agarra o volante com força, usava jeans escuros e uma camiseta negra ajustada com as mangas arregaçadas até os cotovelos. A serpente de seu antebraço se movia conforme o faziam seus músculos. Não gostava daquilo. Nem um pouco. Ia apresentá-la a uns amigos? Viu-se na obrigação de dizer:

—Eu não tenho amigos.

—Meus amigos são seus amigos. Se dê bem com eles e eles serão condescendentes com você — piscou-lhe um olho.

—Não. Nem pensar. Neste caso, os amigos de meus inimigos não são meus amigos. Compreende?

Ele sorriu e cravou a vista na estrada.

—Não sou seu inimigo e sabe. Esta noite a respeitei, neném. Não fiz nada que possa comprometê-la —Mentira número cento e dezesseis, pensou Cahal.

—Discordo sobre isso —cruzou de braços. Esse homem pensava que apalpá-la e colocar as mãos em suas áreas íntimas não era comprometer-lá. Estava louco— O que fazemos em Dudley?

—É nossa área.

—Sua área?

—Sim. Dudley, Segdley, Walsal, Wolverhampton... Black Country. O país negro.

—Sei o que significa.

—Bem —assinalou o céu— Já sabe sobre as minas de carvão, as fundições de aço e todo o resto, não? Criavam uma poluição atmosférica em forma de uma capa permanente no céu que não deixa que os raios solares cheguem com a força devida. É perfeito para nós, os vanirios — esclareceu levantando uma sobrancelha loira.

—Por sua aversão ao sol.

—Sim.

—Mas isto é... — Agitou a cabeça, consternada— Isto é... De verdade este é seu território? Como pode passar por Dudley com uma Ferrari? Não o entendo... Vai levantar suspeitas entre os vizinhos, chamar muito a atenção.

—Não —esclareceu ele— Apago suas lembranças—tocou a têmpora e sorriu— Fazemos uma varredura e modificamos ligeiramente o conteúdo do que viram os humanos da área.

Ela entreabriu a boca.

—De verdade tem tanto poder? Quantas pessoas vimos a pé em Dudley desde que estamos falando? Sessenta? Setenta? Isso sem contar os carros que vão pela mesma estrada... Pode com todos eles?

O loiro fez uma careta com os lábios.

—Não tem importância. Não é tão difícil.

—Que não é tão difícil...? —Ainda com a boca aberta, olhou à frente e compreendeu que se Cahal podia fazer isso com normalidade, o que não teria feito em sua cabeça?

—Merda. —cruzou os braços— Dá medo saber que existe.

—Obrigado, suponho.

Ela apalpou dissimuladamente os seios.

—Posso te fazer outra pergunta?

—Claro que não.

—Pode-se saber por que não uso roupa íntima?

—Esqueci de comprar roupa, e isto era a única coisa podia cair bem. Sinto muito. Mas já encomendei algumas coisas para você. Não se queixe, porque tenho a máscara de Scream no porta-malas. Se quiser lhe ponho isso. Combina com o disfarce — a olhou de cima a baixo.

Ela suspirou e moveu os dedos nus dos pés.

—Nem calçado. Tampouco estou calçada.

—Ups. Sinto muito —respondeu ele sem sentir plenamente— Mas pensei que ficaria ridícula com um quarenta e seis.

—Por Deus, não obrigada. Quem é? Big Foot? —Nunca foi tão impertinente. De fato, jamais conversou com alguém desse modo: sem diplomacia e com um receio tão patente— De todos os modos, eu posso comprar minhas coisas.

—Mec! Erro! —vociferou ele— Você já não pode fazer nada, Ossinhos— ressaltou amavelmente— Não pode tocar suas contas correntes, nem ligar para nenhuma ex-amiga, nem comparecer à sua ex-academia, nem a seu anterior supermercado, nem nada disso... Não pode retornar a seu apartamento, nem a sua vida. Lucius e Patrick a vigiam; e se for verdade que ocultou informação —coisa que adoraria averiguar porque em sua mente não tinha visto muito sobre isso—, estão desejando que tire a cabeça de seu ninho para extrair esse cérebro brilhante que tem.

—Sei... —brincou nervosa com o tecido negro que cobria suas pernas. O vanirio estava com a razão. Sua vida já não era dela como antes. Agora seu único valor era seu conhecimento; não tinha nada mais nem ninguém a quem recorrer, por isso aceitou desesperada o trato daquele loiro enorme — Sabe que seus amigos me odeiam, não? Não sei por que me leva até eles, mas... Não acredito que serão muito afáveis. Eu não seria.

—Seja simpática e se mostre arrependida por tudo, e eles a tratarão bem.

—Eu odeio a condescendência.

—Por que?

—Porque é falsa. Olharão para mim dizendo: “Sabemos que é uma vadia sádica que fez mal a nosso amigo, mas como tem informação que nos é muito útil, vamos sorrir para ela como se nos agradasse e perdoar essa vida miserável que tem”. Isso é ser condescendente. E não o quero. Prefiro que acertem as contas.

Cahal assentiu com a cabeça. Na realidade, não iam ser condescendentes com ela; ele somente pretendia acalmá-la. Iam ser muito cruéis, sobretudo Maru Beatha e Rix Gwyn, membros do Conselho Wicca.

Beatha teve dois de seus filhos nesses túneis; e ele não queria nem imaginar o que sofreram. Os sentiu, a todos e a cada uma dessas crianças. De fato, fazia parte deles e se criou um vínculo invisível. E isso que não se viram cara a cara em nenhum momento. Não se comunicaram telepaticamente, mas havia um canal aberto entre todo ser vivo: o canal do coração. E embora os deles estivessem bastante maltratados, encontraram-se e fizeram companhia na tortura, nas lágrimas e na vergonha.

Nenhum deles esteve em disposição de mudar àquela horrível situação, mas sim podiam escolher a atitude com a qual confrontar esse sofrimento. E tinham decidido apoiar uns nos outros. E a ele, inclusive estando em andares diferentes, esse apoio chegou, invisível e incondicional. E, de igual modo, sabia que a energia que ele lhes mandava abrigou a alma gelada daqueles pequenos.

O vanirio a olhou de esguelha e captou seu nervosismo e seu medo. Um ser tão racional como ela devia temer o descontrole.

—Não permitirei que a machuquem, certo? Tudo se resolverá. —Oh, sim. E ele sabia como fazer isso.

Ela engoliu em seco, apoiou a cabeça no respaldo estofado de pele vermelha, e fechou os olhos. De verdade ia se resolver?

—Ontem me mordeu? Bebeu de mim?

Cahal ativou o luz de alerta e girou à mão direita.

—Sim. Bebi.

Ela exalou o ar com cansaço.

—Sinto-me estranha. Estou um pouco enjoada e tenho vontade de vomitar.

—É o nervosismo. — Não. Era a transformação. A ingestão de sangue vanirio.

—Estou há dias sem comer...

—Não tem importância. Quando sair daqui, comerá — Não. Outra mentira.

Não comeria até depois da conversão. Seu estômago devia estar vazio, porque a sua humanidade acabaria em poucas horas.

Miz o olhou de esguelha.

—Pareces convincente... Mas não quero nem imaginar o que fez comigo. Não sou estúpida — o olhou por entre seus espessos cílios loiros—, e sei que está me ocultando coisas. Nunca me aconteceu isso com ninguém; mas com você, simplesmente sei.

“Claro. Somos companheiros, neném.”

Não o importava o que ela achasse. Não havia retorno. Essa era sua decisão e ia tomá-la pelos dois.

—Não fiz nada errado. Não a traí — lhe outorgar a imortalidade não era trai-la.

Ela sentiu que o coração encolhia.

—Cahal... — sussurrou negando com a cabeça de um lado ao outro.

Por que estar perto dele a acalmava? Era como um arrulhar constante. Deveria estar atacada dos nervos e, entretanto, a seu lado, não havia ansiedade nem pânico. E o mais inquietante: por que razão não podia afastar seus olhos dele? Tinha que olhá-lo de soslaio para que ele não visse a fixação que tinha com seu corpo. Que ia dizer? Seu mundo se rachou, e ela estava mudando. Nunca em sua vida necessitou acreditar em alguém tanto como precisava acreditar nele nesse momento. Cresceu aprendendo a acreditar só em si mesma; mas esse vanirio ia se converter em seu pilar, o único no qual ela poderia apoiar-se, o único prego ardendo ao que agarrar-se quando tudo caísse a seu redor.

Acreditaria nele. Sim. Acreditaria nele, embora sua razão a advertia que se equivocava. Mas algo em seu interior, à altura do peito, compelia-a a confiar quase cegamente no único homem que devia odiá-la mais que ninguém, e que, entretanto, estava sendo atencioso com ela — a sua maneira— e lhe oferecia sua proteção. Isso significava algo, devia significar.

Sim. Entraria ali, conheceria todos os que a odiavam e pagaria por seus pecados. Pagaria a dívida por ter feito mal a seres supostamente inocentes e também por ter traído a lembrança de sua mãe e de sua irmã. Ajudaria-os, e se seu mundo fosse à merda por isso, então, iria direto para o inferno. Porque o inferno também devia existir em um Universo no qual havia vanirios e vampiros. E o céu estava claro que não era para ela.

Não acreditava em um debate aberto com os vanirios. Certamente, queriam torturá-la como ela fez com um dos seus.

—Neném, me olhe — Cahal a puxou pelo queixo e limpou uma lágrima que deslizava por sua bochecha— Não chore, mo dolag. Não chore, por favor — pediu ele com doçura.

Estava chorando? Não se deu conta.

—Estou sozinha —murmurou limpando os olhos úmidos com o dorso das mãos—, mas peço que me proteja de verdade. Não me traia. Sei que você, no final, fará o que tiver vontade, mas me deixe entrar lá acreditando que não permitirá que me...

—Não, chist... — Cahal parou o carro e passou um braço por cima do seu ombro— Não permitirei. Sou um vanirio e, embora não acredite ainda, é muito importante para mim. Sei que é difícil de compreender, mas nem por isso é mentira. É nossa verdade. Confia em mim e tudo sairá bem.

—O que quero dizer é que, se não vai me apoiar ou proteger, fale já, e assim me conscientizarei para enfrentá-los— tinha os olhos vermelhos e brilhantes.

—Prometo que sairá com vida daqui e que poderá seguir com seu trabalho e com suas coisas, Ossinhos. Mas será diferente. Estará conosco. Acalme-se — acariciou sua bochecha. Odiava vê-la assim— Necessitamos de sua ajuda, não somos tão irracionais para nos deixar levar pela ira. Confia em mim? — seu coração se quebrou ao fazer essa pergunta e ver como ela assentia e sorvia suas lágrimas pelo nariz.

—Acredito que sim.

“Sou um filho da puta”.

—Bem. Isso está melhor. Vai conhecer o conselho Wicca dos vanirios —ligou o motor do carro, que ronronou como um gato preguiçoso, e se dirigiu a especial vizinhança Vanir de Dudley.

O entardecer em Dudley deixava o pavimento molhado pelas recentes chuvas e um céu cinzento que ameaçava com tormenta. Atrás ficavam um museu, um cinema, muitas fábricas e longos quilômetros de tapetes verdes e espessas árvores. Fazia alguns minutos que não apareciam as típicas casas inglesas construídas com ladrilhos avermelhados na frente, e agora se introduziam por um caminho rodeado de carvalhos e olmos.

O caminho pavimentado dava a uma casa de design que nada tinha a ver com a arquitetura vista anteriormente. O bom era que estava oculta aos olhos dos vizinhos, e para vê-la, só podia fazê-lo pelo ar.

A casa, de aspecto muito vanguardista e de estrutura cubicular, não tinha boa iluminação. O aroma de grama molhada a fez experimentar um estúpido sentimento de familiaridade. Bom, os campos da Inglaterra costumavam cheirar assim, e cheirava desde criança.

Cahal estacionou o carro na garagem particular. Uma vez dentro nem sequer acendeu as luzes. Em algum lugar, ele viu uma espécie de tela tátil de reconhecimento. Pousou a palma de sua mão direita e abriu os dedos. A luz vermelha de scanner se moveu de cima a baixo e leu suas impressões digitais. E, então, uma porta metálica se abriu. Ou isso intuiu Miz, porque às escuras nem sequer conseguia espionar o que tinha em frente. Sua vista por si só não era nada boa, por isso agradeceu que a mão quente de Cahal rodeasse a sua e a puxasse para guiá-la.

O vanirio a guiou através de escadas que desciam a uma parte subterrânea.

—Teine —“Fogo” — disse o druida.

Depois daquela ordem, centenas de tochas penduradas na parede iluminaram um longo corredor.

— Sêrio —a jovem teve que apertar os dentes para que não batessem—, minha pele está arrepiada.

O que apareceu diante seus olhos a deixou sem fala. Nessas paredes havia inscrições tão antigas quanto o tempo e símbolos gravados de uma beleza cativante. As cornijas dos tetos eram de ouro maciço e tinham pedras preciosas incrustadas que brilhavam com soberba e vaidade. O chão de mármore era branco e suave ao tato.

—Curioso —declarou a cientista analisando o ostentoso lugar e ficando com a sensação do frio chão sob a planta de seus pés nus.

Um corredor, mais largo que os anteriores, dava a outro curvo com uma porta de madeira de carvalho com punhos de ouro em forma de garras. Cahal se deteve e empurrou a porta, mas antes de abri-la por completo, olhou-a por cima do ombro.

Miz observou suas largas costas, ajustada na camiseta negra colada à sua pele, e em sua cabeça tão loira, viril e raspada. Quis abraçar-se a ele em um momento de desespero. Não estava nela.

Talvez esse fosse seu último momento de vida. Na realidade, ela não sabia quem eram os vanirios, que princípios tinham nem quais eram seus costumes. Decidiu acreditar em Cahal porque algo dentro dela lhe dizia que não se equivocava; mas, e se sua nula intuição falhou? Tudo o que acreditou sobre eles era falso e estava infundado. E isso se resumia em que não sabia nada. Zero.

Os vanirios podiam ser diferentes dos vampiros, ou muito parecidos.

—Aconteça o que acontecer, lembre minha promessa —ordenou Cahal olhando-a sem piscar— Você me pertence. Eu te pertencço. E ninguém pode decidir sobre você. Ninguém.

Aquilo deveria ter soado ridículo e ofensivo, mas, nesse momento, necessitava escutar essas palavras exatas. Beirava ao absurdo porque era ele quem a levava à cova dos lobos, mas a protegeria. Assim seria.

Miz assentiu e o abraçou pelas costas. Era agradecimento o que varreu seu corpo. Esse homem deveria matá-la; deveria ter feito isso no primeiro momento que teve oportunidade. Se ela se encontrasse com os vampiros que violaram, torturaram e mataram a sua família, não hesitaria em esquartejá-los assim que os visse. Mas esse vanirio não fez nada disso. Estava-lhe dando a oportunidade de viver.

Soluçou contra suas costas. O capuz caiu e descobriu seu rosto. Era a primeira vez que agiu de um modo emocional e espontâneo, mas a impressão dessas palavras a fez agir impulsivamente. “Você me pertence. Eu te pertencço”. Que bonitas afirmações. O corpo desse vanirio que dizia ser dela lhe transmitiu toda a coragem para encarar aquela dura prova.

Cahal ficou estático ao sentir que os magros braços de sua garota lhe rodeavam a cintura e se colava a ele por vontade própria, com total confiança. Confiança. Apertou a mandíbula e seu olhar se encheu de recriminações para si mesmo. Ela compreenderia.

Ela compreenderia o que ia fazer. A frágil confiança que se forjou entre eles ia voar pelos ares depois dessa noite.

Mas Cahal a ensinaria.

Era o primeiro passo para que compartilhasse a noite eterna a seu lado, e por sua mente não passava que ela o rejeitasse. Era impossível negar o companheiro de vida, não?

Miz se afastou dando um passo para trás e levantou o queixo como uma valente amazona.

—Venha, vanirio. Jogue-me aos leões.

Cahal abriu a pesada porta com um leve empurrão de suas mãos.

O Conselho Wicca, todos os membros dos clãs berserker e vanir e os meninos e garotas que foram sequestrados pela Newscientists e estavam se recuperando de suas feridas físicas e psicológicas, os estavam esperando com uma promessa de fria vingança em seus olhos. Não. Mizar tinha muito claro que naquela sala não haveria perdão para ela. E assim que viu as cabeças raspadas de todos as crianças e a tensão e o medo com que a olhavam, ela mesma se condenou a esse mesmo destino. Deveriam matá-la. Por ter sido cega e ignorante.

Mas não poderiam, porque Cahal a protegeria.

Estavam todos. Todos.

Cahal se encheu do aroma de madeira queimada das tochas e do perfume de incenso. Ali, nesse salão circular de enormes proporções, ele deu sua opinião centenas de vezes sobre todos aqueles temas que preocupavam os vanirios.

No centro do salão havia oito poltronas. Oito tronos de bela fabricação com símbolos celtas, os símbolos que representavam a sua cultura. Franziu o cenho. Antes eram seis.

Dois por cada casal que liderava cada um dos três distritos onde havia representação vaniria. Até então, Wolverhampton não teve representação no Conselho por ser território berserker; mas agora havia dois novos tronos, e Caleb e Aileen estavam sentados neles. Dos oito tronos só havia dois livres, e esses sim que pertenceram aos dois traidores: Dubv e Fynbar do Conselho de Walsal. Alguém os substituiria cedo ou tarde.

Gwyn e Beatha, Inis e Lone e Aileen e Caleb os olhavam fixamente. Estavam cobertos com uma batina púrpura e seus rostos permaneciam semiocultos, ao resguardo dos folgados capuzes. Cahal observou como Caleb McKenna elevava um canto de seu lábio e sorria com orgulho ao vê-lo. Merda, Caleb era seu brathair; não de sangue, mas sim de coração e tinha vontade de voltar a falar com ele. Aileen, sua companheira, também elevou o queixo e cravou seus olhos lilás nele e em sua acompanhante alternativamente. Parecia mais angustiada que o resto. Seu olhar refletia preocupação e compaixão cada vez que recaía na cientista, e certamente era assim porque a híbrida passou por isso uma vez; e foi muito traumático para todos. Mas ela, de todos ali reunidos, ao menos de todos os vanirios, era a única que mostrava um pouco de compaixão.

Outros ditaram a sentença. Os homens e as mulheres Vanir queriam a cabeça de Miz. Daanna e Menw tentavam não refletir muitas emoções, mas sabia que seu irmão estaria mais que de acordo em acabar com Miz, não obstante, não apoiaria a moção porque sabia que era sua cáraid; e Daanna tampouco advogaria pela morte da Ratinha porque sabia o muito que sofreria ele sem ela. Ele poderia perder-se na escuridão.

Mas os outros estavam sedentos de vingança... Maru Beatha e Rix Gwyn, sobretudo. E demonstraram-no quando, ao mesmo tempo, todos os vanirios elevaram as taças vazias de cristal de Boêmia e estas refulgiram com a luz das tochas. Exigiam seu sangue. Sua vida.

Os berserkers, com Ás Landin e sua kone María à cabeça, também estavam ressentidos com a humana. Em Capel Le Ferne não só havia crianças vanirias, também havia berserkers.

Adam, o vira-lata, e a sexy Ruth estudavam Miz. O berserker moreno e com o piercing na sobrancelha inclinava a cabeça e sussurrava algo ao ouvido de Ruth, que assentia com aquela massa de cachos mogno revoando a seu redor sem perder de vista a cientista. Cahal teve vontade

de começar a rir. Não a via desde o Ministry. Aparentemente, a Guerreira tinha posto o lobo de joelhos. Bom para ela!

E Noah, o berserker raspado que tinha o cabelo tão loiro que parecia branco, estava de braços cruzados, analisando a cada um dos seres que havia nesse salão. Esse homem sabia mais do que qualquer um; sempre o deixava de cabelo arrepiado.

Porra, depois de raspar o cabelo loiro que tinha, ele mesmo poderia passar por um berserker. Pois sim.

Detiveram-se no centro do semicírculo que criavam os oito tronos e Cahal puxou o braço de Miz e a obrigou a ajoelhar-se diante deles. Era uma humana, uma que fez muito mal aos clãs, e o mínimo que podia fazer era mostrar respeito.

Ela o olhou de esguelha e apertou os dentes para logo agachar a cabeça e admirar o pentágono que tinha gravado no chão. Estava prostrada justo no meio dessa estrela.

O druida deu um passo à frente e, justo no momento no qual ia falar, um movimento a sua esquerda, entre a multidão vaniria, distraiu-o.

Quando girou a cabeça e se centrou naquilo que chamou sua atenção, encontrou-se com um par de olhos enormes e rasgados, entre azuis e marrons claros. Sua cabeça loira e raspada emergia de entre a multidão como um faixo de luz entre tanta túnica púrpura. Segurava pela mão uma pequena cabeça raspada ruiva; era um menino estranho, pálido e de olhos azuis como o céu. A criança o olhou com admiração, como se quisesse se aproximar dele, e Cahal sentiu simpatia por ele imediatamente.

Ao redor desse par de lutadores não demoraram para aparecer mais cabeças raspadas, e todos, sem exceção, olhavam para ele, e sentia que lhe transpassavam a alma; que eles sabiam o que estava experimentando. Eram berserkers e vanirios, homens e mulheres, meninos e meninas. E estavam na comunhão entre eles, porque passaram pelo mesmo nos túneis de Chapel Battery.

Olhos grandes, a adolescente que divisou primeiro, levantou uma mão e fechou o punho para logo depositá-lo sobre seu coração. Depois dela, um menino muito alto, localizado a seu lado, com olhar triste e angustiado fez o mesmo. Pareciam-se muito.

Cahal sentiu um nó na garganta, um que o impedia de respirar. Era a saudação de honra, aquele que os celtas keltois, os vanirios como eles, ofereciam ao guerreiro que lutou até o final. Era também um símbolo de agradecimento e de amizade. Também havia alguns guerreiros amadurecidos que mostravam seu respeito para ele, o druida dos keltois. Mas Cahal não acreditava merecer tal reconhecimento. Ele não pôde fazer nada por ajudá-los. Entretanto, respondeu a sua saudação. Lentamente, elevou seu punho direito e logo o colocou sobre seu coração.

A comunicação que se estabeleceu entre eles foi patente pelo silêncio reinante, cheio de respeito e de emoção.

Miz olhou para esses garotos tão jovens. Por Deus bendito... eram eles? Supunha-se que eram os garotos que havia nos túneis? Os olhos se encheram de lágrimas. Sentia empatia, mas também vergonha. Vergonha porque, até sendo superdotada e tendo um quociente intelectual como fazia tempo que não se via, não se informou de nada. Nem sequer sabia que trabalhava para os que não se importava.

E, então, aconteceu algo. Algo que a afundou no lodo da escuridão e a autoflagelação. Aquela garota, aquela jovem que olhava o vanirio e ela alternativamente, abriu a boca e começou a entoar uma canção com uma voz angelical.

— *Fhir a'bhàta, na ho ro eile... Fhir a'bhàta, na ho ro eile...*

O menino raspado que tinha ao lado pôs a mão livre sobre o ombro da jovem e uniu sua voz mais masculina a dela. Miz não entendia o que estava acontecendo porque ouviu muitas vezes essa canção. A escutou algumas noites quando ficou trabalhando até muito tarde na Newscientists. Era uma canção à capela e ela sempre, sempre, acreditou que era do fio musical, porque isso mesmo lhe disseram Brenda, Laila e Lucius.

Fio musical? E uma merda! Que sua garganta rachasse nesse preciso momento se a voz que ouvia nos alto-falantes dos túneis não era a dessa garota cantando! Podia-se sentir pior do que estava?

Agora todos os raspados, sem exceção, cantavam a canção, inclusive Cahal.

— *Mo shoraigh slàn leat 's gach àit'an téid thu...*

Miz olhou à frente, para os membros do Conselho Wicca. Os homens escutavam com consideração a canção gaélica que entoava aquela gente.

A loira encapuzada sentada em um dos tronos, que tinha a mesma complexão óssea que a jovem que iniciou o canto, tinha os olhos cheios de lágrimas; mas estava centrada nela, e transmitia tanto ódio que Mizar soube que seria sua principal inimizada naquele lugar.

Lembrava da morena de olhos lilás. Sua atitude não parecia tão beligerante, embora já a interrogou uma vez naquele buraco escondido; e não se tornaram amigas, precisamente.

E logo estava a outra vaniria de cabelo castanho e ondulado, que também exibia o mesmo desdém e aversão que a loira.

Secou as lágrimas de suas bochechas com um tapa e pigarreou enquanto movia a taça vazia de um lado ao outro, sabendo que esse movimento deixaria mais histérica à humana do que já estava.

—*Is càch gu lèir an déidh a trèigeadh...*

Todos se calaram de uma vez. Aquela foi a última frase da balada gaélica. Miz sabia que era uma canção que falava de um amor.

Entendia esse idioma, o aprendeu para proteger-se dos vampiros; mas reconhecia que era uma língua melódica e evocadora, sobretudo em anjos de cabelo loiro como essa jovem.

Cahal baixou o punho de seu coração e assentiu em agradecimento àquela amostra de carinho e de apoio.

Capítulo 6

Conselho Wicca

Dudley

—É um herói para eles, druidh —assegurou Beatha afastando os olhos amendoados do corpo de Miz e centrando-se nele— Celebro sua volta. Precisamos de você.

—Eles são meus heróis, Maru Beatha. Não eu.

A loira negou com a cabeça e descobriu o rosto.

—Reconhece-a? —perguntou olhando a jovem de cabelo muito curto e claro que havia iniciado o canto. Cahal olhou a garota de cabeça raspada e sentiu uma conexão muito pessoal com ela.

—É Daimhin. Minha filha — revelou Beatha. Ao dizer isso, seus olhos marrons se obscureceram e voltaram a se concentrar em Miz— E o que está ao seu lado é meu amado Carrick. Meu filho mais velho.

Por Morrighan, pensou Cahal... Sim, eram eles. Nenhum dos dois afastou o olhar, mas pareciam nervosos e ligeiramente envergonhados.

—Todos eles concordam —prosseguiu Beatha—, que durante as últimas semanas de seu confinamento receberam uma energia curadora, uma que os fizeram se sentirem melhor e com forças suficientes para continuar, justo quando as torturas dos guardas eram cada vez mais severas. Admitem sem rodeios que foi você quem os agasalhava desse modo, e eu... — Beatha apertou os lábios e piscou para afastar sua emoção—, eu, em nome de todas as mães que estão aqui hoje, e não são muitas, quero agradecê-lo por isso.

—Por isso —assegurou Gwyn levantando-se. Caminhou para Miz e afundou a mão dentro de seu capuz negro para agarrá-la pelo cabelo e puxá-lo até levantá-la— E por nos trazer a humana. Não acredito que saciemos nossa ânsia de vingança, mas nos servirá para acalmá-la um pouco.

Cahal não demorou nem dois segundos em prender o antebraço do igualmente loiro Gwyn e apertá-lo como advertência.

—Trago a humana, é certo, mas não para a finalidade que imaginam.

—Não há outra finalidade possível — disse Lone, com sua barba castanha escura e seu cabelo comprido, colocando-se ao lado de Gwyn— Vamos matá-la. Vamos fazê-la; e todos e cada um de nós beberemos um pouco dela. — Inis, como mulher vaniria que odiava que seu homem bebesse de outra mulher, gritou e mostrou as presas para Miz em advertência— Para averiguar tudo sobre a organização.

—Não servirá de nada —o cortou Cahal—, eu já fiz isso. A humana não é tão culpada quanto acreditam. —Devia defendê-la já— É verdade que me torturou, mas fez somente comigo. Não fez com ninguém mais. Nunca pôs uma mão sobre seus filhos.

—Mas sim nos via — gritou alguém entre a multidão. Tinha olheiras e cicatrizes por todos os lados. Além disso, estava muito magro— E nunca nos ajudou. Pedimos muitas vezes, e não nos deu atenção.

—Não sabia que era o que são! —protestou Mizar agarrando o grosso pulso de Gwyn, que ainda a retinha pelo cabelo.

—Cale-se! —gritou-lhe Gwyn.

—Solte-a. — Os olhos claros de Cahal fulminaram Rix, mas este não se intimidou.

— Solta-a imediatamente —a voz de Caleb trovejou no salão e todos o escutaram.

Gwyn olhou para trás e negou com a cabeça.

—É nossa líder, é verdade —disse Beatha olhando Caleb—, mas não pode compreender o que sentimos. Não pode entender que...

—É indiferente para mim o que sentem! —gritou Caleb com voz mais alta, impulsionando-se em seu trono— A dor é a mesma, venha de um pai ou de uma mãe, ou de uma cáraid, ou de um filho... É dor igual! Somos vanirios. Fazem-nos mal como clã, não como individualidades. Sinto o mesmo que vocês, asseguro-lhes isso —os explicou com voz tranquila— Mas temos que escutar o nosso druidh. Cahal retornou. Sofreu torturas e aberrações de todo tipo. E acredito que se seus filhos opinarem que ele é um herói é porque são muito conscientes do que teve que sobreviver.

Daimhin e Carrick assentiram. E todos outros também.

—Agora solte a garota, Gwyn —ordenou o líder.

Gwyn a soltou a contra gosto e se dirigiu a sua cáraid.

—Não posso fazer este papel — expressou Beatha olhando seu marido — A única coisa que gostaria é arrancar os olhos dessa puta. — grunhiu. Gwyn obrigou Beatha a sentar-se, e só Caleb ficou em pé como membro do conselho.

—Brathair —disse o vanirio moreno de olhos verdes, o saudando com carinho e lhe oferecendo o antebraço— Não imagina a alegria que me dá vê-lo.

—O mesmo digo, Rix Caleb —respondeu Cahal olhando seu traje e aceitando sua mão e elevando uma sobrancelha interrogadora —Agora é Rix?

—Isto lhe contarei mais tarde —sussurrou o novo membro do Conselho— Agora terá que esclarecer o conflito e resolvê-lo de um modo que deixe todos satisfeitos.

—Não sei como. O clã não aceitará outra coisa que não seja seu sacrifício.

—Exponha suas razões e explica quem é esta mulher aos membros do Conselho. Depois esperaremos o veredicto e veremos o que podemos fazer.

Cahal agarrou Miz pelo braço e a colocou a seu lado.

Explicou toda a história da humana tal e como ele sabia. Como Lucius, em vez de matá-la, como que fez com sua irmã e sua mãe, decidiu aproveitá-la em seu benefício devido a sua descomunal inteligência..

—O vampiro modificou sua cabeça mediante a manipulação mental com a ajuda de um feitiço de Strike, e isso fez com que ocultassem sua verdadeira aparência a seus olhos humanos. Lucius lhe contou uma mentira sobre nós e a fez acreditar que somos os maus, os vampiros — Cahal olhou para Miz como se fosse estúpida.

Aileen se inclinou para frente e prestou toda a atenção possível nas palavras do druida. Beatha e Inis faziam o mesmo, mas com mais desconfiança. Ione, Gwyn e Caleb somente escutavam.

—Foi adotada por Patrick Cerril —continuou Cahal— daí seu sobrenome. Patrick lhe deu a formação que uma superdotada como ela necessitava, e ela se encarregou de graduar-se com Summa cum sentencie em suas respectivas carreiras: Astrofísica e Medicina. Trabalhava na Newscientists para o descobrimento dos portais dimensionais.

—Portais eletromagnéticos — o corrigiu Miz, seguindo-o com seriedade.

Cahal a olhou de esguelha. Aileen e Caleb arquearam as sobrancelhas surpreendidos e olharam um ao outro com um leve sorriso de cumplicidade.

—Não me interrompa —grunhiu Cahal entre dentes. Continuou —: A humana nunca torturou ninguém nem fez parte de nenhuma caçada, exceto comigo. Strike viu através da magia seidr que ela podia me afetar de algum modo e, então, utilizando à traidora da Margött, introduziu-a no Ministry of Sound no dia no qual Ás e María se comprometeram. Eu a vi e a segui, e foi quando me sequestraram. Levaram-me a Capel Le Ferne, e utilizaram a humana para me torturar. Mas ela não sabia sobre os membros dos clãs, e — se deteve com um olhar de advertência ao mesmo guerreiro que se queixava de que ela sim os viu e não fez nada—, se os via, pensava que eram justo tudo o contrário. Além disso, em sua defesa, só posso dizer que no bosque de Tunbridge Wels ela nos ajudou. Não foi assim, Maru Aileen?

A híbrida entrecerrou os olhos lilás e o olhou com aprovação.

—O druidh tem razão. Em Tunbridge Wels foi ela que nos avisou que a troca que estava sendo feita era falsa. O Cahal que nos davam era um clone. Assim descobrimos o Memory.

—Por que ela o afetava? —perguntou Beatha, cada vez mais interessada em sua história.

—Como?

—Diz que Strike viu que ela o afetava e por isso a utilizaram. Como o afetava, exatamente?

Cahal deu um passo à frente e se colocou diante de Miz. Chegava o momento da verdade.

Seria o bobo do clã por encontrar uma companheira que o torturou.

Miz se surpreendeu diante aquele gesto. Estava protegendo-a tal e como prometeu.

—É minha cáraid.

Os membros do Conselho fizeram todos o mesmo gesto: apoiaram as costas no respaldo das poltronas e se olharam confusos. Todos menos Caleb e Aileen, que já sabiam a notícia por Menw e Daanna.

Adam soltou uma risada abafada, mas recebeu a cotovelada de Ruth nas costelas, que não podia acreditar no que acabara de ouvir. Cahal então olhou a Guerreira e deu de ombros; e Ruth negou com a cabeça incrédula. “Sério?”, diziam seus olhos ambarinos.

Cahal assentiu àquela pergunta muda.

Miz olhou a ambos, e essa conversa privada a incomodou. O vanirio estava falando com a das flechas que emitiam luz. Ainda a incomodava a coxa sempre que recordava Ruth.

Para piorar, outros presentes murmuraram e a olharam com mais desaprovação do que tinham demonstrado.

—É sua cáraid? Esta humana é sua companheira de vida? —Gwyn fez um exploratório de corpo inteiro à cientista.

Beatha se levantou e caminhou até Cahal.

—Afaste-se. Não vai mordê-la — pediu a Maru do conselho de Dudley. —Não podem machucá-la. É minha companheira —advertiu o druida endireitando a postura.

—Machucou um dos nossos. Torturou você, Cahal. O nosso Druida —particularizou mostrando as presas— Diz que é muito inteligente, e a retardada acredita que somos vampiros? Que tipo de inteligência é essa?

—Enganaram-me —replicou Miz. Odiava que a tomassem por estúpida, mas compreendia perfeitamente a incredulidade dessa bela mulher— Me manipularam.

Beatha a olhava como se não valesse nada.

—Também me enganaram —disse Aileen, tentando suavizar os ânimos.

—Não foi o mesmo — Beatha se girou para ela com o rosto arrependido— Você não sabia nada sobre este mundo. Ela sim —assinalou à astrofísica— Mas escolheu mau. Agora, Cahal, deixe que a humana se explique. Queremos ouvir sua opinião.

Ah, não. Miz não poderia falar ali. Honesta que era não saberia mentir e, então, negaria muitas coisas que ele afirmava tão categoricamente como, por exemplo, que eram companheiros.

Cahal se meteu em sua cabeça e tentou coagi-la.

—Desvincule-se —ordenou Beatha— Está em sua mente, sinto as vibrações —se queixou a loira olhando para Cahal— Acredito que todos desejamos escutá-la.

—Não aceito ordens. Sou o Druida, Beatha — desta vez, Cahal usava um tom mordaz e agressivo.

—Está em minha cabeça? —Miz apertou as têmporas— Como pode ser que não me dou conta? Saia!

—Cale-se. —Cahal se girou e a encarou.

—Cahal —Caleb moveu a mão e o convidou a afastar-se para que todos vissem a humana

— Deixa que a escutemos.

—Afaste-se, vanirio —o empurrou Miz, mas este não se moveu— Eu... Não estou orgulhosa do que fiz. —gritou por cima do enorme ombro de Cahal— Mas... Quando alguém é enganado, tende a confundir a realidade. De fato, eu somente me limitava a meu trabalho. A nada mais. E é verdade que torturei um dos seus, e... a princípio gostei — olhou de esguelha ao citado, o qual tinha um músculo que fazia espasmos em sua mandíbula— Mas depois deixei de gostar disso.

—Por que deixou de gostar? —perguntou Aileen.

—Não sei por que! Devia apreciar e no final não apreciei! Mas quero lhes deixar algo claro: não estou aqui para suplicar por minha vida. Sou astrofísica e não tenho nada importante nem nada a perder, à exceção de meus estudos e meus descobrimentos. Ninguém está mais arrependida que eu do que fiz, e vou ter que viver com isso, ou... —cravou seus olhos esverdeados nos marrons de Beatha—, ou morrer. De fato, prefiro este último, porque assim, tudo o que sei morrerá comigo e não ficarão em perigo desnecessariamente.

—Já estamos em perigo, não sabia? —Inis retirou o capuz da cabeça e a olhou desafiante.

—Sei. A Terra está em perigo —jurou Miz— Entendo que estamos e é possível que eu não tenha ajudado a suavizar a situação. — ela trabalhou com os portais e Lucius bebeu dela, mas sabia perfeitamente que ninguém podia ler o que aprendeu. Tinha uma técnica para isso, uma que aperfeiçoou a base de duras horas de trabalho— Mas não sei quem são... Não sei o que são

exatamente. Não entendo seus costumes, nem por que bebem sangue nem nada disso... Nem sei por que têm esses... poderes ou dons, como os querem chamar.

—É sua cáraid e não lhe explicou nada de nós? —Caleb o repreendeu.

—É óbvio que não. Deixou-me quase uma semana algemada á sua cama — explicou ela com raiva. Ainda estava ferida por esse tratamento— Não falava comigo.

—Ao menos não a matou. Coisa que eu teria feito —apontou o castanho e alto lone.

Miz engoliu em seco.

—E isso das cáraids... Não sei o que são. Mas não acredito. Não... Não o sinto como vocês. Diz que sou sua companheira de vida, mas isso é absurdo.

Depois dessas palavras se escutou uma exclamação de assombro. O druida não podia acreditar que houvesse dito isso publicamente. Ela estava o envergonhando. Agora já tinham a desculpa perfeita para machucá-la.

Os membros do Conselho falaram entre eles. O salão debateu o que era o melhor que podiam fazer com a intrusa.

Gwyn se levantou e falou diante de todos:

—Tal e a meu ver, Cahal, é nosso druida, um membro muito importante do clã, mas aqui há três inconvenientes claros. Diz que já encontrou sua cáraid, embora ela o nega. Ela não sente nada disso. Nem sequer estão vinculados.

—Não. Não estamos.

—Ela é humana. Não é uma vaniria.

—Sim — apertou os dentes com frustração — É humana.

—E, para cúmulo, não te revelou a informação tão importante que diz ter.

—Nem o direi, se pensam me matar —assegurou a cientista valente— Ninguém deve saber isso.

Gwyn arqueou as sobrancelhas e todos os vanirios levantaram as taças em sinal de desaprovação. Exigiam seu sangue. Essa humana era uma inconsequente.

O Rix de Dudley levantou três dedos:

—Humana —baixou um dedo— Não é sua cáraid —baixou um segundo dedo—, ela ao menos não reconhece isso. E não nos dá a informação que precisamos —baixou o terceiro dedo— Trabalhava nos portais, mulher? —intimidou Miz— Então, saberá que abriram um no Colorado, em Os Quatro Cantos.

Ela abriu os olhos assustada e negou com a cabeça. Cahal não lhe falou disso, não tinha contado nada. De fato, do que tinham falado? De quase nada. Ela era sua refém e ele, seu carcereiro. Logo quis fazer o trato absurdo de proteção e estabelecer essa frágil trégua; mas ela estava em sérios apuros agora, e parecia que esse que chamavam druida não tinha poder suficiente para modificar seu destino.

—Não sabia sobre o portal. Não sabia... Se abriram um portal, não pôde durar muito. A fórmula é incorreta.

Caleb sorriu sem vontade.

—Tem razão. O portal não durou muito, mas sim o suficiente como para que roubassem três objetos. Você ajudou a criar esse portal?

—Sim. Bom, eu... investiguei sobre os quarks, as cargas de prótons e a possibilidade de abrir buracos de verme. Trabalhei nisso durante muitos anos.

—Pois seu trabalho deu os frutos, mas no lado equivocado.

—Sinto muito... Diz que roubaram três objetos? De onde?

—Três totens dos deuses.

Meu deus. O portal abriu um túnel dimensional e tinham roubado algo de outra realidade? Insinuava isso o grande moreno de olhos verdes?

—De onde, exatamente, roubaram esses totens? Se... abriu-se uma porta em outro mundo? Deus... — repetiu para si mesma— Deus, isto mudaria a história e o conceito que temos de nosso ambiente. É... incrível. Eu..., eu adoraria poder vê-lo.

—Maldito seja, Cahal! —gritou Caleb perdendo a paciência—Em uma semana não pode explicar nada? Esta humana não tem nem ideia do que somos.

O vanirio o fulminou com um sorriso assassino.

—Não é você, Rix Caleb, um exemplo de comunicação. Aileen tampouco sabia nada do que somos. E eu claro que não conversei com ela sobre nada. Meus problemas são meus; e só eu sei como solucioná-los. Você não sabe como me sinto em relação a isso.

—O portal que você averiguou como abrir, humana sabichona — destacou Beatha de seu trono —, pode trazer com ele um Armagedon. O Ragnarök, entende? O Final dos Tempos; isso pelo qual nós passamos milênios lutando para que não se torne realidade. Roubaram três objetos dos deuses e com eles podem acelerar as coisas.

—Já recuperaram um —especificou Aileen— Agora só falta Seier e Gungnir, a lança de Odín.

—Odín? Mas..., um momento de que deuses estão falando? — perguntou Miz cada vez mais confusa— Não tenho claros alguns conceitos —retorceu as mãos.

—Seu suposto companheiro deve explicar-lhe — respondeu Beatha.

—Ele me odiava. Como ia fazer isso? —a astrofísica abriu os braços desesperada— Acredito que ainda me odeia...

—Silêncio — a ameaçou Cahal.

—Não me importam os problemas que puderam ter —esclareceu Maru Beatha— Pelo que a mim concerne, graças a seus estudos descobriram como abrir um portal. É culpada disso também. Poderão abrir muitos mais.

—Não. Maldição... eles precisam manter o portal aberto — comentou Miz, limpando o suor das mãos na túnica negra— Se supunha que queriam estudar essa realidade por onde saíam todos vocês, caso viessem de algum lugar do cosmos... E queriam destruir seu mundo para que deixassem de chegar à Terra e infectar o ser humano. Eu trabalhava com isso, pensando que os vampiros, tal e como me explicaram, eram raças alienígenas que vinham do espaço exterior. Nada de feitiços nem bruxarias, nada dessas lendas urbanas que povoam a terra sobre os homens com presas. Pensava que eram vampiros, que vocês fossem. Tentavam demonstrar que, se havia vida extraterrestre, não eram pacíficos precisamente. Comecei o projeto privado pensando que estava fazendo o correto, pensava que fazia o bem!

—Na realidade, trabalhava pensando em seu ego como cientista—a atacou Inis— Não procuram isso os humanos? Inchar sua vaidade e sua soberba? Estamos os protegendo e vocês

nos atacam! E você queria abrir um portal na Terra, humana ignorante, sem ser consciente de quão perigoso é isso!

—Isso não é verdade! —Não completamente—Tentava abrir um para controlá-los, e para me vingar também. A Terra abre portais menores e o faz naturalmente e de modo espontâneo. Por que não a põe em dúvida também?

—Não me irrite, loira estúpida —gritou Inis— Não tem nem ideia do que somos. Mas te asseguro que você e os seus encheram o copo de nossa paciência. Não vamos deixar passar nenhuma mais! Entendido? E se tivermos que começar com você, faremos!

—Minha família morreu pelas mãos desses seres! Por isso os odiava! —Miz devia defender-se. Não ia cair sem expor suas razões— Eu somente queria entender como funcionavam os portais, como poder romper a barreira de Kelvin, como interagir com os algoritmos de rastreamento... Não queria títulos de honra! Quero acabar com os vampiros tanto ou mais que vocês! Os odeio!

—De verdade? Então, nos diga agora mesmo o que queremos saber —replicou Beatha— Diz que esse portal que Hummus abriu não era o correto. O que é que sabe sobre ele e não diz? É justo o que necessitamos. Conte-nos e talvez sejamos benevolentes. É sua oportunidade, humana.

A loira agachou a cabeça e negou com a cabeça. Não. Não podia dizer-lhe porque a verdade era que nem ela sabia. Era uma informação muito importante para mostrá-la a alguém. Sabia como encontrá-la, claro. Porque se encarregou de guardá-la. Mas também sabia que quem lesse em seu sangue ou em sua mente não poderia entender nada, não encontraria nada. Embora a informação estivesse ali, só para que ela pudesse decodificá-la. Só ela.

—Não sei. Não tenho a informação aqui mesmo. Eu... a tenho aqui —destacou a cabeça — Mas está codificada. Fiz assim para que ninguém pudesse me ler. Nem sequer Lucius, Patrick, Seth e todos outros o averiguaram. É uma informação perigosa em excesso. Não é bom que as pessoas saibam.

—E você sim? Isso é o que está me dizendo? —replicou Gwyn— Está nos provocando? Eu acredito que não necessitamos mais —comentou olhando a todos ali presentes — Esta humana não vai nos ajudar. Mas nos dirá isso; nos dirá por bem ou por mal. Peaná Follaiseach!

No centro do pentágono se abriu uma comporta circular no chão, e dela emergiu um tubo metálico com umas cordas desgastadas na parte superior.

Gwyn e Ione agarraram Miz pelos braços.

—Não, por favor —Aileen se levantou e negou com a cabeça— Não há razão para matá-la nem para açoitá-la. Ela não sobreviveria a dois mil açoites.

—Dois mil?! —gritou a cientista, pálida.

—Torturou um vanirio, bonita. Quantos anos acha que tem? Um açoite por cada ano de sua vida —explicou Inis.

—Nego-me —disse Aileen.

—Nós também! —exclamaram Daanna e Menw, dando um passo à frente.

—As leis do clã vanirio são claras, Maru Aileen —explicou Beatha—Esta mulher não nos serve.

—Acredito que não me entenderam! —gritou Cahal, expondo suas presas e empurrando os dois Rix de Dudley e Segdley. Libertou Mizar e a cobriu com seu corpo— Disse que é minha cáraid. Ela está me devolvendo meu dom. Se a matarem, o que acham que me acontecerá? Sou o druidh.

Ione deu um salto pelos ares e se plantou diante deles.

—De que fala?

Ás Landin se adiantou à multidão com sua intimidante presença e falou em voz alta:

—O noaiti recebeu uma profecia que todos temos conhecimento. Não podemos evitar o que diz.

Adam Njörd se colocou ao lado do líder berserker e assentiu. O moreno cravou seus olhos negros em Cahal e em Miz e recitou:

—O amor e o perdão abrirão os olhos das almas feridas, e o humano conhecedor de seu mundo ficará de seu lado. Só se o magiker expulsar o veneno que guardou em seu coração. O magiker é o homem da magia. Cahal é um druida, o que há mais mágico que isso? Estamos rodeados de dor, de almas feridas —assinalou a todos os membros dos clãs, sobretudo aos raspados— Eles deveriam ter a última palavra, se perdoar ou não. A humana — assinalou à loira com a cabeça—, conhecedora de nosso mundo, ficará ao nosso lado.

O silêncio convidou à reflexão. Os membros do Conselho meditaram a profecia sem deixar de observar o druida e a sua suposta cáraid.

—Estou te devolvendo seu dom? —perguntou ela em voz baixa, sepultada sob seus braços.

—Faça-me um favor, Ossinhos: fecha a puta boca.

Ela ficou tensa e assentiu tremula. Isso sim estava lhe dando medo. Não sabia o que era esse pau que saiu do chão, nem para que serviam as cordas... E o que era isso do Pênis Fodedor? Não entendeu o que disseram. Retificação: sobre a “morte” sim, entendeu. E a profecia... Essa profecia falava dela?

—Estou aterrada. Sei que não parece, mas são meus nervos...

—Sei —sussurrou em seu ouvido—Deixe isso em minhas mãos. —Elevou a voz e decretou—: Minhas cabeças rapadas decidirão o que fazer com ela. Acatar-se-á o que votar a maioria. Mas se morrer, se no final decidir que vão eliminá-la, eu irei com ela.

—Isso é inconcebível —protestou Menw— Você não irá, maldição.

—Será minha decisão. Eu estou lhes oferecendo um trato! Que decidam os que mais ofendidos devem estar.

—Escutamos —Caleb não queria que aquilo acabasse assim. Mas era a opinião pública e todos deviam acatar o que ordenava a maioria. A maioria pedia a morte de Miz e isso não era bom.

—Castigo e morte! —gritavam alguns berserkers maltratados que não entendiam o que era a cáraid para um vanirio.

—Calem-se todos! —ordenou Ás elevando a voz.

Todos obedeceram imediatamente. María, como orgulhosa mulher de Ás, sorriu para Miz e lhe piscou um olho, mas esta, que seguia sepultada entre os braços de Cahal, franziu o cenho e afundou o rosto no peito do vanirio.

—Que trato nos oferece? —Beatha não podia acreditar que estivesse pactuando sobre a humana.

—Necessito de minha magia —explicou Cahal com serenidade— Necessito meu dom e ela é a única que pode me dar isso. Sei que querem que ela pague seja como for, embora em parte seja inocente. Eu somente posso fazer que cumpra sua dívida convertendo-a naquilo que odiou e ajudou a destruir indiretamente.

Miz empalideceu e levantou a cabeça de repente.

—O que disse?! —gritou morta de medo— Não! Não! Isso não é o que prometeu!

Beatha elevou uma sobrancelha loira platinada e sorriu para Gwyn. Inis e Ione fizeram o mesmo. Sim, isso podia apaziguar as vontades de sangue.

—Mas o farei! —esclareceu Cahal.

—Aqui e agora —ordenou Gwyn cheio de humor negro— O fará diante de todos os membros do clã. Será um castigo público em toda regra.

Caleb e Aileen olharam a humana com preocupação. Uma conversão. Iam fazer uma conversão diante de todos. Nunca se fez algo assim.

—O que decidem os membros dos clãs? —perguntou Caleb aos raspados. Os vanirios elevaram o dedo polegar, Daimhin e Carrick a cabeça. Os berserkers chutaram o solo de acordo com aquela decisão.

—Não há mais que falar —Caleb fechou o debate.

Aileen levou uma mão ao coração. Não ia ser agradável, e tudo o que podia fazer pela humana era estar a seu lado e olhá-la para que soubesse que não ia estar sozinha.

—Não! — Miz chorava como uma Madalena— Não, Cahal! Prometeu-me isso! Prefiro que me matem!

—Cale-se! —gritou ele, controlando seus chutes e seus arranhões— Já te disse que isso não era uma opção para mim. Nunca foi. Você é minha companheira.

—Não sou sua! —gritou com as veias do pescoço inchadas — Não posso ser! Não o serei jamais!

Miz estava em meio de um ataque de pânico, mal podia respirar. Isso não podia acontecer.

Não podia... O que aconteceria aos seus conhecimentos? Aonde iriam parar? Deixaria de ser ela? Queria morrer!

Cahal prendeu seus pulsos com as cordas da vara metálica e a pendurou com os braços estendidos para cima. Os pés descalços de Miz não tocavam o chão, e seu corpo se movia de um lado ao outro, presa de mil tremores.

—Não pode me converter! Disse que eram três trocas! Três! —replicou, com as bochechas úmidas pelas lágrimas e os olhos verdes cheios de desconsolo— Está mentindo para vocês! Eu não bebi dele em nenhum momento! Está mentindo!

Cahal apertou os dentes e seu olhar azul se converteu em elétrico. Foi nesse momento quando Miz viu em seu reflexo que estava diante de um homem que tinha o poder suficiente para esmagá-la como uma ponta de cigarro, e compreendeu sem sobras de dúvidas, que a enganou.

Os vanirios eram seres realmente poderosos, os vampiros também o eram.

Os vanirios bebiam sangue; os vampiros também.

Os vanirios tinham poderes telepáticos; os vampiros também.

Os vanirios eram fracos à luz solar; os vampiros também.

Se os vanirios podiam voar; os vampiros também, não?

Então no que se diferenciavam? Uns eram bons e os outros maus? Ela bem poderia colocar todos no mesmo saco. Cahal era o pior.

—Mentiu para mim, não foi? — acusou-o com a voz tremente. — Bebeu de mim duas vezes. Mentiroso! Traidor, lixo!

—Simplesmente te preparei para este momento, Ratinha. Não deve temer. Não...

—Não me diga como devo me sentir, filho da puta! —gritou, tentando lhe dar um chute no estômago. Cahal a esquivou e a agarrou pela perna.

— Nem te ocorra me fazer isto!

Procurou Beatha e Inis com os olhos. Eles a odiavam e certamente quereriam matá-la. Procurou sua comiseração.

— Prefiro morrer! Matem-me! Ouvem-me?! Matem-me!

As duas vanirias afastaram o olhar e a ignoraram.

—Nossa. A humana é uma fera... —comentou Gwyn rindo.

O druida a ameaçou com os olhos e Gwyn levantou a mão em sinal de desculpa.

A sala do Conselho Wicca observava o que iria acontecer. Muitos em silêncio, alguns com receios; os maltratados com ânsias de vingança; os mais íntimos de Cahal, como Daanna, Menw e Caleb, com justiça; e outros, que compreendiam o ser humano, como Ruth, María e Aileen, com evidente desconforto.

Os berserkers estudavam a cena com asco e repugnância.

—Merda, vão beber? —perguntou Adam fazendo uma careta— Nós temos que ficar, Ás?

O leder deu de ombros e assentiu.

—Representamos nosso clã. Ficar é uma prova de que estamos de acordo e de que se saldou a ofensa.

—Eu não estaria tão convencida disso... — disse María observando a atitude de Miz— Essa garota vai acumular muita raiva, e duvido que vá se colocar de nosso lado tal e como diz a profecia. “As almas feridas” estão agindo pela vingança, não pelo perdão. — estimou fixando os olhos em Daimhin e Carrick— E Cahal, se for o magiker, não é precisamente um remanso de paz; e a está convertendo sem sua permissão.

—Bom, kone —Ás cruzou os braços— Esperemos que o tempo cure tudo.

—O tempo não cura as feridas, Ás — vaticinou Noah movendo o ombro ferido. A valkyria Nanna lhe lançou uma adaga Guddine e após a ferida não cicatrizou. —Só as esconde como a poeira. Estou de acordo com sua kone. Só resta esperar o desenlace de toda esta série de despropósitos.

—O que você teria feito? —perguntou Adam a Ruth. A Guerreira estremeceu ao escutar os gritos de Miz. Era um trato justo? Não gostava de ver uma mulher sofrer.

—Eu... Não sei —sacudiu a cabeça— Não sei o que aconteceu a Cahal, mas o que está claro é que, se essa Einstein for sua cáraid, não vai deixá-la escapar. E, certamente, eu não vejo amor por nenhum lado.

—Bom, se tem que brigar pelo amor dia a dia —sussurrou Adam lhe dando um beijo na bochecha— E estes dois brigarão muito. Como esses romances que você tanto gosta, nos que os casais discutem por suas diferenças e logo se reconciliam como coelhos...

—São as melhores, acaso não sabe, lobinho? A vida é caos. O amor também deve ser, do contrário, seria falso.

—Tem que parar, vanirio! —gritava Miz, imobilizada pelos braços de Cahal— Não me faça isto... o rogo —soluçou como uma menina pequena.

Estava desesperada e ninguém ia ajudá-la. Certamente, assim se sentiram essas crianças e guerreiros maltratados nos andares inferiores de onde ela trabalhava. Ela não os ajudou.

A estavam devolvendo. Olho por olho. Sentiu as mãos de Cahal no interior da túnica e notou como rasgava parcialmente a parte que lhe cobria os seios. O vanirio pousou uma mão aberta sobre seu seio esquerdo; e o mais humilhante foi que este reagiu, levantando-se contra sua palma.

—Odeio você! Odeio você, Cahal! —gritou ela, jogando o colo para trás.

—Fique calma, maldição —grunhiu— É uma mulher inteligente, Ossinhos. Sabia que isto ia acontecer.

—Não! Eu confiei em você! —foram as palavras quando ele levantou ligeiramente seu peito e o expôs somente a seus olhos—Me Solte, por favor! O que vai fazer?! —As pessoas os olhavam, mas ninguém tinha pleno acesso a sua parcial nudez.

—Já verá —Cahal se colocou entre suas pernas e lhe mostrou as presas— Primeiro eu a mordo. Logo você beberá de mim.

—Foda-se, idiota! —soluçou Miz— Não conte comigo para nada, ouve-me?! Não vou ajudá-lo. Não penso ajudá-lo! —exclamou encarando à multidão. Não poderia fazê-lo. Depois disso perderia sua inteligência; ela mesma desapareceria.

E então o druida abriu a boca e lhe cravou as presas na parte superior de seu cremoso seio.

Cahal bebia sangue, sedento da vida e da luz que lhe daria sua cientista. A reunião com o conselho foi violenta, mas finalmente terminou como ele queria.

Perdoariam a vida de Miz, em troca de convertê-la em vaniria.

Não obstante, embora tivesse a boca cheia de morango e o estômago a transbordar de vitalidade, estava escutando o pranto dilacerador de sua companheira. E odiava ser ele quem o provocasse. O odiava de verdade.

Cobriu-a com seu corpo para que ninguém pudesse ver sua agonia. Aquele era um momento muito íntimo entre os vanirios, e estava convencido de que mais de um tinha uma ereção. Mas também cheirava desconforto e um forte ressentimento que vinha da essência e do aroma de sua mulher.

Iria ficar muito difícil. Ela não ia perdoar facilmente. Mas ele aceitava os obstáculos que a loira ia impor enquanto fosse vaniria. Além disso, Ossinhos reconheceria o maravilhoso dom que lhe outorgava. Agora se conectariam e ela por fim aceitaria que, embora não tinham começado com pé direito, seus corpos se chamavam um ao outro, se pertenciam.

O amor? Chegaria com cautela.

O coração da humana desacelerou e bombeou com debilidade.

Bem. Era o momento.

Cahal a soltou, sem deixar de cobri-la e resguardá-la dos olhos dos outros, e tirou sua adaga pessoal. Fez um corte na jugular, a um lado da garganta, e obrigou a jovem a abrir a boca e beber dele, segurando-a pela nuca e com o outro braço ao redor de sua cintura.

—Não — respondeu ela fracamente.

Miz bebia, afogava-se em seu sangue, sorvia ao tentar agarrar ar, então, ele a submergiu em um leve transe. A jovem aceitou seu sangue porque era dela. Tudo lhe pertencia e devia compreendê-lo ao longo dos dias.

Estava convertendo sua cáraid diante de todos. A estava envergonhando, e também se humilhando diante deles. Esse ato pessoal e intransferível devia ser privado, mas para acalmar os ânimos de todo o clã estava se expondo a eles. A ambos.

Fechou os olhos e jogou o tronco para trás, sem deixar de segurá-la.

Sua companheira. Sua cáraid. Sua mulher. Sempre a meu lado.

la ser eterna, como ele. Deixaria de sentir-se sozinho. Deixaria de passar frio.

—Nos daremos bem — sussurrou sobre o topo de sua cabeça loira — Deixa de beber — lhe ordenou brandamente.

Ela o fez e sua cabeça caiu para frente, inconsciente.

Caleb pigarreou às suas costas.

—Leve-a, brathair. — levantou-se e colocou uma mão sobre as tensas costas de Cahal. Ele afastou o ombro e lhe mostrou as presas.

—Não a olhe — grunhiu Cahal como um animal selvagem.

O líder dos vanirios levantou as mãos para tranquilizá-lo, sem surpreender-se pela atitude ácida e furiosa do druida.

—Não o faça, irmão. A conversão não é fácil e não tem por que ser um espetáculo. Deu a todos o que queriam. Está em paz. Agora, providencie para que sua companheira passe a mudança da melhor forma possível. E, por todos os deuses, encarregue-se de que entenda quem somos.

—Acredito que hoje entendeu, e o que viu não gostou de nada.

—Economize o discurso moral, Cahal. Somos assim, e somos durante milênios. O feito, feito está. Cuide dela, druidh — olhou o rosto da jovem oculto atrás de seu cabelo loiro — Precisamos dela. E de você também.

Cahal escutava a voz de seu amigo, mas estava ocupado desatando as mãos de sua cáraid para agarrá-la nos braços. Cobriu seu rosto choroso e seus lábios ensanguentados com o capuz negro e a apertou contra si. Depois, girou-se para o Conselho e disse:

—A partir de hoje, ela será um dos nossos. Não aceitarei nenhuma grosseria e nenhuma ofensa contra ela. Se em algum momento tiver notícia de que a repreendeu, me encarregarei de procurar o instigador e o matarei.

—Mas... — disse Beatha.

—Mas nada — a cortou com frieza — Não me importa quem o fizer. Guiamos-nos olho por olho, verdade? Então, rezem para que não encontre ninguém se metendo com minha cáraid.

Dito isto, deu meia volta e se dirigiu até as portas de carvalho que davam entrada ao salão subterrâneo. Abriu-as mediante uma ordem mental e depois sussurrou:

—Dorchadas. Escuridão.

As chamas das tochas que rodeavam aquele imperial salão circular e que iluminavam a todos os guerreiros se apagaram de repente e, seguidamente, a madeira destas se vaporizaram em centenas de farpas que caíram ao chão, criando pequenas montanhas de pó.

Cahal deixou o salão às escuras, tal e como ele sentia sua alma depois do que fez publicamente àquela jovem que lhe devolveu seu prezado e admirável dom.

Capítulo 7

Cahal conduzia a toda velocidade por Dudley. Passava da meia noite. Muitos dos guerreiros que havia no salão do Conselho se deslocariam a Birmingham e a outros distritos para fazer as pertinentes guardas. Os vampiros e os lobachos espreitavam e agora, além disso, vanirios e berserkers tinham que lutar com o que fosse que desceu do portal que se abriu no Colorado.

Muito no que pensar, muitas lutas. As nuvens cobriam a lua e tingiam a noite de uma cor cinzenta e esbranquiçada.

Cahal gostava desse lugar. Tranquilizava-o. A Clareira de Dudd, significado de Dudley, ainda tinha reminiscências da vila medieval que tinha sido séculos atrás, embora agora as indústrias e o comércio despertaram e modificaram a localidade.

A vila de Dudley, com seus campos e bosques azeitonados, adormecia pensando que seus dias eram normais. No dia seguinte, levantariam-se e iniciariam sua monótona vida diária, alheios à realidade que ele conhecia, ignorantes do mundo do qual ele procedia.

Nunca saberiam que havia seres como ele que se encarregavam de velar por seus sonos e sua segurança. Os vampiros e os lobachos faziam e desfaziam, matavam, convertiam, manipulavam e aniquilavam a raça inferior, mas os vanirios só tentavam defendê-los e preservar o segredo; e nem sequer o faziam porque era o melhor. Faziam-no porque já não confiavam nos humanos. Esses seres imperfeitos também se assustariam se descobrissem que existiam esses guerreiros imortais. Prova disso era que havia organizações como a Newscientists, formada em sua totalidade por homens e mulheres que trabalhavam para Loki.

Caçavam vanirios e berserkers e os convertiam em cobaias. Ajudavam os vampiros, consciente ou inconscientemente, mas se calavam como merdas a respeito de suas investigações e descobrimentos para com a sociedade. E ali estava o mundo em geral: submerso em um novo obscurantismo, tingido de desconhecimento e inépcia, subordinado a uns poucos que sim tinham o poder.

Um repentino sentimento de raiva o açoitou.

Mas, podia culpá-los por ser como eram? Seu clã também sentiu medo e ressentimento pela jovem que chorava à sua esquerda.

Vinte minutos atrás, clandestinamente, diante do Conselho Wicca, seu ar faltou e seu sangue ferveu por fazer algo tão íntimo com público diante de si. Um castigo público. Mordê-la, beber dela, transformá-la, obrigá-la a beber seu sangue... Afronta e pecados contra a companheira de vida, e não se arrependia de nenhum deles. Era necessário.

Todos desejavam o sangue de sua loira. Todos queriam acabar com ela porque não confiavam nela. Então, havia diferenças morais entre humanos, vanirios e berserkers? Ou era o mesmo maquiado de outra maneira?

A teriam matado e torturado, mas isso os teria convertido naquilo que odiavam. Menos mal que agiu rápido. Tinha-lhes dado algo melhor: uma mulher cheia de conhecimentos científicos que se converteria, transcorridas algumas intermináveis horas, em um deles.

E Cahal ganhou uma companheira eterna. Quando ela abrisse os olhos à sua nova natureza e à mágica realidade que ele vivia cada dia, a necessidade febril e o reconhecimento da pessoa

que estava destinada a ser para ele a golpearia com força e nunca mais poderia negar o que existia entre os dois.

O Castelo de Dudley, a ruína mais famosa e célebre do distrito, levantou-se majestosa ante ele. Cahal recordou o que aconteceu séculos atrás naquele mágico conclave: na revolução inglesa, foi o eixo de uma disputa entre os Royalists, que então ocupavam o castelo, e os Roundheads. Quando os Roundheads, ou Parlamentários, sitiaram a fortaleza, o governo ordenou que fosse demolido. E agora era uma lembrança dos confrontos e as diferenças que os humanos, sendo da mesma espécie, tinham entre eles.

Olhou a sua, ainda, jovem humana.

Miz deixaria de pertencer a esse reino mortal e cheio de medos; e entraria por fim no dele, um no qual lutava somente pelo bem de outros, sacrificando, em ocasiões, seu próprio bem-estar.

A conversão estava em curso.

Era um uma passagem dolorosa. O corpo se preparava para ser imortal, mas, para isso, tinha que morrer como humano. E era exatamente o que estava fazendo a cientista. Morria.

Uma morte agônica e angustiante.

A ingestão de sangue vaniria revolvendo o estômago e os intestinos. O coração bombeava a trezentos por cento de sua capacidade, tentando enviar oxigênio e plasma a todos os órgãos que começavam a falhar.

Os músculos, atrofiados, tornavam-se duros pelos espasmos; os ossos doíam como se rachassem; a pele ardia e se esticava. As células do corpo entravam em necrose, mas brigavam por superar o final, e isso elevava a temperatura corporal alcançando um estado febril incomum e completamente impossível.

Ossinhos se removiam no assento da Ferrari, que ele reclinou para trás para que ela pudesse estar estendida. A cientista gritava e chorava devido ao suplício físico que estava experimentando. Deu vários chutes ao painel do carro e no vidro dianteiro. Levantava-se com tanta força para frente, segurando o estômago, dobrada sobre si mesma, que em um desses impulsos bateu a testa no porta-luvas do esportivo.

Cahal rugiu como um selvagem porque sentia a dor da mulher; e essa conexão e saber que não podia fazer nada para diminuir seu calvário estavam acabando com ele.

Colocou uma mão sobre a coxa de Miz, e através do tecido negro pôde comprovar sua alta temperatura corporal.

—Está ardendo. Mas isto passará...

Ela, dolorosamente consciente de seu estado em todo momento, tentou afastar-se de seu contato.

—Nunca —disse ela com os dentes apertados— Nunca o perdoarei... Nunca!

Estava mais que preparado para ouvir essas palavras de sua parte, mas ainda assim, machucou igual. Ela era sua cárid. E sua filhotinha chorava, aguentando como podia o padecimento ao que ele a expôs sem seu consentimento. Era culpado direto de sua tortura.

Mas Cahal também sofreu em suas mãos.

Depois disso, desses momentos angustiantes, estariam em paz.

Não se arrependia. Não se lamentaria nunca de sua decisão. Sua garota despertaria a um novo mundo, um fascinante e cheio de possibilidades. E, curiosa como era, ia apreciá-lo como uma condenada.

—Acaba... Acaba comigo. Não quero... ser como você —disse em meio de um dilacerador lamento—Me mate...

Ele a olhou compassivo.

—Chist... A conversão não dura eternamente. Seu corpo está se preparando para seu novo dom. A longevidade, cientista— falou com doçura. Retirou de seu rosto triste o cabelo úmido de suor— Chegaremos a minha casa. Eu a abraçarei em todo momento e a ajudarei a superar a dor. Neném... Sinto vê-la assim — sussurrou inclinando-se sobre ela. O vaníriourgia em protegê-la e cuidá-la.

Mizar não o deixou aproximar-se mais. Levantou a cabeça justo no momento que tinha sua garganta como alvo, então, hac! Mordeu-o com todas suas forças até rasgar sua pele.

—Porra! —gritou Cahal levando uma mão ao pescoço sangrando e a outra ao volante do veículo. A traseira do carro deu inclinações bruscas de um lado ao outro. Ele recuperou o controle e, subitamente, embora distraído pelos lábios de Miz cheios de sangue e retraídos como os de um cão raivoso, alertou a figura de um homem vestido com roupas escuras e largas parado no meio da estrada.

O druida freou com todas suas forças. As luzes dianteiras iluminaram um rosto sério e pálido, mas a dianteira da Ferrari golpeou os joelhos desse indivíduo imóvel e este saiu voando por cima do teto do veículo. Os freios chiaram e as rodas se deslizaram pelo cascalho dez metros mais além de onde se encontrava o viandante desorientado, deixando as típicas marcas da borracha queimada dos pneus.

Cahal olhou para trás e aguçou os ouvidos. Levou uma mão ao pescoço ou para tapar a ferida. A condenada mulher abriu sua carne e cortou uma parte da carótida esquerda e estava sangrando como um porco. Era uma selvagem!

Miz gritou presa de um novo espasmo.

—Deus! Deus! Dói! —exclamava ela sem deixar de mover-se nem de tiritar. Cahal cravou seus olhos azuis e mais claros na estrada, ignorando as queixas da jovem. O corpo daquele homem que atropelou continuava desmaiado e jogado como um boneco de pano. O vanirio estreitou os olhos e grunhiu.

O vulto continuava sem mover-se.

Miz soltou um novo e ensurdecador grito.

Cahal pôs o carro em marcha ré e acelerou, dirigindo-se ao homem que havia atropelado e sem pensar em nenhum momento em frear. O homem, com uma longa jaqueta de veludo cotelê furada e rasgada, não dava sinais de vida.

Cahal não deu atenção ao chute que Miz deu ao vidro dianteiro e, concentrado em seu objetivo, passou por cima do indivíduo. O corpo deste rodou pela estrada e ficou em muito má postura.

O Ferrari freou e a parte dianteira ficou a escassos vinte centímetros da vítima.

Esperou, pacientemente, enquanto batia o polegar contra o volante, concentrado em olhar a frente.

Plas! Uma mão esbranquiçada e diáfana, de longas unhas amareladas, apoiou-se no capô do Ferrari. Logo apareceu a outra, com alguns dedos torcidos e quebrados. Cahal soube no mesmo momento o que atropelou.

Nosferatu.

O homem se ergueu pouco a pouco. A noite se enchia dos rangidos desalmados de seus ossos quebrados brigando por recolocar-se um a um. O cabelo negro e gordurento do homem cobria seus olhos sem vida, mas não sua boca de lábios roxos e presas bicudas.

—Vampiro filho da puta! —murmurou Cahal. Tinha que sair do carro.

Acabava de atropelar um filho de Loki em Dudley, sob as ruínas do castelo, justo quando sua cáraid estava fazendo a conversão. Casualidade?

Não podia ser.

Ligou o radar do monitor do carro. Este detectaria se haviam mais vampiros ao redor. Distinguiam-se por sua cor azul gelo, já que os chupa sangue tinham temperaturas corporais muito baixas. Daí que às vezes os chamavam de “os Gelados”.

Não se surpreendeu ao comprovar que não havia apenas um. Acompanhavam-no quatro mais. Conectou com a mão livre o seu iPhone para chamar o líder dos vanirios. O Conselho Wicca se localizava exatamente sob o castelo de Dudley, e ali se encontravam todos os membros dos clãs que ainda não se foram.

—Cal.

—Cahal, cara... você acabou com as tochas —respondeu Caleb mal-humorado.

—Sim. Bom, queriam destruir a minha cáraid.

—Sabe que não o teria permitido.

—Sei, antes teria que matar a sanguinária da Beatha. Escuta, não liguei para conversar.

—Imaginei.

—Nas proximidades do castelo há cinco vampiros. Acabo de atropelar um. Conectem os radares de calor e que os vira-latas afinem seus focinhos. —Nesse momento, o vampiro sorriu diabolicamente e lambeu os lábios, inclinando a cabeça para observar Mizar— Ouça, este que tenho aqui está faminto. E a cientista começa a suar sangue — lamentou o druida pondo uma mão na testa dela.

—Não! —Chorou ela com os olhos vermelhos e irritados, olhando as mãos.

—Se chama Hematidrose — explicou Cahal, transmitindo-lhe tranquilidade — É normal, neném. Está sob a ansiedade, e a mutação do corpo te provoca...

—Filho da grande puta! —insultou-o a garota recolhendo-se.

—Certo —murmurou Caleb— Isso o lembra de algo? —A Caleb sim. O momento em que levou Aileen de Barcelona em seu Porsche Cayenne. Sua híbrida demonstrou ter grandes habilidades verbais.

Miz sentiu ânsia de vômito.

—Seu aroma chama atenção — continuou Cahal.

—Está fazendo a conversão? — perguntou Caleb.

—Não, sua sangue porque está na moda. Porra, brathair, claro que está fazendo a conversão!

—Não seja estúpido. Está fazendo muito depressa. Pode ser muito traumático para ela.

— Não comeu nada em cinco dias, amigo. Exceto um pouco de... Mim — espetou, estudando a palidez da jovem e o contraste com as gotas vermelhas que transpiravam por seus poros— Meu sangue a está triturando, e não me sinto orgulhoso. Merda —observou que as bolinhas azuis no radar se multiplicavam— Ouçam, há muitos. Saiam e me deem uma mão.

—Certo, estamos indo.

A comunicação se cortou.

Certamente, não era o melhor momento para brigar. Preferia estar em seu chakra, enchendo Miz de cuidados, e ajudando-a a suportar o transição entre a mortalidade e a imortalidade.

Mas não podia porque agora tinha que protegê-la dos desalmados chupa-sangue.

—Volto já, Ossinhos—disse abrindo a porta da Ferrari que se abria para cima em vez de fora. Caminhou para o vampiro. Este lhe sorriu e olhou de esguelha à jovem humana.

—Cheira bem — advertiu o nosferatu, tentando ver através dos vidros antirreflexo da Ferrari.

—Já sabe o que dizem: os olhos de porco não veem.

—É uma mulher. É humana. Tenho fome e é minhaaaaaaa... — acenou para um lado e estalou o pescoço.

O druida nem se alterou diante de suas palavras. Esse vampiro estava louco, o que fazia perdendo tempo falando com ele? Apoiou-se nos calcanhares, deu um salto para frente enquanto tirava sua adaga pessoal para cravá-la com toda sua força no peito do não morto, que aumentou os olhos surpreso pela velocidade dos movimentos do vanirio.

—Não me viu vir? —sussurrou em seu ouvido esbranquiçado e bicudo— Em minha vida nunca fui mais forte, rápido e poderoso do que sou agora —extraiu a adaga e o substituiu por seu punho para, seguidamente lhe arrancar o coração. O corpo sem vida caiu pesado como chumbo sobre a estrada e começou a decompor-se pouco a pouco.

Quatro vampiros mais caíram dos céus, dois deles sobre a Ferrari.

—Caras... — grunhiu o loiro lhes mostrando as presas— Meu bebê... Isso foi um engano.

Lançou-se sobre eles. Ele era um druida, conhecedor dos segredos da natureza, invocador de outras realidades e evocador de feitiços. Depois que Freyja, Frey e Njörd o amaldiçoaram com a insensibilidade milênios atrás, naquela noite que decidiu seguir Lucius e Seth, seu poder morreu com sua paixão. Mas o sangue de sua cientista o devolveu a vida e o interesse por aquilo que o rodeava. Assim podia interagir com seu ambiente e invocar suas energias. E aqueles miseráveis vampiros não seriam rivais para ele.

O druidh tinha retornado. E vinha para somar e deixar de fingir que tudo ia bem. Cinco vampiros mais esperavam pacientes no céu, a uns vinte metros de sua cabeça.

Interessante. Podiam organizar-se.

Seus cérebros não estavam tão fundidos, nem sequer seus aspectos físicos eram tão deploráveis. Podiam passar por emos sem nenhum problema e não despertar suspeitas. Mas ele era um druidh gutuari. Um invocador por excelência.

—Venha para mim a magia. *Dúisg mo geasa!* Acorde, minha magia. — As palmas de suas mãos se iluminaram com um tênue fulgor azulado; um estranho vento se levantou ao seu redor e os vampiros se olharam incomodados uns aos outros.

A energia que os rodeava era patente: o espaço se encheu de eletricidade. Cahal se elevou uns metros sobre o chão e estendeu os braços perpendicularmente ao tronco de seu corpo, fazendo uma cruz. Abriu os dedos das mãos e desafiou os não mortos com um sorriso diabólico em seus lábios.

—Isto é algo que há séculos não fazia. —Como humano teve poder. Mas como vanirio com acesso a seus poderes imortais em todo seu esplendor, aquilo não tinha nome.

Nesse momento, chegaram Caleb e Menw preparados para dar uma mão. Menw se deteve em seco ao ver seu irmão levantar-se cheio de soberania sobre seus inimigos. Fazia tanto tempo que não via aquele olhar de interesse e autêntico desafio em seus olhos... O curador se emocionou e se encheu de orgulho. O ar estava transbordando dessa energia única que exclusivamente Cahal podia invocar. Só ele.

Porra, sim. O druida do clã keltoi estava de volta!

Cahal elevou o olhar sem perder a concentração e observou sua família. Por fim sentia algo por eles. As emoções adormecidas e extraviadas retornaram. Agora podia amá-los sem forçar-se. Agora os reconhecia como o que eram: uma parte indivisível de seu mundo mágico.

—Por que nos pede ajuda, brathair?! —gritou Caleb com os braços cruzados, com cara de satisfação ante o que contemplavam seus olhos verdes— Tem a situação sob controle!

Oh, sim a tinha. De fato, só queria gabar-se de seu dom. Eles deviam ver o quão importante era sua companheira para ele e deviam sentir-se agradecidos com ela. Ele retornou graças a Miz.

Cahal podia controlar aquilo que o rodeava. Os vanirios tinham poderes telecinéticos e podiam se comunicar com os animais. Mas todos tinham um dom específico. Não obstante, Cahal gozava do dom supremo nos keltois: a magia druida. E essa magia podia ser invocada pelos escolhidos como ele, manipulada e moldada segundo suas necessidades.

—Imobilizei-os! —Exclamou Cahal com risada na voz. Jogou o pescoço para trás e emitiu um uivo de alegria. Sua magia, seu poder, a natureza e a terra lhe pertenciam. E aquela mulher encolhida no interior de seu carro o entregou. E ele ia cuidar dela tão bem... — Acabem com o trabalho e me deixem ver como degolam suas cabeças!

Caleb e Menw assentiram e procederam a decapitar e a arrancar corações. Ocuparam-se primeiro dos do céu. Havia cinco vampiros que tentavam comunicar-se telepaticamente entre eles, mas o druida não permitiria. Criou uma barreira a seu redor, uma que impossibilitava a circulação de ondas gama. Desse modo, a telepatia deixava de funcionar.

E não poderiam comunicar-se com as outras hordas ou, na sua falta, com aquele que os converteu.

Ninguém saberia o que estava acontecendo, e esses vampiros desapareceriam da face da terra, sem pena nem glória, como se houvessem sido sugados pelo vento.

O líder da Black Country e o curador gostaram daquele trabalho tão plácido. Os corpos dos nosferatu nem sequer caíam ao chão: desmaterializavam no ar, aonde o druida os retinha.

—Agora triturem com os que estão fodendo a carroceria — gritou com raiva. —Eu me encarrego destes dois. —centrou-se nos dois vampiros que, sem compreender o que acontecia, olhavam aterrorizados para o vanirio que flutuava como um deus diante deles. Ele podia moldar os elementos. Concentrou-se no coração das duas aberrações de Loki e escutou seu bombear acelerado. Decidiu imprimir mais velocidade àquele asqueroso e antinatural ritmo.

Eliminou o pouco oxigênio que havia em seu sangue e encheu de pressão as artérias de seus envelhecidos órgãos motores. A reação não se fez esperar. Os vampiros giraram os olhos, seus cérebros explodiram e seus podres corações também. Caíram de joelhos sobre o cimento e desabaram para frente.

—Caralho, cara! —grunhiu Caleb regozijando— Está se testando?

—Sempre — respondeu Cahal orgulhoso de seu trabalho, mas mantendo imóveis ainda os dois vampiros que estavam afundando o teto de sua Ferrari.

Menw riu. Ele e Caleb procederam a arrancar os corações dos vampiros e logo as cabeças. Rápidos. Eficazes. Precisos como cirurgiões. Não obstante, um deles teve tempo de desenhar uma careta parecida com um sorriso zombeteiro antes que Menw separasse seu crânio do corpo.

Cahal ficou olhando com curiosidade. Os corpos dos vampiros se decompõem e começaram a desmaterializar-se. E, nesse momento, algo pequeno e sólido caiu sobre o capô do esportivo. Algo inesperado e incompreensível.

Os três vanirios o olharam assombrados.

—Não! —rugiu Cahal.

Voou para o carro. Caleb se agachou alarmado para alcançar o objeto e Menw tentou acertá-lo com o pé. Mas aquela coisa se ativou. Bum! Tudo voou pelos ares. Os vanirios saíram lançados para trás. A Ferrari arrebentou e ascendeu cinco metros por cima da estrada, envolto em uma bola de fogo, com a jovem humana dentro.

A bola de fogo se tornava interminável e parecia que estavam arrancando a vida do druida. Sua cáraid humana estava lá, em meio a conversão, e já não escutava o pulsar de seu coração!

O fogo. Ele poderia manipular o fogo. O controle dos elementos requeria energia e, sempre que o pusesse em prática, precisaria repor-se logo. No futuro já saberia como dosar-se, mas nesse momento não.

Dando voltas pelos ares devido à força da onda expansiva, fechou os punhos e, depois desse movimento, o fogo que rodeava o carro foi para ele como uma língua satânica; rodeou suas mãos e seus pulsos, até que se extinguiu como se ele fosse um dragão e tivesse comido seu próprio fôlego.

Caleb e Menw não perderam tempo. Ajustaram-se no ar e saíram disparados para agarrar o veículo acidentado antes que impactasse de novo contra o chão.

Menw colocou a cabeça dentro. Já não havia vidros, e a pintura da carroceria desapareceu. O interior estava queimado, igual ao corpo da jovem, que continuava encolhida desajeitada sobre o assento. Morta.

Miz não saiu disparada através das janelas. A capa negra que usava se desintegrou e só ficavam alguns restos colados à sua pele chamuscada.

—Cahal! —gritou Caleb, preocupado pelo estado da cáraid de seu amigo— Ela necessita de seu sangue!

—Não precisa —explicou Menw tenso— Seu corpo já está fazendo a conversão. Está morta..., mas deve ressuscitar. Cahal já fez três trocas com ela.

—Não a toquem! —exclamou o loiro raspado metendo-se como um míssil dentro da Ferrari e tirando sua garota com todo o cuidado que pôde. Pálido e surpreso com tudo que aconteceu, carregou-a com ternura. — Menw... —sussurrou a seu irmão. Ele era o curador, ele tinha transformado Brenda. Comunicou-se telepaticamente com ele, transmitindo como perdido se sentia— Minha cáraid... —formou-se um nó em sua garganta ao ver o estado no qual se encontrava Miz. Seu cabelo loiro foi consumido pelas chamas e sua pele exibia grandes queimaduras— Me ajude. Venha comigo —pediu humildemente— Ela... vai sobreviver, não é? Continua viva, verdade?

O curador limpou a garganta, afetado.

—Leve-a a um lugar seguro. A conversão já a estava matando. O corpo humano tem que morrer para despertar a sua natureza e ela já estava morrendo, Cahal —tentou explicar seu irmão para tranquilizá-lo.

—Mas está morta agora! — chorou o druida sem pudor nem vergonha— Não posso suportar!

—Me escute, brathair — Menw segurou seu rosto e o obrigou a olhá-lo — O que sente agora mesmo é a perda de sua companhia. É o desespero vanirio. Tem que se manter lúcido estas horas, até que ela possa despertar e você sinta que seu coração volte a pulsar.

—Não... — negava o druida histérico— Não posso. Não sei... Está morta! —olhava o corpo maltratado e sem vida estendido em seus braços.

Caleb se angustiou. Seu querido amigo estava experimentando a morte clínica de sua companhia, mas para um vanirio, era sua própria morte. Cahal iria querer se sacrificar nas próximas horas se não o amparassem. Era impossível fazer raciocinar um vanirio ante o nulo pulsar do coração de sua mulher.

—Nós o ajudaremos.

—Quero morrer —murmurou Cahal protegendo o corpo queimado de Miz com o seu próprio.

—Entendemos, mas tem que compreender que ela abrirá os olhos de novo. Abrirá, Cahal — assegurou o curador, ajustando a borracha que segurava seu cabelo loiro como uma diadema, e tentando controlar a situação. Ou o fazia, ou seu irmão sairia correndo e entregava-se ao sol— Agora, dê ela para mim — estirou os braços.

—Nem pense nisso —o druida mostrou as presas e deu um passo atrás, como um animal ameaçado.

—Então, a levaremos para sua casa, Cahal —ordenou Caleb sem ceder— Cuidaremos dela e de você.

—Não!

—Não me desafie —os olhos verdes de Caleb clarearam.

Cahal viu nos olhos de seu amigo os verdes mais felinos de Miz. Talvez ela poderia ter uma oportunidade. Talvez... Mas estava queimada!

—Agora parece mau. Mas já estava fazendo a mudança, druidh. Ressurgirá de suas cinzas — apontou Caleb sem pretender ofender — Melhor do nunca.

Cahal o fulminou com seus olhos cheios de dor e magia frustrada.

—Nos deixe ajudá-lo. Confia em nós —repetiu seu irmão Menw.

Cahal, entre a bruma de sua loucura e sua dor, sentiu aquelas palavras como verdadeiras. Eles eram seus amigos, sua família, não? Ajudariam-no; embora a única coisa que queria era ver chegar o amanhecer com sua cientista nos braços. Que sentido tudo teria se ela morresse?

—Os levarei para minha casa —disse finalmente— Menw, tem que cuidar dela, entendeu-me? —o curador assentiu concordando. — E você —olhou para Caleb—, vai ter que me prender — advertiu— E não me deixe sair.

—Prometo, guerreiro. Terá que passar por cima de mim.

Os três vanirios elevaram voo.

Enquanto Menw chamava Daanna e Aileen para que os ajudassem, Caleb se assegurava de que a área ficasse limpa escondendo o carro avariado. Depois chamou o avô de sua cáraid, Ás Landin, para que estivessem alerta e deslocassem algum pelotão de guarda a Dudley e por toda Black Country. O ataque foi repentino e estranho. Mas nesse grupo de vampiros que atacou Cahal, um deles era suicida: carregava um explosivo de detonação instantânea com ele.

O que pretenderam com isso? A jogada tinha saído bem?

Cahal rugiu de tristeza e adquiriu velocidade no ar, atravessando as nuvens inglesas e deixando que estas ocultassem suas lágrimas. Voava com Miz morta, e nem sequer tinha forças para levitar. Não havia nada pior para um homem que esteve às escuras durante toda uma eternidade que lhe dar uma faísca de luz, porque isso o deixava cego. Se Miz não abria os olhos, ele não poderia ver nunca mais.

Capítulo 8

O mais absoluto dos silêncios.

Um nada. A escuridão. Como podia a consciência estar presente em um estado como aquele?

E, de repente, um pequeno zumbido nos ouvidos, seguido de uma voz de homem que não parecia desagradável; o som de uma cadeira chiando ao deslizar-se pelo chão.

—Ele tem que observar —disse a voz masculina. Em seguida, escutou u passos ágeis e nada pesados. Era uma mulher. Como sabia? Nem ideia.

—O chamamos? —perguntava a voz feminina com energia e impaciência.

—Não precisa. — respondeu o homem.

—Não precisa? Caleb está lá embaixo há oito horas com seu irmão, que se converteu em uma mistura entre suicida e Hulk. Acredite-me, sim ele precisa —dizia a voz com urgência— Não sei quantas fraturas já recebeu.

Hulk. Ela conhecia esse herói da MARVEL. De fato, adorava. Um homem inteligente, mas com uma brutalidade incontrolável em seu interior, lutando por lidar com esse dom e ter domínio de si mesmo. Sim, era um grande super herói, senão o melhor.

—Ele já sabe. É sua cáraid. Tem que senti-la —replicou o homem.

—E o que faz que já não está aqui?

Bum. Bum.

O batimento de um coração.

Bum.

O seu. Estava escutando o rítmico movimento de seu músculo motor.

Bum.

Inalou o ar e, então, uma incrível gama de diferentes aromas a invadiu. Havia um aroma especiado e sutil à sua direita, como a baunilha; e outro mais frutífero e doce à sua esquerda parecido a um bolo de queijo e framboesas. O aroma de um homem e de uma mulher.

Inseparável, a seu redor, flutuava o aroma de canela. Sim, sinal de que retornou ao cárcere desse vanirio. E logo cheirava algo mais, como a morangos, mas era uma essência que parecia vir de seu corpo. Dele? Cheirava assim? Que estranho...

O sangue percorria suas veias, seus músculos; alimentava seus órgãos. Seu cérebro, inclusive sem ter os olhos abertos, estava registrando tudo o que acontecia em seu interior e, também, a seu redor.

Seu cérebro estava trabalhando? Até quando? Aquela era a mutação? Mas não morreu? Recordava o fogo e a explosão. E depois nada mais até esse momento.

Estava em uma cama, macia e suave. Nada de maca.

Ouiu o som de uma porta ao abrir-se e veio a seu nariz um aroma cítrico, como o limão. Tratava-se de uma mulher, uma mulher que não fazia ruído ao andar.

—Como vai, mo priumsa?

—Oh, veja... —Se deteve frente a ela— É muito bonita, não é, Aileen?

Bonita? De quem estavam falando? Dela?

—Já era bonita antes, Daanna — esclareceu outra voz de garota—, mas o ódio que inspirava fazia com que parecesse um ogro a seus olhos.

—Sim, suponho. Mas agora é...

—Mais?

—Sim. A conversão a fez... radiante.

Tinham que estar rindo dela. O homem se inclinou para seu rosto; era como se o pudesse ver em sua mente. Permanecia com os olhos fechados, mas era capaz de ver o que ocorria em seu entorno e como se desenrolava tudo.

—Seu corpo cicatrizou perfeitamente e me alegro por meu irmão —celebrou ele levantando uma de suas pálpebras — A trouxemos parecendo um desastre.

Então esse homem de voz profunda e inteligente era o irmão de Cahal: Menw.

—Menos mal. Pobrezinha, deve ter sofrido muito —disse a companheira do líder vanirio.

—Não soube da explosão, e isso fez com que deixasse de sofrer a dor da conversão — comentou o irmão de seu carcereiro.

—Mo duine, insinua que, depois de tudo, tem que agradecer aqueles vampiros que a fez voar pelos ares? Não a vejo agradecendo.

—Nem eu — a outra garota soltou uma risadinha.

Ela tentou vê-las. Sim, tinham que ser as duas morenas. A de olhos lilás e a de olhos verdes. Que bom que se divertiam às suas custas, as grandes cadelas. As duas lhe caíam tão bem como um chute no traseiro; e supunha que a elas, ela também.

Sim que sofreu. A dor foi curta, mas intensa. Queimou-se, os vidros cortaram seu rosto e seu corpo, e recordava que um longo pedaço de vidro atravessou seu olho... Não. Não se divertiu. E, entretanto, tinha agradecido sua morte, porque isso supunha não converter-se em nada que tivesse presas. E do que serviu? Tinha sido inútil. Continuava viva e, certamente, mais cega que Stevie Wonder.

—Ao menos, já é uma das nossas.

“Como? Já?”. Tentou mover os membros. Queria escapar desse lugar, mas não podia conseguir: nem braços nem pernas aceitavam suas ordens. Sentia-se intumescida e contrariada. Completamente acordada, de fato seu cérebro captava todos os estímulos, mas com seu corpo tomando umas férias.

Soou um telefone com a canção de Buffy, a Caça Vampiros, outra de suas séries fetiche. A garota de olhos lilás respondeu:

—Alô, Ruth. Está melhor. Sim, parece que sim... Veremos quando abrir os olhos. Dispara — permaneceu em silêncio— Agora? Certo, vamos para lá. Quais? Outra vez? Rise está aí com você? Menos mal... E as humanas? Ai, por Deus, um dia destes vão cobrar. Bom, nós duas agora vamos até aí. Até mais, querida.

—O que aconteceu? —perguntou a companheira do doutorzinho.

—Daanna, devemos ir ao RAGNARÖK. Houve problemas outra vez...

—Perfeito —replicou a outra sem vontade— Muitos guerreiros juntos. Muita raiva por sair.

Aquela mulher, que flutuava em vez de caminhar, chegou até onde estava seu companheiro e lhe disse algo ao ouvido.

—Assim que Cahal subir, quero que vá embora daqui. E eu gostaria que deixasse de tocá-la.

—A estou examinando. — respondeu o curador.

—Eu a vejo perfeita.

—Eudmhor, Daanna —“Ciumenta Daanna” — sussurrou ele com um sorriso— Tem fome, princesa?

A energia se tornou espessa entre eles e Miz estava no meio comendo-a toda! Estavam misturando seus aromas como se tratasse de Ambi Pur². Justo quando acreditava que a vaniria não ia responder a essa chacota, soltou um leve ronrono como uma pantera. Sexy. Escuro. Pecaminoso.

—Vou indo—despediu a morena lhe dando um beijo nos lábios — Cuidado, príncipe.

— Tome cuidado você, amor. O sol está no alto. Não baixe as janelas até chegar à BlackCountry.

—Claro, amor.

Abriu-se a porta, sinal de que as duas mulheres se foram; mas então, a que não estava com ciúmes disse:

—Em duas horas trarão a roupa que encomendamos pela Internet para ela — sorriu maliciosamente — Se sentirá mais cômoda com o corpo coberto. E, por favor, Menw: deixe o meu louco guerreiro sair de lá de baixo, certo? Que deixem de bater nele. Esperamos você em Jubilee Park.

A porta se fechou e ela ficou a sós com o médico.

As mãos masculinas a inspecionaram. Realizaram-lhe o teste de Babinski na planta do pé. Como se fosse uma recém-nascida.

—Tem uma estrutura óssea muito boa, atharneimhe.

Serpente. A chamou de serpente. Que simpático.

E acredito, doutor, que você não deveria me tocar se não quer que a diva que caminha como Jesus sobre os mares o degole.

Loira?

Miz ficou sem ar. O coração parou de repente, para logo pulsar acelerado. A porta se abriu de par em par, e ela se alarmou ao sentir sua voz em sua cabeça de um modo tão alto e tão claro. Era Cahal. Cahal falava com ela!

—Está viva? —perguntou seu carcereiro, emocionado— Es... escutei seu coração.

Por favor, ouvia-se tão desesperado que inclusive ela se sentiu culpado de estar como estava. A canela se intensificou. Passos coxeantes e frenéticos golpearam o chão. Era ele. Era o vanirio. Acabava de entrar no quarto, arrastando-se como se não tivesse forças.

Menw pigarreou, deu dois passos para trás e baixou a camisa branca que tinha arregaçada sobre os antebraços.

—Caramba, tem um aspecto horrível. Ela está viva e despertando. Estará faminta, brathair. Os deixarei sozinhos.

Antes que Menw saísse pela porta, soube que Cahal o abraçou e lhe deu palmadinhas reconfortantes e cheias de carinho nas costas.

² Marca de purificador de ambiente.

—Tha mo thaing agad airson na roinn thu, brathair. Agradeço o que fez.

—Não tem que me agradecer nada, irmão. Alegra-me poder ajudá-lo.

—Bem. Devo-te uma. E agora saia daqui. Quero dar as boas-vinda à minha companhia.

A porta se fechou e Cahal ficou sozinho ante ela.

Só ela, completamente diferente a quem foi, ante Cahal.

Um. Dois. Três passos. E esse homem, que cheirava maravilhosamente, estava olhando-a fixamente, apoiando suas mãos sobre a cama, a cada lado de seu corpo. Permaneceu alguns minutos observando-a. Notava-o. Sentia-o. Seus olhos acariciavam sua pele.

—Não posso acreditar o quão bonita é. Foram as horas mais longas de toda minha vida. Mais, inclusive, que as que passei em suas mãos enquanto brincava de cirurgiã comigo.

Miz tremeu internamente. Seu corpo. Seu corpo estava despertando. Nunca se sentiu melhor fisicamente do que se sentia nesse momento. Como era possível? Havia-na queimado quase até os ossos; sofreu pela conversão, e depois de tudo isso... Tinha a sensação de que era capaz de fazer tudo o que se proposse. Tudo. Não havia nem um segredo para ela.

Nenhuma leve dor muscular, nenhuma enxaqueca, Nenhuma ardência, nenhuma queimadura... Nada. E o mais contraditório daquilo era a emoção tão reconfortante ao ouvir essa voz que já conhecia. Por favor..., estava destruída, louca e transtornada, não? Sentia-se feliz, quase eufórica, por cheirá-lo e por tê-lo tão perto dela.

E tinha fome. E não fome de comida física, mas sim, autêntica sede. Vontade de lhe fincar o dente. Era uma necessidade repentina que despertou em seu interior como uma supernova.

Abre os olhos, Bela Adormecida. Deixe-me ver o que os deuses fizeram para mim.

Essa voz em sua cabeça outra vez.

E então sentiu algo macio sobre seus lábios. Algo quente que a enchia de morte e de vida, de dor e de paixão, de medo e de coragem, de vulnerabilidade e de segurança. Tudo que era bom e mal ao mesmo tempo.

Nunca sentiu nada com os beijos que lhe deram. Nunca. E agora, o guerreiro estava beijando-a, e ela tinha vontades de chorar e de que a abraçasse.

Necessitava disso. Desde quando? Não sabia. De fato, não sabia quanto o necessitava dele até que a beijou. Inclusive os dedos formigavam pela vontade que tinha de agarrar-se a ele, mas, para não fazê-lo, agarrou-se ao lençol.

A sensação de dependência lhe provocou vertigem e, como no conto, fez com que abrisse os olhos como impulsionados por uma mola.

Um beijo de amor verdadeiro despertou a princesa.

Mas aquilo não era amor. Miz não sabia nada disso, não tinha nem ideia. E não acreditava sobre os companheiros de vida, embora fosse verdade que as reações de seu corpo lhe demonstravam o contrário. Mesmo assim, precisava compreendê-las. Era uma pessoa racional e empírica e não bastava que lhe dissessem “assim são as coisas no mundo Vanir”.

Ele também tinha seus olhos azuis abertos, embora um pouco arroxeados, enquanto continuava beijando-a docemente, como uma carícia.

Quando um se viu no outro, o tempo se deteve o suficiente para reconhecer nesse silêncio o que ela nunca se atreveu a aceitar e acabava de descobrir. A primeira verdade universal que lhe tinha revelado: gostava dos homens. Ou, ao menos, gostava dele.

E queria que continuasse beijando-a sempre. Mas estava magoada e se sentia traída pelo que lhe fez.

Agora era uma vampira, ou uma vaniria, porque ele decidiu assim. E, com o passar do tempo, perderia sua essência e sua inteligência. Graças a ele. Maldito idiota. E não podia suportar isso. Não podia. Entregaria-se ao sol assim que pudesse.

—Te odiarei por toda minha vida, vanirio — sussurrou com os lábios dele ainda colado aos dela.

—Tem os olhos mais incríveis que vi em todo mundo. Incríveis.

—Disse que não me beijasse.

—Sua boca foi feita para isso.

—Riu de mim.

—Não imagina quão espetacular é. Não... Não tenho palavras — ele lhe acariciou o cabelo comprido com um corpo e um volume cheio de vida. Como ela — Me deixa sem respiração, neném.

Miz se ergueu de um modo inatamente sedutor, como uma bailarina de striptease. O lençol branco que cobria seu corpo nu deslizou até descobrir seus seios.

Olhou para baixo para comprovar que não tinha nenhum pudor com ele. A teve nua anteriormente e agora não era diferente. Antes estava encarcerada em sua casa; agora estava presa a ele de modos mais duros e estritos.

Cahal lambeu os lábios ressecados, admirando a incrível beleza da jovem. Miz o olhou por sua vez, e seus longos cílios loiros bateram as asas com paquera. Seus olhos eram de um verde que quase parecia amarelo. Eram mais claros que os de Caleb ou Daanna, mas os seus tinham pequenas bolinhas amareladas, como se o sol tivesse decidido deixar parte de sua marca neles. As pupilas negras e dilatadas estavam fixas nele, em sua pessoa. Era consciente do que estava fazendo? A vaniria nela tinha tomado o controle; e a humana dissimulada e insegura desapareceu.

—Sei que me odeia — disse Cahal —, mas não está bem me odiar e me olhar desse modo.

—Posso ver. Posso... Um vidro do tamanho da Inglaterra atravessou minha córnea... E... — cortou sua explicação — Bateram em você — apreciou, vendo o rosto do vanirio cheio de cortes e hematomas.

—Tinham que fazê-lo. Mas o outro ficou pior.

—Eu posso fazer isso?

Oh, por todos os deuses! Inclusive sua voz agora soava mais doce e sexy que antes, pensou Cahal. Viva Freyja e sua vaidade!

—Não. Já o fez, recorda?

—No Conselho me traiu, inclusive quando prometeu não fazer isso — Miz ia ao ponto, não andava com tolices — E depois me queimei e voei pelos ares, inclusive quando jurou me proteger. Não confiarei em você, jamais. É consciente disso?

O guerreiro nem sequer se alterou ante essa acusação.

—Não voltarei a te enganar, mas era necessário. Precisamos de você do nosso lado. Eu preciso de você. Quando ver tudo o que pode chegar a fazer sendo como é, me agradecerá. Pretendia que fosse um castigo diante todos para que passasse a vontade de vingar-se e de acabar com você; por isso a mordi publicamente. Mas verá que isto, sua nova condição, não é um castigo, neném.

—É tão obtuso... Uma mulher como eu alguma vez se vangloriaria de ser uma vampira? Como? Vou perder meu cérebro a qualquer momento... —seus olhos se avermelharam pela tristeza.

—Não, não vai perdê-lo.

—Sim o farei —replicou ela — os vampiros envelhecem a uma velocidade inusitada e perdem a capacidade de raciocinar. Assim são. Assim são.

—De verdade? E você esteve no Conselho Wicca, neném? Viu alguém descerebrado, baboso e decrépito ali? Pensava que era mais observadora. Pelo visto não é tão inteligente como acreditei. Sou um vanirio, merda.

Miz se calou e apertou os punhos cheia de raiva. Bom, tinha razão. A verdade era que os vanirios eram bonitos e não se viam afetados mentalmente. Mas tinha visto outros que...

—Talvez envelheçam mais tarde.

—Tenho dois mil anos, boneca. Acredito que faz tempo que deveria ter me convertido em um puto Gollum e não o fiz.

—Puto Gollum? Acha que estou brincando? —essa era a ira gelada de Miz. Não era vulcânica, não era explosiva. Era cortante como uma navalha e muito pior que a ira temperamental, porque seus efeitos eram mais devastadores e mais duradouros.

—Me escute bem.

—Não. Escute-me você —o empurrou com tanta força que Cahal saiu disparado para trás, caindo ao chão com um sorriso. Olhou para as próprias mãos com assombro. De onde saiu toda essa potência? — Oh, uau... —sussurrou.

Aniquilada por sua força, aproveitou para olhar a seu redor. Sua visão se modificou. Precisava de óculos para trabalhar, tinha vista cansada; mas agora via às mil maravilhas, tudo com um detalhe preciso e exato.

Aquele era outro quarto circular. Era de dia. Embora os raios não entrassem com naturalidade no interior da sala; sim via que as plantas e as árvores brilhavam banhadas sob sua claridade, criando íntimas sombras no bosque. Era um quarto muito parecido à espécie de porão natural no qual a manteve encarcerada dias atrás, mas não era o mesmo. Ali não havia algemas na cabeceira. Mas sim uma televisão de plasma de oitenta polegadas diante de um sofá chaise longue de cor bege para, ao menos, oito pessoas. Um tapete branco cobria o piso claro.

—Oh, veja —repetiu ele, apoiando um cotovelo no chão e recostando a mão sobre sua palma— Ora veja a Ratinha... Agora é forte?

—Não acho graça, estúpido —se lançou sobre ele como uma gata. Cahal soltou uma gargalhada cheia de vitalidade. Agarrou-a no voo e a imobilizou, levantando-se com ela nos braços e caminhando para o espelho que havia na parede.

Miz estava coberta com o lençol branco, e as longas mechas loiras e brilhantes emolduravam o rosto ovalado. A covinha de seu queixo tremia pela indignação, e o vanirio sentiu vontade de lambê-lo e mordiscá-lo. Por Ceridwen! A queria comer inteira. Mas o melhor de tudo era sua boca. Através de seu suculento lábio superior apareciam duas presas brancas e bicudas, tão femininas como sua proprietária.

—Olhe-se, boneca —ordenou Cahal por cima de seu ombro, apertando-a contra ele para que não pudesse remexer-se como uma cobra—Olhe-se, droga. E não me diga que não é a mais sexy que viu em sua vida. Os vampiros não se veem assim! É como se tivesse luz...

Os olhos verdes e dourados da cientista se cravaram no espelho. Reconheceu-se nele, em seu reflexo, mas na realidade não era ela. Era uma expressão do que ela foi, elevada a uma enésima potência, como uma raiz quadrada.

Parecia que brilhava; era a mesma pessoa, mas seus olhos tinham uma cor mais clara e especial. E aquele cabelo... Fazia séculos que não ia ao cabeleireiro. De onde demônios saiu de repente esse cabelo tão loiro e tão limpo? E sua boca. Suas gengivas ardiam.

Retraiu o lábio superior e viu suas presas.

—Por Newton, Hawkins e todo ser superdotado... Meus olhos... Minhas presas... Tenho presas... O que aconteceu comigo?

—Transformou-se. Chama-se: a conversão. É uma vaniria, neném. Não uma vampira. Há muitas diferenças. Não tem a pele translúcida, nem os olhos injetados em sangue, nem pensamentos psicóticos sobre sangue, morte e destruição, não é?

Bom, tinha pensamentos de sangue, mas tinham a ver com o sangue desse homem colado às suas costas.

—Não. Não os tenho. E você está asqueroso.

—Obrigado. Acontece que estive a ponto de enlouquecer porque pensava que havia morrido, e tiveram que ficar com um guardião para que eu não abrisse minhas veias ou arrancasse meu próprio coração. Embora, conscientemente, sabia que não ia morrer; mas não podia suportar viver em um mundo no qual você não existisse.

—Isso é do Crepúsculo. —Replicou aniquilada pela incrível imagem que apresentavam ambos juntos. Os dois loiros, ele exausto e ela meio nua — Inclusive eu vi isso.

Cahal sorriu e deu de ombros sem envergonhar-se.

—Digamos que não me diverti enquanto você estava aqui em cima se recompondo. Não aguentava não ouvir o batimento de seu coração — “Puf. Estou muito mal. Eu nunca falo assim... Mas esta mulher faz migalhas de minha cabeça.”

—Pode ouvi-lo?

—Sim.

—Por favor...! —Miz cobriu o rosto com as duas mãos— Também são meio cães?

—Não, caramba! —exclamou ofendido— Tome cuidado com o que insinua. Os vira-latas são outros, não eu. Olhe, filhote, você não tem nada a ver com os vampiros —retirou suas mãos com suavidade— O vampiro é um sociopata. O vanirio, se encontrar seu companheiro de vida e for transformado por ele, é sociável com seu ambiente e é são mentalmente, sempre e quando

alimentar somente de sua cáraid —se olharam através do espelho— Eu sou seu cáraid —lhe piscou um olho— Tem o pacote completo.

Tudo nela se arrepiou. Esse homem piscava os olhos de uma maneira que fazia com que ensopasse entre as pernas. E voltava a dizer isso dos cáraids.

—Não entendo. Mas você... me fez acreditar que... Nunca me explicou as coisas, vanirio. Nunca —negou com a cabeça, aborrecida.

—Não gostava muito falar de falar com você. Eu não a fiz acreditar em nada, ratinha. Nem te expliquei nem deixei de explicar. Você e seus preconceitos armou toda a confusão. Não eu.

—Como se atreve a me dizer isso? —olhou-o com gesto assassino— Não ajudou a resolver minhas dúvidas nem meus medos. Tentou me intimidar, assustou-me. Eu não tenho nem ideia de seu mundo; e fez com que acreditasse durante esses dias que ia me matar, ou ao final ia apodrecer meu cérebro. Você não imagina... —murmurou mordendo o lábio inferior e negando com a cabeça— Não imagina a ansiedade que tive pensando que me converteria em uma espécie de analfabeta psicopata chupa-sangue que... —exalou cansada e o olhou recriminatoriamente— Foi angustiante. E você foi um cretino.

—Está bem, neném. Quero que me escute. Não vou voltar a explicar mais. Vai prestar toda sua superdotada atenção? —pediu humildemente.

—Eu escuto os bons oradores —levantou o queixo—, sempre e quando mantiverem meu interesse. Espero que não tenha problemas para se concentrar e vá direto ao assunto.

—Isso seria uma tonte... Ui, olhe, uma mosca.

Miz olhou para outro lado e girou os olhos. Esse homem nunca falava a sério.

—Somos vanirios, guerreiros antigos criados pelos deuses escandinavos para proteger a humanidade das artimanhas de Loki —explicou por fim— Freyja, Frey e Njörd, os deuses Vanir, mudaram geneticamente, se preferir que diga isso assim, os guerreiros mais importantes que foram povoando a Terra.

Ela arqueou as sobrancelhas e o obrigou a deter seu discurso com um olhar incrédulo.

—Deuses... Deuses de verdade? Quer dizer, deuses deuses.

—Sim. Deuses.

—Sabe que o que está me dizendo pode mudar a religião e a história da humanidade tal e como a conhecemos?

—Não a mudou antes, quando acreditava que vínhamos de algum lugar do espaço exterior para acabar com —se moveu como um robô e falou com voz mecânica— o planeta Terra?

Miz meditou a resposta.

—Bom, sim. Mas posso tratar como seres de outras espécies... É mais simples. Darwin fez seu estudo da Evolução das Espécies, não foi? E todos o aceitamos. Por que não íamos acreditar em outras vidas fora de nosso sistema solar? É o mais óbvio, não? Entretanto, o que está me contando agora... está me falando de deuses. Plural. A ideia, então, de um deus criador fica obsoleta... —sussurrou absorta com o olhar perdido.

—Mas é certa. Aí tem a prova —a assinalou através do espelho— Morreu, sitíchean —fada—. Os deuses nos deram o dom de poder converter às pessoas através de nosso sangue. E graças a meu sangue mágico —esclareceu— está aqui outra vez. Não há maior confirmação, não acha?

—Está bem —apertou a ponte do nariz— Digamos que aceito sua teoria. Por que os Vanir fizeram isso? Não conheço a mitologia nórdica exceto —se ruborizou— pelos gibis de Thor.

—Não? Então não é tão inteligente, verdade? — “Por todos os deuses, esta mulher não aceita uma provocação”. Ante o gesto sério dela, o vanirio continuou com seu discurso— Os Vanir fizeram isso porque Loki estava ganhando terreno. Existiam os lobachos, que eram a versão má dos berserkers, e a época tenebrosa estava se estabelecendo com força em Midgard. Assim, se existiam os berserkers, que representavam Odin lutando em nome dos humanos, também devia haver uma representação dos deuses Vanir. Transformaram guerreiros celtas, samurais, highlanders... A todos esses humanos versados na arte da guerra; e o fizeram porque eles não sabiam brigar. Os Vanir são os deuses da beleza, da magia, da fertilidade, da riqueza e da cultura; não sabem nada da arte das espadas, nem da luta, nem de defesa, nem...

—Sei. E os transformaram.

—Sim, em Stonehenge. Somos celtas, guerreiros keltois da época dos casivelanos.

Miz piscou lentamente, recebendo essa informação com assombro.

—Não pode ser... —Ela girou-se e encarou-o com interesse— Tenho uma peça viva de Museu na minha frente. Continue, por favor —começou a caminhar a seu redor.

—Os Vanir desceram dos céus e nos explicaram o que devíamos fazer —a olhou de soslaio enquanto o estudava com crescente fascinação—Nos deram de presente a imortalidade, muitos dons e, também importantes fraquezas. Tudo o devíamos fazer era proteger a humanidade e defende-la dos lobachos de Loki. Para isso não devíamos beber sangue, exceto o de nossa companheira de vida; porque se bebêssemos sangue e nos deixássemos levar por nossos impulsos, ao final nossa alma se escureceria e Loki vinha nos tentar. E quase sempre ganhava o vigarista. O problema é que muitos vanirios passaram séculos procurando companheiras e não a encontravam. A sede de sangue continua aí, em nossa modificação genética. E a ansiedade e o desespero tomou conta de alguns de nós; e daí surgiram os vampiros: como Lucius, Seth, Samael, Brenda... eles começaram a beber sangue humano e decidiram entregar-se a Loki. Odeiam defender o seres fracos como os humanos. E se rebelaram, tal e como fez Loki com o plano de Odin.

—Odin... Loki... Os conheço. Loki é filho de Odin. Vivem em Asgard.

Por que não entrava em catarse com tudo o que estava contando? Por que sua mente racional não reagia rechaçando toda aquela absurda e fantástica realidade?

Porque podia acreditar nele sem problemas. Por que não? Encontrou o modo de abrir portais dimensionais, e só consegui-lo demonstrava que outros universos existiam. E se o Asgard de que falavam os gibis de Thor não se tratava exatamente de outro mundo superior tecnologicamente falando? De seres mais avançados com seus próprios deuses?

—Engano. Loki não é filho de Odin; isso diz o gubi, mas não é a realidade. Loki é filho dos Jotuns, não é nem meio-irmão de Thor, nem filho do caolho. Odin exilou Loki por rebelar-se contra o plano da humanidade.

—Odin tem um plano? —deteve-se diante dele, olhando-o de cima a baixo.

—Odin quer que a humanidade abra os olhos e cresça espiritualmente. E não deveria me olhar assim... — ela se sobressaltou e Cahal sorriu— O deus nórdico quer que os humanos

valorizem o que realmente importa, que se convertam em mestres de seus próprios mestres. Loki o detesta, detesta o planeta e a raça que o habita. Acredita que estão destinados a servir, que a liberdade que acreditam ter e que exigem é efêmera e falsa. E para demonstrar a Odin que se equivocou com eles, quer destruir seu mundo acelerando o Ragnarök: a batalha dos deuses ou o final dos tempos. —Afundou o rosto em sua garganta e inalou profundamente— Mas nós o estamos impedindo como melhor podemos: lutando. Ratinha, não me olhe assim... Está me matando.

Miz ficou tensa, virou-se e cravou o olhar no espelho. Gostava muito de olhá-lo.

— Assim, os vampiros saíram de vocês. Como os lobachos saíram dos berserkers.

—Exato. E não, não somos extraterrestres.

—Mas os deuses que os criaram bem poderiam entrar nessa catalogação. São de um universo paralelo, do espaço exterior. Fascinante — murmurou, ensimesmada com o cabelo tão loiro e curto que tinha esse homem— E também são, de algum modo, culpados pela chegada dos vampiros e dos lobachos. Como os Gremlins, não? Gizmo era adorável, mas o que saía dele, se reproduzia, era mau e asqueroso.

O druida assentiu e se inclinou para roçar seu pescoço com o nariz. Bom, podia aceitar essa comparação que jogava sua dignidade por terra.

—Como há humanos maus e animais predadores, também houve berserkers e vanirios que se fartaram de defender o ser humano e que preferem dominá-los e exterminá-los —dirigiu os lábios ao lóbulo de sua pequena orelha e o mordeu exercendo uma pressão pouco dolorosa — O bem e o mal estão em todos e em tudo.

Não... por que a tocava assim? Por que ela gostava?

—Eu... Por favor... — Seu corpo estava se preparando para ele, mas não sua consciência, não sua razão— Não quero perder minha cabeça, Cahal. Não quero me perder, quero continuar sendo quem sou. Não sei se isto é bom ou mau. Sinto-me muito insegura agora.

—Não o fará — murmurou sobre a pele de seu ombro—Não se perderá porque eu não o permitirei. Agora tem muita mais capacidade que antes para armazenar informação, para aprender e para desenvolver novas ideias. Sua inteligência será superior. Meu sangue te outorgou dons, Ossinhos. Entende isso? Não te envenenou. Não a fez pior. Tem fraquezas, certo —pensou no sol que nunca mais poderia ver, e se entristeceu por ela — Mas comparado com suas novas virtudes, são irrisórias. Será como sempre foi, mas uma versão melhorada. Ossinhos 3.0.

Miz aumentou os olhos. Ela não esperava nada disso. Não esperava que Cahal lhe desse a oportunidade de desfrutar plenamente de todas suas aptidões. Os dias que a manteve presa, esteve aterrorizada de perder sua mente e sua cabeça se ele a transformasse. Tinha preferido morrer a ser a escrava de alguém.

Mas estava em frente ao espelho, com esse guerreiro antigo atrás dela, e seu sangue mudado pelos deuses foi tão poderoso que inclusive lhe outorgou esses mesmos dons a ela.

Mesmo assim, tudo ia muito depressa. Foi tudo muito duro e traumático.

Acreditava que tinha que aceitar tudo o que esse homem lhe pedia?

Presumia que ia se amoldar à sua nova vida e sua nova natureza assim como se não fosse nada? Sim, era uma mulher prática que nunca temeu nada, certamente porque perdeu tudo

quando criança e, depois, enquanto crescia e a manipulavam, nada se importou o suficiente para temer que isso também lhe escapasse entre os dedos ou o tirassem. Exceto seus estudos e seus conhecimentos, que era a única coisa valiosa que tinha. E passou dias terríveis pensando que iam tirar isso dela também. Mas não foi assim. Olhou o homem incrivelmente belo e corpulento que tinha diante si e não soube o que dizer nem como agir.

—O que diz, Ossinhos? Está disposta a descobrir este mundo? É uma de nós?

Era? Agora era uma vaniria, mas não entendia tudo o que a palavra implicava.

Necessitaria de um mestre, e não sabia se Cahal seria o idôneo. Ele a traiu; e saber disso doía muito, doía na altura do peito. “Isso são sentimentos? São assim?”

Maldição, doía tanto que tinha vontade de chorar. Mas não era mulher de ficar soluçando em um canto culpando-se por sua boa ou sua má sorte. Era uma mulher que caminhava cada dia com um objetivo; prática e resolvida. E esse objetivo ainda não se perdeu; e sentia que desta vez estava no lado correto para poder ajudar.

—Cahal — virou-se e jogou a cabeça para trás para encará-lo—, vou ser franca. Ainda não sei se saio correndo deste quarto e atravesso a primeira janela que ver para que um raio de sol me queime e acabe com minha vida, ou se aceito o que parece que sou agora e tento me adaptar com meu corpo e meu entorno. Não sei o que fazer. Não é fácil para mim.

O druida a entendeu, mas para ele somente havia uma saída possível.

—Aceite o fato de que as coisas não acontecem por acaso. Há um motivo, uma razão por trás de cada ato e sucesso em nossas vidas. Se é minha vaniria agora, é porque deve ser. Os vanirios apreciarão sua ajuda, cientista. Iremos valorizar seus conhecimentos. E eu agradecerei que fique comigo, porque assim é como deve ser — acariciou-lhe o queixo com o polegar.

—Eu quero ajudá-los —afirmou a jovem passando a língua pelas presas. “Gostaria de mordê-lo. Gostaria muito”— Se antes o fiz mal, é minha oportunidade de reparar; e não me importa que me odeiem enquanto isso. Quero fazê-lo porque é o que devo fazer.

—Não a odeiam —respondeu ele.

—Odeiam-me, mas quero ficar.

—Alegra-me ouvir isso —reconheceu com as presas expostas como ela. “A filhotinha morre de vontade de me morder”.

—Mas não acredito que possa dar mais. Não compreendo esta dependência nem essa necessidade entre seus companheiros, em termos... românticos. E não... Eu não me desenvolvo bem com isso — estava nervosa e, ao mesmo tempo, cada vez se aproximava mais de seu corpo— Não me respeitou em nenhum momento, enganou-me, traiu-me — se angustiou e engoliu em seco—Não vou te dar mais do que o estritamente necessário, só o que precisarmos para sobreviver.

Cahal inclinou a cabeça a um lado e piscou somente uma vez. Miz estava dizendo que poderia compartilhar umas coisas com ele, mas outras não. Quer dizer, que podia beber dele porque era o que ambos necessitavam para continuar, mas não queria compartilhar nada mais. Ele compreendia sua posição, mas não estava de acordo. Miz era sua companheira, ninguém cuidaria melhor dela que ele.

Mas sabia que a magoou e que estava ressentida. Já foi um egoísta e um bárbaro ao tê-la mordido em público, assim, se ela se sentia melhor tendo esse espaço fictício entre eles, como se fossem humanos, então ele estaria de acordo em dá-lo. Mas só porque sabia que o tempo que pudessem estar separados a faria dar-se conta do indispensáveis que eram um para o outro.

Ela ainda não acreditava.

Ele sim. Porque estava profundamente apaixonado por sua mulher; e porque só um vanirio entendia o tipo de vinculação única e inexplicável que existia entre companheiros.

—Está insinuando que você e eu somente tenhamos uma relação meramente alimentícia?

Havia algo selvagem e animal nela que a deixava se remexendo inquieta e em desacordo por aquela pergunta. Nunca sentiu essa fera interna que agora despertava como fazia a besta do Hulk ante a raiva. Miz não sabia o que era o que lhe acontecia, mas sua cabeça queria seguir adiante com aquelea proposta, embora a fera se negasse daquele modo tão veemente.

—Sim. Não o conheço. Não confio em você. Mas tenho muita sede. A verdade é que quero mordê-lo... Explique-me por quê.

Cahal ficou tão duro que acreditou que ia atravessar o estômago de Miz com sua ereção.

—É porque somos cáraids. Já lhe disse isso. Alimentamo-nos um do outro e isso nos mantém bem e saudáveis. Somos companheiros, neném, embora você o negue.

—Eu não posso ser sua companheira! Não entende? —Era a primeira vez que perdia os nervos.

—Já está bem! Escute-me! —gritou, sacudindo-a pelos ombros— Acha que Strike viu o que viu por diversão?! Ele podia ver o futuro e soube que você me pertencia! Eu, sem saber, a vi no Ministry e fiquei louco, por isso a segui!

—Havia muitas outras mulheres.

—Não é verdade. Só uma para mim. Fazia dois mil anos que não sentia nada, que não podia cheirar nada que me desse prazer, que não sentia nem as carícias nem o tato de ninguém em minha pele. Zero, neném. Zero!

Ambos ficaram em silêncio, olhando-se fixamente.

—Quando a vi, cheirei você pela primeira vez. Em vinte séculos, o primeiro aroma que me veio ao nariz foi o seu —a agarrou pelos pulsos e colocou suas palmas abertas sobre seu peito— E foram suas cruéis mãos a primeira coisa que senti em meu corpo. Você me devolveu os sentidos e a vida, embora só me fizesse sentir dor.

Ela fechou os olhos, consternada pelo que ouvia. Lamentava muito tê-lo machucado tanto. Não sabia o que fazer para compensá-lo, mas ele se encarregou de pagar essa dívida convertendo-a e mordendo-a diante de todos. Quando recordava esse momento, sentia vontade de gritar pela impotência.

—Dois mil anos sem sentir nada? —repetiu ela com tristeza— Então, agora presume que está me introduzindo a uma eternidade que eu não escolhi, por muito boa que possa ser essa perspectiva para você? Odiarei beber sangue —grunhiu com lágrimas na garganta — Não voltarei a ver a luz do sol. E as pessoas com quem vou estar sempre terão aversão de mim. Essa é uma boa eternidade para você? Está orgulhoso de sua vingança?

Cahal negou com a cabeça. Sua mulher era muito teimosa e estava cega! Mas, certo! Ela queria isso? Queria que vivessem separados? Queria não ter nada a ver com ele exceto para as trocas estritamente necessárias? Pois bem!

—Maldição! Está segura de que quer nos fazer isto?!

—Não estou segura de nada! Mas me aterroriza o que me fez e não estou preparada. Preciso me sentir a salvo e recuperar um pouco o controle. Tampouco vai respeitar esta decisão?

Cahal a olhou e riu sem vontade. Estava pedindo ao ser mais emocionalmente impaciente e avassalador que existia que tivesse paciência e que lhe desse um espaço que ele precisava invadir urgentemente, só porque ela precisava recuperar o controle.

—Não vai suportar. Nem você, nem eu — assegurou Cahal.

—Vou tentar viver com vocês. Os devo isso —assegurou isso a jovem tremendo pela energia que fluía entre os dois— Vou ajudá-los no que puder. Mas todos os seres devem ser capazes de escolher nosso destino. Você me obrigou a me converter no que você é porque está seguro de que nos pertencemos e porque queria se vingar de mim. Disse que eu lhe devolvia o dom e, certamente, esse foi seu principal motivo para fazer o que fez. Bem, objetivo alcançado. Mas a partir daí, eu dito se continuo adiante com isto ou não.

E o pior, reconhecia Cahal, era que essa garota tinha suas emoções e seus desejos sob um controle invejável. Essa mulher tão racional acabava de dizer uma verdade universal. E ele, que além de ter sido arrogante com ela, que acreditava que também podia ser um guia espiritual para todos outros, estava violando a lei mais importante de todas: “Todos somos donos e responsáveis por nossa vida e de nossas decisões.”

O vanirio queria passar essa lei pelo escroto.

Mas o celta, o druida, o homem sábio que ele era e o que seus pais o ensinaram a ser, só podia ceder diante da decisão de sua jovem companheira. Embora ele não a converteu porque ela o devolveria o dom mediante seu sangue.

Ele a converteu porque, graças a ela, poderia começar a amá-la mais do que já começava a amar.

—De acordo, Ossinhos. Não vou te pressionar. O que é que me pede?

—Não estou pedindo permissão —esclareceu ela — Quero começar a trabalhar o quanto antes e me assegurar de que o que eu descobri é certo. E, depois, quero trabalhar em um projeto que neutralize meu trabalho. Quero viver sozinha e em algum lugar seguro. Preciso do meu espaço.

—Viverá em um lugar seguro, mas terá vigilância. E, se desejar, hoje mesmo pode começar a trabalhar, mas em nossas instalações — particularizou ele.

—Bem.

—Bem. Algo mais?

Ela não soube o que responder. Não tinha nada mais que objetar. Tão fácil tinha sido?

—Só? Não há um não?

—Disse que estou de acordo — repetiu cansado. Não tinham muito mais que dizer, mas havia algo básico entre eles, que sim que devia ficar claro. Cahal não ia negociar com isso —O que estou fazendo com você é uma exceção e me custa muito aceitá-lo — expressou não sem

dificuldades— Mas há algo que é mais importante que todo o resto. E se não o fizermos com normalidade, ambos enlouqueceremos. Você não poderá se concentrar, e eu terei vontade de me arrancar as órbitas dos olhos. Disse antes. Há algo que precisamos para sobreviver.

Suas presas picavam com raivosa urgência e ele lambeu os lábios.

—Beberemos um do outro tantas vezes como desejarmos. Sempre que nosso corpo pedir — exigiu ele.

— Não podemos normalizá-lo? Duas vezes ao dia. Tenho que ter ideia.

Uma risada escapou do druida. Queria uma rotina, a grande sádica, e nem ela ia poder suportá-lo.

“Certo, quer isso? Isso terá.”

—Perfeito. Deve estar sedenta depois da conversão. Quer beber de mim agora? Já sabe, o início da manhã já está caindo, bebê — Cahal tirou a camiseta pela cabeça e ficou com seu torso musculoso descoberto.

Não temos nada a perder!

As mãos da recém-convertida vaniria começaram a suar ante tanta perfeição física.

“O que acontece? Não posso mordê-lo com a camiseta posta?”! Perguntou ao homem com seu novo olhar.

Não havia nada mais perfeito que ele, inclusive com os hematomas. Passou os dedos com suavidade por um especialmente arroxeadado e esverdeado. Não gostava que o tivessem machucado.

—Quem te fez isto? —perguntou preocupada— Quem era seu guardião?

—Preocupa-se comigo, Ossinhos? —Oh, estava-o acariciando de verdade, e era tão bom... E isso que eram apenas seus dedos roçando sua pele; mas não havia maldade nem raiva neles, era uma carícia real. Sua cáraid — Não faça. Cale-se e morda.

Miz bufou com a ordem. Beber se converteu em uma urgência para ela. Ia gostar ou não?

—Como... Como faço?

—Quer que eu a morda primeira, sabichona? Assim vê o procedimento — zombou ele, morto de desejo. Ela jogou uma olhada a seu corpo semicoberto pelo lençol.

Tinha o pescoço e os ombros ao ar livre, poderia mordê-la na carne exposta.

—Está bem —respondeu colocando todo o cabelo loiro sobre um ombro. Era absurdo, porque ele já a mordeu outras vezes; mas esteve tão assustada e nervosa que não prestou muita atenção e não foi tão consciente como nesse momento.

—Morderei você onde eu quiser. Não cederei ante isso. É o justo, não acha? —O druida agarrou o lençol pela parte do peito, ante a estupefação da jovem, e o retirou com uma lentidão que arrepiava os nervos.

Ele ia mordê-la, mas onde? Ia deixá-la completamente nua.

—Estou muito nua —esclareceu ela sem atrever-se a olhá-lo. Uma intimidade assim com um homem, e desta vez de mútuo acordo, era estranha, mas também... emocionante.

—E me diz isso para que eu me afaste? —Cahal afastou o lençol da parte frontal de seu corpo e entolou as pontas ao redor de sua própria cintura para puxá-la como se tratasse de uma corda ou de um grosso cinturão.

O corpo da jovem deu um salto para frente e se chocou contra o torso duro e quente do vanirio.

Ele ronronou de prazer. *“A pele. Sinto sua pele, sinto seu calor... Seus mamilos cravam em meu abdômem.”*

Miz não entendia o que estava acontecendo com seu corpo, mas estava enlouquecendo, não havia dúvida. Estremecia, tremia, e se sentia inchada por todos os lados. O lençol que Cahal segurava agora só cobria suas nádegas. Então, o druida atou as pontas na sua própria cintura, e ficaram os dois presos como mariscos, rodeados pelo tecido branco.

—Agora já não escapará — murmurou, afundando seus dedos em seu cabelo loiro. Ela gemeu pela simples carícia. Tinha o couro cabeludo muito sensível.

—Não vou escapar. Tenho sede — respondeu, inocentemente sedutora.

“É uma provocadora”, pensou ele. Agarrou seu cabelo em uma mão e puxou sua cabeça para trás. A loira o olhava com interesse e com olhos curiosos, olhos de cientista excitada. Ele elevou o canto de seus lábios com insolência e lhe mostrou as presas.

—Vê? Irão bem dentro, neném.

—Logo será minha vez. —replicou sem perder o olhar, e prestando especial atenção às suas presas, mais grossas que as dela. Cahal passou sua língua por sua garganta e a lambeu, dando uma antecipação do lugar no qual ia sepultar seus caninos.

Ela se apoiou em seus ombros e se agarrou bem a ele.

Cahal lhe deu uma leve chupada que a jovem apreciou com dissimulação. Sim, adorava sentir seus lábios aí. E também sua língua, úmida e escorregadia. Mas, de repente, Cahal abriu a boca enquanto a jogava mais para trás e lhe cravou os dentes com desespero.

Ela abriu os olhos com surpresa, mas logo se deixou levar pela sensação. Dilaceradora e extasiante. Não havia outra definição para aquilo.

Desta vez sentia sua dentada diferente. Sentia-o puro e adequado. Ele sorvia com delicadeza, mas sem perder ritmo nem insistência. Mizar percebia o sangue como lava quente e espessa. Cravou-lhe os dedos nas clavículas e Cahal ronronou.

Sentiu toda uma série de espasmos vaginais que a fizeram soluçar e fechar os olhos com força; e depois sentiu como seu útero se contraía. Por favor, precisava que algo a enchesse ou a tocasse ali.

Ele a abraçou com mais força e ela permitiu.

Cahal desencravou suas presas, passou-lhe a língua pelas incisões e a segurou com uma mão para poder acariciar a dentada com os dedos da outra. Ao beber dela, viu-se de novo como o druidh que foi em sua aldeia séculos atrás. Recordou seu lar, porque o sangue de sua companheira era sua casa, e as lembranças o encheram de melancolia. Merda, inclusive tornou a recordar seus pais. Fazia muitos séculos que já não se lembrava de como eram.

—É deliciosa. Como um morango suculento e macio, exclusivo para mim — explicou com a voz rouca.

Quando ela abriu os olhos ficou sem respiração.

Cahal não tinha um só corte em seu corpo. Os hematomas foram desaparecendo, desvanecendo-se como se nunca tivessem existido. Seus olhos azuis, cheios de risada e ao mesmo

tempo de malícia, brilhavam provocando essas faíscas desumanas que lhe provavam que estava diante de um ser tão poderoso quanto Deus. E esse Deus sorria com ternura e com sabedoria, acariciando as marca que as presas deixaram em sua garganta.

—Gostou? —perguntou ele. Os cílios da jovem bateram nervosos, pois não compreendiam a pergunta. Era óbvio que gostou. —Gostei muito — respondeu com franqueza.

Ele sorriu mais tranquilo. Isso era o melhor dela. Não mentia. Era franca, honesta e direta; e o que algumas demorariam para reconhecer somente para fazer corpo mole, ela não. Por que fingir que não sentia nada quando sentia? O problema dessa garota tão fascinante era que, embora falasse sem rodeios, precisava comprovar tudo. Como precisava comprovar que a separação entre eles ia ser inviável; e ele, que era um sátiro e um brincalhão muito cruel, ia gostar de sua rendição. Não ia deixar isso fácil. Mas era um desafio. E estava convencido que sua decisão não ia durar nem um dia.

Ela se renderia. Como ele.

—Sua vez — declarou o vanirio, ainda saboreando o sabor do sangue de sua garota.

—Sim... Minha vez—repetiu hipnotizada pelo peitoral de Cahal.

Miz agiu sem pensar duas vezes.

Tinha uma sede que morria e ansiava mordê-lo com desespero. Foi direta, precisa e resolutiva. Lambeu o peito de Cahal, justo em cima de seu coração e, sem muita cerimônia, o mordeu. Fez força com a mandíbula, o suficiente para sentir que as presas furavam a rígida pele até atravessar o músculo; e depois aproveitou para beber do sangue que corria em seu interior.

Cahal gritou e segurou sua cabeça contra ele enquanto se endurecia sob as calças.

Foi como ficar cega por um raio de luz depois de viver na escuridão. O sangue desse homem era fresco, saboroso e com gosto de canela. Ela bebia e não podia se saciar.

Sorvia uma e outra vez, cada sorvo maior que o anterior, movendo seus quadris para adiante e para trás, simulando o ato sexual. Gemeu e sugou com tanta paixão que Cahal enlouqueceu

—Bebe, mo dolag. Mas venha aqui. Vou acalmar sua dor —enquanto o sorvia, ele levantou uma de suas pernas segurando-a por debaixo da coxa, e a apoiou em seu quadril— Será melhor assim para você. —Então penetrou uma mão entre seus corpos e a tocou em seu centro.

Ambos ficaram paralisados ante a sensação. Cahal inclinou a cabeça para assegurar-se de que o que tocava era tão liso e suave como qualquer outra parte de seu ser.

—Caramba! —gritou ele feliz— Freyja é minha heroína!

Não pode ser. Negou ela, ruborizada.

—Não há pelo, bebê —a esfregou suavemente— Eu adoro.

Ela se lamentou por sua divina depilação a laser recém-feita e, também, por como era bom aqueles dedos nessa área tão sensível. Mordeu o lábio inferior e se entregou à sensação de plenitude. Estava-a acariciando, e bebia dele. Não havia nada mais ideal e bonito que isso, pensou sem nenhum tipo de dúvida.

E quis mais, muito mais. Seu sangue lhe dava uma vitalidade e um amor que decidiu não receber jamais. Amor? Podia ser amor entre um homem e uma mulher? Se o amor era assim, ela queria todos os dias.

Atrevida como nunca foi, deslizou sua mão também entre seus corpos e colocou a palma aberta sobre o impressionante vulto que havia nas calças do vanirio. Jamais fez isso.

Jamais pensou que chegaria o dia em que teria vontade de fazer e sua cabeça não raciocinava, não compreendia por que estava fazendo isso com ele. Mas suas mãos se moviam sozinhas.

Aí estava. Colocando a mão em um cara.

Tome cuidado, Ossinhos. Não comece algo que logo não possa acabar.

Ela o apertou em resposta. Seus movimentos eram inseguros e pouco estudados, mas isso excitava-o muito mais. Porque sabia que Miz não teve experiência com homens, e ele seria o primeiro; mas não assim, não nesse momento. Entretanto, deixou que o tocasse e que brincasse com ele, porque adorava que o acariciasse.

Você começou tudo. Respondeu ela. *Agora não se queixe, ou faça algo para me deter. Não tenho nem ideia de como deixar de beber.*

Ele começou a rir e gemeu quando Miz desceu o zíper de sua calça.

Então Cahal contra-atacou e a acariciou com dois dedos, de cima a baixo, para logo penetrá-los brandamente em seu interior. Moveu-os profundamente, segurando sua perna com força contra seu quadril e estimulando-a com sua outra mão livre.

Cahal ia gozar em somente vê-la beber; não esperava que Miz decidisse colocar a mão no interior da braguilha e capturá-lo com dedos tremulos.

Ela gemeu de prazer só em tocá-lo.

Isto está tão duro...

Sou um puto homem, Ossinhos. Já não te dou medo?

Não sei. Mas não quero parar.

Parará se te pedir?

Miz negou com a cabeça e se dispôs a masturbá-lo enquanto ele fazia o mesmo com ela. Não ia parar, nem pensar! Não lhe dava medo; estava apreciando, porque até onde sabia, não havia perigo de magoar-se entre eles. Controlava a situação.

E essa troca se converteu em uma batalha de intenções.

Ela bebia de seu sangue e o acariciava. Ele respondia com seus dedos em seu interior e com seu polegar acariciando seu clitóris.

—Vai perder, neném —grunhiu, elevando mais sua perna contra ele— Está a ponto.

Miz desencravou as presas, e seus olhos verdes e com raios de sol ficaram presos nos dele, muito mais azuis que um céu de verão. Grande... pensou, tinham clareado.

—O seu também clareou—assegurou Cahal esfregando o ponto no interior de seu corpo que a lançaria às estrelas.

Dito e feito.

Miz abriu a boca e mostrou as presas ao mundo. Queixou-se ao sentir o orgasmo açoitar seu corpo por completo. Soltou sua ereção porque precisava agarrar-se a algo mais alto. Seu útero apertava e soltava os dedos do vanirio, mas este não deixava de lhe acariciar aquele botão de prazer sublime. Agarrou-se a seus ombros, e logo deslizou uma mão a sua nuca, e outra ao grosso pulso da mão que havia entre suas pernas.

O orgasmo a demoliu.

Cahal diminuiu suas carícias. Ao final tirou os dedos lentamente e voltou a fazer o mesmo que a vez anterior: os levou úmidos à boca e os saboreou, fechando os olhos com deleite.

Miz tentou recuperar a respiração e descansou a testa no peito do guerreiro.

Acabava de apreciar, conscientemente, das carícias de Cahal. Sem algemas, sem obrigações nem intimidações. Acabava de jogar por terra vinte anos confusos sobre sua orientação sexual. Como ia pretender fingir que preferia mulheres depois disso? E, o pior, como ia deitar-se com alguém mais que não fosse ele?

—Falamos... falamos telepaticamente? —perguntou tremula, tentando pôr em ordem sua caótica mente.

—Oh, sim —beijou o topo de sua cabeça, retirou sua perna de seu quadril e desatou metodicamente o nó do lençol às suas costas. Isso fez com que ela desse um tropeção para trás e ficasse nua ante ele, com as coxas úmidas e o sexo liso e ensopado.

Com o frio e a falta de contato, chegaram suas reservas.

—Quer falar do que acabou de experimentar?

—Não... Melhor não —respondeu seca e desorientada.

Os olhos de Cahal se focalizaram nessa área nua e a estudou com obsessão. Mizar cobriu seu sexo com uma mão, sem atrever-se a olhá-lo.

Tinha-o seduzido? Tinha sido ela ou ele? Não importava. Mas que convicção incompetente a sua! Não confiava nele e se entregava desse modo a seus cuidados...

Cahal queria mais. Estava preparado para afundar-se nela, e ela também para recebê-lo. Mas não ia aproveitar-se de seu crescente desejo.

—Poderia abrir suas pernas, bonita, e enchê-la por completo. E nós dois seríamos mais felizes do que o fomos em nossa puta vida.

Ela aumentou os olhos ante suas palavras rudes, mas se negou a olhá-lo.

Cahal a compreendeu. Tão somente acabava de começar e a filhotinha já superou tudo o que sentiu ao beber dele. Quando já não pudesse mais, ela explodiria e rogaria para que a tomasse, porque o desejo e a necessidade de tocar e de possuir o companheiro era tão doentia como a fome de seu sangue. E não faltava muito para esse estado desesperado. O desejo era o pior.

Seria paciente por ela.

Assim, nesse momento, fez das tripas coração, e se dirigiu à porta do quarto, passando ao longo dela e lhe dando o espaço que reclamava.

—Assim que chegar sua roupa —disse com voz áspera—, a levarei ao RAGNARÖK. Lá prepararam uma sala de trabalho para você.

Miz não tinha nem ideia do que era o RAGNARÖK, mas estava muito familiarizada com a palavra trabalho.

—Bem —respondeu sem dar meia volta.

A porta se fechou, deixando-a a sós com seu convulso corpo e sua atordoada mente. Fechou e abriu os dedos das mãos. Apoiou-se no espelho e deixou que suas costas escorregassem por ele até acabar sentada no chão.



Esse mundo no qual se requeria beber sangue, era passional e intenso, e todas as sensações se multiplicavam até deixar alguém como um completo molho de nervos.

E alguém poderia lhe explicar por que tinha vontade de chorar?

Por que se sentia abandonada desde que ele deixou de tocá-la e foi embora do quarto?

Capítulo 9

Sua vida já não era como a concebeu vinte e seis anos atrás, pensava Miz olhando pela janela de outro dos múltiplos esportivos que tinha esse homem. Na noite anterior, uma linda Ferrari voou pelos ares com ela dentro. Mas nesse momento, estava a bordo de um Porsche Cayenne negro, perfeitamente equipado, com as últimas tecnologias, tal e como esteve o anterior veículo italiano.

Soava a canção *She doesn't mind* de Sean Paul.

Saíram da casa através de um estacionamento, como não, circular, localizado secretamente. Um túnel particular os fazia chegar ao exterior e os localizava diretamente na estrada contígua.

Retomava os pensamentos sobre sua vida; pois sim, agora mudou muito. A segurança de antes sempre foi fictícia, não era real. Agora tampouco se sentia precisamente segura, porque não sabia nem quem era. Seu metabolismo e sua biologia celular mudaram. Em essência, em mentalidade, era exatamente a mesma pessoa, embora agora se sentisse muito mais poderosa e com mais capacidade para adaptar-se às mudanças repentinas. Entretanto, temia aquilo que poderia chegar a ser e a aterrava cometer algum erro que a pusesse em perigo, ela e aqueles que a rodeavam.

Por que se arriscavam a sair quando o sol ainda estava no alto? E, se os vanirios voavam, de onde vinha essa mania conduzir carros?

—No que está pensando? —perguntou Cahal, muito concentrado na estrada.

—Como se não soubesse.

Ele sorriu aprovador. Na realidade sabia. Estava aí sempre, de um modo ou de outro; e Miz entendia que por mais que pedisse, tampouco ia ceder. Lhe dar essa liberdade. Necessitava dessa conexão com ela e saber como se sentia a cada momento.

—Quer que responda às suas perguntas?

—Sim. Mas minha mente é minha. Poderia me deixar espaço. Já sabe que não vou traí-lo e quero ajudá-los.

—Não estou aí permanentemente —retificou ele— Não pense assim. Não vou obrigá-la a pensar em nada, nem vou modificar suas lembranças nem suas experiências. Só estou por aí como um sensor. Se algo te assustar, se algo a fizer se sentir mal, eu também sentirei. E, respondendo a sua pergunta, direi que tentamos aparentar normalidade. Voamos somente pela noite.

—Mas, saindo como fazem nas horas que o sol ainda ilumina, expõem-se bobamente ao perigo.

—Fazemos porque não resta outra opção. Vamos a um lugar que está escondido; ali não há raios de nenhum tipo, mas temos que ir até lá com nossos carros equipados. Estão blindados, os vidros são opacos e maciços, contra qualquer tipo de impacto. Andamos em segurança, e fazemos assim sempre. Tem que tirar partido de nossas debilidades, não acha?

—E por isso comprem carros de milhares de libras? Para tirar partido?

—É um luxo que podemos nos permitir, neném. Se puder, por que não?

Como ela nunca se deixou levar pelos luxos não entendia esse modo de vida. Mesmo que sua conta de economias não fosse nada desdenhável e que recebia um salário exagerado; mas não entendia o luxo se não era para expô-lo ou para seduzir outros; e estava pouco interessada nisso.

Esticou as mangas da camiseta negra D&G com decote bastante pronunciado. Era surpreendente a quantidade exuberante de bolsas que Cahal lhe entregou com o logotipo da Purse Valley, uma loja da Internet de marcas exclusivas.

E todos esses sapatos... Tão inverossímeis, por certo.

Havia roupa suficiente para não vestir todas em uma vida. Pensar no dinheiro que gastou a incomodou. Não era mulher de grandes marcas nem de sair muito na moda.

Preferia ser prática e não comer o juízo combinando cores nem nada disso... Uma vez, só uma vez, encomendou umas Damier Azur da Louis Vuitton para Laila nessa loja; nem sequer as comprou para seu uso pessoal.

Pensar em sua ex-companheira da Newscientists a amargurou, porque descobrir que Laila sabia de tudo, alguém que pensou que era sua amiga íntima, foi tão decepcionante... A traiu de um modo tão ruim a grande...

—Você gostou da roupa, Ossinhos? As garotas pediram para você.

E ainda por cima as garotas vanirias compraram... Agora entendia sobre os sapatos. Todos tinham um salto de enfartar, ideal para tropeçar e acabar com um trauma crâneo encefálico. Apertou os dentes e tentou aparentar uma absoluta indiferença.

—Como sabiam minhas medidas?

—Eu disse a elas.

—Como você sabia? Não vesti roupa desde que estive com você.

Cahal levantou as sobancelhas e logo soltou a marcha para elevar a mão esquerda, mostrando-lhe a palma e girando-a de um lado ao outro.

—Uns oitenta e cinco de busto —olhou seus seios— cabe perfeitamente aqui. Tenho olho clínico para essas coisas, bonita.

—Por Deus...

—E logo, só tem que olhá-la. É magra.

Mizar deu uma olhada a seu novo traje. Inclusive a roupa íntima caía como uma luva.

O que não entendia era a fascinação que essas mulheres tinham pelas tangas e sutiãs.

Eram umas loucas da moda. Pelo resto, só usava um jeans da mesma marca da camiseta e esse peculiar Manolo Blahnik estilizados com estampas de caveiras.

la matá-las. Supunha que ia trabalhar, não a um encontro com os Anjos do Inferno.

Miz nunca saía mal vestida, nem nunca precisou usar coisas extravagantes como essas para chamar atenção. E agora a queriam converter em uma vítima fashion. Não se via capaz. Só de pensar nisso tinha enxaqueca.

—É tão bonita, Ossinhos, que não entendo por que não tira mais proveito disso. Alta, loira, com olhos de pecadora...

—Olhos de pecadora? Perdão? —Ela riu surpreendida pela observação.

—E sexy como uma amazona. Esses sapatos que calça me deixa como um louco. Parece que tem pernas intermináveis, dessas que rodeiam a cintura de um homem enquanto...

—Corta a onda — ela interrompeu muito afetada além da conta por suas palavras. Se ouvir sua voz já a hipersensibilizava, escutar que a elogiava desse modo a deixava frenética. Já era suficientemente duro estar presa em um espaço tão pequeno com uma bolacha de canela ao lado. *“Não poderei suportar isso. Já tenho fome outra vez”*. Mas tinha que dissimular sua excitação. Girou a cabeça para ele, estudando-o como se fosse um ser estranho, que na realidade, era.

—Acredito que os homens ficam assim com tudo.

—Você me deixa —respondeu sem dar especial ênfase a sua afirmação— Mas eu gosto que seja dura — sorriu como faria o malvado de qualquer filme que tinha a situação sob controle. — Isso faz a partida mais interessante e sua rendição muito mais doce.

—Minha rendição? Podemos deixar este assunto, por favor? —Esperava perguntas, mas não essas. Desde que se tocaram e beberam um do outro, seu suposto companheiro não perguntou nem uma vez como se sentia, nem o que experimentou na troca. Ela nunca bebeu sangue, nem tampouco tocou um homem intimamente com esse abandono; mas para Cahal, esse insignificante detalhe, não importava, claro. Foi embora, e a deixou sozinha no quarto. Só com seus pensamentos e com algumas imagens que a bombardearam. Lembranças de outra época em terras verdes sem urbanizar; de crianças falando e comendo ao redor de um fogo; tempos de magia e de sabedoria, de caça e de clãs, de predições nas estrelas. Eram as lembranças dele? Tinha que colocá-las em ordem e ler algum livro de cultura celta, porque precisava saber tudo concernente à sua civilização e a esse homem que arrancava sua personalidade pela raiz.

Cahal, por sua vez, sentia-se muito orgulhoso dela. Miz passou por uma experiência realmente traumática, não só em sua transformação. Quando criança, viu o que os vampiros fizeram com sua família; como tinham abusado de sua irmã e de sua mãe e logo as matou. Não se admirava por suas reservas e os medos que desenvolveu para com os homens e, com tudo e com isso, o correspondeu.

“Fará sempre”, ronronou internamente. Ele era seu homem, seu companheiro: só ele poderia estimulá-la assim. E a loira a sua esquerda estava se dando conta. Devia ser muito incômodo, para alguém que negou a possibilidade de apaixonar pelo sexo masculino, despertar à vida e à sensualidade animal com alguém que tinha um pênis entre as pernas.

Não a pressionaria muito; devia ir com cuidado. Sua consciência e seus princípios o impediam de ser cruel com ela e obrigá-la a aceitá-lo. Já foi no princípio, tocando-a sem sua permissão e levando-a ao limite da necessidade vaniria, mas sua vingança acabou. Agora somente queria que ambos se reconhecessem.

Em outros tempos, os guerreiros antigos já a teriam reclamado à força. Antes se faziam as coisas assim. Se queria uma mulher, você a levava. Mas ele tinha evoluído e nunca teve uma natureza agressiva. Nunca. Seus pais, os únicos druidhs do clã keltoi casivelano, deram-lhe uns valores que perduravam inclusive na eternidade. Era espiritual, e sua essência se centrava em trabalhar com seu ambiente e com o respeito a todo ser vivente. Era um druida, não um guerreiro viking.

Mesmo assim, sua besta negra, a que todos os vanirios tinham em seu interior, exigia a união íntima com sua outra metade. E ele desejava essa união. Passou sete dias com ela. A teve nua, algemada e disposta. E não possuiu. Mas a besta rugia cada vez com mais força. Devia

aprender a domá-la, porque o último que desejava era fazer mal a sua ratinha de laboratório. Tinha que tomar cuidado com ela; porque essa mulher, com aspecto de femme fatale, era muito mais vulnerável do que aparentava ser. E o fato de que ainda levantasse a cabeça e não se abateu diante as mudanças e os giros inesperados de sua vida estava roubando seu coração e o deixando de joelhos.

—Miz — pronunciou seu nome com uma doçura até esse momento nunca demonstrada. E o pronunciou pela primeira vez em voz alta.

“Humph? Miz?”, ela se enrijeceu. Era a primeira vez que a chamava por seu diminutivo. Os seus amados pais sempre a chamavam assim... Assim a chamava sua irmã mais velha, Hannah. Imagens delas juntas, ternas lembranças de uma época feliz e sem medos a açoitaram cruelmente, flagelando seu coração. Os vampiros roubaram a pedra angular de sua vida: sua família.

E por mais anos que se passassem, não poderia se recuperar do golpe.

—É uma mulher excepcional, e sinto admiração por você — afirmou categoricamente.

Ela inclinou a cabeça, consternada pela sinceridade de suas palavras. Falava de verdade; era algo que esse sexto ou sétimo sentido que desenvolviam os vanirios percebia como autêntico. Não a enganava nem o dizia por dizer. E saber que ele pensava isso dela a encheu de luz.

—Por que sente admiração por mim? O machuquei e causei problemas.

—Sinto admiração por você por não sucumbir. Por não se render. Nem quando era criança nem agora, depois de tudo o que viveu esses dias.

Miz se ruborizou e o coração pulsou desmedido. Subitamente, teve vontade de destravar o cinto de segurança, sentar-se sobre o colo de Cahal e afundar o rosto em seu pescoço, procurando ternura, cuidados e carinho. Desde que saíram de casa, sentia-se mal porque tinha a sensação de que, fisicamente, ele sofria muito por ela e, incompreensivelmente, ela começava a sofrer por ele.

Não queria brigar mais; as coisas estavam feitas e não havia maneira de desfazê-las. Portanto, só restava aceitá-las, e se com o tempo não se acostumassem a essa vida, teria que encontrar um final, mas deixando suas contas pendentes solucionadas na terra.

Respondeu ao elogio, reprimindo a vontade de tocá-lo.

—Não... Não sei como faço — suspirou cansada— Mas sempre cresci ante a adversidade. Eu não gosto de me compadecer.

—Sei. Vi o que os vampiros de Lucius fizeram com sua família. Você foi uma vítima deles, e lamento muito que tenha morrido naquela noite.

Ela não compreendeu esse último.

—Não morri. Lucius me...

—Não. Sim morreu, neném. Negou uma parte de você, uma suave e doce. E a outra a dedicou plenamente a seus estudos, centrando-se no desenvolvimento de sua inteligência e enterrando seu lado mais emocional. Mataram a Miz que poderia ter sido.

Não pôde negar. Cahal tinha mais razão que um santo.

—A outra a dediquei plenamente à vingança —reconheceu sem rodeios— Sempre gostei dos meus estudos, mas minha motivação não era outra que ajudar a aniquilar os vampiros; e se para isso tiver que abrir um buraco de verme para chegar até seu mundo e destruí-lo, faria encantada.

Essa foi minha missão. Mas... Lucius também me enganou, e meus esforços foram dirigidos para fazer o mal em vez do bem —acrescentou com voz trêmula. Apertou os punhos com frustração.

—Nos vingaremos juntos, Miz. Lucius é nosso arqu-inimigo — a olhou fixamente, com uma promessa em seus olhos azuis— como nos gibis.

A jovem sorriu fracamente e ele acrescentou:

—Ele a feriu e feriu a mim —assentiu com frieza— Morrerá. E ponto.

Ela engoliu em seco, insegura. Queria agarrar Lucius e arrancar sua pele, essa era a verdade.

Mas tambémurgia assegurar a informação e a fórmula final que desenvolveu.

Permaneceram em silêncio. Cahal se moveu incômodo na cadeira e a olhou de soslaio.

—Poderá viver sem o sol?

Poderia? Não sabia.

—Não sei — respondeu serena. O amanhecer fazia parte do ciclo da vida, e já não podia vê-lo. A partir desse momento, veria o mundo às escuras e sob a luz artificial. Isso deprimiria a qualquer um, não?

—Sentirei falta de muitas coisas. Eu... prometi ajudá-los, e até que não consiga não tomarei minha última decisão a respeito de ser como vocês.

—Não há decisão a tomar — grunhiu ele, irritado— Se acha que vou deixá-la partir agora que é minha, que é vaniria como eu, está louca.

Algo ferrou seu coração quando pensou em abandonar esse homem. Não o compreendia.

Como podia sentir essas coisas por ele? Era tudo tão contraditório que não queria procurar razões nem explicações para a relação que começavam a desenvolver.

—Já disse que só eu decidirei meu fim —contra-atacou ela— Até onde eu sei, os vanirios são imortais, mas têm pontos fracos. Podem morrer se arrancarem seu coração, cortar sua cabeça ou exposto ao sol. Três modos de morrer que, bem executados, acabam com essa longevidade que os deuses lhes deram. Nada vai me obrigar a levar um modo de vida que não quero, Cahal. Nada.

—Gostou de tudo o que fizemos no quarto. Tocou-me e compartilhei meu sangue com você. Nos conectamos. Nunca se conectou com ninguém —disse ferido por sua rejeição— Nunca a esses níveis; e você e eu podemos fazê-lo. Faremos. E acho que depois disso vai se sacrificar? —sorriu com desdém— Escute-me bem, bonita — Ouvir que Miz ainda tinha vontade de acabar com a própria vida o deixava de mau humor e o convertia em um agressor verbal—: Não falta muito para que suplique que eu a toque outra vez e a possua. Olhe. —Agarrou sua mão com raiva e a pôs sobre a virilha— Sente o quão duro estou? Está assim desde que a conheci, Miz. Inclusive quando me cortava e me abria ao meio como um porco, eu estava assim por você.

—Isso é doentio...

—É? Você era humana e não podia experimentar como nós o amor e a atração entre companheiros. Mas agora é vaniria; e saberá como é importante tocarmos e nos acariciarmos. Isto vai muito além da química e de sua ciência. Isto se chama destino.

—É somente atração sexual — gemeu ela, com os olhos claros e secos cheios de interesse. Esquentava-se pelo toque e pela testosterona do guerreiro. Não lhe dava medo. Ele não. E isso era o mais terrível de tudo.

—É uma merda se é! —gritou sem olhar a estrada— Saberá. Quando tomá-la e me meter em seu corpo, quando te possuir, nunca mais voltará a repetir essas palavras. Ouviu-me? Está-se comportando como uma covarde; e debaixo dessa fachada há muito mais que isso. Não me decepcione agora.

Ela piscou lambendo os lábios. Doía que ele brigasse e gritasse com ela. E também a machucava sentir sua dor e seu medo. Ele não queria perdê-la.

Sentiu-se mais valiosa e valorizada do que jamais se sentiu, e gostou de ser importante para ele. Não só por seu sangue, nem pelo sexo, mas sim porque por trás dessas necessidades primárias, em sua preocupação, havia autêntico interesse por quem era.

—Não sou covarde, druida —replicou tentando manter as emoções bem protegidas— Estou enfrentando-o, a isto —tentou retirar a mão, mas ele não a deixou—Eu... Não estou me escondendo.

—Está. Não é valente por me enfrentar, Miz. Seria mais valente se aceitasse sua realidade e levar a verdade adiante.

—E qual é essa verdade? Ilumine-me.

—Não dê uma de cínica comigo — ele advertiu, apertando sua mão contra seu pênis — Porque sei o que você gosta, Miz. Eu vi. E o oculta. Está ocultando essa parte de você. E não faz somente porque sofreu um trauma. Faz porque não sabe como lutar contra isso, e se envergonha de pensar assim. Não a entende. Mas eu sim. E quando estiver preparada, ensinarei você a jogar com sua fera. Mas não me provoque muito, porque minha paciência e meu autodomínio pende de um puto fio.

Ela estremeceu. Do que falava?

—Sou tudo o que esteve procurando. Tudo, Miz. Aquilo que não podia aceitar desejar, mas que tomava vida em um lugar reprimido e proibido em você. E se nos negar, se me negar, se você enterrar essa fera que está rasgando sua alma agora mesmo, nos destruirá. Assim não me foda.

—Pensava que estava pedindo isso a gritos, druida. —replicou antes de pensar duas vezes— Está desesperado para que o fodam, em que ficamos?

Afastou-lhe a mão da virilha, assombrado por sua franqueza e sua pouca vergonha. Sim, estava desesperado para fazer com ela. Inclinou-se e sussurrou, mostrando as presas:

—Estou desejando estar com você, neném. Embora já me fodeu o suficiente. Mas não serei eu o que virá chorando desesperado porque necessita que o fodam. Recorda esta conversa quando vier esta noite até mim com um descomunal esquentamento.

Ela fechou os dedos da mão, que até arderam pelo contato, e retirou o olhar, cravando-o à frente da estrada. Odiava que falassem com ela assim. Mas se repreendia por ter sido a primeira em atacar. Fazia isso quando se via ameaçada; e Cahal era um aviso constante. Um que lhe dizia: “Se afundar nele, se o deixa entrar, o que será de você?”

Além disso, ela já tinha um esquentamento. Então, o que se presumia que ia sentir ao longo do tempo?

Entraram na área do Jubilee Park, lugar no qual se encontrava esse local chamado RAGNARÖK. Um ponto de união, de trabalho e de recuperação dos clãs de vanirios e berserkers. Também se uniria a eles?

Cahal nunca imaginou que pudesse haver um conclave como o RAGNARÖK para todos os guerreiros. Tão diferentes como eram, com tantas desavenças, agora tinham um clube social no qual trocar informação e criar novos vínculos.

Em Tipton, havia uma solitária cabine telefônica que o levava a outro mundo. Queria que Miz fizesse parte desse mundo, que gostasse e visse o que ele via.

A jovem vinha um passo atrás, um pouco cabisbaixa. Estava pensando no que disse. E isso não estava bem. Cahal devia aprender a reprimir um pouco aquele macho que ficava ferido com tanta facilidade, e atacava de modo reflexivo ante uma ofensa.

Arrependido, deteve-se e lhe ofereceu a mão, ofendido ainda pelo que ela disse, mas também culpado por como ele entrou na provocação.

—Vamos, Miz — esperou com a palma levantada— Entremos juntos. Quanto antes verem que está comigo de verdade, mais cedo a aceitarão. É uma dos nossos.

—Não vai colar — respondeu insegura.

Agarrou-lhe a mão, e a puxou. Sua cáraid estava assustada.

—Sim, colará. Apresentarei você formalmente, como se a conhecessem de novo. E depois te mostrarei seu lugar de trabalho.

Com desconfiança, entraram na cabine vermelha. A Miz veio imagens de Clark Kent e Superman, tudo muito surrealista. Cahal digitou no teclado o número secreto que Caleb lhe deu. O chão se abriu e uma plataforma de vidro os levou até o subterrâneo.

—É estranho, não é? —perguntou o druida suavizando um pouco a tensão entre eles.

—Estranho não é uma palavra que utilizaria para definir isto —respondeu olhando ao seu redor. O insólito elevador vidrado permitia ver a terra e a pedra exterior que o recobria. Fizeram um buraco na crosta terrestre, um que descia ao submundo.

Sorriu ao descobrir que a ideia não a desagradava, ao contrário, era excepcionalmente curioso.

—Não fique nervosa. Não a tratarão mal —tentava tranquilizá-la por todos os meios, mas ficou pasmo ao ver que Miz estava mais atenta à construção daquela caixa quadrada que do com o que ia encontrar abaixo. A loira era um inseto curioso que gostava de observar tudo. Não podia haver nenhuma dúvida: ia gostar do mundo Vanir.

Quando as portas do elevador se abriram, Miz ficou petrificada. Havia lagos iluminados em forma de piscinas naturais. A água se filtrava pela rocha e criava formas maravilhosas, cheias de fantasia.

Os tetos e as paredes estavam revestidas com rocha clara e marrom, e as luzes que havia no interior das lacunas eram brancas, laranjas e verdes.

À direita, atrás de uma mesa de recepção que surgia da mesma pedra natural do chão, um letreiro gravado em ouro com a palavra RAGNARÖK refulgia com orgulho. E, então, uma porta corrediça localizada sob o letreiro se abriu. E dela saíram quatro garotas.

Garotas. Não vanirias nem berserkers. Só... garotas.

Cahal inalou e Miz copiou o gesto naturalmente.

—São humanas? —perguntou o druida. Parecia surpreendente que quatro humanas fizessem parte desse lugar e trabalhassem rodeadas de todos eles. Os tempos estavam mudando.

As quatro garotas, ao vê-lo, ficaram mudas, como se tivessem sofrido um derrame cerebral *ipso facto*.

—Sim —respondeu Luna nervosa, olhando de um para o outro— Infelizmente, verdade? — acrescentou comendo Cahal com os olhos.

Miz levantou uma sobrancelha loira e entrecerrou os olhos.

—Sou Cahal McCloud. Encantado —sorriu como fez sempre às mulheres bonitas. O grupinho de humanas, sem exceção, ficaram boquiabertas.

—Eu desejo... — Sussurrou Luna dando uma cotovelada dissimulada a Emejota.

—Ah... Sim. —se apressou a responder Emejota— Sim... Caleb nos disse que viria... acompanhado — acrescentou analisando Miz com cara de poucos amigos e cravando seus olhos marrons nas mãos da vaniria.

Fez um gesto de desdém com os lábios, mas o dissimulou ao dedicar um olhar de adoração ao homem ao lado.

—Esperam por você, bonito.

O druida assentiu, piscou-lhe um olho e entrou com Miz agarrada em sua mão.

A vaniria jogava olhadas furtivas a essas quatro mulheres por cima de seu ombro; e seu aguçado ouvido chegou a escutar o que a moreninha com rabo de cavalo dizia:

—Queridas, molhei a calcinha.

—Você e todas as mulheres deste planeta, Lourdes — respondeu a mais baixa de todas com o cabelo castanho e olhos marrons.

—Isto acontece sempre com você, playboy? —perguntou a cientista sem poder morder a língua.

Ele deu de ombros e sorriu olhando para outro lado.

—Claro.

—Então já entendo.

—O quê?

—Entendo por que é tão rico. As mulheres pagavam para transar com você.

—Neném — respondeu com arrogância— Não vou te dizer que não.

A jovem se enfureceu diante da resposta, mas fez bem em não demonstrar.

A recém convertida não se surpreendeu ao ver que as salas desse lugar também eram circulares. Estavam salpicadas de mesas redondas brancas, equipadas com computadores MAC de última geração. Havia bancos acolchoados vermelhos e brancos, e pequenos locais feitos para comer, estudar ou trabalhar. Era como se o espírito das discotecas, as bibliotecas e os clubes sociais se unificaram para criar o RAGNARÖK.

Os salões dos andares superiores com balcões, que davam ao primeiro andar central, eram envidraçados, como os privativos dos salões VIP.

Cahal assobiou impressionado.

—O vira-lata fez um bom trabalho —murmurou. Para ele também era sua primeira vez naquele lugar.

—Cahal!

De repente, uma sorridente Ruth apareceu em um dos balcões, saudando-o com a mão. O druida não pensou duas vezes. Agarrou Miz nos braços, deu um salto e subiu ao andar superior para ir até a Guerreira.

Ruth sempre lhe inspirou confiança, e desenvolveram uma estranha relação.

Sentia carinho pela de cabelo encaracolado e mogno e, também um grande respeito por ser quem era nos planos dos deuses.

A Guerreira, que vestia um jeans e uma camiseta branca, tinha um aspecto natural e sexy. A vaniria, ressentida pelo que fez com ela no interrogatório, olhou-a receosa.

“Esta é a das flechas”.

—Deixe-me no chão, por favor — pediu Miz com educação. Tinha que aprender a fazer isso. A voar... Era um pouco humilhante ser carregada nos braços do druida, como se fosse uma incompetente.

Cahal a obedeceu, sem afastar o sorriso e o olhar de Ruth.

—Por favor, como está bonito! —exclamou Ruth dando um passo à frente e abraçando-o com força— Me alegra tanto que esteja de volta!

Cahal se sentiu bem ao receber o carinho de Ruth e reconhecê-lo como tal. Elevou-a do chão e abraçou-a com força, para em seguida voltar a deixá-la em seu lugar.

—Ruth! Como está a garota mais bonita do local? —perguntou ele, galanteador. Entretanto, Miz não gostou absolutamente daquela proximidade entre eles. A garota mais bonita?

Cahal disse que ele tinha um monstro em seu interior e ela uma fera. Pois essa fera estava arranhando-a e insistindo que mostrasse as presas.

Ruth era muito bonita, miúda e com uma força e energia assustadoras. Gostaria dela se não a tivesse atravessado com uma flecha e não estivesse apalpando Cahal.

“*Não o toque*”, rugiu a fera. Então, a Guerreira se separou do vanirio e a olhou de cima a baixo, sorrindo ao ver seus sapatos.

—Veja... Ficou bem a... roupa —elogiou, não sem sarcasmo. Ela escolhera esses sapatos.

—Obrigada. Robin Hood e os outros estão bem? —soltou de repente Miz.

Ruth piscou, aumentou os olhos ambarinos e soltou uma gargalhada.

—Oh, caramba. Que humor—a assinalou com o polegar, olhando para Cahal com diversão— Robin está muito bem, bonita — respondeu respondendo a chacota da loira— De fato me disse que estava caçando seu pai, o doutor Frankenstein.

As duas garotas sorriram falsamente, e Cahal desfrutou com o interlúdio. Miz estava mostrando as unhas e ele percebia em seu aroma. O ciúme tinham perfume de morango ácido.

As portas da sala contigua se abriram; e delas, um Noah e um Adam suarentos, vestidos com suas roupas de capoeira, marcando os músculos de seus enormes corpos, emergiram ofegantes e dirigindo-se a eles.

—Procure não tocar muito em Ruth, canino —disse Adam caminhando para ele ameaçador e assinalando-o com o dedo indicador.

Ruth girou os olhos e Cahal o olhou indiferente.

—Vá receber profecias, e deixe a Guerreira em paz, vira-lata. Ela não merece se aborrecer com você. —de todos os berserkers, Adam era ao que mais gostava de provocar. Adam entrelaçou os dedos com os de Ruth e a separou dele de forma terna e ao mesmo tempo possessiva.

Ruth sorriu com tanto amor para Adam que Miz sentiu que seu mundo se rachava e não valia nada. Podia conseguir isso entre um homem e uma mulher? Essa adoração perpétua e sem máscaras? Adam era um homem ameaçador, com esse piercing de ônix na sobrancelha e aquele olhar duro, exceto quando olhava para Ruth. Então, o mundo a seu redor desaparecia.

—Miz, Adam é o noaiti do clã berserker, é um xamã. —explicou Cahal, colocando uma mão na parte baixa das suas costas— Ele construiu este lugar. E Noah é um berserker que... que merda é você, cara? —Perguntou ao de cabelo platinado, olhos amarelados e um brinco na orelha.

Noah sorriu com malícia e tomou a mão de Miz para lhe dar um beijo no dorso.

—Sou um cavalheiro. —respondeu— Voltamos a nos ver, cientista. Mas você mudou — disse o berserker, consciente da ira que estava despertando em Cahal e muito divertido com ela.

—Nem tanto. As presas nasceram. Isso é tudo —respondeu Miz. Com a mão ainda entre a de Noah, girou-se para Cahal para perguntar—: Quando poderei começar a trabalhar?

Cahal tinha o olhar azul e claro fixo nas mãos unidas de Noah e Miz. Ela estudou seu semblante. Sim, estava zangado.

Não o toque.

Não sou eu. É ele. Respondeu interessada por seu comportamento neandertal.

Então, solte-o. Não quero cheirá-la e detectar aroma de cão em sua pele.

—Nem eu quero cheirar a vagabunda no seu. — este último o expressou em voz alta, com tanta contundência e espontaneidade que os dois se surpreenderam. Ruborizou-se e apertou os dentes, frustrada com suas reações territoriais. Não era assim. Embora nunca tivesse pelo que sentir-se realmente possessiva.

O resto pigarreou e Ruth cruzou os braços, divertida com a situação.

—Ah, pois sim. Parece que sim, são companheiros. —concluiu Ruth.

—Odeio quando ficam em silêncio tanto tempo e falam mentalmente entre vocês. — interveio Noah irritado— É como se os colocasse em modo pausa.

Mas nem Miz nem Cahal deram-se conta dos comentários a seu redor. Aquela última troca foi muito reveladora quanto aos sentimentos possessivos que começavam a nascer entre eles.

Ruth os levou à sala onde estavam trabalhando. Cahal sabia através de Caleb que aconteceu algo entre os guerreiros, mas ainda não sabia o quê.

—O que aconteceu? —perguntou o druida com Noah e Adam caminhando atrás dele.

—Os guerreiros estão alterados e sentem impotência —explicou Noah— O tempo confinados como animais os tornou agressivos, e agora não sabem lutar e defender-se ao mesmo tempo. É como se tivéssemos que ensiná-los do zero —explicou o empático berserker— Quando atacam, fazem-no sem proteger-se. Estão cegos pelo rancor. Adam e eu acabamos de sair de uma sessão com eles.

Por isso estavam suarentos, pensou Miz.

—Noah está nos ajudando muito. —acrescentou Ruth— Sua empatia faz com que entendamos melhor pelo que estão passando e, deste modo, Aileen, Daanna, Rise, María e eu podemos saber como tratá-los.

Noah continuou explicando que, além de estarem fracos, muitos não se sentiam à vontade em suas peles. Tinham vontade de vingança, mas também havia muito autodesprezo por não terem sido o suficientemente competentes ou combativos para vencer àqueles que durante tanto tempo os mantiveram cativos.

A convivência entre eles e a necessidade de purgar suas almas da sujeira que somente eles viam estava sendo mais difícil do que pensava.

—Aileen e Daanna estão treinando na sala de luta. Elas lidam com os mais jovens.

As palavras de Ruth tinham uma tristeza tão evidente que cortava Miz pela metade.

Saber que esteve lá e não se deu conta da verdade era uma ferida difícil de curar. Um golpe duro e cruel a seu ego.

—Caleb e Ás estão preparando um novo plano de proteção para Dudley. Ontem os surpreendeu muito receber a visita dos nosferatus suicidas —acrescentou Adam.

—E meu irmão? —perguntou Cahal interessado. Menw tinha que estar ali se Daanna se encontrava nas instalações.

—Está em sua sala. Fica perto da sala da cientista—explicou Ruth olhando-a por cima do ombro— Agora mesmo trata um menino vanirio. Não está muito bem. Encontra-se fraco e tem vertigens; desmaia frequentemente. Menw está examinando-o.

Chegaram a outra sala circular com uma porta metálica. Ruth pôs a mão no leitor infravermelho e esta se abriu para revelar um autêntico ginásio de preparação física com potros, com tablados de caratê e de boxe, repletas de pesos e máquinas de treinamento. O *Awake and Alive* do Skillet soava com força, como se fosse uma discoteca. Sua letra penetrou sob a pele da cientista.

No centro do tablado, objeto de mais de vinte pares de olhos inocentes e castigados, estava uma deslumbrante Daanna agitando sua katana de um lado ao outro. Seu cabelo negro e liso se movia como um manto escuro e uniforme, com elegância e precisão.

Seus movimentos eram rápidos e premeditados, mas dotados de uma plasticidade própria de uma bailarina.

—Ela é Daanna McKenna — disse Ruth, forçando-se por ser amigável e tentando esquecer que aquela mulher loira, alta e de beleza ártica foi autora indireta do roubo dos totens, além de carrasca de seu amigo Cahal. Perdoar não era tão fácil, mas tentaria.

—Lembro dela —respondeu crispada. Como se supunha que tinha que olhar no rosto das pessoas que sequestrou e depois machucou? Daanna, e sobretudo Menw, estiveram desesperados por conhecer o paradeiro de Cahal. A odiaram, era irreversível; e não podiam, de repente, deixar de sentir essa ira por ela.

Eu o fiz, Ossinhos.

Ela fechou os olhos, tocada pelas palavras de Cahal. Sim, ele estava fazendo. Mas se esforçava muito ou sentia de verdade o perdão?

Faço porque me importa mais você que a dor que tenha podido me infligir. Está se saindo muito bem, e isso me agrada, Miz. Obrigado.

As palavras de Cahal eram como água para seu coração murcho: poderiam fazê-lo florescer.

Eles também. Não estão sendo tão duros como imaginava. Reconheceu, afetada.

Ao fundo, a morena de olhos lilás, a híbrida, ensinava aos menores a manipular os objetos sem tocá-los.

—Aileen é uma híbrida, minha melhor amiga, e é a companheira do nazista do Caleb — narrou Ruth resoluta — São os únicos que a defenderam no Conselho Wicca, lembra-se? — Miz nem sequer respondeu à pergunta — É berserker e vaniria, e tem um grande potencial para a luta.

Miz pensou que ela mesma poderia escapar em algum momento e aprender suas novas aptidões com eles. Certamente, a morena gostaria de lhe dar uma surra e ela poderia desafogar a tensão acumulada esses dias.

Olhou a todas e cada uma das crianças que havia ali. Eram de diferentes idades, e todos tinham a cabeça raspada, inclusive as garotas.

Em um canto, tentando decifrar uma espécie de quebra-cabeça, havia um par de gêmeos muito concentrados. Então, aproximou um menino loiro, um pouco maior que o resto, teria uns vinte anos. Beatha disse que era seu filho. Como se chamava? Ah, sim: Carrick.

Carrick os animou para que continuassem enquanto lhes acariciava a cabeça com carinho. Os gêmeos sorriram agradecidos. Esse garoto também tinha cortes no crânio, como todos os outros.

Sim, ela conhecia esses cortes de cirurgia. Sabia o que faziam os cirurgiões da Newscientists e os neurobiólogos com os vampiros. Seus olhos se encheram de lágrimas ao comprovar que nunca se tratou de vampiros. Não eram humanos, de acordo, mas eram bons e não tinham nada a ver com os desequilibrados chupa-sangue.

Tinha vontade de se esconder e começar a chorar. Sentia que desmoronaria.

Está bem, mo dolag. Está bem. Respira e relaxe. Você não lhes fez nada.

Miz elevou os olhos chorosos, olhou-o e negou com a cabeça. Não os bateu, nem talhou, nem queimou, nem nada dessas coisas que sabia o que faziam os supostos vampiros; mas sua ignorância tinha feito o mesmo dano ou mais, e ser consciente disso a rasgava.

A filha de Beatha, a jovem que começou cantar no Conselho Wicca no dia anterior, elevou o olhar do que estava fazendo a Escolhida e pôs toda sua atenção em Miz.

Olhou-a por sua vez, incapaz de afastar os olhos e pensou: havia algo mais belo que um animal selvagem ressuscitado das cinzas?

Por Deus, essa garota não era uma vítima, era uma sobrevivente. Via no fogo de seus olhos claros e na altivez e graça com que se levantava. Certamente, tinha muitas feridas em seu interior, mas não as mostrava. Estavam aí, e eram dela, e outros não tinham por que ser testemunha de sua dor.

Daimhin se separou do tablado e caminhou para eles, com a katana presenteada pela Escolhida sustentada em sua mão direita e o fio da lâmina apontando para o chão.

Daanna e Aileen deixaram o que estavam fazendo e seguiram a cena com curiosidade.

Sabiam que Daimhin não faria mal nem insultaria a cáraid de Cahal; mas essa jovem tinha a peculiaridade de deixar os pelos arrepiados com um só olhar.

—A mais valente —murmurou Cahal com orgulho.

A cientista pigarreou, tão tensa como podia estar uma corda.

—Olá, druidh —o saudou Daimhin.

—Olá, barda. Está linda.

Estava, pensou Miz. Tinha que ser muito bonita para que o cabelo de Sinéad O' Connor pudesse ficar bem. Daimhin tinha essa estrutura óssea fina e elegante. Usava calças jeans curtas com a barra desfiada e uma camiseta negra de alças. Seu rosto bem poderia ter pertencido a um elfo ou a uma fada e seus olhos, rasgados para cima, eram grandes como os de uma criança. Tinha esse tipo de lábios pelos quais um homem choraria. Mas Daimhin, embora não tivesse uma compleição voluptuosa, já não era uma menina, nem em espírito nem fisicamente, e fariam bem em não tratá-la como tal.

Nem breve nem preguiçosa, com um descaramento que em nada queria dissimular, a raspada fez um exploratório de sua pessoa. Entreteve-se além da conta em seus sapatos de caveiras, mas não os olhava com ironia. Ao contrário.

—Maru Aileen e mo Daanna pediram que seja eu a mostrar para sua cáraid o lugar onde vai trabalhar —disse sem afastar os olhos dos saltos.

Cahal levantou as sobrancelhas loiras e olhou suas duas amigas. As duas fizeram como se falassem uma com a outra. Daanna e Aileen queriam que Miz se sentisse culpada, e colocavam Daimhin diante dela como um aviso do que ela não viu nesses túneis de Chapel Battery.

—Mesmo? —perguntou Miz jogando uma olhada às duas morenas. Não era difícil saber o que pretendiam.

Ruth pigarreou às suas costas e Miz a olhou por cima do ombro. Ela já se sentia suficientemente mal para que tentassem incomodá-la além da conta. Mas não era má. Ia demonstrar a todos, sem importar se no final decidia ficar com o eles ou não.

— *Seoll dhomh an taigh agad*. Mostre-me sua casa. —Decidiu falar em gaélico porque esse era o lar da garota, seu território, e queria que Daimhin soubesse que entendia sua animosidade e sabia que era consciente de ser uma intrusa para eles. Mas não vinha fazer mal, só queria ajudar.

A jovem vaniria não mostrou surpresa ante o domínio do gaélico da cientista. Só assentiu e respondeu esperando que a seguisse:

— *Seolla mi dhut*. Mostrarei.

Cahal, que em todo momento podia ler a mente de sua companheira, sentiu uma onda de orgulho por sua cáraid. Não se escondia, não se intimidava, aceitava o que estava passando e queria começar a trabalhar já. Por eles. A ratinha se sentia tão culpada que lhe urgia limpar sua consciência; embora ela, na realidade, foi mais outra vítima das manipulações de Lucius e Loki.

Quis tirá-la dali e deixar de expô-la desse modo. Desejou abraçá-la e fazê-la sua para lhe demonstrar o quão importante era para ele. Mas se Miz queria encontrar seu lugar entre eles, devia fazê-lo assim: com coragem.

Vendo que Miz seguia Daimhin, o druida aproveitou e disse a Adam com seriedade:

— Seus sobrinhos, Liam e Nora, estão por aqui?

O berserker assentiu.

—Na sala inferior, com as sacerdotisas e com Rise. O que quer deles?

—Eu gostaria de assinalar em um mapa quais são os pontos que Liam aprecia como possíveis portais. E também necessito do dom do desenho de sua sobrinha Nora. Quero que me represente uma imagem.

Daimhin acendeu as luzes de seu novo escritório circular, como não. Miz não podia acreditar que tivesse sua própria sala de trabalho clandestinamente. Mas não era uma sala de trabalho qualquer: era a melhor. Equipada com computadores novos, com as últimas tecnologias e toda o instrumento necessário para realizar divisões atômicas.

Necessitaria de ajuda para construir seu acelerador de partículas de baixa intensidade, provavelmente de um microampère, e fazer os testes pertinentes. Sua sala era grande e tinha espaço suficiente para trabalhar e mover-se amplamente. Mas precisava de suas pesquisas. Urgia-lhe para começar a desenvolver seu projeto e comprovar que tinha razão, que descobriu o modo de abrir um portal permanente entre universos. Não obstante, agora era diferente; e, embora os seres que a rodeavam sentiam por ela uma crescente antipatia, não sabia para que fim iam utilizar suas informações, tão perigosa como conhecer a invocação do demônio. Miz não queria dá-la a ninguém, mas os ajudaria tentar evitar que Lucius e outros pudessem abrir outro portal iminente aproveitando outro ponto eletromagnético ativo como o que estaria criando breve na Terra. Encontrou o modo de abrir as portas; agora devia encontrar o modo de fechá-las. Lucius não cessaria em seus intentos. Ele queria manter a porta aberta, embora de momento, ninguém sabia como fazê-lo.

Devia tentar e ajudá-los. E logo decidiria o que fazer com sua existência. Como conseguiu em tão pouco tempo reunir todo esse material cientista para ela?

—Fala em voz baixa?

Miz deixou de acariciar um microscópio negro de efeito túnel e centrou sua atenção na jovem que analisava cada um de seus movimentos, e que ainda segurava a katana na mão.

Continuava pensando em voz alta? A conversão não eliminava velhos hábitos.

—Só estou pensando.

Daimhin fez uma varredura da sala e logo deteve os olhos nela, como se pudesse transpassá-la com o olhar.

—Esta sala, todos os membros dos clãs ajudaram a construir, os cabeças raspadas como eu.

—Muito obrigada.

—O que é que vai fazer aqui?

Essa garota tinha uma voz muito bela.

—Continuarei trabalhando em minhas investigações e...

—Boas ou más, doutora?

—Como?

—Se trata de investigações para fazer algo bom ou para destruir, como fazem os da Newscientists?

Os olhos de ambas se mediram com desafio e também com um pouco de desconfiança.

Miz a compreendia, podia-se colocar em sua pele. Essa garota não a conhecia; só sabia que tinha colaborado com seu inimigo e que agora era uma vaniria como ela, com uma sala própria em seu clube que ocupava parte de seu ciumento território seguro.

—Quero acreditar que é para algo bom ou, no mínimo, para evitar algo muito mau. — assumiu a cientista com honestidade— Embora também pensava que antes fazia o correto. — deu de ombros, responsabilizando-se de seus enganos— Trabalho às cegas. Mas talvez não se importe o que eu possa dizer e faça como todos: julgar-me.

Daimhin olhou de soslaio seus sapatos de caveiras e depois apertou os dentes com frustração. Depois de um interminável silêncio a jovem disse:

—Não. Não vou julgá-la. —Passou um magro e feminino dedo por cima da mesa cinza que havia às suas costas.

Os ombros de Miz relaxaram e soltou o ar dos pulmões que não sabia que retinha.

Essa garota tinha uma compleição magra, mas era muito feminina, e havia uma força nela que a constrangia e a envergonhava em partes iguais. O cabelo tinha crescido loiro e forte, mas as cicatrizes nas laterais do crânio ainda podiam ser vistas.

—Tem medo de não estar com os bons agora? —Daimhin a olhou com aqueles enormes olhos cor caramelo e azulados, brincando com o cabo da espada.

Miz apertou os dentes. Se tinha medo? Estava apavorada. Não queria voltar a equivocar-se.

—É por isso que não diz ao druidh o que sabe? —indagou Daimhin, tocando um aparelho que parecia uma impressora— Ele diz que está ocultando a informação porque não confia. O que é isto?

—Um espectrofotômetro. Mede a relação entre valores fotométricos e estuda as reações químicas que se produzem nas amostras que analiso — engoliu em seco— E sim a tudo. A tudo o que me perguntou. O druidh tem razão.

—Se for boa, nunca vai estar mais segura que conosco — deixou o aparelho e embainhou a espada nas costas— O druidh saberá o que fazer com a informação que lhe dê.

—Não acredito.

Daimhin se dispôs a abandonar a sala, mas quando passou por seu lado, a loira de cabelo comprido a agarrou pelo braço com suavidade. A filha de Beatha olhou os dedos que a amarravam e seus olhos clarearam, convertendo-se em mares tormentosos de lava e gelo. Mas Miz não se intimidou. Via em Daimhin sua irmã e sua mãe; via a si mesma, e a todas essas mulheres que não puderam lutar contra a força bruta daqueles que eram maiores e poderosos.

—Sinto muito o que lhe fizeram —as palavras geladas, mas também cheias de emoção, caíram como um peso morto entre elas.

Um pequeno músculo tremeu na mandíbula da jovem.

—Também fizeram a você —respondeu Daimhin de forma letal— Tem tanto medo dos homens quanto eu. —não se sentiu mal quando os olhos de Miz se encheram de lágrimas sem derramar— Hoje Daanna, Aileen e Ruth explicaram a todos o que te aconteceu e por que estava tão confusa. Explicaram-nos sobre Lucius e Strike. Sabemos que a manipularam. E também sei que mataram seu pai, sua mãe e a sua irmã diante de você.

—Não têm nem ideia. Nem ideia. — reafirmou categoricamente. Dava-lhe tanta raiva que pudessem falar disso com essa frieza. Tratava-se de sua família. Eles sofreram durante horas de maus tratos inclemente e cruel, e logo os mataram. A última lembrança que tiveram foi dela, sob a cama, encolhida e morta de medo, esperando que aquele pesadelo chegasse ao fim. — Não sabem o que aconteceu. Não sabem o que eu vi.

—Acredite em mim, doutora —sorriu com um cinismo impróprio de sua juventude— Nós sabemos. Eu sei. Por isso me alegra que os seus morreram.

Miz apertou o braço de Daimhin com força, mas a jovem não se retificou. Essas palavras foram como uma bofetada.

—Retire o que disse. —grunhiu a um centímetro do nariz da vaniria. Não era agressiva, mas a normalidade com que disse algo tão grave a desencadeou— Agora mesmo, Daimhin. Retire.

Ela negou com a cabeça.

—Não. Não o farei. Depois que o tratam assim, tudo o que quer é viver com essas lembranças. Eu vivo com elas a cada minuto, doutora —esclareceu mais afetada do que desejava— Não a desejo a ninguém.

Depois dessa confissão crua e sincera, algo se criou entre elas. Um tipo de vinculação invisível que lhes demonstrava que não eram tão diferentes como pensavam.

—Temos em comum mais do que imagina. — assegurou Daimhin, olhando-a sem hostilidade— Mas eu sigo adiante; e você pelo contrário, que não sofreu como eles nem o que nós, continua empenhada em se esconder. Honre a sua família aproveitando tudo o que possa daquilo que te rodeia e deseja. Se não o fizer, eles terão ganhado. E não resta muito tempo, doutora. Cedo ou tarde tudo voará pelos ares; e não haverá nada que lamente perder porque não viveu nada com a intensidade suficiente para sentir falta.

Outra bofetada mais. Uma verdade que tinha silenciado.

Duas grossas lágrimas descontroladas deslizaram por suas bochechas.

—Você gosta muito do druidh —confirmou Daimhin de repente— É um homem de honra — acrescentou com admiração— Mas seu coração ainda não sabe. Nem todos os homens são maus, não?

—Pergunta-me isso? Eu não tenho nem ideia. —reconheceu sem ânimos de limpar as gotas salgadas em seu rosto. Sentou-se em uma poltrona branca que havia diante do monitor de infravermelhos. Encontrava-se mal e tinha vontade de ver Cahal; e tão fazia somente uns minutos que se separaram. Que ridícula.

—Isso quero acreditar. Isso diz minha mamaidh. Do mesmo modo que, aparentemente, nem todos os membros da Newscientists que havia nesses túneis do inferno eram maus. Equivoco-me? Touché. Tanta sabedoria em um corpo tão jovem não devia ser bom.

—Quantos anos tem, criatura? —perguntou finalmente, assombrada pela maturidade da garota, por aquela clarividência e serenidade em seu olhar.

Daimhin sorriu com tristeza.

—Hoje faço dezoito anos —ante a estupefação da física, acrescentou—: O quê? Sou muito jovem para dar conselhos? Todos me tratam como se fosse me quebrar a qualquer momento — explicou cansada— e me olham com condescendência, como se ainda fosse criança. Você não me

conhece. Não sabe como era antes que nos pegaram. Também vai me subestimar? —espetou entendiada— Não suporto que se compadeçam de mim. Odeio a condescendência.

Já eram duas.

Dezoito? Aquela menina tinha dezoito anos? Parecia mais jovem. Mas sua imagem enganava. Na realidade, não havia nem um pingo de vulnerabilidade nela, não era frágil. A destruíram e ela renasceu como um fênix, recobrando-se de cristais cortantes que deviam limar-se. E Miz não duvidava que, com o tempo, converteria-se em um diamante.

Não. Definitivamente não a trataria com compaixão nem seria condescendente com ela.

Daimhin lhe inspirava respeito, não pena. E ela, tal e como pensou no carro com Cahal, tampouco suportava que se compadecessem dela.

As duas queriam o mesmo.

—Não vou tratá-la de nenhum modo. Já é adulta, não?

Os olhos coloridos de Daimhin brilharam com algo parecido à surpresa.

—Alegra-me, porque não aguento que as pessoas caminhem na ponta dos pés a meu redor —fixou, indevidamente, a vista naqueles incríveis e desafiantes sapatos, com uma abertura na ponta, através da qual apareciam alguns dedos dos pés.

—Prefere que caminhem com saltos? —O olhar de interesse e fascinação da cabeça raspada por seu vertiginoso calçado era impossível de ignorar— Você gosta?

—Sim. — aumentou os olhos e sorriu sincera— Combinam muito com meu espírito agora mesmo.

Miz soltou uma gargalhada, e se surpreendeu de sua reação.

—Porque se sente como morta?

Desta vez foi Daimhin quem, depois de ver o pouco tato e a espontaneidade da cientista, riu com naturalidade.

—Não, novata. Porque quero desafiar e deixar de inspirar carinho e proteção. Estou farta disso.

Miz se descalçou e moveu os dedos dos pés com prazer. A verdade era que gostava dele, mas logo compraria outros. Era o aniversário dessa beleza de cabelo curto e queria lhe dar algo em troca por tratá-la com franqueza e por falar com ela.

—Fantástico. Eu me sinto igual —assegurou sarcástica. Agarrou o par de sapatos e os ofereceu— Para você.

—Está me dando? —perguntou com surpresa.

—É seu aniversário. Logo comprarei outros, iguais, e talvez de outras cores... — Sim, faria isso, porque acabou gostando. Exibiria esses sapatos de novo, sem necessidade de que isso fosse um símbolo de vergonha para ela, tal e como pretenderam o trio de sádicas— Descobri que tenho a alma do Justiceiro.

Daimhin olhou os sapatos, mordeu o lábio inferior e os aceitou.

—Não sei quem é esse, mas obrigada.

—É um personagem da MARVEL. Ele é... —Ao ver que a garota não prestava atenção e que estava hipnotizada pelos saltos, deixou de falar.

—É o primeiro presente que de verdade eu gosto, depois da katana que a Escolhida me deu de presente.

Miz fez uma careta compreensiva. A entendia. Por isso, nunca queria que lhe dessem de presente nada, porque as pessoas nunca acertavam. Certamente porque nunca ninguém a conheceu de verdade.

—Não quis festas nem nada parecido. — murmurou tocando com o dedo indicador uma das caveiras prateadas impressas sobre a pele negra — Não tenho ânimos para isso.

—E isso que só completou dezoito. Quando chegar aos trinta e aparecer os cabelos brancos, certamente vai querer fugir do país.

Daimhin sorriu e negou com a cabeça.

—Os vanirios não envelhecem. Mas talvez até então todos tenhamos morrido — respondeu com seriedade.

“Caramba, a garota é a alegria do pomar”, pensou a cientista, disposta a começar a trabalhar.

Acreditou que a jovem iria embora. Miz não era muito dada a iniciar vínculos com as pessoas, mas Daimhin ficou observando todo o instrumento da sala e dando voltas tocando tudo.

—Posso ficar? —perguntou olhando-a por cima do ombro enquanto manuseava um frasco de vidro transparente.

—De verdade quer ficar? —replicou a outra com surpresa. Cruzou os braços e apoiou o quadril na plataforma central, justo onde começaria a construir o pequeno acelerador.

—Sim. Quero ver o que faz. Eu gosto destas... coisas — acariciou uma das peças metálicas que suporia parte do projétil atômico do acelerador— Poderia te ajudar —sondou com dissimulação.

—E os dois loiros daquele Conselho, já sabem, os que queriam me matar —assinalou sem lhe dar importância—, não se zangarão se ficar por aqui?

—Meus pais? Não —respondeu resoluta— Minha mãe e eu precisamos uma pausa. Não suporto ver que se consome de ira pelo que me fizeram. Ela não pode mudar o passado — comentou com pesar—, mas parece que não está de acordo. Será bom estar por aqui quando não estiver no ginásio com os outros.

“Por que não?”, pensou Miz. Necessitaria de ajuda para construir o piloto e para fazer os testes. E a garota tinha vontade de distrair-se e de pensar em outras coisas que não fossem os maus tratos que lhe tinham infligido.

Por outra parte, também era sua oportunidade para tirar proveito da situação.

—E o que me dará em troca de compartilhar uma sala quântica com uma física tão brilhante como eu? Os estudantes pagariam por fazer práticas comigo.

—Ah, bom. Pensava que já te devolvi o favor ao não decapitá-la assim que a vi —seus olhos refulgiram cheios de inteligência e bom humor.

—Me ensinará a utilizar meus dons. E também quero aprender a usar isso — assinalou o cabo da katana que se sobressaía por seu ombro direito.

—Guim. Mas o druidh deveria fazê-lo. Ele é seu macho.

—O druidh não teve muito tempo para me ensinar nada — “Não. Preferiu utilizar esse tempo para me apalpar e me excitar como uma idiota”. —Trato feito? — ofereceu a mão.

Daimhin encolheu seus magros ombros e assentiu.

—Guim.

—Aqui vamos trabalhar com coisas muito delicadas... Sabe o que é um acelerador de partículas?

Daimhin franziu o cenho.

—Algo que corre muito?

Mizar arqueou as sobrancelhas e negou com a cabeça.

—Ignorarei que alguma vez disse isso. Por Deus... vamos sair pelos ares — sussurrou ligando os ordenadores.

Daimhin virou-se para continuar bisbilhotando com um sorriso divertido nos lábios. A novata não era tão séria como acreditava.

Capítulo 10

Cahal caminhava de mãos dadas com Liam e Nora. Os gêmeos de Adam eram tão adoráveis que ninguém podia lhes negar nada. Tiveram um chique porque queriam ver a caverna secreta da doutora Frankenstein, como eles explicaram. As crianças tinham os olhos arregalados, com aquela ilusão e aquele especial formigamento no estômago, mistura de medo e de curiosidade. Cahal sempre teve uma conexão especial com as crianças. Assim que o viam e elas olhavam para ele, conectavam-se, e se convertia sempre no principal cúmplice de todas suas brincadeiras.

Antes, jamais imaginou que pudesse levar pela mão dois pequenos berserkers; mas, a união dos clãs por um bem comum, as diferenças entre eles deixaram de ser insuperáveis.

Não podia tirar Miz da cabeça. Algumas horas se passaram desde que Daimhin a levou e, após, um nó de agonia começou a formar-se no seu estômago. A separação física entre os companheiros vanirios não era fácil de levar, e mais quando ainda permanecia o desejo insatisfeito neles, tanto nele quanto nela.

Miz nunca poderia negar que o desejava. Não depois do que aconteceu na ducha e, nem muito menos, com uma resposta tão receptiva de seu corpo às suas carícias.

Desejava-o. Era tão normal e natural como respirar.

E embora ele desejasse com loucura poder sucumbir a essa atração física, não faria até que ela implorasse. Estava muito decidido. Miz devia dar o primeiro passo para reclamá-lo. Era ela quem não acreditava que eram companheiros. Era Miz que ria da vinculação das cáraids.

Era Miz quem tinha medo de amá-lo ou de depender dele. Pois seria também Miz quem exigiria sua união. E enquanto esse momento não chegasse, ambos se concentrariam em seus objetivos. Cahal olhou a cabecinha loira de Nora. Usava dois rabichos com uma borracha vermelha, um mais alto que o outro, um vestido colorido e botas vermelho escuro. Seus grandes olhos negros o olharam e sorriu mostrando a falha nos dentes.

Agitou o desenho que tinha em sua mão livre e exclamou:

—A doutora não nos comerá se não gostar do “besenho”, não é?

Ele sufocou a vontade de rir e negou com a cabeça. Miz não devorava crianças. De fato, tinha vontade de vê-la em ação com elas. Como seria?

—A doutora não come, coração.

—Sim, ela come — replicou Liam, movendo a cabeça para cima e para baixo e fazendo que seu cabelo negro se movesse de um lado ao outro— As crianças perdidas não gostam dela, e é porque come as crianças. —concluiu com sua lógica de cinco anos.

As crianças perdidas eram os membros dos clãs que foram resgatados em Capel Le Ferne. A eles se juntaram mais recém-chegados de Chicago, do helicóptero que Miya e Bryn interceptaram. Ruth e Aileen consideraram que seria um bom nome para apresentá-los às crianças do clã, de maneira que não fosse nem muito agressivo, nem muito traumático para elas. Uma criança inocente nunca entenderia o que lhes fizeram e tudo o que sofreram pelas mãos da Newscientists; assim que o melhor modo de falar delas era esse: Crianças perdidas, como a lenda de Peter Pan. Agora, essas crianças, e não tão crianças, retornaram para casa, cada um com suas cicatrizes, mas a salvo dos demônios.

Liam e Nora eram duas mini-pessoas incríveis; cada um com um dom maravilhoso e ambos importantes e imprescindíveis para a profecia do Ragnarök. Graças a Nora poderia encurralar Miz e pressioná-la para que lhe dissesse exatamente tudo o que sabia. O desenho que a pequena berserker carregava na mão era muito mais importante do que os outros pensaram enquanto o fazia. Cahal disse como tinha que desenhar cada coisa, porque essa imagem em movimento que Miz tinha gravada na cabeça era essencial e o assaltou cada vez que tinha bebido dela. Tinha um significado.

Com esse pensamento em mente, colocou a palma da mão no leitor de reconhecimento. As portas se abriram, e o que viu o deixou aniquilado e sem palavras.

Sua cáraid estava trabalhando descalça, movendo-se com resolução por toda a sala, fazendo-a seu lugar de trabalho. A seu lado, a filha de Beatha a seguia e escutava atentamente tudo o que ela explicava.

—Olhe, vê tudo o que reuni aqui? —perguntava Miz a jovem assinalando uma série de objetos sobre a mesa cirúrgica. — Tudo isto me servirá para medir os nêutrons, os prótons e os elétrons: luz de arco, tubo de raios X, bateria de alta voltagem, gotas de óleo e o microscópio. — enumerava enquanto assinalava cada objeto.

—Certo. — respondia Daimhin com interesse.

—É um procedimento que se chama Millikan.

Cahal viu o momento justo em que Miz inalou seu aroma e se deu conta de que ele estava na sala. A cientista se virou e seus olhos colidiram. Os dela tão verdes que Cahal teve que engolir em seco pela sensação.

A mulher mal respirava enquanto o observava. Nem sequer era consciente de que o comia com os olhos, ação que agradou o vanirio em demasia. Adorava ver que ela não tinha modo de camuflar o que despertava em todo seu ser.

Depois, seus olhos caíram sobre os dois pequenos que, automaticamente se ocultaram atrás das pernas do druida. O gesto de Miz se suavizou e sorriu com autenticidade. Gostava muito de crianças, mas nunca pôde apreciá-las, ou por seu trabalho ou porque não conhecia ninguém que as tivesse e que fosse tão atrevido para deixar que ela cuidasse delas de vez em quando.

Sem dúvida, a imagem desse exemplar masculino, tão incrivelmente belo e musculoso, com dois pequenos agarrados em suas mãos a deixou literalmente louca. Algo se desfazia em seu interior, algo que também suavizava as pontas de suas arestas pessoais.

—Sente-se confortável aqui, Ossinhos? —Perguntou Cahal, entrando em seu espaço de trabalho e fazendo-se amo e senhor dele.

—Tudo está perfeito, obrigada. Surpreende-me ter um lugar assim só para mim. Não preciso de mais nada...

Cahal estreitou os olhos anis, deixando claro que sabia o que faltava para continuar trabalhando. Esse algo que não queria revelar por medo de que o utilizassem de forma prejudicial. Mas isso devia mudar. Lutavam contra o tempo e deviam, por todos os meios, entender o que era que a cientista sabia sobre os portais e, sobretudo, que relação havia com o que o pequeno Liam via. Porque havia uma relação.

—Estou ajudando-a, druidh —explicou Daimhin impressionada e um pouco incômoda pela tensão entre eles.

Cahal sentiu que a barda parecia violenta, e modificou sua atitude e também sua pose ante elas.

Miz captou tudo, e isso fez que abrisse um buraco a seus pés. Ela cairia, e cairia pouco a pouco, e o faria por ele; por um homem que, vendo o temor de uma moça, podia reprimir seu temperamento para não assustá-la mais.

—Estou muito agradecido, Daimhin. —assentiu como um cavalheiro.

A garota tocou o cabelo, nervosa, com um gesto de paquera, olhando de soslaio os sapatos que deixou bem colocados sobre um dos tamboretos brancos que ocupavam a sala.

Miz levantou uma incrédula sobranceira loira. Parecia-lhe inverossímil que inclusive Daimhin, com todos seus traumas, pudesse sentir-se cativada pelo sex appeal de Cahal.

—Miz, apresento os gêmeos, Liam e Nora —anunciou o loiro.

—Fiz um “besenho” para você. — disse Nora lhe mostrando a folha e elevando-a para ela. A garotinha, com suas bochechas vermelhas, nem sequer se atrevia a olhá-la.

Miz se apoiou em seus joelhos, agachando-se até a altura de Nora. Deu-lhe uma batidinha no nariz com o indicador e disse:

—Fala-se desenho, céu. —Tomou o presente concentrando-se na pequena.

—Ah... — A olhou de esguelha enquanto se agarrava com força ao jeans de Cahal— Vai me comer agora?

A cientista olhou para Cahal, para Daimhin, à pequena loira e depois seguidamente para Liam que, de vez em quando, jogava-lhe olhadas furtivas, mas sem esconder-se atrás das pernas do druida. Pensavam que ela era um ogro? Não se surpreendeu em nada, depois de tudo, esteve com os maus.

—Mmm... Depende, pequena. Tem sabor de chocolate?

Nora franziu o cenho.

—De morango? —Continuou Miz. A pequena negou com a cabeça, mais relaxada, e um sorriso começou a emergir em seus lábios. — Ah, já sei... Tem sabor de canela! —Elevou os olhos para Cahal e uma corrente elétrica circulou entre deles. Os olhos dele se escureceram de desejo e os dela faiscaram com desafio. Aprenderia a ser provocadora, como todas as demais.

—Tenho sabor de abacaxi — disse a menina audaciosamente e voltando a rir.

—Tem sabor de abacaxi? —Pôs um dedo sobre seu queixo e ficou pensativa— Bom, acredito que tenho calda nessa geladeira daí —assinalou um freezer congelador de átomos— O que acha se a cubro de calda e começo a comer esse narizinho que tem? — beliscou seu nariz com as falanges do indicador e do dedo médio.

Nora morria de rir.

—Então, é boa? —perguntou de repente, aproximando-se dela e olhando-a com atenção, desejando que sua resposta fosse positiva— Não se parece com uma bruxa que come crianças.

—Nora não tem sabor de abacaxi. Não diga isso, Nora! —queixou-se Liam, dando um passo adiante para que a cientista também lhe desse atenção. — Ruth nos disse para não nos aproximar

—grunhiu em voz baixa, puxando sua irmã e pensando que o fazia com discrição— Diz que dela saem chifres na testa e cospe fogo pela boca.

Miz teve vontade de soltar uma gargalhada. Como podia ser que existissem criaturas como essas, que não fosse humano, e que outras pessoas tentassem machucá-los e os manipular geneticamente? Esses pirralhos transbordavam bondade.

—Ruth disse isso? Eu faço magia. Não como crianças como vocês. — replicou Miz, fazendo-a importante e assanhando o cabelo negro do pequeno berserker.

Cahal observou que sua mulher se levantava e olhava uma vitrine cheia de provetas coloridas. Na prateleira inferior havia uma coleção de lasers de fótons de luz de muito baixa potência que utilizaria para estudos atômicos de baixa escala. Não eram daninhos e certamente os gêmeos gostariam.

Nesse tempo que esteve familiarizando-se com a sala, Daimhin e ela puseram todos os aparelhos em curso e tiveram tempo de sobra para que a vaniria mostrasse a sua novata parte de seus recém-adquiridos poderes.

Durante uma hora, exerceram seus dons telecinéticos. Miz não precisou de muita prática para controlá-los. A cientista se alimentava do sangue de um druida, de um mago poderoso e, além disso, era uma mulher que entendia os conceitos e o funcionamento das coisas de modo diligente. Daimhin, assombrada, não deixou de felicitá-la por seus êxitos, e repetia uma e outra vez que era incrível quão rápido controlava seus dons.

—Gostam de espadas de luz? —perguntou-lhes Miz, fazendo que as portas de vidro da vitrine se abrissem sem que ninguém as tocasse. Depois, dois pequenos apontadores laser de cabo cromado e borracha negra levitaram e cruzaram a sala passando diante do rosto do druida, e detendo-se sobre suas palmas. Miz olhou para Cahal e sorriu orgulhosa de si mesma.

“Viu o que sou capaz de fazer, espertinho?”

— Tomem. — ficou de joelhos e deu um ponteiro a cada um.

Cahal, impressionado e cativado pela luz que refletia no rosto de sua garota enquanto usava seus poderes, desviou a vista para Daimhin e esta fez uma careta com os lábios.

—Já disse, druidh. Ela me dá uma mão, e dou uma mão para ela.

—Você a ensinou a fazer isso?

—Não me custou nada. É uma novata muito aplicada. —afirmou com maligna diversão — É muito inteligente.

—Sério? — refutou ele, levantando o canto de seu lábio. As crianças observavam os objetos que tinham flutuado pela sala e que agora podiam tocar com seus próprios dedinhos.

—O que são? —Liam abriu os olhos movendo o cabo de um lado ao outro.

—Sabe quem é Luke Skywalker? Os olhos negros do menino faiscaram e sua boca se abriu formando um enorme “O”.

—Eu sou Luke Skywalker, sério! —Exclamou eufórico.

—Sim, e Ruth é Leia e tio Adam é Han Solo —lhe contou Nora muito mais a vontade, observando penalizada os pés descalços da física— E eu sou Meygan.

— Quem é Meygan? —como boa fanática tinha visto Star Wars, mas não sabia quem era esse personagem.

—É uma Bratz. — respondeu Liam aborrecido.

—De verdade? — respondeu Miz, mostrando interesse por Nora.

—Sim. — afirmou a pequena sem deixar de estudar os pés nus de Miz— Seus pés também crescem e suam muito?

Cahal soltou uma exclamação abafada, e os ombros de Daimhin tremeram com o riso.

—Eu? — Miz moveu os dedos dos pés e sorriu— Não.

—As crianças berserkers passam por isso — contou Cahal—, por essa razão às vezes saem sem calçado. A veem descalça e pensam que é por isso.

—Como funciona isto? —perguntava Liam movendo o aparelho de um lado ao outro.

—Vou procurar os sapatos que você usava. —Nora os buscou por toda a sala até encontrá-los sobre o tamborete onde Daimhin os deixou.

— Esses! —Assinalou-os— Quando chegou a vi com eles. Eu estava escondida.

—Você gosta? Agora são de Daimhin. Os dei de presente.

Os joelhos de Cahal cediam ante a atitude de Miz. Não só tentava trabalhar para ajuda-los, mas sim, além disso, estava com a filha de Beatha, permitindo que ficasse com ela no laboratório; e ainda por cima, tratava Liam e Nora com um carinho que esquentava seu sangue e punha seu motor em marcha. Miz... Sua ratinha era toda uma caixa de surpresas.

—Ah, sim? —Nora estava surpreendida— Me dará de presente um também? Minha mãe!

Miz daria de presente a essas crianças tudo o que tivesse. Apaixonou-se perdidamente por elas.

—O meu não funciona. — Liam continuava carrancudo com o apontador.

—Disse que faço magia, não foi? —Miz pegou o cabo cromado de Liam e pressionou o botão de ligar. Um feixe de luz verde e de um centímetro de espessura saiu do extremo do apontador e impactou no teto, iluminando a sala com uma tênue luz esmeralda.

—Uau! —gritou Liam dando saltos e movendo as perninhas como se corresse, mas sem se mover do lugar— Uau! Dê-me! Agora eu!

Liam pegou sua nova espada laser e isso fez com que Nora quisesse provar seu apontador, de uma luz mais rosada, e brincassem de Guerra nas Estrelas em uma sala onde logo se construiria um acelerador de partículas.

Surrealista, pensou Miz.

—Não os apontem nos olhos — avisou divertida, desdobrando o desenho que Nora fez com muito cuidado.

A cientista não podia acreditar. As crianças estavam brincando diante dela, fazendo todo tipo de ruídos com suas bocas, dando saltos desumanos de um lado ao outro da sala... Que sensação mais estranha de normalidade.

Cahal fixou a vista no desenho que ela ainda segurava na mão e que ainda não observou.

A astrofísica abriu o papel com um sorriso, esperando encontrar-se com um sol enorme cheio de flores com caras divertidas. Desenhos tipicamente infantis, claro. Mas nada mais longe da realidade; não se tratava disso nem por indício.

O desenho era como uma brincadeira de mau gosto.

Eram ela e Laila, desenhadas com uma perfeição que apenas se diferenciava de uma fotografia em preto e branco. Estava sorrindo, com uma camiseta que tinha o número 77 em negro, preenchidos com as letras QR em cinza escuro, como se fosse uma marca, estampadas na frente. Laila estava lhe dando esse envelope com as palavras High Sky Boys Clube.

Laila parecia mudada. Estava mais feia, com um estranho penteado afro que nunca usou. E mal tinha seios; embora fosse verdade que carecia de formas femininas, mas nem tanto para estar completamente plana; seu rosto já não era doce nem sexy, ao contrário, exibia-se deformado e com olheiras.

Aquele desenho era sua imagem: a associação de ideias que criou em sua cabeça como um criptograma. Uma imagem que ela guardava toda a informação sobre seus descobrimentos, mas que, devido a sua cotidianidade, nem sequer o mentalista mais tenaz poderia ter descoberto.

E Cahal a tinha roubado.

Se havia algo que aprendeu com Lucius para proteger-se das intrusões mentais de qualquer ser poderoso era enganar a mente. As lembranças e as experiências estavam classificadas na cabeça como meros fotogramas. O cérebro era como um arquivo multidimensional. Quando queria viajar ao passado recorria às imagens congeladas e dava play.

Ela teve muita informação, muito exclusiva e perigosa. Necessitava proteger-se inclusive do que ela sabia, mas mais importante era preservar seu conhecimento até assegurar-se de que aqueles para os quais trabalhava iam dar um uso adequado à sua revelação. Embora trabalhasse na Newscientists, tinha colegas muito ambiciosos e cobiçosos. E, na realidade, embora acreditou cegamente em Lucius, nem sequer confiou nele o suficiente para abrir sua particular caixa de Pandora e lhe mostrar o melhor segredo guardado da história da humanidade. E a verdade era que tinha feito um bom trabalho. Prova disso era que em Chapel Battery, Lucius a mordeu e espancou, exigindo que lhe desse essa apreciada informação.

E bem sabia que não a descobriram. Por isso, esse portal de muito curta duração no Colorado se fechou inesperadamente. Mas desta vez, Cahal encontrou a chave e ia colocá-la entre a espada e a parede.

—O que... — limpou a garganta—, o que é isto?

—Diga-me você. — O druida se sentou sobre a mesa cirúrgica e cruzou os braços. — Daimhin, pode levar Nora e Liam, por favor?

Daimhin assentiu. Desculpou-se com Miz murmurando algo em voz baixa, e agarrou os dois pequenos espadachins pela mão.

—Adeus! —Nora se despediu dela agitando sua mãozinha livre— Gostou do desenho? — perguntou enquanto as portas se abriam.

—Muito bonito, querida. O colocarei na geladeira. — a pequena não podia saber como a ilustração a afetou.

Nora sorriu feliz e as portas blindadas se fecharam atrás deles.

Miz inalou profundamente.

Não haveria modo de proteger-se. O druida era muitíssimo mais poderoso que ela e queria algo que tinha. Como ia se defender? Não podia.

Era seu segredo mais bem guardado. Um segredo que tinha demorado muito tempo em aperfeiçoar em suas sinapses. Encobri-lo como um pensamento sem importância para que não pudesse chamar a atenção de ninguém.

Mas a esse homem, que parecia um felino à espreita e que a olhava sem piscar, não deixava escapava nenhum detalhe.

A caçou, e agora a obrigaria a falar.

A porta pela qual saíram Daimhin e os gêmeos se abriu e entraram Menw e Daanna.

Quando Miz os viu, admirou o excelente casal que faziam. Tão diferentes um do outro: ela morena e ele loiro; ele alto, corpulento e belo, e ela tão sensual... Belos os dois, sem dúvida, e sincronizados inclusive em seu modo de caminhar. A palavra sincretismo veio à sua cabeça.

Entretanto, Menw lhe inspirava muito respeito. Os dois irmãos se pareciam, mas tinham estilos diferentes. Certamente, a personalidade de Menw combinaria muito mais com ela que a de Cahal. Menw era um homem da ciência, um curador, diziam. Mas seus dedos tinham matado Laila com uma facilidade espantosa. Seu cabelo comprido e loiro estava recolhido para trás com uma diminuta fita, e suas feições masculinas se marcavam à perfeição. Por que estava ali? Ia torturá-la?

E o que ia fazer Kil Bil? Essa mulher irradiava tanta segurança em si mesma que deixava sua pele arrepiada. Daanna olhou seus pés nus e arqueou uma sobrancelha negra. Miz arqueou a sua e se mediram como em um duelo de vaqueiros.

—Vi Daimhin com seus sapatos na mão — a vaniria morena penetrou suas mãos nos bolsos dianteiros de sua calça negra e se apoiou na mesa metálica central.

—O que fazem eles aqui? —perguntou a cientista a Cahal— Não gosto de trabalhar com espectadores.

O mencionado não respondeu.

—Meu irmão me disse que pode necessitar de minha ajuda no caso não colabore. — precisou Menw.

Um jarro de água fria não a teria impressionado mais. Cahal convidou Menw para assegurar-se de que ela ia dizer a verdade e revelar tudo. Então, ele não hesitaria em torturá-la para que lhe dissesse tudo o que sabia? Embora tivesse afirmado e reafirmado que era sua estúpida cáraid? Assim se tratavam os companheiros de vida?

Só precisava ter as coisas um pouco mais claras, maldição. E na primeira troca, já a abandonava. Não deveria surpreendê-la, porque no dia anterior já a mordeu diante de todos, envergonhando-a e humilhando-a diante de todo seu clã.

—Me explique o que há nesse desenho, Miz. —exigiu o druida.

—E se não o fizer?

Cahal se irritou por sua resposta. *É que essa mulher não entendia o quão importante era sua informação para eles?* Menw e Cahal se comunicaram silenciosamente.

—Permitirá que ele me machuque? —perguntou nervosa e ofendida por aquilo— Já disse que os ajudarei. Só preciso pôr minhas ideias em ordem e...

—Então, faça. —ordenou Cahal, incômodo pela sensação de traição que Miz estava experimentando. — Não quero machucá-la, neném. Não posso...

—Não me chame de neném. — ameaçou ultrajada, fulminando-o com os olhos esverdeados.

—O que meu irmão quer dizer é que nos urge saber o que você sabe — esclareceu Menw em tom forçadamente conciliador—, porque é o único modo de entender quais podem ser os próximos passos de Lucius e os outros. Estamos os cercando pouco a pouco e não podemos permitir que abram outro portal para seu uso, entende? Se nos disser como o abriram e que normas seguiram, talvez consigamos adivinhar seus movimentos e encontrar um modo de rachar seus planos. Queremos proteger a Terra, atharneimhe. Sabe que não a enganamos.

Miz escutou atentamente o curador. Tentou afastar a sensação de sentir-se traída por Cahal e gostou da mudança de atitude de Daanna e o druida depois de ouvir o apelido que Menw lhe colocou. Supunha-se que estava mal que ele a chamasse assim?

Daanna olhou de esguelha seu companheiro e Cahal franziu o cenho.

—Sei? Sei que não me enganam? —repetiu ela, ignorando os outros dois e dialogando só com o irmão de seu carcereiro— Você está disposto a me cortar com seus dedos como fez com Laila. Por que deveria confiar em você?

—Porque será o único modo de se libertar e entender que pode confiar em alguém por uma vez em sua vida. —respondeu Daanna, tocando o mesmo microscópio túnel que havia chamado a atenção de Daimhin.

—Minha cáraid tem razão. Já prejudicou enormemente antes. Se o fizer desta vez, o que importaria outro equívoco mais? —Menw moveu os ombros e moveu o pescoço para um lado — Mas decide rápido, porque se não o fizer, posso te ferir muito e te devolver cada um dos golpes que infligiu a meu brathair; e asseguro que morro de vontade de fazer isso. Os pontos Sipalki abrirão sua mente, o sangue deixará de regar seu cérebro e acreditará que sua cabeça vai explodir. Não suportará e, no final, nos dirá tudo o que quisermos. Demos a oportunidade para você fazer isso, e meu irmão te deu dias suficientes para que contasse tudo. Não o fez e temos pressa. Agora decide: pelo bem ou pelo mal.

O desânimo e o pesar invadiram a alma de Miz. Não podia relaxar. Nem ali nem em nenhum lugar. Cahal estava impassível, permissivo com a ideia de que Menw a machucasse, e isso doía muitíssimo. E Daanna não parecia muito em desacordo.

Estava sozinha outra vez. Teve a frigideira pelo cabo em algum momento? Não. Nunca.

Abatida, deixou o desenho na mesa central. Recolheu o cabelo em um coque alto mal feito e o fixou atravessando um lápis nele.

Acabou-se tudo. E não queria sentir mais dor física. Passou dias aguentando todo tipo de castigos; e se havia uma só possibilidade de vingar-se dos vampiros e de Lucius, aproveitaria essa única carta que lhe ofereciam os vanirios. Menw tinha razão, se errasse de novo, que mais havia? Outra cagada mais em seu histórico. Dava igual. Iam tirar-lhe a informação de qualquer maneira, não?

—É uma imagem associativa, um mapa mental —explicou com voz baixa e sem vida.

—Continue. — a animou Cahal exalando o ar, relaxando lentamente. Odiava pressioná-la assim. — E faça de um modo que todos possamos entender.

—Claro, esqueci. Você não é tão inteligente como seu irmão, não é, playboy? Nota-se. — acrescentou com veneno— Ele tem a testa mais larga que você.

Daanna apertou os lábios sem saber muito bem o que fazer, se ria ou scandalizava-se.

Cahal lhe dirigiu um olhar assassino.

—Por favor, continue. — pediu Menw, pigarreando divertido.

—Vou começar pelo princípio, para que o zigoto não se perca.

—Não exagere, bruxa. — advertiu o druida com um grunhido.

Respeite-me.

Como você a mim? Respondeu magoada.

—Durante minha etapa na Newscientists trabalhei com muitos e muito bons astrofísicos — brincou com os cantos do desenho, ignorando seu suposto companheiro. —Eu era muito consciente da informação que estávamos manipulando sobre as portas dimensionais e, embora confiasse em Lucius, Laila, Brenda e todos os outros, não confiava na ambição de meus colegas. Liderava os projetos sobre a bilocação dos quarks e como influía isso em nosso conceito dos universos. Tinham-me infundido a ideia de que os vampiros eram seres extraterrestres, de outra dimensão, e cabia a possibilidade de poder chegar a essa dimensão através de um mapa intergaláctico. Quer dizer: abrir uma porta para outro mundo diferente do nosso. — sussurrou ainda maravilhada pela importância daquelas palavras— Pouco a pouco fomos desenvolvendo um sistema parecido ao de um acelerador de prótons, com a diferença que tentamos diminuir os riscos e anulamos a variante que podia dar lugar à destruição do planeta.

—Os aceleradores de partículas são todos perigosos?

—Têm um risco. — explicou olhando em todo momento para Menw, e negando-se a olhar para Cahal ou Daanna— Na teoria são criados para entender a matéria da qual foi criada o universo, se existirem outras dimensões e se há ou não antimatéria. Para isso, aceleram-se os prótons quase cem por cento mais rápido que a velocidade da luz através de um túnel. O problema é que isso pode criar um buraco negro muito maior.

—Gabriel esteve em Chicago, e detiveram a possível colisão do martelo de Thor no acelerador de partículas de Fermilab em Genebra. — disse Menw cruzando os braços. — Os jotuns tentaram pôr em curso o acelerador e sabiam o que iam provocar ao fazer o impacto... Querem destruir o mundo.

—Mas duvido que a intenção deles seja essa. —murmurou Cahal, tentando ligar os cabos soltos. — Loki quer este planeta para ele. Quer escravizar a humanidade, não quer destruir seu particular *vergel*.

—O martelo de Thor tem algum tipo de energia eletromagnética? —perguntou Miz, um pouco perdida.

—Está de brincadeira? — Daanna arqueou as sobrancelhas negras e riu. — O martelo de Thor pode convocar tormentas, inclusive pode criar maremotos e terremotos. É a ferramenta de um deus.

Miz bateu os cílios.

—E se supõe que eu tenho que saber isso? Por favor, se até há uns dias eu acreditava que eram extraterrestres que vinham do planeta Krypton ou da Vampirolândia.

—Seus gibis não lhe falam disso? — inquiriu a morena asperamente. Miz limpou a garganta, e assassinou Cahal com os olhos. O druida era um boca grande.

—O impacto do martelo de Thor no lugar adequado abria uma porta definitiva. — o curador as interrompeu. —E escolheram o Fermilab, embora este pudesse deixar a metade do planeta submerso em um nada. — murmurou Menw refletindo. — Mas Gabriel, seus einherjars e suas valkyrias foderam a missão. Depois, Lucius e Hummus se dirigiram a Diablo Canyon com o martelo em mãos dispostos a abrir outro portal, ou a destruir o mundo, já postos.

Miz assentiu com a cabeça.

—Diablo Canyon... O planeta inteiro está cheio de áreas altamente eletromagnéticas propícias para utilizar sua energia e abrir portas dimensionais. — assinalou esfregando o queixo. — Diablo Canyon é um deles, mas é muito perigoso porque há uma central nuclear localizada em seu eixo.

—Detalhe que não importou aos jotuns. — apontou Daanna.

—Inclusive tenho provas de que a combinação de uma série de variantes abrem essas portas de maneira espontânea, dependendo da atividade que tiverem. Se disserem que havia um ativador como esse martelo... — afirmou impressionada—, foi um milagre então que não conseguiram.

—Não foi um milagre. — respondeu Cahal reclamando a atenção da cientista. — Foi pelo trabalho e o sacrifício conjunto de muitos de nossos guerreiros. Morreu gente boa por isso. Já lhe disse isso, Miz. Defendemos a humanidade e perdemos nossas vidas por ela.

Miz baixou a vista para o desenho. Não era sua culpa que morressem pessoas, e lhe dava raiva que se dirigisse a ela nesse tom.

Não a estou culpando, maldição.

Esqueça-me.

—A pergunta que aqui nos concerne é: se conseguiram abrir um portal no Colorado com o qual puderam chegar ao Midgard, por que depois não voltaram a utilizá-lo para seguir com seus propósitos? —Daanna se posicionou ao lado de Menw. — Já sabem como entrar; já sabem o que fazer. Por que decidiram logo que esse portal ou esse artefato não era bom? Somente queriam roubar os objetos?

—Queriam os objetos para assegurar a vitória no Ragnarök. — Cahal passou a mão pela cabeça. Por que senão?— Mjöltnir, Seier e Gungnir. — enumerou — Os três totens mais poderosos. Acredito que quem subiu ao Midgard, esse tal Hummus...

—Hummus? —repetiu Miz consternada. Ela não o conhecia muito, mas o viu algumas vezes pela Newscientists.

—Sim. Esse cara entrou no Midgard, fez-se passar por Freyja e roubou os totens. — disse Daanna seriamente.

Que Hummus se fez passar por Freyja? Mas que demônios era esse homem? Um travesti?, pensou Miz.

—Como ia dizendo —continuou Cahal—, acredito que sua intenção era conseguir algo mais, e não o fez porque o portal se fechou inesperadamente. E agora, por fim, voltamos para o ponto de início. O que sabe você sobre isso, Miz? O que esteve errado nesse portal?

Miz sorriu sem vontade.

—Manipulei o acelerador que iam utilizar. —respondeu finalmente— Não estava muito segura do que iam fazer, nem tampouco de sua repercussão em nossa realidade. Como era a chefe do projeto, eu sabia perfeitamente quais eram os planos iniciais para a construção do acelerador e como deviam proceder com o experimento. Mas havia algo em mim que não queria seguir adiante, porque não sabia se era ou não era uma boa ideia ser tão curioso. Queria matar os vampiros, queria exterminar o planeta do qual acreditava que vinham; mas tinha medo de que ao abrir essa porta, fizesse mal à humanidade. Toda ação acarreta uma reação, não é assim? E eu temi essa reação.

—O que fez? —perguntou Menw com assombro— Os boicotou?

—Deixei a fórmula incompleta e acrescentei ao projeto uma pequena resistência, uma proteção para cortar o cetro de energia do acelerador. Isso deteria o fluxo com rapidez e o portal se fecharia prematuramente. Construíram-no tal e como eu disse, e isso foi o que aconteceu. Por isso se fechou.

Daanna sorriu, mas ocultou seu gesto. Miz era uma mulher muito inteligente e os ajudou inconscientemente. Talvez, depois de tudo, Cahal tivesse uma cáraid em condições.

—Ferrou com seus planos. —Menw estalou a língua. — Um ponto para você, serpente.

Cahal seguia estudando sua garota com tanta atenção que parecia que a estava absorvendo.

—Mas isso não é tudo. Você sabia algo mais, verdade? —pressionou-a— Nos diga já o que é. Ontem nos atacaram em Dudley. Era um grupo de vampiros suicidas. Não sei se foi ou não casualidade, nem para quem era dirigido o explosivo, ou se a estavam procurando para levá-la a Lucius para que abrisse sua cabeça para surrupiar isso tudo. Eles já devem saber que se algo falhou no Colorado foi por culpa de sua astrofísica chefe. Estarão te procurando. Nos diga o que é de uma puta vez.

Miz olhou seu próprio reflexo no papel.

—Descobri a possibilidade de abrir um portal permanente e dirigi-lo a qualquer parte do espaço. Qualquer um. —repetiu— O projeto original tinha o inconveniente do tempo de duração que podia estar esse atalho interdimensional aberto. Esse foi o que utilizaram no Colorado e, além disso, eu o manipulei para que se danificasse inclusive antes de tempo. Mas encontrei o modo de criar uma ponte estável, e quase fixa, aproveitando a energia natural dos conchaves da terra e acrescentando um elemento estabilizador, que era o que faltava ao acelerador. Mas não queria que ninguém soubesse, por essas dúvidas que minha consciência me apresentava. Alguns astrofísicos poderiam roubar a informação e fazer autênticas barbaridades com ela. Não sei... —murmurou insegura—, duvidei da bondade e da natureza de meus colegas.

—Duvidou sem mais? —perguntou Cahal, suspicaz. Só tinha que pressioná-la um pouco mais para que admitisse que começou a duvidar justo no momento em que o conheceu. Ela sabia que o que fazia com ele em Chapel Battery não estava bem. Sentia coisas por ele, inclusive antes de saber que as sentia.

—Sim, duvidei! —exclamou cansada— Eu já não sabia o que me acontecia e decidi proteger essa informação... Ensinaaram-me a proteger minha mente de suas supostas intrusões, mas pensei que nunca seria suficiente contra vocês. Assim decidi codificar a resolução de meu projeto em minha cabeça para proteger meu descobrimento de todos. Protegia-o cada dia, trabalhava com

esta imagem que veem aqui —assinalou o desenho—, dia após dia. E criei um mapa mental com alguns códigos. Quem lesse minha mente não lhe prestaria muita atenção, porque parece uma imagem sem importância, mas... —Elevou os olhos verdes e cravou a vista em Cahal— Mas me pegou.

—Bem. Fale-nos desta imagem e decifre os códigos que há nela.

—De acordo; mas que fique claro que nem sequer eu sei qual é a fórmula final do experimento. Deixei tudo preparado e o guardei em uma caixa de segurança. Mas disfarcei essa informação em minha cabeça e criei uma IBO.

—Ideia básica ordenadora. — explicou Menw com muito interesse— É a base dos mapas mentais. — expressou sorrindo e olhando-a com admiração— Teve que trabalhá-la muito para que não se fizessem aberturas nela.

Miz sorriu com vaidade e assentiu.

—Sim. Fiz isso.

—Qual é o centro definido da imagem?

Cahal e Daanna olharam um ao outro sem compreender o tipo de conversa que estavam tendo entre seus respectivos companheiros.

—Meu quarto e eu, vê? —Passou o dedo por seu desenho— A partir daí agrupei a imagem e trabalhei com vários subcentros; mas o mais importante aí é o que eu visto. Na imagem tenho esta camiseta com o número setenta e sete em negro e grande, e tem as siglas QR impressas em seu interior.

—Não conheço essa marca. — Daanna olhou as unhas, incômoda com o coleguismo entre Menw e a serpente.

—Porque não é uma marca. — esclareceu a loira orgulhosa de si mesma. — Se seguirem a imagem, verão que esta mulher com cabelos afro... Que nunca os teve assim, por certo... — observou Cahal, sabendo que ele a quis desenhar assim feia.

—Era sua amante, não? —perguntou a vaniria desafiando-a com aqueles olhos verdes cheios de eletricidade— Não lembro dela tão horrenda.

—Não era assim. — olhou de esguelha para Cahal— E não era minha amante. Era somente alguém em quem eu confiava. Laila está me dando um envelope com uma frase gravada nele: High Sky Boys Club.

—Não é nenhum clube. Não existe. — a interrompeu Cahal.

—É verdade, não existe. —assegurou Miz— Tudo o que veem nesta imagem são chaves mentais. E têm a ver com meu descobrimento. Aqui está toda a verdade.

—Diga-nos isso — se impacientou Menw.

—O agente estabilizador que falta ao acelerador e que abre o portal, é o número setenta e sete na tabela periódica. Com ele se romperá a barreira de Kelvin e ficará aberta enquanto estiver em funcionamento. O setenta e sete é o irídio. É o metal mais pesado conhecido; forma anti-protons e, como é resistente à corrosão, é ideal para trabalhar com aparelhos eletromagnéticos. Acrescentando este elemento como base angular do acelerador temos sem dúvida um portal permanente.

Os três ouvintes a escutavam fascinados. Era como assistir a uma aula mestra de física. Cahal, entretanto, à margem de havê-la empurrado e ameaçado para que revelasse o que sabia, tinha um esquentamento descomunal.

Sua sexy companheira, com seu cabelo recolhido nesse coque do qual escapavam suaves mechas douradas; com aqueles estranhos olhos de fada, dourados e verdes; com sua simplicidade para falar de temas tão complicados, estava-o matando.

—A fórmula final e concludente está guardada em uma matriz de pontos. Não a vi em nenhum momento, por isso sou incapaz de montar agora. —assinalou a mesa central vazia— O fiz para me assegurar de que nem sequer eu poderia ser tentada por ela. A gravei em um código de barras de resposta rápida ou, como é conhecido usualmente: um código QR. — assinalou as siglas gravadas no interior do número setenta e sete— Uma vez que abra o código QR terei o plano do acelerador e a quantidade exata de irídio que necessitarei para manter o portal aberto. Acredito que funcionará perfeitamente. O que não entendo é por que poderia interessá-los abrir um portal agora.

—Não nos interessa. —esclareceu Menw— Os deuses intervirão quando for o momento, não podemos abrir seu mundo assim sem mais nem menos. Não queremos abrir um portal. Queremos aprender a fechá-lo. E necessitamos que você nos ajude.

Miz cruzou os braços e jogou uma última olhada ao desenho.

—Então, necessito da fórmula para encontrar uma nova que possa rebater a abertura, ou seja, que a feche. Decidi que não é boa ideia brincar de ser deus. Embora sejam seus deuses os que fazem e desfazem como lhes dá vontade conosco. Sabem? Não entendo. — afirmou aborrecida— Diz que os deuses intervirão quando for o momento. Agora não é? E Loki sim pode investir, à sua vontade? —perguntou Miz— É um pouco injusto, não acham?

—Nos regemos por outras leis, por outros valores. Defendemos e protegemos. Não revelamos nada nem fazemos as coisas inconscientemente. Devemos manter as portas fechadas, compreende? Solucionar aquilo que Loki provoca.

—Sim o compreendo. —grunhiu— Mas não o compartilho completamente... Eu acredito que é melhor que ninguém saiba sobre isto. Nem sequer eu. Meu ego cientista me obriga a testá-lo e abrir um portal só para me vangloriar — se justificou sem remorsos nem vergonha—, mas minha moralidade não me deixa continuar.

—Onde está esse código QR, ratinha? —Cahal a olhava mais tranquilo.

—Em High Sky Boys Clube. O banco de segurança HSBC.

O druida riu fazendo negações com a cabeça.

—Uma caixa de surpresas, sim senhor. De onde?

—Em Coventry.

Miz o olhou de esguelha, ainda aborrecida pelo jogo de enviar o valentão de seu muito inteligente irmão Menw para pressioná-la. E ainda por cima tinha a pantera de olhos verdes controlando-a e estudando-a de cima a baixo.

—Que probabilidades tem que outros chegaram a suas mesmas conclusões, neném?

—Não sei. Não são tolos, precisamente. Procurarão algo para estabilizar o portal e entenderão que deve ser um agente externo que faz essa função. Mas continuarão sem ter a fórmula adequada. Só eu sei. — se corrigiu rapidamente— Assim que a vir, claro.

Cahal tirou outra folha do bolso traseiro de sua calça e a desdobrou, colocando-a na frente de Miz.

—E o que pode me dizer disto? É o que vê Liam em sonhos. Tem a ver com seus portais?

Miz cravou os olhos no mapa-múndi que tinha em frente. Havia vários pontos marcados em algumas áreas e coincidiam exatamente com os centros eletromagnéticos que estudaram durante anos. Potenciais portais na terra.

—Como Liam soube disto?

—É seu dom. Magia. — acrescentou Cahal — Já sei que não acredita muito nela, mas vai ter que começar a acreditar, ou sua incredulidade a impedirá de ver as coisas com objetividade.

Que um menino de cinco anos, que acreditava ser Luke Skywalker, fosse um detector exato de vórtices eletromagnéticos no planeta era algo surrealista. E que uma menina, que dizia que era uma Bratz, pudesse desenhar desse modo e ver os praticantes de um tipo de magia relacionada com Loki, era de todo aterrador. Mas aquela era sua nova realidade, e estava imersa nela. Depois decifraria seus dons em termos científicos mas, por agora, não podia fazer mais que assombrar-se. E também maravilhar-se, por que não?

—Liam tem quatro pontos marcados com mais força que o resto. — observou Miz— São os mesmos que estivemos vigiando há alguns anos, esperando o momento exato para transportar ali um acelerador e absorver sua energia para abrir o portal com muito mais força e maior velocidade. Vejo que assinalou um ponto da Groenlândia, outro aqui na Inglaterra, um mais na América do Norte e outro importante na Espanha. Estes portais se ativam sozinhos, se retroalimentam e são básicos para que um acelerador funcione e abra uma porta. Não sei como o fazem —assegurou confusa— Mas é assim. Quando se fechou o vórtice do Colorado, automaticamente, essa energia se transfere a outro ponto da Terra, onde agora, nestes momentos, está-se criando um novo vórtice eletromagnético. Lucius não desperdiçará a oportunidade de transferir um novo acelerador ali e utilizá-lo.

—Bom, isto sim é interessante. — Cahal por fim entendia a conversa— Se sabemos onde se abrirá o vórtice, veremos claramente onde se dirigiram Lucius e os demais. Tentarão abrir o Asgard de novo.

—Mas não é tão fácil. —explicou Miz— O problema é que são muito caprichosos e imprevisíveis e, conforme pude observar, comportam-se de um modo mais ativo dependendo das ondas de energia eletromagnéticas que chegam à terra. Comprovamos que despertam e emergem quando há um alinhamento planetário como, por exemplo, o que houve anos atrás com Júpiter, Mercúrio e Marte. Por alguma razão, a atitude dos planetas e sua gravidade afeta estes lugares.

—E agora estão ativos? —Cahal podia adivinhar de que pontos se tratava.

—Estão em um processo que chamamos recipiente. Esperam a recepção de energia. E essa recepção poderia estar a cair em algumas semanas. Por exemplo: abriram o portal no Colorado porque a área é altamente eletromagnética e, então, era o ponto idôneo e mais ativo para fazer impactar aí o feixe do acelerador; mas nem sempre está nesse ponto gélido. É como se a própria

Terra brincasse de se esconder. Os pontos vão ativando e desativando a seu desejo, e alguns são mais potentes que outros. Em dezembro se espera um alinhamento planetário brutal e único. Quando estes lugares chegar a seu ponto gélido de energia acumulada, somente necessitarão da ajuda de um ativador para que abram portais por si só. Mas para onde irão suas pontes? — perguntou a ninguém em concreto. — Dependerá de quem e como manipule e quem chegar primeiro.

—Mas agora mesmo diz que poderia estar preparando um novo vórtice, verdade? — Cahal olhou seu relógio digital.

—Bem, sim...

—Então, estes são pontos essenciais a vigiar a partir de agora — Cahal guardou o papel de novo e animou Daanna e Menw para que abandonassem a sala— Há algum modo de conseguir essa informação ou de prognosticar qual é o ponto eletromagnético mais ativo na atualidade? Porque se pudesse, já saberíamos onde abririam um novo portal.

—Os satélites nos dão a informação do que acontece no momento. Mas não têm modo de prognosticar o lugar, porque a energia eletromagnética é caprichosa. Mas se esse menino, Liam, é um radar, ele poderia ajudar melhor, inclusive, que os satélites. —observou o desenho com atenção— Sua precisão é assombrosa.

—Bem. Foi uma aula muito produtiva, professora —Cahal fez uma reverência.

—Tem certeza? Entendeu algo do que eu disse ou ficou encalhado no momento do “bom dia, a aula de hoje vai ser sobre portais”? —perguntou provocando-o.

—De verdade houve aula? Mas se você é loira... Não saiu além do portal de sua casa — replicou com malícia e cara de assombro— Além disso, estava olhando seu traseiro todo o momento —respondeu Cahal com um sorriso frio.

Menw e Daanna, que olhavam com diversão as trocas verbais dos companheiros, deram meia volta.

—Não vai mais precisar de nós? —perguntou Daanna.

—Não, obrigado, cunhadinha. —respondeu Cahal sorrindo para Miz.

—Vemo-nos em um momento, Cahal. —disse Menw— vou avisar Gabriel sobre o que descobrimos.

—Vamos. — Daanna elevou a mão e sorriu para Miz por cima do ombro. —Não gostou dos sapatos?

—Eu adorei. —respondeu a cientista— Mas eu gosto com mais salto.

Daanna entrecerrou os olhos e elevou o canto de seu lábio. Miz fez o mesmo. Bom, não tinham fumado o cachimbo da paz, mas tampouco estavam com a tocha de guerra, pensou a loira. Girou-se para encarar o druida e o recriminar por assustá-la trazendo dois valentões para intimidá-la; mas, antes de poder dizer alguma coisa, Cahal a agarrou pela mão e puxou-a para sair da sala.

—Ouça! —gritou a tropeções, querendo libertar-se de sua mão— O que faz? Aonde me leva?

—Temos coisas a fazer. Quanto antes tivermos a fórmula, antes criará algo contra a abertura dos portais. Verdade?

—Hum, sim, claro, mas...

—Depois, vamos a sua nova casa. E de noite, receberemos Menw.

Ufff, muita informação.

Organize-a em sua cabecinha, neném. Aposto que pode.

—Estou descalça! —queixou-se ela, cruzando todo o RAGNARÖK, praticamente levada a reboque por Cahal— E todo mundo está nos olhando! E não me chame de neném!

O druida riu e saudou todos com toda normalidade, uma que desmentia que estava arrastando uma loira descalça, possivelmente, uma das pessoas mais inteligentes que habitavam a Terra.

Miz não tinha nem ideia de que nunca importou o que dissessem outros. Em troca, Cahal sim se importava o que ela pensasse dele, e não sabia se de verdade acreditava que era um bobo ou somente dizia isso para zangá-lo.

—Nem sequer me agradeceu por ajudá-los! —protestou ela, aborrecida por sua falta de consideração— Tem ideia dos anos de investigação que investi neste projeto?!

—Que projeto? —respondeu com fingido aborrecimento, abrindo a cabine que os subiria de novo ao Jubilé Park— Já te disse que é como se me falasse em chinês. —Sorriu para as quatro humanas que o olhavam encantadas da mesa da recepção. Piscou um olho para todas, e elas fingiram que desmaiavam.

Miz rangeu os dentes e empalideceu. Não suportava que galanteasse as demais; o certo era que, quando via que o fazia, sentia vontade de chorar e bater nele. Definitivamente, não gostava. Estava zangada com ele, para variar, e tinha alguma dificuldade para ceder à ideia de ser sua companheira, mas isso não queria dizer que pudesse fazer o que lhe desse a vontade com as demais mulheres enquanto estava com ela.

Miz se concentrou na bola circular que servia de abajur de mesa. Apoiou a testa e as palmas no vidro do elevador e olhou às garotas com um sorriso um pouco malvado.

“Sou uma vaniria agora, e vocês não.”

Zas! A luz do abajur arrebentou e o ruído assustou as quatro humanas, que chamavam de tudo, menos de bonita. Ela também sabia ser maligna.

Capítulo 11

Notting Hill

Ladbroke Road

Para Miz parecia um insulto à vida e às leis físicas ter tanto poder de sugestão. Os vanirios como ela, podiam manipular a conduta das pessoas e induzi-los para que vissem o que o eles quisessem. E isso era exatamente o que fez Cahal com o diretor do HSBC em Coventry.

Vinte minutos. O loiro de cabeça raspada precisou somente de vinte minutos para entrar e sair da sucursal com um envelope branco na mão. Não preencheram nenhuma solicitação nem nada parecido porque temia que todas as contas e tudo relacionado com Miz a nível informático pudesse ser rastreado por Lucius e os seus. Não estava disposto a arriscar-se; assim, sem mais preâmbulos e graças às discretas ordens mentais que executava, tinham-no guiado até a caixa de segurança da jovem.

Em teoria, eram caixas de duplo fechamento e dupla chave. O banco dava uma ao cliente e outra ficava com eles. Miz não tinha chave com ela, óbvio, e não a podia dar ao druida. Até assim, o que importavam as chaves quando tinha o poder de deus na cabeça?

A garota pensava nisso quando o Porsche Cayenne se deteve em Ladbroke Road, frente a duas casas encostadas de quatro andares cada uma, com as cornijas exteriores brancas e os ladrilhos que as revestiam de cor mostarda.

Ambas tinham um pequeno pátio dianteiro que levava até a entrada e estavam protegidas por suas respectivas grades negras. Miz ficou olhando o druida, esperando uma explicação.

O que faziam em Notting Hil?

—Estas duas casas que vê são minhas — anunciou Cahal tirando o contato da chave do carro— A minha é a da esquerda e a sua é a da direita. Não tem que temer por nada. Tudo está perfeitamente adaptado para nosso estilo de vida.

A cientista olhou o envelope branco que tinha nas mãos; depois a sua suposta casa e, seguidamente, ao vanirio.

—Sério, quem é? Mais quantas casas tem? O que quer dizer com a minha é a da direita?

—Sou seu amo e senhor, tenho muitas propriedades. Foi o que ouviu. Não queria viver comigo na mesma casa, necessitava de seu espaço. Pois aqui terá espaço de sobra. Esta casa é para você.

—Mas se estará justo ao lado! Que tipo de espaço é esse?

Cahal sorriu e saiu do carro enquanto dizia:

—Sei. Não é genial? Imagine como nos divertiremos na reunião de vizinhos.

Já tinha anoteicado por completo. Eram oito da noite e Londres estava às escuras.

E, pelo visto, iam viver juntos, pois essa comunidade de vizinhos era formada por apenas aquelas duas mansões menores.

“Ah bom. Um momento”. Miz saiu do carro, descalça ainda. O ritmo desse homem era endiabrado e, embora fosse rápida de mente, não podia seguir seus passos nem seu modo de agir.

—Cahal! —exclamou fazendo com que parasse. — Pode parar?

Ele freou diante do portão de sua casa, a da esquerda. Eram casas geminadas.

Compreendia que Miz estivesse um pouco perdida, mas não iam discutir no pátio.

Abriu a porta com chave, e a segurou para que a física entrasse. Ela entrou a contra gosto. Virando-se, cruzou os braços e o encarou.

—Escuto você. —disse Cahal deixando as chaves sobre o moderno móvel da recepção— O que há agora?

—Saímos que um local subterrâneo onde tenho minha sala particular de trabalho, sem mencionar que levou Menw e Daanna para me pressionar e me torturar se não falasse...

—Eu não teria permitido.

—Não é verdade! Claro que teria permitido! E estou muito aborrecida por isso! É assim que vai cuidar de mim? — deteve-se uns segundos, lutando para ocultar sua frustração— Correu com o Porsche como um autêntico energúmeno até chegar a Coventry e entrar no HSBC como uma alma levada pelo diabo. Sem nenhum tipo de licença oficial, recolheu o que havia na caixa de segurança e saiu de lá tão cheio de si. E agora me traz para Notting Hil e me diz que tenho uma casa para mim? E ainda por cima só tenho um vizinho: e é você! Começo a me sentir um pouco dominada por tudo.

—Mas você não é superdotada? Têm outro modo de encarar as situações adversas. As encaixam melhor, não? —Fez uma careta com os lábios.

Miz pressionou a ponte do nariz.

—Sim, sou um gênio, não vamos negar. Mas... Não sei se vou poder... — Não sabia se ia poder com ele. Esse era o problema. Seu dia estava sendo insuportável porque, além da pressão e de todas as mudanças que tinha que assimilar, ele a desconcertava continuamente.

Com seu aroma, com sua maneira de olhá-la, com sua voz. Ele era como uma fórmula que a enlouquecia.

E não havia modo de deter os estragos que estava provocando em seu sistema emocional, nem tampouco no físico. A atropelava sem misericórdia. Assim era.

Cahal se aproximou dela e segurou seu rosto com mãos incrivelmente doces e cheias de calor.

—Acha que não entendo como se sente? —seus olhos azuis transbordavam compreensão.

Miz engoliu em seco, ocultando um adorável estado de insegurança.

— Sei como se sente porque experimento cada emoção que tem. — tomou sua mão e a colocou sobre seu coração. — Aqui. As sinto aqui. Juro que estou tentando te dar tempo e espaço para que me veja como sou. De fato, estou diminuindo minhas revoluções porque não posso atemorizá-la e te dizer o que é exatamente o que eu quero de você agora. Assustaria você. E não quero que tenha medo estando comigo.

—Sério? —respondeu com ironia— Pois não parece. Desde que o conheci tive medo.

—Sim. — assentiu ele — Mas ambos sabemos que não tem medo de mim, mas sim do que provoço em você.

Miz não ia ser hipócrita negando essas palavras. Sim. Cahal lhe abria um mundo que ela fechou firmemente. E se sentia mal por desejar conhecer mais dele, porque tinha a sensação de

que, confiando nele, traía a sua mãe e a sua irmã. Ele era um homem, e os homens vampiros abusaram e assassinaram sua família sem clemência.

—Sim. Sou um homem. —grunhiu, esgotado por defender-se dos pecados que outros cometeram. — Merda, claro que sou. Mas se não se dá conta das diferenças, Miz, é que ou não estou fazendo muito bem ou você está desiludida. E isso é impossível, porque é minha, é minha cáraid —observou com orgulho que essas palavras provocassem uma mudança no aroma pessoal de sua mulher e também em seu olhar. Seus olhos de ouro e esperança se fundiam pelo desejo, tal e como se desfazia ele por tê-la diante de si e notar que começava abrir-se à possibilidade de lhe pertencer. Essa manhã o sentiu na ducha, enquanto bebiam um do outro; e agora, nesse momento, também o experimentava— Não há nada mais valioso para mim que você.

Ela não sabia como responder a isso. Lambeu os lábios e olhou nervosa para todos os lados para não ficar embevecida com aquela boca que o demônio tinha outorgado a esse homem. Como seria beijá-lo? O que sentiria?

Cahal, que leu o que estava pensando, estremeceu pela força da tensão sexual que havia entre eles. Não tinha nem ideia de como lhe dizer que queria arrancar sua roupa e esmagá-la contra a parede. Mas, se o fizesse, não seria iniciativa dela. E ele queria que Miz dissesse que o queria.

Estava ficando duro só de pensar que sua cáraid jamais esteve com um homem. Faria um esforço e retomaria o controle de seu monstro interior, o mesmo sádico que dizia-lhe: “Foda-a. Foda-a. É sua».

—Está bem, neném. —Ele colocou uma mecha de cabelo loiro detrás da orelha e colou sua testa a dela, respirando forçadamente. — Está bem, calma... Olhe, vou mostrar sua casa, a te dar algumas coisas que necessita...

“Por que me deixa tão em guarda? Por que parece que seus olhos sorriem e me transpassam...? Que brilhassem como se tivessem raios X fosse normal? Não. É obvio que não era. Tem um desses queixos como os heróis da Marvel ou DC GIBIS, o Bruce Wayne. Não, não... Melhor Clark Kent. E sua boca... Tenho fome?”.

—Miz?

—Hum? —respondeu sem deixar de olhar suas presas.

—Deixa-me te mostrar sua casa?

—Ah... — piscou repetidamente. Não estava sendo nada discreta— Não precisa. Dê-me as chaves. —liberou a mão que retinha sobre seu coração.

—Você gosta de meu queixo?

—Oh, por Deus, quer me deixar em paz?

Cahal se afastou lisonjeado, tentando não cheirar o ar viciado com perfume de morangos. Mas era impossível. Seu aroma rodeava tudo.

—No primeiro andar deixei a roupa que compraram para você. Também há um telefone com toda a informação que precisa e todos nossos contatos. Ah... E me permite a licença de te trazer algumas coisas que espero que você goste.

—E quando fez tudo isso? Supõe-se que esteve tão ocupado quanto eu...

— Um celular e a tecnologia 3G fazem que tenha o mundo em suas mãos, neném.

Miz entreabriu os olhos.

—Claro, como não. De todos os modos tenho meu próprio dinheiro. — alisou o cabelo com a mão esquerda e soprou — Me sinto como uma amante sustentada.

—Não se sinta assim. Dá-me prazer poder te dar coisas de presente. E já não pode utilizar nada do que tinha, neném. Tentaremos que Caleb hackeie sua conta bancária sem que se registre em seus movimentos, mas enquanto isso, isto é o que há. Já sabe que estão atrás de você.

—Ou de você. — respondeu. — Lucius queria seu dom. Algo seu. Lembro tudo o que disse sobre você enquanto me mordia. Não o esqueci. — assumiu com segurança — Do que se trata?

Cahal ainda não sabia o que queria Lucius dele porque, até então, seus verdadeiros dons vanirios não tinham despertado; mas não tinha esquecido seu interlúdio com o vampiro.

Qual era seu dom real? Só o sangue de Miz podia dá-los e já o tinha feito. Devolveu a ele a capacidade de sentir.

Era isso o que queria Lucius?

—Ainda não sei. Noah e Adam estão seguindo o rastro dos vampiros de ontem a noite. Querem saber de onde vieram. O que está claro era que queriam eliminar alguém, por isso tinham o explosivo. Não vinham somente procurar sangue. Seja como for, não vou perdê-la de vista. Eu te protegerei. Na realidade, você tem que viver junto a mim, precisamos disso; mas não quero te pressionar mais, por isso quero que esteja à vontade nesta casa, embora vá me ter ao lado. Quando precisar de mim, quando sentir minha falta —baixou o tom de voz e a despiu com a olhar—, só tem que vir a mim e me pedir o que quiser.

Miz assentiu, pensando que não necessitava nada dele com tanto desespero, mas sendo consciente do quanto que se enganava. Moveu os dedos das mãos, e esperou que o druida colocasse as chaves sobre sua palma.

Quando o fez, deu meia volta e saiu da casa para entrar onde supostamente ia ser seu novo lar.

Qualquer das casas desse homem era digna de uma revista de arquitetura e design.

Miz nunca se queixou de seu funcional e cômodo apartamento no Soho. O pagou com seu esforço, como seu carro, que nunca mais poderia conduzir de novo. Patrick queria que ela vivesse em sua mansão e sempre esteve disposto a lhe dar o melhor, o grande filho da puta; mas nunca cedeu a esse tipo de facilidades.

Não obstante, não era tão estúpida para não avaliar que essa casa que Cahal lhe deu era uma apologia ao bom gosto e a calidez. O piso claro e polido, as paredes brancas e amarelas, o mobiliário em cores também claras... E, Deus... Cheirava a ele. E ela não podia evitar sentir-se como se a estivesse mimando com uma manta em todas as horas.

Estava tomando um banho de água quente na banheira branca com pés de garras de ouro, e com o dedão do pé brincava com as gotas de água que, preguiçosas, caíam da torneira.

Tinha deixado um livro de mitologia nórdica e outro celta sobre o vaso. Tirou-os da biblioteca. Quando saísse de sua pequena interrupção os leria. E sabia que faria muito rápido. Do mesmo modo que em sua nova sala de trabalho prepararam tudo a uma velocidade desumana.

A conversão era maravilhosa.

Naturalmente, já não era como outros.

A casa tinha quatro andares. No primeiro havia uma cozinha Office, um imenso salão com vários ambientes que dava, através de um aparador de corpo inteiro, ao jardim dos fundos, não muito grande, mas muito chill out. Esse homem adorava os Budas, e nesse jardim dotado com faíscas Zen, havia um enorme: um Buda da Kamakura de pedra calcária. Lindo. E, à esquerda, uma piscina coberta e climatizada. Parte dela entrava no salão, como se não estivesse completamente convidada.

No segundo andar havia três quartos suítes com banheiro e ducha incluídos, e um descomunal guarda-roupa no qual Cahal deixou todas suas bolsas da Purse Valey. Permitiu-se a licença de colocar a roupa em cada cabide, gaveta ou prateleira. Na terceira, encontrava um ginásio com as últimas máquinas aeróbicas e, ao lado, aquela assombrosa biblioteca com vários níveis que havia observado com satisfação. E o quarto e último andar tinha uma terraço de uns cinquenta metros e um estúdio no qual poderia trabalhar horas e horas e morrer de prazer por isso.

Essa era sua vida agora. Era a mesma pessoa que dias atrás, à exceção de que tinha dons e sabia em que lado trabalhava. Apoiou a cabeça na borda da banheira e suspirou, cravando seus estranhos olhos no teto.

Cahal queria que estivesse bem. Mas ela só estaria à vontade quando Lucius e Patrick morressem. Simples assim. Sentia tanto rancor por eles, que a raiva, em ocasiões, não a deixava respirar. Mas procurava mantê-la sob controle. Do mesmo modo que sempre lutou por controlar seu temperamento. Cahal e outros poderiam achar que era fria, mas a lava corria por debaixo de sua pele como veneno; e com suas mudanças biológicas e neurológicas já não lhe parecia tão ruim revelar seu caráter. Ele mesmo disse: estava se reprimindo.

Acabou-se a repressão.

Exalou e fechou os olhos. Não acabava de relaxar. Não podia.

Ao dia seguinte construiria o acelerador. Se funcionasse, ela mesma quereria cruzar ao outro lado para descobrir esse mundo que a humanidade estava perdendo por culpa da ignorância popular. Mas não faria isso; ao contrário: tentaria encontrar o modo de fechar os portais.

Grande estigma conduzia a espécie humana. Medo, ignorância e falta de curiosidade, três defeitos imperdoáveis. Como se supunha que iam evoluir como civilização se, durante milênios, acreditaram-se o centro do universo? Se soubessem a verdade, o que aconteceria?

A vida seguiria igual na Terra?

MEC MEC.

O som das mensagens de seu novo iPhone retumbou.

De: Conselho Wicca!

Rix Caleb

Ontem Engel e os seus recuperaram Seier!

Agora só resta Gungnir!

Continuam na Escócia e esperamos novas notícias!

Genial. Agora já estava incluída nos contatos de todos e poderia informar-se do que acontecia em relação aos totens e todo o resto, como se fizesse parte do grupo de “vanirios, berserkers, híbridos e amigos”.

Tinham recuperado o martelo e uma espada. Uma notícia genial. Jogou um olhar de soslaio aos livros que pegou da biblioteca e saiu da banheira, com seu corpo pingando água por todos os lados.

Cobriu-se com uma toalha tomou as enciclopédias em suas mãos. Sim.

Começaria a lê-los, informaria-se; e depois, com uma base mais aceitável, poderia interrogar Cahal sobre tudo o que leu em seu sangue ao beber dele.

Era um vanirio. Mas era um druida celta casivelano.

Queria saber.

E que mundo tão fascinante era. Sem dar-se conta, em pouco mais de uma hora, leu dois livros e tinha aprendido mais de celtas e noruegueses que em uma dessas aulas avançadas universitárias de História. Assombrada por quão rápido assimilava tudo o que lia, soltou uma gargalhada repentina.

—Isso é o máximo. — sussurrou acariciando a lombada da Celtic Mythology de Ward Rutherford. —Estou com um keltoi com presas e eu tenho superpoderes. Alguém da MARVEL tem que explicar isto.

Seu cérebro se super desenvolveu e agora se dava conta de que podia aprender tudo o que quisesse e mais. Seu medo inicial de ser uma zumbi sem capacidade de raciocinar se dissipou e, pela primeira vez, deleitou-se do jogo de sentir-se e saber-se diferente. Finalmente, compreendeu que poderia conseguir tudo o que se propusesse, mas nunca poderia brincar de ser Deus.

Essa era a diferença entre os bons e os maus. A diferença principal entre vampiros e vanirios, ou entre os jotuns de Loki e os asgardianos de Odin e Freyja.

Sim. Essa batalha entre eles, esse famoso conflito, estava registrado nos livros como se de lendas se tratasse. Mas não era. Agora o compreendia, embora tivesse que fazer algumas perguntas a Cahal para esclarecer alguns termos.

E soube, em um momento de iluminação e de verdade, que ela seria dos bons para sempre, e embora duvidasse da natureza de seu especial vizinho, Cahal também era nobre e bondoso. Prova disso era que, sendo um druida, um respeitado em seu clã, ainda não tinha utilizado seus dons para fazer mal a alguém nem para submeter os humanos sob seu poder. E podia. Não importava se manipulasse a física quântica ou a magia; albergava em seu interior uma fonte incomensurável de conhecimento, e ela estava desejosa de saber tudo e conhecê-lo a fundo.

A cientista se virou e estudou seu reflexo no espelho. Era uma mulher. Nunca sentiu desejo por nenhum homem, negou-se a isso, mas com o vanirio era diferente e incontrolável. Como podia revoltar-se com sua sensualidade? Como poderia não fazê-lo?

E pior ainda. Sabendo que a estavam procurando, que já sofreu um ataque por parte dos vampiros e que o bem da Terra dependia muito desses vanirios e berserkers que ela já fazia parte, por que seu único pensamento era o de ir atrás do loiro e o morder até deixá-lo seco?

O certo era que se sentia cansada de si mesma e de suas reservas. E já estava bem. Ele a tinha convertido em vaniria e a forçou a ser sua companheira; e por sua culpa se sentia tão desesperada e vazia. Agora, que se sujeitasse às consequências.

Não tinha gostado das mulheres, mas se sentiu segura com Laila e havia realizado seus primeiros passos sexuais com ela. Deixou-se amar porque era agradável receber a atenção de alguém, embora sempre lhe deixou claro que não queria nada sério com ela e só era sua amiga.

Agora sabia que seus hormônios, os de verdade, os institivos e selvagens, disparavam por Cahal; e já não a assustava como antes, ao contrário. Esse homem era um ímã para sua progesterona.

E não ia tentar? Devia fazê-lo.

Ao menos, se ia morrer e estava em perigo, queria saber o que era a intimidade com um guerreiro de mais de dois mil anos de idade. Queria deixar para trás seu trauma e descobrir por si mesma.

Como Daimhin estava fazendo.

E como todos esses guerreiros que tinham resgatado tentavam fazer dia a dia. Já não se esconderia mais. Doeria? A machucaria? Como seria? Uma imagem inesperada dos dois nus com todos os detalhes e, entrelaçados em uma cama, praticando todo tipo de posturas a atravessou fugazmente.

Cahal, pule de minha cabeça!

O que? Nem pensar, neném. Sinto seu cheiro daqui, e te juro que quando cruzar minha porta, vou acabar enterrado em você até o punho, ouviu-me? Está me torturando, caramba! Não sente pena de mim?

Posso te tirar de minha cabeça. Sei muito bem como fazê-lo. Aprendi e posso...

Sim, blá, blá, blá... Sou superdotada blá, blá, blá... Pois faça, e faça com que eu não receba nenhuma imagem mais do que está imaginando ou do contrário também te mostrarei o quanto superdotado sou.

O cretino estava falando de seu pênis. Miz imaginou uma porta mental e a fechou com uma batida. Sim, a mente respondia às imagens figuradas. Precavida, fechou essa porta com vários ferrolhos e a assegurou com uma mesa metálica.

“Por Deus, este homem vai acabar comigo”.

Deixa de escapar, ratinha. Eu gostaria que se reunisse comigo.

Por que?

Meu irmão traz um menino vanirio que está muito doente. Demora em se recuperar.

Mas seu irmão é o curador. Se ele não pode, o que o faz pensar que outros têm a solução?

Acredita que posso ajudá-lo, tenha fé em mim. E eu quero que você nos ajude em seu diagnóstico. Conhece as substâncias que aplicavam na Newscientists, não é?

Sim. Mas não sei se utilizavam outras coisas. Comentou preocupada com a criança que não conhecia.

Recorda que vivi enganada durante... Toda minha vida? Só sei que não sei nada.

Oh, neném, como me deixa quente parafraseando o Elvis.

Miz soltou uma gargalhada e tossiu pela falta de prática. Jamais riu assim. Olhou-se no espelho. Estava mudando.

Venha quando puder, ratinha, e me ajude com o pequeno.

Claro... me dê uns minutos e desço.

E, Miz...

Sim?

Depois comeremos. Assegurou com voz inegavelmente sedutora.

Miz não respondeu a sua última mensagem telepática.

Fechou os olhos e suspirou.

Nada, nem sequer os quarks, tinham-na estimulado mais que esse homem. De Cahal não somente gostava de seu físico, mas também de seu senso de humor e sua acuidade mental. E seu aroma...

Droga, seu aroma era, definitivamente, o que a matava pouco a pouco.

O druida era uma fórmula que não tinha parecer ainda. Ao menos, não um compreensível.

A afetava a níveis que não compreendia. E isso não era o melhor para uma pesquisadora?

Sim. Estava decidido.

A ciência se apoiava nas observações empíricas, e não na fé nem nas hipóteses.

A ciência, como a matemática, nunca enganava. E ela queria saber se o sexo entre um homem e uma mulher era uma fórmula perfeita repleta de química incontestável.

Bem, tentaria por todos os meios dar uma pausa a sua fome e a seu corpo, e iria atrás do vanirio essa mesma noite.

Era valente, embora ele acreditasse o contrário. Com esse objetivo, saiu do banheiro e se meteu em seu guarda-roupa.

O que vestiria?

Cahal estava servindo a mesa. Ou fazia algo como cozinhar para ela, ou ia procurá-la e lhe arrancar a roupa.

Miz era uma dessas mulheres excepcionais que faziam com que um homem enlouquecesse e a temesse por partes iguais. Sim, era bonita. Muito bonita para ele. Mas não era essa qualidade que o deixava tão nervoso e o excitava tanto. Eram sua inteligência e aquela fachada de frieza e autodomínio. As mulheres que conheceu, todas aquelas que ele fodeu abriram as pernas na primeira oportunidade que se apresentava, eram complacentes e submissas.

Mas a astrofísica não era dessas.

Suas proteções, os escudos agudos ao seu redor, faziam impossível que um homem se aproximasse. Podia admirá-la de longe, mas nunca daria bandeira branca para tocá-la. Bem por seus medos, bem porque não encontrava uma pessoa que a enriquecesse o suficiente ou que pudesse lhe dar o que ela necessitava, a jovem loira de olhos de fada era inalcançável para todos os mortais, exceto para ele.

Porque ele era um sábio imortal e um demônio velho. E o demônio sabia mais por velho que por demônio.

E que rápido aprendia a condenada! Sua vaniria superdotada ia rir de todos os que tentavam incomodá-la. Encarou Daanna, Ruth, Beatha... Não fugia de nada. Respondia a todos com essa elegância gelada e essa honestidade que surpreendia aos demais; e o deixava excitado.

E mesmo assim, estava preocupado e não se enganava; Miz era uma pedra angular para Lucius.

Estavam-na procurando e queriam o que ela tinha: sua sabedoria, sua fórmula para abrir portais permanentes. Os vanirios e os berserkers deviam protegê-la e matar Lucius e Patrick antes que estes a encontrassem.

A campainha da porta soou.

Cahal sorriu e olhou a mesa que decorou com velas, flores silvestres e um delicioso menu. A sua garota gostaria e ele era um conquistador.

Abriu a porta e se deparou com o curador. Seu irmão Menw trazia nos braços o pequeno de três anos que resgataram de Capel Le Ferne e que não parecia recuperar-se de suas feridas nem tampouco daquela constante debilidade.

Menw o olhou com preocupação.

—Esta casa é segura?

Cahal riu.

—É óbvio. Não aparece nos radares, está protegida por uma cúpula antimísseis e, além disso, tem um sistema de reconhecimento muito avançado. Espera. — o deteve antes que cruzasse o umbral da porta. Abriu uma pequena caixa metálica embutida na parede e teclou a tela tátil. — Me deixe desconectá-lo um momento os alarmes dispararão. O menino não está inserido no cartão visual do sistema.

—Tem que me dizer quantas casas tem, cara. Não penso te perder de vista outra vez.

—Relaxe, brathair. Já pode entrar.

Carregando o menino, Menw entrou na casa dizendo:

—Não se recupera. Suas funções vitais caem rapidamente. Não sei que merda lhe aconteceu e estou frustrado.

Cahal tomou o pequeno dos braços de Menw. Era a criança ruiva de olhos azuis claros que observou no Conselho e que estava agarrando a mão de Daimhin.

—Como se chama?

—Eon. — respondeu Menw tomando seu pulso. — É a terceira vez que desmaia no dia de hoje: fica como morto, como se não tivesse bateria.

Cahal o colocou sobre o sofá marrom. O menino estava tão pálido que sua pele parecia transparente.

—Fiz transfusões e lhe dei vitaminas. Não tem nada quebrado, e suas feridas cicatrizaram, mas — explicou frustrado. — se desconecta. E não suporto vê-lo sofrer.

Cahal assentiu e acariciou a cabeça raspada do menino.

—E por que acha que posso ajudá-lo?

—Porque onde não chega a ciência, começa a magia. Seus dons despertaram, druidh.

Cahal meditou suas palavras.

Sim. Seus dons tinham despertado, mas nem sequer ele sabia quanto poder tinha agora.

—Lembra-se da flor? —perguntou Menw sentando-se ao lado do corpo inconsciente de Eon. O druida evocou essa lembrança e sorriu com melancolia. Eram pequenos e estavam no povoado casivelano, perto do rio Tamisa. Menw e Daanna admiravam a beleza de uma magnólia quando Seth chegou com todo seu ímpeto e sua soberba e a pisou com força até esmagá-la. Daanna ficou muito triste ao ver a ira de Seth e a destruída flor, e Menw não sabia como consolar à pequena. Então ele chegou.

—Seth a esmagou. —explicou Menw— Mas você chegou e se ajoelhou a nosso lado, olhando o talo partido e as pétalas quebradas. Daanna piscava para deter suas lágrimas e você lhe sorriu. Colocou as mãos ao redor da flor, fechou os olhos e sussurrou: *tha I falláinn dharíridh*. Ela está curada. E assim, ante nossos olhos, a flor reviveu: seu talo se uniu e as pétalas se encheram de vida e de cor, como se nunca tivesse sido esmagada.

—Sim. Fiz isso. —reconheceu Cahal— Esse dia disse a athair que aceitava meu dom e que seria o druida do clã. Cuidaria de todos para sempre.

—Sei. Pai estava tão orgulhoso... Sabe? Recordo isso frequentemente, esse momento não sai de minha cabeça — jurou apaixonado —, e sempre acreditei que, se pôde fazer isso com a flor, o que o impede de fazer o mesmo a uma escala maior? Estava cheio de luz nesse momento, cara. Todo você transmitia poder. Eu posso curar, eu gosto da medicina. Mas acredito que há uns limites nela. E onde eu não chego com meus conhecimentos, você pode chegar com os seus. E não me importa não compreendê-los se dão resultados.

Seu irmão era um homem sincero e nobre. E Cahal sempre o amou, inclusive mais que a si mesmo. Agora sabia por que: Menw sempre sentiu que sua capacidade de curar era menos importante que a de ser druida do clã e mesmo assim, jamais o invejou. Sempre o animou para que tentasse tudo e que seguisse exercitando sua magia. Amor incondicional, isso era Menw para ele.

—Aquele noite...

—Qual?

—A noite que estragamos tudo, Cahal. A noite da Caledônia.

—Eu a estraguei— replicou o druida— Você não fez nada. Fui eu quem matou os romanos com Lucius e Seth. Você somente entrou no povoado para ver se havia alguém com vida. Eu não. Eu desci para matar.

—Não importa. — assegurou seu irmão — Afetou os dois por igual. Eu estive dois mil anos separado de Daanna; e também o fizeram pagar. Sou seu irmão e sei que fizeram algo com você; algo relacionado com sua paixão pela magia porque, depois dessa noite, nunca foi o mesmo.

—Sim. Me foderam —apertou a mandíbula. Caramba, o tinham tirado tudo.

—O que lhe fizeram?

—Digamos que deixei de sentir paixão, em todos os sentidos. Perdi as emoções e também minha facilidade de convocar meu dom. Cada vez era mais difícil. —observou as mãos— Até que, no final, desapareceu. A magia em mim... se foi. Frey me disse que meu dom retornaria no momento em que encontrasse minha cáraid. Durante todos esses séculos, usei rituais e conhecimentos; entretanto, meu dom natural estava morto. Fingi que tudo ia bem. Mas não era assim. Ninguém se deu conta do que me acontecia.

—Eu sim. —esclareceu Menw — Seu olhar se apagou.

Não se podia enganar um irmão.

—E agora é diferente? —inquiriu Menw— Essa mulher o mudou em algo?

Claro que sim. Miz lhe devolveu as sensações e o interesse por aquilo que o rodeava. Ela era sua magia e a amaria eternamente por isso.

—É óbvio. Agora meu poder retornou.

—Mas...? —Menw sabia que seu irmão tinha medo de algo e não sabia do que.

— Mas... Não sei o quanto sou poderoso. — Ele disse. Sim, seu principal medo era ultrapassar-se e fazer com que os deuses voltassem a sacaneá-lo por abusar de seu poder. E tinha tanto que não sabia como não explodia. Sua companheira lhe deu uma brutal fonte de energia interna. Notava-o no tremor de seu corpo e na eletricidade de sua pele.

—O druidh sempre olha pelo bem do povo. — o tranquilizou — Nunca faria nada que nos colocasse em perigo.

—Por que está tão seguro? —ele não estava tão convencido. O poder acarretava responsabilidade, e dominado como estava por todas as emoções que provocava sua mulher nele, não sabia se chegaria o momento em que a euforia e a preocupação por ela o faria perder o controle— Sou uma espécie de condensador. Como um puta dínamo. Desde que bebo sangue de Miz, meu poder aumenta, e também meu desejo por ela. E não sei como diminuir essa energia que cresce e cresce. —apertou os punhos— É como se precisasse descarregar adrenalina constantemente. Às vezes, inclusive vejo impreciso, como se os objetos se desdobrassem. Há algo em meu interior que se esquentava e quer explodir. Sem ir mais longe: na outra puta noite, quando nos atacaram. Menw, cara... Acredito firmemente que poderia ter explodido Dudley com um lançamento de energia. E me assustei.

—Sério? —Menw arqueou as sobrancelhas— Bom, é normal; aconteceu-me o mesmo quando Daanna esteve em perigo. Sente que vai morrer...

—Não, caramba... Não se trata disso, não da relação de cáraids. É outra coisa que não sei explicar.

Seu irmão o estudou e assentiu com desconforto. Não sabia o que o sangue de Miz provocava em Cahal, mas sempre poderia estudá-lo. Os deuses tinham castigado seu irmão com a insensibilidade e a apatia. Poderia ser que, agora, essas emoções durante tanto tempo adormecidas estivessem superando-o.

—Se ficar mais tranquilo, amanhã podemos fazer uns testes para medir sua energia e analisar seu sangue. Enquanto isso, por que não testamos ajudando Eon? Ele precisa de você.

É óbvio. O menino necessitava de sua ajuda, e nada gostaria mais que ver como abria esses olhos azuis de novo. Era um druida. Tinha o poder de evocar a energia e manipulá-la a seu desejo. Poderia equilibrar a da criança?

Ajoelhou-se na frente de Eon e se concentrou em seu fraco coração. O pequeno vestia um moletom cinza e parecia diminuto ao lado deles.

Cahal se penalizava por ele. Agora não lhe era difícil se conectar com outros e por isso sentia a fragilidade daquele pequeno de três anos como se fosse dele. Focalizou em suas funções vitais, em sua respiração e na circulação de seu sangue. As cicatrizes de sua cabeça debilitaram suas

pernas e seu estômago se encolheu, mas isso não o impediu que se conectasse com sua essência mais pura.

Franziu o cenho.

Eon estava esgotado. Sua energia vital se apagava, e qualquer agente externo agressivo podia pôr em perigo sua vida. Não sabia por que, já que, em princípio, nem os vanirios nem os berserkers adoeciam. Mas aquelas crianças estiveram expostas a todo tipo de experimentos e substâncias e, certamente, uma dessas substâncias químicas estava provocando aquela desordem em seu corpo.

—Há algo ao redor do pequeno. Algo que tenta agredi-lo. Não sei o que é.

—Um vírus? —perguntou Menw.

—Um parasita? —a suave voz de Miz atravessou a sala.

Apareceu na porta da sala, com uma camiseta negra de alças onde se lia: “De acordo com Einstein, sou relativamente sexy.” Usava umas calças curtas de algodão da mesma cor que lhe caíam como uma luva e umas sandálias alpargatas negras. Pintou as unhas das mãos e dos pés de negro, escolhido entre a gama de esmaltes que compraram para ela as três psicopatas.

Queria mostrar-se tal e como era. Era uma mulher simples que não gostava muito de chamar atenção. Esse traje, em teoria, não devia fazê-lo. Mas parecia justamente o contrário, de acordo com os olhares que lançaram os dois vanirios.

Cahal engoliu em seco ao vê-la, e Menw se atordoou ao inalar o perfume da atração entre seu irmão e a cientista.

—Eu... — Confusa e admirada pela cena que via diante dela, assinalou com o polegar a suas costas e disse—: entrei por uma das portas de comunicação entre sua casa e a minha. — explicou aproximando-se deles e ajoelhando-se ao lado de Cahal para examinar Eon— Ficar bem? — levantou-lhe as pálpebras e tocou suas pulsações.

Cahal e Menw a olharam com surpresa, o primeiro, sobretudo. Quanto tempo estava ali? Estiveram tão concentrados no poder que evocava Cahal que não perceberam se tinham ou não observadores.

—Está muito mau. — Cahal tentou não prestar atenção ao cabelo solto e loiro de sua mulher, nem ao assustador aroma de morangos. Assim, concentrando-se de novo, encontrou a essência do pequeno. Podia aliar-se com ele.

—Realizou nele análise toxicológica? — a loira elevou a cabeça, esperando a resposta de Menw.

—Sim. Não há nem rastro de drogas. — respondeu o curador.

Enquanto isso, Cahal agarrou o dedo indicador de Eon e o mordeu ligeiramente, só para que uma gota de seu sangue caísse em sua língua e ele pudesse discernir o que realmente ocorria com seu organismo.

—Não pode beber dele! —exclamou a garota, aterrorizada.

—Não se preocupe. Deixa que faça seu trabalho, é somente uma gota de sangue. — sustentou Menw — Isso não lhe fará nada.

—Mas...

—Deixa que faça seu trabalho, atharneimhe.

Cahal fechou os olhos e deixou que a hemoglobina de Eon falasse por ele. Não era suficiente ver nada do passado da criança, nem sequer um detalhe; mas sim podia dar um diagnóstico perfeito sobre seu estado de saúde. E não porque soubesse mais que o curador, mas sim porque ele tinha o dom de trabalhar a energia de todo ser vivente e havia desenvolvido durante muito tempo a capacidade de trabalhar com os aromas e os sabores corporais, técnicas aprendidas no Oriente.

—Seu sangue tem metal. —grunhiu abrindo os olhos— Está intoxicado.

Menw assentiu com tranquilidade.

—Isso faz com que tenha graves danos no cérebro; daí essas vertigens. Não chega suficiente oxigênio nem aos órgãos nem ao coração.

—Pobre criatura... Todo seu sistema imunológico deve estar na pior. — anunciou Miz — É uma criança de vidro, precisa desintoxicar-se e descansar em uma câmara de isolamento. Que tipo de metal tem?

O druida apalpou o paladar com a língua.

—É uma combinação estranha. Parece platina e ouro, mas não o admito com segurança. E mercúrio. Mercúrio certamente.

—Por isso tem o fígado e os rins em mal estado. —se lamentou Menw— Como se intoxicou por metais pesados? Não o compreendo. — olhou para Miz esperando uma resposta.

—Não sei se na Newscientists utilizavam ou não outros tipos de tratamentos para torturar a seus reféns. — se defendeu ela. A olhava acusadoramente. — Mas sabendo o quão dolorosa é a intoxicação por metais no sangue, não duvido que não tenham posto em prática com o menino. Só para experimentar.

—Claro. — zombou o curador, olhando-a com desprezo— Só para experimentar.

Miz se levantou, com os punhos apertados aos lados dos quadris.

—Estou farta disto. Escute-me bem, doutorzinho —o fulminou com os olhos— Nunca em minha vida pus a mão sobre uma criança. Jamais! E não o teria feito embora se tratasse de crianças vampiro. Não sou um monstro.

A paixão com que se defendeu deixou o vanirio sem palavras.

—Não disse nada. —replicou Menw com os olhos entrecerrados.

Mesmo assim, o dano já estava feito; e não conheciam as autênticas consequências do envenenamento do pequeno. Mas se havia alguém que podia isolar Eon de toda a agressão externa que seu corpo sem defesas ia sofrer, esse era Cahal.

—Eon tem a aura muito fissurada — Cahal acariciou o rostinho do vanirio—, e sua energia eletromagnética está caindo velozmente devido à mesma agressão e atração que provocam os metais com todo tipo de radiação a seu redor. Não vai morrer, porque não vou permitir — esclareceu com segurança.

—Mas Miz tem razão. — afirmou o curador a contra gosto— Agora mesmo é uma criança de vidro. Qualquer ameaça em forma de bactéria, vírus, parasita ou germe pode fazer que fique ainda pior. Precisa recuperar-se. Pode ajudá-lo, brathair, sim ou não?

Cahal sorriu altivo. Claro que podia. O problema era que a forma etérea de Eon, seu autêntico ser, que era como um halo que rodeava todo ser vivo, estava completamente

desvanecida. Perdida e bloqueada, como se não se pudesse chegar a ela de nenhuma das maneiras.

Mas assim que o pequeno começasse a se encontrar melhor, certamente a aura surgiria de novo, reconstituiria-se e ele poderia ajudar a equilibrar Eon por completo, outorgando-lhe seu estado original, o mais puro.

—Vou protegê-lo e criar uma cúpula a seu redor. Desse modo, nenhum agente externo poderá debilitá-lo mais e seu sistema imunológico se recomporá pouco a pouco.

—E como pensa fazer isso? —perguntou Miz arregalando os olhos.

—Com as mãos, sabichona. E com meu dom. Observe e verá. — por Ceridwen, mataria para ver cada dia esse olhar de admiração em Miz.

O druida fechou os olhos e passou as mãos abertas por cima do corpo de Eon sem tocá-lo em nenhum momento. Concentrou-se em sua respiração, decidido a cuidar de Eon, a criar esse abrigo para ele.

—Camaigeoil Eon. Inacessível Eon. — decretou em voz baixa. Suas mãos se iluminaram e a luz que irradiavam entrou no diminuto corpo do doente. — Nada nem ninguém terão acesso a você nem a sua vulnerabilidade. Cuido de você e o oculto para que sare. Em sua cúpula está a salvo.

Miz piscou para entender o que seus olhos tão críticos e científicos estavam vendo. E não tinha palavras. Não tinha palavras para descrevê-lo. Cahal era um vanirio que podia manipular o campo energético quântico dos seres vivos. Não havia outra explicação para o que estava presenciando.

Ele o chamou de aura. Ela o chamava de campo eletromagnético quântico. E vê-lo em ação era como ver Deus agir; no caso de que Deus existisse, claro.

Esse homem tão grande e poderoso estava tratando com tanto cuidado e ternura Eon que sentiu, vergonhosamente, que sua calcinha se encharcava, que por certo, não usava. E também quis essa atenção para ela.

—Está feito. — finalizou Cahal levantando-se com orgulho. — Sabichona, o que ach... —Não pôde continuar a pergunta. O olhar que lhe dirigia Miz o imobilizou. Tinha os olhos muito claros, não piscava, estava ruborizada, suas presas apareciam brilhantes por seu lábio superior e respirava com a boca aberta. Estava tão excitada que o aroma invadiu a sala. —Porra, Menw?

—Sim? —o curador era plenamente consciente do que estava acontecendo, mas se divertia ver seu irmão tão descontrolado.

—Desaparece.

—E Eon?

—Fica comigo. — em nenhum momento perdeu o olhar de Miz, tão selvagem e nu que parecia uma fera.

—Tem certeza?

—Se vá. Agora. — ordenou seco e com a voz rouca.

Menw deu meia volta e, com um sorriso, fugiu da casa que cheirava a vinculação vaniria.

Capítulo 12

—Está bem, neném?

Miz não se atrevia a mover-se. Queria arrancar a roupa desse homem que fez magia com suas mãos e tinha cuidado de um menino pequeno e doente. Havia algo demolidor na imagem de um guerreiro protegendo uma criança; era algo romântico e platônico que estava na psique feminina, como se fosse um dos estereótipos ideais para uma mulher.

E ela não era indiferente a essa imagem.

Arrancaria-lhe a camiseta negra e essa calça negra folgada que caía pela cintura e marcavam seus quadris. Estava descalço, e seus pés eram tão sexys que até gostaria de lambê-los. Gostava cada vez mais da serpente que rodeava seu braço. Que mais havia nele que a afligia? Ah, sim: tudo.

Agora o via como um herói, muito diferente de como o viu dias e semanas atrás.

Sim. Era um herói que sofreu em suas mãos e que, longe de vingar-se dela lhe fazendo um dano irreparável, deu-lhe uma nova oportunidade; outro modo de vida, de existência.

O mundo se abria ante ela com outro prisma. E, graças a isso, assistiu algo tão incrível como a manipulação natural dos campos quânticos. Cahal podia fazê-lo sem máquinas, sem aceleradores, sem medidores... Ele podia, e isso a deixou tão a cem por cento que a roupa a incomodava.

Mas nem sequer isso era o melhor. O melhor era saber que esse guerreiro celta, um druida dos pés à cabeça, podia chegar a lhe pertencer.

Nunca foi proprietária de nada. Ser ou não ser proprietária de algo era, inclusive, um termo muito possessivo para apreciá-lo. Mas acreditar que Cahal podia ser dela, e dar-se conta de que ela, pela primeira vez, queria ser dele, esteve a ponto de deixá-la de joelhos.

“Sim. Quero prová-lo. Quero que me valorize e que me pertença”. Mas, como presumia que conseguiria isso? Não tinham muito em comum.

Entretanto, tinha muita sede e pouca ideia de seduzir; e Cahal era tão grande, tão enorme e tão chamativo... Ele afirmava que a desejava. Mas não a tratava de diferente maneira que às demais mulheres com as que encontraram. E isso a deixou com tanto ciúme.

“Gostava dela de verdade? Ou gostava somente porque devolveu seu dom? Gostava porque sou sua provisão.”

—Não pense mais. — ele deu um passo para ela, obrigando-a a olhá-lo, que não retirasse esses lindos olhos cheios de curiosidade, medo e desejo—Deixe-se levar agora mesmo, Miz.

—Não sei como me aproximar de você. — confessou, enchendo-se com seu aroma de canela— Nunca me interessei por um homem. Mal controlo minhas reações e...

Ele emitiu um som de satisfação e incredulidade.

—Eu te direi como. Não se aparte.

Cahal se inclinou pouco a pouco e desceu a cabeça até colocar seus lábios em um ângulo certo para beijá-la.

Era um cordeirinho um pouco contraditório. Por um lado estava insegura e assustada, mas, por outro, assim que soubesse e entendesse de verdade que jamais a machucaria, essa mulher ia

soltar sua leoa interior, a que ele sabia que amarrava com todas suas forças e, então, que todos os deuses celtas o pegassem declarando. Porque Miz seria igualmente metódica e apaixonada na cama quanto era fora dela, com tudo o que gostava. Miz era guerreira, tanto ou mais que ele.

—Vai fugir, covarde? —Sua boca estava a um centímetro da sua — Se acabaram os rodeios, Miz.

—Não quero fugir.

—Então, quer me provar?

—Cahal... — As pálpebras pesavam, suas palavras a envergonhavam e sua pele ardia — Deixa de me pressionar, por favor... Eu... não entendo o que há comigo...

—Se quer me provar, diga. Peça-me agora.

“Claro que queria prová-lo!”

Entendia a atitude de Cahal. Queria assegurar-se de que o que iam fazer ia ser de mútuo acordo.

—Quero... Quero te provar —afirmou aproximando sua boca da dele.

—Se aproxime mais.

Ela o fez.

—Deu alguma vez um beijo vanir?

Miz negou com a cabeça. Tremia de excitação.

—Bem. — grunhiu Cahal — Me Prove. Mostre-me como beija.

E ela não pensou duas vezes. Aproximou-se de sua viril e sensual boca e roçou seus lábios delicadamente. Girou a cabeça e se colocou na ponta dos pés para acessar melhor o beijo. Quando os lábios macios de ambos se uniram, Miz sentiu que morria e revivia em um mesmo instante. A lançava pelos ares e caía ao vazio. Esse homem era o fruto proibido.

Seus lábios insistiram, esperando uma resposta de Cahal que não chegou. Impaciente, apoiou-se em seus extraordinários ombros e se deliciou do tato de sua pele. Inclusive suas mãos sentiam prazer ao entrar em contato com seu corpo. Seus dedos queriam fazer uma onda e gozar de uma vez.

Gemeu impotente, ofegante para que ele colaborasse e demonstrasse que gostava do que estava lhe fazendo. Beijou-o tentando seus lábios superior e inferior. Queria que ele abrisse a boca, mas permanecia impassível.

—Cahal? Não vai me beijar? —murmurou sobre seus lábios, observando seus olhos azuis entrecerrados. O que havia com ele? O condenado estava deixando as coisas difíceis. Juraria que estava tão excitado quanto ela.

—Quer que a beije?

—Sim.

Elevou uma sobrancelha e esperou que Miz entendesse o que isso implicava. A jovem piscou e seus olhos de ouro e esperança se encheram de perspicácia.

—Tenho que te pedir tudo? — perguntou insegura e ferida.

—É óbvio, neném. Não quero que haja nem um maldito mau entendido entre nós porque, se me der luz verde, não poderei me deter. E quero que deixe isso claro. Esta noite foderemos sim ou sim.

Miz assumiu todas as consequências do ato. Foder era uma palavra que não gostava, mas Cahal era franco e direto quando se sentia ansioso. E ela também era. As feições do loiro estavam endurecidas pela tensão.

A cientista nunca teria podido negar-se, embora o desejasse. Seu corpo estava ativado e só o druida sabia como apaziguá-lo. E queria. Ah, se queria.

—De acordo. Beije-me. Dê-me um beijo Vanir, Cahal.

Uma fada loira de olhos verdes e que cheirava a morangos estava pedindo um beijo Vanir. E os beijos Vanir eram sua especialidade. Ele os inventou, maldição.

—Mo dolag... —ronronou agradecido e relaxando os músculos— Por fim. Venha aqui.

Todo o controle e a precaução se perderam no avassalador beijo que lhe deu Cahal. O druida afundou as duas mãos no cabelo de Miz e a reteve, aprofundando em sua boca, mordendo seus lábios e logo lambendo-o para acalmar a ardência.

—Me dê sua língua. — lhe introduziu a língua e se emocionou quando Miz o obedeceu. Com acanhamento a princípio, e com mais entusiasmo depois.

Que gosto bom tinha. Que quente e suave era sua língua.

A jovem se abandonou em seu abraço, ao modo que tinha de dominá-la, e cedeu à gostosa sensação. Pensou que teria medo, que a assustaria estar com alguém muito mais forte que ela, mas descobriu que o que mais gostava dele era isso.

Seu poder. Sua fortaleza. Seu físico. Tão duro e compacto nos lugares onde ela era magra e suave. Excitava-se porque assim decidia, e porque confiava na outra pessoa.

Isso era sexo entre um homem e uma mulher. Mas embora ela não confiasse em Cahal, seu corpo pensava o contrário.

Cahal sugou sua língua várias vezes, e Miz sentiu seus mamilos ficarem eretos.

Doía-lhe a pele... bendita natureza cheia de opostos.

—Tenho você, Miz. — agarrou-a nos braços, e a obrigou a rodear seus quadris com suas longas pernas. Colocou-a de modo que seu pênis roçasse seu sexo.

A loira fechou os olhos e mordeu os lábios com as presas.

—Não pode ser... — sussurrou impressionada— Meu corpo se esquentava cada vez mais e mais.

E esquentaria ainda mais, pensou Cahal. Beijou-a de novo, e roçou sua garganta com o nariz.

—E o que fazemos com Eon? —perguntou ela para agarrar ar.

—Eon está descansando. Dormirá um bom momento. A pergunta é: o que vou fazer com você?

Caminhou com ela até a cozinha e a colocou sobre o balcão central, jogando de uma tapa os utensílios metálicos e alguns dos pratos que preparou. Localizou-se entre suas pernas, exercendo pressão e girando os quadris. As calças de algodão de ambos não eram muito grossas e permitiam que o toque fosse hipersensível.

Cahal a reteve pelos cabelos da nuca e lambeu seus lábios prazerosamente. Miz soluçou, lutando por recuperar o contato, por provar sua língua e comer seu sabor; mas ele não permitia.

—Quieta. Agora, diga-me: o que quer que te faça?

Miz mal ouvia sua voz. Seu sexo palpitava e sabia que estava se preparando para sua invasão. Essa luxúria vaniria era um amontoado de despropósitos. Mas, a quem importava?

—Faça tudo comigo. —respondeu desinibida. — Mas afaste essa loucura de mim. É insuportável.

Cahal sorriu e desceu as alças da camiseta até que apareceram seus seios.

—Não usa sutiã? De onde diabos tirou essas camisetas? —roçou as letras brancas.

—Suas amigas. Acreditaram que... —se deteve ao sentir que ele passava as mãos em seus seios — Oh, por favor...

—O que acreditaram?

—Que me ia me incomodar usá-las. Mas eu gosto.

—Einstein pensa que é relativamente sexy? — leu excitado.

—Sim. Pensa isso.

—Einstein não tem nem puta ideia. Em você não há nada relativo. Toda você é surpreendente. E é condenadamente boa.

O druida moveu as palmas das mãos sobre seus seios balançou os quadris como se já estivesse dentro dela. Gostava muito de seus seios. Eram lindos.

—Sente-se mal por agir assim comigo? —pressionou os mamilos com força e os rodou com o indicador e o polegar. Ela se queixou, mas se deliciou com a particular carícia.

Miz não entendia a pergunta. Assim como?

—Como se fosse uma sem-vergonha? —A resposta fez que Cahal se inclinasse e metesse um mamilo na boca. E ela perdeu o fio do que estava dizendo. Segurou-lhe a cabeça para assegurar-se de que não deixasse o que estava fazendo. Ele sugou com força e torturou o sensível broto durante minutos, e dos olhos dela saltaram lágrimas. Quando acabou com ele, olhou o outro com desejo— Cahal...

—Não é uma sem-vergonha por querer estar com seu companheiro e aceitar o que eu quero te dar. — jurou, metendo o outro mamilo na boca. Deixou-o vermelho e inchado, e tão estimulado que inclusive palpitava— Eu não gosto que desvalorize isto. Não é nenhuma fogosa.

—Poderia te dizer que discordo, mas... Agora mesmo não saberia argumentar minha postura. — refletiu com sua esmagante lógica.

—Que fria é... parte meu coração —brincou ele— Sua postura é a correta, veja? —Abriu-lhe mais as pernas e se esfregou contra ela, com força e golpeando o ponto exato— Quer gozar, Miz?

A loira tentou abraçá-lo, ocultar seu rosto para atenuar sua sensação de exposição; mas o druida queria tudo, e não permitiria que se escondesse.

—Nem pensar. — voltou a puxar seu cabelo e inclinou sua cabeça para trás. — Passei séculos esperando isto. Não vire o rosto. — com a outra mão desceu sua bermuda de algodão e a deixou completamente nua. Seu sexo brilhava pelo creme de sua excitação.

Os olhos azuis de Cahal se cravaram no meio das pernas lisas. Suas presas explodiram em sua boca e suas narinas se dilataram pelo afrodisíaco aroma.

—Miz? —Esperou seu convite fazendo pequenos círculos sobre o início de sua fenda.

—Maldito seja. — ia fazê-la suplicar— Sim. Sim, toque-me!

Cahal a beijou e, ao mesmo tempo a acariciou entre as pernas.

—Oh, droga. — lamentou dela, tomada de tremores que anunciavam um êxtase ensurdecedor. Deu-se conta de que tinha uma convicção paupérrima. Essa mesma manhã disse que não conseguiria tirar dela mais que seu sangue e que sua relação não podia ser sexual; inclusive tinha assegurado que não ia gostar de beber dele. Agora estava de pernas abertas, morta de vontade por lhe cravar as presas; e o melhor era que jamais se sentiu tão bem. Sentia no mais profundo de seu ser que isso era o correto. Como podia ser? Cahal lhe introduziu dois dedos sem avisar. Ela cravou as unhas nos ombros dele e lançou um grito de prazer e de surpresa.

—Abra os olhos e olhe-me. — ordenou com voz dura.

Ela o fez e... Pam! Gozou. Assim, sem mais. Como se esse homem soubesse o que tinha que fazer e em que lugares devia pressionar para que ela chegasse ao clímax rapidamente.

Perdida, balançou-se contra sua mão, adiante e para trás, e apreciou o toque dos dedos de Cahal em seu interior. Como os movia, como a apertava...

Deus. Que libertador era aquilo.

Ele os extraiu de seu interior e baixou as calças até o meio das pernas. Tampouco vestia cueca, assim sua ereção saiu propulsada para frente.

Miz ainda se estremecia pelo orgasmo quando sentiu que algo enorme a media em suas partes mais íntimas.

—Não, não... Espera um momento. —tentou afastá-lo, mas ele era muito forte.

—Disse que não me pararia.

—Não quero pará-lo! —gritou assustada— Mas é que... É muito grande! E isso não pode... É que não pode... É impossível que entre, Cahal. A sério. — negou com a cabeça.

Recordou o filme absurdo que viu uma vez, A Coisa Mais Doce, e lhe veio à mente o refrão da canção: “Não, não pode caber aqui... Não pode caber aqui...”. Impossível.

O druida se enterneceu por ela. Essa Miz dúbia e insegura era nova para ele. Estava tão bonita ali sentada, úmida, ruborizada e cheia de suas marcas nos seios, que não queria perder mais tempo. Precisava introduzir-se em seu corpo.

Cahal a empurrou brandamente para que se estirasse sobre a mesa, muito fria ao tato, sensação que Miz agradeceu.

—Vai me machucar, druida? Eu nunca...

—Não é virgem, não é? Não tem hímen...

—Não! Não sou. Eu fazia hipismo e... Bom, acontece isso com as amazonas. Às vezes, o hímen se rompe sozinho.

Cahal sabia. Tinha visto Miz cavalgando.

—Mas nunca estive com um homem. E muito menos provei algo assim. —Desceu os olhos por seu musculoso corpo até depositá-los em seu pênis. Mãe do amor formoso, não podia ser real. Era grosso e longo, muito grande, muito... inchado.

—Neném, vai me matar se me olhar assim.

Miz observou que tinha o prepúcio úmido e rosado.

Cahal agarrou seu pênis e voltou a colocá-lo na sua abertura. Tinha vontade de chorar de alegria.

Milênios sem desfrutar do sexo, fodendo toda mulher que tivesse diante, esperando que, por um milagre, encontrasse sua cáraid entre elas. Nenhuma lhe serviu.

Exceto Miz. A mais má. A mais inteligente.

A loira escureceu o olhar e sorriu com malícia.

—Esteve com tantas mulheres? —grunhiu repentinamente. Isso a matava. Ofendia-a e feria-a— Não perdeu tempo.

—Procurava você.

—Entre as pernas de outras? —Rodeou sua cintura com as coxas e cravou os dedos em suas nádegas rígidas. Odiava isso. Sentia raiva e ira ao saber que Cahal esteve com outras mulheres; mas não importava, não? Agora estava ali com ela.

—Você também esteve com outras mulheres, neném, e não estou com ciúmes por isso.

—Sabe perfeitamente que não é o mesmo. É ridículo que faça essa comparação. E o que eu fiz com Laila...

—Não importa. Não sabe como eu gosto de cheirar o ciúme em você. Mas não tem que temer a nada, Miz. —se impulsionou para frente e se empalou pouco a pouco, centímetro a centímetro. — Só existe você de agora em diante. Sente-o? Sente como me meto em você?

Miz elevou uma mão, agarrou-o pela nuca e o inclinou para ela.

Sim importava!

Cahal ia beijá-la nos lábios, mas ela deu uma de cobra, e aproveitou para mordê-lo, abrir a boca e lhe cravar as presas na jugular. Bebeu até fartar-se e acompanhou os sorvos com as agudas estocadas de Cahal.

Sim que importava. Outras mulheres o tocaram e apalparam. O ciúme e ela não eram compatíveis. Não sabia como lidar com ele porque nunca experimentou essa sensação de propriedade por alguém. E embora soubesse que não ia fazer-lhe nenhum bem, sim que queria ler em seu sangue o que o druida fez antes de conhecê-la. Porque era uma masoquista.

Não tinha muita experiência. Cahal a estava penetrando sem perdão, e seus músculos internos ardiam. Mas eram uma dor e uma sensação bem-vinda. Nunca albergou nada tão grande. As tentativas com Laila foram superficiais e não incluíam penetrações. Nem muito menos como essa que estava sofrendo seu pobre sexo nesse momento.

Por favor, esse homem se metia tão dentro que o sentia até na garganta.

Cahal e ela eram muito parecidos. Ambos tinham desejado algo que não encontravam em ninguém. Mas havia uma grande diferença no modo de proceder de cada um: ele transou com um exército de mulheres só com o objetivo de encontrar àquela que lhe devolvesse o dom, sem importar se sentia ou não sentia algo por essa pessoa.

Enquanto Miz bebia, via cada uma dessas mulheres. Centenas e centenas de fêmeas passaram por sua cama. As coisas que faziam... O que gostava... E embora sentisse que ele não foi feliz com aquilo, não lhe doía menos. Rasgava-a ver tudo isso. Tantas mulheres nuas; algumas contra uma parede, outras na cama, atadas, no chão, penduradas em... aquilo era uma vara? Em todos os lados, em milhares de posturas. E todas o beijavam. E ele aceitava seus beijos.

Sem poder se controlar, seus olhos se encheram de lágrimas e insultou mil vezes a si mesma por ser tão estúpida. O que esperava? Que esse playboy imortal que estava entre suas pernas tivesse tão pouca experiência sexual quanto ela? Por que sentia que a tinha traído?

Ofendida por suas lembranças, desencravou as presas dele.

Cahal tinha agido assim. Era uma realidade que não podia apagar.

Mas ela não tinha agido igual.

Optou por compartilhar seu tempo com mulheres, porque os homens lhe davam medo, não porque não gostasse nem fossem atraentes. Agora o entendia. Mas Laila sempre quis mais que toque e carícias, e ela nunca cedeu porque não queria feri-la. Jamais se apaixonou por Laila, sobretudo porque, quimicamente, seu corpo não reagia a ela. Gostou dela como amiga, isso sim. Mas depois de tudo, nem sequer sua amizade foi real.

Pelo contrário, o que estava fazendo o vanirio em seu corpo era. Miz via as estrelas, pela dor e pelo prazer. Jamais pensou que se excitaria com a sensação de ser estirada desse modo. Mas o fazia. E quanto mais ele penetrava, mais se umedecia ela.

—Miz... É pequena. Está muito apertada.

—Não me diga... — grunhiu contra seu ombro. — Oh, por favor! Não pare!

—Não quer beber mais?

—Não. Já tive suficiente. — Sim. Não queria ver essas coisas que a incomodavam. Não tinha nada que fazer contra os séculos de celibato do vanirio, nem tampouco tinha nenhum direito de recriminá-lo em algo.

Cahal sorriu secretamente. Retirou-lhe o cabelo loiro do pescoço, e o expôs a seus olhos.

—Vou me colocar muito profundo. Por completo, neném. Vai ficar louca. Está preparada?

—Para que?

—Para isto.

Ele a mordeu e a penetrou com força e até o fundo. Miz tentou relaxar, mas não podia: era como se estivesse lhe fazendo um lifting vaginal. Se esse homem tivesse ordenado que se movesse, ela só poderia ter movido os cílios. A dentada e a ardor entre as pernas a deixaram louca e a converteram em gelatina, em uma boneca sem voz nem voto que unicamente aceitava tudo o que ele pudesse lhe dar. Encadeou um orgasmo atrás de outro enquanto bebia dela, e por um momento acreditou que morreria. A pequena morte, o chamavam. Cahal sentia que o oprimia. Oprimia seu pênis, sua alma e parte do coração. Miz não estava se entregando a ele, não como ele desejava. Mas estava se oferecendo como nunca o fez e isso o satisfazia muito.

Puxou-a pelos quadris e se abandonou ao prazer, impulsionando em seu corpo como uma máquina. A cozinha se encheu de aromas mesclados. O sexo tinha um especiado, muito particular, que os excitava mais.

Cahal levantou os quadris de Miz e empurrou para dentro ao mesmo tempo que deixava cair a cabeça para trás, rugindo como um animal, deliciando-se de um incrível e eterno orgasmo. O melhor e mais especial que jamais teve.

Seus corpos suarentos continuavam colados. Ele a esmagava contra a mesa e ela lutava por respirar, ainda rodeando sua cintura com suas pernas. A virilha ardia, e se sentia dolorida internamente.

Cahal acariciava seu cabelo, e respirava com o nariz colado ao seu pescoço. Lambeu as incisões da dentada e notou como seu útero era vítima de novos espasmos.

O corpo de sua companheira. O corpo de uma deusa.

Sua vaniria recém-nascida era incrível.

Miz tinha os olhos dilatados e cheios de lágrimas cravados no teto. Tentou fazer uma análise do que era a copulação entre eles, entre vanirios. Mas não encontrava palavras para descrevê-lo.

Se acreditava na magia, não ia ser nem pela história dos deuses, nem pelo fato de que Cahal pudesse manipular os campos quânticos, nem pelos dons que pudessem ter... Acreditaria na magia pelo modo que tinham os vanirios de se conectar, de fazer amor. Um era parte do outro. Nada ocultava ao companheiro, tudo se via na troca. As almas e a energia de ambos se entrelaçavam, construindo uma conexão única e indefinível.

Estava tão sobressaltada que se sentiu humilde pela primeira vez. Era uma mulher superdotada, mas permitir que Cahal fizesse amor com ela revelou que não sabia nada. Nada de nada.

Liberou suas nádegas pouco a pouco. Tinha enfiado as unhas nela, e menos mal que não as usava longas. Ele contraiu o traseiro e ela gemeu ao notar seu enorme membro salpicando de novo em seu interior.

—Cahal.

—Hum.

—O teto está cheio de coisas.

O druida levantou sua sonolenta vista e sorriu ao dar-se conta de que absolutamente todos os utensílios que havia sobre o mobiliário estavam imantados ao teto. Sua energia, a energia da copulação, provocou um vazio de gravidade; por isso frigideiras, panelas, pratos de comida, conchas de sopa, facas e tudo o que não estivesse conectado a uma fonte de alimentação, saiu disparado e perdeu gravitação, como se tratasse de uma câmara espacial.

—Somos dinamite, neném. Percebeu? Fazemos com que tudo a nosso redor salte pelos ares.

—É tolo... Cahal? —acariciou suas costas. Nem sequer tirou a camiseta. Tanta pressa teve?

—Hum?

—Ejaculou dentro de mim.

—Uf, sim... — Se ergueu, apoiando-se em um cotovelo. Acariciou-lhe o ventre com um dedo e o penetrou em seu umbigo— Um montão de esperma para você, neném. Pequenos mini vanirios revoando por suas trombas. Imagine-os com minha inteligência suprema e seu corpo de Barbie. — Cahal adorava provocá-la e pegar no seu pé.

Há! Que bonita resposta! Miz puxou o lóbulo da orelha dele com força.

—Olá? Isso não é nada sadio. Nada sadio. — Um mini vanirio? Com os olhos de Cahal, o cabelo loiro, uma covinha em seu queixo, seu senso de humor e seu cérebro... o dela, claro. Enterneceu-se ao pensar nisso. Como gostava de crianças! Sempre quis tê-las... Pensava tê-las quando fosse um pouco mais velha. Marcou como data os trinta e quatro. E o teria feito in vitro, claro, porque não queria que um homem a tocasse... Menos ele. Menos Cahal. Por favor, já não raciocinava bem. Como ia querer ter filhos com ele?

Ele sorriu com mais vontade.

—Os vanirios não adoecem nem contagiamos nada. Não se preocupe.

—Não digo por isso, zigoto. É uma falta de consideração à sua companheira; nem sequer me perguntou. Menos mal que hoje não é um dia provável para uma gravidez...

—Não formulava mais de três palavras seguidas e mal me ouvia. Estou convencido de que se tivesse proposto colocar uma camisinha, você a teria associado com uma boina.

—O lerdo nesta equipe é você, não eu.

Cahal soltou uma gargalhada e retirou docemente uma mecha de cabelo loiro dos seus olhos.

Ficaram em silêncio.

O druida soube. Nunca foi mais feliz que naquele momento, sepultado até o punho no interior de sua mulher. E também soube a verdade de Miz: queria ter bebês no futuro. E não tinha explicado que vanirias custavam procriar. Podiam ficar grávidas, mas o estresse ao que eram submetidas por parte da fome vaniria trazia consequências. Como aconteceu com o bebê de Iain e Shenna fazia umas semanas. Seu irmão Menw esteve no parto e tinha explicado. Deirdre tinha morrido na barriga de sua mãe.

Esse fato seria outro inconveniente mais para sua relação. Tinha-a convertido sem sua permissão, tinha-lhe tirado o sol e, além disso, possivelmente, nunca poderia conceber. Miz sempre jogaria-lhe na cara essas coisas. E ele reconhecia seus erros, mas não queria ser o culpado de sua tristeza. E seria.

Agora, conseguiu que cedesse à intimidade com ele. Mas desejava algo mais. Desejava que também lhe abrisse seu coração. Que se mostrasse tal como era.

Ainda não saiu neles o nó perene. Os deuses não os ataram.

Lamentando-se pela situação, retirou-se para deixá-la respirar e colocou uma mão a cada lado de sua cabeça.

—Eu a machuquei, boneca?

Miz o olhou com curiosidade. Havia uma expressão muito terna em seu rosto.

—Está dentro ainda?

—Droga, claro que sim. — jogou os quadris para frente e se excitou de novo.

—Então me deixou insensível. — sorriu. Estava zombando dele.

Cahal arqueou suas sobrancelhas e curvou os lábios para cima.

—A cientista sabe fazer brincadeiras.

Miz deu de ombros.

—Sim.

—Gostou de transar comigo? — perguntou, sabendo a resposta de antemão. Não obstante, queria ouvi-la dizer.

—O que você acha? Além disso, aposto que se colocou em minha cabeça e averiguou.

Ele a puxou pelo queixo e a imobilizou, cansado dessa resposta.

—Não importa. Isso não importa, Miz. Tudo isso garante é que não pode me enganar. Mas quero ouvi-la dizer isso.

—Tem muito ego. — replicou ela.

—Só quero que me admita isso. Deixarei de me preocupar quando me disser isso.

Ela piscou e sem afastar o olhar dele disse:

—Não sei se sempre é assim, mas... Oh, Deus do falo, gostei muito. —se ergueu pouco a pouco e o acariciou com suas paredes internas. Jogou o pescoço para trás e olhou o teto, curiosamente decorado. — Estou convencida de que os homens não têm isso você tem entre as pernas. Mas também sei que não é todo seu e que é um atributo dos deuses. — cravou o olhar em um par de conchas de sopa metálico.

—Não me aperfeiçoaram. Eu já era assim. — apertou-lhe as nádegas. Queria fazer amor com ela de novo.

—Oh, venha já — o empurrou para que saísse dela. — É tão convencido... aposto que deixava todas loucas.

—Existem dois tipos de mulheres, neném: as que me amam e as que ainda não me conhecem.

—Que pena que não recorde o nome de nenhuma delas. — espetou. Se voltasse a falar assim, cortaria seus ovos. Simples assim. Certamente que muitas o adoravam por ser travesso e descarado. Mas duvidava que todas as mulheres às que se beneficiou o recordassem com carinho. Não havia apreço em um coração quebrado, só ressentimento. — Isso que há aí é uma pizza? — Assinalou algo disforme de massa e tomate que foi parar ao lado de uma janela.

Sim. Era uma pizza. Mas ele não queria falar sobre o que repousava no teto. Ele queria voltar a fazê-la gozar. E queria fazê-la gritar de verdade.

—Sim, é.

—Quero-a.

—Depois.

—Mas eu tenho fome agora. — protestou, enquanto ele a deitava outra vez no balcão.

Queria transar outra vez. Queria fazer sempre, mas tampouco queria parecer uma desesperada. Devia mostrar um mínimo de dignidade e domar essa novata fera ninfomaniaca que rasgava-lhe a pele. Seria uma viciada eterna no caso que, finalmente, aceitasse ficar com ele.

—Eu também tenho fome. Por isso pode me morder tantas vezes quanto quiser, que eu — a penetrou com força e a mordeu no ombro — farei o mesmo.

Fizeram-no duas vezes mais, as duas sobre o balcão. Miz não podia, nem queria, detê-lo.

Cahal era um homem muito grande, muito bem dotado, e fazer amor com ele era um pouco incômodo a princípio. Mas depois... Depois era como estar em outro mundo.

Tudo a enlouquecia: seu aroma, seu modo de beijá-la, sua maneira de acariciá-la, sua dor... E o quão intenso que era. Como a olhava, como se não houvesse ninguém mais no universo. Só ela e seu corpo.

Desconhecia a força dessas emoções, a paixão de seus instintos... mas estavam ali.

Nele. Nela. Quando estavam juntos. Na terceira vez, depois que chegaram ao clímax, Cahal a agarrou nos braços e a levou a chaise longue marrom que havia do outro lado da sala.

—Fique aqui. Eu me encarrego de tudo.

Miz não tinha forças para protestar, assim que se abandonou a seus cuidados. Observou todos seus movimentos com atenção. Ele subiu as calças, olhou tudo a seu redor e começou o espetáculo.

Movia-se a uma velocidade supersônica: cobriu Eon com uma manta vermelha; dirigiu-se à cozinha, e ali organizou e limpou tudo; preparou alguns pratos de comida em tempo recorde e tirou um par de bebidas do freezer.

—Esta casa não era circular. —observou Miz— Mas cobriu os cantos e os curvou.

Cahal carregava os pratos como um garçom experiente. De seu antebraço pendurava um paninho azul escuro. Sentou-se a seu lado e pôs a bandeja sobre a mesa que havia ao lado da chaise longue.

Olhou-a fixamente e ela sorriu confusa.

Com toda naturalidade, abriu as pernas de Miz brandamente e passou o pano úmido entre as pernas.

—O que está fazendo? —perguntou sobressaltada.

—Estou cuidando de você, mo dolag. —deixou o pano uns segundos sobre a carne inchada e avermelhada, e esperou que ela relaxasse— É isso.

—Dá-me vergonha. — era muito íntimo.

—Acostume-se. Eu gosto de cuidar do que é meu. E isto é meu. — apertou o pano contra ela, e ela tremeu.

Apoiou a cabeça no respaldo do sofá e o olhou entre seus espessos cílios. Palavras como meu e seu não tiveram significado anteriormente, mas agora ganhavam força dentro dela, assentavam-se em sua mente e também em algum lugar quente de seu coração. Deu-se conta de que queria algo único para ela. Ser necessitada de um modo louco, como parecia que Cahal a necessitava. Como sabia que ia necessitá-lo se continuassem juntos.

Era bom ou mau? Seria perigoso dividir-se desse modo para querer o vanirio de olhos mágicos? Não sabia o que era o amor. Não tinha nem ideia. Mas poderia parecer-se com o desejo que sentia quando não estava perto dele e à plenitude que gozava quando ele a tocava ou falava mentalmente com ela.

—Os celtas keltois como eu, os que seguem os costumes arraigados de nossos ancestrais, seguimos acreditando na natureza do círculo. Os planetas, nossa terra, nossas células e os astros que nos regem são circulares. A natureza nos diz que as formas devem ser suaves. E eu escuto a natureza. Meu irmão, por exemplo, tem muitas casas, como eu. Mas nem todas são circulares em seu interior. Não o importa. A mim sim. — retirou o pano úmido, inclinou-se e lhe deu um beijo doce e consolador em seu sexo. Ela gemeu e se afastou intimidada. E ele soube que essa mulher ia gozar tanto no sexo oral como ele o faria com ela. — Sinto muito tê-la machucado.

Miz piscou. Quando Cahal falava, ela se maravilhava e se deixava envolver por sua masculina voz.

—Não se preocupe. Estou bem. —Tinha tanta vontade de perguntar coisas sobre seu passado, sobre sua cultura, que não sabia por onde começar.

—Me pergunte o que quiser, Miz. — agarrou a bandeja com pizza e levou uma porção à boca.

—Quando bebi de você conscientemente — ressaltou minuciosa—, vi um povoado com choças redondas. Havia um rio perto e muitas crianças ao redor. Depois, vi também um casal, acredito que eram seus pais. E vocês... Vocês eram importantes no povoado. Muito respeitados.

Eu gostaria que me contasse de onde vem. Não em quem se converteu depois da chegada dos deuses Vanir. Quero saber quais são suas raízes.

Seu interesse deu asas a Cahal. Sentia-se feliz.

—Sim. — Lhe deu pedaço de sua pizza e esperou que a mordesse. Quando o fez continuou: — O que viu foi meu povoado. Antes éramos trinovantes, mas com a chegada do rei Caswallawn, o filho de Beli Mawr, convertemo-nos em casivelanos. Nosso povoado estava ao norte do rio Tamisa, muito perto dele. —Agarrou um par de tomates recheados de queijo cobertos com umas tiras de cenouras e ofereceu um a Miz, que devorava o pedaço de pizza como se fosse o fim do mundo. — Minha mãe era curadora e meu pai era o druidh. Ambos eram a base do clã, como guias espirituais.

—Como se escolhe quem é druida e quem não? —mastigou o tomate com prazer e encolheu os pernas, olhando-o com atenção— De onde vem seu dom original?

— Senaceconeldon. —levou a mão ao seu peito e ela se esfregou contra ele. —Temos a geasa, a magia dentro; a uns sai e a outros não. Meu irmão Menw se inclinou pela cura e eu me inclinei pela magia. Antes de meus pais nascerem, as pessoas com dons mágicos se chamavam filidhs; meus tataravós eram um deles. Tinham muito poder, conheciam todas as leis, recolhiam a história dos clãs e executavam magia. Mas alguns desses filidhs dos clãs bretões exigiam privilégios por isso, e o Rei Conor Mac Nessaos privou-os de seus poderes e os inabilitou para utilizar a magia, pois temiam que houvesse uma rebelião. E os obrigaram a dividir-se em três castas: os filidhs, os brehons e os druidhs.

—Li uma parte do livro de Ballymote. — reconheceu lambendo um pingo de queijo que ficou no indicador. Cahal se adiantou, agarrou sua mão e levou seu dedo à boca. — Ah... O livro se chama Agallam an da Suadh, o diálogo dos sábios.

—Informou-se, sabichona? —devolveu-lhe a mão e atacou outro pedaço de pizza.

—Claro, a curiosidade me matava. Nele diz que os brehons administravam as leis e os druidhs manipulavam a magia e as ciências ocultas. Seus tataravôs foram druidhs puros?

—Sim. E os tataravôs de Beatha foram brehons. Pelo contrário, os de Gwyn eram filidhs relegados somente à transmissão oral de sua cultura. Eram poetas. Ou bardos, como prefere. — se apoiou no sofá e exalou. — Escutar Gwyn cantar me entusiasmava.

—Por isso sua filha Daimhin tem seu dom. Daí seu nome: barda. — assimilou — Eu também a escutei cantar no Conselho, e sua voz me destroçou — coçou os joelhos e apoiou o queijo neles. Olhando-o de soslaio perguntou—: E como...? Como... — Moveu a mão esperando que ele entendesse a pergunta. — Como sai seu dom? Agora é vanirio, mas antes não. A geasa que falou... Como saía? De verdade os druidas foram mágicos? —sabia que a pergunta picaria Cahal e por isso a fez. Gostava que ele replicasse.

—Com os sacrifícios, é óbvio. — respondeu solenemente. — Sacrificávamos mulheres e crianças, executávamos aos machos caprinos e a nossos animais —sorriu inclemente— e banhávamo-nos com seu sangue. Assim nos vinha a geasa. Isso está no livro que pegou na biblioteca e que leu em menos de meia hora.

Claro. Cahal tinha visto essa lembrança recente em seu sangue.

—Ah, não é verdade? Pois menos mal, porque pensava que tinha um vizinho sádico.

Cahal riu.

—A geasa... Não posso explicá-la, porque não sei: posso encontrá-la em meu reflexo na água, nas nuvens, na linguagem dos pássaros, nas plantas, no que me diz o vento... Simplesmente, vem para mim. Rodeia-me.

—Rodeia-o agora, porque antes disse a Menw que seu dom tinha ido embora.

—Escutou tudo o que disse a meu irmão?

—Sim. Sou pesquisadora; tenho alma de perguntadora. Por que aconteceu isso com você? O que fez para que Frey tirasse seus dons?

O druida assentiu e estendeu o braço para pegar uma garrafa de vidro com uma etiqueta negra que pendia do pescoço. Na frente exibia uma boca aberta estampada em um escudo negro e vermelho. A boca tinha presas superiores mostrava a língua ao estilo Rolling Stone.

—Não viu em meu sangue nada do que aconteceu? — a tampa de cortiça fez plap! E, seguidamente, bebeu da boca da garrafa.

— Tenho muitas imagens em minha cabeça e as estou ordenando pouco a pouco. Veem em turba e me confundem.

—Está bem, mo dolag. — acariciou-lhe a bochecha e deu outro gole. Limpou o líquido dourado do canto dos lábios e ofereceu a garrafa a Miz, mantendo-a no alto até que a aceitou— Nosso povoado foi atacado traiçoeiramente pelos centuriões romanos. Meus pais predisseram o ataque mediante as runas, mas não puderam ver o momento exato no qual ia acontecer. Um dos membros de nosso clã nos traiu e entrou no povoado enganando o vigia, que era Caleb McKenna, o qual substituíra a seu pai porque não se encontrava bem. Emboscaram-nos. — sussurrou com raiva contida. Ainda recordava o olhar de seu pai cravado nele. Atormentava-o o modo como seus olhos foram perdendo a vida. E lhe perseguiram suas últimas palavras. — Queimaram nossos chakras, e mataram todos os guerreiros do clã. Nossos pais... Os assassinaram diante de nós. Levaram as mulheres para prostituí-las e entregá-las às tribos e aos clãs que rendessem homenagem a Roma. E esperavam nos levar com eles... Mas, graças aos deuses, conseguimos escapar. Thor MacCallister nos liderou e fugimos para os bosques.

—Sinto muito. —disse afetada— Por todos.

—Aconteceu faz muito tempo. Muitíssimo.

—Mas a memória não esquece. E não há dia que não recorde como mataram a minha família. E já passaram muitos anos disso. —reconheceu com sinceridade.

— Somos a soma das experiências que vivemos e tudo nos afeta, de um modo ou de outro.

—Sim. É verdade. Logo os caçamos e os matamos, Miz. E, embora estivessem mortos, ainda tinha vontade de voltar a lhes arrebatá-los a vida.

—Não se sentiu melhor?

—Sim. É óbvio que sim. Mas teria me encantado alongar sua agonia. O problema é que a ira, quando arde, é destruidora e arrasa tudo. Mata e ponto. — Apreciou matar a todos os romanos do clã de Gall. A todos e cada um deles. Mas, se tivesse sido mais metódico, poderia ter apreciado mais.

—Não há prazer em provocar a morte, Cahal. Não acredito assim.

Ambos ficaram se olhando em silêncio. Um silêncio espesso cheio de verdades e de reconhecimento. Ele a matou para que revivesse convertida em algo diferente.

Cahal apertou a mandíbula, sentindo-se culpado por isso. Miz pigarreou e deu um gole na garrafa.

Fechou os olhos e alongou o gole além da conta. Que tipo de bebida era essa?, pensou estudando a etiqueta negra.

—É hidromel. — respondeu Cahal — Vanir D'Mellis. Hidromel Vanir D' Mellis. —repetiu.

Ela arregalou os olhos e sorriu.

— A bebida dos deuses e dos celtas.

—A bebida dos Vanir, bonita... E dos vikings, que nos roubaram a receita. Fabrico esse hidromel e vendo por todo o mundo.

—De verdade? Está muito gostoso.

—Sim.

Miz bisbilhotou o logotipo com a boca aberta e as presas reluzentes.

—Como não... Uma boca vaniria.

—É um modo de dizer ao mundo que existimos de verdade. Que estamos aí, embora eles nem sequer imaginem. —Sim. O mundo compraria e beberia algo que um vanirio imortal elaborava. Esses humanos que ele odiava e amava ao mesmo tempo, viviam em um escuro túnel no qual eles mesmos estavam encantados em saber. Tão egocêntricos que não viam o universo cheio de magia que os rodeava. Eram estúpidos.

Miz lhe devolveu a garrafa.

—Vi que tatuavam os corpos e os melavam de barro.

—Nós demos origem à lenda dos pictos. — Cahal deu outro gole. — Somos os pictos originais. Dizem as lendas que eram guerreiros que se seguiam magia negra. Não foi assim. O druida mais puro do clã era eu; eu era o único que conhecia as artes mágicas. Mas nos bosques tinham aliados que eram alguns dos descendentes dos filidhs originais que se negaram a prescindir de seus poderes, desafiando a ordem de Connor Mac Nessa, e convertendo-se em proscritos. Nos deparamos com uma tribo de treze caledônios adolescentes. Os filidhs dos bosques estavam com eles; ajudaram-nos e criamos uma tribo única.

—Ali encontraram com Lucius. Ele era o líder desse grupo. — entendeu encaixando todas as lembranças que foram chegando a ela. — Um ano depois da emboscada, Caswallawn morreu pelas mãos do exército de Roma, mas os romanos não puderam com uma parte da Britânia. Vocês.

—Exato. Os rebeldes. — arqueou as sobrancelhas satisfeito consigo mesmo. — Vivemos nos bosques muitos anos; mas um dia, o druida do clã recebeu uma mensagem. — explicou sem sentir-se muito orgulhoso.

—Você a recebeu. —não era uma pergunta— Em seu sangue vi imagens de runas; sempre caíam as mesmas. Estava sentado frente a um fogo e...

—Sim. Sempre que atirava as runas me saía a mesma mensagem. O vento me falava de mudanças, e a natureza me dizia que ia ser mais eterno que ela. E eu não entendia a que referiam-se. Até que as runas me indicaram o que tinha que fazer. Recebi a mensagem e a dei ao clã: trinta e três pictos se dirigiram a Stonehenge para contatar com os deuses. Ali nos transformaram e nos

deram dons e debilidades porque, como Connor MAC Nessa e Beli Mawr, não os interessava ter seres quase tão poderosos como eles, que fosse um dia se rebelar contra eles. A única ordem que devíamos obedecer era que nunca intercedêssemos na vida dos humanos, pois tudo tinha seu curso e sua razão de ser. Encarregávamos-nos de velar por eles nas sombras, no anonimato. Os deuses fizeram-nos fracos ao sol e nos mataram de fome, até que encontrássemos a nossas cáraids, nossas companheiras de vida. Elas seriam a solução a nosso conflito.

Ele odiava em grande parte ter sido o receptor dessa informação, porque mudou a vida de todos; e nunca saberia dizer se tinha sido para bem ou para mau, porque era certo que eram imortais e tinham poderes. Mas a imortalidade acarreta muitos sacrifícios, consequências irrevogáveis e a cruz da fome eterna.

—E durante tantos séculos você aguentou essa sede que dizem ter?

—Não, exatamente. Eu não tinha sede porque os deuses decidiram me castigar por algo que fiz.

—Deram-lhe o dom e o tiraram?

Bebeu outro gole mais de hidromel.

—Na mesma noite que nos transformaram, Seth, Lucius, Menw e eu fomos a Caledônia, que havia tornado a ser atacada pelo exército de César, e decidimos fazer a lei por nossas mãos. Supunha-se que devíamos exercitar nossos recém-adquiridos poderes, mas decidimos empregá-los de outro modo. Éramos keltois ainda, e odiávamos os romanos. A transformação não suprimiu as ânsias de vingança e, por isso, massacrados todos os soldados que estavam ali presentes. Eles tinham feito mal como fez a nosso povo e não podíamos permitir mais crueldade.

—E pagou crueldade com crueldade.

Sim. Aquilo era olho por olho. Mas, passado o tempo, ainda não se sentia culpado daquilo.

—Suponho que sim. Lucius e eu fomos os mais beligerantes. Seth nos seguia e Menw, simplesmente, queria me vigiar e curar tudo o que estivesse com vida. — sorriu com tristeza — Todos pagamos por nosso erro. A Menw fizeram uma grande sacanagem com sua cáraid, Daanna. E me tiraram a capacidade de me emocionar e me apaixonar por algo. Arrebataram-me a sensibilidade emocional e física. E, por esse motivo, meu dom druidh minguou e desapareceu. Porque meu dom está intimamente relacionado com minha paixão e minha sensibilidade. Sem isso, estou perdido. E assim passei mais de dois mil anos. O melhor de tudo foi que a insensibilidade fez que não sofresse a sede da que todos falavam, embora tivesse que fingir que também a passava.

—Não sentia o tato? Não sentia nada? —E então o que tinha feito com todas essas mulheres? — Todas as mulheres com quem transou... — murmurou brincando com a pele do sofá.

—Meu corpo se excitava e não sabia por quê. Mas não sentia nada, Miz. Zero.

A cientista alegrou-se ao ouvir isso. Elas não puderam dar o que seu corpo e seu sangue dava ao druida. Mas seguia incomodando-a igual.

—Mas tudo isso mudou quando me encontrou, não? —perguntou direta.

—Sim. — a olhou procurando alguma recriminação nela; mas em seus olhos tão verdes e dourados não havia nem uma recriminação, só uma inteligência intimidante e, ao mesmo tempo,

cativante. Às vezes, sua Miz podia despi-lo sem necessidade de utilizar as mãos. — Embora ambos sabemos que foi você em minha busca.

Miz girou os olhos.

—E que castigo infligiram a Lucius e Seth?

—Isso não sei. Mas sim sei que Lucius e Seth se entregaram a Loki. Decidiram converter-se em vampiros.

—E como se faz isso? Decide-se assim, tal e qual, da noite para o dia?

—Loki desceu à Terra de um modo onírico, astral e mental. Ele procura os vanirios que estão entre a linha do bem e do mal, àqueles que querem ceder à sede, e os oferece outro tipo de imortalidade. Faz o mesmo com os berserkers. Abre-lhes a vedação a um mundo sem regras e sem leis, uma realidade sem honra, cheia de genocídios e em que o sangue e as almas são gratuitas. Lucius e Seth se esgotaram de esperar suas cáraids, e demoraram muito pouco em aceitar o trato com Loki; mas mantiveram tudo o que puderam e mais de sua natureza vaniria.

—Loki faz um pacto com eles. Como um pacto com o Diabo. E ele fica com sua alma ou algo assim, verdade? —Por Deus, que uma astrofísica pudesse falar destas coisas sem nem sequer as pôr em dúvida, dizia muito do que chegou a afetá-la seu tranformação.

—Sim. Ou algo assim. —riu e a olhou de cima a baixo.

—Lucius, Hummus, Seth, Brenda, Patrick e todos outros... Trabalham para Loki, que é como uma espécie de voz em off maligna.

—Isso. Alegra-me que o entenda, sabichona.

—Acredite, tento. —Sim, o fazia, e na realidade não lhe era muito difícil— Vi os deuses os transformando. Pareciam humanos como nós... Não entendo a compleição humanoide que têm. A dimensão de onde provêm, seja qual for...

—O Asgard, neném. O Asgard.

—Não importa o que seja, é como outro tipo de Terra com as mesmas características que nosso planeta?

—Não sei. Conforme entendi, Daanna e a Guerreira estiveram com Freyja e com Odin. Pergunte a elas. —Suas mãos sentiam sua falta, assim que a agarrou e a sentou sobre suas pernas.

— Olá. — sorriu e lhe deu um suave beijo nos lábios.

—Oola. — respondeu, ainda pensando em suas teorias sobre o tipo de natureza de Asgard. Não estava incômoda de tudo, mas essa proximidade era muito íntima e não se familiarizava com ela. Cahal lhe explicou coisas que precisava compreender e era um gesto que agradecia.

—Vou querer tocá-la sempre, Miz. E você vai querer me tocar. Tem que se acostumar a isto; embora serei bom e esta noite a deixarei em paz, de acordo?

Sentiu uma incompreensível pontada de decepção que logo foi substituída pela cautela.

Bom, melhor que não voltassem a fazer sexo essa noite ou Cahal lhe fundiria o cérebro; e amanhã precisava trabalhar.

A conversa tinha sido construtiva e interessante. E embora a jovem continuasse tendo muitas perguntas, também precisava fechar os olhos e fazer descansar o cérebro, sua ferramenta de trabalho mais apreciada.

—Eu gostaria de ir dormir. —propôs com a vista fixa no pequeno Eon. — Ele vai ficar aqui?

—Sim. Como você. Vamos dormir aqui mesmo. Assim — rodeou sua cintura com ambos os braços e a colou a seu corpo—, abraçados como um par de pombinhos.

Miz ficou um pouco tensa, mas logo relaxou sobre ele.

—Não é boa ideia. Nunca dormi com ninguém.

—Sei.

—Só com minha irmã Hannah. — apoiou todo seu peso sobre o dele e elevou a vista a seu rosto. — Só com ela.

—Também sei. —assegurou com suavidade— Mas se quer dormir bem, temos que estar perto, em contato. Eu relaxarei com seu aroma de morango e você, relaxará com o meu de canela.

—Como sabe que o cheiro assim? —perguntou assombrada.

—Porque é seu aroma favorito, Miz. E você gosta de seu sabor, tanto como você gosta do meu.

Incrivelmente, a cientista se encontrou dando um bocejo como uma tigresa saciada, estendendo-se sobre ele no sofá. Por que estava tão bem isso? Por que? Tantas perguntas que não tinham resposta... Tinha que deixar de pensar. Fechou os olhos e suspirou.

—Isto é uma loucura. — sussurrou abatida.

—Não é verdade. A loucura é o que há aí fora. O que existe entre nós é outra coisa que não tem nome, sabichona. —murmurou sobre sua cabeça, acariciando suas longas mechas, loiras e suaves. — Começa a confiar em mim?

Miz não se apressou para responder.

—Sinto-me bem aqui. Assim, deste modo. — se acomodou entre seus braços e penetrou uma perna entre as dele, peludas e muito mais musculosas.

—Já basta, por agora. —Abriu a parte inferior da chaise longue e pegou uma manta azul. Cobriu ambos e deixou que ela se movesse contra ele tanto como desejasse. — Amanhã abrirá o código QR de um dos computadores do RAGNARÖK. Quero ver o que é isso que sua mente inventou e eu gostaria de ajudá-la a chegar a contraparte de seu projeto.

—É algo muito complexo para você. — murmurou sobre seu peito, afundando o rosto nele e relaxando pouco a pouco. O peito de Cahal tremeu com risadas e passou uma das mechas de seu comprido cabelo pelos lábios. Isso fazia cosquinhas muito estimulantes.

—Druidh?

—Sim, neném?

—O que disse Beatha no Conselho... Os tranquilizou? Cuidou deles?

Ele piscou e entendeu imediatamente a quem se referia. Falava de Daimhin, Carrick, os gêmeos, os guerreiros adultos e todos os que estiveram a ponto de romper-se em Capel Battery. Inalou sua mecha e fechou os olhos.

—Sim. Fiz isso. Não há ninguém mais valente que eles. Sobreviveram: e essa é a prova de sua coragem. Enquanto estive lá —recordou amargamente—, quis lhes transmitir que não estavam sozinhos, e os ofereci parte de minha energia que você, com sua presença, despertou.

—Por isso o admiram tanto. Por sua compaixão. Pelo que lhes deu.

—Mas não me compadeci deles. —replicou com segurança. — Os venerava, por isso os protegia. Minha energia saiu para eles em forma de veneração, não de compaixão. Admirei-os —

acrescentou desviando a vista ao pequeno vulto ruivo que havia no outro extremo do sofá. —, por manter-se em pé tanto tempo.

Algo doce roçou seu peito. Eram os lábios de Miz que, com sutileza, tinham-lhe dado um beijo tão doce e suave como o toque das asas de uma mariposa.

—Obrigada. — disse ela fechando os olhos e caindo em um sono reparador.

Cahal engoliu em seco e afundou o nariz em seu cabelo. Sabia que devia deixá-la descansar, que não podia tocá-la e que não podia abusar de sua trégua. Mas Miz era dele. E despertava todos seus instintos, e estava em seu direito de deliciar-se com ela... Seria uma noite muito longa.

Capítulo 13

Escócia

Lucius se olhou no espelho.

A terapia Stem Cells que tinham criado funcionava. Os corpos dos vampiros que não tinham entrado em decomposição podiam regenerar-se e deixar de desgastar-se tal e como faziam no momento em que começavam a abusar do sangue. Deste modo, os vampiros poderiam adaptar-se melhor à sociedade, e converter-se em um clã estético e requintado e não decrepito como sempre tinham sido.

A terapia Stem Cells estava tendo êxito com os vampiros de Chicago e Escócia. E aconteceria o mesmo a níveis gerais. Os vampiros se integrariam nos círculos de mais poder, tal e como já faziam, mas desta vez não provocariam rejeição; porque ao ser humano o atraía o belo, e essa targeta de aparência era mais aceitável e atrativa.

Sua pele rejuvenescia, já não era translúcida. Seu cabelo voltava a ser negro, e não grisalho. Seus olhos seguiam sendo excessivamente claros, mas não o suficiente para parecer os de um cego. Já não. Entretanto, continuaria sendo um vampiro. E, devido a isso, todos seus dons foram ao Caralho.

Frey lhe disse que dependeria dele continuar mantendo seu poder. Com o tempo, descobriu que o deus o preparou uma armadilha. Frey já tinha visto a sede de sangue nele, a ânsia de poder da qual não se arrependia. Mas sabia que tinha sido instruído por um filidh original, um completo e poderoso a quem não tinha importado desafiar as leis do rei. Por que devia respeitá-lo se era mais poderoso que todos os reis juntos? Sendo humano já pensava assim.

Mas quando o transformaram em vanirio e recebeu mais dons dos que jamais pôde imaginar, sua crença se reafirmou: nunca, jamais, submeteria-se ao ser humano. O tubarão se alimentava dos peixes menores, não o contrário. E ele era um tubarão.

Por isso, quando Loki o visitou em sonhos, não duvidou em ir com ele.

Sua decisão foi irrevogável, e estava orgulhoso de pertencer ao lado que pertencia.

Porque era muito mais divertido ser um filho da puta, que tentar comportar-se honradamente durante toda a eternidade.

Igual ao desaparecido Seth.

Não obstante, estavam a um passo de obter a vingança desejada. Loki renasceria de suas cinzas. O universo se aliava para começar um fim de ciclo, um final dos tempos, a oportunidade perfeita para abrir o portal definitivo e dar as boas-vindas ao Jotunheim. E deviam aproveitar a ocasião. Mas os vanirios e os berserkers, e agora essas putas que lançavam raios, e esses guerreiros alados, estavam fodendo todo o plano. A luta era encarniçada, e todo movimento em falso conduzia consequências que não se podiam arrumar.

Primeiro foram Samael e Mikhail. Depois Strike e Lillian. A Escolhida e o puto curador abateram Sebastian e Seth. Baixas consideráveis, sobretudo a de Strike, um autêntico bruxo seidr que os ajudou muito, e a de Lillian, uma falsa luz para as almas, que teria destruído o plano da

reencarnação, e teria feito que toda alma que chegasse ao plano da Terra não tivesse nada de boa nem de bondosa.

Durante esse tempo explodiram várias sedes da Newswcientists, jogado por terra seus laboratórios de clonagem, seu projeto Memory, seus planos de hibridação e aniquilado vários de seus líderes vampiros e lobachos.

Mesmo assim, a guerra era uma jogada de xadrez, e sempre podia haver mortes; mas tudo seguia uma estratégia. Se falhasse um plano, haveria outro preparado.

Tudo estava cuidadosamente planejado. Trabalharam durante anos com a Newscientists, investigando sobre a criação dos portais. Já tinham o aparelho preparado. Miz havia dado seus frutos, finalmente.

Mas o acelerador deixou de funcionar e fechou o portal antes de tempo; inclusive antes que Hummus pudesse dar o aviso a todos os clãs do Jotunheim, incluindo os elfos escuros e os demônios de fogo. Eles deveriam ter descido com Hummus, mas o recipiente só pôde carregar os três totens sagrados dos deuses. Hummus não conseguiu matar Heimdal, o guardião da ponte dimensional Bifröst, tal e como quis; nem tampouco pôde levar sua prezada Corneta, aquele que avisava a todos os guerreiros do Asgard e do Midgard para lutar em nome dos deuses e dos humanos.

Resultado: Heimdal estava desaparecido, e Gjallarhorn também.

Em Chicago, tentaram o Mjöltnir e criar vazios dimensionais na Terra.

Mas um guerreiro alado e loiro e essa cospe raios filha de Thor frustrou seus planos: uma vez em Chicago, a outra em Fermilab em Genebra e depois, outra mais, em Diablo Canyon.

Khani, o líder dos vampiros da América do Norte, tinha morrido.

Entretanto, sequestrou a valkyria com o dom da psicometria. Seiya, um dos vanirios rebeldes que passou ao lado escuro sem renunciar a sua natureza, recebeu astralmente ordens precisas por parte de Loki: sua cáraid era uma das valkyrias que desceram para recuperar os totens roubados. E seu sangue, o sangue de Róta, permitiria-lhe manipular a espada da vitória, Seier; e com ele liderando os ataques, nada poderia vencê-los. Além disso, Seiya queria que Róta lhe dissesse onde se ocultava Heimdal, já que, embora Hummus não pôde arrebatá-la, sim tinha conseguido extrair uma parte de seu marfim. Seiya só tinha que converter Róta e despertar esse lado escuro que Loki afirmava que tinha. Não obstante, o irmão gêmeo de Seiya se interpôs entre eles.

A valkyria o escolheu em vez do irmão corrupto. E em uma batalha apoteótica no mar do Norte que tinha acontecido no dia anterior, Seiya tinha morrido.

Agora só ficavam Hummus, Patrick, Cameron e ele como líderes natos dos jotuns no Midgard. Mas tinham recursos ainda, e iam esgotá-los para que a balança se inclinasse a seu favor na batalha final.

Seu telefone soou e o agarrou sem perder de vista seu reflexo no espelho.

—Senhor? —Uma voz suave e aguda emergiu ao outro lado da linha. — É Goro.

Lucius sorriu. Bingo.

—Tem mais notícias, Goro? —Era um dos informadores que o avisava dos movimentos dos clãs. Tinha-o feito na noite anterior, quando avisou que Cahal, o druidh keltoi, tinha convertido Mizar ante o Conselho Wicca. Lucius ordenou mentalmente a seus vampiros recém-nascidos que

viajassem a Dudley, assim tinha ordenado a um grupo dos seus a fazer o trabalho sujo. Ele não podia se deslocar porque estava acabando de perfilar o ataque de Cameron na Escócia. Queria, no mínimo, acabar com Cahal. E, se não podia, deixá-lo o suficientemente aleijado para tirar dele a cientista, e que a jovem o explicasse exatamente o que aconteceu para que o acelerador se desligasse inesperadamente.

Quando pegasse a puta, ia lhe dar algumas lições. Lambeu os lábios e afastou sua ira para escutar as palavras de Goro.

—Assim é. A mulher continua viva e já fez a conversão.

—E a equipe que enviei ontem noite?

—Todos mortos, senhor.

Lucius fez ranger os dentes.

—Está bem. Algo mais?

—Sim, senhor. O acelerador não funcionou porque lhe faltava um estabilizador.

—Como diz?

—A quantidade correta de irídio, senhor. A mulher deixou a fórmula definitiva do acelerador em um banco de segurança. O HSBC de Coventry.

O vampiro virou-se. Com o celular colado à orelha, caminhou por um dos cômodos do castelo de Cameron e se plantou frente à janela, que oferecia umas vistas formidáveis da noite de Edimburgo.

Irídio. A jovem pesquisadora, sua protegida, o enganou inclusive antes que ele a traísse. “Garota inteligente.” A garota sempre foi muito inteligente para seu bem.

Avisaria Patrick e falaria com os poucos astrofísicos que ficavam. Obviamente, ela era muito mais competente que eles, mas três cérebros inteligentes também podiam trabalhar como um superdotado. Colocaria-os para trabalhar nessa mesma noite. Enquanto isso, ele viajaria a Londres e daria um golpe sobre a mesa. Se Cahal, o menino bonito do clã keltói, pensava que ia conseguir com tanta facilidade, teria algo mais complicado. Cahal e ele foram muito bons amigos quando eram humanos; de fato, se deram tão bem que chegou a pensar que acabaria posicionando-se de seu lado.

Mas o druida lhe deu as costas e ficou com seu irmãozinho Menw, Thor, e Caleb.

Quando o teve em suas mãos em Chapel Battery o torturou e o forçou para que lhe cedesse o dom. Só tinha que oferecer-lhe voluntariamente mediante suas palavras; ambos sabiam que aquilo era possível, mas o druida se negou enquanto via como o torturava a que parecia que era sua cáraid por direito próprio.

Lucius aprendeu as artes druídicas nos bosques bretões. De fato, ele recebeu seu dom porque o filidhs dos bosques que o instruiu, um muito ambicioso, o legou voluntariamente antes de morrer. Como vanirio era muito poderoso, mas, quando começou a beber sangue, o deus Frey o castigou anulando seu dom por completo. Essa seria sua penitência por pecar aquela noite. Por isso, fazia séculos que já não tinha seu poder filidh. Mas Cahal o podia dar, ele era um vanirio ainda. Entretanto, o sacana orgulhoso não cedeu um pingô.

—Está bem, Goro. —Sorriu. Já não precisava de Mizar. Sabendo o que sabia sobre o irídio, bem poderia matá-la. Mas isso seria muito fácil. Agora a cadela era o salva-vidas de Cahal.

Se trouxesse a loira para ele, Cahal a seguiria, porque não poderia viver sem ela. Mas isso não era divertido. Preferia que Cahal se convertesse em vampiro pelo desespero de ver morrer a sua companheira: era mais trágico e dramático.

Sim. Mataria-a, mas antes tentaria roubar toda a informação sobre a fórmula final do acelerador, porque não tinha vontade de perder tempo em provas fúteis.

—Tem as balas de luz diurna?

—Sim, estão escondidas, senhor.

—Sabe onde se ocultam?

—Não, senhor. Estamos na Inglaterra, mas não sei o lugar exato. Saímos para entrar em contato com o exterior, mas não vimos pôsteres nem nada parecido. Agora mesmo estamos em um bosque. Havia um homem acampando há alguns quilômetros e...

—Bem. Amanhã acabe com a cientista, Goro. Converta em um coador, mas quero que extraia antes toda a informação. Envie-me imediatamente. Eu estarei na Inglaterra em breve.

—Como desejar, senhor.

—Loki está orgulhoso de você, Goro. Guardará um lugar para você no paraíso. Bjarkan's laufgroenstr lima. A bétula tem ramos de verdes folhas.

—Loki far flaerdar tima. Loki guia ao tempo do engano.

Goro cortou a comunicação. Os vanirios desesperados, àqueles que tinham sido quebrados mediante a tortura, a fome e a sodomia podia comprar com a liberdade. Se entregavam-se a Loki, o sofrimento desaparecia.

Esse guerreiro quebrado era um deles. Uma vez tinha sido um homem honorável, mas a dor o anulou, comendo toda sua benevolência que pôde ter tempos atrás. Agora, Goro era uma marionete, um suicida que faria qualquer coisa para acabar com sua agonia e converter-se em um servo de Loki.

Lucius digitou um número de telefone e esperou que atendessem.

—Espero que me incomode para algo útil, Lucius. Intento receber o Heimdal, e me é foddidamente difícil se me aporrinhar. Preciso de concentração.

Heimdal era muito importante. Se fosse verdade que o filho de Odin estava na Terra, o principal era encontrá-lo, roubar dele a corneta e matá-lo. Sem guardião no Asgard, e sem Corneta que pudesse dar a voz de aviso os guerreiros de Odin no Ragnarök, a guerra estava ganha. Mas também era importante o que ia dizer, porque ele era igualmente importante que Hummus.

—Hummus, tenho notícias. — o faria saber. Faria essa aberração da magia seidr saber que conseguia mais resultados do que ele pudesse fazer com seu poder. O filho de Loki era um arrogante.

Capítulo 14

Londres

Notting Hill

“Invoca. Invoca. Invoca, meu filho. Abre-a”.

Cahal abriu os olhos. Seu pai. Suas últimas palavras eram como um maldito despertador. Tão gravadas como um mantra, tatuadas a fogo em sua pele. Por quê? O que queria lhe dizer?

Dia após dia ouvia aquela frase. Uma ordem imperativa. Uma súplica cheia de confiança.

Sondou com a mão procurando Miz, mas ela já não estava ao seu lado. Ergueu-se e desviou o olhar para Eon, esperando encontrá-lo encolhido sob as mantas. Tampouco estava.

O aroma de café que saía da cozinha chegou até a sala.

Café? Miz estava utilizando a cafeteira italiana de grife que havia na cozinha, quando ele nunca na vida a utilizou, a comprou mais pela estética do que por outra coisa. Morria de vontade de vê-la em ação. Ambas.

Escutava risadas, música, palavras doces e ruídos de assombro infantis. E todos vinham do mesmo lugar. Dirigiu-se para aquele pequeno canto familiar e único que se criou em sua própria casa; e o que viu o deixou mudo. Sem palavras. Eon não se soltava da perna de Miz. Ela cantarolava e ele ria e movia a cabecinha seguindo o ritmo.

— Eon, o que segue agora? — Enquanto untava as torradas com manteiga e geleia cantava: — Cuz we belong together now. Forever united here somehoow. You got a piece of me, and honestly, my life would suck withoooooout yooooou...³ — Apontou a Eon e este começou a rir, mostrando suas pequeninas presas e apoiando sua bochecha contra sua coxa, como um adorável cachorrinho carente de mimos e cuidados. — Toma, pequeno. Esta é para você. Quer provar?

Eon aceitou a torrada com timidez e lhe deu uma mordidinha.

Cahal se apoiou na porta, sem saber se devia entrar ou não. E aí, sim, nesse momento, apaixonou-se completamente por Miz. Não porque se pertencessem; não porque estivessem destinados, nem porque não sobreviveria um sem o outro. Não porque fosse sua cárid.

Apaixanou-se por ela, simplesmente, porque Miz era todo amor. Amor reprimido, amor bondoso, amor altruísta e generoso. E tinham querido matar esse amor, enterrá-lo mediante o medo e os segredos. Sua própria inteligência, o respeito que despertava nos outros, em todos aqueles que temiam parecer muito estúpidos ao falar com ela, criara um muro de proteção a seu redor. Era introvertida por natureza, mas se lhe davam uma oportunidade, poderia dar uma lição de honestidade a todos. E aí estava sua mulher, cantando com voz rouca, fazendo rir o muito recuperado Eon, que mordida a torrada com apetite, enquanto ela servia as fatias em um prato.

Ela e o menino criaram uma imagem de capa de livro e se converteram em uma fotografia em movimento que queria emoldurar para sempre.

Um lar. Um autêntico lar.

³ My Life Would Suck Without You - Kelly Clarkson

Porra, estava se emocionando. Queria amanhecer com ela entre música e risos. Queria fazer amor com ela todos os dias, a cada momento que tivessem livres. Queria saber por sua boca o que gostava e o que não, o que a assustava, o que a inquietava. Tudo. Ele se converteria em seu cavaleiro de armadura brilhante e afastaria todos os seus demônios a golpes de espada. Porque Miz merecia: merecia que lutassem em seu nome.

Ela poderia ter se enchido de rancor por ele; poderia ter se isolado em um canto, fechar-se em seu quarto e limitar-se a trabalhar; poderia não ter ido ao RAGNARÖK nem enfrentar ninguém do seu clã que a odiavam; poderia ter deixado de lado Eon e Daimhin, Liam e Nora e, pelo contrário, ofereceu sua amizade e seu carinho assim que eles deram uma oportunidade, coisa que não fez com nenhum adulto ainda. E podia tê-lo mantido à distância, ter negado tudo a ele e, mesmo assim, ela se entregou, reconhecendo abertamente o que desejava.

Por tudo isso, mas, sobretudo, por tudo o que Miz ainda não se atrevia a mostrar ao mundo, estava perdido, absoluta e irrevogavelmente apaixonado por ela. Ela era sua metade, a que o devolvia à vida, e a que lhe demonstrava que os preconceitos, os que tiveram contra ela, ele e todos, eram somente a razão dos tolos.

Caminhou até eles, movido pelo magnetismo que ambos irradiavam.

Miz prendeu o cabelo em um alto rabo de cavalo. Tinha o rosto limpo e lavado. E ainda usava esse conjunto negro que o deixou tão excitado.

Engoliu o nó que tinha na garganta.

Miz deixou os pratos sobre a mesa e aproximou os bancos para que os três pudessem comer. Três. Cahal observou, que a jovem contava com ele e estava tão concentrada em suas tarefas que não se deu conta de sua presença.

Então levantou a cabeça e observou como caminhava para ela. O via quase em câmera lenta. A jovem ficou sem respiração quando viu que se dirigia até sua pessoa com tanta decisão. O que havia com ele?

Ficou diante dela, agarrou-a pelo rosto e encostou seu nariz no dela e disse ao som da canção:

— Cuz we belong together now. Forever united here somehow. You got a piece of me, and honestly, my life would suck withooooooooout you. Minha vida seria uma droga sem você, neném.

E a beijou. Deu-lhe um beijo desses que deixavam a pessoa com os olhos virados. Seus braços ficaram lânguidos a cada lado de seu corpo, e se deliciou a seus lábios e a paixão e a ternura que lhe estava dedicando. Os beijos de verdade eram assim. Uma mistura de vida, luz e faísca elétrica. E se não fossem, então, não valiam.

Os dois ficaram olhando-se fixamente, sem piscar. Cahal passou a mão pelo rabo de cavalo e depois a deslizou por suas costas, acariciando-a languidamente.

— Isso é um beijo Vanir de bom dia? — perguntou aturdida. Queria que a beijasse outra vez.

— Não. É um beijo de vanirio loucamente apaixonado por sua cáraid.

— Então, aceitamos beijo desentupidor de pia como saudação matutina. — sentenciou, levantando uma sobrancelha loira e limpando as mãos na calça.

— Aceite o que tiver vontade, neném. — Agarrou-lhe o pulso e a beijou na palma da mão. — A beijarei assim sempre que quiser. O que tem para o café da manhã? — Agarrou Eon nos braços e o elevou acima de sua cabeça. — Como está, campeão? Recuperou rápido, não é?

Eon o olhou agradecido. De algum modo, sabia que ele o ajudou. A energia de ambos tinha se conectado.

Miz deu meia volta e soltou um risinho encantado e infantil.

Por Deus. Seu coração batia descontrolado. Levou uma mão ao estômago e se apoiou com a outra na bancada. Estava se apaixonando? Estava amando?

Os três tomaram o café da manhã juntos, em um ambiente relaxado e alegre. Eon tinha um aspecto melhor do que na noite anterior, e Miz se assombrava de sua rápida recuperação. Cahal criou algo em seu campo quântico, uma espécie de proteção contra a atração magnética dos metais. Eon tinha metal no sangue: e o metal atraía o metal. Quanto mais exposto estivesse a esse tipo de radiação, pior ficaria. Daí Cahal criou aquela bolha para o menino. E como o admirava por isso... não havia nada mais sexy para ela que um homem inteligente.

— Hoje tem trabalho, Miz. — disse o druida, olhando-a por cima da xícara.

— Estou desejando. — assegurou emocionada. Precisava começar a trabalhar, comprovar o quão confiável era seu acelerador e o modo de reverter seu poder.

— Quando acabarmos de tomar o café da manhã, iremos. Eon virá conosco.

— Com respeito a Eon... — o olhou muito séria e acariciou a cabeça raspada do pequeno. Já começava a sair o cabelo ruivo. — Tenho uma pergunta: está sozinho, não é?

Cahal desviou o olhar para o pequeno, que devorava o achocolatado, e logo encontrou o ansioso olhar de Miz.

— Sim. Foi resgatado de Capel Le Ferne.

— Sei... mas não tem os pais por aqui, como Daimhin e Carrick, estou errada?

— Não. Não tem. Certamente, seus pais morreram prisioneiros. Houve crianças que nasceram lá.

Trabalhava sobre um inferno, pensou Miz. Menos mal que já saiu dali.

— E as crianças vão ficar no RAGNARÖK para sempre?

— Viverão juntos, no momento. Estarão bem acompanhados, não estarão sozinhos.

— Sei, mas... se ninguém se encarregar de Eon... posso tomar conta dele?

Cahal deixou a xícara de café sobre a mesa e apoiou o queixo sobre suas mãos entrelaçadas, olhando-a com fascinação.

— Você gostaria de cuidar dele, Miz?

A mulher observou o pequeno com tanta doçura que não precisou que respondesse e, até assim, o fez:

— Merece outra vida. Merece que cuidem dele e o amem, Cahal. E eu gostaria de fazê-lo. — O desejo de querer e ser querida se refletiu nessas palavras. Ela necessitava dar tanto amor como desejava recebê-lo.

Cahal sorriu e lhe acariciou o rabo de cavalo loiro. Ele não queria se responsabilizar por uma criança tão cedo.

Precisava desfrutar de Miz tanto quanto pudesse. A sós. Mas a jovem estava muito emocionada com a ideia, e não podia lhe dizer não.

— Claro que pode fazer isso, Miz. Se quiser, hoje mesmo podemos dizer a Aileen e Daanna.

— Tem que passar por elas? — perguntou a contra gosto. Não queria lhes dever nada. Nem tampouco queria que fossem elas quem decidisse se dava ou não o melhor presente de sua vida.

Cuidaria de Eon. Ele seria dela. Só de pensar, se emocionava. Ser mãe! Assim que viu o pequeno, quis ficar com ele. Mas, então, seus planos de ter um filho aos trinta e quatro, foram arruinados... bom, pensando bem, tampouco pensava que aos vinte e seis a converteriam em vaniria. Assim, por que não?

— Quer ser a mãe de Eon?

— Sim. Gostaria — respondeu resolvida.

— Então, serei o pai. O menino precisa de um pai.

Ela arregalou os olhos e negou com a cabeça.

— Não, não. Espera, não quero forçá-lo a isso.

— Me forçar? Quem disse que está me forçando a nada? Eu adoraria fazer parte com vocês. O que é seu é meu.

— A decisão é minha. Não tem por que fazer parte dela.

— Essa é uma resposta muito incorreta; mas só porque fica muito bonita pela manhã, não darei importância.

Sério? De verdade o playboy Cahal quer se responsabilizar de uma criança de apenas três anos? Uma coisa era aguentar um menino algumas horas, curá-lo e lhe fazer três ou quatro mimos; mas outra, bem diferente, era tê-lo por toda vida. Não creio! Se há um mês e meio esse homem estava transando com duas mulheres sob o Tower Bridge. Cahal era um paquerador incorrigível, um mago que deslumbrava todo mundo, tal e como a estava deslumbrando. E nada a satisfaria mais do que acreditar em que ele estaria ali ao seu lado, em todo momento, e que compartilhariam muito bons momentos juntos, mas não ia construir castelos no ar.

Um vento frio que provinha do corpo do druida a varreu e a deixou tão gelada como as palavras que o seguiram:

— Preconceito, Ossinhos?

— Constatos fatos — piscou muito digna. — Os que vi em seu sangue. Não o acuso de nada, não me leve a mal, mas não acredito que sirva a tempo integral. Trata-se de ser fiel, tanto a mim quanto a criança. E vi todas as mulheres com as quais foi à cama... Milhares! — exclamou zangada por isso. — Quantas? A quantas deixou grávida? Pode haver muitos Eones soltos por aí— cruzou os braços e o encarou com decisão.

— De verdade acredita que fui tão descerebrado para não usar proteção com elas?

— Bom, se dizem que os homens pensam com o pênis, será por algo, não? Além disso, o pênis não tem mãos para colocar uma camisinha.

Ele abriu a boca como um peixe e ficou sem palavras. Que conceito tinha essa mulher dele? Ele não tinha culpa de atrair às mulheres!

— Não sou muito bom para você? Não sou muito bom para Eon?

Miz piscou surpreendida pela dor nas recriminações do vanirio. Descruzou os braços e negou com a cabeça.

— Não disse isso...

— E você? O que me diz de você? Desde que caiu em minhas mãos tem em mente a ideia de acabar com sua vida se esta realidade não acabar por convencê-la! De verdade acredita ser tão capacitada para ter filhos pensando dessa maneira? Para que quer Eon se pensa assim?

Ela se ofendeu e se levantou do banco porque estava ficando cada vez mais nervosa.

— Devo supor que já não quer tirar sua vida? Seria fiel a Eon? Por ele ficaria? Não coloque essa cara de me pegou, porque eu soube o tempo todo. Por ele sim e por mim não? Porque espero que, se ficar com Eon, seja para sempre, entende? Sempre é uma palavra que até agora não estava em seu dicionário — cuspiu com raiva. — Me deitei com milhares de mulheres, Miz. Antes de conhecê-la. Já sabe o porquê.

— Sim. Grande desculpa — agitou os braços. — Me procurava desesperadamente.

Cahal apertou a mandíbula.

— Não escondi nada de você.

— Cahal, reconheça. Entre os McCloud, o mais sério e responsável sempre foi o seu irmão. Você brilhou por outras coisas, mas não precisamente por essas.

— Menw e eu somos diferentes. Mas isso não me converte em um playboy descarado. Sou o druida dos vanirios, porra. — Levantou-se do banco e se foi da cozinha resmungando: — E sou responsável. Ah, e se você gosta tanto de Menw, esquece-o. Ele já tem mulher e, além disso, está grávida.

— Eu não gosto de seu irmão, não diga tolices. E me alegro por Daanna! — Gritou. Então a morena de olhos esmeralda esperava um bebê... interessante. Não dava para se notar. — Só assinalei algo óbvio, Cahal. Não acredito que deva se ofender.

O vanirio se deteve na soleira da porta e a olhou por cima do ombro.

— Você se ofendeu quando acreditaram que era uma assassina?

Miz deteve sua ladainha em seco. Envergonhada, se deu conta em seguida do erro que cometeu. Estava julgando-o como fizeram com ela.

— Então. Às vezes é muito honesta, Ossinhos. Tem o tato de um cacto — se foi da cozinha, magoado por suas palavras.

Miz e Eon ficaram sentados, observando como Cahal saia zangado. O menino a olhou com consternação.

Miz não só estava arrependida pelo que lhe disse, além disso, esperava poder beber dele essa manhã.

Mas, pelo visto, não beberia dele essa manhã.

O trajeto até RAGNARÖK foi tenso e silencioso. Miz estava sentada no banco traseiro com Eon. E Cahal apertava tanto o volante que parecia que o queria arrancar pela raiz.

Nenhum dos dois teve vontade de romper o gelo. Cahal cuidou de proteger seus pensamentos, e Miz fez o mesmo.

Eon dormia apoiado sobre as pernas da astrofísica, que lhe acariciava a cabeça com suavidade. A jovem pensava no que disse ao druida e cada vez se sentia pior por isso. O acusou de

ser infiel e de não ter instinto paterno, somente por ser como era: sexy, playboy e um paquerador incorrigível. Bom, mas é que não gostava disso! Despertava uma insegurança nela com a qual não se sentia nada confortável e não sabia lidar com isso. Mas isso não justificava o que saiu de sua boca, cada vez mais incontrolável.

Cahal a olhou disfarçadamente pelo retrovisor. Sua criança interior sorria ao vê-la tão aflita pelo que lhe disse. Mas ele, seu vanirio digno, não ia permitir que seu passado manchasse seu presente. Miz não sabia que nunca gozou com nenhuma mulher. Mantinha a ereção, mas nunca ejaculava, porque seu corpo não a reconhecia como dele. Pelo contrário, com ela era tudo explosivo e fora de controle. As emoções abrasavam e seus corpos entravam em uma espécie de frenesi que não podia dominar.

Essa mulher tão inteligente de verdade pensava que poderia fazer amor com outras como fez com ela?

Pobre ratinha perdida. Ia lhe dar uma lição.

Mas estava tão bonita que não sabia ser cruel com ela; embora tivesse vontade de ser. Vestia um jeans preto apertado e sapatos vermelhos com plataforma estilo pin up, da marca Iron Fist. Afinal, sem querer, Daanna, Aileen e Ruth acertaram seu estilo. Cahal sorriu ao vê-los; não somente porque tinham um salto bastante pronunciado e porque eram vermelhos, mas sim porque tinham pedrinhas incrustadas em tom rubi escuro que simulavam caveiras. Eram sapatos inspirados nos gibis do Justiceiro, porque a caveira era a mesma. Como os do dia anterior. Além disso, estes tinham um zíper preto lateral cujo desenho também era outra caveira prateada. Que uma garota tão bonita e sexy como Miz usasse esse calçado era muito contraditório. Mas, aparentemente, ela se sentia muito a vontade com eles. E ao final, combinava com sua personalidade: sexy, desafiante e esquiva.

A jaqueta de couro preto de gola alta e corte justo lhe dava um aspecto ainda mais perigoso.

Quando chegaram ao exclusivo local do Jubilee Park, Miz cobriu Eon com uma pequena capa de chuva prateada. Às sete da manhã, Black Country estava cheia de névoa espessa. Mesmo assim, a jovem quis ser precavida com o pequeno, ainda convalescente.

Meteram-se na cabine vermelha; Cahal introduziu o código e desceram ao subsolo. Na entrada, Caleb conversava com Menw e Daanna, e esses, quando os viram chegar, os olharam intrigados; a Escolhida parecia descansada ao saber que seguia viva. E Menw, embora estivesse preocupado pela notícia que acabavam de lhe dar, olhava com orgulho e malícia para seu irmão.

— E eu que pensava que íamos ser os mais madrugadores — exclamou o druida.

Caleb se virou e os encarou sem mais demoras.

— Algo ocorreu.

Cahal se tensionou e se aproximou deles.

— O que, líder?

— Recebeu a mensagem?

— Sim. As duas — olhou para Miz, e esta assentiu muito séria.

— Engel e os seus recuperaram Seier e explodiram os laboratórios de trabalho que tinha a Newscientists no bosque de Galloway. Descobriram que, além das clonagens, as hibridações e os grupos de escravos de sangue que estão utilizando, criaram uma espécie de terapia de

rejuvenescimento com células mãe de vanirios e berserkers; e desse modo freiam sua decomposição e melhoram fisicamente. Inclusive mantêm seus dons.

— Porque o cérebro não envelhece nem se deteriora — disseram Menw e Miz ao mesmo tempo.

Ambos se olharam e assentiram, reconhecendo-se como dois eruditos na matéria. Parecia que aquele receio inicial ia desaparecendo pouco a pouco.

Cahal apertou os dentes e grunhiu. “Entre os McCloud, todos sabem que Menw é o mais sério e responsável”, recordou ciumento. E Miz olhava Menw com uma admiração que não dirigia a ele. Começava a se cansar disso.

— E o que nós podemos fazer para detê-los?

— Investigar e matar todos — respondeu Menw simplesmente.

— Seguir fazendo o que fazemos. Mas isso não é o importante — disse Caleb. — Uma das valkyrias que acompanha Gabriel e sua companheira vem até aqui. Aparentemente, há algo importante que nos querem dizer, e só ela sabe do que se trata. Virá pessoalmente nos explicar.

— Quando?

— Entre hoje e amanhã estarão aqui.

A Cahal não parecia tão importante essa informação e, entretanto, valorizava muito mais o que conseguiram o Príncipezinho e seu exército. Ele somente estava se encarregando de recuperar os totens. Grande revelação tinha sido Gabriel.

— Ouça... — Caleb olhou a astrofísica, que deixava Eon no chão e lhe tirava a capa de chuva prateada. A criança em seguida se agarrou a sua perna, vigiando atentamente Caleb e o outro casal que pareciam avaliar a sua protetora. — Miza...

— Miz. A chame de Miz — o corrigiu Cahal. O líder dos vanirios franziu o cenho, e esteve a ponto de soltar uma gargalhada. Limpou a garganta. — Eon está se recuperando — Menw sorriu a seu irmão. — Sabia, Cahal. Faremos uns exames para ver como vai sua intoxicação.

— Necessita de ajuda com seu acelerador... Miz? — perguntou Caleb.

A astrofísica negou com a cabeça.

— Já tenho Daimhin. Pedirei a ela.

— Beatha a proibiu — a interrompeu Daanna, incômoda. Miz se afligiu ante a resposta. Gostava de Daimhin; elas se entendiam. Por que essa gente dificultava tanto?

— Se precisa de ajuda, posso ajudá-la — a Escolhida se ofereceu com humildade.

Miz a olhou de cima a baixo. Sabia que Daanna estava grávida e não era um bom lugar para ela. Os lasers poderiam ser perigosos e a radiação quântica poderia não ser boa para o feto.

— Acredito que poderei sozinha — disse levantando o queixo. Não gostavam muito dela, mas não importava. Era uma profissional e tinha um trabalho a fazer ali. — Obrigada de qualquer jeito. Mas é melhor que somente eu saiba como se cria o aparelho e qual é a fórmula correta. Quanto mais pessoas souberem, mais risco terá que outros possam descobri-lo.

— Não confia em nós? — perguntou Caleb levantando uma sobrancelha negra.

— Não se trata disso. Mas se sabem, haverá mais riscos de que irão atrás de vocês, e não é necessário. Enfim, não posso perder tempo — olhou para Caleb. — Tentarei ter o aparelho construído para hoje.

— Oh. Combinado — assentiu Caleb com assombro. — Cahal me disse que necessitava de irídio para isso. Deixei uma caixa preparada em sua sala, espero que tenha suficiente para isso.

— Já te respondo.

— E, então — colocou a mão no bolso. — Trabalha para nós e suponho que gostaria de receber por isso. Aqui tem seus honorários — lhe deu um envelope branco.

Miz tinha muita curiosidade de ver quanto acreditava esse homem que cobrava por seu trabalho. Não pretendia pedir nada em troca porque queria fazer por eles, pela injustiça que ela mesma cometeu contra Cahal e, sobretudo, para vingar-se de Lucius e Patrick. Faria-o de graça e o faria encantada. Mas a pequena fera vaniria, a rebelde interior, queria dar uma lição em todos, assim abriu o envelope e olhou o cheque. Arqueou as sobrancelhas e sorriu.

Caleb e Cahal se olharam, sabendo que ela estaria impressionada, pois a estavam remunerando muito bem. Pelo contrário, a jovem loira disse:

— Vou testar um acelerador que pode abrir um portal para Asgard. Neste cheque faltam muitos zeros — colocou o envelope sobre seu peito e o devolveu. — Com sua permissão — olhou para Cahal de soslaio e passou longe. Eon não quis se separar dela e a acompanhou todo o trajeto, enquanto ela murmurava: — Collach ri ealladhà. Parece uma piada.

— Porra — sussurrou Caleb com um sorriso de admiração. — E essa é sua companheira? — colocou-lhe uma mão no ombro. — Aceite minhas condolências.

— Que se foda, Cal — Cahal colocou as mãos nos bolsos dianteiros de sua calça cargo. Essa atitude o deixava louco, adorava que não tivesse medo de nada. Somente dele e de depender de seus cuidados. E sim, essa era sua cáraid.

Daanna apertou os lábios e disse a Menw:

— Por que eu não posso ajudá-la? Essa garota é muito arrogante — olhou para Menw com ressentimento.

— Porque a serpente está trabalhando com aceleradores de prótons e um erro pode ser fatal. E você, mo ghraidh, está grávida — a beijou na bochecha. — Não quero que esteja ali. E ela pensou justo nisso.

— Miz é uma cientista incrível, mas tem muita consciência, mais do que imaginam. Não permitiria que Daanna ficasse em perigo — a defendeu Cahal, orgulhoso de que ela fosse dele.

A Escolhida ficou olhando o lugar pelo qual tinha desaparecido a astrofísica. Alegrava-a saber disso. Talvez Miz fosse uma boa garota, depois de tudo. E tinha posto o seu irmão em seu lugar, coisa que a teria divertido se antes não a tivesse rechaçado sua ajuda. Mas, se na realidade, Miz o fez porque se preocupava com ela, talvez chegasse o momento de que lhe dessem uma oportunidade.

Miz pegou o scanner de códigos QR que ia conectado ao Mac e passou o desenho quadrado pelo leitor, o mesmo que guardou com tanto zelo no HSBC e que, uma vez aberto, a levaria ao mundo dos quarks, dos prótons e das portas dimensionais. Por fim poderia ver a informação que necessitava. Aí estava a fórmula final. Todos seus anos como astrofísica quântica se viam reduzidos a uma simples fórmula e a um mapa de construção.

O leitor emitiu uma luz vermelha piscante e, no mesmo momento, na tela de seu Mac de vinte e sete polegadas apareceu o resultado. Aquele que se negou a ver para preservar, a informação se abria diante dela como uma espécie de arco-íris.

Miz se sentou na cadeira e sorriu a Eon, que olhava a tela como se estivesse vendo desenhos animados.

— Viu, Eon? Que bonito é... é como um quadro de desenhos vetoriais. — Olhou o relógio digital em seu pulso, um que estava entre todas as bolsas que lhe trouxeram. Era um iWatch, um conceito de relógio único com a pulseira vermelha que ainda não saiu à venda; e não entendia como eles lhe conseguiram um. — Hora de comer, baixinho. E Cahal me disse que, de momento, retire as doses de ferro. Deve manter uma dieta baixa em oxalatos para que a intoxicação diminua — lhe deu um golpezinho no nariz. — É óbvio, não tem nem ideia do que falo, não é? Não importa. Bom que me escute. — Agarrou sua bolsa preta e enfiou a mão até tirar uma bolsa com o café da manhã do pequeno. Iogurtes, sucos de maçãs, gelatinas e umas barrinhas de cereais de arroz branco.

Queria a garota de cabelo raspado. No dia anterior esteve muito a vontade com a presença de Daimhin, e agora voltava a estar sozinha.

Com sua força, seus dons telecinéticos e sua velocidade, poderia construir o acelerador mais rápido do que se imaginava, mas um par de mãos a mais a ajudaria a terminá-lo antes.

— Bom dia, novata.

Miz se virou e abriu os olhos com surpresa.

— Daimhin?

A jovem entrou na sala branca e sorriu para Miz. Calçada com seu Manolo, um jeans stretch e uma camiseta preta de alças. Com a cabeça raspada era alta e esbelta, apresentava-se como uma adolescente inquietantemente bela.

Estava acompanhada de outro guerreiro alto e loiro, muito forte, raspado igual a ela. Carrick. Seus olhos eram exatamente os mesmos.

— Daanna me disse que sua mãe não a deixou vir — Miz olhou ao jovem com um pouco de desconfiança, e ele fez o mesmo.

— Minha mãe se esqueceu de que desde ontem sou maior de idade. Não pode me proibir de nada. Ah... apresento-a meu irmão: Carrick.

Carrick não a saudou, mas fez um ligeiro movimento de cabeça, deixando-lhe claro que a respeitava. O olhar desse rapaz era muito mais profundo e raivoso do que o dos outros, mas não era a ela a quem odiava. Era um ressentimento pela vida ou, inclusive, por sua própria existência.

— Ele me disse que queria vir ajudar. E pensei que você agradeceria a ajuda — conferiu seu traje e fixou a vista em seus sapatos vermelhos personalizados. — Embora meus pais não estejam muito de acordo com isso.

— Se preocupam com vocês. — explicou Miz conciliadora.

— Por isso os amamos tanto. — Daimhin não afastava seus olhos do sapato da cientista.

— Não vou incomodá-la — acrescentou Carrick. — Você me diz o que preciso fazer e o farei.

Miz inclinou a cabeça e estudou o jovem. Sabia o que havia com ele. Eram os efeitos dos traumas graves.

— Muitos fantasmas, Carrick? — Perguntou com suavidade.

O raspado piscou e franziu o cenho.

— A novata não tem nem um grama de delicadeza em sua língua, logo se dará conta — explicou sua irmã com um gesto de sua mão que diminuía a importância de suas palavras. — Por isso eu gosto dela. Não vai tratá-lo como um aleijado nem nada disso.

— Não é minha intenção parecer desagradável. — Miz se defendeu sem entender a que se referia.

Carrick ofegou e sorriu sem vontade.

— Bem, porque estou de compaixão até as bolas. Já tenho o suficiente com o que carrego.

Miz o compreendeu a perfeição. Certamente, Carrick sofreu o mesmo que Daimhin em Chapel Battery. Muito mais, e com mais violência, se era o tipo de protetor que indicava a pose que adotava com sua irmã. Os braços a cada lado de seu corpo, uns centímetros mais a frente dela, e um olhar que era um radar que detectava bombas inimigas. E a media, avaliando se era ou não era de confiança.

— Sua ajuda é bem vinda, Carrick. Vai tentar me matar em algum momento? Não vai tentar me cravar uma proveta assim que eu der as costas, não?

— Não é rival para mim. Seria muito fácil.

Miz assentiu. Uma resposta um pouco ambígua, mas a aceitaria como acordo de não agressão. Enquanto isso, Daimhin sorria ao olhar as caveiras de seus sapatos.

— Esqueça — Miz abriu o fecho de sua jaqueta e deu meia volta. — Não penso dá-los de presente a você.

— Não? Tinha que tentar. — a garota estalou a língua e deu de ombros. Em seguida, se dirigiu para dar um abraço carinhoso em Eon. — Voltou a desmaiar?

— Desde que Cahal o tratou, não.

— Bom. Isso é o que tem que comer?

— Sim.

Carrick acariciou a cabeça do pequeno e Eon o olhou com curiosidade.

— Então, novata — disse Daimhin. — Por que não começa a fazer magia com todas as peças que tem aí enquanto dou comida ao pequeno ruivo?

Miz sentiu adoração por Daimhin. Era uma jovem mamãe, uma mulher adolescente mais sábia e madura que muitas mais velhas de vinte e seis, como ela. E cuidava dos outros. Gostava de cuidar dos outros. Desejou que um dia alguém a amasse com a mesma força e atenção que ela concedia aos outros.

— Farei isso mesmo. E aqui, quem dá as ordens sou eu, skinhead — a apontou com um dedo e se dirigiu ao equipamento de música tátil na parede. Olhou para Carrick, sabendo que o rapaz estava ali porque queria ocupar sua mente com outras coisas que não fossem as lembranças vividas naquele inferno, e lhe perguntou: — Quanto alta a música, Carrick?

O vanirio a olhou de lado e respondeu:

— Muito alta, novata.

Miz colocou o equipamento musical no último volume, e What doesn't kill you makes you stronger de Kelly Clarkson deu ritmo a seu trabalho.

— Cahal, é como uma unidade eletromagnética. — disse Menw assombrado pelo que dizia a gota de sangue que se encontrava no cadinho do seu microscópio. Encontravam-se na sala de análise do andar de baixo do RAGNARÖK. — As células do nosso corpo são unidades eletromagnéticas, e as suas estão a um nível superior, muito, muito superior à média dos vanirios, cara. São potenciais campos magnéticos. Os eletrólitos do seu sangue trabalham a uns duzentos por cento.

Caleb e Daanna os olhavam com interesse enquanto bebiam o café do Starbucks que as humanas traziam nas primeiras horas da manhã. Era um ritual. Muffin e café, e assim os dias começavam com o pé direito.

O druida ficou olhando o seu irmão. Sim, sentia-se poderoso. Certamente devido a essa alteração em seu campo eletromagnético. E isso o dava o sangue de sua companheira. Miz era sua fonte de poder.

— Como se sente? — Menw se sentou diante dele e olhou suas pupilas.

— Perfeito. Exceto pelo que te disse ontem: acredito que se me descontrolo ou algo me deixa realmente violento, podia explodir e voar tudo pelos ares. Estive meditando, tentando controlar essa energia interna que tenho. Sinto-me como Hulk.

— Vai se transformar em um feio de cor verde? — perguntou Daanna divertida, soprando o café fumegante.

— Que gracinha — Cahal se levantou e lhe tirou um pedaço de Muffin de chocolate que tinha na mão. — Não deveria comer isso, minha irmãzinha — deu uma mordida. — Não queremos que pesem Aodhan assim que nascer e na balança apareça “continuará”.

Daanna riu e tocou a barriguinha lisa.

— Não dê atenção a seu tio, querido. Acredita ser tão bonito que às vezes até se desculpa.

Ele lhe piscou e bebeu o café de uma vez.

— Vou para minha fascinante, reservada e insuportável cáraid.

— Com... Miz? — Perguntou Caleb. — Não havia outro apelido?

Cahal olhou a Caleb com tédio.

— Chupa meu pau, líder.

— Me parece um nome um pouco curioso — o ignorou por completo e seguiu com suas gracinhas. — Por certo, o que me recorda, Daanna.

— Sim, Caleb? — disse dando um gole no café.

— Onde estão “miz” óculos?

Daanna cuspiu o café, e Menw se rompeu diante de seu irmão.

Cahal girou os olhos.

— Não o leve a mal, brathair — disse Menw —, mas concorda que a garota não entrou com o pé direito para ganhar o título honorífico de “Miz Simpatia”.

Daanna se dobrou sufocando-se com suas próprias gargalhadas.

— Está bem, rapazes. — Caleb levantou uma mão e limpou as lágrimas das risadas. — Vamos ter um pouco... um pouco de... — lhe faltava o ar — de “mizericórdia”.

— Canalha — murmurou Cahal com um sorriso. — Que se fodam os três.

la sair da sala, quando nesse momento entraram Aileen e Noah com cara de preocupação.

Caleb sempre ficava tenso quando Aileen e o berserker de cabelo prateado e olhos amarelos estavam tão perto. Ele vestia roupas de treinamento, e ela se vestia mais casual. Davam-se muito bem e eram bons amigos, e isso era algo que Caleb tinha que engolir, embora não achasse nenhuma graça. Mas sabia, no final do dia, que era ele quem a comia e não o vira-lata que a cortejou.

O moreno de olhos verdes se aproximou de sua garota e lhe deu um beijo nos lábios. Ela lhe acariciou a bochecha e saudou a todos com aquele especial carisma que tinha.

— O que houve? — Para Caleb não precisava adivinhar que algo tinha acontecido.

— Estávamos vendo as notícias antes de começar a preparar a rotina de hoje quando transmitiram uma notícia de última hora. — ela explicou.

— O Banco HSBC de Coventry foi assaltado há duas horas — narrou Noah. — Houve várias mortes, e todas as câmeras de segurança foram destruídas. Não puderam registrar nada do que aconteceu.

Em Cahal correu um suor frio pela nuca e nas costas.

— Isso é impossível. Não pode ser coincidência — disse Caleb ficando em alerta.

— Ninguém mais sabia o segredo de Miz. Ninguém — assegurou Cahal. — Nunca houve nenhum problema ali; e, depois que ela nos contou do seu cofre, hoje mesmo o roubam?

— Como ficaram sabendo? — perguntou Daanna preocupada.

— Onde está Miz? — Noah olhou o druida. A ansiedade o estava percorrendo e o berserker empático sabia por que, estava intuindo o mesmo que ele.

— Em seu laboratório. Com... — Cahal saiu disparado da sala, com o medo no corpo e uma suspeita aberta sobre algum membro do clã. Quem? Não sabia, mas havia algo muito claro: o inimigo trabalhou de dentro e ainda continuava ali; porque ninguém, exceto Menw e Daanna sabiam do código QR, e eles não disseram nada. Se os jotuns não encontraram nada no cofre, ordenariam o traidor que roubasse a informação diretamente da fonte. E a fonte era Miz.

— Vamos! — apressou-o Noah.

A astrofísica observava o acelerador com olhos maravilhados.

Sua criação. Seu bebê. A menina dos seus olhos tomou forma e agora somente necessitava que o ligassem. Como na realidade era um acelerador de baixa energia, não necessitou de muito irídio para estabilizá-lo.

Todas as peças estavam em seus lugares. Os componentes de geradores, os dipolos, os multipolos, os alvos para que colidissem as partículas, e os detectores que visualizariam as partículas geradas no impacto. Uma construção metódica e perfeita que necessitou meses de supervisão, mas já não. Como vanirios, e ela em especial como vaniria superdotada, podia assegurar o êxito de um micro acelerador em algumas horas, que era o que precisou para levar seu invento à conclusão.

Carrick e Daimhin a ajudaram enquanto Eon brincava com os cadinhos coloridos e comia todas as barrinhas de cereais que encontrava em seu caminho.

Fazia cinco minutos que os mandou buscar café e algo comestível, pois o exercício, embora simples, despertou o apetite. Embora ela estivesse faminta desde que despertou, e ao não beber da veia de Cahal, os efeitos de sua abstinência se pronunciavam mais.

Eon se aproximou dela e a agarrou pela mão, e os dois ficaram olhando o aparelho que estava sobre a mesa de testes e análise. Miz colocou o micro acelerador em curso.

— Olhe — se agachou, rodeou sua cinturinha com um braço e apontou o projetor do acelerador. — Dali sai um feixe de luz tão potente que impactará nesse prato de vidro — apontou o branco. — E, depois, esse grupo de detectores, meus pequenos mini Atlas — os tinha colocado esse nome em honra a um dos detectores mais conhecidos construídos para a detecção de partículas —, nos dirá o que está se criando. Se criar um padrão uniforme de antimatéria, teremos a solução para criar uma porta dimensional segura. — O potente feixe de luz saiu controlado através da ponta do tubo acelerador, impactou sobre o alvo e criou uma partícula de luz perfeita, cuja energia ficou subjugada e controlada sobre a superfície do prato. — Oh. Sim — sussurrou Miz, emocionada pelo bom funcionamento de sua criação científica. — Oh, sim... isso é. Olhe — se levantou e caminhou com ele para olhar de perto aquele acúmulo dourado e esférico de moléculas perceptíveis compostas por antiátomos, pósitrons, antiprótons e antinêutrons. Em definitivo, um vazio dimensional chamado antimatéria que podia abrir uma porta a qualquer parte do universo conhecido, sempre e quando o apontasse ao lugar adequado.

Os olhos se encheram de lágrimas de emoção. Nesse momento recordou sua graduação e a falta que fez sua mãe e sua irmã. Recordou as horas de vida investidas em seu trabalho, todo o tempo que ela sacrificou por seus estudos, e reconheceu que não foi perda de tempo. Miz O'Shanne, e não Miz Cerril, conseguiu controlar a força de um acelerador de partículas e tinha anulado a capacidade de destruição do aparelho graças ao elemento estabilizador: o irídio. Os aceleradores podiam criar matéria escura e destruir a terra. Era uma grande verdade, mas se controlavam bem e se utilizavam para descobrir outros universos, em vez de averiguar a origem desse no qual viviam, poderiam avançar muito mais na ciência, na Física Quântica e na história da humanidade, não nos valorizando como única civilização, mas sim como uma das muitas raças planetárias que poderiam existir.

E agora, depois de tudo, depois de ver que seu invento era confiável em cem por cento, tinha que encontrar o modo de revogar todo esse poder, de originar uma força contrária.

Eon se apoiou nela e deu outra dentada à barrinha.

— Mmm... — disse o menino.

— Eh — exclamou sorridente secando as lágrimas — você gosta? Já não está tão cansado?

Eon negou com a cabeça. A porta da sala se abriu e Miz se levantou entusiasmada para receber Daimhin e Carrick:

— Olhem que maravilha! — se calou quando viu que não era nenhum dos dois quem entrava.

O indivíduo que tinha em frente era um cabeça raspada adulto. Vestido com roupa de capoeira azul escuro, tinha as mãos atrás das costas e sorria de um modo que não transmitia nenhuma confiança.

Eon ficou na frente de Miz e mostrou as presas para o homem.

Miz franziu o cenho e colocou a criança atrás dela.

— O que faz aqui? — perguntou a jovem.

O guerreiro moreno e asiático, cheio de cicatrizes e de olhar escuro cravou os olhos no acelerador.

— Não pode entrar aqui — ela disse alarmada. — A tela tátil da entrada somente reconhece às pessoas com acesso permitido. Você não é...

— É óbvio que se equivoca — a interrompeu o guerreiro com voz gelada. Fechou a porta e a bloqueou pressionando o teclado de dentro da sala.

Miz seguia os movimentos desse homem com crescente confusão. Quem era ele para modificar os códigos da porta? Como sabia como fazê-lo?

— Me chamo Goro — o guerreiro se virou e a apontou com uma pistola. — E Lucius te manda lembranças. — Disparou-a. Miz agarrou Eon nos braços e de um salto se ocultou atrás do acelerador, mas não foi o suficientemente rápida para que a bala não penetrasse em sua nádega. Com muita dificuldade conseguiu tirar a fonte de energia do aparelho, e o raio de prótons cessou a emissão. Lançou um grito trêmulo enquanto abraçava com força Eon e o cobria com seu corpo. Olhou ao seu redor. Precisava escapar dali, mas não podia, a única saída estava bloqueada. O traseiro doía, queimava-a de dentro para fora. A bala tinha se introduzido no músculo e agia como se fosse ácido.

Eon tremia em seus braços.

— Tem que doer cientista — disse Goro, caminhando a passo lento para ela e rodeando a mesa de testes. — A luz diurna das balas a está queimando por dentro, certo? Mas lhe asseguro que não é nada comparado com o que me fizeram.

Miz precisava salvar Eon. Esse cara ia matar os dois, e Eon era um ser inocente.

Ela teria pecados a purgar, mas o pequeno não.

— Deixa que o menino saia! — gritou para o teto.

— Não! Não! — tentava gritar o pequeno com a força de seus diminutos pulmões.

— O menino? — Goro deu um salto sobre a mesa e se agachou diante deles. — Ah, não... O menino fica.

Miz lhe deu um chute na cara e Goro saiu propulsado para trás. Chocou-se contra a parede, mas enquanto o fazia, apontou de novo para a jovem que, desta vez, procurava um lugar melhor no qual esconder-se, mas estava completamente na mira. Não havia escapatória.

— Eon, esconda-se debaixo da mesa! — o impacto de outra bala no estômago a fez cambalear e cair de costas no chão. Encolheu-se em posição fetal. A luz das cápsulas a estava matando e pouco podia fazer para amenizar a agonia. Também podia morrer pelas balas? Essa imortalidade era um pouco relativa.

Goro se deteve frente à tela do Mac e memorizou tudo o que havia no monitor.

— Posso enviar isto por email ao meu senhor Lucius? — fez estalar o pescoço e se sentou na cadeira. — Ele agradecerá essa informação, embora já saiba a parte mais importante. Quando che...

Miz o agarrou pelos ombros e o atirou ao chão. As feridas eram mortais, e a luz em seu interior estava causando estragos; entretanto, não ia morrer deixando as coisas tão fáceis. Deu-lhe vários socos na cara, mas Goro ria, como se na realidade o estivesse acariciando.

O vanirio desequilibrado cravou os dedos na ferida de seu estômago e os retorceu. Ela gritou e soluçou, mas não cessou em seus golpes até que notou algo longo e afiado que penetrava entre suas costelas. Algo extremamente cortante que a deixou sem respiração. Desabou no chão, sufocando-se.

Goro tomou assento de novo e prosseguiu com sua tarefa. Miz sentia que sua vida escapava. Eon a olhava sob a mesa com os olhos arregalados, assustado e em choque. Não podia ser. Não podia morrer assim.

Cahal. Cahal.

Queria vê-lo de novo. Queria que a abraçasse, que a alimentasse e que a fizesse experimentar o amor outra vez. Mas, se morria, não poderia consegui-lo e daria a vitória de bandeja para Lucius, Loki e seus jotuns.

A jovem se centrou no acelerador. Goro seguia teclando, abrindo o correio. Miz concentrou seu poder em algo que pudesse extrair e utilizar contra o traidor.

O alvo! O alvo era cortante e liso em sua forma. Visualizou que os parafusos do suporte que o seguravam se afrouxavam até que o acessório ficava solto.

Miz inspirou com força. Goro estava a ponto de enviar a mensagem com o print screen da leitura do código QR.

É agora ou nunca. A vaniria novata lançou e o alvo saiu disparado com uma força assombrosa, e rodou até cortar a garganta do vanirio, que levou as mãos ao pescoço, e caiu de forma antinatural para trás. O sangue saía a jorros do corte horizontal.

A valente mulher se arrastou como pôde pelo chão até chegar a Eon. Embora as câmeras estivessem sem o som, ouvia-se a débil voz dos gritos de Daimhin e Carrick.

— Miz! Miz! Novata! — gritavam.

Miz cobriu a Eon com seu corpo e este se encolheu com ela. Goro se agachou no chão, com os olhos sanguinolentos abertos como pratos e a garganta completamente aberta, olhando-a incrédulo, apontando-a de novo com a pistola de balas de luz artificial. Miz não pensou nela. Cobriu a Eon o máximo que pôde, para evitar que não acertasse-o.

— Vai morrer — disse Goro.

— Você também — ela respondeu sem poder respirar. Invocou mentalmente o prato voador assassino. Estava se debilitando; não restavam muitas forças. O que tinha em seu interior a aturdiu e a estava deixando sem consciência. Mas tomaria um último impulso.

Fez levitar o alvo até acabar de cortar por completo a cabeça de Goro.

Crash! O tronco sem vida do espião desabou para frente.

Ela, trêmula, beijou a cabeça de Eon e observou o corpo sem vida do traidor. Acabou? Fechou os olhos, pois já não tinha forças para mantê-los abertos. E, então, as portas da sala se

abriram pela força bruta de quatro mãos morenas e grandes. Uma delas com a cabeça de uma serpente em seu dorso. Miz viu Noah, o do cabelo prateado, olhar o corpo degolado de Goro; e depois se encontrou com o rosto de Cahal a milímetros do seu.

Tudo se tornou escuro. Não pôde sentir nada mais, exceto os braços protetores de seu guerreiro, que agarrava a ambos e os levava para morrer no céu.

Capítulo 15

— Miz? — Cahal a colocou sobre a maca que Menw preparou. — Já estamos aqui, querida. Miz, escute-me.

O druida não sabia o que fazer. Sua mulher continuava viva, mas o traidor lhe causou muito dano; e se não fosse porque seu corpo seguia separado, ele mesmo teria se assegurado de cortá-lo em rodelas bem finas.

— Daimhin — disse Menw — segure suas pernas.

A jovem apoiou todo seu peso sobre os joelhos da astrofísica, cujo corpo não deixava de sangrar.

— Isto vai doer, bebê. Olhe-me, mo dolag. Olhe-me — lhe ordenou Cahal segurando seus pulsos acima de sua cabeça.

— Imobilizem bem — clamou seu irmão.

— Porra, já estamos fazendo! — exclamou Cahal irritado, com a veia do pescoço inchada. — É minha companheira que está sofrendo, brathair! Apresse-se, droga!

— Eon? — perguntou Miz entre tosses, expectorando pedaços de sangue coagulado pela luz diurna das balas.

— Shssss... Eon está com Aileen e Ruth. Está bem, o salvou.

— O acelerador... o computador... Lucius...

— Está desligado, bebê. E o email não saiu da caixa de saída. — Acariciou-lhe a bochecha e colocou sua testa contra a dela, dando-lhe um beijo de ponta cabeça.

— O matei — sentenciou incrédula. — Sin...

— Oh, sim — disse Cahal orgulhoso. — Cortou a cabeça do espião.

— Sinto por ele. So... sofreu muito.

— Não sinta — ordenou Daimhin censurando-a. — Novata, não se acovarde e retire o que disse. — Menw chamou a atenção da jovem raspada, e esta mordeu a língua e se calou.

— Cahal... vem — grunhiu Miz tentando mover as pernas, levantando seu corpo vanirio cada vez que fazia esse movimento.

— Segure-a bem! — advertiu o curandeiro. — Vou extrair a das costelas; não quero lhe causar mais dano.

— Já o faço! Mas não é fácil. É forte! — queixou-se Daimhin colocando todo seu empenho em ajudar Miz.

— Eu te ajudarei — Carrick apareceu por trás e apoiou suas mãos sobre as coxas da ferida, detendo seus movimentos.

— Vem — repetiu Miz a Cahal, olhando-o com os olhos entrecerrados, alheia às discussões que havia ao seu redor. Apenas sentia seu corpo.

— Fale, bebê. — O druida se inclinou o máximo que pôde.

— Se aproxime mais... — sussurrou enjoada.

Ele engoliu saliva e colocou a orelha perto de seus lábios. Nunca imaginou que alguém no RAGNARÖK pudesse traí-los. Quiseram matar a sua ratinha.

— Mo dolag, sinto muito...

Nham! Miz o mordeu na garganta enquanto ele a imobilizava pelos pulsos e Carrick e Daimhin pelas pernas.

Cahal juntou toda a sua força de vontade para afastar-se, porque nada mais o satisfazia do que sentir suas presas perfurando sua pele, mas não era bom permitir que bebesse nesse momento, assim que se retirou e, ao fazê-lo, rasgou a pele do pescoço.

— Por que se afasta?! — ela gritou com lágrimas nos olhos. — Quero beber de você! Venha aqui! Quero que me alimente! — exigiu desesperada, sem se importar se havia gente presente.

— Não pode beber de mim agora, neném — gritou Cahal como um selvagem. — Cicatrizariam suas feridas, e temos que extrair as balas de luz.

Ela ia protestar. Como não podia mordê-lo? Era o que necessitava, não podia pensar em outra coisa. Estava morrendo, e seu último pensamento foi que não ia voltar a vê-lo; e essa ideia dilacerante, a arrasou mais que as feridas. Agora queria que a essência de Cahal percorresse seu corpo; e necessitava que a abraçasse, não que a imobilizasse com suas mãos como grilhões.

— Cahal, dói! Aarrgh! — arqueou todo o corpo para cima, o levantando da maca de um jeito que inclusive Carrick e Daimhin se elevaram. O grito que rasgou sua garganta deve ter sido ouvido na metade do continente.

Menw extraiu a bala, de uns quinze centímetros e, seguidamente, dirigiu-se à ferida de seu estômago. A bala estava queimando os músculos e os órgãos. Introduziu duas pinças e, com a ajuda dos instrumentos, conseguiu arrancá-la. Menw esmagou a bala com o pé, e sua luz se desvaneceu.

Miz queria libertar-se e que deixassem de machucá-la, mas era impossível.

A viraram para extrair a bala que se encontrava alojada em seu traseiro. Sabedora de que não podia fazer nada para evitar a dor, enterrou o rosto na maca e deixou de brigar.

— Está bem, novata — sussurrou Daimhin, acalmando-a com voz doce. — Está sendo muito forte e está indo muito bem.

Menw ia direito lhe baixar as calças, mas Cahal o agarrou pelo pulso e negou com a cabeça.

— Só resta esta — apontou o curandeiro, olhando-o com compreensão.

— Eu a extrairei, brathair.

Menw e Cahal mudaram de posição. Carrick e Daimhin continuaram segurando as pernas da cientista, que não podia deixá-las quietas, já que a bala estava queimando toda a musculatura do seu traseiro ao quadril e para baixo até o tornozelo.

Cahal lhe abaixou parte da calça e expôs sua nádega ferida. Apertou os dentes com raiva e proferiu um palavrão.

— Neném, vou ser rápido. — Introduziu-lhe as pinças, rasgando parte de sua carne. Miz cravou as unhas nos braços de Menw. Fechou os olhos com força; mordeu o lençol que cobria a maca e o rasgou com as presas.

Finalmente, o druida retirou a bala, jogou-a no chão e o sangue salpicou ao redor. Depois, pisou-a com força até arreventá-la e a diminuta luz diurna que no interior de um corpo vanirio tanto dano causava se apagou inofensiva no exterior.

Miz desencravou as unhas da pele do curandeiro e relaxou quando se deu conta de que já não havia dor. Nada a queimava em seu interior; o suplício, o maldito calvário tinha passado.

Como uma bala tão pequena podia ocasionar tanto dano em seres tão poderosos?

Cahal sorriu e lhe acariciou o cabelo.

— Porque sempre têm que inventar algo novo para nos foder, mo dolag — respondeu Cahal, limpando o suor da bochecha e da testa com o antebraço. Passava tão mal quando Miz sofria... ele tinha sofrido uma vez em suas mãos, mas não queria que ela sofresse jamais. A dor dela doía mais que a sua própria. — Nos deixem a sós — pediu o druida aos seus companheiros.

Menw se inclinou para Miz e lhe sussurrou:

— É uma serpente valente. Obrigado pelo que fez hoje.

Miz ficou tensa ao ouvir suas palavras, mais pela surpresa do que por outra coisa. Menw McCloud lhe agradeceu. Por quê? Por matar Goro? Por proteger Eon? Por não deixar que a fórmula saísse do RAGNARÖK? Outros podiam valorizar o que ela tinha feito, mas não se sentia nada bem.

Menw assentiu com a cabeça e disse a seu irmão:

— Toda sua, brathair.

Quando Daimhin, Carrick e o curandeiro saíram do consultório, Cahal acariciou as costas de sua garota, que se levantava ritmicamente, respirando com suaves pausas. Estava esgotada; tanto, que mal podia mover-se.

O druida retirou a camiseta e a jogou no chão. Tomou Miz em seus braços e, com seu poder telecinético, aproximou uma poltrona preta acolchoada que havia perto da mesa de consulta, e sentou com sua valente jovem sobre seus joelhos.

Abraçou-a durante um par de silenciosos minutos que jamais disseram tanto. O silêncio era parco em palavras, mas a linguagem não se expressava somente mediante vocábulos. Afundou o rosto em seu cabelo para lhe roçar o lóbulo da orelha.

— Me dá uma dentada, banpriunnsa. Princesa? — murmurou com ternura, embora a tensão de seu corpo falasse de outros desejos mais primitivos.

Miz respirava pelo nariz, apoiou a bochecha em seu ombro e passou sua mão manchada de sangue pelo peito de Cahal. Chorava porque agora sabia que não queria voltar a pensar em deixar de vê-lo. Quando estava na sala, ferida, acreditando que Goro ia acabar com ela, descobriu que não queria morrer.

Seu projeto, seu invento, funcionava e isso era algo que já sabia; um obstáculo a menos e outra medalha para sua inteligência e seu ego. Mas já não importava.

Então, estava com Eon e queria protegê-lo; à criança não podia acontecer nada, não se perdoaria e, ainda assim, protegê-lo não foi o mais importante.

A única verdade nessa sala era que não queria morrer porque perderia Cahal, esse druida vanirio que pouco a pouco, e devido à intensidade dos momentos que estavam vivendo juntos, estava penetrando sob sua pele.

Cahal fazia que a ciência não fosse o mais excitante em sua vida.

Agora começava a ser ele: um homem sem fórmula, um coração sem decifrar. Um desafio para sua curiosidade e para sua alma. E naquela manhã o feriu com suas palavras. Era certo que sua personalidade distanciava muito de ser sutil. Dizia as coisas sem intenção de ofender, mas sem ser muito prudente. O pior era que quis magoá-lo, porque ele a magoou ao ter estado com muitas

mulheres, ao ser um perigo para todas aquelas que usavam saias ou saltos. O ciúme a destruía e a queimava como fogo, mas não o podia evitar.

Desesperada por aquele pensamento, perdida pela emoção ao entender o que aquilo significava, remexeu-se contra ele e afundou seu nariz naquele músculo inchado que tinha esse homem entre o pescoço e o ombro: o trapézio. Somente os homens em tão boa forma como seu druida podiam ter aquele corpo e marcar esse músculo insolente com tanto orgulho.

A canela persistia; o fazia sempre. Miz lambeu o músculo de um extremo ao outro e se moveu sobre seu corpo até se colocar escarranchada sobre suas pernas sem deixar de fazer o que fazia. O lambeu sempre. Adorava o contato de sua pele contra sua língua.

Ele cravou os olhos no teto, assombrado. Suas pupilas brilhavam, desprendiam luz através da tênue luz da sala. O cabelo loiro de Miz cobria a expressão de seu rosto, mas Cahal sabia que estava alterada. Ele a deixava nesse estado, e nada o alegrava mais. O frenesi do ataque tinha descontrolado por completo sua adrenalina, e agora precisava aliviá-la.

— Não vou deixá-la só nunca mais, neném. — assegurou colocando uma mão sobre sua nuca, animando-a que o lambesse e o mordiscasse justo como estava fazendo. — Muitos a querem para eles, mas não têm nenhuma ideia de que você não é para nenhum deles. Somente para mim. Agora bebe e se recupere.

Miz não esperou mais. O mordeu no pescoço e bebeu. Seu sangue era indispensável para ela, saboroso, reconfortante e único. A canela tinha um ponto mais picante devido à ansiedade que o vanirio tinha sofrido ao vê-la em perigo.

Isso a contrariou e também a satisfez. Cahal tinha que se sentir tão mal por ela quanto ela começava a sentir por ele, senão não seria equitativo. Não seria justo.

Segurou-lhe o crânio loiro e raspado e afastou-lhe o pescoço mais para trás. Contorceu-se sobre ele, balançando-se entre suas pernas, desejosa de que ele a tomasse. Era a união mais completa: sangue e sexo. Não obstante, tinham muito roupa pela frente para alcançar o segundo.

Nunca disse, mas eu adorava o seu cabelo comprido, druida.

Ele gemeu ante a mensagem telepática, abriu-lhe mais as pernas com as dele, colocou as mãos nas nádegas dela, e empurrou para cima para roçar-se entre suas pernas.

— Porra, Miz — ronronou abaixando-lhe as alças da camiseta preta, cuja mensagem frontal estampada em dourado dizia: “Cedo meu corpo à ciência”. Mas o primeiro “o” de corpo e o “e” de ciência estavam furados pelas balas e pela pinça. Com um grunhido, retirou camiseta e com ela as alças do sutiã e também as taças. A pele branca de seus seios tinha se tingido de vermelho, lembrança das feridas sofridas que agora, graças a seu sangue, cicatrizavam rapidamente. Feridas de guerreira, pensou ele com orgulho. Não podia fazer amor com ela ali, mas queria, queria...

Miz continuou bebendo até que o medo passou, até que o calor de Cahal chegou até ela. Foi consciente do pênis grosso que se inchava cada vez mais sob o toque entre suas pernas e, também, do aroma corporal de ambos, o que seus corpos exsudavam quando queriam acasalar como animais. Como na noite anterior.

Mas nada parecia suficiente, ela não tinha o suficiente. Necessitava mais. O que? Não sabia, mas certamente era muito mais. Desencravou as presas e recostou a testa em seu ombro, movendo-se em cima dele, procurando o contato nesse ponto que a fazia ver as estrelas.

— Quero fazer — choramingou soltando as rédeas de seu controle. — Preciso transar com você.

Claro que precisava. Um segundo mais e Goro poderia ter cortado a cabeça de Miz. Um décimo a mais e ele teria perdido a pessoa mais importante em sua vida. Maldição, esse pensamento o estava matando.

Cahal se ergueu um pouco e a colocou sobre suas pernas de modo que ela pudesse apoiar a parte traseira de seus joelhos sobre seus ombros, e suas costas sobre suas fortes coxas. Penetrou os dedos na cintura da calça e a deslizou até os joelhos, levando a calcinha preta com bolinhas brancas nesse movimento.

Miz lhe lançou um olhar lânguido e passou a língua pelo lábio superior e logo pelo inferior.

— Quer que te prove aqui? — perguntou ele, deslizando lentamente o dedo indicador por sua fenda suave e lisa. Já estava úmida para recebê-lo.

Ela entreabriu os lábios, mostrando suas presas. Seus cílios se moveram ante a repetitiva carícia e engoliu em seco.

— Sim.

— Te fizeram isso alguma vez? A lamberam?

— Sabe que não.

Ele sorriu com malícia e levou a outra mão, que não estava tocando seu sexo, ao seio direito de Miz. Passou o polegar pelo mamilo, que se ergueu sensível a seu toque.

— Cahal?

Ele nem sequer sabia o que estava fazendo, mas lhe tampou a boca com a mão porque ouvir sua voz o enlouquecia; e precisava manter o controle para não possuí-la ali mesmo. Ela abriu os olhos surpresa e, então, sentiu algo que a dilatava por dentro. Cahal colocou três dedos inteiros em seu interior até os nós dos dedos, observando em todo momento como seu sexo se abria, ruborizava-se e se distendia pelo que ele fazia.

A jovem movia a cabeça para um lado e para outro, mas não podia ouvir seus próprios gritos porque sua mão a impedia; e isso a excitava, a deixava frenética.

Cahal sabia quem era Miz, sabia o que ela necessitava; mas a ratinha ainda faltava dar um passo para chegar a sua plena consciência sexual, para conhecer seus verdadeiros gostos na cama. Se o destino permitisse, ele ensinaria todos.

Amar uma mulher era uma sensação poderosa; porque saber que Miz deixava que lhe desse prazer o enchia de poder e de humildade. Introduziu os dedos mais profundamente e observou como seu clitóris se inchava e saía para saudá-lo. Então começou a rodar os dedos, a tirá-los e a colocá-los como faria com seu membro, mas não tão profundamente e, depois inclinou a cabeça e, sem pedir permissão a ninguém, lambeu o clitóris preguiçosamente, impregnando sua língua e seu paladar com o inconfundível sabor de sua mulher. Não o faria como sabia, mas daria o suficiente para que na próxima vez lhe pedisse mais.

Ela tinha os olhos vidrados. Moveu os quadris para cima e para baixo e deixou cair os braços para se segurar nas panturrilhas do druida, cujas botas pretas e desabotoadas as cobriam parcialmente. A imagem, cheia de decadência e abandono, bem poderia ter sido a de um filme

pornô. Mas aqui havia mais do que sexo, e ambos eram conscientes das semelhanças e das diferenças entre uma coisa e outra.

Cahal curvou os dedos em seu interior, deu uma última e suave lambida no clitóris e esfregou o ponto G de Miz, que fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás até que seu cabelo comprido e loiro caiu como uma cascata sobre o chão, e gemeu abrindo as narinas.

O orgasmo foi infinito. Uma grande onda de prazer que passou entre suas pernas e chegou até seus seios, palpitando a cada espasmo e criando pequenos epicentros por todo seu corpo.

Uma sensação pura, louca de liberdade e gosto supremo, igual à estranha e dependente relação empática que se gerava entre eles a cada minuto que passava.

E essa sensação era, definitivamente, ao contrário da morte que ambos teriam encontrado se Goro tivesse acabado com a vida de Miz. Suas pernas ainda tremiam.

Miz saía da ducha das instalações do RAGNARÖK e secava o cabelo com uma toalha escura. Cahal a levou até ali para que ela mesma se asseasse e se sentisse mais a vontade. Enquanto reorganizava suas ideias, sabia que estavam arrumando sua sala de trabalho; que havia um grupo do clã limpando os chãos, as paredes e a mesa dos respingos de sangue. Também tinha ouvido, pela boca de Cahal, que Adam e Noah foram a Coventry para investigar sobre o paradeiro daqueles que destroçaram o banco HSBC.

Lucius procurava sua fórmula porque não queria perder tempo em decifrá-la e, ao não achá-la, decidiu enviar o traidor para que ele mesmo resolvesse o problema.

Mal-humorada pela falta de respeito e consideração com sua pessoa e seu trabalho, colocou uma camiseta branca que Daimhin lhe trouxe, um jeans azul escuro e se sentou no banco de madeira para calçar seus estimados sapatos vermelhos estilizados com caveiras.

Estava sozinha na ducha; os compartimentos eram individuais, cobertos por vidros opacos, mas logo havia uma área comum com bancos de madeira, vários lavatórios, espelhos, secadores e estojos de primeiro socorros. Como se tratasse de vestuários de um ginásio de luxo.

Mas nem sequer RAGNARÖK era tão seguro como parecia. Tentaram matá-la, rodeada de guerreiros que deviam protegê-la e, mesmo assim, burlaram sua segurança de dentro, infiltrando um traidor.

Passou as mãos pelo cabelo úmido e cravou seu olhar verde e amarelo no espelho.

Haveria movimento no clã.

Agora, todos sabiam que Lucius conhecia o irídio; e embora Goro não tivesse conseguido enviar a fórmula final, Newscientists tinha bons cientistas que demorariam pouco em resolver a equação e utilizar a quantidade necessária de irídio puro para estabilizar o acelerador. E, se sabiam isso, abririam um portal em qualquer lugar e todo o trabalho iria à merda.

— Se encontra melhor? — Cahal entrou no vestiário e parou atrás dela. O druida elevou o queixo dela, agora muito mais sereno do que quando a tocou no consultório. Mais controlado, sem dúvida.

Ela assentiu e o olhou fixamente através do espelho. Ele não bebeu dela, não o fez. Ela, pelo contrário, sim. E muito, aliás. Notou que Cahal tinha os nós dos dedos ensanguentados e os agarrou para inspecioná-los.

— O que fez? O que aconteceu? — perguntou preocupada. O druida olhou para o outro lado, como um menino ao ser pego com as mãos na massa.

Miz passou o polegar pelos arranhões, dirigiu seus lábios às feridas e as lambeu com cuidado e perícia, esperando que estas se fechassem ante sua carícia. Não pensou no que fazia; somente sentiu que devia fazê-lo, porque Cahal cuidava dela, e ela também queria cuidar dele.

— Com quem brigou?

— Com a parede do ginásio — explicou, dando de ombros.

Miz balançou a cabeça sem compreender a resposta.

— Por quê?

— Imaginei que era Goro. Precisava descarregar a fúria que sinto por dentro, Miz. Es... está me matando — grunhiu desesperado. — Esse filho da puta estava aqui, esperando o momento para nos enganar e te ferir. Odeio não ter me dado conta.

O rosto da jovem se suavizou. Por Deus, por que era assim com ela? Por que se sentia tão responsável por tudo o que lhe acontecesse? E, por que gostava muitíssimo de saber que era assim?

— Não pode saber tudo, druida. Não pode controlar tudo.

— Sim. Deveria. Deveria fazê-lo por você.

A cientista inclinou a cabeça para um lado e, ainda com os dedos entre os seus, deu-lhe um beijo no dorso da mão.

— É assim de verdade? Não é uma representação para me confundir? — perguntou mais para si mesma que para ele.

Cahal não compreendeu a pergunta e enrugou o cenho.

— É doce, Cahal — era um quebra-cabeças para ela. — Deix-me perdida.

— Doce é meu pau. Sou um bastardo egoísta, e deveria saber disso.

— Não — replicou Miz, emocionada pela preocupação nos olhos do druida. Fazia um momento lhe deu um orgasmo maravilhoso e a alimentou. E depois de ocupar-se de suas necessidades, encarregou-se de sua própria frustração golpeando a parede do ginásio até abrir a carne. Era único e adorável; e Miz caía e caía em um poço profundo de sentimentos por ele, a uma velocidade que podia matá-la. Não. Já estava neste poço. — De manhã não quis te dizer o que te disse...

— Oh, quis sim. Mas é normal que pense assim. Está assustada e custa acreditar nos outros.

Miz assumiu a veracidade do que dizia Cahal. Tinha razão.

— Se encontra melhor agora? Já castigou a parede?

Cahal ofegou e negou com a cabeça.

— Não. Sinto que vou explodir... Meu irmão me disse que sou como uma espécie de condensador. Algo está ocorrendo em meu sangue e em meu corpo. Não sei o que é. Mas ocorre algo e está tudo relacionado com você. Com seu sangue.

Ela lhe acariciou o sulco do queixo e ficou nas pontas dos pés até quase alcançar a mesma altura de seus olhos.

— O incomoda? — elevou uma sobrancelha com diversão.

— Não. Mas é uma sensação estranha. É como se tivesse mais poder de que estou disposto a assimilar.

Ela pensou em suas palavras. Cahal era um druida; seu poder e sua magia eram indivisíveis de sua pessoa. Mas, por algum motivo, sua nova energia o excedia. Como a consumia tê-lo na sua frente, vê-lo tão belo, perturbado e intranquilo por ela.

— Druida.

— Sim?

— Não tem sede? Antes não... não bebeu.

Ele levantou o queixo dela, colocou o cabelo loiro detrás de sua orelha e lhe acariciou a maçã do rosto com o polegar.

— Não se preocupe comigo. Hoje não fui eu que lutou, mas sim você. E me honra poder te alimentar. Mas não posso beber de você agora. Não aqui.

Miz estava sensível e suscetível; e não sabia controlar-se.

— Por que me rejeita outra vez? Não o compreendo... — resmungou cabisbaixa, o empurrando e o afastando dela.

Cahal a rodeou pelas costas e a imobilizou para lhe responder ao ouvido.

— Segura firme essa fera vaniria, Miz, porque tem muitíssimo caráter. Ela já começava a perceber, mas gostaria que saísse. Sua nova essência estava aí, disposta a deixar no chão todos que a desafiar.

— Se não for dar o que quero, deixa de me provocar — respondeu arisca. — E deixa de cheirar assim!

— Como? A canela? — Ele riu baixinho. — Gosto tanto de você, loira... adoro sua honestidade e franqueza. Diz as coisas como as sente; e não disfarça nada, não há filtros. Pergunta-me por que não bebo de você? — passou a língua por sua garganta. — Porque não confio em mim mesmo, Miz. E quando te morder vou querer algo mais, e não posso fazê-lo aqui.

E a honraria que a mordesse, que o fizesse ali de “modo descontrolado”; mas embora à fera e a sua parte sexual não gostasse desse controle, sua parte racional entendia que havia coisas mais importantes nas quais pensarem.

— Não há nada mais importante para mim do que você e suas necessidades. Nada, Miz — girou seu rosto de fada entre suas mãos e a beijou no canto dos lábios. — Mas não quero me deitar com minha cáraid aqui. Sabe por quê?

— Por quê? — perguntou com voz débil.

— Porque seu aroma é meu — seus olhos azuis clarearam e a desafiaram que o negasse. — De ninguém mais. E seus gemidos também são meus. De ninguém mais. Não estou disposto a compartilhá-lo com os outros.

Ela respirou mais descansada ao ouvir isso. Seu lado perverso, esse que não sabia que tinha, a fera atrevida e sensual que morava em seu interior se levantou para farejar com o focinho e se lambeu, esperando o momento para atacar.

— E, além disso, temos que salvar o mundo — ela acrescentou para diminuir a intensidade de suas palavras.

— Salvaremos o mundo enquanto está em nossas mãos. Mas entre o mundo e você, te asseguro que escolho você.

Ela não soube o que responder. A força de suas emoções se aglutinou em sua garganta.

—Minha Ossinhos — a abraçou, cobrindo-a compassivamente com seus enormes braços. — Deixa-me louco. É muito para você, mas é forte e está assimilando tudo muito bem — ele disse ao ouvido dela. — Quando por fim compreender que ninguém vai te amar e cuidar de você como eu quero fazer, poderá se render e se entregar a mim como na realidade deseja. Vamos avançando como as formiguinhas, não é, neném?

— Eu não gosto que me fale como se fosse uma menininha.

— É minha menininha e quero tratá-la como ninguém o fez — a beijou no outro canto da boca. — Como me dê vontade. Entregue-se a mim, Miz. Faça-o de verdade e poderemos lutar juntos sem ter que brigar contra o que despertamos um no outro. Mas o faça, porque não tenho paciência — a ameaçou suavemente.

Ela não respondeu e se afastou sutilmente. Render-se? Ainda não fez isso?

— Está preparada para vir comigo? — perguntou.

— Aonde?

—Vamos preparar uma ofensiva; e temos que conversar entre todos. Querem que esteja ali.

— Eu? Por quê? — perguntou confusa.

— Porque agora é uma de nós. Porque hoje ganhou o respeito do clã.

Ela não queria o respeito de ninguém. Somente que deixassem de apontá-la com o dedo e de julgá-la. Se a atitude para com ela mudasse, agradeceria. Mas tampouco procurava a aprovação dos outros nem agradá-los.

— Quero ver Eon antes — respondeu séria. Eon tentou protegê-la assim que Goro entrou na sala, e só tinha três anos. A aceitação dos outros podia esperar.

— Ele estará lá. Não deixou de chorar desde que o separamos de seus braços. Tem uns pulmões incríveis. Ruth e Aileen consideraram que, pelo bem de seus tímpanos, é melhor que você cuide dele. Assim se tranquilizará.

Miz baixou a cabeça e sorriu com sutileza. Ruth e Aileen pensaram isso? Prontamente esqueceram que ela era como uma versão feminina de Loki?

— Está bem.

— Tem certeza?

— Sim.

Cahal entrelaçou os dedos com os dela e a levou pela mão por todo o local, estufando o peito como se fosse um troféu, exibindo sua cáraid. Os guerreiros estavam alterados e mais de um tinha ficado muito afetado ao saber que Goro decidiu passar para o lado equivocado. Ele foi um guerreiro maltratado, um cabeça raspada; e embora muitos estivessem quebrados na alma, a palavra e a honra deles seguiam intactas. Por isso lamentavam a atitude do falecido vanirio.

Os guerreiros jovens e adultos olhavam Miz entre surpresos e cautelosos; mas já não havia nada de receio. A cientista tinha protegido com unhas e dentes um dos seus e, além disso, evitou que Goro tivesse êxito em sua missão. E o fez sozinha, sem poder reclamar a ajuda de ninguém.

— Não gosto que me olhem — disse em voz baixa, com as bochechas ruborizadas. — Me dá vergonha.

— Não a olham. Admiram-na, o que é diferente — lhe apertou os dedos de um modo reconfortante e sorriu. — Vamos, banpriunnsa.

A sala na qual os esperavam Caleb, Às, Maria, Aileen, Ruth e Beatha, parecia mais uma sala de coquetel. Mas gostou desse aspecto espontâneo, porque era muito mais relaxante do que a sala do Conselho na qual a julgaram e onde Cahal lhe deu a dentada de graça para transformá-la.

As paredes eram de pedra natural, própria do interior da terra. As luzes azuladas e laranjas os iluminavam do chão para cima. As mesas eram brancas e as cadeiras de pele fina e branca estavam acolchoadas se por acaso alguém quisesse se estirar e tomar um descanso.

As humanas traziam bebidas em uma bandeja prateada e seguiam sorrindo a Cahal e a todo guerreiro que se movesse. Miz lançou um olhar fulminante para a que tinha um sinal no queixo, sem dúvida, a mais descarada; e esta, com decisão e sem timidez, dirigiu-lhe um sorriso maligno e se afastou com a jarra vazia.

Você é incrivelmente ciumenta. Ronronou Cahal.

Não sou ciumenta. Sou detectora de vadias.

Cahal se pôs riu e retirou uma cadeira cavalheirosamente para que se sentasse.

Todos a olharam e ela não soube onde enfiar-se. Odiava essas inspeções, mas não tinha nada do que ocultar, assim não abaixou a cabeça em nenhum momento.

— Obrigado, Miz — Caleb lhe fez uma reverência com a cabeça. — Com sua ação de hoje ganhou todos os zeros a mais que me pediu.

Ela o olhou por sua vez, sem saber se sorria ou não.

— O que fiz hoje poderia incluir-se como um extra no pagamento dobrado. Não está incluído no salário.

Caleb riu e a astrofísica ficou nocauteada. Minha mãe, esse homem era arrebatador quando sorria.

— Não tente lhe tirar nenhuma libra a mais — interveio Ruth com um tom muito mais afável do que utilizou anteriormente para dirigir-se a ela. — É um miserável.

Aileen cruzou os braços.

— Já estamos.

Beatha não afastava seus olhos marrons de Miz. Mas não havia preconceito em sua atitude, nem tampouco agressividade; desta vez havia interesse e curiosidade.

— Sério — continuou Caleb. — Agradecemos que protegeu Eon e que fizesse o possível por proteger essa fórmula tão apreciada que tem em seu poder.

— Não acredito que sirva de muito agora— ela confessou. — De algum modo Lucius já sabe do irídio. Não sei como o averiguaram...

Caleb tirou um diminuto micro e o deixou em cima da mesa.

— Estava em sua sala, na base de um de seus microscópios. Tem um alcance muito grande e registrava tudo o que dizia. Ao saber que Goro era o espião de Lucius buscamos entre suas coisas e achamos esse outro. — Mostrou um pequeno receptor gravador de ondas e o deixou ao lado do micro. — Goro tinha acesso a tudo o que se dizia ali.

Miz olhou a Cahal alarmada.

— Mas se Goro tinha acesso a tudo, pode ser que também disse a Lucius a localização do RAGNARÖK e como chegar até nós.

— Não, não é possível — explicou As. — Somos conscientes do que pode chegar a ocasionar os maus tratos em um guerreiro, e não podíamos nos arriscar a inseri-los no clã de novo tão abertamente. Os transferimos de helicóptero a um ônibus com vidros escuros e daí os levamos ao RAGNARÖK sem que soubessem em nenhum momento onde estavam. Temíamos que algo assim pudesse acontecer; embora não pensamos que depois de tudo o que fizeram a eles, um dos nossos passasse para o bando de Loki; mas era uma possibilidade. Fizemos testes prévios para comprovar seu verdadeiro estado mental e, à margem dos traumas que possam ter, não havia nada pelo que suspeitar. Goro, simplesmente, nos enganou.

— Mas não o entendo... não os registraram ao recolhê-los no helicóptero? Não viram o microtransmissor nem o receptor?

— Esses microtransmissores são nossos — explicou o líder berserker. — Os temos na sala de armas. Os estamos ensinando como funciona. Muitos desses guerreiros têm que começar do zero, sobretudo os mais jovens. Nós os formamos. Goro ajudou a colocar todas as telas táteis de acesso em quase todas as salas.

— Inclusive a minha — entendeu Miz. Por isso o vanirio soube entrar. Ele mesmo havia se registrado para que tivesse acesso direto a sua sala.

— Sim, neném — afirmou Cahal colocando uma mão sobre o joelho. — Aproveitou e colocou o transmissor. Sentimos não ter nos dado conta disso.

— Eu também. Mas, como pôde Goro comunicar-se com o exterior? Como pôde transmitir sobre o HSBC e sobre o irídio?

— Os clãs pensaram que seria boa ideia que os guerreiros voltassem a interagir com o ambiente — disse Cahal. — E começaram a sair com guias há três noites, fora de Black Country. Os computadores estão preparados para que não se transmita nenhum tipo de informação para fora. Não podem mandar e-mails, nem conectar-se com contas a páginas da Internet, nem nada disso. O fórum é o único que permanece aberto. Mas entre as posses do traidor achamos este celular — deixou um Blackberry preto sobre a mesa. — É de um humano. Não sabemos o que fez com ele, mas ficou com seu telefone. Em seu registro de chamadas feitas há só duas chamadas: uma antes de ontem, depois de seu julgamento, e outra ontem de noite, quando saímos daqui em direção a Coventry. Tudo coincide. Por isso nos atacaram em Dudley e, por essa mesma razão, hoje de madrugada atacaram o HSBC. Seguiram nossos passos.

Miz apertou os dedos das mãos, e Cahal lhe acariciou o dorso com o polegar para que relaxasse. Já não podiam concertar o que aconteceu, nem tampouco cometer os mesmo erros.

— Localizaram o telefone? De onde é? É Lucius quem está do outro lado da linha — afirmou convencida. — Se o registram...

— Já o fizemos, neném — respondeu Cahal. — A chamada foi feita para a Escócia; essa era a localização do telefone ao que foi chamado. Agora já não podemos localizar porque está fora de serviço. Retiraram o chip e se desfizeram do celular.

— Não podemos fazer mais no momento. Daanna e Menw estão introduzindo muros mentais nas crianças, para que isto não volte a acontecer — Caleb apoiou os cotovelos e se inclinou para frente. — Não queremos mais inimigos em casa. Não obstante, nos desfizemos de um traidor e, em troca, ganhamos um aliado — a olhou com orgulho e reconhecimento. — É das nossas, cientista?

A pergunta simples mais importante que lhe fizeram em sua vida.

Era uma vaniria? Sim.

Trabalhava com eles? Sim.

Gostava deles? Assombrosamente, e embora ainda houvesse algumas diferenças, a resposta era afirmativa. Então, ficava nessa equipe? Com o druida e aquela loucura inominável que acontecia cada vez que estavam sozinhos? Sim!

Arrependeria-se? Sim!

Mas já estava feito, assim ergueu os ombros e com serenidade respondeu:

— Tudo o que sei é que nunca fiz parte dos outros. E se estar contra eles é estar ao lado de vocês, então sim: estou desse lado.

Cahal sorriu e teve uma vontade louca de beijá-la diante de todos, mas em vez disso, olhou para Ruth e lhe piscou um olho. E Ruth riu feliz por ele. Cahal necessitava de alguém íntegro a seu lado; e a guerreira, embora nunca tenha conhecido a nenhuma mulher com a personalidade da cientista, sabia que Miz O'Shanne tinha coragem e não era fácil de dobrar.

— Miz, funcionou seu micro acelerador? — perguntou As, sempre fazendo perguntas diretas e sem rodeios.

— Sim. Perfeitamente — respondeu Miz, ainda ofuscada pelos enganos cometidos e pela decisão que acabava de tomar.

— A pergunta é: podem construir um acelerador e abrir um portal permanente? — Formulou a pergunta melhor.

— Se tiverem a quantidade de irídio necessária, sim — contestou sem mais. — E o farão. Ou seriam muito estúpidos se não o obtivessem. O desenho de Liam indica que o vórtice mais ativo agora é o da Inglaterra. A energia eletromagnética assim o indica. Quando chegar a seu ponto gélido, se tiverem o irídio disponível, poderiam abri-lo sem problemas. Mas têm que encontrar qual é a localização real do vórtice.

— Sei... é um gênio de verdade — disse a guerreira com admiração.

Miz não respondeu. Não precisava. Era óbvio.

— E necessitam de irídio puro e muita quantidade. O que me forneceram hoje é algo irrisório para a quantidade de metal que eles precisarão. O melhor é que duvido que possam conseguir o material em tão pouco tempo; isso é algo que conta a nosso favor. O mais provável é que o centro eletromagnético não tarde em ativar; e duvido que tenham o metal necessário até então.

— O irídio que te forneci extraímos das velas dos carros — explicou Caleb.

Miz sorriu e arqueou uma perfeita sobrancelha loira.

— Muito engenhoso. Embora para um acelerador desse calibre precisem extrair o irídio de pelo menos, cem mil velas. Certo que há fábricas de extração na Inglaterra... trabalham sob encomenda, mas mesmo assim, necessitam de tempo para purificá-lo. Seja como for, se Lucius pretende se aproveitar desse vórtice que está se abrindo na Inglaterra, é porque tem pensado conseguir o irídio. Poderia ter demorado seu ataque contra mim. Mas tem pressa e não quer margem de erro. Por isso queria assegurar a fórmula. Soube do irídio ontem à noite. Não poderá consegui-lo tão rapidamente, e menos purificá-lo. O vórtice se ativará totalmente antes que eles possam conseguir o metal. A não ser, como já disse, que Lucius tenha encontrado o modo de consegui-lo.

— Irídio puro... um momento... — Aileen se levantou e arregalou os olhos. — Um momento! Por Deus! Como não pensei nisso antes? Sabem quem é Christian Bolsöm?

Todos a olharam surpresos. Do que a híbrida falava?

— Não vão acreditar nisso, mas... É um desenhista norueguês de esculturas — explicou, olhando-os como se fossem uns ignorantes.

— E o que, querida? — perguntou Ruth alisando seu cabelo mogno com as mãos. — Fale rápido ou se cale para sempre.

— Esta noite é a pré-estreia no cinema IMAX de Londres do filme dos Vingadores. Christian Bolsöm decidiu participar do evento doando uma estátua que represente Iron Man e que se converta de modo perpétuo no guardião da Praça da Rua Waterloo em Lambeth. A doará a Londres permanentemente.

— Sério? — perguntou Miz emocionada. — Eu gosto dos Vingadores — os heróis da Marvel. Seus heróis. — Mas não entendo o que isso tem a ver.

— Eu já sabia da festa da Marvel — assentiu Ruth.

— A questão — continuou a híbrida — é que Christian Bolsöm faz suas estátuas com uma mistura de... ósmio e irídio! Dizem que a estátua medirá vários metros de altura — Aileen cruzou os braços com orgulho e sorriu com seus olhos lilás emitindo faíscas. — Pensaram em fazer uma exposição espetacular. Como é o filme dos Vingadores, a Marvel organiza uma festa temática cuja ideia principal é ir caracterizado de um de seus personagens da Marvel.

Caleb e Ás se olharam e piscaram incrédulos. Aileen acabava de lhes dar a primeira pista sobre o paradeiro de Lucius.

— Acaso não leem os jornais? — recriminou-os.

— Pois olhe, precisamente hoje não nos deu tempo — respondeu Beatha, notando os sapatos vermelhos de Miz. Sabia que tinha presenteado uns pretos e espetaculares a sua filha Daimhin. Deveria lhe agradecer?

— É uma Landin, minha neta, o que esperava? — apontou Ás iluminado de ego.

Caleb a aproximou dele e lhe deu um rápido e duro beijo nos lábios.

— É uma McKenna. Linda e inteligente. Não se pode pedir mais.

— Há para todos — respondeu Aileen, dando paz e aceitando o beijo de seu macho.

— Esta noite vamos fantasiados? — Perguntou Cahal, excitado. Necessitava de ação. Necessitava de uma boa briga para poder tirar toda a ansiedade que havia sentido nesses dias.

— Essa noite — prometeu Caleb — vamos roubar Iron Man para que Lucius não o faça. Certo que eles também se deram conta da notícia. Tem pressa em ligar o acelerador antes que o vórtice se ative e se desligue; e não vamos facilitar as “peças”.

— Há algum modo de neutralizar a energia do acelerador? — perguntou Ás. — Se encontrarem o irídio e decidirem abrir um portal em algum lugar, como podemos detê-los?

Miz moveu os lábios de um lado ao outro e pensou na resposta mais esclarecedora:

— Não sei. Passei dois dias pensando nisso, e acredito que pode haver um modo, mas... não estou certa. A porta dimensional é uma escada ao céu criada de antimatéria, formada por antiátomos que, em vez de estar carregados por elétrons negativos e prótons positivos, os encontramos ao contrário. Se a mesma quantidade de matéria e antimatéria colidem, se produz um fenômeno de aniquilação e criaria raios gama que se converteriam na chave para abrir esses mundos paralelos. O feixe do acelerador deve impactar contra o vértice ou a matriz de um campo carregado de energia eletromagnética. Por isso Lucius e Hummus transferiram os aceleradores para esses conchaves ativos da Terra; mas não podem escolher ao azar. O levaram ao Colorado porque então era o campo mais forte acordado e o fizeram impactar sobre sua superfície, ou sobre a fonte de energia. Quando o feixe e a superfície colidem abre uma porta dimensional ao universo, mas, o que se pode fazer para fechá-la? O que se pode fazer para inverter a energia da antimatéria? Suponho que carregar o ambiente de prótons e elétrons com sua carga adequada; mas para isso necessitaria de uma energia descomunal. E essa energia poderia ter os efeitos de uma supernova. Se a puserem em curso no vórtice da Inglaterra enquanto o acelerador está em plena colisão, poderia arrasar toda Londres.

A verdade era que Miz tinha o dom de explicar as coisas com simplicidade para que todo mundo pudesse entendê-la, mas não deixava de ser fascinante o quão fácil que lhe resultava falar de temas que a humanidade tinha quase vetados.

— Falarei com Adam — decidiu Ás. — Liam e Nora nos têm que dar uma mão nisso o quanto antes. Temos que adiantar seus movimentos e agarrá-los despreparados; e o pequeno sobrinho de Adam pode nos ajudar com isso. Se soubermos qual é o ponto mais ativo da Inglaterra, também saberemos para onde se dirigirão.

Maria entrou na sala segurando Eon pela mão. A mulher o olhava com cara de adoração e surpresa. O pequeno tinha o rosto cheio de marcas de lágrimas e os olhos azuis avermelhados de chorar.

Quando viu Miz, soltou-se da mão de Maria e, correndo com suas pequenas pernas curtas, dirigiu-se para ela e para Cahal. Miz abriu os braços e o estreitou com força, ao mesmo tempo em que Cahal lhe acariciava a cabeça.

— Não sei o que deu no pequeno — confessou Maria lhe falando com respeito, — mas Eon não pode viver sem você.

— Foram muitas lágrimas desde que o tiraram de sua sala — explicou Ruth, enternecida pela imagem. Miz escutava a todos, mas somente prestava atenção ao diminuto vanirio ao que diziam que tinha salvado a vida.

— Somente necessita de carinho. É um menino muito bom — respondeu beijando-o na cabeça. — E está melhorando, não é?

Eon assentiu com a cara afundada no peito de Miz.

Ruth e Aileen se olharam de esguelha, comunicando-se com o pensamento, e Maria se sentou ao lado da cientista, estudando-a com sua característica maturidade e vendo muito mais além do que a jovem queria mostrar.

Eon estendeu a mão e a colocou sobre a de Cahal, levantando o olhar e sorrindo-lhe com cumplicidade. O druida se surpreendeu ao ver esse gesto, mas seu peito se encheu de luz e de compreensão. Uma imagem valia mais que mil palavras. Tudo. Tudo o que podia desejar, aquilo que o emocionava e o fazia se sentir bem, o que sua alma e seu corpo necessitavam, estava frente a ele sob a forma de uma mulher loira e um menino de cabeça raspada e ruivo. Abriu e fechou os dedos das mãos, que voltavam a arder e a queimar sem remissão.

Desde que tinha visto Miz ensanguentada, não pôde afastar essa sensação. Nem sequer agora que estava a salvo.

Que merda acontecia com ele? Tão fodido e sofrido era ter uma cáraid? Não. Ia mais além disso. Algo acontecia com seu corpo e ainda não sabia do que se tratava. Abriu e fechou os olhos porque sua visão se tornava imprecisa de novo. Todos tinham esse halo ao redor, como se tivessem duplicado.

Nesse momento entrou Daimhin, com sua katana nas costas e Daanna e Menw atrás, que já havia acabado de realizar ancoragens mentais nos guerreiros e de assegurar que não havia nenhum mais como Goro; e o que Cahal viu os deixou impressionado. Daimhin tinha um halo ao redor da cabeça, como algo dourado e longo. E Daanna emitia uma incrível luz na altura do ventre e um duplo halo mais potente que o dos outros.

E então, surpreso, começou a compreender o que lhe estava acontecendo.

Aquilo que de humano somente podia adivinhar e intuir, agora, graças ao sangue de Miz, também podia vê-lo com os olhos físicos. O vanirio druida tinha despertado finalmente.

Esfregou as pálpebras, obrigando-se a concentrar-se e a aceitar aquele dom, e esperou que a sensação de enjoo desaparecesse e desejou que nem sempre visse seu mundo sob aquele novo prisma, porque do contrário, seria uma grande sacanagem.

— Desta vez nos testa mover — Caleb observou a Ás. — Devemos avisar às patrulhas e nos preparar para estar em algumas horas na Rua Waterloo. Esta noite nos encontraremos cara a cara com Lucius e esse canalha não pode sair vivo dali.

— Bem — Ás sorriu a sua kone Maria e lhe ofereceu a mão para que o acompanhasse. — leve-me até Liam e Nora, amore.

Capítulo 16

O dia em RAGNARÖK foi vivido com muita intensidade. Ás e Caleb informaram aos clãs sobre o que tinha acontecido.

As sacerdotisas acalmaram os nervos das crianças mais jovens, pois sabiam do ocorrido e estavam muito afetados.

Miz entrou de novo em sua sala de trabalho, impoluta e em ordem, como se horas atrás não tivessem tentado matá-la e não se tingiu tudo de vermelho.

Cahal a acompanhou, controlando tudo com olhos de falcão. Eon era como uma espécie de trepadeira enganchada à sua perna, mas ao druida não incomodava. As crianças eram sua especialidade, embora Miz duvidasse disso.

— Ficarei com você — disse sentando-se em uma poltrona e observando o modo de trabalhar da cientista.

Miz assentiu satisfeita, pois o necessitava perto para se sentir melhor e mais segura. Não é que estivesse assustada, nem tampouco que o ataque tivesse diminuído sua confiança; mas, embora o tivesse feito, não teria tempo para a autocompaixão, pois precisava encontrar um bloqueio para aquilo no qual durante muitíssimos anos trabalhou para criar e pôr em curso.

Ligou os computadores e perguntou a Cahal:

— Caleb é Hacker, não é?

— Sim. O melhor — respondeu sentando Eon sobre seus joelhos.

Miz ficou sem respiração ao vê-los juntos. Eon parecia diminuto ao lado do druidh, mas ambos se encaixavam a perfeição. Pigarreou para sair de seu atordoamento e acrescentou:

— Necessitaríamos vários monitores para controlar os campos eletromagnéticos: e para isso precisaríamos entrar no programa da Nasa. Devemos ajudar Liam e confirmar que o que ele vê pode ser uma realidade e não uma intuição. Compararemos a informação.

Como se suas palavras fossem ordens, Cahal desapareceu com Eon, e em pouco tempo, voltou com o líder do clã keltoi de Black Country.

— O que necessita, Miz? — perguntou Caleb.

— Necessito que se conecte aos satélites de tele observação da NOAA⁴ — respondeu analisando o micro acelerador e recolocando o alvo, agora mais conhecido como “Degolador”. — Detectam a radiação eletromagnética e nos ajudarão a ter todos os pontos controlados na Inglaterra. O vórtice que utilizarão está se criando aqui, mas precisamos saber com exatidão qual desses pontos, que tanto Liam como nós controlamos, é o que mais energia quântica está criando.

Caleb sorriu e esfregou o queixo com o polegar.

— Agora mesmo o preparamos.

— Demorará muito? — perguntou insolentemente sem mal olhá-lo.

O líder se enrijeceu e lhe lançou um olhar de valentão. Cahal olhou ao teto e respirou para não rir de seu amigo em sua cara.

— Sabe quem sou, cientista?

⁴ NOAA - National Oceanic and Atmospheric Administration. [Administração Oceânica e Atmosférica Nacional]

Miz levantou o olhar de seu aparelho e piscou sem compreender a pergunta.

— É uma pergunta armadilha?

Os olhos verdes de Caleb faiscaram com desdém e a apontou com o dedo.

— Você pode construir aceleradores e o que te dê vontade, Einstein; mas vou fazer algo melhor. Não só vou manejar os satélites como e quando eu quiser; além disso, vou criar um aplicativo para incluí-lo em nossos telefones e terá um alarme de aviso que nos informe do ponto eletromagnético com mais atividade.

— Oh, verdade?

— Sim.

— Seria genial que pudesse fazer isso — se agachou de novo para que não visse o sorriso que estava se desenhando em seus lábios. Era tão fácil provocar os homens. Somente precisava colocar em dúvida sua competência —, em menos de duas horas.

O vanirio sorriu abertamente e lhe mostrou as lustrosas presas.

— Não necessito tanto.

Em décimos de segundo, Caleb desapareceu à velocidade do raio. Cahal observou Miz satisfeito e a olhou de cima a baixo. Era uma linda manipuladora. Enganou Caleb com maestria.

O olhou por cima do projetor do acelerador e seus olhos verdes e cheios de luz sorriram, conhecedora do que estava pensando.

— Os homens são simples. — acrescentou com diversão.

Cahal deu de ombros e meditou sobre o que poderia acontecer essa noite.

Miz devia lutar com as mesmas opções que os outros; portanto, nessa mesma tarde a instruiria para que soubesse se defender. Na Newscientists a tinham ensinado a defender-se; mas a guerra também se versava em saber atacar.

Ao final, Caleb McKenna converteu a sala central do RAGNARÖK em um observatório da Nasa. Instalou três telões de plasma quase tão grandes como os de um cinema, nas paredes de rocha do local. Nelas, a Terra aparecia estendida em um mapa-múndi e havia pequenos pontos de atividade eletromagnética refletidos nelas. A maioria coincidia com o desenho de Liam. Desta vez os mais chamativos estavam na Inglaterra, tal e como havia dito Miz, embora o pequeno tivesse visualizado mais pontos marcados dos que saíam no telão. Noah e Adam chegaram de sua varredura de Coventry, mas não acharam o paradeiro do grupo hostil que assaltou o HSBC.

Adam tinha Liam escarranchado sobre seus ombros e Cahal fazia o mesmo com Eon. O pequeno de três anos apoiava uma mão sobre a cabeça raspada do druida, e a outra sobre a do berserker de cabelo prateado que, ao lado deles, sorria e os olhava de esguelha.

O berserker moreno explicava a seu pequeno sobrinho o quão importante ele era para o plano e o que tinha que fazer em sua seguinte viagem astral. A cabeça morena assentia e escutava a seu tio. E Maria e As faziam o mesmo com Nora. A pequena loira adorava aos líderes do clã berserker e escutava atentamente o que diziam os mais velhos. Jared, um dos filhos de Inis e Lone, incomodava Nora fazendo caretas, mas a garotinha o ignorava.

Em uma esquina, Miz observava a curiosa cena daqueles guerreiros com as crianças. De braços cruzados e apoiada na parede, desfrutava de uma imagem única que nada tinha a ver com os telões.

Daanna e Ruth se colocaram cada uma a seu lado e copiaram seu gesto.

Miz se incomodou e se preparou para qualquer ataque verbal ou olhar desdenhoso, mas, em vez disso, fizeram-lhe companhia em silêncio até que Daanna disse:

— Inclusive no mundo de guerra no qual vivemos, achamos lampejos de luz, concordam?

Olhou a vaniria, Eleita, e soube que tampouco falava do que refletiam as imagens do mapa-múndi. Falava deles. Os que eram como Cahal, Adam, Noah, Menw, Caleb, As... homens que protegiam e cuidavam. Que eram imortais na luta, mas para os quais o amor e o respeito para com os seus os enchiam de debilidades e de mortalidade.

Amaldiçoou-se por ter sido tão receosa quanto aos homens. Perdeu a fé neles, mas seu druida estava lhe abrindo os olhos, ao princípio com crueldade, e depois com amor e uma sensibilidade espetacular. Uma que a fazia ficar de joelhos.

Nem tudo estava perdido.

— Adoro a seu companheiro — disse Ruth com sinceridade. — Ele me ajudou a conquistar o homem que me deixa louca e ao que amo.

— Sim, Cahal é meu cunhado favorito — acrescentou Daanna.

— Estão me advertindo sobre algo? — perguntou sem olhar a nenhuma delas. — Agora é quando dizem, “se lhe fizer mal, a matamos?”.

Ruth se virou para ela e esperou que Miz a olhasse. A cientista o fez e Ruth arqueou as sobrancelhas.

— Agora é quando te digo que esta noite eu vou de Viúva Negra, Aileen de Electra, Daanna de Mulher Maravilha e você...

— Não me digam isso: vou de Morte — respondeu cínica. — E estão misturando os personagens da Marvel com DC Comics. Não está certo.

— Não nos importa.

— Agora vejo.

A guerreira lançou um olhar a seus sapatos.

— Bom, pelo jeito, gosta de caveiras, não?

Essa garota era insultantemente direta e tinha um senso de humor muito agudo.

— Tranquila, Dr. Jekyll, vai de Miss Marvel — disse finalmente. Miz descruzou os braços, ofendida.

— Não. Eu quero a Mulher Gato — protestou séria e inflexível.

— Não pode. Beatha é a Mulher Gato. As fantasias já foram compradas — respondeu Ruth rindo de novo, desfrutando da contrariedade de Miz.

Miz não entendia por que a elegeram como Miss Marvel. Era uma personagem muito exibicionista, e ainda por cima Beatha era quem tinha à mulher gato. Não ia poder trocar sem que lhe arrancassem as unhas.

O mais impactante era que estavam contando com ela, incluindo-a em seu plano de ação para essa noite. Essas garotas eram garotas. As mulheres com as quais Miz estava acostumada a sair antes eram bem masculinas e sérias, certamente, devido a sua profissão e ao ambiente no qual trabalhavam. Mas elas... Daanna, Ruth, Aileen... recordavam a sua querida irmã Hannah. Femininas e com outra essência.

— Aqui fazem as coisas muito rápido — opinou chateada pela fantasia, mas secretamente agradecida de que contassem com sua ajuda.

— Sim, o fim do mundo pede, exatamente, medidas extremas e desesperadas — respondeu Aileen caminhando para elas com quatro bolsas em cada mão. — Suas fantasias!

Daimhin observava às garotas e desejou poder lutar com elas, ser tão apta e forte para enfrentar ao mundo.

Sua mãe, Beatha, se colocou atrás dela e apoiou as mãos sobre seus ombros. Sentia o pesar de sua filha e estava cansada de ser proibitiva com ela. Mas a levaram quando era muito pequena... como não ia querer cuidá-la agora e protegê-la de todo o mal que viu?

— Com esses saltos fica altíssima — lhe disse suavemente.

Deu de ombros. Seus saltos de caveira eram sua própria bandeira. Como os que a novata se sacudia, que não deixava que ninguém a pisasse.

— Nunca me cansarei de te proteger, Daimhin — lhe disse enquanto olhava como abriam as bolsas. — Sei que está cansada de que a trate assim — sussurrou com dor em seu coração. Mas era sua mãe, e a tinham privado de sua companhia por muitos anos. — Mas não sei fazê-lo de outro modo. Perdi a prática quando a arrancaram do meu lado.

Daimhin colocou uma mão sobre a da mulher que mais amava em todo mundo. A entendia, compreendia o amor de mãe, e sabia o quanto se sentia culpada por isso. No entanto, passou muito tempo presa com pessoas que a maltratavam para sofrer outro encarceramento com pessoas que a amavam.

— E sempre vou querer que me ame assim, mamaidh — respondeu. Seus olhos desprendiam tristeza. — Mas não sei quanto tempo nos resta. E você sabe também. O cerco se estreita e, ainda que vão fechando os pontos abertos, a maldade nunca erradicará. Me... me mataram uma vez e me ocultaram em um buraco escuro clandestinamente. Não quero seguir morrendo em outro — assegurou lhe apertando os dedos. — Quero brigar, com minhas feridas e com tudo o que provooco. Não quero continuar oculta.

— Daimhin — a abraçou pelos ombros e encostou-se à bochecha dela. — Minha pequena barda⁵... — seus olhos se encheram de lágrimas. — Você é a mais forte de todas as mulheres que conheço — lhe assegurou. — E me sinto orgulhosa de que seja minha filha.

Miz, que estava avaliando os acessórios de seu disfarce, elevou os olhos e as olhou. Outra teria afastado o olhar de uma cena tão íntima, mas a cientista não o fez, hipnotizada pela emotividade e realismo da cena. Daimhin e Beatha eram muito parecidas. E as duas sofriam uma pela outra.

Beatha se arrependeria a cada segundo pela decisão que ia tomar, mas o respeito que tinha para sua filha a obrigou a tomar essa postura. Não queria ver sua pequena infeliz, e não queria ser o motivo de seu receio:

⁵ Não sei se é referência à fantasia ou outra definição: Grande Barda é uma personagem fictícia da DC Comics, criada por Jack Kirby. Barda poderia ser poetisa.

— Para mim não há melhores guerreiros que Carrick e você, porque brigaram e sobreviveram em inferioridade de condições. Agora, talvez chegue o momento de que lutem contra eles de igual para igual.

Daimhin arregalou os olhos e encarou de repente a sua mãe, como se não tivesse ouvido bem. Ambas se olharam e reconheceram seu mesmo sangue no brilho de seu olhar, em suas feições, em sua constituição, no amor que refletiam uma pela outra.

— Lutarei em seu nome, mamaidh — prometeu emocionada. — E no de minhas irmãs.

— Sei, mo leanabh — tocou suas bochechas e sorriu ao ver a liberdade em seus olhos rasgados e tão parecidos com os seus. Faria-o porquê Gwyn e ela lutariam em nome de seus filhos. Em nome de Daimhin, no de Nayoba e Lisbet. E em nome de seu filho Carrick.

— Não quero lutar para me vingar. Faço-o para proteger aos que amo e para vingar aqueles que não puderam sobreviver como eu — disse com a garganta obstruída.

— Sei, querida — Beatha a abraçou com força. — Sei que o fará por isso. Mas eu gostaria de te ter sempre protegida... — murmurou angustiada — porque é minha e não... não quero que ninguém volte a machucá-la.

— Mamaidh...

E assim, mãe e filha se fundiram em um abraço que encerrava uma diferença. Embora as lembranças permanecessem, a vida seguiria em frente; e Beatha esperava que por cada corte que sua filha infligisse com suas espadas, uma cicatriz de sua alma se fechasse.

A Maru de Dudley elevou os olhos para seu filho Carrick, o qual se vestia de negro, apoiado na parede contrária a qual elas estavam, as observando com olhos atormentados. Ele era mais difícil. Não deixava que o tocasse; custava-lhe horrores acariciá-lo, mas o amava igual a ela.

Seu filho assentiu e esboçou um sorriso que não chegou a seus olhos de Peter Pan, porque seu garoto mais velho era um homem perdido roubado quando ainda era uma criança. Carrick era um guerreiro como Gwyn, tão letal e audaz que esperava que em suas ânsias de vingança encontrasse parte da paz e da doçura que lhe arrebataram.

Beatha e Gwyn decidiram: poderia lutar quando quisesse, porque já não podiam controlar Carrick, nem tampouco Daimhin.

Ninguém teria direito sobre seus filhos nunca mais, nem sequer eles.

Já eram adultos. E eram livres.

Beatha agarrou a mão de sua filha, e caminhou com ela dirigindo-se a Cahal.

— É toda sua — disse-lhe. A jovem olhou a sua mãe sem compreender. Cahal se virou com Eon montado sobre seus ombros. Sorriu com doçura a Daimhin e olhou com orgulho a Beatha.

— O que acontece, mamaidh? — perguntou a barda.

Adam e Noah olharam a cena emocionados. E Beatha respondeu a sua filha com calma e serenidade:

— Uma vaniria necessita seu selo de identidade para lutar, mo ál leanabh. Meu formoso coração.

— Toma — Cahal passou a criança para Noah, e o berserker o agarrou como um saco de batatas.

Eon balbuciou feliz.

O druida esfregou suas mãos frente a Daimhin e fechou os olhos.

— Barda, filha de meus amigos brehons Gwyn e Beatha.

— Sim? — perguntou nervosa.

— Você gostaria de recuperar seu cabelo?

A jovem piscou sem compreender e depois abriu os olhos com surpresa e esperança.

— Meu cabelo? — tocou a cabeça inconscientemente, como se ainda pudesse acariciá-lo.

Suas cicatrizes ainda se viam, mas com o tratamento hemoglobínico e o ferro que os fornecia Menw, pouco a pouco os sinais foram desaparecendo. Seu cabelo? Seu lindo cabelo tão loiro que parecia branco... ainda o recordava. E recordava as tranças que de pequena sua mãe fazia. Ela adorava.

Cahal assentiu e a olhou, vendo aquilo que ninguém mais além podia ver. Sua autêntica geasa estava se manifestando.

Todos e cada um dos dias que investigou na Terra, sua ânsia por meditar, sua sede de conhecimento, sua paixão pelas artes orientais, pelo kundalini e sua profunda espiritualidade... deu seus frutos. E seu cérebro agora processava a informação fazendo-a evidente a sua visão. Tudo teve um sentido, uma razão de ser. Ele era assim, o mais metafísico e espiritual de todos, não só por sua alma de druida e sonhos, mas sim para que um dia, um dia como aquele presente que vivia, pudesse compreender o dom que Miz lhe deu e ajudar os outros.

— Relaxe, barda — sussurrou, adorando-a com os olhos. — Fecha os olhos e imagina seu longo cabelo feito de raios de sol — elevou suas mãos e as colocou sobre sua cabeça. — Evoca como foi antes que os maus a pegassem, Daimhin. Sua essência forte e pura segue aí, em algum lugar de seu coração.

O queixo de Daimhin tremeu, mas obedeceu as diretrizes de seu druida Cahal. Como não ia obedecer ao homem mais mágico do clã?

— Imagine-se rodeada de sol, iluminada. — A garota se imaginou iluminada pelo sol que tanto dano lhe causou em Chapel Battery. Os filhos da puta os tiravam várias vezes durante o dia, como se fossem frutas para amadurecer, para que o sol os queimasse e depois estudar sua rápida recuperação, que por causa de sua debilidade, já não era tão acelerada.

Imaginou-se com um vestido branco, sobre o alto de uma montanha, rodeada de povoados que tantas vezes viu em sonhos, descrito pelas palavras de seus pais. O sol batia em seu rosto e seu vestido se balançava ao vento; os raios do astro rei não a machucavam, as mariposas agitavam as asas a seu redor, e ela sorria e recitava palavras que faziam que tudo a seu redor reverdesse e florescesse.

Em sua visão, alguém a olhava. Alguém apoiado em uma árvore, com uma perna musculosa cruzada diante da outra. Tinha as pernas das calças pretas arregaçadas e os pés descalços. Usava uma camiseta branca de manga curta e um sorriso impertinente nos lábios. Seus olhos eram amarelos por completo e tinha uma mecha ruiva em sua cabeça. Era muito bonito. Enorme, muito mais alto do que ela.

O rapaz da videoconferência. O que estava na Escócia e tinha ao híbrido Johnson sobre seus joelhos. Steven se chamava. Tinha-o visto fazia três dias e não havia tornado a aparecer.

Estaria bem?

Em sua ilusão ela o olhava por cima do ombro e lhe sorria com confiança, porque era um pensamento e porque, em sua cabeça, ela era como Deus.

Cahal sorriu ao ver que os lábios de Daimhin se estiravam para esboçar um tímido, mas autêntico sorriso. Os que estavam ali presentes não viam o mesmo que ele. Não poderiam ver como o corpo da jovem vaniria se iluminava e como se formava extra sensorialmente o campo quântico que a criava. O original. Sua estrutura inicial. Havia um halo maravilhoso que percorria seu corpo; um halo com cabelo comprido e loiro, sem cicatrizes. Essa era Daimhin antes que a sequestrassem. Sua essência pura. E ele poderia reestruturá-la. Porque esse era seu dom. Não se tratava do éter. Não se tratava da aura. Não, não era isso.

Cahal não se atrevia a dizer o que era realmente, mas o podia ver ao redor de toda forma de vida. Era como uma espécie de pó dourado cheio de luz. E gostava. Adorava vê-lo.

Suas mãos arderam e sentiu uma pressão no peito.

As sensações estavam aí e devia aprender a aguentá-las. Pelo visto, ele atraía essa energia; e se a acumulava muito tinha contraindicações. Deveria aprender a dosá-la e encontraria um modo; mas, enquanto isso, Daimhin merecia seu cabelo.

— O que foi, permanece, Daimhin — evocou com o dom de invocação. Beatha levou a mão à boca aberta ante o que estavam vendo seus olhos.

Cahal percorria a figura de Daimhin, desenhando a forma luminosa que aparecia ante seus olhos: da cabeça até os ombros, continuando pelos braços e chegando até os pulsos, sem tocá-la em nenhum momento.

Para estupefação de todos, o cabelo da garota cresceu com força, desenhando uma gama de cores loiras incríveis; algumas mechas pareciam quase brancas. Seu cabelo chegou até as escápulas e as pontas se curvaram ligeiramente para cima.

— Por Brigit... — murmurou Beatha com assombro e emoção. Cahal exalou o ar que retinha em seus pulmões e avaliou o que acabava de fazer.

Daimhin era uma beleza, um autêntico bombom. Seus cílios, longos e loiros, roçavam as maçãs do rosto; seus lábios sorriam pelo pensamento que mantinha em sua cabeça, tinha uns olhos grandes e sutilmente rasgados para cima e umas sobrancelhas finas muito loiras e arqueadas. Mas essa garota tinha um olhar que evocava o vazio e à vingança, e sabia por que era assim. Ele somente passou umas semanas em Newscientists. Ela anos.

— Abre os olhos, Daimhin — ordenou com convicção.

Ela o fez. Tinham-na rodeado criando um círculo a seu redor.

Daanna, Aileen, Ruth, Noah, Adam, inclusive as sacerdotisas estavam apoiadas nos corrimões dos andares superiores, com todos os meninos perdidos olhando estupefatos o que acabava de acontecer. Os guerreiros, não todos, ao escutar o silêncio reinante, também deixaram seus treinamentos para ver o que acontecia.

Maria e As, que estavam separando Nora e ao vanirio Jared de uma nova discussão, se uniram ao assombro geral. Jared lhe tirou o elástico de uma maria-chiquinha e agora tinha o cabelo desarrumado, e Meygan nunca estava desarrumada! Mas Nora piscou com toda sua inocência, e pouco se importou com o elástico roubado, porque sua amiga Daimhin recuperou seu cabelo e agora parecia uma princesa. Os olhos da menina faiscaram.

— Seu cabelo! — exclamou Nora se soltando dos braços de Maria e correndo como uma filhotinha frenética para Daimhin. Penetrou entre os adultos, abrindo espaço com seu diminuto corpo e, parando na frente de Daimhin, repetiu apontando-a: — Seu cabelo, Daimhin! Seu cabelo! Seu cabelo! Vejo-o!

Daimhin levou a mão trêmula à nuca e estremeceu quando em vez de pele lisa e cabelo espetado, acariciou algo comprido, liso e sedoso, suave como o cetim. Agarrou uma mecha, sem atrever-se a piscar por medo de que a sensação desaparecesse, e o levou ante seus olhos.

Suas pontas loiras e longas estavam ali. Roçou a mecha com o indicador e o polegar e o levou até o nariz. Cheirou-o e fechou os olhos, cheios de lágrimas de agradecimento e incredulidade. Duas gotas salgadas escorregaram por suas bochechas, mas Cahal as limpou com os polegares.

— Taing dhut. Obrigada — agradeceu a garota com voz abafada. Cahal negou com a cabeça, como se não desse importância ao que acabava de fazer.

— Guerreira Daimhin. — Saudou-a e proclamou ante todos. Elevou os olhos e olhou a todos os que se congregavam a seu redor, nos andares superiores, em todos os lados. — Estou disposto a fazer o mesmo a quem desejar!

Miz, que tinha presenciado tudo da parede em que seguia apoiada, sentiu-se absolutamente perdida pelas emoções. Feliz por Daimhin, por Beatha... e agradecida; agradecida pela primeira vez pela vida por ter lhe dado a oportunidade de ver aquilo pessoalmente. Um ato desinteressado e altruísta, um gesto curador tão lindo que, sem querer, fazia com que chorasse. Limpou as lágrimas com o dorso da mão.

Cahal era incrível. Hoje estava demonstrando o quão diferente era de tudo aquilo que temia. Somente foram necessários uns dias com ele para dar-se conta de que as convicções e os medos criados durante anos não valiam nada nem tinham nenhuma base.

Tinha que aceitá-lo. Sim. Estava se apaixonando por ele e estava loucamente apaixonada. Porque se essas sensações que aceleravam os batimentos de seu coração não eram do mais puro amor, então, o que o era?

Não era a fome, não era a necessidade, a não ser essa amálgama de sentimentos que floresciam em seu peito como uma flor. Miz nunca acreditou naquilo que não podia ver. Mas chegou o momento de acreditar e de aceitar quem era ela e que papel jogava esse homem, druida, guerreiro e vanirio em sua vida. Sem importar o tempo que o conhecia, sem considerar se era cedo ou loucura considerá-lo como seu único e autêntico companheiro. As emoções, os sentimentos e a vinculação estavam ali, e não podia negá-lo.

Cahal repetiu uma e outra vez que era seu cáraid. Dela. E ela agora estava descobrindo que queria sê-lo de verdade. E pensou em gritar: meu!

E sim, eram guerreiros e estavam em uma luta permanente e interminável. Mas se os vanirios e os berserkers manifestavam amor e carinho, como insinuou Daanna, em seu dia a dia, nem sempre estavam com o machado de guerra levantado.

E enquanto pudesse, queria desfrutar dessas manifestações com Cahal. E faria o possível por lhe mostrar o que necessitava dele, embora nem ela soubesse colocar em palavras, nem tampouco em fatos... Deus, estava tão assustada de seus sentimentos...

Queria sua fidelidade; que jamais voltasse a enganá-la, e que cuidasse dela como ninguém fez.

Porque ela morria de vontade de cuidar dele, por muito ridículo que isso soasse. E agora precisava lhe oferecer seu sangue, pois sabia que o vanirio estava faminto por ela. Miz queria abrir as veias... a ideia de fazê-lo a excitava e a subjugava. Mas as abriria para ele. Somente para ele.

Abraçou-se e olhou as bolsas das fantasias que deviam usar essa noite para infiltrar-se na festa. Seria a companheira do druida. Agora, o único a fazer era lhe demonstrar o muito que lhe importava; mas aquela era a tarefa mais difícil, porque suas habilidades sociais eram nulas; e só disse a três pessoas em toda sua vida o muito que as amavam.

As três estavam mortas, arrancadas de seu lado, e decidiu não dizer a ninguém mais essas palavras, por medo de que alguém viesse e também os arrebatassem.

Mas Cahal e sua benevolência lhe estavam devolvendo a esperança. Seria o suficientemente valente para admiti-lo? Aileen se afastou da multidão e igualmente emocionada pela delicadeza do druida e o renascimento de Daimhin, aproximou-se de Miz.

— Vamos precisar de outro traje para Daimhin. Quantos mais guerreiros forem, melhor. Necessitamos de toda a ajuda possível.

Miz tentou ocultar suas lágrimas e pigarreou. Odiava parecer fraca diante dessas mulheres.

— Ah... — atinou a dizer.

Aileen a estudou com seus olhos intimidantemente lilás e deu dois passos para ela. Levantou-lhe o queixo e disse:

— Assim é verdade.

— O que? — perguntou assombrada por aquele gesto da híbrida. Não sabia o que era o espaço pessoal? Por que a tocava?

— Que é capaz de chorar. Que não é tão má.

— Não sou má — replicou ela. — São lendas urbanas.

Aileen se pôs a rir; e sua risada soou a música e a confiança.

— Isso parece — murmurou olhando-a de cima a baixo e liberando seu queixo. — Cahal disse que é uma fanática por gibis.

Miz grunhiu e girou os olhos.

— Cahal te disse isso? — respondeu entre dentes e fulminando a druida com os olhos. — Cahal não sabe o que é a intimidade.

— Sim — Aileen sentiu simpatia pela cientista. Eram muito parecidas. Sua conversão foi traumática em todos os sentidos, tinham a um vanirio poderoso e importante com elas, e não era fácil despertar em uma nova vida com paixão desmedida, dons e sangue. Sentia a necessidade de ajudá-la. — Quero fazer um trato com você.

— Um trato? — deu de ombros. — Qual?

— Você me ajuda a escolher um traje para Daimhin e eu a ajudo a entender a relação de companheiros dos vanirios e a controlar seus dons. Explicarei isso tudo — arqueou as sobrancelhas negras várias vezes. — O que me diz?

— Isso soa a desculpa para me ajudar. Tão perdida me vê? — a Aileen a chamavam Maru, como a Beatha e a Inis. Era uma mulher com peso no clã e era a neta de As. Ela toda exsudava poder e distinção. E essa mulher queria ajudá-la.

— Querida, está com as presas expostas, o olhar tão claro que demonstra o quão perturbada e excitada está e as bochechas vermelhas; não deixa de olhar para Cahal como se fosse um sorvete, e mata com os olhos a qualquer mulher que se aproxime dele.

— Eu não faço isso — explicou frustrada. — Simplesmente, ele não deveria sorrir, nem paquerar tanto.

— Tem alma de playboy — replicou sem lhe dar importância.

Miz ofegou chateada.

— Disse-lhe isso mesmo.

— Em qualquer caso, nos surpreende que não tenha se jogado sobre ele e arrancado suas roupa aqui mesmo. Portanto, sim: a vejo descontrolada.

A loira sorriu sem ocultar sua vergonha. Surpreendia-os? No plural?

— Sou popular... — mordeu o lábio inferior e olhou de esguelha ao druida. — Falam de mim?

— Muito. É um enigma para nós. Queremos odiá-la, mas há algo que... — estalou a língua — nos impede disso. E o que fez hoje inclinou a balança a seu favor.

— E o que a faz pensar que necessito sua companhia?

Aileen suspirou e negou com a cabeça.

— Vê? Essa é a atitude que faz com que queiramos te odiar. Sabe? Eu também comecei com o pé esquerdo no clã; mas logo descobriram que não era o que eles acreditavam e, agora, adoram-me — assegurou. — Poderia te explicar mais coisas, mas se não precisa de mim... — Fez o gesto de dar meia volta para partir.

Miz divisou Daimhin e depois ao motivo de seu descontrole, que estava se deixando apertar como um ursinho de pelúcia pelas vanírias a quem estava ajudando a recuperar seu aspecto.

Sem pensar duas vezes, agarrou a Aileen pelo pulso e respondeu:

— Daimhin deve ser Supergirl. Não é da Marvel... mas com vocês isso dá no mesmo...

— Sempre foi uma apaixonada por aquilo que gostava. — A física e a ciência levaram seu tempo, e seu cérebro. Mas agora queria investir em sua paixão e escutar o seu coração. Necessitaria toda a ajuda possível.

Aileen sorriu, semicerrou os olhos, passou-lhe um braço por cima dos ombros e exclamou:

— Tenhamos um bate-papo entre mulheres, cientista. Vou te explicar o ABC dos cáraids.

E levou Miz a uma mesa além da sala de reuniões do RAGNARÖK, onde conversaram um longo momento sobre o mundo dos vanírios e suas fêmeas. Enquanto isso, Cahal fazia sua magia com aquelas cabeças raspadas que desejavam seu antigo eu.

No tempo que esteve com a morena de olhos lilás, a cientista se surpreendeu por muitas coisas e se entristeceu por ouvir outras que Cahal não lhe disse. Perguntou e resolveu dúvidas; e se maravilhou ante a facilidade com as palavras que tinha Aileen, o simples que era falar com ela e o que sofreu com Caleb ao princípio.

Depois de sua longa e frutífera conversa, um novo vínculo nasceu entre elas. E esperou que fosse um que construísse os alicerces de uma nova amizade. Uma que nunca teve.

Capítulo 17

Cahal não gostou de se separar de Eon. O pequeno despertava seus instintos protetores, e não só isso; parecia que os escolheu, tanto a ele como a Miz, como seus novos pais.

Mas a hora de se preparar se aproximava. As crianças se ocultariam no RAGNARÖK e ficariam aos cuidados das sacerdotisas e das mulheres berserkers que decidiram ajudar em seus cuidados. Os guerreiros recuperados que estivessem dispostos a lutar, lutariam, pois já não podiam negar nada.

Se tudo saísse como previram, Lucius estaria no IMAX, esperando a oportunidade para levar todo aquele carregamento de irídio e ósmio em forma do Iron Man. E eles deviam impedir que o projeto do vampiro fosse bem sucedido.

Pelo que Cahal sabia, o Asgard já não tinha guardião. Heimdal se encontrava sem paradeiro; e se abria uma porta para o reino de Odin, ninguém podia os atrasar. O Asgard estava desprotegido sem seu Guardião das Chaves. A situação não só era crítica; era, além disso, horripilante.

Com tudo que vinha de encontro a eles, sua inexperiente, mas audaz mulher necessitava de um curso acelerado de habilidades vanirias, e decidiu que era o momento de instruí-la. Por isso se encontravam no elevador que os deixaria em Jubilee Park, em pleno entardecer inglês.

Miz parecia nervosa por sua presença. Como se não soubesse o que a esperava. E assim queria que se sentisse; porque ao seu lado, cada hora, cada dia, seria uma aventura que devia valer a pena. Porque haveria momentos desagradáveis como os que viveram essa manhã. Haveria dor, feridas, sofrimento e guerra; por tudo isso os momentos nos quais não estivessem lutando deviam ser memoráveis. O melhor para sua *cáraid*, sempre.

Entrelaçou os dedos com os dela e caminhou pela grama úmida da suave chuva que caiu durante o dia. Inglaterra: terra de água e guarda-chuva, pensou.

Miz olhou ao seu redor e se chocou contra suas costas quando ele parou em seco. Cahal a tomou pela cintura e elevou o rosto para o céu. Ainda caíam gotinhas, lembranças das lágrimas do céu.

—Então, por fim vai me ensinar coisas de seu mundo? —perguntou ela com inconfundíveis olhos curiosos.

O druida baixou os olhos para sua boca e sorriu com indulgência.

—Vejo que esteve com Aileen e que te contou tudo que precisava saber.

Ui, tudo e muito mais, pensou ela, enigmática.

—Sim, me explicou amavelmente tudo que não me disse. — Soltou sem preâmbulos. Como gostava das coisas.

—E me alegra, preciosa. Me faz feliz que se interesse o suficiente por mim e por nós para interagir com outros. Era justo o que queria — explicou piscando um olho — É uma das nossas e preciso que se relacione com os outros.

—Não tenho habilidades sociais, se por acaso ainda não percebeu.

—Sim, as tem, neném. Só que é inquietantemente diferente. Mas isso a faz única. Não obstante, cérebro meu — lhe acariciou a covinha do queixo com o dedo indicador, — Aileen não pode te ensinar tudo. — Assegurou resolutamente.

—E você vai me ensinar?

—Quer?

Miz queria. Morria de vontade de passar um momento a sós com ele. Afastados de todos.

—Sim.

—Segure-se bem forte, Ossinhos. Vou te mostrar meu mundo tal e como o vejo. — Com essas palavras, Cahal se impulsionou para cima e se elevaram vários metros sobre o céu.

—Oh, pelo amor de Deus! —exclamou Miz, se agarrando em seus ombros e amassando a camiseta que usava.

O druida se pôs a rir mais, sem fazer caso de seus gritos de medo e excitação, e continuou tomando altura até alcançar as espessas nuvens cinzas e vermelhas do entardecer. Aos seus pés, Tipton e Jubilee Park eram uma pequena confusão de luzes cintilantes.

Miz engoliu em seco e afundou seu rosto no peito do vanirio.

—Não... Não gosto das alturas!

—Gosta, mas não sabe —sussurrou ele a abraçando com força— Ratinha, abre os olhos.

—Não me solte!

—Não o farei.

—Me... Vou ter algo. Um ataque ao coração, ou... Me impressionam as vistas deste tipo. Voar, aviões, arranhas-céu... Essas coisas fascinam outros, mas não a mim — explicou com franqueza.

Cahal sorriu e negou com a cabeça, a embalando contra seu corpo.

—Neném, tão valente e tão medrosa... — grunhiu com carinho— Nada acontecerá com você. Abra os olhos e olhe o que está perdendo. Tem medo de voar porque nos aviões não é você quem está no controle; e é uma mulher diabolicamente controladora. Mas agora é diferente. É uma vaniria, e as vanirias, naturalmente, voam.

Ela negou com a cabeça loira e os cabelos alvoroçados pelo vôo. Cahal os agarrou num punho e rodeou seu pulso com eles.

—Aprecie isto comigo. Abra os olhos. Faça por mim, *mo dolag*.

Talvez fosse o tom, esse rogo humilde e suplicante. Ou talvez fosse o modo como murmurou e a maneira que tinha de se apropriar de seu cabelo, como se fosse também dele... Não importava o porquê, mas cedeu ao seu pedido, e os abriu.

Estavam entre as nuvens. A cidade rugia em movimento. Divisava Londres, o parque Greenwich, Waterloo, a Ilha The Dogs e o rio serpenteando e cruzando o centro da Inglaterra... A Black Country, formada por Wolverhampton, Segdley, Walsal e Dudley... E escutava o silêncio. Um silêncio que abaixo era impossível de desfrutar, mas aí no céu, entre os braços do vanirio, a rodeava e estimulava como só a ausência de ruído podia fazer.

E adorava.

Como gostava de estar ali. A visão a intimidava, mas talvez Cahal tivesse razão e esse fosse o hábitat natural de sua nova natureza, já que não a assustava tanto quando era humana.

—Estamos voando... — murmurou Miz impressionada, olhando para baixo. O loiro sorriu com insolência, mostrou os perfeitos dentes brancos e retos e disse:

—Eu vôo, preciosa. Você não... — e a soltou; porque aborrecer Miz era algo único e maravilhoso; e porque sabia que, assim que Miz desse a ordem mental para se sustentar e levitar, iria atrás dele, diretamente para esquarterá-lo.

A cientista caía, movendo braços e pernas, com cara de pânico e terror. Seu grito se fez interminável, como os que emitiam os humanos nas montanhas russas.

—Voa, neném! Voa! —Gritava para ela seguindo sua queda e voando ao seu lado, mas sem deixar que o agarrasse.

—Cão!

—Voa, Miz! —gritou em meio a uma gargalhada.

—Como demônios faço isso?! Como, ordinário?! Malvado!

Visualize-se voando e acreditando firmemente que pode fazer isso, neném. Faça. Agora.

Urgiu-a ao ver que pouco a pouco se aproximavam da terra e que a mancha verde que formava o Jubilee Park das alturas era cada vez maior.

—Voa ou terei papinha de cientista para jantar! —gritou ele afastando sua mão que queria agarrar-se à sua perna.

—Não! Não... não posso!

—Voa, droga! Ou por acaso não é tão inteligente como acreditava?!

Justo no alvo.

A pergunta, tão insultante para a loira, cumpriu seu propósito. Cahal se afastou por precaução e, de repente, fum! O corpo da vaniria levitava entre as nuvens. Não se movia, só estava paralisado, conseguindo deter a queda livre.

—O que. Acaba. De. Dizer? —articulou cada palavra com a precisão de um cirurgião—Que não sou tão inteligente como acreditava? Isso me pergunta um cérebro com um único neurônio como você?

Os olhos dourados e verdes de Miz se cravaram em Cahal. Estava assombrosamente bonita, com sua juba açoitada pelo vento e as bochechas vermelhas da raiva; o olhar desafiante e os lábios desenhando uma linha franzida de desgosto.

Ele parou vários pés acima dela.

Cahal piscou, aguardando seu ataque. Miz também.

Ele sorriu como um pirata malvado, um autêntico trapaceiro conquistador.

E ela mostrou as presas. Lançando um grito, visualizou-se o perseguindo; e movendo o corpo justamente do modo que queria movê-lo. Este a obedeceu e começou a persegui-lo pelos céus.

Cahal ria com vontade, enchendo o céu de gargalhadas. Miz queria alcançá-lo para lhe dar uma lição. Primeiro o amarraria e depois arrancaria sua pele, milímetro a milímetro.

—Sádica! É uma sádica dominatrix, Ossinhos! E ainda não sabe!

—E você, um... — introduziu-se numa nuvem, desfrutando do frio e da umidade de seu interior, e saiu pelo outro extremo. —... cara de pau! Isso que é!

—O que disse? Que quer pênis?

—Para cortá-lo e vendê-lo na salsicharia como o pênis de um coelho anão! — replicou, deixando sair uma risada inesperada. Nunca riu tanto como estava rindo esses dias com Cahal. Ele a fez chorar e a intimidou... Mas com o passar dos dias, estava devolvendo os sorrisos que seu rosto perdeu fazia anos, muitos anos atrás.

O druida parou em seco e esperou o impacto de Miz, que chegou como um jogador de futebol americano, colidindo com o ombro justo no estômago.

Quando admitiria que estava se apaixonando por ele? Por que tinha tanta vontade de ouvi-la dizer? Rodeou-a e a apertou contra seu corpo, duro pela perseguição e ofegante pelo sangue de sua mulher.

—O pênis de um coelho anão? —mostrou as presas e enredou os dedos em seu cabelo, puxando seu pescoço para trás.

—Sim, cretino. —Miz continuava sorrindo, mas desta vez, se contagiou pelos hormônios que exsudavam do vanírio, e seus olhos se clarearam pelo desejo. A tensão sexual crescia entre os dois a cada segundo.

—Pois o coelho anão te deixou bem ardida, *mo dolag* — grunhiu inalando seu aroma de morangos.

Miz fechou os olhos e seu coração perdeu um batimento do coração. Cahal ia mordê-la entre as nuvens, rodeados de cores elétricas e belas estrelas terrestres que não paravam de cintilar. E voava com ele; por incrível que fosse, voava com ele.

No meio do caos no qual se encontravam, ambos sulcavam os céus ingleses juntos. Soube que sempre seria viciada nele, àquelas sensações, ao desejar e ser desejada, e ao brincar e ser provocada como fazia com ela. As emoções a estavam dominando.

—Cahal... Estou voando.

—Sim, ratinha. —Lambeu sua garganta e a mordiscou, lançando centenas de espetadas elétricas diretamente em sua vagina e seus mamilos— Me deixa tão ridiculamente orgulhoso de você... Me faz querer a magia continuamente. E um druida como eu não pode abusar de seu poder.

Ela gemeu quando puxou seu cabelo com mais posse.

—Vai me morder?

—Droga, sim. Peça-me — grunhiu isso com os dentes apertados.

Miz estudou suas palavras. As demais garotas sempre imploraram. Esse pensamento atravessou as nuvens e penetrou em sua mente: *Me dê mais. Por favor, me coma inteira; imploro isso, me faça gozar...*, recordava o que seu sangue revelou. Por que ela tinha que fazer o mesmo? Por que essas lembranças continuavam a queimando? Preferia não vê-las nunca. E, depois, restava o assunto de sua acessibilidade e sua simpatia com tudo aquilo que tivesse seios. Não gostava. Não gostava absolutamente.

—Por que quer que te suplique? Por que gosta de me envergonhar assim? —Mas enquanto dizia essas palavras, rodeou sua nuca com os braços, se entregando a ele. Queria que fosse exigente; e cada olhar, cada ordem, cada sorriso, cada toque de sua língua sobre ela estava arrancando as camadas de sua vergonha tão bem construída. Com as demais sempre foi um

cavalheiro, sempre as tratou com doçura e consideração. Com elas sim, mas com ela não. Não era amável, sempre a pressionava. Por que? — Quer que peça isso? Sério?

Cahal sentiu que seu aroma mudava. Suas palavras tinham um tom reprovador muito marcado.

—Morda-me, Cahal, por favor. —Olhou-o com os olhos semicerrados, com brincadeira, torcendo o pescoço para um lado, esperando que cravasse os dentes.

O loiro a olhou com cinismo. Não era uma postura submissa. Absolutamente. Nem tampouco estava pedindo com sinceridade.

—Até que não saia seu verdadeiro eu, Miz, continuarei te provocando — confirmou com seus olhos azuis fixos em sua jugular. — Deixe que a fera saia, me mostre isso e então talvez eu me descontrole também. Agora — colocou sua testa à dela, — me peça isso com o coração.

Ela piscou furiosa e confusa ao mesmo tempo. Quem pensava que era? Seus olhos se tornaram mais claros que o habitual.

—Não sou eu quem tem sede. Se quiser algo, tome-o, vanirio ególatra e vaidoso. —Não parecia justo que a pressionasse desse modo. Era sua *cáraid*. Por que não deixava as coisas mais fáceis?

—Ui... E essa mudança de atitude?

—Não penso ser como uma de suas conquistas que virtualmente arrancavam as calcinhas para ficar com você. Também exigia que te pedissem isso? Estou oferecendo meu sangue — replicou humilhada e contrariada, — e não quer tomá-lo se eu não...!

Rendido por beber dela, cortou sua ladainha com uma dentada furiosa e castigadora. As presas se introduziram em sua pele e seu sangue fluíu das feridas. Miz não sabia ainda. Não sabia que sua sexualidade era muito mais potente que seu sangue, mais que qualquer droga. Mas continuava a domando. Não acabaria até deixá-la sair. E brigava para que ela se mostrasse. Porra, seria tão libertador para os dois... Poderia tratá-la como na realidade queria. E ela se descobriria por fim como uma mulher de grandes paixões, uma fera; uma maravilhosa e fria guerreira.

A pressionava. Sim. E a pressionaria até que dissesse o que de verdade sentia, por muitos medos e muitos traumas que pudesse ter. A paciência não era sua maior virtude.

É isto que quer? Você e eu entre as nuvens? Eu bebendo de você como se fosse um puto refresco?

Miz gemia e rodeava sua cabeça com as mãos.

Sim. Sim. Assim... Soluçou, incapaz de rejeitá-lo.

Abre as pernas.

Miz o fez; e Cahal desenredou uma mão de seu cabelo e abrangeu todo seu sexo com ela.

Introduziu uma mão por dentro da cintura de sua calça e colocou os dedos por baixo de sua calcinha.

Tão suave e ardente... Ronronou enquanto continuava bebendo e penetrando um dedo entre seus lábios mais íntimos. Precisava pressioná-la um pouco mais. Só um pouco mais. Miz, a dominatrix se ocultava, mas ele a tiraria de sua toca; talvez não nesse momento mas, no final conseguiria, porque não seria feliz sem a total e completa entrega dela.

Essa noite lutariam e ficariam em perigo.

Ambos mereciam essa troca antes que alguém os ferisse. Situou-se sobre uma nuvem e desencravou as presas da garganta da jovem, que permanecia com os olhos fechados. Um fio de sangue caía do pescoço até escorregar por sua linda e marcada clavícula.

Cahal tocou uma nuvem e afirmou:

—Você me sustenta. — A nuvem adquiriu uma consistência macia e sólida. Como uma cama celestial. Tombou Miz sobre o cumulonimbus, e o fez com delicadeza. As cores avermelhadas do entardecer ficaram mais intensas e tingiram suas peles de uma cor mais escura e misteriosa.

—Esse dom que tem vai acabar comigo. — Gemeu, o puxando pela camiseta para aproximá-lo dela, de sua boca— Acaba de preparar uma nubecama para nós?

—A excita meu dom?

—Faz que pense em algoritmos fazendo strip-tease. —murmurou levantando o rosto para beijar sua mandíbula. — Pode modificar o estado das coisas. Tem o dom de decretar. Suas palavras influem na matéria de um modo que não compreendo, mas... Mas gosto e é um desafio para mim.

Cahal apoiou os cotovelos na improvisada nuvem acolchoada e a olhou nos olhos com um gesto impassível. Seu azul se escureceu e, de repente, se mostrou diante dela sem máscaras, sem dissimulação. Só Cahal. Cahal McCloud no céu com sua companheira de vida, a única que poderia comovê-lo e compartilhar sua eternidade. Seu dom era um desafio a desvendar para ela. E acaso não queria descobrir o que sentia?

—Tenho o poder de decretar? —perguntou com solenidade.

Ela lambeu os lábios e assentiu.

—Sim. Tem. É óbvio, não?

Um músculo palpitou em sua mandíbula.

—Então, me ame.

—O que?

—Me ame, Miz —ordenou, decretando cada palavra do fundo de seu coração.

A jovem ficou em choque. Seus pulmões não reagiam e se esqueceu de respirar. Que esse deus pagão celta ordenasse que o quisesse a afetou mais que estava preparada para admitir. Pigarreou, e seus cílios bateram; confusa, insegura. O que supunha que devia dizer?

As únicas pessoas às quais disse “Eu te amo” estavam mortas. Depois delas, não houve ninguém tão importante para criar um vínculo desse tipo; nem homem nem mulher.

Mas Cahal era diferente. E estava tão assustada...

Ele fechou os olhos e sorriu agitando sua cabeça, como se quisesse sair de uma estúpida miragem, de um sonho. O que pensava? Que depois de tudo, ela ia dizer que sim? Que o amava? Estava ansioso por ouvi-la pronunciar essas palavras, mas havia coisas que seu dom não podia controlar, e uma delas era a mais importante de todas: não podia obrigar o coração de Miz a correspondê-lo. Tinha decisões próprias e não podia mudar sua natureza.

Quando abriu os olhos, sua ternura e súplica desapareceram, substituídas por algo muito mais carnal que sim, podia obrigá-la a entregar. Um orgasmo. A rendição de seu corpo, em troca da não rendição de seu coração.

—Muito para você, neném? Tem uma raiz quadrada no lugar do coração, sabe? Não pode procurar fórmulas em tudo, porque há coisas que não as têm, porra. —Grunhiu zangado, descendo suas calças com um puxão duro de sua mão.

Ela apertou os lábios e olhou para outro lado para não ter que encarar seus reprovadores olhos azuis. Havia coisas que não podiam resolver isso, mistérios indecifráveis, isso já sabia.

Mas Cahal não podia pressioná-la desse modo. Não assim. Tinha que compreendê-la.

—Vai rasgar minha calça. — Gemeu ela.

—Bem —respondeu, baixando-a até os joelhos e dando-lhe meia volta para deixá-la de barriga para baixo.

Miz se excitou ao sentir as mãos brucas e ardentes do vanirio sobre sua pele. Estava zangado porque não podia dizer o que ele queria ouvir.

Mas como? Não... Não se atrevia.

Cahal passou a mão por suas nádegas e sorriu.

—Você, pequena ratinha, frita meu cérebro. —Baixou sua calcinha até os tornozelos e depois subiu a camiseta até os ombros para deixar toda a curva de suas costas descobertas. Miz prendeu a respiração. A nuvem estava gelada e parecia úmida, embora a sensação fosse muito estimulante.

—Está aborrecido. — O acusou.

Ele apertou os dentes, se obrigando a manter o controle. Mas, para que? Se essa garota parecia feita de gelo, do que servia o controle? Não reagia como ele desejava; não se abria como esperava, mas não podia culpá-la tampouco, não?

Cahal inclinou a cabeça e passou a língua entre o meio de suas omoplatas, para prosseguir pela coluna vertebral e depois beijar e morder os ossos do sacro.

—É meu problema, Miz —concedeu ele— Quero sua rendição e não me dá isso. Mas não quero perder a esperança; espero que algum dia reaja para mim como quero que o faça.

—Já reajo a você! —Apoiou-se nos cotovelos e levantou a cabeça quando sentiu a intrusão da língua de Cahal entre as nádegas. Entre as nádegas!

—Não... —sussurrou ele beijando-a em lugares escuros e proibidos.— Os vanirios são seres muito possessivos e passionais, Miz. Desejamos rendição de nossas companheiras porque queremos nos render também a elas. É uma relação de cumplicidade e honestidade. A considerava uma pessoa honesta...

—Isto não está sendo fácil para mim! —Protestou; mas as palavras se cortaram quando ele levantou seus quadris e a colocou de quatro, olhando o horizonte de cores elétricas que já não desprendiam raios solares; por isso sua pele não ardia, não queimava. Miz olhou sua posição e notou a boca de Cahal a lambendo ao redor de sua zona traseira, mais escura.

Depois sentiu uma bofetada que ardeu e uma dentada na nádega contrária, embora sem chegar a cravar as presas, mas estava mordiscando sua pele com força.

Seus olhos escureceram. O que era aquela sensação? Estava a provocando? A fera vaniria o olhou por cima do ombro e o advertiu com um sussurro:

—Não brinque comigo. —Seus cabelos loiros bailaram ao redor de seu rosto. — Nem pense, vanirio.

O druida se colocou de joelhos atrás dela e a acariciou entre as pernas com seus dedos.

—Nem pense? —A olhou nos olhos e levantou uma sobrancelha loira. Ali estava a fera, a guerreira, o que queria ver nela; a mulher que não temia nem seus instintos nem suas necessidades. Por que era tão duro para Miz deixá-la sair?

Tentaria um pouquinho mais. Brincou com seus dedos em sua entrada, úmida e cheia de nata feminina. O pênis ficou duro e teve até vontade de ejacular, inclusive sem penetrá-la.

Miz gemeu quando os dedos de Cahal capturaram seu clitóris e o beliscou com força.

Abriu as pernas tudo que pôde e permitiu que o druida seguisse a tocando desse modo, até que sentiu outra bofetada.

—Vamos, tigresa —murmurou, roçando as nádegas vermelhas e ardidas com os lábios. — Mostre suas presas e te darei algo bom de verdade.

Ela girou e cravou suas pupilas dilatadas pelo prazer em seus olhos azuis.

—Não o farei. Não vou suplicar mais —assegurou, séria e afetada por seu toque. — Não sou como elas, druida —acrescentou com voz rouca — Me tome ou me deixe. — desafiou. Por Deus, gostava muito desse homem, estava se apaixonando por ele. Acaso não via? Mas se a conhecia como dizia, devia compreender que não sabia dar o que ele queria. Muitos anos por trás de uma couraça.

Cahal introduziu dois dedos em seu interior e a moldou por dentro. Continuava sendo estreita, mas estava tão lubrificada que os dedos entravam sem compaixão até os nódulos.

Frustrado pelo controle doentio dessa garota, tirou os dedos e dirigiu a mão ao seu púbis.

—Vou fodê-la, Miz. Tão forte, tão profundo e tão freneticamente, que farei que chore de prazer.

Ela apertou os dentes e mordeu a língua para dizer que não gostava dessa palavra, nem tampouco desse tratamento. Mas ele se sentia derrotado porque as coisas não saíam como queria, e ela se sentia mal porque era uma autêntica incompetente emocional. Miz tocou sua mente voluntariamente. Fez para acalmá-lo.

Faça amor comigo. Não me foda. Dê-me tempo e faça amor comigo, Cahal.

Amor? Não sabe o que é isso. Para amar tem que ceder, neném; e você tem seu coração em uma fodida camisa de força. Estou cansado. E não está valorizando o tempo que nos dão.

Isso a feriu no mais profundo. Talvez não soubesse. Talvez a aterrasse amá-lo muito para logo perdê-lo pelas mãos de Lucius e outros.

O druida se fechou; posicionou-se atrás de suas nádegas e impregnou o membro com a umidade da jovem. Dois mil putos anos esperando para encontrar uma *cáraid* que o fazia passar pior do que quando não sentia nada. Que brincadeira era essa? Acariciou seu clitóris, a empalando pouco a pouco com seu enorme pênis.

Ela se queixou e afundou o rosto na nuvem. A sensação dele entrando em seu corpo era assombrosa e intimidante nessa postura. Parecia que não ia acabar nunca. Ocultaria suas lágrimas, não as mostraria.

—Chora? —perguntou ele puxando seu cabelo para trás e a colocando de joelhos. Lambeu suas lágrimas e murmurou todo tipo de palavras ternas e implorantes enquanto a penetrava até o fundo. — Assim. Sim, isso mesmo... —emitiu um rugido, obrigando-a a virar a cabeça e olhá-lo no

rosto. — Sente, Ossinhos? — Impulsionou seus quadris para a frente e Miz apertou os dentes, tensa pelas sensações. — ... Sente isso? — Rodou os quadris fazendo seu pênis acariciar as paredes internas de seu sexo, e as obrigando a relaxar e esticar. — Estou te fodendo. — acompanhou cada sílaba com uma estocada de seu membro.

Miz gritou e esbofeteou seu rosto. Não soube como o fez. Num momento estava segurando o pulso da mão que a acariciava entre as pernas, e no outro estava lhe dando uma porrada. Mas ele merecia.

O que pretendia?

— Está se humilhando. — respondeu ela com fingida frieza. — Suplica que o ame como um pobre animal espancado. Sou sua companheira. Me respeite.

Isso o desatou. Essa mulher estava cega! A ajudava a se libertar, não a obrigava a sentir prazer. Cada orgasmo de Miz, cada hora com ele, era outro ferrolho mais que se abria nela.

Mas para ajudá-la a se encontrar precisava, sobretudo, de sua total entrega e luta.

— É minha companheira? — A acariciou com mais força entre as pernas. — De verdade é? — Mordeu seu lábio inferior com força e ela soltou um grito desolado.

Estava gozando, dominada pelo vanirio possuidor da magia mais pura. Alcançava o êxtase quando a estava castigando de algum modo que ainda não conseguia compreender. E, depois, o céu se abriu definitivamente quando a mordeu no ombro, a imobilizando como um animal, a obrigando a receber suas arremetidas e sua fúria.

Miz fechou os olhos, rodeou o pescoço com uma mão e o beijou. Beijou-o porque compreendia seu ressentimento e sua incompreensão para o que acontecia com ela, e não queria feri-lo.

Cahal aceitou o beijo, mas não permitiu em nenhum momento que descansasse. Miz não queria ser valente por ele. Ainda não o amava e isso o entristeceu muito. Mas, pelo menos, faria que recordasse durante toda a noite quem era o homem que a fazia sentir esse prazer doloroso entre as pernas, a transformando em gelatina e a fazendo chorar como uma menina.

E se nunca me amar? — Esse pensamento o alarmou.

Havia algo que estava seguro. Um não viveria sem o outro. Ainda não saiu o *comharradh*, o selo dos deuses, e talvez neste ritmo nunca saísse; mas, se era assim, queria dizer que se equivocou com Miz?

Equivocou-se?

A jovem caiu para a frente e se colocou de quatro, enquanto continuava gozando com Cahal. Ele ejaculou em seu interior e Miz teve outro orgasmo contínuo e longo; um que a deixou esgotada e semi-estendida sobre a nuvem, à exceção de seu traseiro no alto, que segurava o druida com uma mão.

Ambos lutaram para se recompor.

Miz respirava profundamente, enchendo de ar seus pulmões.

Com seu rosto oculto atrás de seu cabelo dourado, perguntou:

— Pode... pode acontecer isso? — perguntou com voz consternada.

— O que? — Cahal saiu dela sem se limpar, apenas subiu as calças e a cueca de uma vez.

—O ouvi, *druidh* —confessou reprovando sua atitude com aqueles olhos de fada. — Acha que se equivocou comigo?

Cahal passou a mão pelo cabelo raspado e deu de ombros.

—Acredito que se o destino já estiver escrito, Miz, e você é de verdade minha companheira, então, tenho *typpex* para retificá-lo. Não quero ao meu lado uma mulher que não aceita sua natureza, que se reprime e que duvida do que sente por mim. O que mais precisa para se dar conta que estarei ao seu lado sempre? Que é de mim que precisa? Só estou pedindo que se entregue, que pare de desconfiar de mim. Só isso. E não o faz. — A recriminou— Então, tampouco quero ficar com você.

Ela ficou de joelhos e o olhou entre assustada e ofendida. A estava rejeitando? Estava dizendo que não a queria?

—Faz um minuto me disse que estava orgulhoso de mim, e agora está me negando?

—Sim — abotoou o botão da calça e lambeu o sangue dos cantos dos lábios— E estou, neném. Estou orgulhoso porque é valente, decidida e inteligente. Mas as *cáraids* não vivem do orgulho. Não vivem disso, Ossinhos. Há algo básico entre nós, e não se trata somente de atração e de quão importante é nosso sangue. Trata-se de amor, da conexão das almas afins. Sim, sei que não acredita nisso — se ajoelhou diante dela e a olhou com compaixão, sabendo que isso era o que ela mais odiava; a compaixão e a condescendência. Necessitava que a jovem reagisse e esperava jogar bem suas cartas. — Mas é nossa base. E se não funcionar com você, se não estiver funcionando com você, então, talvez tenhamos nos equivocado em algo — sorriu com desinteresse — Aileen e Caleb conseguiram. Daanna e Menw também. Iain e Shenna, Gwyn e Beatha... Com você, algo está errado. Mas pelo menos, nossos corpos têm muita química, não é, neném. Acabo de te dar uma transa tão boa que viu o grande próprio céu. — Deu uma volta ao seu redor e abriu os braços tentando abranger as nuvens e todo o horizonte.

Miz baixou os olhos e levantou com lentidão, com tanta dignidade que parecia uma rainha.

Sabia que a estava irritando com suas palavras? Com certeza que sim. Apostava que essa era sua intenção. O grande sacana. Em silêncio, subiu a calcinha e a calça, e cobriu seu sutiã com a camiseta branca. Retirou as mechas loiras do rosto e levantou o queixo tremente.

—Está zangado porque não disse que o amo. Que ridículo. —espetou com falsa ironia, empregando a frieza tão bem aprendida desde que ficou sozinha e órfã. — Isso é tudo.

A frustração se refletiu na mandíbula do druida.

—Estou zangado por me equivocar! —grunhiu olhando-a com desdém— Irrita-me que meu corpo reaja a você quando tem gelo nas veias, mulher! Irrita-me que seja minha *cáraid*. Por isso repito que, se for assim, vou mudar.

Gelo nas veias?

Miz abriu a boca e não soube como replicar. Gelo nas veias... quando sentia que seu sêmen deslizava entre suas pernas... Que filho da cadela! As palavras eram como adagas.

Acertavam no centro do alvo, a única coisa que podia fazer era ter a mesma pontaria. Mas não sabia lutar com ele, nem tinha muita pontaria; e a verdade era que a feriu com suas acusações. Seus olhos encheram de lágrimas de tristeza. Com podia ser tão bom que parecia voar, e como podia sentir-se como uma desgraçada falta de amor e de compreensão. O céu e o inferno

em uma só palavra, um só toque, um só gesto de Cahal. Por isso, sabia que estaria perdida se reconhecesse o que sentia por ele.

Sentiu-se ridícula por querer que a abraçasse quando a estava rejeitando tão abertamente. E seu orgulho, onde estava? Ah, sim: o perdeu em seu orgasmo múltiplo.

—Comigo está aprendendo muito, Miz.

Ela limpou as lágrimas com um tapa raivoso de sua mão.

—Sim. Estou aprendendo que os vanirios só fodem, não fazem amor; estou aprendendo que convertem as mulheres sem que sejam suas *cáraid*s; que as enganam para que relaxem com eles e logo façam sacanagem com ela! Sim, loiro, tome no sentido literal, porque me sacaneou muito bem —assegurou cheia de rancor— E também ficou claro que só o que interessa de suas companheiras é seu sangue e que tenham um bom buraco entre suas pernas. Não dão tempo para que se acostumem, embora as tenham convertido à força, embora este seja um mundo completamente novo para ela! Querem tudo e ao mesmo tempo! E sabe o que aprendi?

—Mais coisas? Incrível.

Deu dois passos para ele e inclinou a cabeça atrás para olhá-lo diretamente no rosto.

—Que talvez possa ter me deixado grávida, embora às vanirias custe conceber. O que? Surpreso? Feche a boca, druida. Aileen me falou de tudo, coisa que você não fez. E, ainda sabendo que posso carregar seu filho em meu ventre, me despreza como um trapo sujo.

—Isso é altamente improvável.

—Cale-se! Me trata como uma qualquer! Como uma dessas milhares de mulheres com quem transou, porque não me encontrava! E agora que me encontrou, me coloca de quatro, e me faz olhar o entardecer para transar comigo e logo me dizer que não sou sua *cáraid*!— Tentou se acalmar, mas a dor a estava arrasando como uma supernova. — Está brincando comigo e não me sinto à vontade! Filho da puta!

—Respeite minha mãe —respondeu ele sentindo sua dor, mas fingindo indiferença. Tinha que interpretar seu papel até as últimas consequências.

—Respeite a mim! Não sou sua mulher?! Não sou sua companheira?! Acaso não devolvi seu dom?! —As lágrimas sulcavam seu rosto como cascatas de água salgada. O empurrou com todas as suas forças, mas o fez tão mal que escorregou e se chocou contra seu peito. Odiava passar por ridículo. Odiava que, inclusive, o odiando como odiava nesse momento, suas presas ardiam por voltar a beber dele. Se enrijeceu quando pôs repelentes e consideradas mãos sobre seus ombros, e deu um salto atrás, se afastando de seu corpo.

Os dedos de Cahal coçavam por atrain-la e abraçá-la; para dizer, justamente, que o incomodava tão precisamente porque era sua companheira e porque não estava bem que ela não reconhecesse os sentimentos que tinha por ele. Queria Miz apaixonada. Queria que deixasse de temer o amor. Que parasse de se esconder dele e do que os dois eram um para o outro.

—Não me toque. Quando acabar com seu tippex e me apagar de seu destino, me empreste um pouco para apagá-lo do meu. —Contra-atacou a com uma dignidade única.

O druida sorriu agradecido, fazendo uma reverência, imerso em seu papel desinteressado e apático.

—Será um prazer, sabichona. Agora, não percamos mais tempo. Temos que nos arrumar e ficar bonitos para acabar com Lucius.

Miz não esperou que desse nenhuma ordem. Saltou ao vazio, pondo em prática seu novo dom. Cahal observou o esbelto corpo da cientista se dirigindo à Jubilee Park, e rezou para não ter ido muito longe com suas palavras. Miz se fecharia ou, finalmente, reclamaria o trono que lhe pertencia?

Capítulo 18

Waterloo Road

IMAX

O IMAX de Londres, concretamente o que havia na rua principal de Waterloo, era um anfiteatro circular espetacular. Estava localizado numa praça em que confluíam a rua York, Waterloo, Tenison e St. Stamford.

Rodeava-o um jardim ascendente e foi construído a um nível superior que as estradas e as autoestradas que o rodeavam. Não obstante, devido à magnificência do evento, cercaram a praça, e em seu interior colocaram tendas nas quais se celebraria a festa da Marvel. Os londrinos iam ter Iron Man e Thor até estar de saco cheio.

O IMAX estava coberto por painéis refletivos que emitiam imagens. Neles se via o pôster do filme e o patrocínio da Marvel na festa temática.

Cahal se sentia como um autêntico merda. Essa era a realidade.

Foi muito errado ter falado daquele modo com sua companheira; ele nunca deveria ter dito essas coisas, mas, pelo menos, seu ataque, sua ofensiva, daria resultado essa mesma noite, e ele ao final, poderia ter seu selo em sua pele. Um como o de Caleb, Menw, Gwyn... Os invejava em segredo. Sentia-se feliz por eles. Mas também cobiçava aquela marca que o proclamava como um ser realmente amado e não só desejado.

Dois mil anos sem sentir nada era muito tempo. E, agora, depois de provar Miz, já não se conformava com o carinho e o desejo. Todas as mulheres o desejavam, mas ele queria mais. Queria o outro também. O prato grande. O amor.

E Miz não poderia amá-lo até que se desse conta de quanto a amava completamente.

Inclusive essa parte escura e dominante que não queria tirar e exhibir. Ah, mas o faria. Faria-o porque ele acertou na ferida. E a cientista tinha um amor próprio de merda. Essa noite, ou o mandava à merda definitivamente, ou dizia alto e claro *aqui estou eu, zigoto!* De momento, não deixava que entrasse em sua cabeça, a grande harpia. Sabia se proteger muito bem.

Sorriu ante aquele pensamento.

A jovem acreditava que as milhares de mulheres que levou à cama significavam algo para ele. Pois não. Era um sacana? Certamente sim. Mas cada uma das mulheres às que satisfez, era uma busca desesperada para encontrar Miz.

Até que ela o encontrou.

As luzes dos helicópteros sulcavam o céu e iluminavam a praça e a multidão fantasiada que saía do cinema. Enfocaram-no levemente. Estava apoiado numa luz, esperando o momento no qual essa figura de irídio e ósmio fizesse presença.

—Vai armar uma grande confusão, presas.

Cahal olhou por cima do ombro e saudou com um gesto de cabeça a Noah, que nesse momento era o Capitão América.

—Sou Thor para você, vira-lata. — respondeu cruzando os braços e agarrando a imitação do Mjölñir com força.

Noah observou seu traje e fez uma careta com os lábios ao olhar sua cabeça. Usava um capacete prateado com duas asas douradas nas têmporas que se elevavam.

—Suponho que ser filho de Odín deve ganhar algum respeito. Uma pena que pareça um cafona com essa malha azul e botas douradas. E essa capa vermelha? A tirou do Superman?

—E me diz isso um cara que tem asas de mariposa na cabeça. As minhas são maiores — sorriu vaidoso— Igual meu pau.

—O exilaram por te acharem um idiota, equivoco-me?

—E o congelaram, verdade? Ouça, ainda é virgem?

Noah sorriu e estudou seu escudo com a estrela branca no meio.

—Sabe o que sairia se Thor deixasse uma lésbica grávida? Teriam uma Super Lésbica. Nunca deixe Miz grávida.

Cahal não achou graça na piada; mas o olhou de soslaio, perdoando sua vida.

—Miz não era lésbica, asseguro isso.

—Sei. Fedem a sexo heterossexual os dois —confessou sem nenhum pinga de vergonha. — A cientista tem os hormônios tão descontrolados que está a ponto de fazer que um montão de homens paralisarem ao seu redor.

Cahal girou e o encarou. Não gostava que outros farejassem Miz. Ela era dele, o berserker de olhos amarelos não tinha porque cheirá-la.

—Vira-lata, vá caçar comunistas e me deixe em paz. Que diabos faz aqui? Você devia estar no outro lado, porra.

—Miz gosta de mim. —acrescentou resolvido, ignorando se ofendia ou não com seus comentários— A viu com o traje? —perguntou minucioso.

Não. Cahal ainda não a viu. As garotas estavam em outra área, vigiando a avalanche que saía do cinema. Aquela festa tinha a aparência de ser uma discoteca improvisada, com palco e áreas vips. Talvez em um dado momento necessitassem da distração da dança de Ruth ou do descaramento que Aileen podia provocar no pessoal. A jovem Guerreira e a híbrida estavam preparadas para qualquer coisa.

Mas não. Não viu Miz, já que, para não levantar suspeitas, chegaram ao IMAX uns separados dos outros.

Agora só queria cobri-la com um lençol e afastá-la dos olhares de outros. Mas não podia. Ela queria estar ali e tentar ajudar. E tinha que dividir sua atenção entre controlar o pessoal, que estava todo disfarçado, sem exceção, e cuidar de sua irritante despeitada *cáraid*.

—Não toque na cientista. —o ameaçou com o martelo. — Estou avisando, Noah.

Noah sorriu e seus olhos amarelados clarearam.

—Ela mudou. E você também —confessou o berserker— Antes, estar perto de você era como estar com um espectro. Podia fingir com outros, podia mentir e afirmar que tudo estava bem... O brincalhão Cahal — espetou, passando a mão por seu escudo— Mas nada estava bem. Não sentia nenhuma puta coisa. Era como um fantasma.

O vanirio levantou o queixo, ajeitou o capacete alado e endireitou os ombros.

—E como sabe disso?

—Sou um ser empático — deu de ombros; e ao fazê-lo o ombro ferido o fustigou. Colocou sua mão sobre a ferida— Pelo contrário, agora é tudo emoção. Como um vulcão intenso e emocional que não sabe quando nem como explodir. Ela devolveu a sensibilidade do seu coração e dos seus colhões.

Cahal rangeu os dentes. Maldito vira-lata. Tinha toda sua atenção agora.

—E tem a filhotinha completamente apavorada. —acrescentou olhando através da multidão— Miz tampouco sentia, tampouco desfrutava do que a rodeava. Tinha medo de tudo. Mas agora só teme a você.

Isso ele já sabia. Sua sabichona não sabia lutar com o despertar de seus sentidos e reconhecer que gostava tanto dele que estava a ponto de lhe entregar seu coração.

—Não a pressione mais. —ordenou Noah.

—Tenho que fazer isso. —resolveu ele secamente— Olhe onde estamos. Certamente esta noite lutaremos, nos poremos em perigo e ninguém sabe o que vai nos acontecer. Continuaremos vivos? Não o faremos?

—As nornas saberão o que diz sua tapeçaria.

—As nornas podem seguir fiando tanto quanto quiserem. Eu dito meu próprio destino. Não elas. Tenho pressa. Não quero perder...

—Tem medo que um dos dois morra sem terem dito a verdade como um se sente sobre o outro. Está necessitado de carinho, desejando que o aceitem, que ela o aceite. Está tão apaixonado... — concluiu suavizando a voz— Meu personagem passou cinquenta anos congelado. Mas... Dois mil anos morto é muito tempo.

Cahal abriu a boca e logo a fechou de repente. Noah soltou uma gargalhada.

—Grande sacanagem, cara! No fundo é um romântico!

Cahal apertou os punhos e teve vontade de arrancar a cabeça raspada de cabelo quase branco com uma martelada. O berserker ria de sua aflição.

—O ponto que traz na testa é de “anormal”? —perguntou provocador. Noah lhe dedicou um perfeito sorriso de dentes retos e brilhantes, apreciando seu mal-estar.

—Desejo sorte —fez uma saudação militar com dois dedos— Os deuses queiram que seu problema se solucione, porque é muito incômodo estar perto de você, cara. — abriu espaço para caminhar entre as pessoas e dirigir-se para sua posição, mas o druida o deteve segurando-o pelo antebraço.

—Por que sua ferida não cicatriza? —perguntou com sarcasmo.

—Que ferida? —seus olhos amarelados se escureceram.

—A de seu ombro. Vejo uma espécie de fuga em seu campo etérico e sai de seu ombro. Por que? Os berserkers se regeneram como nós.

Noah retirou o braço de um puxão.

—Não sei.

—Eu poderia ajudá-lo —se ofereceu humildemente— Já sabe, não te vou pagar por esta consulta amorosa, mas poderia curar essa ferida.

—Com seus novos dotes de cabeleireiro? —perguntou sem aversão.

—Com meus dons de druida, cão. Se quiser, claro.

Noah moveu o ombro ferido. Não era uma ferida grave, mas sim incômoda.

—É uma ferida sem importância. Já cicatrizará. Mesmo assim, obrigado... DouThor —sorriu afastando-se dele e misturando-se entre a multidão. — Ah, por certo! —gritou enquanto se camuflava com a multidão. — Miz vai se dar conta que a estão utilizando como isca. Não é precisamente tola, sabe? Ligará os pontos e se dará conta que está aqui para ver se Lucius mostra-se e vai atrás dela.

Claro que sabia. E contava com que se desse conta e explodisse.

Cahal entreceitou os olhos. Quem fez essa ferida e por que não queria curá-la?

Aparentemente, todos tinham segredos vergonhosos. Ele estava desesperado por obter a rendição de Miz. Noah, pelo contrário, queria continuar mantendo uma ferida aberta em vez de fechá-la.

O segredo melhor guardado era o nunca revelado.

Miz tocava a máscara negra que usava amoldada à parte superior das sobrancelhas e as maçãs do rosto. Estirou com elegância a ponta de suas luvas de couro negro que chegavam cinco dedos acima do cotovelo. Seu body negro de gola alta e sem mangas, com um raio amarelo no centro do peito, colava-se a seu corpo como uma segunda pele. Pelo menos, podia usar aquele estranho pareô vermelho que cobria as nádegas e não se expor tanto como imaginou.

Usava o cabelo loiro solto, e incríveis botas negras com salto que chegavam até o meio da coxa.

Daanna McKenna, que era a Mulher Maravilha, colocou-se a seu lado e a olhou de cima a baixo.

—Fica muito bem com o traje, novata.

Miz girou os olhos. Todo mundo a chamava novata. Mataria Daimhin.

Daanna estava espetacular. Era uma beleza exótica e deslumbrante. Essa mulher estava grávida, admitia falar com seu feto, e se encontrava ali disposta a lutar.

—Por que não fica no RAGNARÖK? —perguntou Miz, visivelmente preocupada.

Daanna piscou confusa ao detectar a inquietação da Miss Marvel.

—Está angustiada? Comigo? —Daanna não saía de seu assombro.

—Tem uma criança em seu ventre. Não entendo o que faz aqui.

—Menw, Beatha, Gwyn e eu nos encarregaremos de induzir mentalmente os humanos que estão aqui, no caso que a intervenção seja necessária. Os controlaremos.

—Mas... Mas ficará em perigo.

O rosto de Daanna se suavizou. Miz era uma vaniria, tinha presas e era companheira do seu cunhado. Estava se esforçando para encaixar; e admirava sua determinação e que não se escondesse.

—Seu filho... Aodhan é importante para o clã e para o Ragnarök, verdade? — Aileen falou disso.

—Sim. Assim é.

—Então, por que se expõe?

—Porque passei toda a vida presa. Superprotegeram-me e fiquei farta. E sou uma guerreira, está em minha natureza —pôs suas duas mãos sobre seu ventre plano— Aodhan sabe; e me diz que tenho que estar aqui. Protege-me —seus olhos verdes elétricos se tingiram de calidez e amor incondicional— E Menw não permitiria jamais que me acontecesse nada.

—Isso espero. Deixa-me nervosa pensar que há uma guerreira grávida entre nós.

—Calma. Não vai me acontecer nada. — Daanna pigarreou e engoliu em seco. — Procure não se expor muito. Abra bem os olhos e procure Lucius entre a multidão. Já sabe o que nos cabe fazer aos outros. Não se meta em brigas, e observe. Nos avise de qualquer movimento. Trarão Iron Man num helicóptero. Nós manipularemos os presentes e os faremos acreditar que a entrega da estátua está acontecendo com normalidade.

—Sim, senhora. Já sei o que tenho que fazer.

Daanna sorriu. Miz odiava ordens porque estava acostumada a dá-las.

—Eu fico com ela. — Daimhin apareceu atrás delas como uma adorável SuperGirl.

Miz sorriu ao vê-la. Quase se igualavam em altura. Miz e Daanna eram igualmente altas; Daimhin faltava dois dedos para alcançá-las. Magra, de suaves formas, atlética e com esplêndidos abdominais; seu top de manga longa azul e com o escudo vermelho e amarelo com o S gravado no meio; a saia era vermelha e extra curta, com o cinturão dourado; usava botas vermelhas até os joelhos e tinha seu recém recuperado cabelo loiro preso com um pequeno diadema vermelho brilhante. A capa ondeava ao seu redor, como uma autêntica heroína. Daimhin era uma intrusa, porque era um personagem da DC Gibis e não da Marvel. Mas isso já não importava.

—SuperGirl e Miss Marvel —comentou Ruth, disfarçada de Viúva Negra, procurando Adam com seus olhos âmbar.

—Sabem que sou sua líder, não é? — Miz falou com petulância.

—Em seus sonhos úmidos, bonita. — respondeu Ruth começando a rir— Aposto que nunca viu tanta mulher bonita por metro quadrado e seus raios X estão muito bem.

Miz arqueou uma sobrancelha loira e deu uma olhada através da máscara.

—O que meus raios X estão detectando é muito silicone. —confessou vendo todas as modelos contratadas pela produtora para fazer as delícias do pessoal. — E Scarlett Johanson tem muito mais peito que você, Ruth.

—Feche a boca, Cyborg. — O ego e o orgulho da cientista aplaudiram, e olhou para Daimhin com simpatia.

—Certo, certo... Daimhin. Vai me fazer companhia?

—Alguém tem que cobrir suas costas, novata — Daimhin deu de ombros e observou a multidão: todos homens que as rodeavam embevecidos.

—E sua katana? —perguntou Daanna.

—Oculta atrás de minha capa — respondeu a jovem.

Aileen, no papel de Electra, afastava todos os homens com um olhar desafiante de seus olhos lilás. As garotas chamavam a atenção masculina, e era inevitável.

—O helicóptero chega em dois minutos —informou apertando o comunicador de seu ouvido— É guardado por quatro helicópteros a mais de segurança. Deixarão a figura na plataforma central. Olhos atentos, garotas. E em suas posições.

Menw, que estava disfarçado de Homem-Aranha, saudou todas, colocou-se atrás da Mulher Maravilha e sussurrou-lhe ao ouvido:

—Gwyn e Beatha já estão preparados. Vamos, pantera. —entrelaçou seus dedos com ela e se foram para um canto, afastados dos outros, para dar um salto e se elevar pelas nuvens.

Um impressionante Batman afugentou os machos disfarçados de Lanterna Verde, fofos Homens-Aranha, Super Homens calvos e Wolverines super hormonados. Cobriu Ruth, protegendo-a dos olhos de outros e disse:

—O puto piercing está me matando, neném. A máscara é pequena.

Ruth sorriu para seu Adam e acariciou sua mandíbula.

—Lobinho, está impressionante de morcego.

Adam a puxou e a levou dali, resmungando e grunhindo divertido. Tinham que rodear a área e cobrir todas as entradas e saídas. Ouviam-se as hélices do helicóptero se aproximando do IMAX. Miz olhou ao redor, nervosa, esperando ver Cahal. Disseram-lhe que se vestia de Thor, mas não o viu ainda.

Depois de sua discussão nas nuvens, partiu tão afetada e mal que não quis vê-lo pelo resto da tarde. Fechou sua mente à sua intrusão mental e o afastou dela.

Na realidade, o vanírio a destroçou com suas palavras. Ela fingia estar bem e ter tudo sob controle, mas seu estado de ânimo se distanciava de ser o ideal.

Cahal a feriu como nunca ninguém o fez. A acertou onde mais doía. Sabia que era uma pessoa fria, que custava a expressar seus sentimentos, que não sabia como fazê-lo, e se meteu precisamente com isso. Mas a impossibilidade de falar de suas emoções, não queria dizer que não sentisse nada. Sentia. Sentia mais do que podia, e por isso suas acusações a cortaram como lâminas.

Mas tinham um plano a seguir: Aileen deu as ordens às guerreiras. E Caleb aos guerreiros; e todos tinham ordens precisas. Ela tentaria localizar os inimigos entre a multidão, mas ali havia milhares de pessoas, e todos rigorosamente fantasiados. Não era fácil. Concentrou-se, disposta a afastar a desolação do rechaço do druida, e decidida a ajudar seu clã.

—Novata. — Carrick apareceu ao lado de sua irmã. Era Ciclope. Vestia-se de azul e amarelo, com um macacão ajustado que marcava seu corpo musculoso. Os óculos futuristas amarelos com as lentes negras lhe davam um aspecto desafiante e muito sério— Não se afaste de nós.

Não ia fazer isso. Sabia lutar, mas não controlava seu corpo tanto como eles.

Ainda não. Por isso os dois irmãos seriam seus guarda-costas. E, aparentemente, Beatha estava de acordo com isso, já que permitia que seus dois filhos recuperados ficassem junto dela, a defendendo e apoiando.

De repente, escutou-se um forte clamor. Os painéis que cobriam o IMAX se apagaram.

A multidão rugiu, todos imersos em seus papéis de super heróis.

Nesse momento nada os preocupava. Nem os conflitos do seu planeta, nem a crise, nem sequer que muitos deles não pudessem chegar ao final do mês. Nada tinha importância quando viviam seus sonhos e estavam imersos na realidade que gostariam de experimentar.

Miz os olhou com lástima e também com compreensão. Todos tinham direito a viver seus sonhos, por que não? E ninguém devia lhes dizer como fazê-lo. Assim, os admirou por se fantasiar, por rir da sociedade que não os compreendia, por estar no mundo com suas próprias convicções sem levar em conta a opinião dos demais e soltar algumas gargalhadas. Mas todos queriam ser super heróis sem, no entanto, serem o suficientemente valentes para encarar os vilões. Por isso seu mundo ia tão mal.

Um foco central iluminou a plataforma metálica onde colocariam a famosa estátua do escultor Christian Bolsö. Um presente a Londres.

O presente ia sair muito caro.

A música ensurdecadora emergiu dos potentes alto-falantes. *Where have you been.*

Daimhin e Carrick olharam um para o outro, como dois assassinos mercenários que não iam permitir que ninguém se aproximasse da cientista.

I've been everywhere,

Looking for someone

Someone who can please me

Love me all night long

—Olhe bem, Ms. Marvel —sussurrou Daimhin— Lucius tem que estar por aqui. Se a ver, virá até você.

Miz recebeu essas palavras como um jarro de água gelada. Por que não se deu conta? Não acreditavam que ia para lutar; tampouco tinha grandes dons para conduzir batalhas e os ajudar. Em teoria só estava ali para detectar Lucius ou a qualquer um da organização em que trabalhou.

Mas a verdade era que a usavam como chamariz.

Olhou ao seu redor. Os berserkers e os vanirios que estavam ali olhavam para onde ela estava, não a protegendo, mas sim controlando quem se aproximava dela.

Cahal também sabia.

A ira a varreu por dentro e a fez tremer.

A multidão começou a aplaudir no ritmo da música enquanto o helicóptero com o Iron Man de irídio fazia ato de presença. Sustentavam a estátua com cabos negros, e esta estava coberta por um manto negro e prateado.

Quando o helicóptero, rodeado pelos da segurança se posicionou sobre a plataforma, as pessoas já estavam completamente loucas, fazendo todo tipo de gestos com as mãos, aclamando seu ídolo de metal.

Por Deus, o ser humano estava louco.

Miz vigiava a todos. Mas no caso que Lucius e outros estivessem ali, como ia reconhecê-los? Seu aroma? Se usasse desodorizante ia cheirar uma merda. Por seu aspecto? Se tinha uma máscara, já a tinham prejudicado. Ela e todos.

Pelo que sabia, ali podia haver cem vampiros; e agora graças à terapia Stem Cels e aos disfarces não iam detectar nenhum. Sentiu ansiedade e ficou nervosa. Olhou todas e cada uma das pessoas que a rodeavam. Sentiu medo, podia ser qualquer um.

Carrick se aproximou dela e, voluntariamente, coisa que nunca fazia, colocou uma mão sobre seu ombro. Tocou-a.

—Calma —lhe disse— Estamos com você.

Ela assentiu e se concentrou de novo.

Por que fazia isso? A queriam nisso como isca para a besta! A colocaram ali no meio para ver se vinha Hummus, Lucius, Patrick ou qualquer um deles em sua busca.

O helicóptero ficou suspenso sobre a plataforma durante uns segundos. Então, aconteceu algo incrível. Dois dos quatro helicópteros de segurança se lançaram contra os outros dois restantes, e colidiram, explodindo no ar.

O helicóptero com a estátua esquivou das explosões e saiu a toda pressa, na direção de algum lugar que ninguém conhecia.

Miz abriu os olhos como pratos e levou as mãos à boca.

O pânico se apoderou do público e começaram a correr uns contra os outros, se chocando e passando por cima dos corpos que ficavam no chão.

—Não podem cair! Os helicópteros vão matar... Não podem cair sobre as pessoas! — gritou enquanto os assinalava, estupefata. E nesse momento, uma figura de um guerreiro de capa vermelha, armadura metálica e capacete prateado, com o cabelo comprido e loiro e um martelo nas mãos, levitou entre as naves em chamas. Fechou os olhos, e um vento frio e poderoso em forma de tornado, levou os helicópteros e os afastou da área em que haviam pessoas.

Where have you been

All my life

All my life

Where have you been all my life

—Não se preocupe com eles! —gritou Daimhin— Meus pais, a escolhida e o curador estão assegurando-se que ninguém saia ferido. Estão os guiando para que saiam daqui!

Mas Miz não olhava às pessoas. Miz só tinha olhos para Cahal. Thor, o deus do Trovão, estava trabalhando para proteger os humanos.

Cahal, o druida, queria que Lucius a encontrasse. Seu suposto *cáraid*... Tinha o cabelo loiro, longo como quando o conheceu, e algo em seu interior, assim que o viu, explodiu em mil pedaços. Era tão belo. E o amava. Mas ele não. Senão, por que ia expô-la como um pedaço de carne com olhos?

Ele abriu os olhos e seu brilho azulado e mágico se cravou nela.

Miz engoliu em seco e seus olhos se encheram de lágrimas sem derramar.

Bum. Bum. Bum.

Seu coração enlouqueceu. Mas pouco pôde fazer para continuar admirando sua perfeição. Cahal fez que não a viu e se lançou atrás do helicóptero que fugiu. A ele se uniu o Demolidor, que não era outro senão Caleb McKenna.

Ambos iam recuperar a estátua.

Ela queria segui-lo. Desejava ajudá-lo. Demonstrar... O que pretendia demonstrar? O que queria era chutar sua bonita cara por não lhe explicar as coisas! Era muito dizer o que queriam dela?

Miz, queremos que Lucius a veja. E que se aproxime de você. E então, zas! O capturamos e todos ficam contentes.

Deu um passo adiante, decidida a voar junto a ele; mas um grupo formado por vários Hulk com presas se interpuseram em seu caminho. Daimhin tirou sua katana, e Carrick inclinou a cabeça para um lado.

Ali estavam os vampiros.

Miz levantou o olhar. Havia algo que não ia bem. Sentia a presença negativa e escura do mal ao seu redor. E não era pelos nosferatus.

Tratava-se de algo putrefato, algo muito mais negro que qualquer desses chupa sangue.

Deu uma volta sobre si mesma e se encontrou com um humano; um corrompido disfarçado de Iron Man que vinha para ela com uma faca na mão. O indivíduo tentou cortar seu rosto.

—Merda! —agachou-se e se esquivou da navalhada; mas quando ia responder com um chute no estômago, uma flecha iridescente se cravou na testa do zumbi.

Olhou por cima de seu ombro e encontrou Ruth lançando flechadas a tudo o que se movesse.

O que acontecia? Os humanos também estavam contra eles? Pareciam possuídos.

—Magia seidr! —exclamou Ruth— Possuídos! Todos contra todos, novata! Abre bem os olhos!

As flechas de Ruth tocavam a alma. O humano estava paralisado no chão, soltando espuma branca pela boca.

Carrick e Daimhin se encarregavam dos vampiros com uma frieza e uma precisão surpreendente. Eram impressionantes guerreiros e, pelo que sabia, sua instrução começou fazia pouco, justo depois de resgatá-los.

Ela levantou lentamente do chão. Também podia lutar, não tinha por que esconder-se.

Sabia alguma coisa.

Lançou-se sobre um vampiro; deu-lhe uma joelhada na cara e cravou seus dedos em sua traqueia.

Faziam assim, não? E ela sabia muitíssimo de anatomia. Por isso tinha também licenciatura em Medicina. A extirpou com força, e este caiu desabado no chão. Conhecía a teoria de tudo, por que não podia pô-la em prática?

Salpicou-se com o sangue putrefato do vampiro. Tinha as bochechas manchadas e o top respingado com gotas vermelhas.

A guerra se desatou sem trégua.

E enquanto ela e outros brigavam, só pensou que isso não serviria de nada se Patrick, Lucius e Hummus conseguissem o irídio e o ósmio antes de Cahal e Caleb. O centro eletromagnético estava a poucas horas de ativar-se em toda sua plenitude; e a Newscientists não ia perder tempo. Precisavam dele já, se não queriam perder a oportunidade de abrir um portal permanente. Heimdal não estava em Asgard, e se entravam ali... quem ia detê-los?

Cahal e Caleb alcançaram o helicóptero, que desta vez sobrevoava a área do Hyde Park.

Caleb tirou a máscara de Demolidor e deixou seu cabelo negro ao vento. Seus olhos verdes divisaram o interior da cabine de voo.

Os dois pilotos eram um casal de vampiros. Tinham assassinado os pilotos militares e pretendiam se fazer passar por eles. Estava tudo orquestrado. Os helicópteros colididos levantaram a fumaça no ambiente e provocaram a confusão e a histeria nos participantes do evento. Os nosferatus e os lobachos agiam melhor no meio do caos, e isso conseguiram. Mas não contavam que estivessem ali.

—Cahal! Solte a maldita estátua e leve-a daqui —ordenou o líder do clã vanirio—Me encarrego destes dois.

Os vampiros sorriram e atiraram em Caleb com balas de luz diurna. Este se esquivou, deu um par de cambalhotas no ar e aterrissou de cócoras sobre o vidro da cabine. Elevou o punho e atravessou o vidro, para agarrar pelo cangote o vampiro que pilotava e tirá-lo da poltrona de pilotagem.

O vanirio mostrou as presas e gritou como um animal. Afundou o punho em seu peito e arrancou seu coração podre e palpitante, lançando-o tão longe como pôde.

O nosferatu caiu em disparada e, enquanto o fazia, seu corpo se desintegrou no ambiente.

Cahal, por sua vez, desatava as cordas metálicas mas, ao fazê-lo, suas mãos se queimaram. Olhou suas palmas e depois estudou as cordas que sustentavam o Iron Man de irídio.

As pulverizaram com ácido.

Sustentou a estátua pela base; pesava uns quinhentos quilos de irídio e ósmio hibridado, mas estava oca por dentro.

No horizonte, levitando no céu, um grupo de uns vinte vampiros vestidos de negro esperavam a recepção da estátua. Mas ao ver que o helicóptero dava tombos e que um cara disfarçado de Thor a tentava liberar, se dirigiram para eles, dispostos a atacar Cahal.

Caleb entrou pela porta direita da cabine e deu um chute na cara do co-piloto. O vampiro o atacou, esquecendo dos controles da aeronave. O keltoi desviou para a esquerda, evitou a garra afiada do não morto, e agarrou seu pulso para parti-lo com um movimento seco. Depois o segurou pela nuca, tirou sua adaga personalizada keltoi e a cravou no coração.

Entrou na cabine e tomou o controle dos comandos.

Os vampiros se jogaram sobre eles.

—Voam mais rápido que nós! —gritou Caleb— Faça algo, maldição! Não podem conseguir o irídio!

Cahal pensou qual era a melhor opção. Vinte vampiros contra dois vanirios seria uma luta digna de ver; mas não estavam em igualdade de condições, pelo contrário. Podiam levar o metal.

Cahal fechou os olhos e murmurou pondo a mão sobre os pés do Iron Man:

—Nem nós, nem vocês, sacanas. *Blàths an teine*. A calidez do fogo. Desfaz o sólido e o converte em líquido —murmurou concentrando-se em seus dons. O poder de decretar, a qualidade de agir sobre a matéria. Manipulação quântica.

Ao decretar sua ordem, a estátua do super herói começou a desfazer-se, convertendo-se em líquido e escorrendo como um sorvete através do céu. Parecia que choviam gotas de aço negro.

Os vampiros o atacaram e morderam, mas ele não podia cortar o contato com o irídio se queria que continuasse se desfazendo. Aguentando a dor dos ataques, deixou que esse seu poder, que até agora não pôs em curso, saísse à superfície.

Sua pele esquentou, seu corpo começou a arder e seus olhos clarearam. Sim, o sangue de Miz o presenteou com uma fonte de energia interna que não sabia para que servia. Mas ia usá-la.

— *Ceò tiugh! Fina ceniza!*— gritou — É cinza!

Os vampiros se separaram dele, pois destilava uma energia que os estava aniquilando, chupava a vitalidade e fazia que seus rostos se tornassem azulados. Alguns tentaram fugir, mas não puderam; o magnetismo de Cahal os atraía.

Caleb olhou desconcertado o que estava acontecendo. Os corpos dos vampiros se desfaziam por arte da magia, convertendo-se em pó, em cinza e desaparecendo no céu.

O keltoi procurou com seus olhos Cahal. Seu amigo druida continuava em contato com a figura, a desfazendo, tentando que não restasse nada dela para que não tivessem tempo de abrir nenhum portal.

Miz golpeava tão forte quanto Daimhin e Carrick. Mas não havia nem rastro de Lucius nem de seu querido pai adotivo em lugar nenhum. Tinham que encontrá-los, acaso essa não era sua função?

Impulsionou-se sobre os calcanhares e deu um espetáculo aos presentes: vampiros, lobachos, humanos possuídos e humanos histéricos. Um espetáculo digno de um filme de Os Vingadores. Queriam ficção e efeitos especiais; pois ia dar uma boa dose.

Elevou-se por cima de todos e dirigiu seu olhar desafiante para todos os lados.

—Miz! —gritou SuperGirl elevando-se e colocando-se a seu lado.

—Desça, Daimhin —ordenou secamente— Ajude seu irmão! Lucius tem que me ver e com tanto barulho é impossível que me perceba.

—Mas, Miz...

—Não se trata disso? —espetou furiosa— Sou um maldito chamariz, menina! Afaste-se e deixa que eu faça meu trabalho!

Daimhin franziu o cenho e negou com a cabeça.

—Não posso!

— Daimhin! —gritou-lhe — Faça agora mesmo o que te digo ou juro que nunca mais voltarei a falar com você! — A ordem foi tão clara e precisa que a garota apertou os lábios, assentiu com a cabeça e desceu de novo para misturar-se com a multidão.

Miz olhou à frente e fez uma varredura entre o público. Encontraria-os. Lembrava-se de sua estatura exata e de sua pose. Lucius era um homem que mantinha a calma e Patrick era um palmo mais baixinho que ele.

Uma mão a rodeou pelo cotovelo e a puxou para baixo.

—Que merda acha que está fazendo, novata?

Oh, não. Capitão América em resgate.

—Me solte, Noah!

—Morta não nos serve, nem para nós, nem para eles.

O queixo dela tremeu. Noah era muito forte e a estava forçando a descer, até que conseguiu.

—Me deixe em paz! —Tentou libertar-se, mas não pôde.

—Me escute —grunhiu Noah em seu ouvido— Cahal não quer que morra, ouve-me? Não quer te expor como um maldito cachorro quente. Estamos te protegendo por algo! Ou então, já a teríamos deixado presa a um poste de luz para que Lucius fosse pegá-la!

—É uma merda!

Um vampiro se chocou contra eles, mas Noah o afastou com o escudo do Capitão e o lançou dez metros pelos ares. Miz ficou branca de susto e piscou um par de vezes, sem afastar o olhar de um ponto uns vinte metros mais para sua direita.

—Ei, reage! —sacudiu-a Noah— Que diabos está olhan... ?

Noah olhou para o mesmo lugar. Os olhos do berserker clarearam e grunhiu como um selvagem. A pele se arrepiou e cobriu Miz com seu corpo. Ele já teve essa mesma sensação antes. Nas cavernas de Capel Le Ferne. Então teve um encontro com Hummus.

—É ele. O lobacho está ali. —assegurou Noah.

—E Lucius —assegurou Miz sem afastar o olhar. Sabia. Sabia que o do lado era ele, porque todo seu corpo se pôs em guarda. Em um tablado, um pouco mais elevados que o resto, havia um tipo disfarçado de Morte e outro de Loki, como não.

Loki era Hummus.

A Morte era Lucius.

Miz sentiu uma forte espetada no corpo e começou a perder mobilidade motora. Seus braços adormeceram e se agarrou a Noah assustada.

—Noah... —sussurrou lambendo os lábios. O berserker a carregou sobre o ombro, disposto a sair de lá com ela. A cientista não podia cair nas mãos dos jotuns. Mas justo quando partia, os rodeou um grupo de humanos possuídos que obedeciam a Lucius e a Hummus.

Carrick cruzou em seu caminho e, com a ajuda da katana de Daimhin, afastaram os humanos.

Ruth se dedicou a atravessá-los com suas flechas. Adam, a cortar cabeças de lobachos com sua oks; e a híbrida, a usar seus poderes telecinésicos e a lançar todo tipo de vidro quebrado que encontrava pelo chão úmido de bebidas e álcool. Não falavam. Dirigia-os ao coração dos nosferatus e dos lobachos. Mas havia tantos...

—Noah! —gritou a híbrida— O estimulante! — E assinalou a pochete localizada na parte traseira de seu traje. — Injete-o! Precisamos dos dois! —E desse modo não podiam dispor de nenhum deles.

Noah a deixou no chão, tirou a seringa de sua pequena pochete e a cravou na nádega de Miz, que gemeu indefesa ante a agulhada.

A cientista abriu os olhos e esperou paciente que seu corpo respondesse ao estímulo.

Daimhin, Carrick e Noah a rodearam enquanto ela levantava capengando e colocava as mãos na cabeça, desorientada.

Loki e a Morte continuavam ali, e tinham os olhos cravados nela e em Noah.

Mas, então, Loki ficou uma mão no ouvido, como se recebesse uma mensagem através de um intercomunicador. Disse algo à Morte e ambos desceram do tablado e fugiram. Dois berserkers se interpuseram no caminho de ambos, com os oks em mão. Mas Hummus esquivou a primeira machadada e, aproveitando a força de seu impulso rasgou o pescoço do berserker; Lucius atravessou o peito do outro com uma espada curvada que tinha presa às costas.

Miz tentou correr para eles, assinalando-os. Não podiam escapar! E a estátua?! E Cahal?! O que estava acontecendo? Noah a agarrou pelo cotovelo e a imobilizou ao seu lado, igualmente concentrado em Hummus e em Lucius.

—Não. Não se mova daqui —elevou seus olhos amarelados ao céu, e divisou entre as nuvens quatro vanirios que, concentrados, controlavam as mentes dos humanos envolvidos ao redor— Está acontecendo algo.

Miz puxou ar e respirou com nervosismo. Seu peito subia e descia descontrolado. O que tinham injetado?

—Não pare de se mover, Miz! —apressou-a Noah— Se o fizer, o veneno provocará alucinações e causará um choque anafilático.

A cientista obedeceu o berserker de olhos amarelados, como não ia fazê-lo!

O que estava acontecendo?

— Cahal! — gritou Caleb. — O radar do helicóptero está detectando um míssil que se dirige até nós. Temos que sair daqui! Eles nos perseguem com outra aeronave!

— Não posso desfazer toda a estátua! — replicou ele. — Preciso de mais alguns minutos! Não tenho suficiente...!

Plás!

Cahal abriu os olhos e ficou sem fôlego. Inclinou a cabeça e viu a ponta de uma espada curvada que atravessava seu peito pelas costas. Cuspiu sangue e olhou para trás para se encontrar com o rosto da Morte, cujos olhos eram suspeitosamente claros.

— Lu... Lucius... — grunhiu perdendo o contato com o irídio e segurando o fio cortante da liga metálica. Estava cortando suas mãos e sangrava profusamente.

— Miz está a ponto de dizer adeus. Ela e todos os que se encontram no IMAX. — sussurrou o vampiro. — Acabaram de me dizer que você matou vinte vampiros, pedaço de merda. Mas vou acabar com todos os seus amigos. Todos, druida. — murmurou em seu ouvido. — Já não precisamos deles para nada. O vórtice se abre, temos o irídio — olhou a metade do tronco que restava daquela estátua — e você vai morrer assim que a cadela o fizer. — cortou o cabo de um golpe e segurou a estátua entre seus braços.

— Cahal! — Caleb deixou os controles e saltou em busca de Lucius, que fugia voando com o Iron Man. Seu amigo druida caía como um peso morto com uma espada atravessada no peito e lutava para tirá-la. Deixou que Lucius escapasse e foi por seu *brathair*. Agarrou-o no ar e o ajudou a extrair o sabre.

— Filho da puta...! — grunhiu cobrindo a ferida e cuspiendo sangue. — O IMAX...

— O que tem ele?

— Lucius disse que todos vão morrer. — e isso só queria dizer uma coisa. Havia uma bomba escondida em algum lugar e detonaria imediatamente.

Miz dava chutes voadores a torto e a direito. Cotoveladas em queixos, murros em estômagos, chutes em joelhos... Onde golpeava se ouvia um estalo. Pelo amor de Deus, estava frenética. Necessitava a luta de verdade, corpo a corpo; o veneno, ou o que fosse que lhe injetaram fazia que suasse profusamente, que suas mãos formigassem, que sua pele despertasse para outro tipo de sensibilidade, muito crua, muito selvagem.

Noah degolou o pescoço de um vampiro com o fio do escudo enquanto Daimhin se agachava para derrubar um humano com cara de louco. Uma vez no chão o golpeou na testa com o cabo de sua *katana* e o deixou inconsciente. Levantou-o e o mostrou a Ruth, para que a jovem arqueira o atravessasse com uma de suas flechas iridescentes. Aparentemente, havia alguns humanos que eram maravilhosos receptáculos para esse tipo de entes obscuros que os possuíam. Ruth era a encarregada de devolvê-los ao seu lugar e de guiar as almas perdidas à sua origem.

Carrick, com aqueles óculos futuristas de vidro vermelho e esse cabelo raspado tão claro, parecia um vingador do futuro. Não pegava reféns. Não perdoava ninguém. Com a expressão uniforme, um ricto sereno sem tics, matava, golpeava ou degolava como queria.

Miz levantou o olhar e viu que podia utilizar o tecido branco das tendas. Ruth, Adam e a híbrida estavam rodeados e, embora soubesse que eles podiam sair dali sozinhos, decidiu ajudá-los. Mediante sua telecinesia, arrancou o tecido branco de uma das tendas menores que estava rodeada de humanos descontrolados, os quais fugiam em avalanche, dirigidos pelos eleitos e os pais de Daimhin e Carrick.

Fodida loucura.

Miz fez levitar o tecido branco e o deixou cair sobre o grupo de vampiros e lobachos que estavam espreitando a Guerreira, noaiti e à híbrida.

A híbrida olhou ao seu redor para ver de onde tinha caído essa ajuda do céu. Seus olhos e os de Miz se conectaram. Aileen sorriu e fez um movimento com sua cabeça que poderia ter sido tanto uma saudação como uma afirmação.

Miz olhou de esguelha a tenda que tinha deixado nua e no esqueleto, com sua estrutura metálica branca aos olhos de todos. Mas o que nunca imaginou foi que aquela escolha ao azar revelasse o paradeiro de um de seus traidores mais odiados.

Patrick Cerril, seu pai adotivo, o cabeça dos experimentos da Newscientists e um dos fundadores da seita Lokasenna, encontrava-se preso ao mastro central da tenda, com os olhos vendados e vestido de executivo, como se aquela festa não combinasse com ele. Totalmente fora de lugar.

Miz ficou paralisada ao vê-lo.

Patrick era o homem que a acolheu quando os vampiros e Lucius acabaram com a vida de sua família. Confiou nele inocentemente, pensando que Patrick poderia cuidar dela; que ao seu

lado poderia se sentir segura. Embora sua relação não tivesse sido nada emocional, a não ser mais bem profissional, sempre pensou que ele era de sua família.

Mas se equivocou, para variar. Na realidade ele a estava usando. Estava usando aquela inteligência superdotada que a natureza lhe deu para usá-la a seu favor. Miz O'Shanne deixou de existir sob seus medos, seus traumas e seu controle. E mediante sua orientação nasceu Miz Cerril, uma mulher que não sabia quem era e que temia qualquer coisa que envolvesse as palavras desejo e afeto.

Ele a converteu no robô emocional que era. Ele e Lucius.

Apertou os dentes e toda a impotência que sentia, toda a indignação que agora experimentava, explodiram criando uma onda de expansão de despeito ao seu redor. Elevou-se, voando como uma autêntica Ms. Marvel e correu para ele, pisando nas cabeças dos inimigos que encontrava em seu caminho, esquivando-se de suas mãos, suas garras e suas presas, gritando de raiva e dor a cada sapatada que dava.

Era tudo tão injusto.

Tão horrendo.

Tão mau.

Embora estivessem no meio de uma luta, a música não cessava. Loreen e sua Euphoria animavam cada golpe.

Miz se desesperou. Por culpa deles feriu Cahal. Por culpa deles, agora, esse incrível clã de guerreiros imortais estava em perigo; por sua culpa, por brincar de ser Deus, o mundo estava a ponto de viver um apocalipse que arrasaria a existência da Terra e do ser humano.

Ergueu-se sobre a barra em que Patrick estava preso. Rodeou-o como uma predadora e cravou seus incríveis olhos, que transbordavam ânsias de vingança, nos dele, vendados com uma fita negra.

Miz a arrancou de um puxão. Patrick piscou e olhou ao seu redor, tentando enfocar a vista no belo rosto salpicado de sangue que tinha diante ele.

— Mizar? — perguntou surpreso.

— Não. Não sou Mizar. — deu um murro na cara dele que fez com que a parte traseira de sua cabeça golpeasse contra o poste. Quebrou seu nariz, provocando uma hemorragia. — Sou Miz, estúpido manipulador. Desgraçado! — deu-lhe outro murro que partiu sua bochecha.

Patrick cuspiu dois dentes e grunhiu de dor. Olhou-a de esguelha.

— A garotinha está zangada. — murmurou lambendo os lábios ensanguentados. — Tem as pupilas dilatadas, as presas reluzentes e expostas preparadas para morder... já não é humana.

— Não me diga? — Cravou o joelho no seu estômago, deixando-o sem respiração e com os olhos fora da órbita. Afundou os dedos em seu cabelo e o puxou com força.

— Sabia. — pôs-se a rir. — Sabia que por trás dessa fachada de cientista incorruptível, havia uma mulher violenta e cruel. Tão fria, tão metódica... realmente acha que esse homem a ama?

A loira não quis prestar atenção, mas as palavras de Patrick acertaram onde mais doía.

— E você, o que sabe? — Por que estava amarrado ali?

— Muito mais de você do que pensa. Conheço-a. Sei quem é. Esse vanírio não a quer precisamente pelo doce e boa que é. Porque você não sabe o que são essas coisas. Está gelada por dentro, Mizar.

— Cale-se!

— Oh, veja... está apaixonada por ele? — perguntou fingindo pena. — Pobre menina órfã que ninguém quer...

— Os vampiros o abandonaram, Patrick? — perguntou dando um puxão. — Sabe que vou matá-lo?

O humano a olhou com desdém.

— Sabe que está no lado errado. Tanta inteligência desperdiçada...

Miz o segurou pelo pescoço, jogou o punho para trás e estirou os dedos como se tratassem de uma adaga. Não queria ouvir sua voz nunca mais. Não sentia nada por ele. Absolutamente nada.

Supunha-se que esse homem a adotou. Mas jamais a amou, nunca a quis. Só desejava seu cérebro. Nada mais. Surpreendeu-se ao perceber que nem sequer derramaria uma lágrima por ele.

— Adeus, Patrick. Que Loki o receba com os braços abertos e o foda. — sussurrou a ponto de lhe atravessar o peito com a mão.

Patrick fechou os olhos e murmurou:

— Loki far flaearder tima... Loki leva o tempo do engano.

— Quieta!

Uma mão enorme com uma serpente no dorso a deteve pelo pulso.

Miz abriu os olhos surpresa e olhou para Cahal de cima abaixo. O guerreiro estava sangrando pelo peito. O protetor metálico estava furado e a armadura tingida de vermelho.

Já não usava o capacete alado e seu cabelo longo e loiro, como ela gostava, chegava à altura dos ombros.

Seu aroma, seu sangue, sua presença... fizeram com que entrasse em uma espiral onde só ele existia; mas a vaníria não entendia por que a detinha. Patrick era o inimigo.

Quis se soltar do seu aperto, mas o druida apertou seus dedos ao redor de seu pulso como pinças de ferro.

— Quieta, Miz! Está preso aqui por alguma razão! Deixaram-no a você como isca.

— Como você me deixou! — gritou golpeando sua armadura com força, na altura da ferida.

— Olhe, porra. — Cahal rasgou a camisa de executivo de Patrick e encontrou um tecido coberto de esponja cor de creme. Atrás dela havia vários explosivos conectados mediante um cabo que se introduzia dentro do peito, direto ao coração. Diretamente ao órgão motriz. — Lucius me atacou pensando que não chegaríamos a tempo, que não encontraríamos o explosivo! Disse-me que todos morreriam! Caleb rastreou a área com o aplicativo de seu telefone através dos raios-X dos satélites e não encontrou nada por culpa desta espuma que isola o explosivo. Mas a vi...

Sim, viu-a entre a multidão. Sentia-se fraco e atordoado devido ao gasto de energia que realizou para desfazer parte do irídio, converter os vampiros em cinzas e sobreviver ao sabre da

Morte. Mas a ela, a Miz, sempre a veria, sempre saberia onde estava. Seu cabelo loiro e aquele porte sereno eram fáceis de localizar. Seu aroma de morango o matava. Inclusive quando golpeava e estava disposta a matar não perdia a calma. Fazia tudo com autêntico rigor.

— Você me viu? — repetiu zangada com ele por muitas razões, mas preocupada também porque sangrava como um porco. — Devolva minha mão. E daí se me viu? Preocupou-se por mim?!

Ele apertou os dentes e franziu os lábios.

— Para uma superdotada, você não pensa muito. Deixaram-no à vista sabendo que o pegaríamos. — Soltou-a e a afastou para o lado. Agachou-se levando a mão tatuada ao seu peito ferido e levantou as calças. O cabo saía do corpo de Patrick e se introduzia na base do tablado. — Porra, criaram um fechamento. Um circuito fechado. Detona-se se afastar o merda deste tablado ou se o matar e seu coração parar.

Miz abraçou a si mesma, presa dos tremores que a droga lhe provocava e sentindo-se culpada pelo que teria acontecido se o tivesse matado, exatamente como desejava.

— Chame seu irmão para que desative este traste. — ordenou ela com voz cortante. — Ele é mais inteligente que você.

Cahal engoliu essa zombaria, mas replicou:

— Eu inventei os explosivos, sabichona. Por isso diziam que os pictos faziam magia. Noah a puxou pelo braço e apressou para que se movesse.

— Vamos, novata, continue brigando, está fazendo muito bem. — Estudou Cahal que o olhava com cara de poucos amigos ao ver como tocava Miz. — Dei a ela um estimulante, druida. Acertaram-na no pescoço com um dardo paralisante. Precisa se mover... a briga está quase controlada e a droga pode fazer mal se não a expulsar.

— Então, leve-a daqui. Não posso pensar com ela por perto. Patrick tem um explosivo em seu corpo e tenho que desconectá-lo ou morrerá muita gente.

Miz o encarou humilhada.

— Não pode pensar se estou perto? Eu o incomodo, druida? Teria se importado um pouco se Lucius hoje tivesse me levado com ele?! Se tivessem me matado?! — Recriminou-o dominada pelas emoções. — Pelo menos não teria que utilizar a porra do tippex⁶! Odeio que seja meu *cáraid*! Odeio o que me fez e no que me converteu! — Gritou com os olhos cheios de lágrimas. Ms. Marvel não chorava, mas ela não era uma super-heroína. Era uma mulher que estava se apaixonando por um homem que a manipulou. — Você me converteu e tinha que se encarregar de mim! Eu...! Eu... não o amo!

Cahal se levantou e a encarou, intimidando-a com seu corpo. Ele tampouco era Thor, mas era igualmente ameaçador. Os olhos cobalto do *druidh* brilharam humilhados pela acusação pública. Os lindos olhos de Ms. Marvel, rodeados pela máscara de borracha negra que tão sexy ficava, falavam de dor e de uma sinceridade crua. Mas seu corpo cantava sobre fogueiras, fogo e uma necessidade primitiva de que a tocassem.

Não podia continuar olhando para ela sem carregá-la no ombro e fazê-la sua como merecia.

⁶ Corretor (liquid paper).

— Afaste-a de minha vista. — ordenou Cahal a Noah, dando meia volta e se concentrando em Patrick. Era isso ou ceder ao rogo e ao desespero de sua companheira. E o explosivo vinha em primeiro lugar. — Leve-a para minha casa.

— Falei para você, Mizar! Este homem a usou! — exclamou Patrick com a cara ensanguentada e inchada.

Cahal escutou o gemido dilacerador de Miz e se acusou por ele ser o motivo de sua desolação. Foi isso que Patrick lhe disse? O quanto estava equivocado! E como ela era tola se acreditava nele! No entanto, ele mesmo era responsável por suas dúvidas!

Concentrou-se no explosivo, mas antes deixou inconsciente Patrick. O aparelho se ativava se o coração do humano deixava de palpitar.

Não dizia nada de se ativar se tirasse uma soneca.

Capítulo 19

Miz ficou na sala de sua nova casa em Notting Hill, sentada sobre a poltrona com as pernas encolhidas e o queixo em cima do joelho. Noah lhe deu uma garrafa de hidromel das que Cahal tinha na cozinha em sua adega, e a garota estava bebendo como uma taberneira.

Nunca bebeu. Nas rodas de tequila com Laila ela só bebia água. Nunca se embebedou. Nunca teve presas e jamais foi rejeitada. Bom, sempre havia uma primeira vez para tudo.

O berserker de olhos amarelados a levou até lá porque Cahal assim o ordenou; mas essa mulher era um autêntico perigo em seu estado e tinha que adormecer seus sentidos. Uma psicopata hiperativa queria possuí-la, uma psicopata sexual, mas Miz lutava contra ela e tentava manter a calma embora seu corpo todo doesse, embora os seios inchassem e o meio de suas pernas palpitasse... e ela lutava.

E Noah, que não deixava de admirá-la, tampouco deixava de olhar pela janela, inquieto por ver chegar o vanirio.

O berserker sentia os hormônios de Miz agitar ao seu redor e estava ficando nervoso. Ele era um homem e ela uma garota bonita e muito, muito, excitada... mas, aparentemente, a cientista não prestava atenção nele. Tinha os olhos verdes e amarelados cravados na porta de entrada, esperando que o vanirio retornasse.

— Já *deisconectaram*? — perguntou Miz sorvendo o hidromel Vanir D'Melis direto da boca da garrafa, ao ver que Noah não deixava de olhar seu iPhone. — Eu... meu telefone. — assinalou o andar de cima. — Não cabia em mim com *ishto*. — “isto” era o body negro da Ms. Marvel.

— Sim. Acabam de fazer. Ele vem para cá.

— Mataram *Patick*, aliás “*filhoputa*”?

Noah assentiu com a cabeça em silêncio.

— O grande *deissssgraçado* ia se sacrificar... *Por-por* que fazem isso? Por que vendem sua alma assim? — Boa pergunta, pensou Noah. Mas muito fácil de responder.

— Porque a consciência não é fácil de suportar. Pesa muito. Assim, melhor ser um “*filhoputa*”. Não acha?

Miz deslizou seus olhos por seu corpo sem responder à sua pergunta. O álcool fazia seu efeito e a tranquilizava vagamente.

— O *eissshtimulante* tinha... *frodisiaco*, *cerrrrto*? — sua voz soava derrotada.

— Certo. Está pensando em me morder? — perguntou observando a rua escura e solitária.

Miz estremeceu e negou com a cabeça. Esse homem era o Capitão América mais sexy e enorme que jamais viu; embora, do jeito que estava, bem poderia se jogar em qualquer coisa que se mexesse. Mas não o faria. Seu corpo só necessitava a um. O único que não a queria ao seu lado.

Soltou uma gargalhada.

— *Eishto* é tão *engrrraçado*! Nunca me embriaguei!

— Ouça, cientista. — Virou-se e a encarou. — Lucius fugiu com parte do que ficou do Irídio. Cahal desfez parte da estátua, mas o pouco que capturaram, será suficiente?

Miz deu de ombros.

— Não sei quanto pesa o *pedassço* que levaram, mas *essspero* que não. De qualquer forma, não farão nada até que o *porrrrtal* se ative totalmente e — assinalou o telefone do berserker — supõe-se que o *prrrrograma* que insssthalou o Hacker em *nosssos* telefones tem um alarme para advertir o *desshpertar* do vórtice. Não *aabriram* o porrrrtal até então. Posso *fazerrr* uma pergunta?

— Vai fazer do mesmo jeito.

— O que? O que farei? — perguntou subitamente confusa. — Que *eshtava* dizendo?

— Que vai me perguntar o que tiver vontade, embora eu diga não.

— *Poisss ssimm*. — respondeu levantando a garrafa brindando à sua saúde. — Quando vi Lucius, você também *perrcebeu* Hummus. O modo em que o olhou... foi estranho. Como se houvesse algo pendente entre *voccêsss*. — outro gole mais longo que o anterior.

Noah estreitou os olhos e passou a mão pela cabeça raspada. Miz era observadora como requeria sua profissão e também era boa em detectar a linguagem verbal hostil.

— Não importa. — exclamou Miz levantando-se da poltrona e colocando uma mão sobre o peito esquerdo. Seus mamilos doíam e queria que alguém os mordesse. — Porrr Dioish... aproximou-se dele adoravelmente desleixada, deixando sua rigidez e sua altivez de lado. — Você não tem *carai*?

Noah piscou e a olhou como se fosse algo divertido e especial.

— Os berserkers não têm *cáraids*.

— Aaaahhhh... têm *caddis? cachis?*

Noah lhe dedicou um sorriso e negou com a cabeça.

— Temos *kones*.

— E, *porrr* que um cara como você não tem? — Explorou visualmente sua pessoa. — Porque espero à única. Como o druida esperou por você.

— Ah! — exclamou dando voltas sobre si mesma. O pareô vermelho da Ms. Marvel se enroscou em suas esbeltas pernas. — E as *eshpera* como fez ele? Beneficiando-se com tudo que tivesse tetas? Eu não sou a única para o Thorrr! Acredito... eu acredito que não há uma mulherrr em *Londreisss* que manteve as *pernasss fechadass* quando ele *passsou* ao seu lado... e o safado transou com elas! Estou tão *tãããooo aborrecidaaaa*! — Cantarolou secando as lágrimas dos olhos. Chorava como uma Madalena e não podia evitar. — E disse... *sssabe* o que?

Noah negou com a cabeça, afetado por vê-la chorar.

— Que vai me apagar com *tippex*! — Fez um biquinho. Ficou em silêncio e deu outro longo gole no hidromel. — Ei, olhe! — Deteve-se e dirigiu a ele um sorriso zombeteiro. — Olhe *ishto*! Payphone! — Gritou com força. — Mais volume! — No momento, a canção de Maroon 5 começou a se escutar em toda a casa, em altos decibéis. Miz fechou os olhos e começou a menear os quadris seguindo o ritmo da música. — I'm at the payphone trying to call home...! *Eiste* homem tem casas inteligentes para *dishimular* que seu cérebro é assim pequeno. — juntou o indicador e o polegar e piscou um olho para o berserker.

Noah se aproximou dela, decidido a tirar a garrafa, mas Miz deu um salto e se escondeu no teto, de barriga para baixo como um morcego. Assinalou-o com o dedo e negou com o indicador.

— O Hidromel é meu. Você não tocarr, pequeno Padawan.

Noah saltou e se colocou no teto da mesma forma. Ficaram os dois em pé ao contrário.

Ela riu e o berserker sorriu também, compreendendo sua dor e sentindo-a como dele.

— Sinto quanto isso dói. Lamento, mas tudo se arrumará.

Miz olhou para outro lado. Seu cabelo loiro caía para baixo como uma cascata; o pareô vermelho fazia o mesmo e as pontas ultrapassavam seus ombros.

O Capitão América, incrivelmente rígido metido naquele macacão azul estendeu o braço para lhe tirar o álcool.

— Agora me dê isso.

— Nop! — Miz se virou e Noah a rodeou com os braços para tirar dela a garrafa.

Miz bebeu dela. Não podiam tirar seu elixir, era o único que adormecia a dor de seu corpo. A droga a estava matando e Cahal não vinha, nem tampouco a aceitava como disse... mas ela sim o amava.

Amava-o. Tinha decidido. Bom, na realidade essas coisas não se decidiam; sentiam-se ou não. E ela, ao ver o quanto estava mal nesse momento, soube que caíra nessa fossa do amor. E que Cahal não a deixava sair; inclusive jogava terra em cima dela.

— Já bebeu o suficiente. — Por que não *sshinto* nada quando você me toca? Não cheira a canela. — gemeu perdida pelas emoções.

Noah esteve a ponto de soltar uma grosseria quando ela se virou e se colou nele para cheirá-lo à altura do peito e roçá-lo com o nariz. O berserker de Ás ergueu os olhos e cravou o olhar no druida, que os olhava raivoso, morrendo de ciúmes.

Noah se afastou de repente e levantou as mãos em sinal de desarmado.

— Necessita que esteja com ela. — assegurou, tentando apaziguá-lo.

Miz inclinou a cabeça para um lado e seu cabelo loiro se moveu ao seu redor com calma. Seus olhos de fada ferida piscaram e se centraram em sua pessoa. Thor estava ali no saguão; de braços e pernas abertas, não se movia do lugar. Mas a olhava. Como a olhava...

— Vá embora, Noah. — grunhiu o druida.

O berserker desceu do teto de um salto e caiu sobre seus pés, como os gatos. Ao passar ao lado de Cahal, sorriu e disse:

— Toda sua. Tem uma companheira muito divertida.

— *Issho* mesmo! Fuja, covarde! — Exclamou Miz dando um gole desinteressado no hidromel e olhando de esguelha a seu vanirio.

— Vá, Noah — repetiu, com as rédeas de seu autocontrole que pendiam por um fio. O Tigre de Bengala deu de ombros; deu um olhar de apoio a Miz e fugiu da casa antes que os feromônios o asfixiassem.

Cahal sabia que o que sentia eram ciúmes. Injustificados, porque Miz era dele. Mas não gostou de vê-la com Noah.

Também sabia que o amálgama de sensações destrutivas que se cravavam à altura do peito se devia a humilhação que experimentava o vanirio quando sua companheira de vida o rechaçou publicamente, como fizera Miz no IMAX. “*Eu não o amo!*”, gritara aos quatro ventos.

Porra; desligou o explosivo, e mal se concentrou nisso por causa do muito que doía seu coração. Aquela mulher podia destruí-lo com um não. Além disso, sua fonte de energia era o

sangue de Miz. Estava esgotado pelo poder que utilizara; mas agora precisava que o alimentasse outra vez. Suas costas e peito doíam. Lucius o transpassou bem. Mas falhou de propósito, o grande cretino. Fizera pensando que alguém teria localizado Patrick a essas alturas e o teria matado. E então, Miz e todos os humanos e amigos que estivessem ali teriam morrido ou acabado muito feridos. E ele teria morrido também de tristeza; em um agônico e deplorável adeus.

Miz o teria feito. Teria matado Patrick com suas próprias mãos se ele não a tivesse impedido. Sua guerreira, pensou orgulhoso.

Era um druida, conhecia todas as artes mágicas da natureza; os ciclos da vida e o efeito que tinham as leis universais em sua realidade. Essa era a consequência de ter provocado Miz nas nuvens, de ter insinuado que talvez não fossem companheiros.

Sabia que sua ação acarretaria uma reação. E ali estava! Em forma de Ms. Marvel pendurada no teto; tão bonita que doía vê-la, com seu longo cabelo dourado caindo para baixo, as bochechas vermelhas e o rosto todo manchado pelas lágrimas que ele provocou. Seu queixo com a covinha marcada fazia adoráveis biquinhos. Seu body negro tinha um raio dourado em seu peito. Um raio como o que caiu sobre ele quando a viu pela primeira vez no Ministry. Seus olhos tão estranhos e mágicos o olhavam carentes de confiança.

Não acreditava nele. Não confiava nele.

Caminhou para ela. Com sua capa de Thor ondeando a cada passo e seu cabelo loiro solto. Essa mesma noite passou as mãos pela cabeça e fez que seu cabelo crescesse porque Miz gostava mais assim.

Sua armadura furada ainda jorrava sangue.

— Sinto comunicar que seu pai adotivo morreu.

— Fico feliz. Já era hora. Não dê mais um passo!

A garrafa de Vanir D'Melis saiu voando em direção a sua cabeça sexy. Cahal a agarrou no voo, virou-a e bebeu um longo gole.

— Está bêbada, querida? — o líquido ambarino o esquentou por dentro e o olhar de Miz o fez arder por fora.

Ela não respondeu. Fechou e abriu os dedos das mãos e o olhou como um animal selvagem a ponto de ser caçado. Com medo, mas também disposta a atacar para lutar por sua vida, pela conservação de sua alma, pelo direito de amar e ser amada.

— Não... não venha! — gritou acocorando-se no teto.

— Nada pode me afastar de você, Miz. Nada. Quando vai entender isso? — Subiu os dois degraus que davam para a sala. Suas botas prateadas e estilizadas batiam no piso com força. — Não quero vê-la nunca mais perto de Noah. Jamais.

Miz apertou os dentes e grunhiu como uma gata selvagem.

— Não se importa com isso.

— Acha isso?

— E seu tippex?!

— Quer que o utilize? Poderia te riscar da minha vida assim fácil! — Provocou-a estalando os dedos. O último incentivo e teria o resultado final a toda sua ofensiva.

Ela ofegou, ferida pela afirmação. Os pulmões se oprimiram e os olhos voltaram a se encher de lágrimas, que deslizavam pela máscara negra, caíam por sua testa e penetravam por entre seu cabelo loiro. Cahal não podia eliminá-la assim como não se fosse nada. Era impossível que essa relação pudesse se apagar desse modo quando ela sentia tanto por ele. Não queria acreditar.

Seus olhos clarearam pela ira e a raiva que fervia em seu interior.

— Não me olhe assim! Estou cansado! O que?! — Gritou abrindo os braços. — Olhe para nós! Não temos tempo, Miz! Em algumas horas se abrirá um vórtice na Inglaterra e ninguém saberá se continuaremos vivos! A guerra não faz prisioneiros, bebê. E o amor é algo difícil de encontrar. Devemos valorizá-lo. Nos valorizar. Porra, pretendia fazê-la ver que nos pertencemos, que... preciso de você!

— Mentira! Vanirio filho de uma cadela!

— Não! — ele espetou se colocando na frente dela, agarrando sua cabeça invertida com desespero e ternura. — Eu a tratei muito bem!

— Quando?! — afastou a cabeça e o empurrou. — Quando me deixou meio nua diante do clã e me mordeu?! Quando me *converrtia* à força?! Quando me fodeu entre as nuvens e me dizia que possivelmente se equivocou comigo?!

— E o fiz, bebê? — Arrancou a capa vermelha do corpo e ficou na frente dela como um guerreiro viking de *Asgard*. — Eu me equivoquei? — Ambos olharam um para o outro. Fúria de titãs. — Heim? — Agarrou todo seu cabelo loiro e o puxou até aproximar o rosto de Miz ao dele. — Está zangada? Eu a feri? Demonstre-me.

Miz tentou escapar de seu aperto. Fechou os olhos com força e retirou o rosto franzindo os lábios.

— Não preciso de tippex — sussurrou o vanirio sobre sua bochecha. — Não vê, *mo sitíchean*? Preciso de você. — Sacudiu-a, agarrando-a pelos cabelos. — De você! Que se mostre para mim. Que me reivindique. Quero todo o sexo duro que possa me dar. Tudo, Miz. Sei quem é, sei o que é, quanto anseia o controle. Eu te dou isso, *mo dolag*. Cada desejo, cada suspiro de paixão, cada orgasmo, cada palavra carinhosa; tudo é meu. Pertence-me. Só me demonstre que a deixo tão louca como você a mim e deixarei de te pressionar. Entregue-se a mim.

Ela abriu os olhos consternada. O que disse? O dourado de seus olhos comeu o azul e suas pupilas se dilataram.

— Fale comigo, Miz! Não fique calada! Faça...! — Olhou-a nos seus lindos olhos e suplicou contrito. — Faça qualquer coisa comigo, porra! Preciso te sentir. Mostre-me que não é um robô nem um coração gelado.

Por Deus. O Polo Norte se desfaria com as palavras desse homem, com sua sinceridade. Cahal o paquerador, o druida, o homem mais poderoso do clã vanirio, de verdade queria que o amassem. Que ela o amasse e o aceitasse.

Era verdade? Ele a queria?

A fera reprimida em seu interior arranhou sua pele lutando para sair à superfície. E ela, tal e como estava já não tinha modo de mantê-la afastada nem prendê-la. A devoradora queria sair, e Miz decidiu lhe dar carta branca, esporeada pelas declarações do vanirio.

Como ela não seria sincera? Tentaria.

Puxou-lhe o rosto e o aproximou dela, do mesmo modo que ele o fazia, como se brigassem de verdade. Afundou os dedos em seu cabelo e puxou seu couro cabeludo.

— Realmente me quer ou quer meu sangue?! — Grunhiu, mordendo-o no queixo sem delicadeza. — Sabe o que está fazendo comigo? Não pode me enganar mais.

Cahal abriu a boca e lambeu os lábios.

— Espero há séculos, Miz. Espero por você há muito tempo. Sim, sei o que estou fazendo. — Peça-me perdão pelo que disse, por tudo que me fez... — ela ordenou agarrando mais cabelo entre seus dedos.

Cahal sorriu e assentiu.

— Perdoe-me.

Miz engoliu em seco e o observou com atenção, analisando se era sincero ou não.

— Agora me reivindique se você se atreve, bebê — sorriu sexy até dizer chega. Tentou se afastar, brincando com ela de gato e rato. Ele era o camundongo. Miz deixava de ser sua ratinha e se convertia na maior predadora de todas as espécies. Uma vaníria descontrolada e morta de desejo. — Eu te cheiro, o veneno é muito mau... deixe que o chupe. — Aproximou o pescoço dela à sua boca, mas Miz o reteve pelos cabelos e negou com a cabeça.

— Não.

— Não?

Ela negou de um lado para o outro. Seus olhos felinos chamavam muita atenção rodeados por aquela máscara negra. Aproximou sua boca à dela e o beijou sem medir sua força. Penetrou a língua entre seus lábios, empurrou através de seus dentes e capturou sua língua entre suas presas.

Chupou como se o mamasse e Cahal paralisou. Era o beijo mais erótico de sua vida. Miz o chupava como se tratasse de seu pênis.

Ela piscou. Invertida como estava, via seu pomo-de-adão e o lento palpitar do coração em sua garganta tão masculina. A desinibição era perigosa, mas ninguém podia detê-la.

Precisava mostrar a Cahal o que ele fazia em seu corpo, em seu sangue e em sua alma. Soltou sua língua, arranhando-a com as presas e saboreando as gotas de sangue que deixava a seu caminho. Gemeu de prazer ao saboreá-lo.

— Venha para cima. — ela ordenou puxando seu cabelo e o obrigando a levitar. Estava muito cômoda pendurada no teto e não queria se mover.

O pomo-de-adão de Cahal se moveu compulsivamente e seu animal interior gritou: Aleluia! Essa era Miz. Essa era sua mulher. Dominadora, controladora, mas muito apaixonada. Assim a queria; porque só uma mulher assim poderia combater seu monstro interior.

Miz nunca soube, oculta como estava, reprimida em sua sensualidade e sua sexualidade; não sabia que sua personalidade era dominante. Era poderosa, inteligente e estava acostumada a mandar. Gostaria dos jogos de dominação só se fosse ela que ditasse as normas. Ele deixaria que o dominasse, mas depois as cartas se inverteriam, porque o druida também era um ser dominante para com seu ambiente.

Seria uma batalha interessante.

Assim, obedecendo ao puxão de cabelos de sua companheira, levitou até que apoiou as mãos no teto. Desse modo, sua virilha, mais dura que uma vara de ferro, ficava em frente do rosto invertido de Miz.

A jovem lambeu os lábios e afundou o rosto na virilha de Cahal. Inalou e fechou os olhos. Cheirava a homem, a almíscar, a canela e a Cahal. Seu aroma estava em toda parte e se declarava uma viciada irremediável a ele. Maldição; machucou-a tanto com suas palavras que ainda tremia de ressentimento. Mas, desta vez, parecia ser sincero com ela.

Ele fechou os olhos e cravou os dedos no teto.

Miz levantou as mãos, desabotoou o cinto metálico de cor dourada e baixou o tecido azul e a cueca de um azul mais escuro. Tirou-os de repente e seu impressionante e grosso membro saiu disparado para cima. Era dela. Cahal era dela. Não sabia lutar com seu ciúme, mas aprenderia e enquanto isso o marcaria para sempre.

Deixou-o completamente nu dos quadris para baixo.

Tinha fome. Lambeu seus joelhos, suas coxas musculosas, seus quadríceps e o interior de suas virilhas.

— Oh, bebê... — murmurou com voz rouca. — Vai me matar. — Miz capturou suas nádegas com as mãos e as amassou, desfrutando do quanto estavam duras. Esse homem era toda potência e força física. Mas também inteligência e coração. Sim. Um grande pacote de testosterona. Presa dos tremores da droga e desejosa de enlouquecer o vanirio, abriu a boca e lambeu a cabeça da ereção, que já gotejava e estava úmida.

— Porra. — ele deu um salto, pôs uma mão sobre sua cabeça para guiá-la, mas Miz o manteve em seu lugar cravando as unhas no seu traseiro como advertência.

— As mãos no teto. — ordenou, olhando-o por entre seu testículo. — Nunca fiz isso... — focou em seu pênis, abriu mais a boca e o introduziu como pôde em seu interior. Era grande e não cabia; mas estirou os músculos da boca o máximo possível e começou a sugá-lo em seu interior.

Ele respirou e mordeu o lábio inferior. Cada vez que visualizava as presas dessa mulher gotejava sobre sua língua. Estava-o chupando e o massageava como uma autêntica perita. Viu o céu quando agarrou seus testículos com a outra mão e brincou com eles.

Miz saboreava canela nele. Sua pele era suave e estava quente. Mas a dureza atrás da pele a nocauteava. Desvairada e totalmente excitada pelo que estava fazendo com ele, empurrou mais até que o prepúcio atravessou sua úvula e o alojou no interior da garganta. As vanírias não morriam por asfixia, e se sentia tão poderosa que inclusive queria engoli-lo com mais intensidade.

E durante longos minutos o martirizou.

Cahal murmurou uma impreciação e impulsionou os quadris para frente.

— Relaxa a garganta, bebê. — aconselhou sem ar.

Ela não fez e começou a chupar com mais força, enquanto massageava suas bolas e acariciava suas nádegas com a outra mão.

Isto é meu.

Só seu, preciosa. Vou... Vou gozar. Não vou durar nada.

Não?

Miz cravou as unhas em suas nádegas, rodou a língua sobre seu pênis e engoliu com a garganta.

Cahal jogou a cabeça para trás, apoiando-se com as mãos no teto para não bater a cabeça nele. Gozou como um garanhão. E Miz não desperdiçou nenhuma gota de seu sêmen. Ficou tudo para ela. Engoliu e engoliu, submersa no prazer dele, imersa no que acabou de fazer com ele.

Soltou sua ereção com uma lambida e o rodeou depois com os dedos, beijando-o e excitando-o de novo.

Seu sabor é tão bom. E tenho tanta fome...

Abriu-lhe as pernas e apoiou suas coxas em seus ombros. Retirou a parte do body negro que cobria seu sexo e afundou o nariz no meio de suas pernas.

— Venha aqui, Ms. Marvel. — grunhiu abrindo seus lábios inferiores com os polegares. Miz, sem deixar de acariciá-lo com a mão, apoiou a bochecha em sua coxa robusta, e deixou que fizesse com ela o que quisesse.

O druida afundou a língua em seu interior, tirando e colocando, moldando sua parte mais íntima, contornando suas formas; concentrou-se em seus clitoris e o chupou durante longos minutos, até deixá-lo inchado e exposto.

— Eu adoro como responde. — murmurou penetrando os polegares em seu interior, preparando-a para o que viria depois. Tirou a língua e golpeou seu botão do prazer sem piedade, enquanto utilizava os polegares para alargá-la. — Isso mesmo. Trema para mim.

— Mmm... — soluçou ela.

— Sim, mmm. — abriu a boca e cobriu toda sua vagina com os lábios.

Mordendo-a delicadamente e lambendo tudo o que fizesse parte dessa área tão sensível. Estava tão úmida e excitada que toda sua boca tinha sabor de morango e de mulher. — É deliciosa...

— Oh, Deus...

— Agora verás. — Cravou as presas entre seus lábios enquanto introduzia a língua em seu interior e chupava com intensidade.

Miz gozou e avivada por sua dentada, girou a cabeça, apertou seu pênis com força com os dedos e o mordeu, chupando como ele fazia com ela.

Bebendo um do outro, caíram pouco a pouco no chão, desfalecidos, destruídos e enfraquecidos, mas sem deixar de tomar de sua essência.

Miz ficou em cima dele com as pernas abertas e seu sexo na boca de Cahal e o dele na dela. Gozando, imersos ambos em um orgasmo que os ressarcia e os afundava um no outro.

Mas a jovem não se deteve, seguia chupando-o e tremendo sobre ele.

Cahal teve vontade de golpear o peito à lá King Kong, eufórico pela resposta dela.

— Vou comê-la um pouco mais. — disse ele. — Goze em cima de mim, bebê.

Miz levantou a cabeça e o olhou por cima do ombro. Não havia nenhum pingo de dúvida em seu olhar.

O druida retirou o tecido e rasgou o body negro pela parte de baixo. Não queria que nada se interpusesse entre sua língua e o banquete que Miz tinha entre as pernas, tão liso, brilhante e rosado que gozaria de novo só de olhar.

— Já não se sente tão bêbada? — Perguntou, penetrando suas enormes mãos entre as tiras de seu body rasgado e subindo até seus seios. Cobriu-os e os amassou como se fosse um padeiro. — Meu sangue está tirando sua embriaguez, bebê.

Ela mordeu o lábio inferior e depois o lambeu com a língua. Antes a palavra bebê parecia nauseante. Não gostava. Mas quando ele a pronunciava desse modo tão sombrio e sexy, não podia fazer outra coisa além de apertar as pernas. Negou com a cabeça.

— Essa máscara está me destruindo, sabe? — Grunhiu deslizando as mãos por todo seu corpo e levando-as ao seu traseiro. Ela tinha o corpo tão sensível que as carícias doíam. Só necessitava que ele, seu loiro mágico se concentrasse nesse ponto espiritual que fazia que tudo tivesse sentido. Miz agarrou suas mãos e as subiu por cima da cabeça, entrelaçando os dedos com os dele, imobilizando-o.

— É meu escravo. — grunhiu mostrando as presas.

Por todos os deuses celtas! Cahal queria ficar de joelhos e agradecer ao céu. Miz estava tão desinibida que dava gosto escutá-la.

— Faça comigo o que desejar, *sitíchean*. — sorriu e olhou sua vagina exposta. — Aproxime-se, por favor. Vou te venerar como merece.

Ela se inclinou para frente e aproximou seu sexo à língua, aos dentes e a boca de Cahal. Enquanto a provava e sugava, não soltou suas mãos em nenhum momento. Era tão maravilhoso sentir que alguém tinha o poder. Cahal tinha o dobro de seu peso e tamanho, mas era ela quem mandava. Trocaram os papéis. Seus corpos reagiam um ao outro porque se pertenciam, mas era ela quem decidia como e o que ele fazia.

Sua cabeça era um caldeirão de pensamentos perversos que Cahal estava liberando. Não se considerava nem sádica nem dominante, mas as ideias que passavam pela sua cabeça eram tão atraentes... não obstante, sabia que o exemplar de macho viril que tinha comendo seu morango era tão dominante ou mais do que ela. Oh, e isso a acendia mais. Muito mais.

A língua de Cahal entrou tão profundo que teve que gritar e choramingar como uma desesperada, serpenteando sobre ele. Observou a tatuagem da serpente negra e vermelha que rodeava todo seu musculoso braço. A cabeça ficava sobre o dorso de sua mão e os olhos verdes a olhavam como lhe dizendo: “Já despertou?”.

Miz tremeu diante das insistentes lambidas. Tinha a área muito sensível devido à dentada, mas não importava. Necessitava isso. Necessitava a dor e o prazer.

— Eu sou a serpente. — sussurrou com a voz entrecortada.

Cahal sorriu e falou sobre seus clitóris.

— É minha serpente. Você é ela. Uma mulher que se envolveu em meu corpo e em minha alma. Um símbolo de sabedoria e inteligência. Minha companheira eterna, a única que quero, Miz.

— Sim. Eu gosto.

— Fico feliz.

— Eu tatuarei Panoramix, o druida do Astérix, em sua honra. — Estava zombando dele.

Ele açoitou sua nádega e ela mostrou as presas, desafiante.

Miz se levantou, soltou as mãos, mas enredou os dedos em seu cabelo loiro, desfrutando do tato e da suavidade de suas mechas e o fixando no lugar para que não se movesse.

— Deixou-o longo para mim, druida?

— É óbvio, bebê. — Oh, como ficava excitado em vê-la em modo nazista. — Por você. Tudo que fizer a partir de agora será por você. Por nós.

Ela inclinou a cabeça de lado e os olhos se encheram de lágrimas, frágeis e transbordantes de esperança. Teria essa oportunidade? Poderia amá-la? Já a amava?

Cahal grunhiu e afundou a língua em seu interior, provocando um novo orgasmo.

Miz paralisou sobre ele e deixou pender a cabeça para trás; mostrava sua garganta desenhando um arco perfeito se balançando sobre sua boca, puxando seu cabelo loiro e gritando liberada.

— Não posso, Cahal... não aguento. Preciso de mais. — gemeu levando uma mão a seu sexo dolorido e frenético pela droga. Cahal se ergueu e a agarrou pelos braços para levá-la à piscina de água climatizada que entrava parcialmente no salão.

Ms. Marvel se retorcia sobre ele, mas deixava que a carregasse.

Miz não era muito diferente de seu personagem. Ms. Marvel era uma mulher que foi manipulada pelo filho de Inmortus e a levou ao Limbo; a malvada Rogue absorveu seus poderes e roubou sua memória, deixando-a em coma; depois o doutor Charles Xavier a ajudou a recuperar essa parte dela perdida, mas não suas emoções, assim Ms. Marvel sentia coisas alheias a ela. Por isso diziam que era fria, porque não conseguia a empatia com seus sentimentos.

Miz foi manipulada por Lucius e Patrick e a levaram à Newscientists para que utilizasse seus dons a seu favor; o malvado Strike a enfeitiçou para que não visse a verdadeira natureza das pessoas que a rodeavam; e ela mesma cresceu numa espécie de casulo ausente de emoções reais.

Até agora. Até que ele a encontrou e a converteu em vaníria, abrindo seus olhos àquela incrível realidade cheia de emoções e sentimentos que a deixavam nua por dentro e por fora. Mas os enfrentaria. Porque era uma fodida valente.

— Coloque uma música, Cahal. — pediu esfregando o rosto no seu ombro. — Eu gosto.

O druida apoiou a bochecha no topo da sua cabeça.

— Sweet harmony! — Gritou o vanirio. Miz sorriu indulgentemente e ele se inclinou procurando seus lábios. — Beije-me, Miz. Dê-me um beijo desses que fazem perder a cabeça.

Era tão doce... Cahal era tão... tão... ele. Lisonjeador, carinhoso, atento e tão sexy que não havia maneira de afastar os olhos dele.

Ela o beijou enquanto entravam na piscina passo a passo. As luzes azuladas iluminavam a água. Tirou-lhe as botas e acabou de tirar o body e o pareô, lançando-os fora da água climatizada.

Ambos ficaram um em frente ao outro; ela totalmente nua, exceto pela máscara e ele ainda com a parte superior da armadura de Thor. A luz da piscina tingia suas peles de um tom anil claro.

Miz arrancou o acessório prateado e o lançou na outra ponta do salão.

— Assim... — Deslizou o indicador por seus abdominais. — Sem nada entre você e eu.

Estavam gloriosamente nus agora.

Ele era enorme. Um guerreiro celta de verdade.

— Não. — disse Cahal retirando sua máscara. — Agora sim está nua, Miz. Agora me mostra sua verdadeira identidade.

Ela piscou inocentemente.

— O que vê nem sempre é o que é, Cahal. Todos usam máscaras.

— Eu sei, bebê. Mas já tirei todas as suas, não é? — Ela mordeu o lábio e o olhou com resquícios da dor sofrida.

— E às demais também? Com as demais fazia estas coisas? Não me sinto nada bem... — negou envergonhada. — Estou com uma espécie de Casanova. Não gosto do que fez com elas.

— Com elas não gostava, Miz. Não sentia nada. Porque não eram você, compreende isso? — É muito desagradável esta sensação. — Colocou a mão no peito e o olhou desconsolada.

— Seu ciúme? Eu adoro, *mo dolag*. Demonstram que se importa comigo e me quer somente para você. Quero te demonstrar o quanto é diferente delas. Dê-me a oportunidade de te amar.

Exalou rendida à sua beleza e deu um passo para afundar seu rosto naquele tórax tão definido.

— Minha pequena fada. — murmurou cativado por seu comportamento. — Faz com que meus joelhos tremam. — sua mão abrangeu a cabeça da jovem e a acariciou.

— Eu gosto tanto de você... — murmurou lambendo o sangue que se secou de sua ferida do peito. — Tanto que me aterra, Cahal...

— Você gosta?

— Sim.

— E isso é mau?

— Não sei... adoro esta sensação. — lambeu seu mamilo e desfrutou de sua dureza. — Adoro que reaja assim para mim. O lugar no qual o toco — penetrou uma mão entre seus corpos e abrangeu parte de sua ereção, o que podia — fica duro. Enlouquece-me... — sussurrou apertando as pernas elevando a mão à sua virilha para esquentá-lo. — E isto me dói muito...

O druida a abraçou e flexionou os joelhos.

— Me rodeie com as pernas. Vou tirar essa dor, *ban priunnsa*.

— Sim... — obedeceu-o e se abriu completamente a ele. Quando sentiu os dedos de Cahal entrando nela começou a chorar por isso. — Essa hipersensibilidade tem que desaparecer... — se queixou. — Eu não poderei viver assim...

— Shhh. — Cahal a colocou em posição e entrou nela, enchendo-a até o limite e golpeando no colo do útero, querendo ultrapassá-lo também. Manteve-a em seu lugar e notou como gozava em seus braços. Não havia nada mais belo no mundo que aquela fêmea explodindo e se desfazendo em seus braços. Abraçou-a com força e rendido a sua perfeição e a tudo o que ela lhe dava, disse:

— Para mim eu não só gosto de você. Eu a amo. Não tem que me responder agora, Miz. Não tem que me dizer nada. — caminhou com ela no colo e a apoiou na parede da piscina. — Só te digo o que há. Não posso enganar o meu coração, nem tampouco posso calá-lo. — Adiantou os quadris e a penetrou com mais força. Ela abriu os olhos e o olhou dividida entre o medo e a incredulidade. — Já não pode me afastar. Não mais, Miz.

Ela negou com a cabeça, dominada por suas palavras e pelo calor que desprendiam seus corpos.

— Cahal eu... não quero se afaste... mas...

— Bem. Já basta, *mo ghraidh*. Agora, cale-se, é minha vez de mandar, bebê.

Sacudiu-a como um autêntico selvagem, dominando-a e criando uma maré de ondas na água da piscina. Abraçou-se a ele e cedeu ao seu domínio. Estava-a submetendo e também gostava. Gostava de tudo em Cahal. Que mandasse, que tivesse iniciativa, que fosse tão poderoso e inteligente e que entesourasse tanta ternura e magia em seu coração.

Era muito mais do que atração física. Era mais do que a palavra gostar podia abranger. Já não podia negar. Só devia encontrar a coragem de expressá-lo sem medo que ele desaparecesse de sua vida.

Capítulo 20

Despertou tão insultantemente irritada que não se atreveu a se mover. Ainda tinha a sensação de que ele estava ali metido, marcando-a em seu interior. Estaria deliciosamente ardida, pensou.

Pulsava algo embaixo de sua orelha. Era o coração de Cahal. O coração que lhe entregou durante a noite e ela o aceitou. Esfregou o nariz no seu peito e olhou para o exterior da vidraça.

Ainda era noite. Tentou se levantar e então percebeu. Claro que sentia que ele estava dentro. É por que não tinha saído! Oh, e nem sequer estava completamente relaxado. Caramba, mesmo assim intimidava. O vanirio era um superdotado.

— Está melhor, bebê? — Cahal a olhava com olhos azuis cúmplices e divertidos. Levantou-se a obrigando a se levantar com ele e a ficar sentada sobre sua ereção.

Estavam em uma cama para relaxar da piscina. As almofadas brancas continuavam úmidas de seus corpos gotejantes, assim como o colchão macio.

— Tem que estar. — sugeriu ele. — Você gozou tantas vezes que já perdi a conta.

Miz levantou uma sobrancelha loira. Deveria se sentir envergonhada por essas palavras, mas, para sua alegria e total satisfação, não foi assim.

— Não me envergonha. — assegurou a ele com as bochechas vermelhas.

— Claro que não. — Cahal roubou um beijo e encostou sua testa à dela. — É uma desavergonhada, sabia? — imitou sua voz — “Por favor, por favor não pare... Não saia... não...”

Miz o empurrou pelos ombros e tentou se afastar dele, mas o druida capturou suas nádegas e a fixou em seu lugar.

— Aonde acha que vai? — arqueou os quadris e sorriu. — Deseje-me bom dia.

Ela negou com a cabeça e suspirou.

— Mais? Minha virilha dói e acredito que tenho uma cãibra no traseiro.

— Sitíchean... — massageou sua nádega — Dói aqui?

Ela deu um salto ante o beliscão sutilmente doloroso e ele aproveitou para se mover em seu interior de novo.

Miz amarrou seu cabelo loiro com os dedos e se moveu em cima dele.

— Isto é uma loucura. — murmurou o olhando nos olhos — Não posso te dizer não...

Ele se pôs a rir e a beijou enquanto a deitava na cama e se colocava em cima dela para fazer amor lentamente e desejar bom dia à sua maneira.

Bip. Bip.

Uma hora depois, seus iPhones receberam uma mensagem e os dois se levantaram da cama ao mesmo tempo. Estavam suados e saciados um do outro. Mas não esqueciam o que acontecera nem em que lugar se encontravam. A guerra se desatou em plena Londres e sentia curiosidade para ver como Daanna, Beatha e companhia manipularam a informação dos meios de comunicação.

Cahal sabia que Caleb lhe deu esse espaço de tempo para que se ocupasse de sua Miz. O líder vanirio conhecia o efeito que provocava essa droga e ordenou a ele que fosse até ela para acalmar a dor de sua *cáraid*. Mas não podiam ficar fazendo amor eternamente; assim, tão logo resolvessem o conflito entre eles deveriam voltar para a ação.

Levantou-se gloriosamente nu para pegar o iPhone que deixara na espaçosa recepção. Olhou a mensagem:

De:Conselho Wicca

RAGNARÖK. Imediatamente. Temos visita.

Miz se ergueu num cotovelo e o olhou com decisão. Era o vórtice?

— Vamos, bebê.

— É o alarme do vórtice? — levantou-se caminhando para ele depressa. — Já se ativou?

— Não, ainda não. — ele respondeu mostrando a mensagem. — Mas a valkyria e o vanirio samurai chegaram.

Se não eram eles, que outra visita esperava?

Tinha uma Mercedes Benz 300 SL e nem sequer sabia. Cahal o comprou junto com alguns outros brinquedinhos de quatro rodas, que esperavam pacientemente que os tirassem em sua garagem subterrânea.

Estavam preparados para sair e embora ainda fosse de noite, preferiram ir de carro já que se tivessem que ir a algum lugar durante o dia, precisavam de uma proteção para que os raios do sol não os ferissem.

— Mas de verdade isto é meu? — perguntou aturdida.

Ele pôs as mãos em seus quadris cobertos com jeans impecável e a beijou na nuca. Gostava muito do estilo de Miz. Usava uma camiseta branca que tinha estampada as palavras “*Divida e Vencerá*”. Era um lema que os cientistas usavam para falar de algoritmos e divisões atômicas. Mas também era o lema dos alquimistas, aqueles que conseguiam dividir a matéria e simplificá-la até encontrar a autêntica pedra filosofal. Para Miz a pedra filosofal seria uma partícula da antimatéria. E ela a conseguiu fazendo divisões atômicas. Sim, era uma alquimista contemporânea e essas camisetas caíam como uma luva. Ruth, Aileen e Daanna tinham um senso de humor muito distorcido. Mas aquele estilo caía tão bem em Miz que não podia discutir com elas em nada. A cientista tinha muitas outras camisetas sem mensagem, mas, pelo visto, gostava dessas.

— Claro que sim, Ossinhos. Você gostava de seu antigo fusca e pensei que já que sente predileção pelas coisas velhas, pelo menos que sejam elegantes. — deu-lhe as chaves e a convidou a entrar. — Você dirige.

— Então sinto predileção pelas coisas velhas? — ela ergueu as duas sobrancelhas e o olhou como se fosse um mosquito.

— Eu tenho dois mil anos e me disseram que você gosta muito de mim... — cantarolou, brincando com ela.

Miz revirou os olhos.

A Mercedes era cinza escuro e tinha o estofado interior de couro vermelho.

O volante era liso e macio. As portas eram estilo asas de gaivota, das que se abriam de baixo para cima.

A cientista apertou as chaves em suas mãos.

— É um carro lindo, mas... Não sei se é bom que esteja me comprando coisas continuamente.

— Por que não? — perguntou ele se apoiando no teto desse lindo veículo. Miz pensou que ia amassar e o olhou inquisitivamente. — É um carro muito resistente. Está blindado, bebê e tem um chassi multitubular...

— Poderia me acostumar com isso. — murmurou contrariada, ignorando as especificações técnicas do druida. — Que me comprem coisas...

— Quem não se acostumaria? — replicou Cahal piscando um olho para ela. — Vamos. — deu palminhas no teto e esperou que ela tirasse a trava das portas. Uma vez dentro só pôde admirar seu novo carro esporte. Sim, era dela. Aceitaria o presente. Ui, certo, não custou nada a ela! Cahal instalara um computador de bordo, leitor de CDs, GPS... Era como uma espaçonave.

— Druidh. — disse colocando a chave no contato e pisando no acelerador.

— Sim, linda? — perguntou cruzando os braços e sorrindo. Sabia que Miz acabava de adotar a Mercedes.

— Segure-se bem.

O RAGNARÖK estava em silêncio, à exceção das televisões de plasma que emitiam notícias informativas inglesas, repetindo as imagens dos helicópteros colidindo e de pessoas correndo pela praça em plena histeria coletiva.

Asseguravam que a estátua de irídio se quebrou e que o acidente ocasionou algumas vítimas.

Miz e Cahal escutaram a notícia com interesse.

Os guerreiros estavam se reorganizando em seus compartimentos, preparando-se para entrar em ação.

— Não dizem nada dos vampiros nem dos seres com pelos e garras... — apontou Miz assombrada.

— Não. Daanna e Menw são excelentes na manipulação mental.

— E nós não? — Beatha apareceu atrás deles e os olhou sem esconder sua irritação.

Miz se incomodou ao vê-la. Não sabia se essa mulher continuava julgando-a ou não.

— Maru Beatha, não seja tão suscetível.

Beatha sorriu para Cahal e depois cravou os olhos em Miz, procurando algo em sua pele, algo que não achava. A cientista aguentou impassível seu escrutínio. O que estava fazendo? A Maru de Dudley franziu o cenho e olhou acusadoramente ao druida. Depois suavizou os olhos e se dirigiu à loira.

— Vamos para dentro. Temos muita pressa e algo muito importante para falar. — Eles seguiram até a sala de reuniões. Ali estava o Conselho Wicca por completo; acompanhado de Ás e de uma mulher de cabelo vermelho e orelhas bicudas e um vanirio japonês com uma katana pendurada nas costas. Não os conhecia.

Miz estudou a ambos: a mulher era sexy e explosiva e se vestia toda de negro como ele; seus olhos celestes pareciam que olhavam a todos por cima do ombro, e ao seu lado o vanirio, sério e impassível, estava atento a todos os seus movimentos, a todas as suas necessidades.

Marcavam território um no outro, como uma perfeita unidade.

Eram companheiros, claro. Em seu pescoço tinham uma tatuagem. Esse era o *comharradh* de quem Aileen falara, o selo dos companheiros vanirios, que tinham a híbrida e Caleb no interior do pulso: era o símbolo das almas que se prendiam definitivamente. Então percebeu. Era o selo o que estava procurando Beatha um instante atrás.

— Cahal, Miz. — saudou-os Caleb. — Estes são Róta e Miya. Vieram da Escócia urgentemente porque têm notícias importantes para nós.

Róta e Miya os saudaram com um gesto de suas cabeças.

— É uma valkyria? — perguntou Miz, maravilhada ao ver suas orelhas bicudas.

— Sim, linda. — respondeu a de cabelo vermelho, resoluta e orgulhosa de sua condição.

— Nossa... E vem de Asgard?

Róta franziu o cenho e disse a Miya em voz baixa:

— Esta nasceu ontem.

— Quase. — respondeu Miz, escutando perfeitamente o que Róta disse. — Recentemente que sou vaniria.

— Ah... — A valkyria sorriu. — Pois bem-vinda ao caos.

— Obrigada. — respondeu, Miz.

— Enfim. Não temos tempo para apresentações. — argumentou Róta— A informação que vou dar só quem sabe é meu samurai e eu. — colocou o punho fechado em cima da mesa. — Se alguém mais tivesse esta informação em mente, o mais provável é que Lucius, Hummus ou Cameron venham a saber, acabariam fazendo uma emboscada e a descobrindo. E acreditem em mim, não nos interessa absolutamente.

— Como sabem — interveio Miya —, do portal de Colorado entraram em Asgard e roubaram três totens.

— Sim. Sabemos. — assegurou o druidh.

— Mas também sabem que Heimdal — continuou Miya —, o filho de Odín, desceu à Terra e está escondido entre nós, não é verdade?

— Sim. — repetiram todos. — Hummus não somente queria levar os totens — explicou o samurai de olhos cinza —, queria roubar Heimdal, a corneta Gjallarhorn que convoca a todos os guerreiros de Odín a lutar no Ragnarök. É uma corneta de marfim, ouro, titânio e mercúrio, muito bonito. — assinalou — Hummus quer usar o conhecimento de Heimdal para abrir todos os reinos de Asgard, incluindo os reinos escuros. Por isso tentou sequestrá-lo e arrebatá-lo a corneta, mas não conseguiu; embora conseguisse pegar um pedaço do totem. — Olhou a valkyria e esta abriu os dedos da mão para mostrar o pedaço de marfim.

— Por que você tem esse pedaço? — perguntou Caleb cruzando os dedos. Miya e Róta procederam, com uma compenetração invejável, a explicar toda a história sobre Seiya, a profecia dos Futago, sobre quem se supunha que era Róta e sobre o que tentaram fazer com ela em

Gannet Alpha; como Seiya incrustou o pedaço de marfim na palma da valkyria para que ela, com seu dom da psicometria, pudesse achar o filho de Odín na Terra.

— Seiya me mordeu e fiquei inconsciente. — continuou a valkyria — Mas Kenshin o matou antes que pudesse dizer nada do que viu em meu sangue. Depois de me recuperar, graças a meu vanireinherjar, invoquei meu dom. E desta vez sim, vi onde se encontrava Heimdal. Não quis dizer nada a Engel sobre o que eu sabia por que a informação é muito delicada e estão nos perseguindo continuamente. E... a situação na Escócia é muito crítica. — seus olhos celestes ficaram opacos.

— Entendemos você perfeitamente, Róta. — disse Daanna admirando a têmpera daquela mulher. — Agradecemos que tenha vindo pessoalmente nos comunicar o que viu.

— O que foi que viu? — perguntou Caleb.

— Bom. — suspirou cansada — Eu vi você, Caleb, com um capuz negro, e sua companheira Aileen, por isso soube que Heimdal se encontrava em Black Country com vocês. Mas havia muitas pessoas ao seu redor e não acreditei que fosse conveniente dar a voz de alarme, porque outros não tinham que saber que ele estava aqui. Todas as pessoas, inclusive ele, prestavam atenção a esse loiro — assinalou Cahal —, mas tinha a cabeça raspada então. Estava mordendo o seio da recém-nascida e a tinha pendurada em uma madeira. — sorriu para Miz — Agora a reconheci.

Miz arregalou os olhos. Não compreendia nada.

— O que estou insinuando é que vi o que Heimdal estava vendo nesse momento. — especificou a valkyria.

— Porra. — Cahal passou as mãos pelo cabelo. — Heimdal está aqui?

— Sim. Mas isso não é tudo... depois de localizá-lo, no dia seguinte tentei localizá-lo de novo para me assegurar de que não se moveu do lugar e que continuava aqui. E já não pude encontrá-lo. Desapareceu.

Cahal e Miz franziram o cenho ao mesmo tempo. Como podia desaparecer? Eles o mataram?

— Mas, e essa é a razão pela qual estou aqui neste exato momento, esta noite voltei a encontrá-lo — confessou Róta com olhos vitoriosos —; por isso viemos com urgência, pois o grupo de ação com o qual estava Heimdal desta vez era muito mais reduzido e perguntando diretamente a essas pessoas poderíamos averiguar de quem se trata.

— Diga-nos, Róta. — Ás estreitou os olhos e se inclinou sobre ela. — Onde está?

— Continua aqui. Sei por que estava em uma piscina dessas de pedra, como aquela ali fora.

— As Jacuzzis naturais. — especificou Miya.

— Sim e depois dirigia os olhos às letras prateadas que há na parede em que se lê: RAGNARÖK. Estava acompanhado de uma mulher morena com olhos negros. Cabelo comprido...

Ás se enrijeceu e Aileen pigarreou.

— Morena? Morena como, exatamente? — perguntou a híbrida.

— Bom, morena de pele bronzeada... E havia uma mulher de cabelo branco e comprido com ela...

— Porra! — gritou Ás se levantando e olhando Maria. A sacerdotisa abriu os olhos estupefata:

— Tem certeza do que diz? — perguntou Maria.

— Completamente. — respondeu a valkyria — Meu dom não falha.

— O que... o que acontece? — Miz estava assombrada pela reação tão intensa que aconteceu ali.

Beatha levou a mão à boca e disse:

— Heimdal estava com María, a kone de Ás — precisou —, e com uma das três sacerdotisas anciãs. María se encarregou de cuidar dos meninos e ontem à noite ficou com eles, assim...

Então Heimdal estava ali, em RAGNARÖK? Por que não se mostrou? Por que não pediu ajuda a eles? Era um menino?

— Mas não pode ser... — refutou María — Ontem decidimos dar um mergulho com algumas crianças porque estavam um tanto intranquilos e...

— Quais, kone? Diga o nome deles. — exigiu Ás.

— Muitos... Mmm... Jared, Liam, Eon, Nora, Enok...

— Não é suficiente. — Róta negou com a cabeça. — A chave está aí, Heimdal é um deles. Lembre-se, María.

— Deram um mergulho e... e depois Dyra e eu ficamos com... o Oh, pela Deusa. — María empalideceu e olhou Miz e Cahal — Se viu isso exatamente como diz... quando saímos da jacuzzi... só Eon estava conosco.

O druida entrelaçou os dedos com os de Miz, que ficou gelada.

Que esse menino pequeno de cabelo laranja e olhos azuis era Heimdal? Mas que loucura era essa? Se ele era uma criança inofensiva e doente!

— Acham que Heimdal é Eon? — replicou Cahal. — Sério? É impossível. Esse menino está doente e...

— De fato ontem sofreu uma nova vertigem. — argumentou María — Depois de sair da Jacuzzi. Nós o levamos ao quarto com outros meninos e ficou ali adormecido.

— Outra vertigem? Se eu fiz uma proteção quântica... — murmurou contrariado. — Não acredito que seja Heimdal.

— Sei que é Heimdal. — assinalou Róta. — É. Meu dom de psicometria é exato, vanirio.

Cahal esfregou o rosto com a mão e atraiu Miz para ele.

— Então o tragam. — ordenou o druida.

María se levantou com Ás e foi procurar Eon.

— Mas, Cahal... — protestou Miz — Estamos falando de Eon... esse menino não fala, não diz nenhuma palavra. Está fraco. Como vai ser filho de um deus?

— Bom, Heimdal não fala. — argumentou Róta acariciando o marfim de sua mão. — Ele é... tem o ouvido muito aguçado; dizem que inclusive pode ouvir as formigas caminhar e tem uma visão de lince. Mas não é conhecido por seu dom da palavra. Entretanto, sua corneta falará por ele no famoso dia. Não precisa falar. — deu de ombros sem dar importância.

Miz bufou e se separou de Cahal, caminhando de um lado para o outro. Por que sentia essa ansiedade? Adorava Eon. Adorava esse menino.

— De onde Eon foi resgatado? — perguntou Cahal visivelmente afetado.

— Chegou com as crianças de Capel Le Ferne. — explicou Daanna, igualmente surpreendida.

— Beatha — o druida se aproximou dela e pôs uma mão no seu ombro —, traga Daimhin e Carrick. Veremos se nos ajudam a entender isto.

— Por que tanto drama? É muito bom que tenhamos localizado Heimdal. — apontou Róta olhando as unhas. — Se ele retornar a Asgard e voltar a ser seu guardião fechará todas as saídas e as portas pelas quais tenha entrado Hummus. E de nada servirão os vórtices nem os aceleradores. Heimdal não permitirá que ninguém entre desta vez; mas para isso tem que estar lá para fechar todas as saídas.

Poderia ser? Miz encarou Róta, afetada por essas últimas palavras. Poderia ser que Eon estivesse com ela porque sabia que estava montando o acelerador? Que ela seria a chave para que ele retornasse a Asgard?

Mas Eon era tão carinhoso, tão bom... tão doce. Como um deus tão poderoso tomaria o corpo de um vanirio doente e necessitado de proteção? E por que sabendo sobre os portais não disse quem era? Ah, claro. Não falava. Mas havia outros meios!

Conforme indicavam os painéis da Nasa, a energia eletromagnética da Inglaterra estava se concentrando no vórtice perto de Wiltshire. Porém, ainda não estava ativado completamente.

— Miz. — Cahal segurou seus braços, girando-a para ele e exigindo toda sua atenção. — Linda, concentre-se. Pode esse microacelerador que tem em sua sala abrir um portal até Asgard?

— Impossível. Não... não tenho irídio o suficiente para que o estabilize, nem a força ampérica necessária para poder ativá-lo...

— O que precisa? Fale, bebê. Se Eon for Heimdal, temos que enviá-lo a Asgard antes que Lucius e Hummus abram o portal. Há uma oportunidade para nós. Mas se não chegarmos antes deles, sem seu guardião o Asgard está derrotado.

— Preciso de irídio! — replicou ela impotente. Eon era Heimdal... ele era? Que merda jogavam ali?! Cahal a abraçou e acariciou seu cabelo, e ela agradeceu um pouco de segurança naquela loucura.

— Irídio e o que mais? — Miz estava tão surpresa e afetada quanto ele.

— E... uma fonte de alta voltagem para a polarização — secou as lágrimas dos olhos. Eon seria dela... por que ele não podia ficar? —, para... que interajam os campos elétricos... e...

— Uma fonte de alta voltagem? — perguntou Róta com voz mais suave ao ver o mal-estar da cientista. — Quanto de potência?

— Potência máxima. Falo de quilowatts. — respondeu Miz.

María e Ás apareceram de novo sem Eon.

Cahal e Miz olharam para eles e o que perceberam não gostaram nada.

— Eon não está em sua cama. — disse Ás — Não sabemos onde está. Estão procurando-o por todo o RAGNARÖK, mas não o encontramos.

— Um menino de três anos desapareceu? — murmurou Miya irritado. — Que tipo de segurança tem aqui?

Ás falou com Caleb para preparar uma equipe de resgate. Não sabiam onde estava o menino, mas teriam como achá-lo.

— Depois de Goro, ontem a tarde inserimos em todos os membros dos clãs uns transmissores médicos de telemetrias — revelou o curador —, para que nos informem a cada momento sobre seu estado físico e mental. Quando o cérebro começa a se corromper, o sangue muda sua composição: torna-se mais ácido e espesso. Os transmissores nos revelarão se há ou

não mais guerreiros corrompidos. O transmissor carrega um sistema de localização via satélite e isso pode nos ajudar a encontrar Eon... Heimdral. — retificou.

— Então ative seu transmissor e nos diga onde está. — ordenou Cahal sem concessão.

Miz saiu disparada com um nó na garganta. Se tivesse que começar a chorar como uma incoerente, ela o faria a sós, não com todos olhando. Cahal saiu atrás dela e a alcançou na porta de entrada de sua sala, seu lugar de trabalho, seu pequeno santuário; branco, estéril e com todo tipo de ferramentas e aparelhos que ela sabia manipular. Sem rastro do ataque sofrido no dia anterior.

— Miz. — O druida a seguiu ao interior. Não suportava sentir o descontrole da cientista.

Sabia quanto carinho tomou por Eon em muito pouco tempo para que agora dissessem que não era uma criança e que, além disso, desaparecera. Porra, inclusive fazia com que ele se sentisse mal.

— Olhe pra mim. — puxou-a pelo braço e a girou para ele.

Ela não queria fazê-lo. Se ela se concentrasse no acelerador e conseguisse colocá-lo em curso, pelo menos recuperaria a normalidade e a calma. Se ocupasse seu cérebro com dados e fórmulas que podia lidar, poderia deixar de sentir esse vazio em seu estômago... mas imaginava Eon, deus ou não, sozinho por aí, com esse corpo magro, pequeno e vulnerável... e lhe entravam os mil demônios. E o que esteve fazendo enquanto Eon ficava doente de novo e desaparecia? Embebedando-se e fodendo como uma louca. Foi isso que fez.

— Ei! — Cahal a segurou pelo queixo, irritado com seus pensamentos. — Corte agora mesmo o que está pensando! Não manche o que vivemos esta noite, bebê. Não faça isso. — advertiu. — Eon desapareceu e o encontraremos. Mas nada disso é culpa sua, nem minha.

Miz não acreditava. Quando mataram sua mãe e sua irmã; quando as violaram e torturaram diante de seus olhos, não pôde fazer nada para evitar. Só se retirar mentalmente do inferno que estava presenciando e se esconder em sua cabeça, fazendo variáveis do número Pi.

Afastou-se da dor e não as salvou. Não fez nada para...

— Miz! Bebê, não faça isto! Era uma criança. Não podia fazer nada. Ninguém pode nessas circunstâncias, querida. — Limpou suas lágrimas com os polegares. — Às vezes acontecem coisas que escapam ao nosso controle! Não as vemos vir.

— Não? Você não é um druida? Não viu vir que Eon não era normal? — sabia que estava sendo injusta com ele, mas não podia se reprimir. — O que é que sua magia faz exatamente, além de fazer crescer o cabelo?

Cahal sorriu com frieza, ferido por sua acusação. Era tão puta quando queria...

— E você, Miz? Não é a pessoa mais inteligente do planeta? Por que não resolveu o enigma de Eon? Não me ataque gratuitamente. Sei que está preocupada, bebê... — aproximou seu rosto ao dela. — Mas vamos solucionar isso juntos. Não vai me deixar de lado.

— Perdão.

A voz de Daimhin interrompeu a discussão. A jovem entrou vestida com sua camiseta branca de alça, sua calça negra justa, com os Manolos e a katana às costas e um rímel muito escuro nos olhos. Ora, Daimhin estava encontrando seu estilo “Anjo da morte”. Exibia seu glorioso cabelo loiro preso em duas tranças.

— Minha mãe me disse que queriam me perguntar sobre Eon.

Cahal soltou o rosto de Miz, a quem não sabia se beijava ou sacudia, e se concentrou em Daimhin.

— Quanto tempo faz que conhece Eon?

Daimhin piscou e lambeu os lábios.

— Foi dos últimos a chegar. Ele não passou muito tempo em Capel Le Ferne.

— Dos últimos a chegar? — repetiu Miz com a pele arrepiada.

— Sim, é... havia muitos meninos lá, já viu. — explicou-se a vaniria. — Mas vi Eon pela primeira vez dois dias antes que nos resgassem. Como não falava e era tão silencioso colocamos esse nome... como os eones... os espíritos, sabem? — perguntou incomodada.

Cahal fechou os olhos e fez as contas. Sim, as datas encaixavam com a do roubo dos totens e a abertura do portal. Sentou-se no tamborete e meditou sobre o acontecido. Seria verdade que o tiveram diante dos narizes e não perceberam isso?

Daimhin e Miz olharam uma à outra; e a das tranças se aproximou dela e disse em voz baixa:

— Novata, Eon vai ficar bem. — passou a mão por suas costas carinhosamente. — Acabo de ouvir o que diziam... sinto muito por escutar. Eu... não sei se era ou não Heimdal, mas se for... teve um deus enganchado à perna todo este tempo. Vai se converter numa lenda. — disse com sinceridade e sem duplas intenções.

Miz se pôs a rir entre lágrimas, embora não as quisesse, tinha-as com ela. Passou o braço por cima dos ombros de Daimhin e deu um beijo em sua cabeça.

— Ei, não fique pegajosa. — replicou a filha da Beatha, sem se afastar do abraço.

— Cale-se, Super Girl. — respondeu Miz.

Daimhin era toda luz. E a adorava. Havia pessoas que não precisavam de muito para ganhar as outras. Daimhin era uma dessas pessoas e Miz sabia que gostaria dela e a respeitaria assim que a viu. Como soube quando viu Eon. A conexão com ele foi tão forte e autêntica que queria tê-lo a seu lado sempre. Mas essa opção já não era viável.

— Eon é Heimdal. — resolveu Cahal se levantando da cadeira. — É.

— Como sabe?

— Sei. Acredito que tudo se encaixa... precisa de nós, por isso ficou conosco. Putas as nornas e seu tear... Mas fugiu por alguma razão. Foi embora daqui por algum motivo.

— O que as nornas têm a ver com isso? — perguntou Miz, exasperada.

— Tudo! — Cahal riu de si mesmo. — Sempre tem a ver, Miz. Sempre. O destino é uma entidade viva. Fia e desfia a cada ação e decisão que empreendemos.

— Explique-se. — pediu, colocando todos os seus sentidos em sua argumentação. Cahal tirou sua adaga personalizada com o selo de Awen e roçou a lâmina com os dedos. Anduinedruidh. O homem druida, rezava sua lâmina.

— Faz dois mil anos os deuses me arrebataram as emoções. Deixaram-me morto e minha magia desapareceu. — sentou-se em cima da mesa de testes e continuou concentrado no manuseio de sua adaga. — Minha vida não teve nada de especial até que me sequestrou no Ministry. — olhou para a cientista. — Já faz um mês e meio disso. Por alguma razão, a vida dos clãs mudou neste tempo. Você conhece o alinhamento planetário que haverá dentro em pouco; sabe

que é um evento único e que uma energia que chegará do cosmos abrirá todos os portais da Terra, e aquilo que até agora os humanos não viram, então será revelado. Neste tempo, antes que esse alinhamento aconteça, aconteceram muitas coisas: Caleb pode caminhar sob o sol; há uma híbrida vanir e berserker que acaba por ser a neta do líder de Wolverhampton; a amiga de Aileen, Ruth, é a famosa Guerreira das Almas e seu companheiro é o noaiti do clã berserker, que logo depois de recuperar Ruth da morte, recebeu uma profecia das nornas que indicava passo a passo o que devia acontecer para que as cartas ficassem ao nosso favor no Ragnarök; a profecia fala de Liam e Nora, seus sobrinhos e o quanto são importantes para nós; fala de uns escolhidos, Daanna e Menw, que trarão uma alma não nascida que pode ajudar a proteger o Midgard e Daanna já está grávida de Aodhan; mataram Gabriel, mas retornou como líder dos einherjars comandando às valkyrias que tanto estão nos ajudando; e, de repente, a profecia fala de um magiker, que é um mago, um druida, que tem que expulsar o veneno de seu coração. E a humana conhecedora de nosso mundo deve nos ajudar. — levantou-se e ficou diante das duas garotas. — Está claro. As nornas põem o tabuleiro de xadrez, mas nós movemos as peças.

— Eu já não sou humana. — respondeu, Miz.

— Mas foi. E agora é uma das nossas. — respondeu Cahal — A questão é que devemos fazer algo; e até agora não sabíamos o que era — assegurou —, mas Eon entrou em cena faz alguns dias e talvez nos esclareça tudo.

Miz e Daimhin piscaram as duas, começando a compreender para onde estava indo a conversa.

— Eon — continuou Cahal — chegou a Capel eL Ferne alguns dias antes que se realizasse o resgate. Desceu obrigado depois do ataque de Hummus e teve que mudar sua aparência. Agora, onde podia se esconder um deus para que ninguém imaginasse onde estava? Onde passaria despercebido? Vamos, cérebro. Sabe tão bem quanto eu. — animou-a Cahal.

Miz se abraçou e afirmou pensativa com a cabeça.

— Ele mesmo ficou na boca do lobo... — refletiu a astrofísica. — Quem imaginaria que esse menino era Heimdal e que estava nos túneis com os meninos perdidos? Havia tantos...

Daimhin rangeu os dentes e seus olhos se enfureceram. Heimdal, o filho de Odín, vira as cachorradas que fizeram com eles... e não fez nada.

— Realizou-se o resgate e Eon foi liberado. Mas Heimdal vinha doente e ficava inconsciente frequentemente. Sofria vertigens, desconexões mentais, as quais ainda não temos conhecimento a que se devem. Mas sim que tínhamos a perseverança do metal em seu sangue. Róta nos disse que a corneta de Heimdal é feita de marfim, ouro, titânio e mercúrio. Exatamente os três metais que encontramos no sangue de Eon. Casualidade?

— É óbvio que não. — soprou Daimhin aborrecida.

— Então — prosseguiu Cahal —, você e eu entramos em cena. É minha cáraid, minha companheira de vida, a mulher que me devolveria as emoções e com isso, meus dons. Transformei você. Era a cientista brilhante da Newscientists e sabia como abrir um portal permanente; abrir e fechar conforme seu desejo, embora ainda não tivesse posto seus conhecimentos em prática. Com meus dons recuperados, Menw nos trouxe Eon e me pediu ajuda e eu... eu... — ficou em choque e sorriu.

— Você lhe fez uma proteção quântica, supostamente para que se recuperasse; e decretou que era invisível, que ninguém poderia vê-lo. Inacessível. — continuou Miz encaixando todas as peças. — Por quê? Por que Heimdal pediu isso?

— Porque precisava estar escondido aos olhos dos outros enquanto você testava o acelerador para abrir o portal. — concluiu o druida. — Estão atrás dele, lembra?

Os dois se olharam com os olhos brilhantes e muito abertos.

— E porque Hummus pode localizá-lo. — assegurou a voz grave do vanirio samurai que apareceu atrás deles, silencioso como um fantasma.

Miya entrou, segurando Róta pela mão, que bisbilhotava tudo o que havia nessa sala.

Precisavam falar urgentemente com a novata.

— Desculpem a intromissão. — Os olhos rasgados de Miya eram muito sinceros e se via incomodado pela situação. — Mas nos disseram que você — aludiu a Miz —, é capaz de abrir uma porta para o Heimdal.

— Você trabalha aqui? — perguntou a valkyria com cara admirada. Olhou-a de cima abaixo e ficou parada cativada em seus sapatos de caveira. — Não tem aspecto de mulher da ciência.

— Obrigada. — respondeu Miz revirando os olhos.

— E vou roubar seus sapatos.

— Obri... o que? Não! — exclamou a vaniria a observando como se estivesse louca.

Róta deu de ombros, penteando o cabelo vermelho com os dedos. Seus orelhinhas bicudas se moveram e os olhos celeste se tornaram vermelhos em um nanossegundo, embora logo retomaram sua cor natural, lindos, com certeza. Miz estreitou os olhos e pensou que imaginou isso.

— É Einstein com seios. — respondeu Daimhin defendendo sua amiga. — Eu queria ver uma valkyria. — murmurou maravilhada se aproximando da mulher de cabelo vermelho. — Nossa... é...

— Vou cobrar por cada olhadinha. — assegurou Róta. — Cinquenta libras e te mostro onde tenho um piercing.

— Sério? — Daimhin abriu os olhos como uma menina de cinco anos, emocionada por vê-lo.

Miya revirou os olhos.

— É brincadeira, Miyamoto. — disse divertida ao ver sua reação. Adorava provocá-lo, quando aprenderia? — Kenshin tem razão. — A valkyria sorriu quando ele a olhou de soslaio. — Os filhos dos deuses se reconhecem entre eles. E a Newscientists tem a alguém que pode fazer isso. Sabiam que Gunny, minha nonne preciosa, era filha de Thor. Podem sentir.

— Por isso Eon procurava a proteção que você podia dar a ele — disse Miz encarando Cahal —, porque sabia que podia escondê-lo.

— Mas a proteção pode ter desaparecido ontem à noite — murmurou o druida — me feriram e perdi muita energia. O escudo protetor que fiz estava ligado à minha energia quântica. Ao estar fraco e perder tanta, seu escudo talvez tenha se debilitado.

— Provavelmente — apontou Miya —, Hummus o esteve assediando.

— Sim — sussurrou Cahal —, essa seria a energia agressiva que sentia ao redor de Eon, parecida com a magia *seidr*. Tentava sugar sua energia vital.

— Mas Eon se encontrava ontem à noite em RAGNARÖK e pensou que se o escudo desaparecesse sua localização seria revelada. — sugeriu Daimhin. — E temeu nos colocar em perigo, por isso se foi.

— Sim, isso seria mais típico do bondoso Heimdal. — apoiou Róta, manipulando um vidro de cor azul.

— Mas continua estando fraco. — protestou Miz. — É um vanirio e a luz do dia...

— Não é um vanirio. — refutou Cahal — Tomou essa aparência, mas acredito que Eon, ou quem quer que seja Heimdal, pode caminhar sob a luz do sol.

— Sofre vertigens. — respondeu Miz, desorientada.

— E se ele mesmo as provoca? — pensou Cahal. — Pode ser! Fica como em coma; melhor, se fizer como se estivesse morto e seu cérebro e seu corpo se desconectam, Hummus não pode detectá-lo.

Miya entreabriu os olhos, tomando como válida a hipótese de Cahal.

— Se sua proteção desapareceu — opinou o samurai —, Eon deve estar em algum lugar, sem sentidos. Do contrário o rastrearão.

Cahal afirmou com a cabeça. Trabalharia em sua cúpula quântica à distância. Subitamente, um alarme soou em toda a instalação.

Miz saiu rapidamente se dirigindo ao salão central. Todos a seguiram e se apoiaram na grade que servia de balcão, através do qual se podia ver todas as telas dos satélites da sala.

— Estão ultrapassando os limites. — murmurou com inquietação. — O vórtice está se preparando para se ativar. Deveríamos... — olhou para Cahal — deveríamos falar com Liam. Se ele vir antes qual é o ponto exato do portal pode nos dar uma margem de tempo que pode nos ser muito valiosa. Tentarei deixar o acelerador preparado. — mordeu o lábio com nervosismo. — Mas devemos encontrar Eon e preciso de mais irídio, Cahal, ou não poderei estabilizá-lo e... depois está o risco das tempestades elétricas. Os portais criam tempestades elétricas ao redor... Os humanos poderiam ficar em perigo.

— Os aceleradores criam tempestades elétricas? — repetiu Róta olhando para Miya com interesse. — Mmm...

Cahal se aproximou de sua mulher.

— Shhh. — ele pôs ambas as mãos em suas bochechas. — Não se preocupe pelo que possa ou não provocar o portal. Vamos encontrar Eon. Você prepara o acelerador e eu falarei com Ás. Despertaremos Liam.

— Precisa de ajuda, alquimista? — perguntou Beatha apoiada na porta de sua sala.

No seu rosto se refletia a vontade de ajudar. Já não havia receio algum. Aileen e Caleb a acompanhavam.

Miz pigarreou. Queriam ajudá-la? Ela não estava acostumada a trabalhar com tanta gente; de fato sempre fora muito individualista, mas, aparentemente, esse clã não tinha nem ideia do que era intimidade. Faziam as coisas em equipe.

Queria dizer que ela já fazia parte deles?

— Não precisa de tantas mãos, mas...

Aileen entrou ignorando suas desculpas.

— Relaxe um pouco, novata. Diga-nos o que precisa para que este traste funcione. — tocou o medidor de amperes. Que mania tinham todos de tocar as coisas, pensou sem malícia.

— Está bem. — Miz assentiu finalmente. — Vamos analisar para que tudo esteja correto. Mas... e o irídio? — perguntou a Cahal desesperada. — Lucius certamente tem mais irídio que nós.

— Sim, levou toda a cabeça do Iron Man. — sorriu com doçura, escondendo um segredo em seus olhos azuis e revelando ao mesmo tempo o muito que a amava e adorava.

Miz engoliu em seco e teve um estranho pressentimento.

— Cahal?

— Eu me encarrego do puto metal, bebê. Você deixa o acelerador preparado para transportá-lo ao vórtice. Tudo vai sair bem.

Capítulo 21

Ás Landin observava com gesto incrédulo a tela da telemetria que indicava que Eon estava em Wiltshire. Menw e Daanna não podiam acreditar no que viam seus olhos. O ponto intermitente se deteve em Frome, que estava dividido entre Glastonbury, um dos possíveis conclaves onde se ativaria o vórtice, e Amesbury, o outro mais do que provável vórtice.

O líder berserker passou a mão pelo rosto e esfregou o início da barba curta que sempre gostava de usar.

— Amore? — perguntou Maria pousando uma mão em suas costas. Ela não sabia interpretar muito bem o que via na tela. Tantas luzes, linhas, pontos intermitentes... preferia que seu homem explicasse as coisas. — O que acontece?

Ás levantou o olhar e observou sua companheira vaniria.

— Que diabos faz ali? — disse Menw com um grunhido. — Como um menino de três anos saiu daqui sem sabermos? A telemetria indica que seu coração não pulsa.

— Pela Deusa. — sussurrou a sacerdotisa afetada por aquelas palavras.

— Não quer dizer que esteja morto. Eon... ou Heimdal, quem quer que seja, desconecta-se. Sofre ataques de inconsciência e fica em coma, como morto. O coração pára, mas... por alguma estranha razão continua vivo.

— O coração não bate e continua vivo? — repetiu Maria horrorizada.

— Se é um deus e está usando esse corpo como disfarce — explicou Ás para tranquilizar sua mulher —, pode manipulá-lo conforme quiser. A pergunta é... como saiu?

— As garotas asseguram que não viram ninguém sair daqui — confirmou Maria —, com exceção de Noah, Ruth e Adam quando retornaram da briga do IMAX em Waterloo.

O berserker prendeu seu longo cabelo chocolate em um rabo de cavalo baixo. Agarrou seu iPhone, decidido a fazer uma chamada. Mandou Adam e Noah a Wiltshire para que vigiassem a área; e se houvesse algum movimento estranho deveriam avisar os clãs para que se mobilizassem.

Seria possível que Heimdal tivesse estabelecido contato? Saberia? Como diabos se atreveu?

— Para quem vai ligar, *leder*? — Maria entrelaçou as mãos e levou a ponta dos dedos aos lábios. Por que Ás parecia tão nervoso?

O Hummer de Noah estava estacionado em Frome, Somerset. Um lindo povoado inglês construído ao redor do rio que levava o mesmo nome. As casas em estilo vitoriano, umas coladas nas outras, de diferentes cores e com todo tipo de flores nos balcões, conferiam ao povoado um estilo gótico muito especial, e ao mesmo tempo, cheio de encanto. Muitas dessas casas se utilizavam para o comércio e o consumo, e agora eram restaurantes e cafeterias com maravilhosas vitrines. As pessoas gostavam de passear por ali, impregnar-se do aroma de padaria recém-aberta e caminhar se imaginando com um traje com paletó, cartola, uma bengala e uma bela mulher com o cabelo preso e um vestido de época desses que levantavam os seios desafiando a lei da

gravidade. A mulher de olhos cor uísque, cabelo castanho escuro e comprido e rosto de malandrinha incorrigível, talvez.

Noah sacudiu a cabeça. A imagem dessa valkyria o perseguia até em sonhos. Como podia ser? Fácil. Nanna era dele.

— Nanna... — repetiu seu nome em voz baixa para comprovar que era real, que não a imaginou. Quando voltaria a vê-la?

Entretanto, não era momento de pensar nela.

Depois de ter atendido Miz e deixá-la com Cahal, um grupo de berserkers entre os quais se encontravam ele e Adam como líderes, dirigiu-se a RAGNARÖK para pegar todo tipo de carregamento para deixá-lo preparado nas convocações de Glastonbury e Amesbury, as duas zonas que competiam para que se abrisse o vórtice definitivo.

Noah tinha fome e precisava encher o estômago. Desde o dia anterior não comeu nada; por isso saía da Cheap Street, a rua mais concorrida de Frome com um monte de sacolas de papelão transbordando de cafés e bolos.

A cafeína daria a eles o estimulante necessário para continuar em pé. Os deuses não inventaram o café, e só nisso eram superados pelos humanos!

Dando um gole no seu extraforte, chegou ao Hummer e abriu as portas com o controle remoto. Deixou os pacotes nos assentos de trás e acabou de tomar a bebida apoiado na porta do piloto, enquanto observava os céus cheios de nuvens. Essa maldita semana fazia um tempo horrível.

De fato, o clima acompanhava o estado do conflito no Midgard. Dizia-se que em umas horas se abriria um vórtice na Inglaterra. Se Lucius e Hummus chegassem ao vórtice e faziam impactar o feixe do acelerador, abririam um portal perfeito que os levaria a Asgard. E, sem guardião, não haveria ninguém que protegesse o reino dos deuses.

Não podiam permitir. Tudo acabaria.

A música do Still Standing do The Rasmus de seu iPhone o tirou de seus pensamentos. Tirou-o do bolso traseiro de sua calça escura e respondeu:

— Fale, leder.

— Noah, os conchaves já prepararam a emboscada?

— Sim — deu outro gole no seu café —, mobilizamos os guerreiros nas duas zonas. Minamos a área com detonadores, se por acaso a situação fugir do controle.

— Bem. Onde está agora?

— Aproximei-me do Frome para comprar provisões e repor as forças dos guardas.

A linha ficou silenciosa. Noah entrecerrou os olhos amarelados e seu instinto berserker despertou.

— Aconteceu algo, Ás?

— Porra, sim. Está com seu Hummer?

— Sim.

— Noah, escute-me bem. Eon não está no RAGNARÖK.

— Como não está? O pequeno ruivo? — Mas se esse menino só tinha três anos. Onde estava?

— Sim. Ontem à tarde Menw introduziu em todos os guerreiros resgatados da Newscientists um transmissor médico de telemetrias para comprovar seu estado físico e mental e que não voltasse a acontecer o vivido com Goro. O transmissor tem um GPS e está nos dando o sinal exato de onde está Eon.

— Bem, e onde está? — Deixou o café sobre o capô e apoiou a mão livre em seu quadril.

— Em Frome.

Noah não soube o que dizer. Abriu e fechou a boca alternativamente. Em Frome?

Virou-se e cravou os olhos no porta-malas. Pegaram o que precisavam da sala de armas e material informático do RAGNARÖK. Carregaram as caixas nos carros e se foram.

— Espera um momento. — disse o berserker de cabelo platinado caminhando lentamente para seu porta-malas. No porta-malas tinha três caixas. Não abriu ainda uma delas e era a que estava debaixo de tudo suportando o peso das outras três, que já estavam vazias. Noah prendeu o iPhone com o ombro, enquanto começava a tirar as duas primeiras enormes caixas e cravou os olhos na que sobrava. Era uma caixa funda, de um metro de comprimento por outro de largura. Nessa caixa havia dois notebooks militares, recordou. Noah tirou a caixa e a deixou no chão. Abriu as travas de segurança e levantou a tampa.

— Porra! — exclamou, fechando-a de repente.

— Noah? Noah? Está aí? — perguntava Ás.

— Claro que está aqui! — passou a mão pelo rosto com frustração. — O que faz este pirralho aqui? Por que...?

— Noah, ouça-me atentamente.

— Ouço. — deteve sua ladainha de repente.

— Por nada do mundo deixe Eon. Quero que o leve, que o proteja e o guarde até que nós dissermos o que deve fazer.

— Um momento, Ás. Quem diabos é este pirralho? Como se supõe que devo carregá-lo? É um vanirio... não? — Fixou seus olhos amarelados na tampa de madeira. Não compreendia nada. — Não tenho impermeáveis protetores para sua pele e...

— Eon não é um vanirio. Tomou a aparência física de um deles, mas... não, não é um vanirio. Está acordado?

Noah abriu a caixa de novo. Eon parecia uma bola com um moletom cinza que estava um pouco grande. O nascimento de seu cabelo tingia seu crânio de vermelho. Suas sobrancelhas, finas e diminutas, davam um aspecto afetuoso. Noah ficou acorado e colocou o indicador e o dedo médio sobre sua veia aorta, no pescoço.

— Seu coração não bate. Não respira...

— Está bem. Acreditam que ele mesmo se induz aos comas para que não detectem sua energia divina. Por isso teve tantas vertigens. Para que Hummus não o localize.

Noah mostrou as presas. Hummus revolia seu estômago e ele também sentia coisas estranhas quando o *jotun* estava perto. Quando o enfrentou em Capel Le Ferne, o lobacho disse a ele coisas que não gostou nada. Chamou-o de menino perdido e disse que Ás sabia quem eram seus pais.

Ás negou categoricamente. Hummus só queria confundi-lo, ele assegurou. Mas o líder berserker, embora tivesse todo seu respeito e toda sua lealdade, sabia muitas coisas além do que admitia. E Noah já não confiava em ninguém.

— Energia divina? Então?

— Noah, Eon é Heimdal. E temos que enviá-lo de volta a Asgard. Se conseguirmos, não teremos que nos preocupar com os portais até o dia previsto.

Noah se enrijeceu e ficou estático.

— Sabia? Sabia quem era Eon desde o começo?

— Não, droga.

O berserker de cabelo platinado elevou o rosto ao céu e grunhiu, desejando atirar o telefone do outro lado da rua. Não acreditava nada.

— *Leder*.

— Sim.

— Eu cuidarei de Heimdal. Mas quando tudo isto acabar, você e eu falaremos longa e extensamente. Sempre tem surpresas, porra.

Ás só disse:

— Mantenha-se localizável. Precisaremos de você no vórtice indicado no momento em que se ative definitivamente. — Queria acrescentar algo mais, mas no final disse: — Proteja Heimdal como se fosse algo seu. — Cortou a comunicação.

Noah olhou o telefone. Que sacana! O *leder* sempre gostava de deixar os outros com a palavra na boca.

Agarrou o pequeno deus, carregou-o nos braços e guardou as caixas de novo no portamalas.

O que deveria fazer? Esconder-se? Fugir para a área do bosque? Frome estava bem no meio de Glastonbury e Amesbury.

— Ficaremos aqui — disse ao rosto de olhos fechados do menino —, até que nos avisem. O que acha? — Revirou os olhos. — Não precisa responder.

No RAGNARÖK, Miz recebrera ajuda de todos para acabar de preparar o acelerador. Só faltava a fonte de energia e mais quantidade de irídio. Lucius tinha mais opções, pois contava com o material necessário e isso a irritava profissionalmente. O vampiro filho da puta partia com vantagem. Era como uma corrida espacial, mas adaptada às portas intergaláticas.

Entretanto, estrita que fora em relação ao seu trabalho, agora se encontrava com uma valkyria, um vanirio samurai, dois Marus do conselho Wicca, uma sobrevivente do Capel Le Ferne e um druida, quem roubou sua mortalidade e coração, estavam ajudando. E o faziam muito bem.

— Afastem-se um momento. — ordenou Miz ligando o interruptor. O feixe de luz do apontador colidiu no prato com o mesmo êxito que o precedeu da primeira vez.

A cientista olhou para Cahal com orgulho.

— O ataque de Goro não foi frutífero. O acelerador funciona.

Os presentes respiraram mais tranquilos. Ao menos, teriam um acelerador que podiam usar.

— Mas — apontou Miz —, não podemos cantar vitória ainda. O sistema é muito precário. Não sei como funcionará ao sair daqui. Se não tivermos uma fonte potente no exterior não adquirirá a força necessária. E no caso de que a adquira, preciso de mais irídio para estabilizá-lo ou o portal se fechará em um instante.

Aileen pôs uma mão sobre seu ombro e a apertou com indulgência.

— Prefiro sua atitude de “sou a melhor e isto é impossível falhar”. — piscou um olho. — Nos dá mais tranquilidade.

Cahal entrelaçou os dedos com os dela, retirou-a do grupo e a aproximou de seu corpo.

— Não sei como isso vai acabar, mas tenho que te dizer Miz: sabe o que significa saber que está aqui, rodeada dos meus amigos e da minha família? Que quer fazer parte disto... quero arrancar sua roupa agora mesmo. — baixou o tom de voz e desfrutou de seu desconforto.

— Ah. Bom... eu quero ajudar. Quero, eu... — murmurou baixando o olhar e se ruborizando. Que difícil era soltar a língua sem o hidromel. — Eu não quero que nada ruim aconteça com eles. Nada. Gosto do que são como clã. Protegem uns aos outros, ajudam-se no que podem... — deu de ombros. — E tocam no que tem vontade sem minha permissão e movem minhas coisas de lugar. E deveria estar tomando um calmante, porque sou muito obsessiva com essas coisas, mas... eu... eu adoro.

— Deuses... Miz, eu... — Cahal ronronou e puxou seu rosto para beijá-la, mas os interromperam.

Liam e Nora vinham de mãos dadas com Caleb McKenna, Ás Landin e Maria. Nora arrastava um coelho de pano pela orelha e tinha o rosto úmido pelas lágrimas. Liam a olhava preocupado e também triste. Mas as duas crianças, a bússola e a que sonhava com Loki, tinham todo o clã atento a eles.

Liam se aproximou de Miz e a segurou pela mão, puxando-a para levá-la até o balcão através do qual veriam as telas da Nasa, e Nora entregou a ela o desenho que fizera para Caleb.

— Mostre ao druidh o que vi. — pediu agarrando a mão de Miz. Se Liam o fazia, ela também. O que tinham todas as crianças com a cientista? Era como uma espécie de ímã.

O pequeno moreno levantou a mão e assinalou o painel da Nasa.

— É esse. — assegurou. Bocejou e se apoiou na perna da jovem. Ainda tinha os olhos pesados. Mas seu tio Adam ordenou que assim que sonhasse de novo com a Terra e seus pontos de luz, prestasse atenção no ponto maior de todos. Ele o fez; e por isso queria contar a Miz.

— Um momento, Liam. — tomou o controle remoto do bolso traseiro de sua calça e com o zoom aproximou a imagem da tela. — Assinale agora qual é o ponto.

Liam o fez de novo.

— Esse que está à direita.

— Tem certeza?

— Sim.

Bingo. Miz acariciou a cabeça de Liam e se virou para olhar a todos. — É o vórtice de Amesbury.

— Que área de Amesbury? — perguntou Caleb.

— A matriz do vórtice, onde tem mais energia se localiza embaixo da igreja Cristo Rei. Eles já conhecem esses conchaves; assim que verem que a balança entre os dois pontos de Glastonbury e Amesbury aponta a favor do segundo irmão direto para lá. Dirigirão o feixe ao edifício.

Ás agarrou seu telefone e disse:

— Vou avisar aos meus guerreiros. Que aqueles que estejam em Glastonbury vão a Amesbury e rodeiem a igreja. Noah está com Eon.

— Graças a Deus... — exalou a jovem liberando o peso de seus ombros.

— Graças a Odín. Eon fugiu esta madrugada e aproveitou a viagem que fizeram Noah e Adam para recolher provisões para a ofensiva. — Explicou o líder berserker com voz seca. — Introduziu-se em uma das caixas de armas e informática e esperou que o tirassem dali.

— Está bem... Heimdal?

— Está... desativado. Assim que o vórtice estiver em seu ponto gélido, Miz, direi a Noah que traga o deus. Estará protegido permanentemente. A guerra se desencadeará. — assegurou o berserker. — Ocupe-se de fazer funcionar o acelerador e se abstraia do que a rodeia. Tem que guiar Heimdal de volta para casa. É imprescindível e imperativo.

— De acordo. — assentiu Miz. — Tentarei.

— Não. Não tentará, cientista — limitou-a Ás —, você o fará. Porque detesta fracassar e porque se isto falhar, a Terra irá à merda. Todos morrerão.

O olhar que trocaram Ás e Miz foi digno de estudo.

— Adoro trabalhar sem pressão. — refutou Miz sarcástica.

— Na realidade, leder — Maria brigou com Ás com seus olhos negros —, fará isso porque nenhum de nós faz ideia de como abrir um portal para Asgard. — defendeu-a. — Tem sorte que Miz caiu em suas garras neste preciso momento, não acham?

A aludida sorriu para Maria. Deus, adorava essa mulher e não a conhecia nem um pouco.

— Tanto faz. — refutou Ás que odiava que o corrigissem. — Tem que funcionar.

— Nora localizou o praticante de seidr. — anunciou Cahal agitando o papel que tinha na mão. — Não há muito que tirar da imagem...

Mostrou a todos o desenho de Nora. Miz ficou com a pele arrepiada ao ver como essa criança desenhava. Parecia que as ilustrações saíam como imagens em 3D.

O desenho refletia um homem de costas largas e cabelo comprido em uma espécie de rua ascendente. Parecia um mercado com lojas de pães caseiros, frutas e verduras. Atrás de uma das paradas de ônibus havia um local no qual se mostrava um pôster no qual se lia: Alex Scott, Hairdressing.

Miz arrebatou a folha das mãos do líder vanirio. Ela sabia qual era a rua. Laila falou dessa barbearia... uma de suas “amigas especiais” cortava o cabelo em estilo de garoto ali. Dizia que tinha bons cabeleireiros.

— Ossinhos? — Cahal se inclinou sobre a folha tentando averiguar o que sua companheira viu.

— Esta é a rua Catherine Hill. — olhou ao druida. — O que faz esse homem em Frome?

Hummus sorria. Saiu de Glastonbury respondendo ao sinal de seu totem. A lâmina de sua adaga Guddine ardia e isso era amostra de que havia outra adaga Guddine perto de onde ele se encontrava. Seguiu o rastro, observando a ponta da adaga como se fosse uma varinha de *zahorí* que procurasse água nas imediações. A única adaga Guddine que havia visto no Midgard, além da sua, era a do berserker moreno de cabelo branco e olhos amarelados: o menino perdido.

E isso queria dizer que ele estava ali.

Hummus jamais subestimava seus inimigos, por isso sabia que se o berserker se encontrava nesse povoado era porque dirigia a mesma informação sobre o vórtice. Ou se abria em Amesbury ou se abria em Glastonbury, e no meio de ambas as localidades se encontrava Frome.

Surpreendia-se que Noah fosse tão pouco inteligente para conduzir um totem divino com ele e não saber que os totens desprendiam sinais eletromagnéticos; e que as adagas Guddines, além de ser uma das poucas armas que feriam aqueles que tinham sangue divino, tinham a peculiar característica de que chamavam umas às outras como ímãs:

Autênticos localizadores.

Agora a adaga ardia; as incrustações de pedra negra se remexiam como se fossem a pele de uma serpente e a parte cortante da lâmina brilhava como ferro incandescente.

Estava a ponto. A ponto de obter o que queria. Abririam o vórtice, com o irídio o manteriam estável; e poderia entrar em Asgard e perfurar as portas que não pôde abrir de outros mundos; necessitava-os a todos para o Ragnarök. Como os elfos escuros, os grandes fedorentos, os gigantes e os mortos de Hel, ninguém poderia detê-los. E o mais importante: sem Heimdal como guardião, sem que pudesse utilizar sua corneta para avisar Odín e Freya, quem deveria proteger os humanos? Ninguém.

Midgard seria de Loki e os reinos do Universo sucumbiriam ao seu poder. Mas, para economizar problemas, precisariam achar o filho de Odín e matá-lo. E, por enquanto, não havia sinal do guardião mudo. Mas o encontraria. Todos os ratos acabavam saindo de sua toca e os predadores sempre os aniquilavam.

Acariciou a serpente dourada metálica que rodeava seu pulso; uma pequena lembrança que roubara da sala dos Elfos da Luz onde se encontrava Seier. Esses braceletes eram mortíferos, uma das armas de seus principais inimigos, os elfos escuros, e as tinham em sua câmara de tesouros como troféu. Hummus acariciou a serpente de ouro e esta se moveu ganhando vida. Brincaria de gato e rato com ele e depois lançaria sua pulseira.

Seguiu o tremor da arma afiada e a direção da adaga e se desviou até a Cheap Street.

Certamente o guerreiro de Ás Landin nem sequer era consciente do que tinha com ele.

Noah desprendia uma energia especial, era como um menino perdido em meio de uma caça às bruxas, como um peixinho rodeado de tubarões. Disse a ele na última vez que o viu e diria quando o encontrasse desta vez, porque tinham um assunto pendente; lutaria contra o menino bonito de Ás Landin; e por ter sido um autêntico pé no saco durante todo esse tempo, mataria a seu guerreiro mais prezado.

Chegou a hora de saldar contas. Noah seria o bode expiatório.

Um relâmpago iluminou os céus coberto com nuvens escuras e as primeiras gotas de chuva caíram, preparando o preâmbulo de um dia glorioso para os seus.

Noah ligou o parabrisa do carro. A chuva aumentava com força e os trovões e relâmpagos iluminavam os céus.

O alarme do aplicativo satélite que Caleb criou ainda não se ativou.

Noah agarrou a tela, tocou o aplicativo e no mesmo instante surgiu um mapa-múndi com dois pontos na Inglaterra com vários círculos concêntricos iluminados de cor amarela. Amesbury ou Glastonbury. Alcançando sua cota de energia mais alta, um dos dois conchaves se ativaria em breve e ele estava entre os dois.

— Quase o temos. — disse ao pequeno. — Cara, se for Heimdal de verdade, daqui a pouco vai pra casa.

Levou a mão à cintura traseira da calça. A adaga de Nanna ardia e vibrava como um puto telefone celular. Inclinou-se para frente com Eon em cima, morto placidamente e agarrou a preciosa arma pelo cabo. As pedras brilhantes, brancas e vermelhas se moviam ao redor do punho, como se de repente tivessem vontade de fazer exercício.

Um halo avermelhado rodeava o aço prateado... os olhos amarelos de Noah se dilataram. Não fazia ideia do que significava aquilo, mas saiu do Hummer, já que não tinha um bom pressentimento.

Arrancou o cinto de segurança do passageiro e prendeu Eon nas costas, como se usasse um autêntico canguru porta bebê e estirou o braço pra frente, com a lâmina avermelhada da adaga assinalando à frente.

O braço fez um semicírculo perfeito e acabou assinalando o lado contrário ao que se dirigiu, imitando um excelente movimento de esgrima.

— Porra, que diabos...? — murmurou seguindo a ponta da lâmina que não deixava de tremer. As pedras preciosas do cabo se moviam e raspavam o interior da pele da mão.

Nesse descampado só estava ele estacionado. Não havia mais ninguém.

Mas, repentinamente, a uns cinquenta metros viu um homem de cabelo comprido que media pelo menos dois metros. Vestia-se todo de negro com roupa folgada como ele. Porra... Hummus.

E recebeu outra mensagem por satélite.

De: Ás Landin

Hummus está em Frome.

Venha para Church Abbey. Liam nos disse que o portal se abre aqui. Apresse-se.

Merda.

Noah se transformou diante de Hummus.

O lobacho arqueou as sobrancelhas e seus olhos negros brilharam divertidos quando o viu.

O berserker mal pensou que tinha Heimdal com ele e que não podiam encontrá-lo. Mas Hummus fez o mesmo, realizando a conversão em lobacho; mais pêlo, mais presas, mais garras e

maior que seu inimigo; saltou por cima de um carro que entrava em Frome e com seus mais de dois metros em transformação, uns passos gigantes, todo músculo e potência, foi para ele.

Miz e Cahal foram juntos na pequena Mercedes 300 SL, liderando a fila que formavam os dois Cayenne negros, o Hummer e um pequeno trailer com o acelerador.

Estavam quase chegando em Amesbury.

Ás mandou que seus berserkers saíssem de Glastonbury e todos se dirigissem ao outro conclave. O plano era destruir o acelerador deles e de algum modo extrair o irídio para instalá-lo no deles mesmo.

Quem chegasse antes e fosse mais tenaz ganharia aquela corrida.

Ou devolviam Heimdal ao seu lugar ou impediriam que Lucius e Hummus abrissem o portal.

Embora a luta pelos portais permanecesse até que o guardião de Asgard retornasse a seu lugar e fechasse todas as saídas. E não podiam estar se perseguindo pelo mundo todo fechando todos os vórtices da Terra. Não era uma saída viável nem sã, pensou Cahal.

A única solução que via era devolver o deus ao seu lugar. Isso fecharia aquele frente para eles.

Não havia outra opção. E seria o modo de ferrar Lucius de verdade.

Miz tinha um cotovelo apoiado na janela e roçava os lábios com o indicador, enquanto conduzia ansiosa pela estrada. Fazia um momento deixaram para trás Basingstoke e agora visualizavam o pôster de Boas-Vindas a Andover. A próxima localidade seria Amesbury e ali se decidiria tudo: tudo pelo que tinha lutado, todos seus anos investidos em seus estudos; os quarks, os prótons, as outras realidades... e, mesmo assim, nada a deixava mais ansiosa que saber que haveria um confronto, um todos contra todos, um vida ou morte. Cahal lutaria também, defenderia-a enquanto instalava o acelerador; todos a protegeriam e só tinha que dirigir o feixe à matriz do vórtice, a essa igreja de pedra, e esperar que Cahal conseguisse o irídio e potência suficiente para criar um choque de prótons e antiprótons descomunal e controlado.

— Teme por mim? — perguntou o druida colocando uma mão em seu joelho.

Temer? Não. Estava a ponto de sofrer uma taquicardia pensando que algo pudesse ferir seu belo homem. Mas não temia. Não. É óbvio.

— É muito egocêntrico... — respondeu suavemente. — Mas temo por você. Sim. — engoliu em seco e o olhou de esguelha. — Contente?

— Não, Miz. — replicou ele olhando à frente. — Seu medo não me deixa contente.

— Acha que... acha que Eon e Noah estarão lá?

— Assim espero. Vamos abrir o portal, bebê. E eles não podem falhar.

Miz se exasperou e o olhou irritada.

— Por que tem tanta certeza que vamos abri-lo? O que sabe que eu não sei?

— Eu? — subiu e desceu os ombros. — Sei que quero vê-la feliz. — respondeu sem subterfúgio algum, com toda a sinceridade de seu coração. — Sei que se preocupa muito que pensem que fracassou. E odeio que se sinta mal. Por isso, vou fazer o possível para que os dois

clãs, inclusive os deuses, sejam eternamente agradecidos a você. Foi uma ajuda divina para nós, Miz. Sua mente privilegiada vai nos ajudar a fechar o Asgard até o dia previsto, de modo que só tenhamos que nos preocupar do que temos na Terra. Foi minha luz. Nossa luz.

Miz negou com a cabeça. Sentia uma espetada estranha no coração, uma opressão; uma sensação que fazia com que sentisse vontade de chorar e rir ao mesmo tempo. Cahal não temia expressar seus sentimentos. Ele falava sobre eles com total liberdade; e ela se encontrava desarmada e desamparada diante de tanta sinceridade.

Sentia tantas coisas e tão loucas por ele... mas não diria. Não diria a ele o que sentia.

Porque se não dissesse isso o manteria vivo. E não havia nada mais importante para ela que Cahal estivesse a salvo.

— Cahal... o que... no que está pensando? — perguntou assustada. Não gostava nem um pouco do que estava sentindo em relação às emoções do druida. — Não gosto de como fala.

— E como falo, mo cáraid? — segurou seu queixo e puxou seu rosto para ele.

— Estou dirigindo... eu — tentou afastar o rosto para se concentrar na rodovia — preciso olhar a estrada. Vamos nos matar.

— É vaniria, pode dirigir como quiser. E se provocar um acidente e matar a todos, morreríamos juntos, amor. Isso te faria feliz?

— Não! Morrer não me faria feliz. — Não. Não mais. Faz uns dias acreditou ser a melhor saída, mas tudo mudou. — Sabe o que eu gostaria de verdade?

Cahal a beijou nos lábios, tão profundamente e com tanta força que a esmagou. Quando a soltou, a cientista passou a língua pelos cantos dos lábios e lhe dirigiu um olhar raivoso.

— Por que isso?

— Porque gosto. Por isso.

Os olhos da jovem se encheram de calor e sacudiu a cabeça para sair do encanto do druida.

— O que eu gostaria de verdade seria que tudo isto acabasse. As perseguições, a luta, a guerra, estar insegura... gostaria de paz. Um mundo em paz.

— Pede coisas impossíveis. Por acaso acha que sem deuses, sem Loki, nem Odín, o ser humano estaria em paz? — refletiu retirando seu cabelo da garganta, roçando sua pele com o nariz. — Esta espécie é competitiva e está cheia de ego e de medo. Os deuses não têm culpa de que houvesse guerras mundiais, que se permitiram ditaduras; não têm nada a ver com os campos de concentrações, nem com que meio mundo morra de fome e ninguém faça nada; nem Odín nem Freyja são responsáveis pela indiferença dos outros. O ser humano é culpado de todos seus débitos, principalmente de sua ignorância e sua involução.

— Pensei que montaram esses centros espirituais para guiar as pessoas para a iluminação. Não funcionou?

Cahal sorriu. Sua Miz era muito observadora. E começava a conhecê-la muito bem.

— Não. Não vai funcionar nunca. As pessoas vão lá, relaxam, fazem ioga, estudam sobre a psicologia evolutiva das pessoas — beijou suavemente a pele em que pulsava sua artéria —, mas quando saem dali continuam sendo igualmente egoístas. Não entendem que se quiserem melhorar têm que tomar a decisão em tempo integral. Mas é tão difícil ser bom... — murmurou lambendo sua garganta.

Miz gemeu. Cahal fiava como uma aranha e ela caía em sua rede. Tão fácil. Tão subjugante. Em que se converteu? Em uma mulher inteligente que morria para que esse homem a tocasse, mordesse, sugasse e abraçasse a cada momento.

—Você é mau, Cahal? — perguntou com voz trêmula, fechando os olhos ante a carícia de sua língua.

— Sou o pior de todos. — grunhiu mordendo sua pele. — Por isso fazemos tão bom casal. Os vilões se pertencem.

Cahal precisava do seu sangue, precisava beber. Desde a noite anterior se protegia ante a intromissão mental de Miz. E a jovem nem sequer percebeu porque, justamente, não o tocou com a mente. Ela não queria esse tipo de vínculo e não fazia aos outros o que não queria para si; embora isso supusesse violar um dos lemas dos cáraids, os quais necessitavam esse tipo de comunicação entre eles. Pelo contrário, agora agradecia. Saber que Miz não queria se meter em sua cabeça facilitava as coisas.

Mordeu-a e bebeu dela, sem se importar com as fracas queixas de Miz.

Cahal precisava beber porque seu sangue lhe outorgava o dom. Era como gasolina para seu motor; e quando bebia dela, toda sua essência, todo seu poder despertava, formava-se uma bola em seu interior até que explodisse como uma supernova. Era como um peixe que mordida a cauda. Bom e mau ao mesmo tempo.

Se acumulasse muito poder poderia ficar louco; porque começava a ver borrado, sentia-se tonto e volúvel. Quando desapareceu essa sensação? Depois de uma briga em que se desgastou muito. E, principalmente, depois de fazer amor com Miz. O sexo era um catalisador para essa acumulação energética e o ajudava a liberá-la. Era como se a jovem fosse uma esponja e chupasse parte desse desassossego e esse poder descontrolado. E a cientista era tão boa nisso...

Mas já não temia seu dom. Se tinha este dom era por uma simples razão e desta vez o exploraria.

Chegou sua hora; e por isso estava bebendo de sua mulher, porque sabia que daria tudo pelos outros.

Mas, acima de tudo, daria tudo por ela, uma super-heroína atípica que tinha sabor de morango e era tão ignorantemente doce e honesta que o desarmava.

Capítulo 22

Amesbury

Igreja de Amesbury Abbey

Lucius observava como manipulavam seu acelerador particular. Pouco lhe importava em qual lugar se abrisse o vórtice. O irídio que roubou do druida serviu para ser utilizado em dois projetores diferentes. Um estava em Glastonbury; o outro em Amesbury. Nenhum visível.

Colocaram o de Glastonbury debaixo da terra, em Glastonbury Tor, em uma das grutas subterrâneas que o falecido Samael utilizava para organizar os sabbat.

O de Amesbury estava no interior da igreja.

O padre da igreja de Abbey jazia a seus pés, inconsciente, com uma feia ferida na testa. O aroma de seu sangue estimulava suas presas. Agachou-se diante dele e o observou com olhos de predador.

— E seu Deus? — pôs-se a rir. Achava o ser humano muito estúpido. — Espera que esse dali — apontou ao Cristo — o salve? Antes teriam que o desencravar da cruz, não é? Está um pouco indisposto... — O rosto moreno do padre permanecia impassível às suas zombarias.

— Senhor? — perguntou um dos cientistas calvo e com óculos, a suas costas. — Está preparado, senhor.

Por fim. A glória para ele.

Levantou-se e apertou o comunicador de seu ouvido.

— Hummus. Estão os dois aceleradores preparados.

— Onde você está? — perguntou.

— Em Amesbury. Na igreja.

— Estou com o menino perdido, o querido de As! — gritou.

— Que merda está fazendo com ele?!

— Detectei-o em Frome. Tem uma fodida adaga Guddine e quero saber por que. Estou o perseguindo...

— Onde está?

— Estamos chegando a Amesbury! Por que vai para lá? É veloz o filho da puta! Tem uma criança morta carregada nas costas e corre mais do que eu!

Lucius beliscou a ponta do seu nariz com impaciência.

— Siga-o — se é o braço direito de As, o menino perdido, e dirigia-se para onde eles estavam, só queria dizer uma coisa: o vórtice ia se ativar nessa puta igreja.

— Não me dê ordens, Lucius — repreendeu Hummus com voz do além.

O vampiro franziu os lábios.

— Sinto muito, meu senhor.

— Ligue a maldita máquina! Vou matar dois pássaros com um tiro.

— Sim, senhor. Agora mesmo.

Lucius finalizou a comunicação. Olhou o cientista, que ajeitava os óculos sobre o nariz, e lhe disse:

— Ligue-o já.

— Mas, senhor... o vórtice ainda não se iniciou. Se o ligamos perderemos potência e tempo. Deveríamos esperar que chegue a seu ponto culminante e então...

Lucius tampou-lhe a boca com a mão e o agarrou pela garganta. Odiava a incompetência. E detestava aos covardes. Esse homem era ambas as coisas.

— Disse que o ligue agora. E isso é o que vai fazer. Ouviu-me?

O agredido assentiu nervoso, e cambaleou quando o vampiro o empurrou para trás.

— Sai da minha frente, parasita.

Assim estava no momento certo e no lugar adequado. Quem construiu essa igreja soube em algum momento que o fazia sobre um centro de poder da Terra? Pouco importava já. Se o berserker corria para sua posição era porque ele e o acelerador estavam bem localizados.

Os fodidos clãs de Black Country voltaram a frustrar seus planos na noite anterior. Patrick não explodiu como eles esperavam, e os vanirios e os berserkers conseguiram liberar as pessoas do IMAX. Entretanto, ele ganhou sua partida: a Morte derrotou Thor, e roubou-lhe das mãos a chave de toda Asgard.

— Cahal McCloud –sussurrou com um sorriso diabólico. — O descendente do filidh vencerá o druida. Vou te ganhar.

Os carros estacionaram ao redor da igreja. Localizada em um jardim verde e perfeitamente cuidado, com algumas lápides ovais de pedra ao redor, a igreja de Abbey era uma perfeita representação gótica da imortalidade do tempo. Sua pedra branca e cinzenta contrastava com os telhados avermelhados; tinha uma torre central quadrada, na qual se supunha, segundo a lenda do rei Artur, que tinha residido e morrido a Rainha Guinevere depois que descobriram seu idílio com Lancelot e morreram todos e os cavaleiros da tábua redonda. Seus arcos eram do tipo apontados, com forma de ponta de flecha, característica que dotava à construção de uma falsa altura.

A tormenta se precipitava com força, mas facilitava que os vanirios pudessem sair ao exterior. Não havia nem um raio de sol e as nuvens estavam tão negras que parecia que era de noite.

Os Hummer dos berserkers se achavam estacionados tão dissimuladamente ocultos como podiam estar uns SUVs dessa magnitude.

Adam e Ruth se ocultaram dentro da copa de uma árvore; e os demais guerreiros rodeavam a zona, com a intenção de se fazer passar por simples pedestres.

Inclusive Miz, que não sabia nada sobre camuflagem, girou os olhos quando os viu.

Não passariam despercebidos jamais. Eram homens muito grandes e corpulentos.

Abriram as portas do trailer e tiraram o acelerador com cuidado. Não podia sofrer nenhum golpe.

— Menw e Daanna ficarão protegendo a mente dos residentes — lhe informou Caleb com gesto sério. — Aileen e eu estaremos na sua frente, Miz. Ruth ficará resguardada debaixo daquela árvore, lançando flechas a torto e a direito. Adam estará com ela. Daimhin e Carrick cobrirão suas

laterais, e As e Cahal suas costas. Beatha e Gwyn se unirão ao trabalho psíquico de Menw e Daanna. Róta ficará contigo, dentro do círculo. E Miya se unirá ao ataque com os berserkers, e os vanirios que recuperou de seu clã. E você... você faz o que tiver que fazer e tenta se desconectar do que acontecer ao seu redor. O acelerador é o mais importante, entendido?

Miz assentiu e secou o suor das mãos na calça jeans.

— E o que vai fazer comigo, Róta? — perguntou Miz duvidosa.

A valkyria sorriu, seus olhos se avermelharam e levantou as mãos rodeadas de fios azulados de eletricidade.

— Eu sou a fonte de energia, bebê — um relâmpago caiu sobre a igreja. — Mas a verdadeira fonte de energia está a caminho — acrescentou enigmática. — Espero que chegue a tempo. Temos sorte, porque hoje... — elevou o olhar ao céu — hoje é um desses dias que eu gosto tanto.

O interior da igreja se iluminou. As vidraças góticas refulgiram com luz azulada. Todos olharam para o resplendor.

Miz abriu os olhos assustada. Estavam ali dentro? Já? Não tinham esperado a total ativação do vórtice! Acabavam de ligar o acelerador antes do tempo, e se provocavam a energia que pulsava no lugar, poderia haver uma fuga ou uma reação contrária a que esperavam, como, por exemplo, uma explosão de longo alcance que poderia arrasar toda Amesbury e arredores. Os passos a seguir estavam claros. Por que tinham tanta ansiedade?

— Estão dentro! — gritou Cahal apontando a igreja. — Miz, coloque em curso o acelerador — ordenou Cahal colocando-se no comando. — As, e Noah?

As olhou para o longo caminho de areia que levava até a igreja. Noah apareceria por ali a qualquer momento. Podia cheirar sua presença, igual cheirava o fedor de um lobacho perto dele. Deveria tratar-se de Hummus. Nora o tinha visualizado em Frome, justo onde ele estava. Maldição, a situação estava ficando cada vez mais complicada.

— Há um lobacho pisando seus calcanhares. Mas está para cair.

— Traz Eon? Certo? — perguntou o druida juntando o cabelo em um rabo de cavalo alto e dirigindo-se para o caminho de areia.

— Sim.

— Bem.

— Cahal? — Miz o olhou suplicante. — Aonde vai?

— Vou buscar Eon, mo dolag.

— Tenha... terá cuidado? Vai demorar?

Cahal sorriu docemente a sua mulher. Sua inteligente, teimosa e preciosa mulher.

— Agora mesmo volto. Somente vou fazer uma corrida de revezamento. Tem o traste preparado, sabichona? — apontou o acelerador.

— Claro — respondeu. — Valkyria.

— Sim? — Róta sorria diante da atitude de Miz e Cahal.

— Começa isso logo.

— É óbvio. Se afaste, loira.

Róta esfregou as mãos, que criaram grandes bolas elétricas de quase meio metro de diâmetro cada uma. Miz se afastou para trás, assim como os outros guerreiros, que olhavam impressionados para a valkyria.

— Convencida — murmurou Miya com um tom de admiração.

Róta lhe piscou os olhos e prosseguiu.

E de repente, as vidraças da igreja explodiram. Os vampiros e os lobachos que estavam no interior da igreja, saíram decididos a oferecer resistência, atravessando os vidros, mostrando garras e presas, voando e saltando para os vanirios e os berserkers. Decididos a não deixar que Miz ligasse seu acelerador.

A cientista olhou a valkyria. Devia acabar com aquilo.

— Róta, dirige sua eletricidade a esta parte aqui — apontou a fonte do aparelho, a que devia ter um cabo acoplado de máxima potência para que fluísse a eletricidade através dele; e, em vez disso, tinha uma valkyria da deusa Freya. Incrível e maravilhoso ao mesmo tempo.

Róta obedeceu a suas ordens e o acelerador se ligou.

— Não sei se terei suficiente irídio para isso ou, mas se lhe der mais energia...

Nesse momento, o aplicativo que Caleb instalou em seus iPhone, conectado diretamente ao satélite da Nasa, indicava que o vórtice de Amesbury estava definitivamente ativado. Agora era o momento.

Miz se virou para encarar a valkyria.

— Pode fazê-lo? Pode adicionar mais força a seus raios?

A valkyria ofegou e pôs uma cara de “acha que está falando com quem?”. Adicionou mais energia elétrica aos fios que saíam de seus dedos, e o feixe da ponta se iluminou e dirigiu o raio contra a torre da igreja.

Os vampiros e os lobachos tentavam ir pegá-la; mas quando não era Daimhin com sua espada quem os detinham, era Carrick com suas adagas quem o fazia; esses dois irmãos eram dignos de admiração. Não viu nada mais frio e letal que eles.

Um lobacho saltou por cima do círculo de proteção, disposto a destruí-la, a ela e a valkyria. Mas uma flecha iridescente lhe atravessou a cabeça. Ruth, a arqueira e guerreira do clã, tinha uma pontaria invejável, e estava agachada no tronco de uma árvore, com aquele arco branco de linhas élficas, colhendo com suas mãos essas flechas de luz e as disparando em tudo o que ousasse se aproximar do acelerador e dela.

Adam, o berserker, agarrava pela cabeça a um vampiro e a retorcia até arrancá-la. Nossa mãe, o seu cabelo cresceu? Tinha um cabelo preto incrível, liso e brilhante, e parecia pesar quase o dobro. Era todo músculo. Seus olhos amarelos... sim, estavam amarelos. E davam medo. Inimigo sobre o qual colocava os olhos, inimigo que morria.

Outros berserkers e vanirios dos respectivos clãs, uniram-se para lutar contra aquele exército de jotuns. Muitos deles tentavam se recuperar das torturas sofridas nas mãos de Newscientists e sua via de escape para aquele ódio incontido era a luta. A guerra. Queriam morrer com honra. Em pé e brigando.

Mas o melhor era que, tanto uns quanto os outros, lutavam juntos. Juntos em nome da humanidade? Não. Lutavam porque defendiam uns aos outros. Sabiam o que era certo e o que

não, e era óbvio que não queriam que Loki e seus discípulos ganhassem aquela batalha interdimensional. Mas não o faziam por preservar a Terra. Faziam-no por preservar aqueles quem amavam: a essa mulher, homem, amigo, irmão ou irmã, filho ou filha que tinham ao lado. E isso os fazia mais humanos e mais dignos do que qualquer pessoa que Miz conheceu em sua curta vida. E os respeitava e queria lhes dar aquela oportunidade.

Olhou por cima de seu ombro. Cahal foi em busca de Noah e não havia nem rastro dele.

O acelerador começava a colidir contra a força eletromagnética do vórtice. Ninguém a via a simples vista, mas estava ali. Por isso o feixe criou uma onda expansiva ao se chocar contra a pedra; e em seu centro, no meio desse fundo, começou a nascer uma espécie de buraco negro.

Um nada. A antimatéria. Um portal através do qual podia mover-se entre universos. E esse os levaria a Asgard, porque a vibração do vórtice era a correspondente àquela dimensão.

Hummus corria como o demônio. Alcançaria a esse berserker. Faria-o porquê necessitava saber e queria sua adaga Guddine. O menino perdido era um quebra-cabeça para ele. Conforme lhe informou Julius, um dos espiões que já perecera do clã berserker de As, Noah foi adotado pelo líder.

E antes de entrar no portal, que aparentemente já estava se abrindo, a julgar pelas nuvens negras e os raios que se divisavam no horizonte, queria dar esse golpe de graça a Landin e aos seus.

Acariciou seu bracelete e o tirou de seu pulso. A serpente dourada se movia como um autêntico réptil entre suas garras; seus olhos rubis se abriam e fechavam.

Hummus concentrou seus olhos, negros e enormes, nas pernas de Noah. Tinha-o a mais de cem metros de distância, mas sabia que acertaria o alvo. Era a peculiaridade dos braceletes dos elfos obscuros. Nunca falhavam.

Jogou a serpente metálica em seu objetivo; retorcia-se no ar, mas não caía no chão se adquiria velocidade. A cabeça da serpente se inclinou para frente e seus dois olhos rubis centraram-se em Noah.

Alcançou-o. Enrolou-se em sua perna esquerda, na coxa. A serpente abriu a boca e cravou as presas.

Noah gritou e coxeou, perdendo velocidade. Tentou retirar aquilo dourado que lhe rodeava a carne, mas não conseguiu. Faltava pouco para chegar a seu destino, não mais de cinquenta metros.

Estava justamente no caminho de cascalho que o levaria à paróquia. Tirando forças da fraqueza e dignidade, fez o último sprint⁷; mas Hummus ganhava terreno a passos largos.

Não pensou nele, pensou em Eon. Na sobrevivência de todos os reinos. Se Heimdal era a chave, tinha que liberá-lo e afastá-lo de Hummus.

Mancando e morrendo de dor pelas diminutas presas daquela serpente de ouro, arrancou a correia que prendia ao menino e o fez rodar pelo chão justo no instante em que Hummus agarrou suas pernas, derrubando-o precipitadamente.

⁷ Em uma competição de corrida, a aceleração final.

Os dois imortais rodaram pelo cascalho e areia.

Hummus levantou um punho e impactou em sua bochecha, lhe cortando a maçã do rosto. O berserker retirou sua adaga Guddine, mas o imenso lobacho o sacudiu de um lado a outro, lançando-o pelos ares e fazendo que se chocasse contra o tronco de uma árvore.

— Menino perdido — grunhiu revelando seus caninos. — Da última vez não tive tempo de falar com você — apertou seu pescoço com seu antebraço peludo.

Noah não entendia como aquela corrente dourada que espremia sua perna podia lhe causar muitíssima dor, até o ponto de fazer que se atordoasse. De onde a tinha tirado?

— Sente-o? — murmurou Hummus, o golpeando no estômago com o joelho, o deixando sem respiração. — É a dentada da serpente dos Svartálfar, os elfos obscuros. Sua dentada é conhecida entre os asgardianos.

Noah lhe deu uma cabeçada no queixo, e Hummus jogou a cabeça para trás. Pôs-se a rir, elevou a mão e em sua palma se materializou a adaga Guddine com pedras negras incrustadas e fio serrilhado. Na folha tinha escrito símbolos rúnicos.

— O veneno vai te deixar imóvel em uns minutos — elevou seu braço esquerdo e rasgou seu peito moreno com aquelas garras com veneno.

Nem sequer lhe deu tempo de proteger-se com os braços, quando chegou o segundo golpe na cara e o jogou ao chão. Aquela luta era indigna para um berserker como ele. Se o deixavam incapacitado, que honra teria na guerra? Não podia defender-se...

— Verá — Hummus se sentou sobre ele, procurando com os olhos ao menino que Noah liberou. — Morro de curiosidade por saber o que faz com um menino vanirio morto.

— Morra, então.

Um incrível raio, mais grosso que todos os anteriores, caiu a cem metros, justo sobre a igreja. O lobacho sorriu.

— Quem te deu sua adaga Guddine?

— Sua mãe enquanto me chupava.

— Não o duvido. Minha mãe era uma puta. — Hummus passou a ponta da adaga pelo peito do berserker e o cortou em diagonal, do ombro esquerdo ao quadril direito. — Sabe? As feridas das adagas Guddine são virtualmente incuráveis. — O corte sanguinolento era profundo. — Não sei se devolvo seu corpo sem vida a As, ou se o deixo desgraçado para toda a eternidade. Não é? O que prefere, lindo? — Zas! Cravou toda a folha entre as costelas do berserker e a retorceu.

Noah se curvou para cima e gritou com força. A chuva molhava seus corpos e penetrava dentro de sua boca aberta, cegando seus olhos e levando o sangue que jorrava por sua pele.

— Quem foi que te deu a adaga não o avisou de que as adagas Guddine se localizam entre eles. Não sabia? A questão é a seguinte: nem todo mundo pode tocá-los, por que você pode?

Noah, que ouvia a voz de Hummus como se estivesse muito longe dali, pensou naquela pergunta. Ninguém a deu. Nanna a jogou contra ele por tocá-la; e ele simplesmente ficou quando a extraiu de seu ombro.

Não sabia por que podia tocá-la e desconhecia o que queria dizer isso.

— Só As sabe quem é. Somente ele. Ainda não o perguntou, menino perdido?

Noah piscou, tentando mover pouco a pouco a mão que segurava sua própria adaga. O que sabia Hummus sobre ele e As?

— Você sabe quem sou, filho da puta?

Hummus levantou sua adaga.

— Acaso importa quem são os mortos? Eu adorarei ver a cara de As quando entrar no portal com seu filho predileto morto entre meus braços.

O lobacho fez descer a arma até seu peito, à altura do coração, mas antes que a lâmina se cravasse em sua pele, Noah depositou a ponta da sua à altura do quadril dele; e com um último impulso, cravou-o em seu interior.

O druida viu a cena à perfeição. O momento exato em que Hummus ia matar Noah Thöryn e a resposta do berserker àquela perseguição. Tinha-o ferido com sua adaga, e agora Hummus tinha saído de cima dele, tapando com uma mão a ferida do quadril, decidido a levar a criança que, jogado como um trapo, jazia no meio do caminho.

Cahal procurou algo que lançar ao lobacho para atrasá-lo e poder agarrar assim Heimdal.

Localizou uma pedra pontiaguda, detrás da copa de uma árvore, de uns trinta quilogramas de peso. Com uma ordem mental a lançou contra a cara do lobacho, ao mesmo tempo em que voou para recolher Eon e elevar-se pelos céus.

Hummus, aturdido, levou a mão ao rosto, ali onde o golpeou a pedra.

Procurou o misterioso menino morto, mas já não estava no chão. Elevou seus olhos negros e demoníacos e viu a figura de um vanirio de cabelo loiro preso em um alto rabo de cavalo, úmido pela chuva, com uns olhos tão claros que quase desprendiam luz. Vestia-se todo de preto, como um SWAT. Suas botas militares estavam desabotoadas, e uma serpente tatuada rodeava todo seu braço esquerdo, e acabava no dorso de sua mão.

Rodeava ao diminuto ruivo com seus enormes braços.

— Druida — rugiu Hummus como um selvagem.

O druida olhou o corpo de Noah e o elevou, fazendo-o levitar; não tinha bom aspecto. Seu pescoço caía para trás e seu cabelo comprido e loiro esbranquiçado parecia uma cortina de água. A regata estava rasgada e manchada de sangue, e a calça preta e larga que usava tinha algo dourado ao redor de uma de suas coxas.

Manteria-o no ar todo o tempo que pudesse. Ou, ao menos, o deixaria oculto em algum lugar. Noah estava muito ferido e Hummus queria matá-lo antes de entrar no portal que estavam abrindo no interior da igreja.

E o estava conseguindo. O ambiente estava carregado de eletricidade; a energia mudava ao seu redor. Hummus saiu correndo em direção à igreja. Ele sabia. Era agora ou nunca.

Outro incrível raio caiu sobre o edifício gótico.

Cahal observou Eon. O pequeno tinha ainda a proteção quântica que lhe fez, mas já não era tão forte. Ao ter sido ferido por Lucius na noite anterior, seu escudo protetor, que ele mantinha uniforme, debilitou-se. Por isso Eon decidiu fugir e induzir o coma. Porque temia que, se o encontravam pelo que irradiava sua energia divina, poria a todo o RAGNARÖK em perigo.

E então escapou, penetrando em um dos carros dos berserkers. O de Noah. E agora estava em seus braços; e ele tinha a missão de levá-lo ao ponto de origem. Com seus olhos mágicos moveu o corpo do berserker ferido gravemente e o escondeu entre as copas de um abeto.

Carregando a criança, voou a toda velocidade para avisar a seu clã e esperar que sua ideia funcionasse.

Tinha que fazê-lo. Ou estariam perdidos.

Seguiu Hummus com os olhos. O lobacho era uma máquina de guerra quase perfeita se não fosse pela ferida que lhe tinha infligido Noah. Alguns vanirios tentaram lhe fechar o passo indo por ele, mas Hummus não demorou nada em se desfazer deles.

O samurai, Miya, desesperava-se cada vez que alguns dos debilitados guerreiros de seu clã eram abatidos por Hummus. Mas nem ele nem ninguém podiam fazer nada por eles.

Queriam estar ali. Queriam lutar e desabafar toda essa frustração vivida durante tanto tempo. O druida não tinha dúvidas; se morriam, a morte os liberaria do sofrimento.

Caleb e Aileen protegiam Miz como se tratasse de uma joia preciosa. E era. Sua cientista era única entre todas as mulheres. Estava no meio de um campo de batalha, dando ordens a valkyria que não cessava de eletrocutar o acelerador.

Hummus entrou na igreja, empurrando e se chocando contra todo aquele que ousasse ficar em seu caminho; mas antes de entrar procurou com aquele olhar selvagem ao líder dos berserkers.

As se agachou para se esquivar das presas de um dos lobachos. Apoiou uma mão no chão, agachado como um felino. E se transformou com os olhos fixos em Hummus.

Hummus esboçou uma careta diabólica com seus lábios e passou seu polegar de um lado a outro por sua desenvolvida garganta, soletrando com os lábios: “matei a seu menino”.

As se levantou como uma mola e tirou sua oks da bainha de suas costas. Gritou dirigindo-se para ele.

— Hummus! — gritou com o olhar cheio de dor.

Cahal estudava tudo das alturas. As entrou em um frenesi histérico, matando e golpeando a qualquer um que o impedisse chegar até o lobacho e acabar com ele.

A batalha campal estava descontrolada.

Os dois aceleradores seguiam em pé.

Hummus entrou na igreja.

Cada vez mais vampiros e mais lobachos estreitavam o cerco de proteção que havia ao redor de Miz. Era o momento. Cahal desceu como um anjo escuro caído dos céus.

Miz levou a mão ao coração quando o viu atrás dela.

— Por Deus! — Sem poder evitar, lançou-se em seus braços, rodeando a seu guerreiro e ao pequeno personagem que diziam que era um deus. — O portal... eles estão em vantagem. Não tenho irídio suficiente, não serve para criar a escada ao céu porque o portal não estará estabilizado e se fechará a qualquer momento! — gritou frustrada com lágrimas nos olhos. — Não... não vai funcionar!

— Toma Eon; não permita que ninguém se aproxime dele — Cahal lhe entregou o pequeno e, antes de levantar novamente voo, tomou o rosto de Miz e a beijou com paixão e desespero. — Aconteça o que acontecer, mantenha-se a salvo! Entendeu?!

Ela colocou suas mãos sobre as dele e assentiu, mordendo o lábio inferior sem poder ocultar suas lágrimas.

Cahal colocou os dedos sobre os lábios dela. Sorriu desse modo tão único que fazia com que seu corpo todo tremesse, e sussurrou encostando sua testa na dela:

— Quando voltar, boneca. Quando voltar...

— E se não voltar?! — gritou-lhe chorando entre soluços como uma menininha. — Não se atreva a me abandonar! Não me... não me deixe sozinha!

O coração de Cahal pulou várias batidas. A emoção em suas palavras, a raiva, o medo e o desespero que essa beleza tentava reprimir, iluminaram-no e lhe deram asas. Miz acariciava as costas de Eon, sem o perder de vista, úmida pela chuva e lágrimas.

— Retornarei para você, sempre — prometeu lhe acariciando o lábio com o polegar, admirando-a como se fosse uma deusa. Sua deusa. — Você é meu lar, Miz. Você é o único coração que quero que continue palpitando, e enquanto o fizer, sempre terei um lugar ao que retornar. Mo chridhe, mae. Para sempre meu coração.

E com isso, Cahal saltou por cima do círculo de guerreiros que cuidavam deles, e se dirigiu voando para a igreja de Abbey.

Seu dom estava descontrolado por completo. Via os objetos duplicados; a igreja fazia movimentos estranhos, como se sua imagem não estivesse bem sintonizada. Cahal observou Miz pela última vez, toda cheia de luz, de amor... uma visão Mariana com um menino nos braços. E esse pirralho tinha um halo a seu redor que era muito maior que o de Miz.

Sim. Sim, podia ver tudo. As auras, os halos, os éteres, a energia, o prana⁸... era um druida. Um que estava em sintonia com as leis da vida e a energia da Mãe Terra. E soube na noite anterior. Quando pôde mudar o estado do irídio, o desfazendo. Era um druida cujas palavras, cuja vibração, afetava à matéria. Um gutuari.

Ele era o rei dos Ormes. Único em sua espécie. E Miz, sua cáraid, era diretamente responsável por isso.

E ia demonstrar para todo o clã.

Elevou seu musculoso braço e olhou ao céu, às nuvens negras rodeadas de raios que pressagiavam um apocalipse.

Juntou o indicador e o anular, como se saudasse os deuses; e então, de entre os nimbos, como se tivesse estado esperando esse sinal, emergiu Menw McCloud para unir-se a seu irmão, ao que jamais deixaria sozinho.

E juntos, através das vidraças quebradas, entraram na igreja.

Miz negava com a cabeça quando os dois irmãos celtas desapareceram atrás das vidraças góticas. Ia sair o coração pela boca.

⁸ Prāna (em sânscrito: प्राण, sopra de vida) é, segundo os Upanishad,[1] antigas escrituras indianas, a energia vital universal que permeia o cosmo, absorvida pelos seres vivos através do ar que respiram. O segundo dos corpos energéticos ou Koshas.

Seu portal se abria, mas não era estável; necessitava mais irídio. Muito mais do que dispunha. Eon seguia morto em seus braços. E se havia algum modo de deter o portal que pretendia abrir por sua vez a Newscientists, seria impactando uma força eletromagnética igual ou maior do que a que eles utilizavam para criar a antimatéria.

Róta não deixava de iluminar o acelerador com sua força elétrica; o feixe cada vez era mais potente, mas instável. Seria muito arriscado entrar através do portal. Poderiam perder-se em algum lugar entre o tempo e o espaço. Necessitava o irídio com urgência.

— Chega minha cavalaria! — gritou Róta uivando como um lobo. — Asynjur! — exclamou com os olhos fixos em uma bola de eletricidade que levitava entre as nuvens. — Olhe, cientista! — ordenou eufórica. — Agora verão o que é eletricidade de verdade à máxima potência!

Daquela bola elétrica azulada apareceram duas garotas e dois guerreiros. Uma era morena, com a franja longa e lisa; a outra era loira e tinha as feições séria e severa. Ambas eram acompanhavam por dois imensos guerreiros, vestidos com roupas pretas e estranhas ombreiras e peitorais de titânio.

O maior, que tinha aparência de gótico, com o cabelo recolhido em duas tranças, caiu diretamente ao chão, quase de joelhos, criando uma brecha na grama. Levantou o olhar caramelo, maquiado com uma linha de Kohl; os raios refulgiam em seus piercings; agitou suas pulseiras e delas saíram duas espadas afiadas e brilhantes.

Lançou um grito, chocou as folhas no ar e se uniu a batalha.

A de cabelo moreno e liso se uniu à briga, lançando um martelo voador, movendo-se através dos cipós elétricos que podia manipular como se fosse o Tarzan.

O loiro com cara de anjo caiu justo ao lado do acelerador.

— Problemas? — perguntou a Caleb.

— Príncipezinho, demorou muito, seu sacana! — repreendeu-O Caleb cobrindo Aileen do ataque de um vampiro.

— Também me alegro em vê-lo — respondeu Gabriel. Olhou por cima do ombro e cravou os olhos em Róta. Piscou-lhe e sorriu. — Tem tudo sob controle, Róta?

— Nem por acaso, Engel — observou a mata de cabelo loiro que parecia ser a rainha das tormentas e acrescentou: — mas minha General vai fritar a todos. Você disse que os vórtices criavam tormentas elétricas, não é? — gritou ao ouvido de Miz. Os trovões eram ensurdecedores. O vento arremetia com força, e a chuva dificultava a visibilidade.

— Sim! — respondeu Miz afastando o cabelo do rosto.

— Minha Gunny pode viajar através da antimatéria que se cria nas tormentas. Ela é uma valkyria especial. E as tormentas se conectam entre elas, sabia? As avisei para que nos dessem uma mão.

Miz negou com a cabeça, desconcertada.

— Não sei quem é Gunny!

Róta semicerrou os olhos vermelhos e soltou uma gargalhada para, ato seguido, dar mais força elétrica ao aparelho.

— Não sabe quem é Gunny! A loira que está ali em cima é a valkyria mais temerária de toda a história de Asgard! Seus raios são tão potentes que inclusive atemorizam aos deuses!

Miz abraçou a Eon com força. A tormenta os estava rodeando e ia torrar a todos. O ruído era estrondoso. A situação estava fora de controle. Observou Bryn com interesse.

— Bryn vai foder o plano deles! Logo verá! — exclamou Róta com um deslumbrante sorriso nos lábios. Aquela valkyria de cabelo vermelho era incrível e sensual; mas lhe dava a impressão de que estava completamente sem juízo.

— Pode fazer isso de verdade?!

— Espere e verá!

Se Bryn criava uma força contrária igual de potente do que a que emitia o acelerador de Lucius, o acelerador quebraria devido à resistência, e o portal se fecharia.

Mas mesmo assim, faltava o mais importante.

Tinha a Heimdal em seus braços e esse não era seu lugar. Não era seu mundo. Ao menos, um dos aceleradores tinha que seguir em pé para poder devolvê-lo ao seu hábitat e fechar de uma vez por todas a possibilidade de que Hummus e outros retornassem de novo a Asgard.

Conseguiriam?

Capítulo 23

Amesbury

No interior da Igreja de Amesbury Abbey

Cahal e Menw entraram às pressas. O acelerador estava abrindo um impressionante vórtice justo na altura do altar. Faltava um passo para Hummus ingressar através do portal dimensional, mas o quadril dele não deixava de sangrar.

Lucius controlava o acelerador, escoltado por quatro bestas peludas, e dirigia o feixe, mantendo-o estático e em seu lugar. O vampiro se virou para eles e sorriu.

— Os McCloud! Dou-lhes as boas-vindas! — sorriu, falsamente, e mandou os quatro lobachos que protegiam o aparelho ir pegá-los.

Cahal utilizou os bancos da igreja, os fazendo levitar. Seu poder seguia em aumento e pressentia de novo que podia explodir a qualquer momento. Dois dos lobachos atacaram a Menw. O curandeiro saltou até ficar preso ao teto e os esquivou.

Cahal se concentrou nas madeiras dos bancos. Ele tinha o dom de ordenar. A matéria podia responder a ele com o pensamento como vanirio, e com o verbo como druida.

— Madeira se converta em estacas — murmurou com voz assassina.

Os pregos que uniam as partes dos bancos saíram disparados para cima e os bancos se dividiram em pedaços compridos de madeira, que levitavam imóveis no ambiente, como uma nuvem de vigas finas e pontiagudas.

Os lobachos grunhiram ao ver o que se aproximava. Um deles arranhou Cahal no peito; mas a energia do druida chegava a um ponto em que mal sentia dor. Tal era seu poder e sua determinação: sabia perfeitamente o que tinha que fazer e como obtê-lo.

— Ataquem — ordenou Cahal às vigas.

Os pedaços de madeira avançaram sobre os lobachos, atravessando-os por toda parte e cravando-os à parede.

Menw não podia acreditar no que viam seus olhos. Seu brathair estava como possuído, em sintonia com tudo aquilo que o rodeava. Tudo o respondia.

Hummus olhou a Lucius.

— Aprese-se, maldito!

O vampiro não entendia de onde saía o caudal do poder de Cahal; e nervoso ao compreender sua situação, concedeu mais força ao acelerador, o qual tremia.

— Filidh! — gritou Cahal dirigindo-se ao vampiro. — Você e eu! Agora!

Lucius, nervoso e inseguro, olhou para Hummus, seu suposto senhor, que dava um passo, dois, três, para trás...

Menw se lançou pelo lobacho, o golpeando na nuca com os dedos, pressionando seus pontos sipalki. Hummus ficou momentaneamente imóvel com os olhos arregalados, mas logo recuperou a mobilidade.

— Aprese-se, Cahal! — ordenou seu irmão, entretendo Hummus.

Cahal se concentrou no irídio do acelerador, que em forma de cubo metálico, estava localizado no motor propulsor do feixe, como um estabilizador, como uma trave de abrir e fechar no momento idôneo.

Sim, ele era um druida estudioso. Não um simples convencido como acreditava sua adorada mulher.

Durante sua etapa de estudos orientais e técnicas de meditação, Cahal tinha ouvido falar sobre os ormes: umas formas atômicas que se derivavam de alguns metais de transição, entre os quais se incluíam o cobizado irídio e o ósmio.

Os ormes eram conhecidos na antiguidade como maná; os alquimistas o chamaram de Pedra Filosofal. Ele podia ver os ormes em todas as partes. Era exatamente esse éter, esse halo que via ao redor de todo ser vivo; o via nas plantas, nos elementos, nas pessoas... E o via nelas porque, precisamente, o corpo humano estava composto por setenta por cento de água. E os ormes residiam sobre tudo na água.

Por isso podia modificar o estado físico das pessoas. Por isso pôde recuperar o cabelo de Daimhin e de outros guerreiros que se colocaram sob seus cuidados.

Os ormes estavam em tudo. E ele podia controlá-los a seu desejo.

Ao princípio não sabia o que eram; estava confuso e a energia nele e a seu redor o intranquilizava. Mas depois da anterior noite com Miz, meditando enquanto seguia no interior de seu corpo e ela dormia, esgotada por seu constante assalto sexual, veio-lhe a iluminação.

Via-os ao seu redor, via esse maná como um fino pó branco.

E ele tinha o dom de manipular quanticamente essas formas atômicas que ninguém via.

Como nesse momento.

Observava os potentes ormes em Hummus, e muito poucos na pessoa de Lucius; mas estavam aí, ao seu redor. E, sobretudo, via os ormes no cubo de irídio e ósmio. E estava decidido a desfazer o fodido cubo que tantos problemas causavam nas mãos dos jotuns e que, pelo contrário, tanto poderia ajudar nas mãos de Miz.

Concentrou-se no cubo metálico enquanto Lucius o olhava inquisitivamente.

— Já não pode fazer nada! — gritou o vampiro correndo para ele, disposto a o golpear na cara. Cahal imaginou que o metal se desfazia enquanto Lucius não deixava de lhe dar murros.

Hummus espreitava Menw. Escutou-se um estalo de ossos que rangiam e se removiam por si só; e então Hummus uivou como um lobo selvagem.

Olhou a Menw de soslaio e sorriu.

— Vou atrás de você, e depois atrás de sua mulherzinha.

O curandeiro arqueou as sobrancelhas loiras e se lançou pelo lobacho ferido gravemente, detendo-o e afastando-o momentaneamente do portal.

Enquanto isso, o cubo se desfazia pouco a pouco, de um modo discreto de forma que os jotuns não se dessem conta disso. O feixe seguia emitindo o raio atômico com a mesma força que ao princípio, mas o estabilizador, o irídio, desfazia-se como se fosse mercúrio e se convertia em pó prateado, que se dirigia para o druida, como se tratasse de uma nuvem de moscas.

Aguentaria cada golpe do vampiro; faria-o acreditar que eles tinham o poder quando, na realidade, estavam jogando de um modo inteligente, embora com táticas arriscadas.

Ninguém via os ormes voando para ele. Ninguém via o brilho que o rodeava. Somente ele.

Menw gritou, esvaziando seus pulmões. Hummus acabava de mordê-lo na perna, atravessando a carne como se o houvesse chifrado um touro.

O grito de seu irmão alertou o druida. Lucius ia lhe lançar outro golpe mais enquanto ria como um desequilibrado. Todos os jotuns eram uns psicóticos.

— Sempre acreditou que era o druida mais importante. Sempre pensou que era especial. E quem está abrindo as portas de Asgard? Eu! — Lucius lhe lançou outro soco na cara. — Quem será reconhecido por Loki? Eu! — Tirou sua adaga distintiva keltoi, que ainda conservava, e a levantou contra Cahal, que lhe deu um murro para tirá-lo de cima.

A cabeça do Iron Man modelada em forma de cubo estava a ponto de desfazer-se por completo.

Lucius limpou o lábio cheio de sangue e jogou seu cabelo cor carvão para trás, mostrando o esbranquiçado rosto e os olhos cegos.

— Lembra como comi Miz em Chapel Battery? A mordi por todos os lados, Cahal! Disse-lhe o quanto desfrutou?

Ao escutar essas palavras sobre sua cáraid, toda a paciência mostrada até esse momento se desvaneceu. Miz não desfrutou de nenhuma dentada. A deixou muito debilitada e dolorida o condenado.

Mostrou-lhe as presas e tirou sua adaga distintiva, a do homem druida. Se havia algo que odiava era que personagens como Lucius ainda se atrevessem a carregar com honra a adaga keltoi.

la fazer que a engolisse. Literalmente.

Chegou o momento de sair da igreja. Já tinha o que queria. O acelerador seguia funcionando, mas sem irídio; isso queria dizer que o portal seguiria aberto, embora se fechasse a qualquer momento.

Miya lhe falou da valkyria de força elétrica descomunal; e se já estava ali, devia começar a fazer seu trabalho assim que seu irmão e ele saíssem dali.

Mas ia levar Lucius. O filidh nunca foi um autêntico guerreiro. Nunca teve mais poder que os outros; e nesse momento não era um digno adversário para ele. Mas o levaria para alguém muito especial, como presente.

— Menw! — alertou a seu irmão, que acabava de liberar-se das presas do lobacho, e agora se esquivava do arranhão de suas venenosas garras.

O curandeiro voou, fugindo do lobacho.

Cahal agarrou Lucius pelo pescoço e murmurou:

— Vamos saldar dívidas.

Saíram pelas mesmas janelas pelas quais entraram, caindo em pé no chão, e deixando Hummus só ante o vórtice. A chuva era uma gloriosa cortina de água que adornava a batalha de uma forma épica e única.

O druida levantou o rosto ao céu negro e apocalíptico e divisou a uma mulher de cabelo loiro com os braços estirados para frente e as palmas abertas, esperando uma ordem para dar uma demonstração de todo o seu poder.

— Cahal, essa é Bryn! — anunciou Miya assim que viu sair aos irmãos loiros, ao mesmo tempo em que atravessava o estômago de um lobacho com sua katana.

Se essa era Bryn, a General do exército das valkyrias, que o demonstrasse. A valkyria desviou os olhos vermelhos para o druida e Cahal levantou o braço e o baixou de repente:

— Já! — ordenou-lhe.

Bryn nem sequer piscou. Olhou para frente, para a igreja gótica iluminada pelos raios e relâmpagos e para o portal que o acelerador abria; e, de forma fulgurante, dois incríveis e grossos fios elétricos saíram de suas palmas e rodearam toda a construção.

Menw e Cahal chegaram até Miz, com Lucius imobilizado pelos pontos Sipalki do curandeiro.

Miz protegeu Eon ao vê-lo tão perto do vampiro. Ficou furiosa e teve vontade de lhe arrancar a cabeça. Esse homem brincou com ela durante muitos anos. E desta vez, o tinha prostrado a seus pés, de joelhos e imóvel.

— Te trouxe um presente para mais tarde! — anunciou Cahal puxando Lucius pelos cabelos. — De quanto tempo dispomos?! — perguntou a Miz.

A cientista olhou a Bryn e à igreja alternativamente.

— Não sei! — respondeu negando com a cabeça. — Mas se Bryn for tão forte como dizem e sua energia iguala a potência do acelerador, criará uma resistência e o portal não se abrirá! E essa resistência poderia fazer com que tudo voasse pelos ares! Teremos que sair daqui!

— Então, tentaremos abrir nosso portal antes que isso aconteça!

— Onde? Como?! E... Cahal?!

— O que?!

— Por que brilha?!

Ele não soube o que responder. Por acaso Miz podia ver os ormes também? Podia ser que sua conexão de companheiros permitisse que ela também pudesse visualizar as formas atômicas quânticas como ele fazia?

— Pode ver?! Ver o que tenho ao redor?!

— Claro que sim!

Deuses, essa mulher era uma fonte incomensurável de surpresas para ele. Mas lhe explicaria o motivo de seu fulgor pelo caminho.

— Venha — a tomou entre seus braços, — logo te conto.

Sua ideia chegava a seu fim. Hummus estava em Abbey Church, tentando entrar no portal, sem saber que uma valkyria de força descomunal estava criando uma resistência ao redor, de igual potencia elétrica, que impedia que os antiprótons e antielétrons produzissem a antimatéria devida.

Ele conseguiu o irídio. Tinha-o ao seu redor e não perdia a concentração por isso.

Manteria-o com ele até o final.

Tinham o acelerador de Miz.

E a Heimdal.

Funcionaria.

— Róta, Menw! — pediu elevando a voz para que o ouvissem. — Levem o acelerador!

— Novata! — gritou Daimhin movendo a katana por cima de sua cabeça, defendendo-se do ataque de um vampiro. Miz a atendeu ao mesmo tempo em que se elevavam do chão. — Deixa o estandarte bem alto! — sorriu-lhe.

A Miz pareceu uma das garotas mais bonitas que viu em sua vida. A mais adorável e, ao mesmo tempo, a mais fria e mortal. Ela assentiu, despedindo-se mentalmente de todos esses guerreiros que lutavam anonimamente em nome da Terra e dos humanos. Eles eram super heróis de verdade.

Caleb McKenna elevou o indicador e o dedo médio juntos, e se despediu assim de Cahal.

— Contamos com você, druida!

Ele copiou o gesto do líder vanirio e desapareceu entre as nuvens com Miz e Eon nos braços. Tinham que sair dali, e fazer esse trabalho em um lugar no qual ninguém os incomodasse. A batalha seguia em pé e todos tinham sua particular missão.

A dele era abrir um portal em Stonehenge e devolver o deus ao lar dos deuses, antes que Hummus tentasse transpassar a porta, antes inclusive que a valkyria Bryn se esgotasse.

Stonehenge ficava a poucos quilômetros de Abbey Church, portanto chegaram em um par de minutos, voando como balas, com uma criança de três anos, um acelerador, uma valkyria de cabelo vermelho que mantinha o aparelho em curso, e um curandeiro que acompanharia a seu irmão até o fim do mundo.

As pedras de Stonehenge eram uma lenda para os vanirios. Ali os deuses Vanir os transformaram dois mil anos atrás. E ali retornavam Menw e Cahal para devolver a Odín um de seus filhos. Sob a tormenta, o círculo mágico tinha mais misticismo e magia do que a habitual. Os círculos se fechavam.

Quando Miz tocou a grama do centro da construção megalítica com os pés, virou-se para Cahal com Eon encolhido sobre seu ombro. Tinha muitas perguntas para lhe fazer e, além disso, sentia essa sensação desagradável no peito. Uma repentina intuição que não a agradava.

— Por que brilha?! — repetiu.

— Deixem aí o acelerador — ordenou a Róta e a Menw enquanto segurava o cotovelo de Miz e a afastava deles. — Sabe o que são os ormes?

Miz franziu o cenho e agitou a cabeça. Outros lutavam em Abbey Church; eles se encontravam em Stonehenge; e Cahal lhe falava dos ormes?

— Espera, espera... ormes?

Cahal observou sua camiseta e assentiu com a cabeça, recordando as palavras de seu athair:

“Lê. Invoca, invoca, invoca, meu filho. Abre-as”. As palavras de seu pai tomavam um novo e esperançoso significado para ele. Um que dava sentido a toda sua vida. A última mensagem de seu pai era, sem lugar a dúvidas, uma ordem: a chave que solucionaria a abertura de uma porta dimensional como a que os urgiam abrir. Como somente ele com seu dom podia fazer.

— “Divide e vencerás”. A regra básica dos alquimistas era “dividir, dividir e dividir”! Como você tem feito com os átomos, seus quarks e o acelerador. Como diz sua camiseta — observou as letras estampadas. Não, não era uma casualidade. — É uma alquimista, Miz. Mas eu sou outro. Posso fazer a divisão atômica de microclusters e mudar seu aspecto externo.

— Acredita que não sei o que são os ormes?! — inquiriu perdida. — Porra, Cahal! Tenho uma criança de três anos nos braços, morta; que precisa retornar para casa! Estamos em Stonehenge, longe do irídio e de Hummus. Nos... vão nos vencer! E você brilha e me fala de ormes!

— Sim, Miz! O que vê ao meu redor é pó de ouro, maná! O maná dos deuses!

— A pedra filosofal?! — Cahal brilhava tanto que doía aos olhos.

— Sim! Ormes em estado puro! Extraí do irídio do acelerador sem que se dessem conta e mudei seu estado. Agora... agora está em mim — explicou segurando o rosto dela e obrigando-a a entender, que o escutasse. Sua pele brilhava como diamantes e só ela podia ver.

— Por que só eu posso ver como brilha?!

— Porque é minha companheira. Porque você e eu podemos compartilhar nossos dons.

Miz negou, olhando para todos os lados menos para ele. Ormes! Ormes! Seu druida sedutor e Casanova manipulava os ormes! Incrível...

— Miz — a segurou pelo queixo. — Tenho um campo quântico de ormes ao meu redor. São supercondutores e geram um campo de Meissner com ausência total de resistência elétrica. Isso quer dizer que, se direciona o feixe de seu acelerador contra mim e me coloco em meio das pedras de Stonehenge, que absorvem toda a energia do vórtice de Abbey Church, criaremos um vazio quântico. Abriremos outro portal!

A cientista sacudiu a cabeça. Mas como Cahal sabia todas essas coisas? Como tinha tanta informação sobre os elementos ormes? Estava lhe propondo que o utilizassem como portal? Era isso? A ele? A seu... cáraid? Angustiada, com o corpo gotejando pela chuva, fria e alterada devido ao giro da situação, gritou:

— O que... o que está dizendo?! Quer se fazer de para raio?! Não, nem pensar! — negou terminantemente, temerosa por ele. — Ficou louco?!

— Miz! — sacudiu-a, repreendendo-a por ser tão obtusa. — Sabe tão bem como eu o que está acontecendo, não é?! Bryn não vai estar assim permanentemente! Não sei quanto tempo de vida resta ao seu acelerador sem o irídio, mas pode durar horas! Hummus pode ter uma oportunidade e, se a tiver, vai utilizá-la. Tenho que fazê-lo, Miz!

Ela já não podia controlar a situação. E aquela foi a primeira vez que odiou seu trabalho: porque acabava de facilitar a ferramenta necessária para que aquele homem ficasse em perigo. Apertou os lábios e mordeu a língua, mas ao final explodiu:

— Não quero que faça isso! Não... não quero! — O rosto do loiro se relaxou e a observou com carinho e compaixão, mas isso a enervou mais. — Não me olhe assim! Não quero que faça isso! O que acredita que o feixe fará quando impactar em seu corpo?! Mudará sua composição molecular, o machucará! Poderia... poderia desaparecer... — Duas lágrimas se deslizaram por seus longos cílios e percorreram suas bochechas rosadas.

— Não vou a nenhuma parte.

— Sim o fará, maldição! Irá e eu... eu ficarei... sozinha!

Ele gemeu e tentou abraçá-la, murmurando todo tipo de palavras para tranquilizá-la.

— Sempre retornarei para você, Miz. Confie em mim — suplicou abatido.

— Mentira! — empurrou-o, com Eon nos braços. Fazendo caretas e bicos penosos. — Por isso queria que dissesse a você o que sentia?! Para fazer isso?! Para partir?! — engoliu saliva.

Menw e Róta os observavam tensos, tentando lhes dar intimidade. Mas ela não queria deixá-lo ir. Era muito arriscado, e Cahal lhe pertencia. Por que queria arriscar tudo desse jeito? É que não queria ficar ao seu lado? — Me diga! — exigiu, enfrentando-o.

— Faço isto porque quero ficar com você, Ossinhos! — concedeu com tom suplicante. — Mas não haverá paz para nós se entrarem em Asgard antes que...

— Não há agora! — replicou ela, gritando.

— Quero fazê-lo sabendo que Asgard está a salvo! Miz, me escute, por favor; somente assim poderemos respirar tranquilos, até que chegue o dia marcado.

— Mas por que o faz?! Por que tem que ser você?!

— Porque sou o druidh keltoi mais poderoso que pisou nesta fodida Terra! Por isso! E, sobretudo, faço isto porque te amo!

Ela franziu o cenho, tentando controlar o tremor de seu queixo e seu pranto tão desesperado. Era tão injusto que a manipulasse assim. Tanto. Acaso não sabia como o afetavam essas palavras?

Cahal esperou para ouvir, em retorno, as mesmas palavras de sua boca. Desejava escutar que ela também o amava. Mas Miz não queria dizer-lhe. Rendido, com dor no coração, esticou os braços:

— Me dê Heimdal, por favor.

Miz ocultou o rosto na cabecinha ruiva do deus e o abraçou com força. Não queria deixá-los ir, nem a Heimdal nem a Cahal.

— Seu irmão vai arriscar sua vida por vocês! — gritou Miz para Menw, que observava a cena consternado. — Vai permitir isso?!

Menw, entristecido pelo desamparo dela e pela ansiedade de seu brathair, negou com a cabeça. Ele não podia proibir nada ao druida.

— Ninguém detém ao meu irmão. É um druida, e sua palavra é lei. Mas tudo o que está fazendo, pode ser que o faça por nós, é óbvio, mas sobretudo isso faz por você, Miz. Agora lhe entregue Eon.

— Me entregue Eon, sabichona — espetou com frieza — ou pensa nos atrasar mais para que Hummus ganhe?

Miz o olhou impassível. Em outro momento, esse tipo de comentário a teria magoado. Mas, nesse instante, a dor de pensar que podia ser a última vez que via Cahal estava partindo seu coração, deixando-a encolhida em um canto de sua mente, onde nada pudesse feri-la mais.

Mas se ele queria isso, isso lhe daria. O que podia fazer contra um homem que se colocava voluntariamente em perigo e ao que não importava o quão mal ela pudesse passar?

O druida ia brilhar em Stonehenge. Que brilhe bem. Derrotada, entregou-lhe o pequeno.

— Toma. — Seus olhos de fada refletiam tanta dor que era impossível não ficar preso neles. Olhou a Róta com frieza e disse: — Dê energia ao acelerador.

— Miz... — Cahal balançou Eon, esperando que ela ao menos lhe desse um olhar raivoso ou um olhar duro. Mas o ignorou.

— Me deixe em paz. Quer ir embora? Vai embora — respondeu, preparando o aparelho.

Ele ofegou e caminhou para o centro de Stonehenge. Sua companheira sentia que ia abandoná-la, que ia deixá-la. Mas não era assim. Não ia desaparecer, lutaria até o final para retornar para onde ela estivesse.

— Sabe o que tem que fazer, brathair? — perguntou Menw o segurando pelos ombros com carinho, enquanto os raios caíam sobre as pedras de Stonehenge.

— Sim, irmão.

— Está certo de que vai funcionar? — perguntou preocupado.

— Athair nos disse algo antes de morrer, lembra? — Menw inclinou a cabeça a um lado e assentiu. — Disse para você: “Reclama sempre o que é seu”.

— Sim — respondeu Menw, assombrado.

— Para mim disse: “Lê. Invoca, invoca, invoca, meu filho. Abre-a”. — explicou triste. — Acredito que, antes de morrer, pai viu algo de nosso futuro e nos deu a chave para que nos liberássemos dessa maldita eternidade louca que vivemos você e eu durante tanto tempo. De você exigiu que reclamasse o que era seu; e nada o pertence tanto como Daanna. Essa mulher e você são indivisíveis — sorriu, admirando o bom casal que faziam. — Tinham que se unir mais cedo ou tarde. E me deu a chave para compreender o que era que podia fazer para ajudar aos deuses e ao clã. Aparentemente, soube qual ia ser meu dom verdadeiro — engoliu saliva e colocou sua mão livre sobre a nuca de seu irmão. — Tenho o dom de ordenar, de atuar sobre os estados moleculares e quânticos. A flor, Menw.

— A flor, irmão — afirmou afetado com os olhos cheios de lágrimas. Agarrou-o pela nuca e sacudiu-o com carinho, encostando sua testa à dele. — Sempre soube que era grande, Cahal. Sempre.

Os dois irmãos se emocionaram. Passaram muitas coisas juntos. O tempo afetou suas personalidades, mas o vínculo entre eles era indestrutível. Irmão mais velho e irmão mais novo. Amigos eternos e autênticos.

Menw sempre dizia que família não se escolhe, e que se podia encontrar a um amigo ou a um inimigo nela. Ele sempre teve em Cahal um ombro no qual apoiar-se. Esperava ter sido igualmente útil para ele.

— Duvida-o, brathair? Você foi meu reflexo — assegurou Cahal, lendo sua mente.

— E você o meu.

— Vou abrir uma fodida porta, Menw. E vou devolver Eon a seu lugar de origem. O faço por você, por minha cunhada, pelo clã, e por essa mulher que me deixa louco e me roubou o condenado coração. Cuide dela enquanto não estou.

— Não pode ir! — Menw tinha os olhos vermelhos e desolados. — Me prometa que vai retornar, seja de onde for. — Não sei aonde irei... — respondeu sincero. — Mas, até que retorne — olhou a Miz e essa virou o rosto, — cuide-a.

— Farei isso. Mas você volta para casa, concorda?

— Tenho um motivo de pernas longas, cabelo loiro e uma língua demolidora. Ela é minha casa — lhe piscou um olho. — Voltarei sozinho para ver como me dá uma bronca por ter ido — mas não enganava a ninguém, e menos a seu irmão. Estava devastado por dentro. Sabia que ia

fazer mal a Miz se ele desaparecia ante seus olhos. E isso era o que ia acontecer. Não obstante, essa era sua sina, não a evitaria. E Miz devia compreendê-lo.

—O impacto se dará em dez, nove...! —começou a gritar Miz, sem tirar o olho daquela conversa entre os dois loiros. Parecia uma despedida. Estava chorando como uma Madalena, mas manteria a pose.

Menw se afastou de Cahal, caminhando para trás, sem perder de vista seu irmão.

Róta adicionou mais carga elétrica à fonte do acelerador.

— Oito! — Miz seguiu contando, elevando os olhos e olhando a seu druida. Brilhava; e era tão lindo que agradeceu ser a única em poder vê-lo, ciumenta dessa beleza e de querê-lo somente para ela. —Sete! — Cahal devia retornar para ela. Miz tinha muitas coisas para lhe dizer e fazer com ele. E ele tinha muito que lhe ensinar. O céu se iluminou, e caiu um raio perto de onde estava seu loiro. — Seis! — a eletricidade crepitava no ambiente. Cahal não piscava, permanecia com o olhar fixo nela. — Cinco!

Não vai me dizer o que quero ouvir? Talvez não retorne, amor.

— Quatro! — Miz apertou os dentes. Por que a provocava assim? Por que gostava de pressioná-la?

Nem sequer é capaz de me olhar. Eu poderia passar toda a vida te olhando, mo dolag. É a maior magia da minha vida.

— Três! — Estava abandonando-a. Ia desaparecer ante seus olhos assim que o raio contatasse com seu corpo e criasse o vazio quântico devido. Se lhe dizia que o amava, ficaria? O druida a pressionava para que ela se abrisse emocionalmente. Se expressasse, em meio da tormenta, em Stonehenge, que estava agradecida aos deuses por ter aumentado sua vida dois mil anos para que assim pudessem se encontrar, ficaria?

Não fui ver os deuses ainda e já estou sentindo sua falta.

Cahal deu um olhar em Eon e passou suas mãos por cima dele. Desfez o campo quântico debilitado, que ainda o protegia e o fazia invisível e indetectável, e pôde ver a verdadeira aura de Eon, tão grande que ultrapassava a ambos em altura. Era o campo quântico de um homem, não de um menino.

Eon abriu os olhos azuis e os enfocou no druida. Já não tinha escudo a seu redor.

— Olá, Heimdal — o saudou o druida.

— Dois! — Miz deu um passo e logo outro, e outro, afastando-se da máquina e de Róta e aproximando-se do homem que brilhava como se fosse um anjo caído do céu.

Ele levantou a cabeça e a viu correr para ele, tropeçando e caindo sobre a grama enlameada. A jovem se ergueu, apoiando-se em suas mãos, cheias de barro e gramas, em sua calça jeans.

— Cahal! Se lhe disser isso, sai daí! Não vai! — ordenou ela com o coração em um punho. Deuses.

— Não há tempo, mo dolag. Assim é como deve ser! — respondeu ele.

— Não! Eu... Cahal, eu... o amo! O amo, Cahal! Fique! — pediu-lhe de joelhos, com o cabelo loiro grudado no rosto e na cabeça, e o rosto cheio de súplicas que caíam em ouvidos surdos.

— Um! — exclamou Róta olhando o contador e mantendo o acelerador em seu lugar, apontando ao druida. O raio ia sair disparado contra ele de forma iminente.

— Miz... — sussurrou Cahal inclinando a cabeça a um lado e fechando os olhos com tristeza e alegria. Ela o amava. Mas ele tinha que fazer isso.

— Cahal! — A cientista agarrou um punhado de areia e grama e os lançou, pensando que assim o alcançaria com toda a sua dor. — Fica comigo! O que mais quer que te diga?!

Amo você, Miz. Is caomh lium the, mo ceadh. Amo você, meu coração.

— Zero! — A valkyria segurou o acelerador ao mesmo tempo em que o feixe de luz impactava no peito do druida. Cahal deixou cair à cabeça para trás e emitiu um grito descomunal. Os joelhos cederam pela dor.

— Cahal! Não! Não! — Chorou Miz levando as mãos ao peito e enrugando sua camiseta. Ficou dobrada sobre si mesma. Não queria ver o que fazia o raio a seu vanirio. Sua alma partia-se, dividia-se; e era tão doloroso que não sabia se alguma vez ia respirar sem que doesse.

O druida teve a honra suficiente para olhar Eon, que estava em pé o segurando pelos ombros. O deus mudo olhou por cima do ombro: para Miz, Menw, Róta e para o acelerador.

O silencioso menino estava tomando parte do raio e o compartilhava com Cahal.

“Lê. Invoca, invoca, invoca, meu filho. Abre-a!”.

Róta decidiu imprimir mais potência aos seus raios. O acelerador se movia de um lado para o outro.

— Menw! — gritou a valkyria.

Menw correu para ajudá-la a segurar a máquina.

Cahal fechou os olhos. O raio o estava dividindo a níveis moleculares. Os ormes ao seu redor abriam o portal através de seu corpo, e estabilizavam a escada para o céu.

— Sou Cahal McCloud, druidh da tribo keltói casivelana! E em meu poder de ordenar, criarei aquilo que acredito! — suas palavras atuavam sobre a composição quântica de todos os átomos que o rodeavam, dos ormes invisíveis. Sua ordem e sua convicção modificavam tudo o que ordenava. Era um escultor, um homem de magia. Já não era corpo, só luz. O único que ainda se podia divisar dele eram seus olhos mágicos, os quais se centraram em Miz.

Ela cravou seu olhar nele, ambos de joelhos; dizendo com sua rendição tudo o que não haviam dito, embora estivessem tão longe e tão perto... ele se afastava de seu lado, mas lhe deixava tanto que entesourar... Cahal era um guerreiro, um homem que se sacrificava pelos outros.

— A laocháin... (meu herói)— sussurrou voltando a chorar.

— Divido meu corpo, minha alma e meu sangue e tomo o que me rodeia como uma porta ao céu! Eu sou pó, e como pó viajarei a origem do universo! Que este pó viaje a Bifröst, o arco-íris que leva à porta guardiã dos nove reinos! — seu corpo se tornou translúcido. O pó dourado dos ormes do irídio o absorveu. — É momento de retornar aos deuses o que dos deuses é! Eu abro a porta a Asgard! Que Awen me acolha!

Eon se iluminou por completo e o feixe de luz se fez longo e largo, até que, através do resplendor, se pôde divisar a imagem de um homem de uns dois metros de altura, de cabelo comprido e ruivo. Desviou o olhar para Miz, e lhe dedicou um sorriso mescla de desculpa e de concílio.

Eon não era um menino. Ela o cuidou, deu seu carinho e sua companhia; e agora o menino se tornou um homem, literalmente.

Miz não teve forças para lhe devolver o sorriso.

Do peito de Heimdal emergiu algo volumoso... sua carne se abriu, seu peitoral se iluminou, e através dele apareceu uma espécie de corneta; um chifre de marfim, e metais dourados.

A cientista abriu a boca, aniquilada, e negou com a cabeça. Heimdal sempre teve Gjalarhörn com ele. Era sua corneta, criada de titânio, metal e marfim. A corneta estava provocando esses efeitos em seu metabolismo. Incrédula pelo que via, dedicou-lhe um olhar de recriminação.

Heimdal sorriu desculpando-se.

E Miz viu Eon nesse homem. Os olhos azuis e inocentes, o cabelo vermelho... um deus tímido e mudo. Não o pôde odiar. Não podia. Não o odiou quando Cahal e ele se iluminaram tanto que criaram uma onda de expansão que os deixou cegos.

Tampouco o pôde odiar quando o deus e o druida explodiram, deixando todo tipo de partículas luminosas, ormes ao seu redor, uma nuvem de ouro que qualquer alquimista pagaria para ver.

Nem sequer o odiou quando ambos desapareceram no meio do círculo de pedras mágicas de Stonehenge, deixando-a só e abatida, jogada no chão, com o rosto mergulhado na lama e grama, a alma enlameada e o coração feito pedaços.

Hummus tocava a porta quântica que tinha diante dele. Seu exército de vampiros e lobachos o estavam protegendo. Ninguém podia entrar na igreja de novo.

Ele tinha a oportunidade de retornar a ordem do universo a seu estado caótico, seu estado natural. Seu pai estaria tão orgulhoso dele... não obstante, o portal não acabava de mostrar a ponte do Bifröst. O ambiente estava carregado de eletricidade, algo normal pela energia do acelerador, mas... ali havia algo mais.

O lobacho se inclinou para olhar através das janelas. A tormenta era descomunal; os raios iluminavam o interior da construção e o que restava das vidraças e da cúpula colorida.

Tocou o portal de novo. Por que não se abria? No Colorado não demorou tanto.

De repente, os pelos se arrepiaram. Um calafrio percorreu sua coluna vertebral, e sentiu o despertar de alguém muito poderoso: parecia a ativação de um sol na Terra.

Hummus se virou e encarou a porta de entrada de Abbey Church. Ele reconhecia essa energia divina. Era Heimdal. Heimdal estava em algum lugar, perto. O filho de Odín se mostrava, e não ficava muito longe de Abbey Church.

Porra! Iria atrás dele. Heimdal tinha a corneta, e esse totem devia estar em suas mãos.

Mas, por outro lado... se deteve. Se estava ali, queria dizer que não encontrou o modo de chegar a Asgard; com o qual, ele poderia entrar antes que o mudo e obrar sua magia.

Dirigiu-se ao portal. Milhares de fios elétricos, azulados e amarelos, saíam daquela porta luminosa de plasma, que mudava sua consistência e se tornava transparente... bem. Ali começava a abrir o buraco negro.

Hummus tirou sua adaga Guddine e sorriu, dando um passo, e logo outro, para o portal dimensional.

E, de repente, a energia elétrica ao seu redor cresceu. Seu cabelo se movia, açoiado pela energia eletrostática. Tentou dar outro passo mais, querendo alcançar seu ansiado objetivo, mas ele e o portal pareciam ímãs do mesmo polo, repeliam-se.

A cruz de Cristo foi arrancada da parede. Os lobachos transpassados, e as madeiras dos bancos que havia ao redor voaram pelos ares em círculos perfeitos, como em um redemoinho de um tornado.

Hummus lutou para dar outro passo para o vórtice... via o universo e uma ponte de muitas cores que viajava através das estrelas; era Bifröst: Tinha-o ali, na ponta dos dedos.

Grunhiu como um animal, cravando os calcanhares no chão, fazendo força para seguir avançando. Os músculos se esticavam sob sua roupa e a pele ardia. Sentia que o estavam eletrocutando. Os vampiros, incômodos, olhavam-se uns aos outros, levitando e agarrando-se às colunas de pedra do interior para não sair disparados nem ser absorvidos por aquele estranho redemoinho.

E, de repente, a eletricidade cessou. Tudo o que flutuava no ambiente caiu por causa da lei da gravidade. O portal se contraiu, convertendo-se em um pequeno ponto de luz pequenino.

Hummus levantou seu olhar escuro e o cravou na abóbada do edifício. Um silêncio entristecedor caiu sobre todos ali presentes. O lobacho negou com a cabeça e murmurou:

— Que filhos da puta.

Boom! O ponto de luz se converteu em uma supernova que arrasou tudo o que tinha em seu caminho a vários metros ao redor. Os vidros da igreja voaram por todos os lados, em milhões de pedaços.

Hummus apertou a adaga com força e desapareceu enquanto a onda explosiva o atravessava.

Capítulo 24

Bryn olhava a destruição que acabava de provocar com seus raios.

Ela fora abençoada com força. Com agressividade. Era a General.

Do céu se via tudo com mais perspectiva. A igreja acabou arrasada. Por sorte, tinha dado o sinal a Caleb e a As para que se retirassem, pois sabia em que momento se produziria a explosão.

Os vampiros e os lobachos morreram.

Os vanirios e berserkers terminaram se retirando, alguns feridos gravemente pela força da explosão; mas como dera tempo a eles de se afastar, não havia nenhum afetado com gravidade.

Essa era ela. A mãe da destruição. Mas sendo provavelmente a mulher mais forte e mortífera do Midgard, não tinha o poder de seu destino e seu futuro estava sujeito a duas palavras. Duas simples palavras que Freyja dissera ao homem que mais havia amado e que agora era seu pior inimigo. Seu torturador.

Ardam estava olhando para ela. Ele estava todo suado e manchado de sangue. Seus olhos doces e tatuados a observavam com uma mistura de repulsa e desejo furioso. Estava há dois dias com ele no Midgard. Dois dias angustiantes e cheios de palavras doentes. Dois dias como sua... escrava.

— Desça aqui. — ele ordenou quase sem mover os lábios. — Agora. — Bryn teve a necessidade urgente de desafiá-lo. Odiava o que estavam fazendo um com o outro. Mas a vingança se servia assim: crua e fria. Não podia desobedecê-lo, assim desceu lentamente dos céus até acabar na planície devastada pela explosão.

O einherjar a olhou com interesse.

— Por que não se afastou da explosão? — perguntou sem rodeios. Ela não respondeu, com seus olhos celestes cravados nos dele. Ardam a pegou pelo braço e a aproximou dele com força. Um músculo palpitava em seu maxilar e seus olhos cor de uísque a avaliavam com fúria gelada.

Bryn tinha um corte na bochecha provocado por um estilhaço.

— Minha mercadoria não pode se danificar. — disse com voz rouca, passando o polegar pela ferida e limpando o sangue.

Bryn tentou retirar o braço, mas ele não permitiu.

— Você mesmo se encarrega de danificá-la, não é verdade, ilhéu?

Ele franziu os lábios e desviou os olhos por todo seu corpo.

— Temos que retornar a Escócia. Ali te darei a lição que merece, Iceberg.

— Estou farta de suas lições. — replicou zangada. Ardam era muito duro com ela; e sabia com certeza que não tratava assim a suas submissas. Ele as chamava assim, mas a ela chamava escrava. — Não entendo como podem gostar do que você faz com elas.

Ardam sorriu e a cicatriz que deformava seu lábio se estirou para cima causticamente.

— Elas me mostram respeito. Não riram de mim, como você. Além disso, dou a elas o que necessitam.

Às demais, sim. Menos a ela.

Como? Nem pensar.

— Assim que voltarmos eu te mostrarei.

— Se acha que vou estar diante de você olhando como...

— Oh, sim. — riu como um demônio. — Você o fará ou já sabe o que farei, General. — Assinalou o céu nublado e tempestuoso com o dedo. — Direi a Freyja que te relegue de seu cargo. E você, que é todo ego, não suportará.

As coisas em Edimburgo se descontrolaram muito. Cameron não dava sinais de vida e Gungnir continuava desaparecida.

Os lobachos e os vampiros agiam cada vez mais com menos discrição e mal faziam prisioneiros. Sabia que a Tríade e Steven tentavam encontrar o escorregadio Anderson.

Estava tão cansada daquilo... Só tinha passado dois dias com ele. Na realidade não estiveram muito tempo juntos, não desse modo que o highlander gostava de estar. Mas quando se pôs em suas mãos, Bryn sentia que queria dobrar seu orgulho e abominava seu comportamento. Sempre soube que Ardam era cruel e metódico. Um sanguinário. Mas quando estiveram juntos em Asgard, as necessidades dela sempre estiveram diante das dele.

Tudo mudou.

Agora sua brutalidade estava mais pronunciada, convertendo-o num homem implacável e frio.

E Bryn suportava o tratamento que dispensava a ela porque sabia que parte da culpa de que ele fosse assim era dela.

Mas também era a General e tampouco suportaria esse comportamento muito mais tempo. Ele sofrera. E ela também.

Quanto tempo mais tinha que pagar por algo acontecido em outro mundo, em outro tempo e outra dimensão? O que acontece em Asgard, fica em Asgard.

— Morro de vontade de te ensinar. — murmurou com os olhos cheios de uma lasciva escuridão. — Com certeza vai gostar.

— Solte meu braço, Ardam. — Desafiou-o com os olhos.

— Quer que te ponha sobre meus joelhos e volte a te açoitar, escrava? Aqui? Diante de todos? Sabe que gosto dos escândalos, assim não me provoque. Tem as nádegas em vermelho vivo. Sinto o calor que desprendem daqui. Chame-me como deve ou prometo que não poderá se sentar durante uma semana.

Ela franziu os lábios e colocou um falso sorriso neles. Esse homem tinha a incrível capacidade de arrepiá-la com sua voz. E sim, estava muito ardida. Ardam a açoitou sem perdão, o condenado. Ah, mas se vingaria. Não sabia como. Mas o faria.

— Pode soltar meu braço, senhor? Está me machucando.

O einherjar olhou sua mão morena e grande, cheia de cicatrizes agarrando com força o braço esguio e pálido de Bryn.

Ardam a soltou devagar. Ia responder quando apareceram dentre as nuvens Róta e o curador, que carregava Miz nos braços. Róta a procurou com os olhos. Sua nonne estava sendo super protetora com ela desde que se acertaram uns dias atrás.

Róta sabia agora dos sacrifícios que fizera em seu nome. E sua irmãzinha temperamental estava grata e, pelo menos uma vez, envergonhada de seu próprio comportamento. Mas Bryn não podia culpá-la. Não sabia nada sobre a ordem de Freyja nem sobre quem era ela na realidade.

Por esse motivo, Róta tentava estar perto deles dois, vigiando a atitude de Ardam e o repreendendo quando considerava que estava passando dos limites com sua General. Não queria que o einherjar a machucasse, principalmente sabendo o quanto Bryn o amara. E ainda amava.

Os olhos turquesas da valquíria de cabelo vermelho conectaram com os celestes de Bryn. Bryn revirou os olhos e Róta grunhiu, sobressaltada pelo desconforto de sua amiga.

Menw levava Miz nos braços. A jovem vaniria se encolheu numa bola em cima da grama ao ver Cahal desaparecer depois do relâmpago e não pôde se levantar dali.

Perturbada. Arrasada. Não tinha vontade de nada. Não tinha forças nem para caminhar. Cahal havia morrido. Já não estava ali; e ela sentia que seu coração já não pulsava.

Sua vida, sua ilusão por seguir adiante, havia se desvanecido. Custava respirar e estava em choque. Daanna correu para Menw e Miz, e retirou o cabelo loiro do rosto da cientista.

— O que aconteceu? — perguntou a pantera estudando a vaniria e seu amado caraid com seus olhos verdes. Menw negou com a cabeça e os olhos dele se encheram de lágrimas novamente.

Daanna ficou sem fôlego

— Não... — murmurou acariciando a face de Menw. — Não... conte o que aconteceu.

— Os dois desapareceram depois do raio. Eon se transformou em Heimdal diante de nossos olhos... O raio impactou no peito de Cahal e simplesmente... desapareceu. — explicou o curador consternado. — Num momento estava e no outro não.

Daanna tinha vontade de chorar. Seu cunhado brincalhão tinha morrido? Assim sem mais?

— Mas disse para nós que abria um portal. Não sabíamos que sua vida estava em perigo. Miz... — chamou-a com voz doce. — Ele...

— Não está. — respondeu ela. — Não está... — emitiu um soluço doloroso.

Aileen e Caleb trouxeram Lucius, que continuava imóvel no chão com a pele toda cortada por causa da explosão. Caleb, tenso e triste pela notícia que estavam lhe dando, obrigou-se a falar:

— Cahal me disse que Lucius era seu, Miz. Que seria você quem acabaria com sua vida e quando o fizesse, acabaria por exorcizar seus medos. Que levasse isso como uma terapia.

Miz demorou a entender o que Caleb dizia. Com serenidade pediu que Menw a descesse ao chão.

Cahal pediu isso? E do que servia agora exorcizar qualquer coisa se ele não estava? Ele a presenteava com Lucius como se fosse uma terapia, o grande cretino... Mas o que era aquilo? Estava rindo dela?

Com as pernas trêmulas e uma dor emocional mais forte do que qualquer ferimento físico que tivesse recebido, caminhou mancando até o vampiro.

Lucius a olhava aterrorizado. Os nosferatus eram seres covardes perante a morte. Lucius se mantinha mais jovem devido aos avanços realizados com a terapia de células tronco, mas irradiava uma sensação de fria imortalidade e alma vazia que era inevitável para ela.

Ele tinha brincado com sua cabeça. Matou sua família. Sua irmã. Sua mãe. As pessoas que amava.

Deveria transbordar ódio por ele por todos os poros. Mas se descobriu alheia a esse sentimento. A alma doía. Só dor. Nem ódio, nem aversão. Só aflição e angústia porque Cahal já não estava. Pensou que enlouqueceria.

— O que quer fazer com ele, Miz? — perguntou Aileen pegando seu queixo.

— E Cahal? — perguntou Ruth sem fôlego, com seu arco élfico em uma mão e com Adam a suas costas. Parecia que os dois vinham de uma luta de barro. De fato, todos estavam do mesmo jeito.

— Já não está. — Miz voltou seus olhos a de cabelo mogno.

Ruth deu um passo atrás, impressionada. Cahal? O loiro mais lisonjeador que jamais conheceu?

— Não. — gemeu Ruth, cobrindo o rosto com as mãos.

— E Noah? — perguntou um transformado As, com ferimentos e cortes nos seus braços e o oks em sua mão escorrendo sangue. — Onde está?

— Não sabemos. — respondeu Caleb.

Ás apertou os dentes e saiu correndo dali, a procura do berserker.

Miz se focou no vampiro. Muitos dos guerreiros que continuavam em pé foram vítimas de tudo o que Lucius e os seus fizeram; outros morreram em suas salas, e alguns mais, nesse mesmo dia, na batalha de Abbey Church.

Por isso, não deveria ser ela a que tomasse a vingança em suas mãos. De fato, se ela o fizesse Lucius morreria logo; e, pensando bem, o nosferatu merecia uma morte lenta e dolorosa. E ela já não era tão fria para executá-la.

Procurou Daimhin e Carrick.

A jovem estava consternada ao ver a dor refletida nos olhos da novata. Carrick suportava impassível a maré emocional em que todos se viam mergulhados; mas o afetou da mesma forma. O druída havia se doado muito, e seu gesto altruísta seria lembrado para sempre.

— Aqui está Lucius. — disse Miz com voz trêmula. — Façam o que quiserem com ele.

Daimhin deu um passo, e logo outro até chegar a Miz. Odiava Lucius, mas sentia muito mais por ela. A cientista e o druída se gostavam tanto quanto se respeitavam. E Daimhin estava apaixonada pelo casal que formavam. E agora, esse casal se quebrou pela morte de um deles. A dele. Não podia acreditar.

— Sinto muito, novata. — Abraçou-a com a força e agradeceu que sua amiga não a afastasse. — Sinto muito. Tudo ficará bem. Todos nós cuidaremos de você. Não estará sozinha.

Miz começou a chorar desconsoladamente. Surpreendeu-se ao ouvir a si mesma. Alguma vez chorou assim?

Carrick agarrou Lucius pelo cabelo e murmurou:

— Obrigado, Miz. Faremos bom uso do seu corpo.

E o levou arrastado dali, mostrando Lucius aos cabeças raspadas como um troféu.

Beatha, Gwyn e Daimhin se ofereceram para levar a cientista para sua casa e ficar com ela. Mãe e filha a rodearam de forma protetora e a levaram dali. Uma abatida Gwyn as seguia com a cabeça curvada.

Menw recebeu o abraço de Daanna, e não a soltou até que chorou cada uma das lágrimas por seu irmão desaparecido.

Caleb e Aileen fizeram o mesmo, como Ruth e Adam.

No final, os seis se abraçaram e bateram os punhos fechados em um cumprimento.

Seu amigo se foi. Cahal entregou sua vida por eles.

Era um herói. O maior do clã keltói.

Que os deuses o tivessem em sua glória.

Noah não podia se mover da copa da árvore. As feridas sangravam profusamente e o corpo doía como nunca. O punhal Guddine de Hummus era mortal.

Tentou descer da árvore, dar um salto e sair dali. A única coisa que fez foi levar Eon até eles. Depois, por pouco caía morto na briga contra Hummus.

Isso o envergonhou. Hummus era mais forte que ele. Mais poderoso. E quase o matou.

Menino perdido, o chamara o filho da puta.

Tossiu e cuspiu sangue pela boca. Porra, tinha um corte profundo na face. Esperava que as feridas leves cicatrizassem. Mas, se as feridas do punhal do lobacho fossem tão incuráveis quanto a que Nanna fez, então não sobreviveria a isso.

A água da chuva torrencial penetrava entre as folhas das árvores e o molhavam de cima a baixo, salpicando nos olhos e fazendo com que os fechasse.

Merda. Estava fodido.

Um relâmpago caiu em cima da árvore e o eletrocutou.

— Puta que pariu! — grunhiu a ponto de cair do tronco, meio desmaiado.

Mas então, umas mãos o sustentaram contra um corpo suave e frio, tão molhado quanto ele. Um aroma fascinante, picante, despertou seus sentidos. Mas estava muito debilitado para se mover. Perdeu muito sangue.

— Chopinno... — murmurou uma voz conhecida no seu ouvido. — Vim te ajudar. Lembra que não pode me tocar, sim? — advertiu com doçura.

Era ela. A valquíria. A mulher que protagonizava seus sonhos tórridos. Que fez seu instinto despertar depois de vários séculos de vida. Nanna.

— Nanna. — murmurou se virando para ela.

— Não, Noah! Não me toque! — exclamou. Levantou sua cabeça loira com ternura e a pôs sobre seus joelhos. — Vou tentar curar isto que fizeram a você, mas rogo que não me toque. — suplicou com ternura.

— O que faz aqui?

Boa pergunta. Freyja a enviou ao Midgard dizendo que se encarregasse dos guerreiros caídos na batalha. Mas não ficava nada a recolher. A explosão da igreja arrasou com tudo. E não pensava carregar pedaços de carne incompletos. Nem pensar.

Mas então, Freyja disse a ela que se encarregasse de curar o berserker de olhos amarelos. Que estava em uma árvore e que o feriram com um punhal Guddine.

A deusa antes nunca lhe dera ordens tão explícitas.

— Mas se não posso tocar...

— Que ele não te toque. Assegure-se somente disso. — assinalou a deusa. — Que não ponha suas mãos em você, Nanna. Você é uma valquíria; tem o hellbredelse...

— Para meu guerreiro; o dia que o encontrar, claro. — particularizou Nanna. — Mas como só recolho homens mortos, não sei quando o encontrarei.

— Use-o com ele. Pra ver o que acontece. — sugeriu a deusa, cheia de segredos, rindo de seu comentário. — E volte assim que o fizer.

— Sim, senhora. E quando voltar, talvez me explique por que Noah pode tocar seu punhal Guddine sem morrer por isso. Não é um deus. — pigarreou — Não é?

— Meu punhal Guddine? O que te dei de presente, nonne? — gritou Freyja fingidamente ofendida. — Você o perdeu?

— Ele... ele tentou me tocar! — defendeu-se, apertando os punhos em ambos os lados dos quadris. — E acredite em mim, prefiro perder o punhal a deixar que esse homem me toque e que você me castigue por isso.

Nesse momento, ela desceu ao Midgard, e nada mais importava, pois Noah precisava de sua ajuda.

Ele. O Tigre de Bengala estava ferido.

Não precisara buscá-lo muito. Seu corpo e seu instinto a guiaram como uma bússola. E agora o tinha entre seus braços.

— Vim te curar. Freyja me pediu que o cure.

Noah estreitou seus olhos amarelos e estes ficaram completamente vermelhos. Nanna era tão bela quanto se lembrava. Tinha um rosto lindo em formato de coração, uns lábios suculentos, o nariz arrebitado, as sobrancelhas sexys e arqueadas, e uns olhos vermelhos tão expressivos quanto os de uma menina. Mas não havia nada de menina em seu corpo de mulher. Teve vontade de rodear sua cintura e afundar o rosto em seu ventre, mas a valquíria se negava.

— Quero tocar você, Nanna. Mas foge cada vez que tento. Por que?

— Schh... — sussurrou concentrada em suas feridas. — Quem fez isto com você? Um açougueiro? Tem outro punhal Guddine por aqui? Estas feridas serradas são de outra arma como a que você tem.

— Como a que você me lançou? — replicou enjoado.

Nanna sorriu. Desejava tocá-lo. Desejava acariciar seu rosto com a ponta dos dedos. Tocar seu nariz, seu queixo, as maçãs do rosto... Deuses, era muito lindo.

Passou as mãos pelas suas feridas e, surpreendentemente estas se iluminaram, e fecharam o corte que cruzava em diagonal. Depois roçou a incisão do ombro. Essa foi ela quem fez, pensou arrependida.

— Sinto muito. — murmurou.

Noah abriu os olhos vermelhos e os cravou no belo rosto da mulher que o observava contrita. Nanna sentiu a tensão do corpo do berserker. Estava se recuperando e decidido a atacá-la.

— Obrigado por me curar.

— Noah, por favor, por favor. — repetiu passando os dedos pelo seu cabelo. — Não ponha as mãos em mim. Freyja proibiu que me toquem, e se o fizer sofrerei muita dor.

— Cada vez que te vejo tem o cabelo mais comprido. Você fez tranças.

Sim. Tinha o cabelo cheio de trancinhas agarradas ao couro cabeludo, soltas e longas pelas costas.

— E você — respondeu ela, penteando seu cabelo comprido e loiro pálido com os dedos — é tão macio. Não o imaginava assim. E tem cabelo na pele, e é macio e agradável ao toque. — passou os dedos por seu pelo cabelo encaracolado dos músculos de seu peito e abdômen. — Faz cócegas.

— Nanna...

— Mmm? — disse desconfiada, acariciando seus ombros, seu pescoço e depois seu rosto.

— Se não quer que te toque, afaste-se agora mesmo, porque posso quebrar minha palavra com facilidade.

— Eu não te disse...

— Sim. Não disse que não quer que toque em você, mas sim que não posso, é isso? — acusou-a com crueldade. — Vá.

Nanna ficou tensa. Mas não queria ir. Deuses, gostava de ver Noah. Não sabia o que tinha esse homem para ela. Mas se seu hellbredelse funcionou nele, queria dizer que era seu einherjar? Mas era impossível. Os einherjars deviam morrer para se encomendar às valquírias. E, de qualquer forma, ela não podia tocar homem nenhum. Jamais. Era uma ordem de Freyja.

Contrariada, meneou a cabeça e pouco a pouco retirou Noah de suas pernas, deixando-o estirado exatamente como estava quando o encontrara.

O berserker a seguia com os olhos como um predador. Os braços mortos caíam pelas laterais do tronco. Mas seu olhar vermelho só tinha a ele em seu ponto de visão.

— Vá embora, Nanna. — grunhiu, levantando-se devagar sem deixar de olhá-la. — Vá excitar a outro e deixa de brincar comigo.

Aquelas palavras a esbofetearam.

— Não estou brincando. Juro.

— Vá. Embora. Daqui. Agora.

Nanna entrecerrou os olhos. Seu corpo despertou, como se justamente desejasse que ele a atacasse. Mas não podia. Era proibido. Os olhos se encheram de lágrimas. Engoliu em seco.

— Vá embora, valquíria! — gritou Noah, mais desajeitado do que gostaria.

— Certo! — replicou ela se afastando dele, assustada por sua beligerância. Os lábios tremeram. Queria que ele a tocasse, mas o homem pensava que brincava com ele. — Asynjur! — gritou levantando uma mão entre os galhos das árvores.

Noah já sabia o que vinha. Um raio com forma de cipó rodearia seu antebraço e ela se penduraria nele e desapareceria entre as nuvens.

E aconteceu exatamente assim.

Encontrou-se sozinho e muito contrariado. Nanna curou suas feridas, mas o deixou com uma insatisfação sexual muito mais dolorosa. Cada vez que a via era como um murro no estômago. Deixava-o sem ar.

— Noah? Noah?!

Essa era a voz de leder, chamando-o. Apertou os dentes. Era o momento de encarar As e de obrigá-lo a revelar a verdade. Deu um salto e caiu em pé no chão. Já não havia dor. Seu corpo estava perfeito.

As respirou mais tranquilo ao vê-lo. Parecia que estava tudo bem.

— Alegra-me que esteja bem.

— Graças a Nanna.

As empalideceu.

— A Nanna?

— Conhece-a?

— Não. — negou apressadamente.

— É uma valquíria. Hummus me atacou e me feriu com um punhal Guddine. Sabe o que é?

— Sim. — respondeu As cada vez mais nervoso. — Um punhal dos deuses. — analisou seu corpo, pensando na ferida que Hummus poderia ter provocado.

— Não procure. Já disse a você que Nanna me ajudou. Cicatrizou minhas feridas.

— Oh... Bem. — A confusão cruzou seu rosto. — As feridas dos punhais Guddine são muito dolorosas. — pigarreou — Vamos encontrar todo mundo, Noah. Há más notícias. Cahal desapareceu com o Heimdal. Abriu o portal.

— Sinto muito por Cahal, espero que esteja bem onde quer que esteja... — disse sinceramente perturbado. — Ele me protegeu de Lucius. — Explicou com tranquilidade. — Mas não penso em esperar mais. Hummus me disse que você sabia quem eu sou. Que conhece meus pais. Fale As.

Capítulo 25

Asgard

Bifröst, a ponte do arco-íris

Entre o Midgard e o Asgard, há uma ponte colorida; um tubo de luz que une ambos os mundos. Essa ponte é extremamente quente, para que os gigantes de gelo do Jotunheim nunca possam atravessá-la.

Cahal lera muitas vezes as eddas e as enciclopédias nórdicas com a esperança de compreender melhor aqueles seres que os transformaram e outorgaram uma eternidade tão longa; para alguns menos dolorosa que para outros. E sabia que a porta dimensional que estava abrindo o levava até Bifröst, a ponte do arco-íris.

O druída flutuava em meio a seus pensamentos, observando tudo o que acontecia naquela viagem estelar que estava fazendo com Heimdal.

A verdade era que Bifröst poderia se ver perfeitamente da Terra como se fosse a via Láctea. Tratava-se da mesma? Ou era sua mente figurativa que fazia essas associações?

Era corpo ou só pó o que viajava através da ponte? Continuava sendo ele mesmo ou desaparecera completamente?

Sentia que ardia. Sua pele pinicava e queimava igualmente. Já não sentia o coração, certamente, como o sentiria se acabava de abandonar a sua cáraid e a distância já o estava torturando?

Tinha funcionado. A manipulação dos ormes lhe deu a possibilidade de abrir uma porta dimensional, de ser um recipiente perfeito para ele.

Um forte golpe nas costas revelou que era corpo, que seguia sendo matéria sólida, e que chegou ao seu destino. Heimdal o olhou com curiosidade. Seus olhos azuis claros seguiam sendo os de um menino, mas seu corpo era o de um guerreiro adulto. Tinha a corneta entre as mãos e passava os dedos entre ela, pensativo. Abaixou-se diante de Cahal para estudá-lo, como se fosse uma raridade.

O druída se levantou sobre os cotovelos e olhou ao seu redor, quando deixara de ver os planetas e as estrelas para se encontrar numa clareira de um bosque, rodeado por um manancial no qual começava ou finalizava, conforme o olhasse, um dos extremos de um arco-íris? No centro da clareira havia uma coluna dourada, com inscrições nórdicas e rúnicas gravadas em toda a base. Do lado direito, como se não fosse com ele, havia um majestoso cavalo branco com um elmo alado de ouro; comia a grama que crescia entre as raízes da árvore mais linda e maior que Cahal jamais vira.

Heimdal se afastou do druída e caminhando com o porte de um deus, vestido com ombreiras metálicas douradas e uma espécie de tanga parecido ao dos egípcios, também dourada, pendurou a corneta em um dos galhos da árvore e se dirigiu até a coluna dourada. Abaixou-se para abrir uma porta metálica que só ele via e extraiu uma espada cintilante.

Cravou a lâmina na parte superior da coluna, inseriu-a até o punho e depois girou o punho da espada como se a arma fosse uma chave e a coluna de ouro a fechadura de uma porta.

Escutou-se o som de umas dobradiças rangendo e fechando, e depois desse som, como se fosse o princípio de uma nova era, centenas de pássaros coloridos começaram a cantar e a sobrevoar o manancial.

Heimdal fechou os olhos, exalou e relaxou os ombros, sabendo que acabava de fechar todas as portas de entrada para Asgard. Que nem aceleradores nem nada parecido poderiam violar a relativa paz de seu mundo, e que permaneceria fechado até o dia previsto. Sua espada Hofud era a chave que fechava a porta e que apagava do plano dimensional seu reino tão prezado.

Ele fora o encarregado de vigiá-lo; e Loki esteve a ponto de deixá-lo em ridículo diante de todos os deuses. Cahal se levantou devagar levando uma mão à cabeça. Sentia-se tonto.

— Ouça, mudo filho da puta! — gritou o vanirio o assinalando com o dedo. — Não creia que me esqueci que esteve se esfregando com minha mulher com a desculpa de que era um garotinho! Você a enganou!

Heimdal entreabriu o olhar, sorriu e mostrou sua dentadura dourada ao druída. Porra, tinha os dentes de ouro... Mas Cahal entendeu que não sorria para ele.

— Não se atreva a rir de mim, canalha!

— Está sorrindo para mim, druída.

Cahal deu a volta e deu de cara com a origem de todos os males vanírios.

Freyja estava apoiada na árvore. A deusa, bela e intimidante, cobria-se com um vestido branco e folgado com decote sem alça e um cinto dourado que marcava sua cintura, suas curvas femininas. Seu cabelo loiro estava preso no alto da cabeça e tinha um bracelete negro que rodeava a parte alta do seu braço. Umas sandálias douradas, amarradas até o tornozelo cobriam seus pés.

Cahal admirou Freyja, porque não podia haver um homem que não o fizesse. Essa deusa era tão bonita que dava medo. A deusa o olhou de cima a baixo, avaliando se merecia pisar ou não em seu mundo. E Cahal sorriu, sabendo que estava de volta afinal.

— Magiker. — saudou-a a deusa, passando ao seu lado e abraçando Heimdal com carinho. — Mudo! Estávamos muito preocupados, mas sabia que você conseguiria!

Heimdal se pôs a rir e a levantou do chão enquanto a abraçava.

— Então... — disse Cahal interrompendo seu reencontro. — Estou morto?

— Morto? — repetiu Freyja pensando na resposta. — Não, não está.

— Heimdal não fala. —apontou Cahal — Pode me explicar onde estou metido?

— É ótimo, não é verdade? — respondeu Freyja, acariciando a face do filho de Odín. — Um homem bonito que nunca poderá ir contra mim. — Heimdal revirou os olhos. — Adoro.

Cahal levantou as sobrancelhas e não pôde evitar sorrir ao ouvir o comentário. Mas sentia a necessidade de sair correndo e retornar pra casa. Ao lado de Miz.

— Parece que está com pressa de ir. — notou a deusa Vanir.

— Já fiz o que tinha que fazer. Cumpri a profecia do noaiti. Gostaria de voltar.

Heimdal e Freyja o estudaram com atenção.

— Odín gosta muito do seu dom. É como uma porta dimensional ambulante. Ele te quer aqui. — deu de ombros.

Cahal empalideceu e negou com a cabeça.

— Não. Não vou ficar aqui.

Freyja se ofendeu com a resposta.

— Trouxe o filho de Odín. Heimdal foi muito inteligente ao procurar sua proteção, pois sabia que a qualquer momento você despertaria. E assim foi. É o magiker. Seu destino está com os deuses.

— Não é verdade. Meu destino eu que dito, deusa. — Seu destino não era ali. Era ao lado de uma sabichona que o deixou arrasado no centro do círculo de pedra de Stonehenge. E queria voltar para ela.

Freyja caminhou para ele, movendo os quadris de um lado para o outro. Pegou-o pelo queixo e o olhou nos olhos.

— Faz dois mil anos tiraram seu dom porque temiam que pudesse utilizá-lo contra nós se continuasse sob a influência de Lucius. Não creio que agora as coisas sejam diferentes.

— Temiam meu dom? — perguntou assombrado.

— Temíamos a você. Não mostra respeito pelos demais, faz o que quer e ousa rir das nornas que fiam o destino. Acha que tem poder para fazer e desfazer a seu desejo. Foi um rebelde em potencial. — exclamou rindo na sua cara. — Nós deuses sabemos tudo. Tudo.

— Um dia pagarão caro por essa soberba.

— Claro, como aconteceu com você? Depois que Frey os castigou, você teve uma cura de humildade.

— Dois mil anos de cura. — sussurrou com voz assassina. — Tiraram meus dons por que temiam que pudesse usá-los contra vocês?

— Principalmente, nós o tiramos por violar a lei dos vanírios. Não podia usar seu poder para alterar a história da humanidade, a menos que lutasse diretamente contra vampiros e nosferatus. Mas não demoraria nem um dia em matar os romanos. Mesmo assim não mentirei, lindo. — Porra, esse homem tinha uma estrutura óssea perfeita. — Veio a calhar para nós que fizesse merda desse modo, porque tínhamos a desculpa perfeita para te manter afastado. Lucius e Seth não suportaram e foram embora com Loki. Em troca, você ficou do nosso bando. E o agradecemos.

A deusa tinha uma curiosa forma de agradecer. Primeiro o repreendia e, depois o agradecia sem convencimento.

— Mas Odín ficou fascinado com seu poder e está disposto a te oferecer um lugar aqui, entre nós.

— Não me interessa. Não posso ficar aqui, Freyja.

— Por que não? — Freyja entrecerrou seus olhos cinza e inclinou a cabeça para um lado. — Me dê uma boa explicação para mediar em seu nome. Odín está se assegurando que todos os reinos se mantenham fechados depois de sua chegada, mas estará aqui logo. Ele está disposto a tirar sua ansiedade vaníria por sua companheira para que possa viver aqui com tranquilidade e serenidade. Ele te tocará e se esquecerá dela. De... Miz? É assim como a batizou, não é verdade?

— Não... — sussurrou Cahal assustado, dando um passo atrás. — Ele não pode fazer isso.

— Não? — Freyja arqueou uma sobrancelha loira. — Me dê um motivo convincente. — Cahal abriu os olhos surpreso pela audácia da deusa. Estava disposta a desafiar Odín por ele?

— Por você? — a deusa leu sua mente. — Não, por você não. É só que... adoro desafiá-lo. — reconheceu ela. Heimdal, que estava acariciando seu cavalo branco, assentiu com a cabeça. Confiava nele.

— Mas tem que valer a pena. Esforce-se. — ordenou a mulher.

Cahal engoliu em seco e acariciou as costas de sua mão tatuada.

— Porque quero sofrer. — disse ele claramente. — Passei dois mil anos sem sentir nada. E essa mulher que vocês usaram como quiseram me devolveu as emoções. Vou me machucar, vou sofrer com ela, vamos brigar, e vamos lutar... mas prefiro isso a viver no esquecimento, ignorando que uma vez fui capaz de amar tanto como a amo.

— Deuses... meus vanírios são tão apaixonados. — murmurou com os olhos brilhantes, cheios de orgulho.

— Por favor, deusa. Não me prive da minha mulher. Por favor. Meu clã e minha companheira precisam de mim. E eu preciso deles. Meu dom funciona através da paixão e sinto paixão por minha gente. Sinto tanta paixão por minha cáraid que creio que vou morrer. — abaixou a cabeça com humildade. — E se a arrebatá-lo de mim, como continuarei trabalhando minha magia? Não lhes sirvo de nada aqui se for uma tigela vazia.

— O amor é muito doloroso, certo? É como a dentada de uma serpente. — Admirou a tatuagem que o guerreiro tinha no braço inteiro.

— Sim. É. Mas também é redentor.

Freyja deu um passo atrás e desenhou uma linha fina de frustração com seus lindos lábios rosados.

— É, druída? O amor perdoa... tudo? Os escolhidos se perdoaram, não é verdade?

Aquela foi a primeira vez que Cahal viu a deusa como o que ela era: uma mulher. Uma mulher com inquietações, cujo poder e soberania fizeram com que tomasse decisões arriscadas e nem sempre a gosto de todos. Mas para tomar essas decisões deveria ser uma líder valente, e Freyja era dos pés a cabeça.

Não obstante, a mulher, não a líder, sentia pesar por algo.

A mulher, não a deusa, tinha o coração partido.

— Sim, Daanna e Menw nos deram uma lição. — reconheceu admirando sua repentina vulnerabilidade. Aquela fragilidade desapareceu em décimos de segundo. Seus olhos cinza rasgados piscaram, saindo de uma miragem que só ela via. O druída esperou impaciente o veredito da deusa, com a alma apertada em um punho.

— Entra aí. — ordenou Freyja assinalando o manancial. — Apresse-se. — Urgiu olhando ao seu redor e sorrindo maliciosamente. — Odín está a ponto de chegar.

Cahal se apressou a entrar na água cristalina. Peixes luminosos e de cores diversas nadavam em círculo ao redor de suas pernas. Freyja admirou o traseiro desse homem e estalou os dedos para deixá-lo nu.

— Oh, sim... — piscou-lhe um olho. — Sou toda uma deusa.

Cahal grunhiu e cobriu suas partes nobres.

— Você me deixou nu? Por quê?

— Não. Não o desnudei. — ela esclareceu. Estalou os dedos de novo e suas partes íntimas se cobriram com um traje de banho de short preto muito justo. — Vai precisar.

Cahal observou sua única peça de roupa e pensou em dizer três ou quatro coisas sobre ela, mas preferiu permanecer em silêncio como um bom menino.

— Druida —agachou-se e tocou a água com os dedos —, disse que ama tanto a essa mulher que sente que morre. Na realidade tem razão. Seu corpo é como um condensador de energia e poderia explodir e se converter em pó. Você chama isso de ormes. Eu chamo a esse pó “morte por explosão”. Seu dom também é sua fraqueza. Miz é a única que pode rebaixar esse caudal de energia e manter seus níveis em condições. Seu sangue te dará poder; seu corpo reduzirá isso. Depende dela cem por cento. Sem ela, druida, está perdido. Ela sempre —sorriu de orelha a orelha — terá poder sobre você.

— E quando não foi assim?

Cahal sorriu e fechou os olhos agradecido. Freyja sempre outorgaria poder a suas mulheres. Era uma feminista. Ele já imaginava isso. Já havia notado as mudanças que o sangue e o sexo com a vaniria produziram em seu corpo.

— Ninguém mais poderá entrar nem sair de Asgard? — perguntou Cahal deixando-se levar pela maré.

—Só minhas valquírias. — assegurou. — Elas são independentes e sempre podem retornar para mim. Mas ninguém que esteja na Terra poderá voltar a pisar em nosso mundo. As portas de entrada estão seladas. — Jogou uma olhada a Heimdal, que acariciava um dos galhos da árvore Yggdrasil.

— E quando chegar o dia previsto? Os portais na Terra se abrirão, isso foi o que Miz nos disse. Ninguém poderá evitar.

— Esse dia pode acontecer. — meditou a deusa. — E já falta pouco... mas, até lá, cuidem dos seus. Ainda fica Gungnir por recuperar. Isso agora é o mais importante. Está em dívida comigo, druída.

— Estou, deusa.

— Bem. Lembre-se disso. — ordenou olhando-o com soberania. — Diga a Noah que observe a lâmina de seu punhal.

Freyja moveu a mão que tinha imersa na água e começou a formar um redemoinho cada vez maior, com força suficiente para atrair Cahal até seu epicentro.

— Noah? — repetiu ele espantado.

— Sim. Noah. E lembre-se: é como um portal dinâmico e ambulante. Ativará quando sua energia transbordar e poderia chamar a atenção dos jotuns. Trabalhe sua magia druida para que eles nunca possam te localizar; e use sua mulher para diminuir seu poder; se não fizer morrerá.

O druida, cuja água do redemoinho já cobria sua garganta, sorriu e levantou uma sobancelha.

— Fica tranquila, deusa. Não tenho nenhuma intenção de desaparecer. Eu a deixarei bem satisfeita. — Sua cabeça se afundou completamente, mas ergueu o braço e abriu os dedos da mão em sinal de despedida.

Freyja e Heimdal observaram como o druida vanirio desaparecia na água do manancial. A água deixou de fazer ondas e os pássaros retomaram seu canto. O cavalo relinchou e trotou até colocar sua cabeça em cima do ombro da deusa.

— Seu pai não vai gostar nada disso, Heimdal. — murmurou acariciando a crina do cavalo com um sorriso de arrependimento, e ao mesmo tempo, de expectativa. Adorava os castigos de Odín.

Heimdal deu de ombros, movendo a cabeça pra cima e pra baixo.

— Freyja! Cadelaaaaa!

A ensurdecadora voz do deus Aesir retumbou entre os galhos do Yggdrasil e fez vibrar a água calma do manancial. Odín se materializou atrás da deusa e afundou sua imensa mão no cabelo da mulher.

Freyja se queixou e sorriu com o pescoço jogado para trás, olhando-o por entre as pestanas douradas e seu kohl negro. Odín era um estimulante para sua vida eterna. Já não lutava contra isso, simplesmente desfrutava. Só ele podia se medir com ela. Levavam toda a vida se provocando.

Media mais de dois metros, tinha o cabelo loiro comprido e solto e sempre tinha essa barba sem fazer tão bem cortada, era musculoso até dizer chega, e ela havia chegado a agradecer que lhe faltasse um olho, porque já entrava em combustão quando a olhava só com um, morreria se tivesse dois.

— O que fez, bruxa?

— Uma caridade. — murmurou desfrutando do puxão doloroso em seu cabelo. Sorriu maliciosamente e disse. — Olá, Caolho.

Capítulo 26

Notting Hill

Ladbroke Road. Dois dias depois da batalha de Abbey Church

Não era ela. Não era.

Depois da batalha em Abbey Church, as valquírias se foram imediatamente, exatamente como chegaram. Na Escócia a situação era muito crítica, e a busca de Gungnir estava causando muitas baixas.

Repassava o que vivera dois dias atrás. A valquíria de cabelo chocolate, filha de Thor, viajava através da antimatéria das tempestades. Gúnnr podia se tele transportar entre elas, e a viagem de uma tempestade a outra era incandescente e eficaz.

Em outro momento se mostraria ansiosa para estudar esse fenômeno eletromagnético. Mas não agora.

Essa carapaça vazia na qual se converteu se distanciava muito da Miz que fora nos últimos dias: tão cheia de vida, emoções e calor. Com tanta vontade de aprender, com tanta curiosidade... Um mundo novo a explorar se abria diante de seus olhos e a excitação, e também o medo, enrolavam-na sem comparação. Mas não mais.

Sim. Eles a morderam, queimaram, mataram e reencarnou. Voava, bebia sangue, era mais inteligente que nunca e tinha imortais se preocupando com ela.

Beatha e Daimhin ficaram no dia anterior. A primeira lhe ofereceu sua amizade e se desculpou com ela por sua agressividade. Miz aceitou e agora Beatha a adorava, queria e cuidava como se fosse a porra da sua irmã mais velha. E Daimhin sempre estava ali. Com aquela língua que tinha, sem papas na língua nem recriminações; tentando lhe dar um chute na bunda para que não vacilasse. Mas as vanírias sabiam o que era perder um companheiro, e pouco podiam animá-la, por isso também estavam tão tristes.

Depois vieram Daanna, María, Ruth e Aileen.

As quatro mulheres se encarregavam de que se alimentasse e preparavam garrafas térmicas inteiros com envelopes de ferro diluído. E muita companhia. Muita. Maria a convidava a falar e a escutava, depois dava seu ponto de vista, mais amadurecido, sobre o que estava acontecendo. Aileen, Daanna e Ruth a apoiavam e não tiravam o olho de cima dela. As coitadas pensavam que tiraria sua vida a qualquer momento.

E talvez o fizesse.

Pediu a Daanna um favor pessoal:

—Faça. — disse Miz.

A Escolhida a olhou com admiração.

— Quer que eu faça isso?

— Se eu morrer, quero ir com ele. — sentenciou desanimada. Precisava ter em sua pele um símbolo que indicasse a todo mundo que pertencera ao druida keltói. Que era dele. Não ia se tatuar o nó perene porque não os selaram ainda; assim decidiu honrar Cahal desse modo.

— Não vai morrer. Não permitiremos.

Menw se assegurava de que tomasse as pastilhas aromatizadas para diminuir a ansiedade de sangue. Tinham sabor de canela de verdade e a enganavam. Enganavam a sua mente, não seu coração.

Ver Menw era o pior de tudo. Via Cahal nele: alguns gestos, e principalmente, seu sorriso. E era uma prova viva do que perdera. Não suportava, não aguentava mais. E o pobre curador estava tão abatido quanto ela.

Ambos ficaram órfãos de amor; ele do fraterno, e ela de vida.

Nada disso importava. Nada.

Pedi a todos que a deixassem sozinha. Prometeu que não cometeria nenhuma loucura, mas já não estava tão convencida. A solidão era uma arma cortante nas mãos de uma mulher que pensava muito. Cahal já não estava com ela, e Deus, como isso doía... morria em vida. Como pode tê-lo amado tanto e tão rápido, inclusive quando mais o odiava?

Ele era o amor da sua vida, sua alma gemêa. Agora entendia o que eram os cáraids; justamente agora quando já não o tinha. E por que aconteceu isso?

Porque ela dissera as duas palavras malditas.

Amo você! Tinha gritado. Foi tão cativante: ela no meio da chuva implorando ao homem que a abandonaria que por favor não o fizesse.

Apoiou a bochecha nos antebraços.

Estava na piscina se refrescando. A música de Anggun dilacerava sua alma. Mas era exatamente o que precisava sentir agora enquanto recordava como fez amor ali com ele.

Posso contar as estrelas no céu ou escalar montanhas.

Posso até nadar todos os mares

Mas eu sei, a ausência é injusta

Nada pode substituir o que me faz falta

— *Por que eu estou respirando distante de você... e cada segundo parece como milhares de outros sem você.* — Tomou fôlego e uma nota rasgada e destrocada emergiu de suas cordas vocais. — *Eu estou respirando por este amor para viver. Acreditar que um dia a vida vai me levar ao seu lado...*

A vida ou talvez a morte, uma das duas deveria aproximá-la dele. Queria estar ao seu lado, embalada por seu corpo e os dois descansando em paz; porque se não pudessem viver juntos, pelo menos o destino deveria tê-los deixado morrer de uma vez, um ao lado do outro. Entretanto, Cahal passou o liquid paper e a ela caíram todas as máscaras.

Ainda podia cheirar o aroma de canela do seu corpo. Estava no ambiente. Nos olmos, diria ele.

Fechou os olhos e afundou na água.

Deveria ficar inconsciente um pouco. Não pensar. Os pulmões se encheriam de líquido e deixaria de respirar. A angústia iria por um momento. Isso seria suficiente para desconectar um vanírio?

Disse a ele que o amava, por isso se foi. Era sua maldição. Não podia amar às pessoas, porque cedo ou tarde desapareciam de sua vida.

E lutara tanto para não sentir nada por ele... lutou nos túneis quando o teve preso, fez quando ele a sequestrou, lutou contra seus sentimentos quando a amarrou em sua cama e a tocou sem sua permissão; tentou quando a mordeu e a converteu; mas deixou de combater quando se beijaram pela primeira vez.

Aí ela se rendeu. Mesmo então, sempre havia alguma centelha de resistência e mesmo assim, não se enganaria: estava tão apaixonada por ele, eram tantas coisas nele que a enlouqueciam, que era inútil e absurdo batalhar contra isso.

O amor chegava como um vendaval. Você o via chegar, mas não podia evitar que ele explodisse tudo pelos ares. Arrasava. E o druida não precisou de quase nada para arrasá-la.

Ele somente abriu uma porta dimensional. Ele era uma porta. Um druida que tinha tanta magia que podia abrir outras dimensões e realidades.

Deus, fora tão fascinante vê-lo... e tão impotente perdê-lo.

Amou-o tanto quando compreendeu que se sacrificava pelos outros... Sua imagem em Stonehenge com o menino nos braços a perseguiria para sempre, até a sua morte. Tinha sentimentos desencontrados. Amava-o por isso e o odiava por deixá-la sozinha. Não era justo que ele lhe mostrasse o sol para logo tirá-lo.

Foi um manipulador!

Gritou seu nome embaixo d'água. Ali podia gritar, ali podia chorar. Desafogar-se. Tudo ganho. Tudo perdido. O céu e o purgatório. Tinha amado e o arrebataram dela. Tão brutal e injusto.

"E vou continuar acreditando que um dia a vida vai me levar ao seu lado", cantou mentalmente. Afundou-se mais profundamente, esperando que o abraço da inconsciência a cobrisse.

E os braços da inconsciência o fizeram.

Um as mãos duras a puxaram pelos quadris e a impulsionaram para a superfície. A inconsciência a abraçou com tanta força que não podia soltá-la.

Ela sempre acreditou que era etérea; uma emoção, não algo de carne e osso como o que sentia. Seria magia. Magia. Havia coisas que não tinham explicação, rendera-se a esse dogma assim que conheceu o druida. A canção que soava agora era a de Signs of destiny, a mesma que cantava antes.

— Abra os olhos, minha bela e me diga por que estava no fundo do abismo. — disse a inconsciência.

Miz abriu os olhos ao escutar aquela voz, e o que encontrou na frente dela a segurando entre seus braços, esmagando-a contra seu peito, não era o desfalecimento: era o motivo de sua dor e de seu desespero.

Cahal, seu druida, estava ali. Molhado como ela, só que com um traje de banho preto e justo. Pele morena, cabelos loiros, olhos azuis e rosto em forma de pecado; nascido do fogo do inferno mais sedutor.

Miz piscou e apoiou as mãos em cima de seus ombros. Ele a levantou tanto que seu tronco superior estava todo fora da água. E ela só vestia uma calcinha preta; portanto, seus seios arrepiados diziam “oi”.

— Por todos os deuses, neném... Não chore, amor.

Miz piscou de novo.

— Estou tendo uma alucinação.

— Não. Sou eu. Seu zigoto.

Ela levantou a mão trêmula e passou os dedos pelo seu rosto. Com suavidade. Não se atrevia a acreditar. Mas estava ali. Ali de verdade. Cahal retornou. Depois de todo o sofrimento, ele... retornou?

Plaf! A primeira bofetada girou seu rosto para a esquerda.

— Filho da puta! — gritou ela com as veias do pescoço ressaltadas. Plaf! O rosto desta vez foi para a direita. — O que você acha que eu sou?! Vi você desaparecer!

Cahal deteve a terceira bofetada, segurando-a com o outro braço e detendo sua mão no ar, a ponto de alcançar seu objetivo.

— Shhh, Miz...

— Você não imagina...! Não imagina o que me fez passar! — remexeu-se entre seus braços brigando contra ele, querendo que a liberasse. Quando viu que não podia sair dali e que Cahal não tinha intenção de soltá-la, golpeou várias vezes no seu peito com o punho fechado. — Você partiu meu coração! Quebrou-me! Senti que estava morrendo!

— Miz, por favor... acalme-se, bebê. Estou aqui... sou eu! — Cahal precisava tocá-la tanto quanto ela queria fugir dele e brigar.

— Não quero! — respondeu ela, chorando incontrolavelmente. — Não me disse em momento nenhum que pensava em fazer isso! Eu te perguntei...! — Os soluços não a deixavam falar com tranquilidade. — Mas você... você contou para todo mundo, menos pra mim! Todos sabiam que se arriscaria assim! Menos eu! — Plaf! Outra bofetada mais forte e rápida que as anteriores. — E eu... eu... eu sou sua companheira!

— Você é? É, Ossinhos?

— Sou sua companheira! — salientou ela afundando as mãos em seu cabelo e o puxando de um modo dominante. — Riu de mim! Você me fez dizer essas palavras e logo se foi! Jamais voltarei a fazer isso! Jamais! — grunhiu soluçando. — Nunca!

Mordeu-o no pescoço e bebeu dele para se ressarcir desses dois dias que pareceram uma maldita eternidade. Seu amor por ele ressurgiu; seu sangue a alimentou e seu corpo a iluminou. Nada era mais perfeito que ele. Nada encaixava melhor em sua vida que o druida.

Cahal se emocionou ao ver a dor dela. Estava sendo tão descaradamente sincera que todo seu amor por Miz disparou, tornando-o mais poderoso, maior: melhor.

— Miz, abrace-me. — suplicou ele a segurando contra seu corpo, acariciando suas costas molhadas com as mãos.

— Eu te odeio. — sussurrou, desencravando os dentes e mostrando as presas, com as lágrimas deslizando por suas bochechas e queixo.

— Não é verdade.

Miz puxou seu cabelo, apertando os lábios polpudos em uma linha fina, sem saber se batia nele ou o abraçava.

— Sim. — voltou a puxar seu couro cabeludo. — Eu te odeio.

— Abrace-me. E me deixe te pedir perdão por te abandonar.

Ela se rendeu, plena de alegria por vê-lo ali. Apoiou a testa no vão entre o pescoço e seu ombro, soltou seu cabelo e rodeou sua nuca com os braços, dando um apertão poderoso, um mimo redentor. Um abraço autêntico, de alegria e recriminação. De amor.

Os gemidos e choramingsos da jovem destroçaram a alma de Cahal, que depois reuniu todos os pedaços para fazê-la mais limpa e pura. Pura porque o amor de uma mulher como Miz o enchia de luz.

Cahal saiu com ela da piscina e caiu de pé no chão. Procurou seu rosto e sua boca com desespero, afundou os dedos em seu cabelo loiro e a obrigou a olhar para ele.

— Prometi a você que jamais a deixaria. Que sempre retornaria para você.

Beijou-a com todo o calor de sua regenerada alma. Introduziu a língua em sua boca e a arrasou sem compaixão, saboreando seu próprio sangue. Arrancou-se seu traje de banho e rasgou a calcinha de Miz.

Passou as mãos por seu corpo e murmurou:

— Posso te estuprar ou é de comum acordo? — tentou brincar, mas estava tão chateado quanto ela. Ficaram nus. Ela continuava angustiada, fazendo caretas e biquinhos. Obrigou-a a rodear sua cintura com suas pernas longas. — Está bem. Estou aqui, mo dolag. Aqui. — flexionou os joelhos e com uma mão guiou a ponta de sua ereção até a entrada de sua garota, acariciando-a de cima a baixo. — Sentiu minha falta?

Miz estava sedenta. Igual a ele. Seu cáraid, seu homem. Aquele que a complementava estava com ela. Não morreu. Não desapareceu. Abraçava-a, tocava-a e queria fazer amor com ela.

Tomou suas bochechas e o aproximou de sua boca.

— Não. Não senti sua falta. — Mas seu beijo dizia justamente o contrário, transbordante de ternura e alegria. Cahal sorriu e a empalou devagar.

— Eu imaginava. Por isso estava embaixo d'água desfrutando do banho, simulando que era uma ameba.

— Nem sequer sabe o que quer dizer ameba. — murmurou fechando os olhos e saboreando a deliciosa e dolorosa invasão.

— Não? — Uma estocada mais profunda.

— Ah! Não... — Riu e chorou ao mesmo tempo, como uma autêntica e feliz bipolar. — Não.

— Beije-me.

Ela não demorou nem um segundo em provar seus lábios, dominando e controlando o beijo o tempo todo, sugando sua língua, acariciando-a com a dela e mordendo-a, tudo ao mesmo tempo. E Cahal se fez dono de seu corpo. Levou-a a uma espreguiçadeira de madeira e almofadas brancas, e a colocou sobre ela de barriga para baixo. E foi quando viu.

Deteve-se, abrindo os olhos consternado.

Passou a mão com cerimônia por cima da tatuagem, sobre o cóccix, exatamente onde finalizava sua coluna vertebral; e grunhiu satisfeito ao ver que o fez por ele. Era um círculo

concêntrico com três paus no centro. Cada um desses paus, que na verdade eram raios, estavam coroados por um círculo negro.

— Diga-me bebê, você também fez isso porque não sentia minha falta? — Miz se apoiou nas mãos e o olhou por cima do ombro. Seus olhos seguiam claros pelo desejo, mas suas lágrimas não cessavam.

— Sim. — respondeu o provocando.

Cahal a penetrou por trás enquanto a tomava pelos ombros e a endireitava. Os dois estavam de joelhos e faziam amor com fúria.

— Sabichona, mentirosa. Tatuou o Awen. — sussurrou roçando sua nuca com o nariz e cobrindo seu sexo com a mão toda. Acariciou-a no botão de prazer. — A runa dos druidas. Representa a energia do Ceridwen, deusa maga e protetora dos bardos, cujo caldeirão era a fonte da inspiração e da sabedoria. Os três raios são três gotas de prana, maná ou ormes... Como queira chamá-lo. A energia mágica do caldeirão que serviria para iluminar os filidhs, os druidhs e os brehons. Este é meu símbolo, Miz. Sou eu. — grunhiu, dobrando-a com o prazer de seu corpo. — Por que o fez? — Fazia amor com força e sentimento. Estava feliz por estar ali, por chegar a ela, por ver que sua mulher se marcou com seu símbolo. E ele sabia por que, mas Miz aprenderia a dizer sempre o que sentia.

— Mmm...

— Por que? — Esmagou-a com seu corpo, brocando-a sem descanso. — Diga que fez por mim.

— Não... — ela choramingou.

— Diga.

Ela afundou as unhas nas almofadas brancas e as furou. O enchimento saiu para tudo quanto era lugar, enchendo o ambiente de plumas brancas, flutuando leves e suaves.

— Diga-me ou paro e estendo isso até o fim do mundo. Juro que não me importaria...

— Sim! É por você! Não tenho uma marca que diga que fui sua... não... — Chorou se concentrando em seu orgasmo. — Não tenho o comharradh. Não nos selaram! — exclamou agarrando-se à madeira da espreguiçadeira. — E eu...

— E você o que?

— Eu queria ter algo seu! Algo que demonstrasse aos outros que você me pertenceu! Quando desapareceu, gritou que Awen o acolhesse! — gritou liberando suas emoções. — Eu queria que me acolhesse também. Queria ter algo que me recordasse que foi real.

Cahal fechou os olhos agradecido pela concessão e a mordeu no ombro, mantendo-a no lugar, bebendo dela.

Miz alcançou o orgasmo entre seus braços e gritou ficando completamente afônica. Cahal a seguiu e se cravou profundamente nela, esvaziando-se em seu interior, entregando sua semente, sua alma e seu coração.

No final de uns minutos, o druida levantou a cabeça do ombro de sua saciada mulher e a beijou com delicadeza, fechando as incisões dos dentes e retirando o cabelo loiro de sua nuca, para lambê-la e mordiscá-la ali.

— Não vai... não vai embora, não é verdade? — ela perguntou o apertando bem dentro de seu corpo.

— Nunca mais. Sabe o que, sitíchean?

— O que? — perguntou desfrutando do peso do vanírio.

— Sua tatuagem me deixa excitado. E me fez feliz, bebê.

— Pfff. Não percebi. — ela bufou com desdém.

— Mas você sempre me pertencerá, Miz. Com marca ou sem marca. Sabe onde?

Miz fungou e entrelaçou os dedos de sua mão com os que Cahal tinha sobre seu ventre. Amarraria-o a ela para que nunca voltasse a abandoná-la.

Onde? Como? Quando? Tanto faz. O que importa era que ele estava ali.

— Diga. — pediu com um sorriso absurdo e tolo nos lábios.

— Aqui. — ergueu uma mão e a apoiou sobre seu peito esquerdo, onde estava o coração. — Você e eu nos pertencemos aqui.

Cahal a apressou a se vestir enquanto explicava tudo o que aconteceu.

Seu encontro com Freyja e seu pacto; a função que tinha o corpo do Miz para baixar sua energia, coisa que para a jovem pareceu perfeito; a mensagem que devia dar a Noah sobre seu punhal... contou tudo do começo ao fim. Como era Yggdrasil e qual era o aspecto do Bifröst, a ponte do arco-íris; como era Heimdal na realidade. Explicou que os deuses queriam que ficasse com eles. Ele era um portal ambulante e tinha muito poder, um dom que Odín queria para si. Mas seu poder podia se voltar contra ele e acabar com sua vida se descesse ao Midgard de novo.

— Mas se me sugar energia diariamente tão bem como faz, bebê, certamente não teremos problema. — piscou um olho para ela, acabou de recolher o cabelo úmido em um rabo de cavalo alto e deu um tapa na sua bunda, puxando-a para sair correndo para a casa.

— É um psicopata sexual. — e absorveria energia quase a cada hora. A fera dominatrix de seu interior tinha despertado por completo e ninguém poderia fazê-la dormir de novo. — Está nas minhas mãos, druidh?

— Claro. Sempre. — respondeu sincero.

Miz sorriu com malícia.

— Mas, aonde me leva? O que acontece? Por que vai tão rápido? — Saltitava enquanto calçava o sapato Iron Fist com uma caveira branca estampada na ponta e tudo mesclado de losangos vermelhos e negros. Desta vez vestia uma camiseta preta com um bom decote; mas no ventre havia duas palavras em relevo. Up and Down. Uma flecha assinalava seus seios e outra assinalava sua virilha. Cahal começou a rir e ela respondeu.

— Obviamente são os tipos de átomo e pósitron que há. Tipo positivo ou negativo. — sorriu com malícia.

— É obvio.

— Para onde vamos?

— É uma surpresa. — respondeu Cahal, carregando-a nos braços e voando através da noite londrina. As estrelas brilhavam com força. O céu estava límpido e a temperatura baixou vários graus. Fazia frio.

Entretanto, seu corpo não notava. Seu druida a levava nos braços.

Seus corpos, sem casaco, enrolavam-se com suas peles.

— Sabem que está aqui?

—Comuniquei-me mentalmente com meu irmão e... dei umas pequenas diretrizes.

— Diretrizes? De que? Cahal a beijou nos lábios e sussurrou sobre eles:

— Já vai ver, sitíchean.

O Totem estava iluminado por pequenas velas localizadas aos pés da base de madeira. De fato, iluminaram o bosque privado do clã berserker com tochas e terrinas de cristal com água e velinhas de diferentes cores e tipos de lâmpadas.

Parecia um bosque de conto de fadas.

Todos os vanírios e berserkers, os amigos mais próximos estavam ali; todo o Conselho Wicca, Adam e Ruth, As, Maria e Noah, Daimhin e Carrick, as humanas, as sacerdotisas, Liam, Nora e outras crianças... os que faziam parte da vida deles. Quando os viram chegar sorriram de orelha a orelha, felizes ao ver seu amigo com vida e a novata feliz. O druída retornara com vida da morte. Miz engoliu em seco ao vê-los todos juntos. O que estava acontecendo? Eles eram como um par de estrelas convidadas a um grande evento. E era estranho.

Os presentes vestiam camisetas: negras, as garotas, e brancas os meninos. Estavam todos de costas para eles formando duas colunas; e no meio dessas colunas um caminho pelo qual Cahal a arrastava.

As notas de um piano começaram a soar com doçura, e a voz que cantou acompanhando a melodia tocou a alma deles.

*Quando olho em seus olhos
É como assistir o céu noturno
Ou um belo nascer do sol
Há muito que eles seguram.*

Cahal entrelaçou os dedos com os de Miz e assinalou uma árvore um pouco afastada. Debaixo de sua copa Daanna tocava piano e cantava. Sua camiseta negra exibia a seguinte mensagem: “*Abaixo as drogas! Assinado: os do porão*”.

A vaníria levantou a cabeça e sorriu para ambos.

Cahal se inchou de orgulho. Essa era sua lawpiuthar, em seu ventre carregava seu sobrinho. Sua admirada e adorada irmã para a vida toda estava lhes dando de presente essa canção.

Miz franziu o cenho e começou a rir. O que fazia a elegante Daanna vestindo uma camiseta dessas?

— Cahal... — gemeu Miz nervosa e assustada. — O que... ?

— Todos vestem esse tipo de camiseta por sua causa. — ele respondeu com voz penetrante, olhando-a com um amor tão profundo que a fazia querer voar. — Em sua honra. Eles te amam, Miz. E este é nosso momento.

O coração de Miz disparou. Pareciam felizes de verdade ao vê-los. Tanto que lhe deu vontade de chorar. Todos queriam compartilhar seu reencontro.

No final do caminho havia um carvalho com um pequeno altar coberto por um arco de madeira branca. Amarrado na parte superior do arco pendurava um galho de visco. E custodiando ambas as coisas, estava Menw McCloud com uma camiseta com uma mensagem: *“Que porra é essa com a gente? Assinado: As bochechas da sua bunda.”*

Miz arregalou os olhos ao ler sua mensagem. Quando chegaram diante dele, Menw e Cahal se fundiram em um abraço de urso imenso. Os dois brathairs se emocionaram. Cahal e Menw eram um conjunto formado por personalidades diferentes, mas tinham um coração nobre, um mesmo coração de sangue. E se amavam.

— Eu me alegro em ver você, brathair. — murmurou Menw orgulhoso dele. Depois tomou a mão de Miz e beijou o dorso. — Piuthar.

— Brathair. — ela respondeu angustiada. — Não achava que fosse capaz de usar este tipo de roupa. Pensava que era um homem inteligente.

— Se você a usa — respondeu Menw sorrindo com malícia —, eu também. — Seu olhar se obscureceu e a olhou com um respeito cativante. — Meu irmão é um homem muito querido no clã. Não precisa que eu diga a você o que significa para mim. Tivemos um começo amargo, cientista, mas ganhou a todos nós com sua honestidade e doçura inata. Falo em nome de todos quando digo: não há outra mulher que eu deseje para meu irmão, Miz. Só você. Você é nossa escolhida para Cahal. É nossa mulher alquimista. A que se poliu e passou de ser uma pedra rígida e negra a uma preciosa e brilhante. Obrigado pelo que fez por nós. Estaremos eternamente agradecidos a você, alquimista.

Ela fez um biquinho e seus olhos se encheram de lágrimas de agradecimento.

Quando era criança amou demais, mas perdeu tudo.

Quando adulta nunca a aceitaram. Sempre tentou encaixar em outros lugares e com as outras pessoas, mas nunca enquadrava. Obrigou-se a ser fria, centrar-se naquilo que a fazia feliz, afastada do contato com as pessoas que fazia mais mal do que bem. A ciência lhe deu cobertura. Mas agora, os braços abertos dessa gente a adotavam sem reservas.

— Taing dhut. Obrigada.

— De nada, irmã. Use esta, Cahal. — ofereceu a ele uma camiseta branca com uma caveira estampada nas costas, como os famosos sapatos de Miz. Na frente tinha estampado: *“Pareço uma vaca. Assinado: um touro gay”*.

O druida arqueou as sobrelhas e Miz soltou uma gargalhada.

Ele a aproximou de seu corpo com um sorriso aberto e levantou suas mãos entrelaçadas. A direita dele e a esquerda dela. Menw tirou uma fita vermelha de seda e amarrou as mãos com ela.

— Este é o ritual de eternidade dos celtas. — explicou o curador.

Não vou desistir de nós

Mesmo se o céu se tornar difícil

Estou dando a você todo meu amor

Ainda estou olhando para cima

A luz das velas e das lamparinas iluminavam o carvalho e o altar, seus rostos estavam angustiados um de frente para o outro.

— Olhe para mim, sitíchean. — Cahal levantou seu queixo a e a comeu com os olhos. — Por todos os deuses, é a mulher mais bonita que já vi em minha vida.

Miz baixou os olhos cheios de lágrimas, estas não a deixavam enxergar bem.

— Não, bebê. Este é nosso momento. Não o perca.

Ela se forçou a levantar os olhos e desfrutou da adoração que via nos dele. Seu druída, brincalhão e lisonjeador, estava tão aflito quanto ela. Mas se o amor era o que os deixava tão contritos e nus, que assim fosse.

— Cahal...

— Shhh. — Ele colocou sua testa na dela. — Não queria perder nem mais um momento, Miz. Precisava se unir a mim assim. Quando estive com Freyja entendi que não havia um dom mais importante do que o dom de poder amar e pertencer a você; cuidar e te respeitar o resto dos meus dias. Esse é o maior poder que tenho e quem me outorgou foi você. Assim, não queria ficar com os deuses porque a única deusa a que devo minha adoração e minha vida, é a você, sitíchean. A deusa do meu coração.

As mulheres secaram as lágrimas com os dedos e os homens riam e as abraçavam, orgulhosos desse casal imortal que se unia nesse momento tão cheio de fraternidade.

— É agora quando você deveria me dizer algo. — sussurrou Cahal em voz baixa. — Abra-se para mim, Miz. Aqui. Diante da lua e das estrelas. Diante de toda esta gente que só nos quer bem. Diga o que quero ouvir.

Miz tremeu. Esse era o seu momento.

Quando era pequena, prometeu a si mesma que nunca amaria ninguém nem diria as malditas palavras porque depois os arrebatavam de sua vida e ela ficava sozinha e destruída. Mas Cahal demonstrara que não havia mais prova de amor que dar a vida pelos demais.

Sua mãe e sua irmã fizeram o mesmo. Elas quiseram protegê-la naquela maldita noite em que perdeu tudo.

Cahal fez o mesmo em Stonehenge. Sacrificou-se por ela e por todos a quem amava.

Ela deveria sacrificar seu medo por ele ou nunca seria feliz.

Sem medos, sem reservas. Deveria amar abertamente ou a vida seria uma perda de tempo.

Seu druidh lhe estava mostrando o caminho.

— Cahal, eu... nem sempre fui assim.

— Eu sei, amor. — ele disse, prendendo a respiração. — Mas adoro como era, antes e agora. É você. Simplesmente você.

— Se eu te disser o que quer ouvir, ficará ao meu lado para sempre? Cuidará de mim? Não me... não me abandone nunca mais, druída... sou sua vaníria, sua companheira de vida. Diga.

— Sim. É minha vaníria, minha companheira de vida. — repetiu apaixonado por sua mulher. Miz fechou os olhos um momento, inspirou profundamente e os abriu para dizer:

— Is caoumh lium the, mo ghraid. Amo você, meu amor. — as lágrimas caíam diretamente no chão. — Eu te amo por não perder a esperança e por acreditar que havia uma alma gêmea para

você. Eu te amo por me revelar quem sou; por me sequestrar, por me mostrar sua noite. Eu te amo porque não me deu por impossível; porque lutou por mim, porque não se rendeu até que me encontrou. Eu te amo por ser você, druida, porque esse você é o que precisava ao meu eu.

— Deuses, Miz. — exalou assombrado e cheio de luz. Menw teve que pigarrear porque o nó na garganta não o deixava respirar.

— Sabe o que acontece quando dois átomos compartilham sua energia? — perguntou Miz fungando.

Cahal negou com a cabeça. Já não podia falar.

— Que se trata de vínculos covalentes. Um precisa do outro para existir. Eu preciso de você para viver, loiro. — beijou-o na face. — Você é meu vínculo covalente.

Um imenso “Oooohhhhh” inundou o bosque.

Daimhin se aproximou deles com uma caixinha dourada com um nó perene no centro. Sua camiseta dizia: “Meu pai é um velho verde. Assinado: o incrível Hulk”.

A garota olhou para Miz e sorriu com alegria. Atrás de um grande homem sempre deveria haver uma grande mulher. E sua amiga novata era das maiores.

— Trago as alianças, novata. Chamam-se claddagh. — explicou a jovem, abrindo a caixinha. Nela havia duas alianças. Eram duas mãos que sustentavam um coração de brilhante. — Mas também queria te dar meu presente, mulher caveira. — reconheceu Daimhin com as bochechas ruborizadas. — Sei que nos conhecemos há pouco tempo, mas você me ajudou, mesmo sem saber. — a jovem agarrou uma bolsinha de seda preta e a entregou. — É corajosa e soube se mostrar perante os outros, com seus defeitos e suas virtudes, sem medo e sem vergonha. Por tudo o que aprendi de você nesses dias, eu te entrego este bracelete. — Miz tomou a bolsa. As mãos tremiam de emoção. Colocou o indicador e o polegar e tirou uma linda pulseira com pedras de ônix negro e brilhantes brancos. Havia duas caveiras metálicas douradas uma diante da outra. A pulseira tinha três peças penduradas: um cadeado com uma chave, um sapato de salto e uma broca. — É uma “virgenzinhanãomeleve”, um tipo de amuleto.

— Daimhin, eu... não sei o que dizer...

— A caveira é por sua alma de Justiceira, porque toma a justiça pelas mãos. — continuou a jovem olhando-a com carinho. — O sapato de salto é porque não caminha pela vida nas pontas dos pés, vai com a cabeça erguida com essa mensagem de “aqui estou eu”, mas não faz com soberba: faz com segurança e honestidade, e eu gosto; e o cadeado com a chave é... bom, é... — sua voz tremeu —, não só porque sabe abrir portas estelares, novata, mas sim porque abriu a porta do meu coração e da minha amizade. A de todas. — assinalou aos demais; e todas, incluindo Daanna, levantaram seus pulsos com aquelas pulseiras que tanto tinham a dizer. — Eu te dou a chave para que a guarde para sempre, Miz. Guarde-a como um tesouro como eu te guardarei... Guim? Fechado?

A cientista secou as lágrimas dos olhos e disse:

— Vem aqui, sádica. — Abraçou-a com tanta força que a alma de ambas se iluminou. Miz amaria essa garota para sempre, não mais como uma amiga, mas sim como uma irmã. — Guim, piuthar. Fechado, irmã.

A vaníria deixou o tablado pigarreando pela emoção e permitiu que continuasse a cerimônia.

Cahal tomou o anel de Miz e pronunciou:

— Com estas mãos eu te entrego meu coração e o coroo com meu amor. —decretou Cahal o colocando no dedo do meio de sua mão livre. Miz fez o mesmo, tomando o anel de aço com o mesmo desenho, mas sem o brilhante; e repetiu as mesmas palavras.

— Com estas mãos te entrego meu coração e o coroo com meu amor. — e o colocou em seu dedo do meio, muito mais grosso que o dela.

O druída e a alquimista não esperaram que Menw lhes desse permissão.

Um se lançou sobre o outro.

Não vou desistir de nós

Deus sabe que sou forte, Ele sabe

Temos muito a aprender

Deus sabe que valem a pena

Beijaram-se com ternura e paixão e plenos de amor como estavam, elevaram-se sobre o bosque de Wolverhampton. O Totem, Menw, Daanna ao piano e todos seus amigos os aclamavam enquanto ficavam lá embaixo se tornando cada vez menores ao mesmo tempo que eles tomavam altura.

Cahal e Miz se beijavam com desespero, unidos como estavam pela fita vermelha, com seu claddagh em seus dedos do meio e suas almas plenamente entrelaçadas.

E ali, no céu noturno do território dos berserker, os deuses os selaram. Um lindo nó perene no dorso de suas mãos atadas. O nó de Miz com uma pedra azul clara. O de Cahal, com uma pedra com tons amarelados e verdes claros.

— Oh, veja... — murmurou Miz soprando por que a marca queimava. — O comharradh... — murmurou maravilhada. Era lindo. — Dói pra caramba...

Mas Cahal não olhava ao selo, só olhava para ela. Para sua fada, sua alquimista, sua cientista... sua cáraid.

— O amor dói, bebê. Miz?

— Sim?

— A guerra está muito perto. Devemos aproveitar nosso tempo, para lutar sem nos arrepender de nada. — Miz sorriu, desatou a fita vermelha e a deixou cair na terra. A fita voou e se elevou até se perder entre as estrelas. Entrelaçou seus dedos atrás de sua nuca e o beijou nos lábios.

— Pois não vamos perder tempo, druida.

— Lutará ao meu lado?

— Lutarei ao seu lado. Lutarei em seu nome, mo ghraidh. — reconheceu emocionada. Ele grunhiu e murmurou.

— Agradeço aos deuses por ter um vínculo covalente tão sexy quanto você.

E continuaram se beijando e desfrutando de seu vínculo especial entre as estrelas, diante de um futuro incerto e iminente. A batalha final estava muito perto. Mas inclusive na guerra havia espaço para o mais puro e verdadeiro amor. Um tão especial no qual um druida repleto de magia

e uma cientista empírica, que não acreditava em nada que não pudesse ver, chegaram a conclusão que a magia existia, sim. Mas a mais autêntica residia na aceitação e no amor que havia entre os dois.

Epílogo

Noah observava a lâmina de seu punhal Guddine enquanto olhava para o céu, sentado no alto do Totem. Todos se foram. Menos ele.

Cahal e Miz foram embora felizes, depois que todos os presentearam com um exemplar ilustrado da edição de colecionador da Marvel: o número cinquenta do gibi da MS. Marvel. Em sua capa estava a heroína nos braços da Morte e atrás deles, os super heróis O Demolidor, Thor, Capitão América, Hulk e alguns mais indo em seu resgate. Pareceu um bom presente de última hora para eles, um que recordaria a incrível luta do IMAX.

A chegada de Cahal pegou a todos de surpresa. Tiveram que se apressar para conseguir o número do gibi e organizar a celebração que o druida pediu mentalmente ao seu irmão Menw.

Foi assinado por todos e ambos adoraram.

Mas antes que os amantes se fossem, Cahal se aproximou dele e o puxando um pouco de lado, sob o olhar atento de As, entregou uma mensagem da parte de Freyja.

— A deusa me disse que olhe a lâmina de seu punhal.

— Como?

— Não me disse mais nada. Só que a olhe. — disse Cahal dando de ombros. Noah estava em silêncio observando o aço. Sabia que o punhal o alertava se havia outra arma igual perto, porque era um punhal muito especial.

A discussão que teve com As não foi nada frutífera. O leder não queria falar claro.

Dizia que não havia nada a esconder. Que ele era filho de dois berserkers falecidos e que como leder o adotou e deu proteção. Nada mais importante que isso.

Noah deu um bufo irritado e passou a mão pela cabeça que tinha raspado novamente. Estava tão confuso. Não entendia o que acontecia com ele.

E depois vinha ela: Nanna.

A valquíria não deixava que a tocasse. Ela o salvou e curou. E ele agradeceu gritando com ela, irritado pela distância que o obrigava a tomar.

Nanna era um ímã. E estava esgotado de pensar nela a cada segundo. E para piorar, agora o druida vanírio dizia que olhasse a lâmina do punhal Guddine, como se fosse aparecer um gênio ou algo nesse estilo.

— Que merda...

A lâmina do punhal se iluminou.

Noah abriu os olhos amarelados com assombro.

Umas letras em Futhark antigo, o alfabeto rúnico, foram gravando no punhal com luz dourada, até criar uma inscrição.

“Nanna está em Edimburgo recolhendo guerreiros caídos. Reivindique-a.”

A lâmina de aço se apagou de repente. Noah a moveu de um lado para o outro, pensando que assim as palavras poderiam se revelar de novo. Mas não aconteceu nada. O aço estava frio. Porra, estaria enlouquecendo? O berserker se colocou de pé sobre a cabeça do Totem com cara de lobo, deixou cair a cabeça para trás e deixou sair um rugido selvagem. Se Freyja era a deusa das valquírias e estava lhe dando permissão para ir atrás da linda guerreira, era isso que faria. Ele a encontraria.

Fim

GLOSSÁRIO DE TERMOS

SAGA VANIR VI

Alfather: o Pai de todos.

Álfheim: reino dos elfos.

Asgard: reino que compõe Vanenheim, Alfheim e Nidavellir.

Asynjur: grito de guerra das valquírias quando querem convocar os raios.

Atharheimhe: serpente

Banpriunnsa: princesa em gaélico.

Bue: pulseiras largas de metal que levam as valquírias. Delas saem os arcos e as flechas.

Cáraid: Casal em gaélico.

Dísir: Deusas menores.

Dolag: boneca.

Dorchadas: escuridão.

Dryade: mulher druída.

Druht: Dom que outorga Odín aos einherjars.

Druidh gutuari: druída invocador.

Duine diablhaidh: homem do diabo.

Duine dradidheach: homem mágico.

Dvelgar: anão.

Eudhmor: ciumenta.

Geasa: magia

Guim: trato.

Gjalarhorn: corneta que anuncia o Ragnarök.

Guddine: Dos deuses.

Folkvang: As terras de Freyja.

Furie: Fúria das valquírias.

Hanbun: Metade em japonês.

Heimdal: Guardião de Asgard.

Hildskalf: Trono de Odín através do qual se vai a todos os reinos.

Hjelp: Remédio dos anões que supre a cura das valquírias.

Helbredelse: A cura das valquírias. Funciona com seus einherjars.

Hrmithur: Raça de gigantes.

Jotunheim: Reino dos jotuns e os gigantes.

Katt: Significa gatinha em norueguês.

Kompromiss: É o vínculo que se cria entre a valquíria e seu einherjar.

Kompis: Significa Companheiro em norueguês.

Kone: Significa Mulher ou esposa em norueguês.

Konfrontasjon: duelo entre valquírias. Confronto.

Lawpiuthar: cunhada em gaélico.

Leder: Significa Líder em norueguês.

Magiker: mago em norueguês.
Muspel heim: Reino dos gigantes de fogo.
Nidavellir: Reino dos anões.
Niflheim: Reino dos infernos.
Nig: Magia negra nigromante.
Noaiti: Significa xamã em norueguês.
Nonne: nome carinhoso que se dá entre as mulheres. Significa irmãzinha.
Saechrimner: porco imortal de Asgard.
Seidr: Magia negra.
Seidrman: É o bruxo que utiliza a magia seidr para objetivos obscuros.
Sessrúmnir: Palácio de Freyja.
Sitíchean: fada em gaélico.
Soster: Irmã
Svartalfheim: Reino dos elfos escuros.
Valhal : Terra das valquírias e da Freyja.
Vanenheim: Reino dos Vanir.
Víngolf: Palácio de quinhentas e quarenta portas no qual residem as valquírias e seus einherjars.

A SAGA VANIR COMEÇA COM:

O LIVRO DE JADE
O LIVRO DA SACERDOTISA
O LIVRO DA ESCOLHIDA
O LIVRO DO GABRIEL
O LIVRO DO MIYA
O LIVRO DA ALQUIMISTA